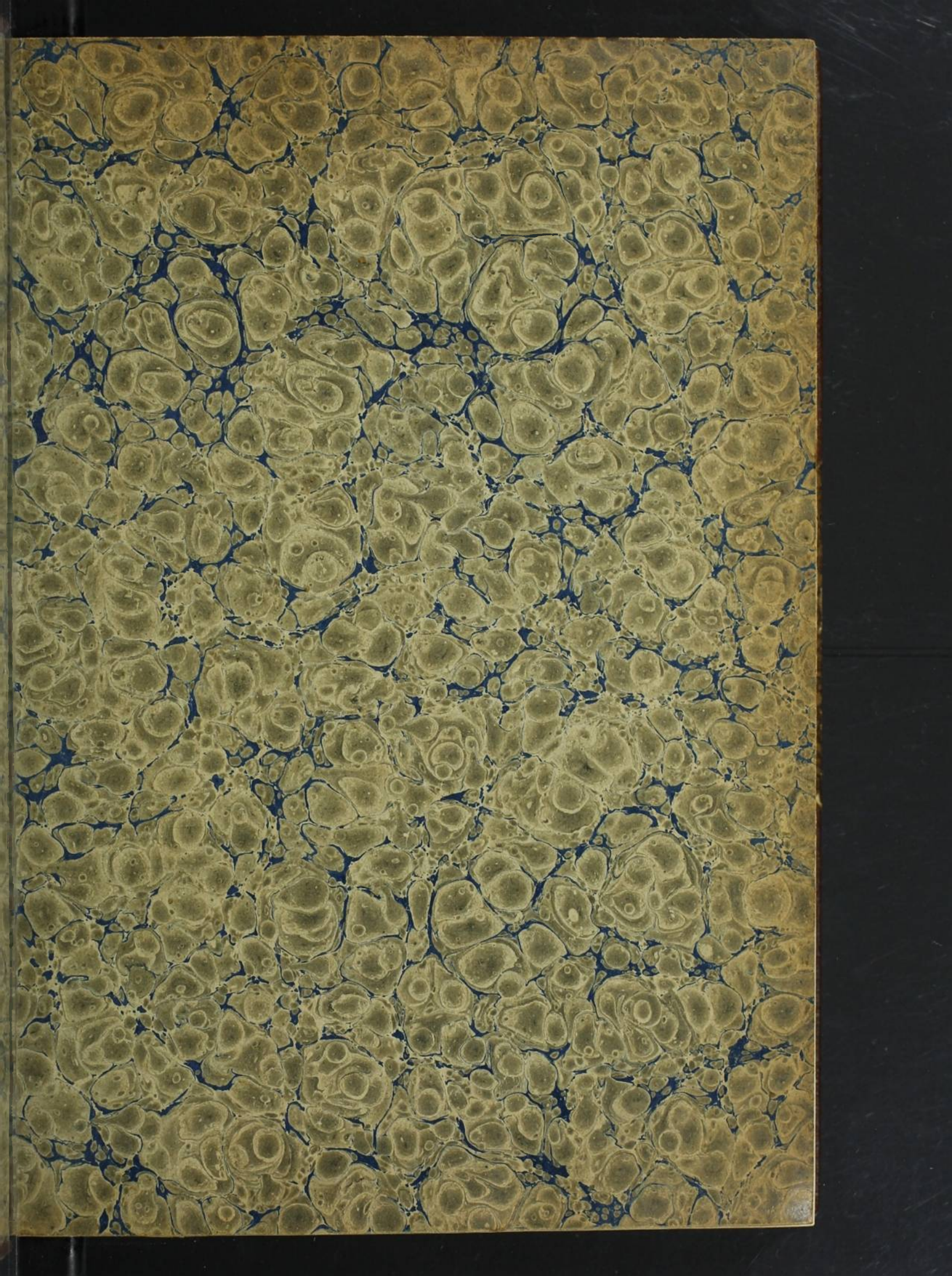
The image shows the front cover of a book. The cover is decorated with a traditional marbled paper pattern, featuring large, irregular, cell-like shapes in shades of tan and beige, separated by a network of dark blue veins. A central rectangular label with a thin red border contains the title and author information. The text on the label is as follows:

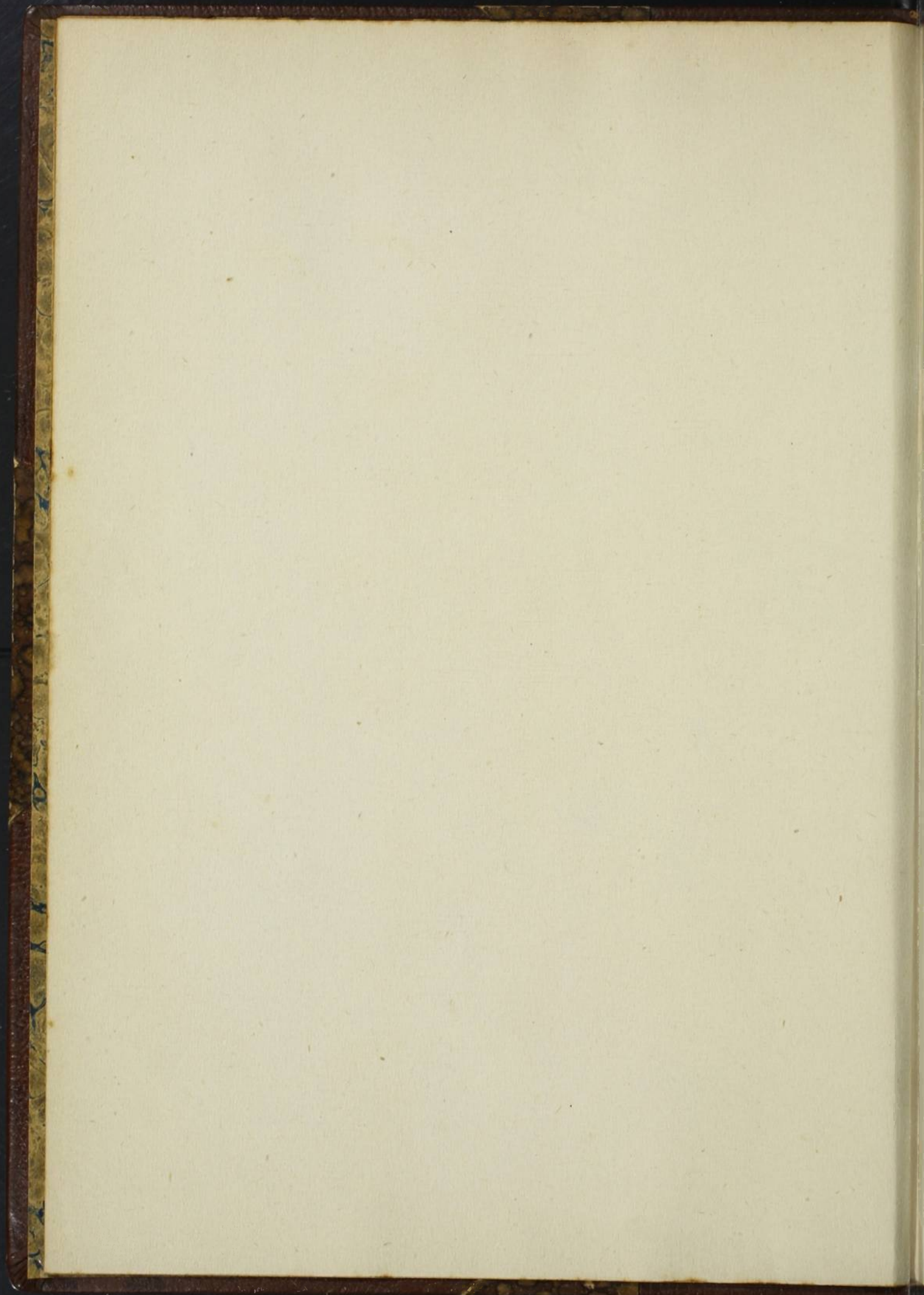
Le ne fay rien  
sans  
**Gayeté**  
*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin





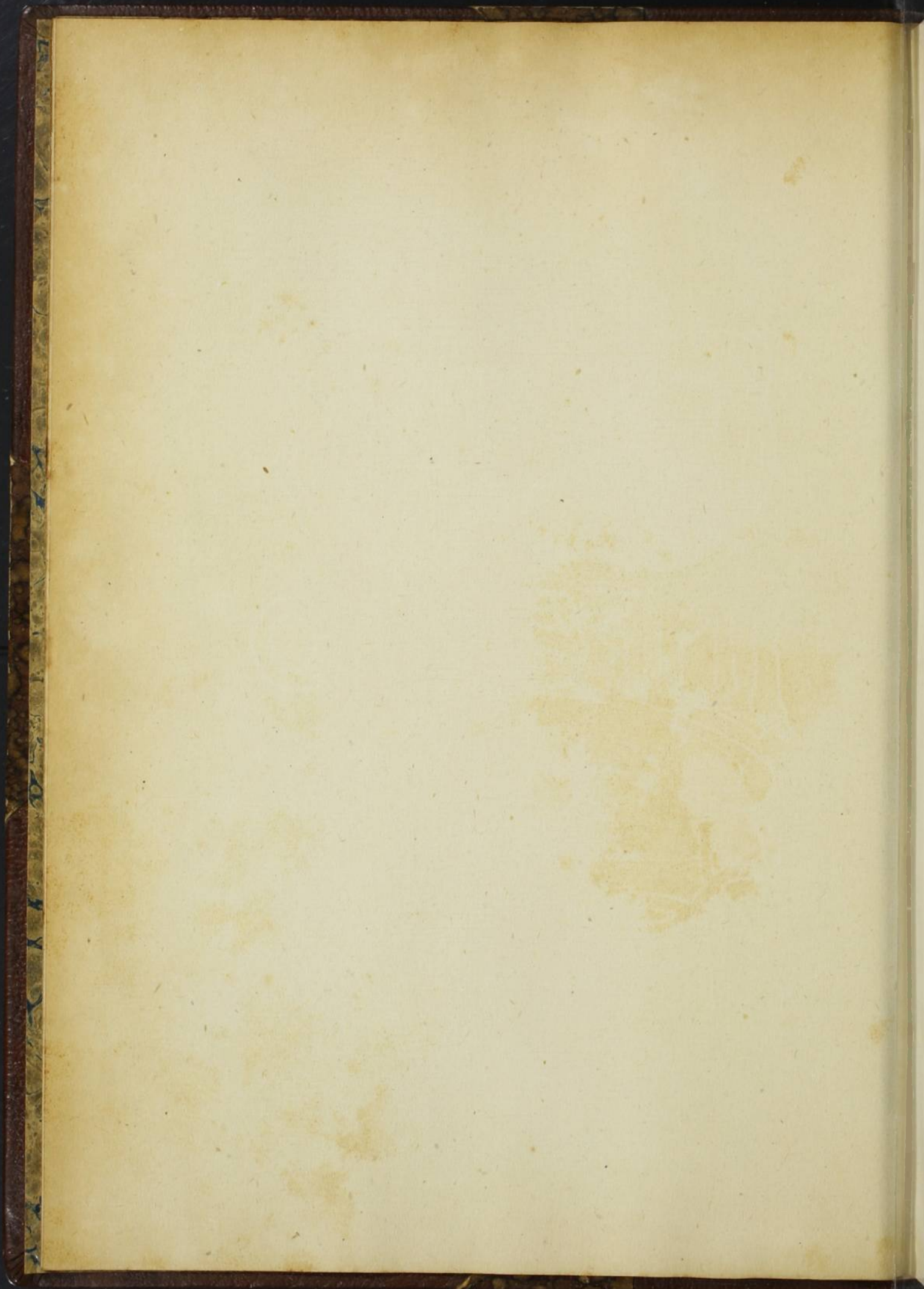












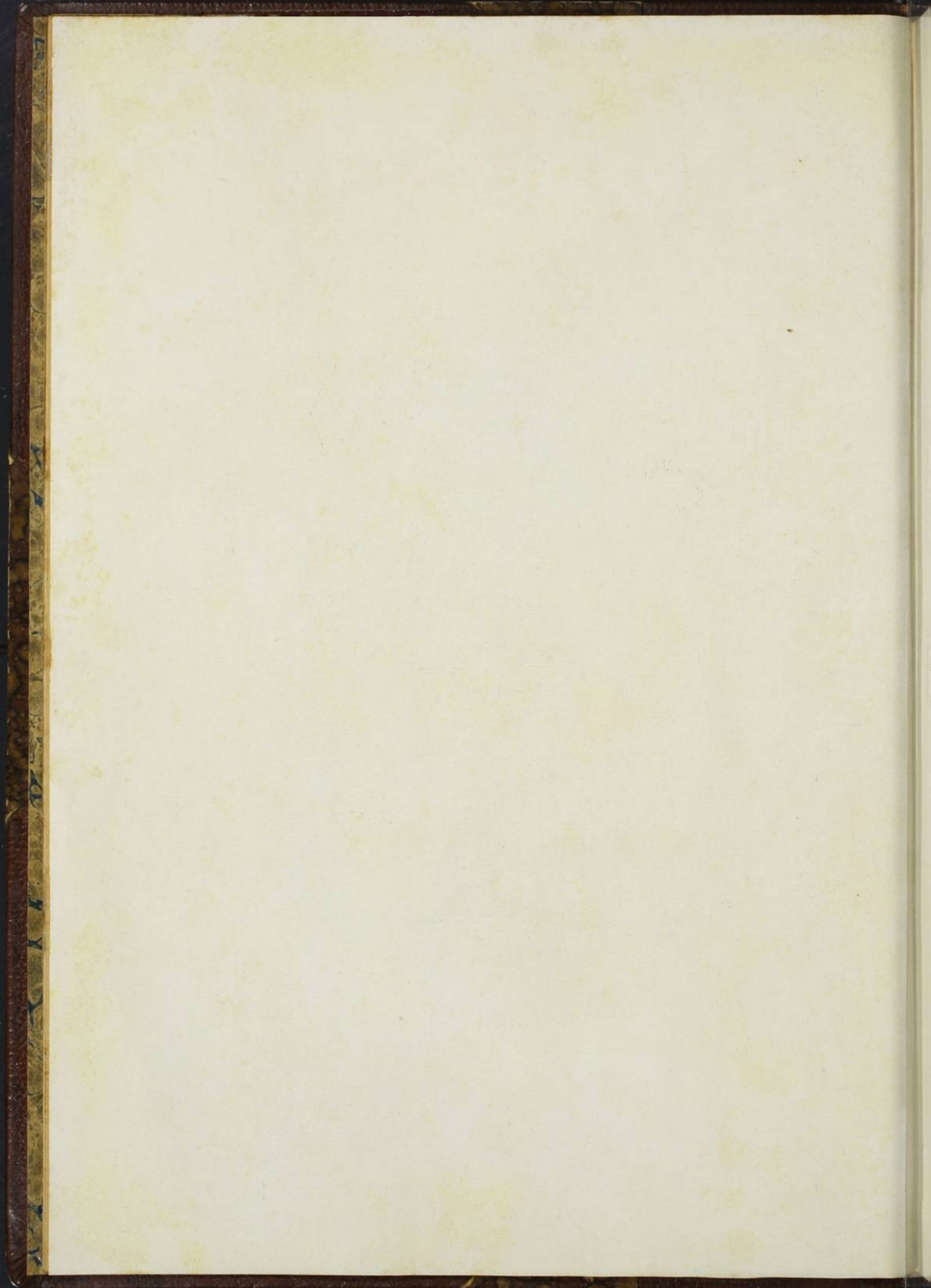


DANTE · ALIGHIERI

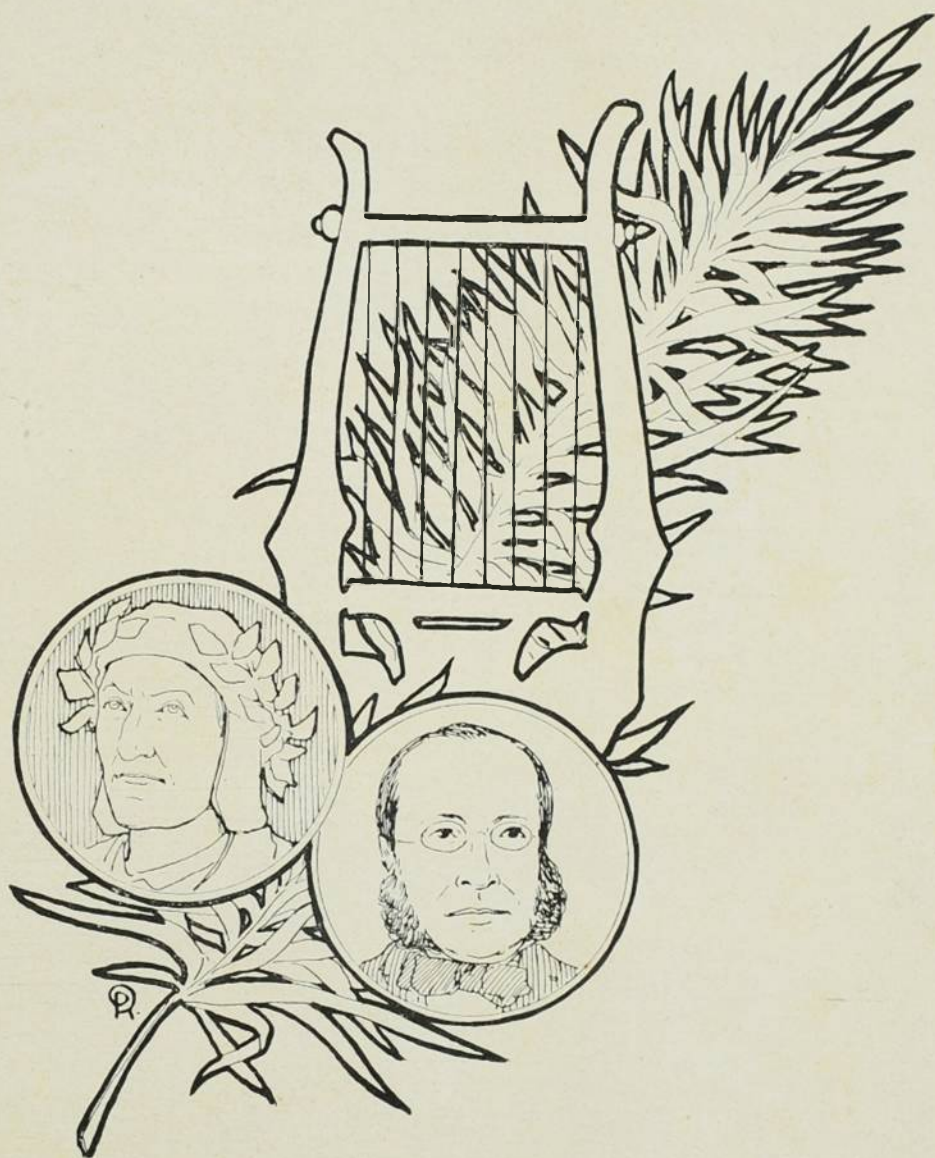


· TRADUÇÃO · BRASILEIRA · DE ·  
· JOSÉ · PEDRO · XAVIER · PINHEIRO ·

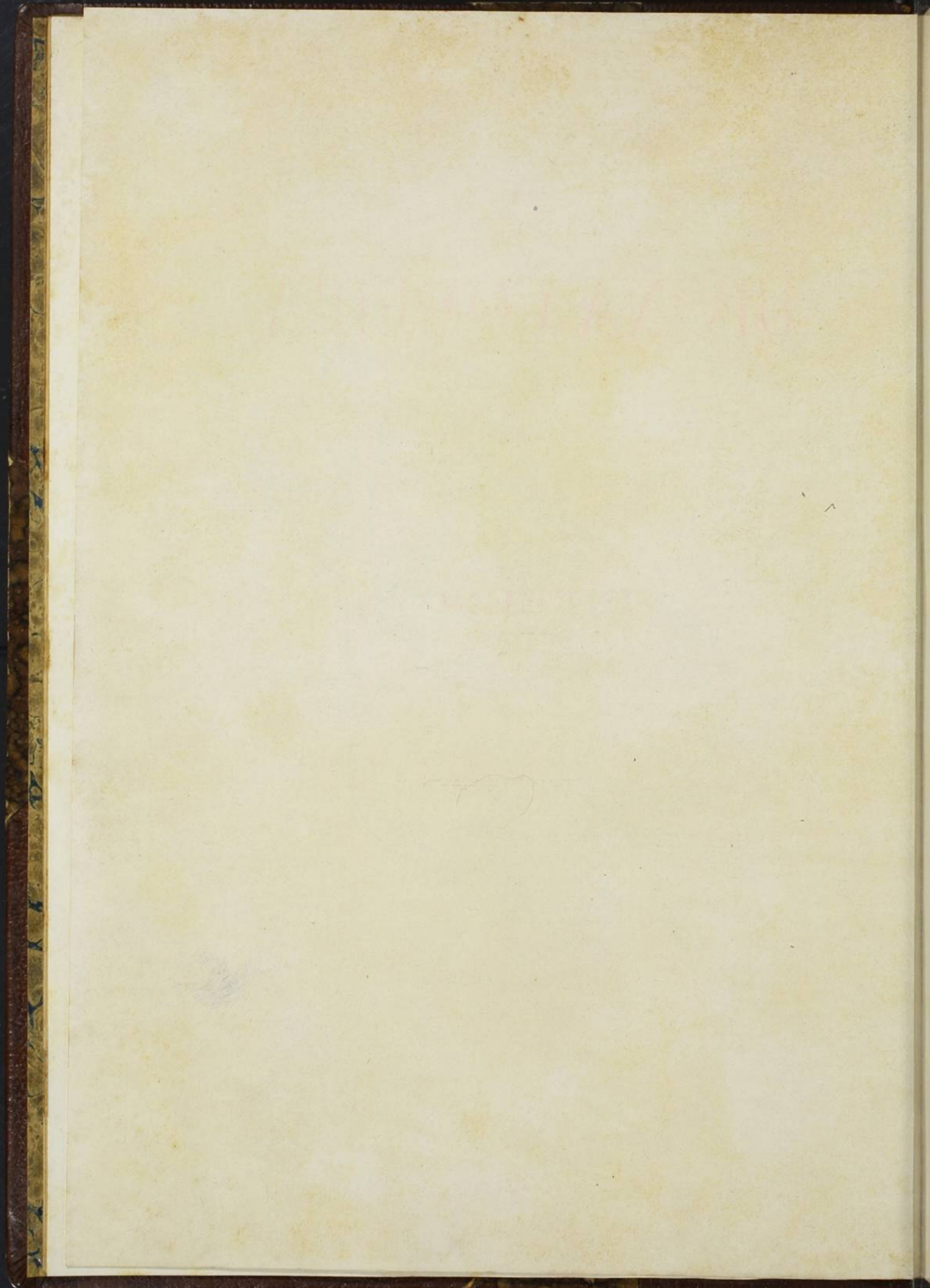














DANTE ALIGHIERI

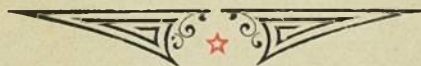
# DIVINA COMEDIA

Traducção brasileira

DE

JOSÉ PEDRO XAVIER PINHEIRO

INFERNO

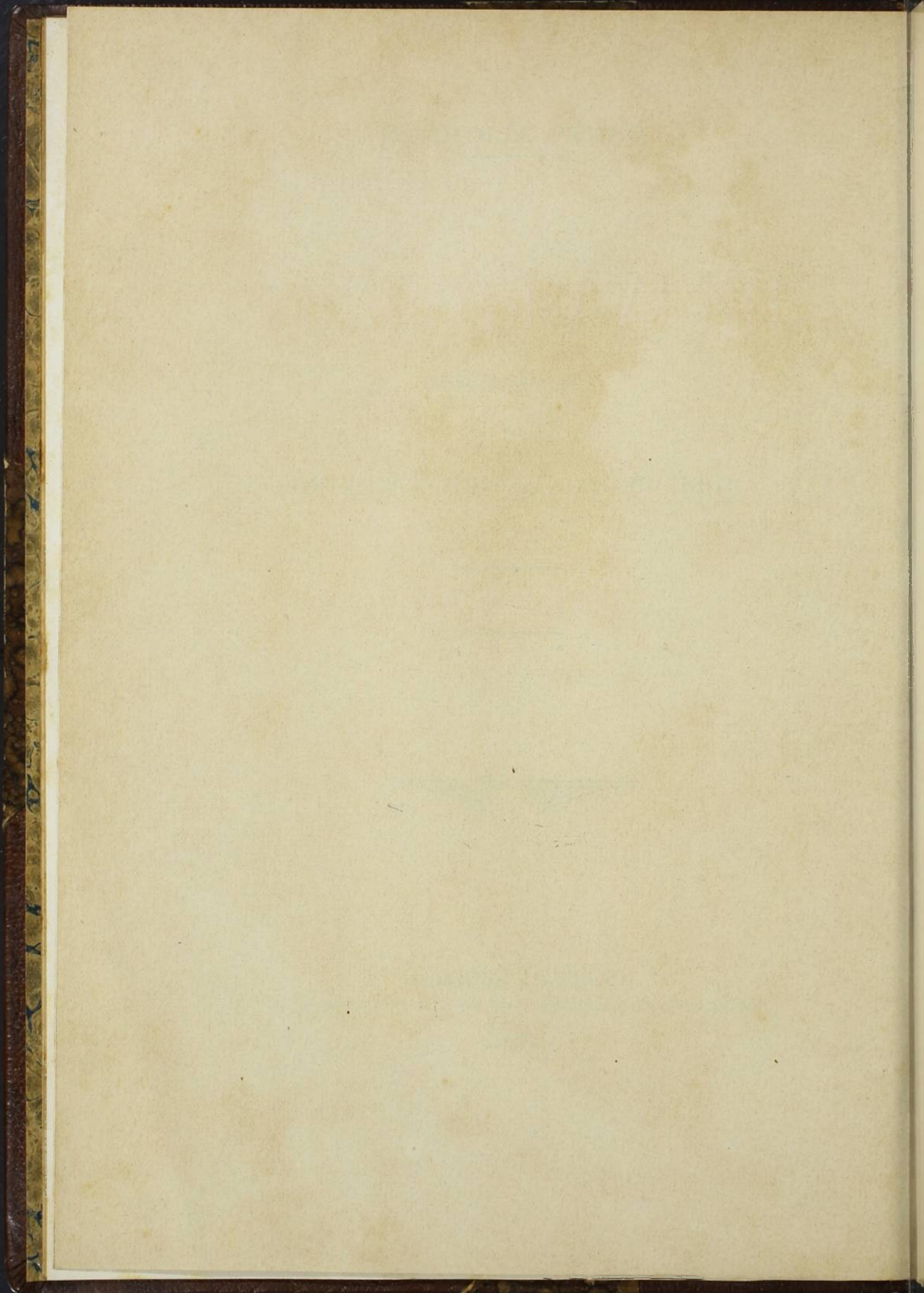


CAPITAL FEDERAL

Typ. do Instituto Profissional Masculino—Boulevard 28 de Setembro n. 33

1907









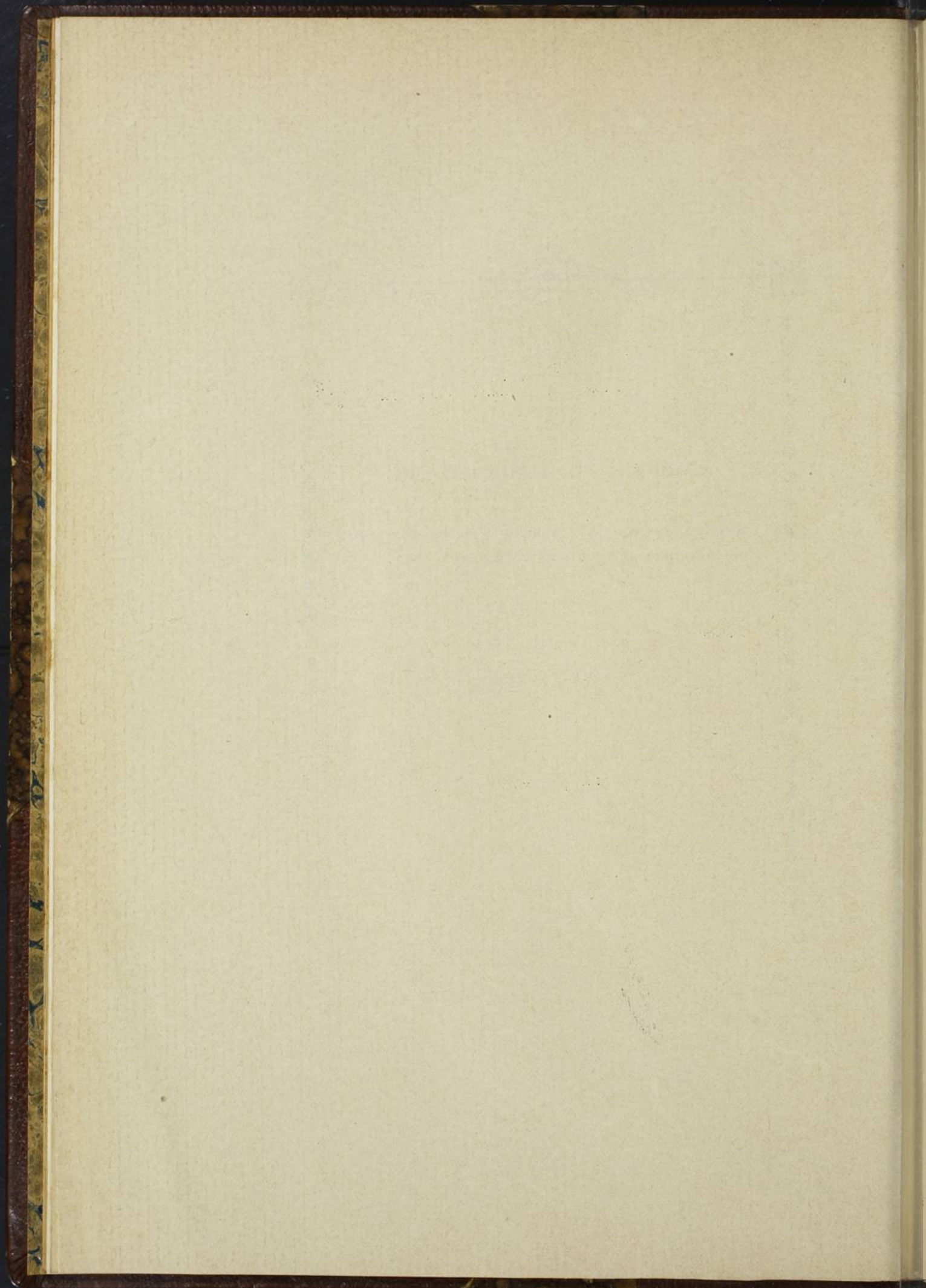
A

AMERICO DE ALBUQUERQUE

e aos seus collegas do Conselho Municipal de 1897,  
que tudo fizeram pela publicação desta obra,

*Gratidão da familia do traductor.*







*N*ão é difficil para mim, filho do traductor d'esta obra, dizer algo sobre a sua vida, que, desde a infancia, foi cheia de contrariedades e de lutas. Ninguem melhor poderá narrar a vida do meu saudoso progenitor do que eu, que o faço, sem pretensões de estylo, desataviadamente.

*A biographia de meu Pae não é difficil de ser traçada: com duas pennadas estará feita.*

*Os seus contemporaneos ainda se recordam d'elle como um homem de caracter illibado.*

*Nasceu na capital da ex-provincia da Bahia de S. Salvador aos 12 de outubro de 1822. Seu pae foi rico negociante e, devido á traição de um amigo em que confiara quasi que todos os seus haveres para a realisação de transacção de alta monta, ficou pobre, quasi que na miseria e meu Pae, que tinha então seus 14 para 15 annos, viu-se impossibilitado de continuar os seus estudos de humanidades, que estavam em gráu adiantado.*

*Filho dedicado e amantissimo, vendo seus progenitores na dura contingencia, depois de certo conforto e bem estar, obrigados a trabalhar para tirarem a substancia quotidiana, não quíz ser mais pesado áquelles que tanto se esforçavam para completar a sua educação litteraria. Revestido de coragem, abandonou o aconchego de seu lar tristonho e na penuria, foi leccionar o que sabia em varias fazendas de amigos de seu pae, que o acolheram de braços e bolsa abertos.*

*O pouco que recebia como gratificação ao seu trabalho de professor de creanças, entregava a meus avós, ficando só com o necessario para a compra de roupa.*

*Esta existencia tão tenra e forte lutou assim uns cinco a seis annos.*



Os fazendeiros que apreciavam a energia viril da creança stoica, não puzeram duvida em protegel-a, pondo á sua disposição livros e dinheiro para que completasse a sua educação. Intelligencia lucida, com desejo de saber tudo, aceitou o offerecimento de seus protectores e de posse de livros, com os conhecimentos que tinha, foi se aperfeiçoando, recebendo novas luzes e haurindo novos conhecimentos.

Foi assim que a historia, a philosophia, a logica, as sciencias naturaes e as linguas latina, franceza e a que falamos, a agronomia, economia politica e outras sciencias, elle conheceu através os livros comprados pelos amigos de seu pae, que apreciavam a força de vontade do bom filho e a intelligencia do moço ávido de aprender.

Com a protecção de tão dedicados amigos, meu Pae veio de novo para a Capital indo para a companhia de seus progenitores, pois tinha obtido meios praticos para fundar um jornal.

A sua vida tomou nova phase. A creança fez-se homem. A sua intelligencia já tinha o preparo sufficiente para arcar com todas as difficuldades de qualquer carreira: tornou-se jornalista arranjou outro meio, attrahiu novos amigos, conquistou sympathias, grangeou nomeada.

Seus amigos d'aquella epoca, Dr. João Mauricio Wanderley (barão de Cotegipe), Dr. João Alves Portella, Dr. José Antonio Saraiva, Dr. Manoel Pinto de Souza Dantas, Dr. João Adrião Chaves, D. Romualdo Seixas (arcebispo da Bahia), Dr. Abilio Cesar Borges (barão de Macahubas) e outros, que subiram ás mais altas posições no imperio, foram testemunhas do valor intellectual do jornalista que fazia todo um jornal, desde o artigo de fundo á noticia leve, bem feita e do polemista terrivel que esgrimia com sangue frio e habilidade.



*Houve uma epoca em que a sua penna ao mesmo tempo escrevia para tres jornaes politicos, fazendo, com criterio elevado, com brillantismo raro, as delicias dos seus contemporaneos. Para o moço jornalista não havia questão por mais intrincada que não dêsse a sua opinião, que era pesada e julgada como competente.*

*A instancias de seu amigo particular e intimo, seu compadre duas vezes, Dr. João Alves Portella, então deputado provincial, estudou tachygraphia e tornou-se, em tres mezes, stenographo.*

*De uma memoria prodigiosa, ponde alcançar successo na rendosa arte.*

*Fez-se contratar na assembléa provincial, sendo o unico a fazer todo o serviço dos debates.*

*De uma independencia de character pouco commum, de uma altivez indomavel, de uma energia inquebrantavel, de um temperamento vibratil, meu Pae tinha assomos de leão quando sentia que o seu amor proprio era offendido, e foi por isso que, com grande magua no coração e tristeza n'alma, abandonou a sua terra natal, seus velhos paes e sua esposa e filhos.*

*Uma questão de brio offendido, nascida de uma discussão em jornal politico, que então meu Pae dirigia e redigia, com o presidente da assembléa provincial, cujo resultado foi a expansão material de um tinteiro vibrado ás faces do offensor, fez com que deixasse o circulo de seus afeiçoados.*

*Chegado á então Côrte, meu Pae, devido á influencia de seu amigo barão de Cotegipe, empregou-se como 2º official da secretaria da justiça, sendo transferido depois para a da agricultura, commercio e obras publicas, onde occupou todos os cargos, até director interino.*

*Incansavel no trabalho, ávido de alcançar tudo, meu Pae dobrava a sua intellectualidade em várias occupações, como tachy-*



*grapho, como redactor de jornaes, como traductor de obras, como secretario de ministros, como correspondente de jornaes de fóra e como professor. Não conhecia a palavra cansaço, tinha methodo para o trabalho, sabia cumprir os seus deveres e era um exemplar esposo, um dedicado pae, um affectuoso amigo, um leal politico. Ninguém mais desinteressado do que elle, ninguém mais do que elle soube se impôr pela energia e pela probidade.*

*A sua supericridade intellectual está espalhada: muitos, mesmo daquelles que tinham inveja do seu saber, são accordes em proclamar o seu merito.*

*O «Jornal do Commercio», o «Correio Mercantil», o «Diario do Rio de Janeiro», o «Globo», a «Semana Illustrada», «A Reforma» e outros jornaes e revistas guardam nas suas collecções a variedade da collaboração do talento de meu progenitor.*

*Outro teria deixado «obrinhas», livrecos, como attestados de talento.*

*Na Bahia publicou um livro didactico, que está hoje na duodecima edição «Epitome da Historia do Brasil» e «Eloquencia Sagrada».*

*Para outros elle fazia livros, afim de figurarem como escriptores didacticos, poetas e romancistas. Innumeras traducções de obras scientificas correm mundo publicadas com pseudonymo, sem preocupação de ver o seu nome figurando nellas.*

*A sua bibliotheca, escolhida e variada, era o seu conforto. Lia, estudava os classicos com um amor apaixonado. Diariamente consagrava uma hora para os seus escriptores predilectos: Frei Luiz de Souza, Fernão Pinto, Lamião de Gêes, Manoel Bernardes, Camões e Almeida Garrett. Amava a sua lingua com tanto carinho, que a má collocação de um pronome, o uso de um gallicismo, de uma impropriedade, de um cochilo, era motivo para exacerbal-o ou con-*



travial-o. Um escriptor qualquer que cahisse em seu desagrado pela primeira vez, não tinha direito a ser lido jámais por elle. ainda que melhorasse de fôrma, ainda que trouxesse a melhor das recommendações.

Cultivavao latim, e na sua estante de classicos viam-se Terencio, Juvenal, Lucano, Virgilio, Ovidio, Lucrecio e Horacio, dos quaes tinha de memoria os trechos mais bellos.

Na secretaria da agricultura, onde trabalhou cerca de vinte e tantos annos, deixou provada a sua competencia em pareceres, informações e relatorios sobre assumptos de immigração e agricultura.

Ainda estão vivos companheiros seus de repartição, como os Srs. Machado de Assis e Arthur Azevedo, que podem ainda dizer do seu valor como funcionario publico.

A sua vida inteira, quarenta annos pelo menos, foi dedicada ás lettras, para não ser lembrada pelos seus contemporaneos.

Ninguém mais do que elle vivia das lettras, ninguém mais d'ellas cuidou com mais carinho, com mais dedicação.

Pela sua memoria, embora me fallem requisitos, hei de, enquanto viver, pugnar pela perpetuação de seu nome, porque não conheço na minha terra quem mais mereça do que elle.

Contra o silencio que tem sido feito em torno do nome de meu querido progenitor, vem a publicação do primoroso trabalho, inegualavel, da traducção da «Divina Comedia».

Foi em 1874, depois de ter lido, no «Globo», uma traducção feita pelo primoroso escriptor Machado de Assis, de um canto do «INFERNO», que meu Pae se abalançou a «tomar tamanha empreza».

Meu progenitor, depois de ter lido o canto traduzido pelo psychologo de «Braz Cubas» e achal-o encantador, interpretou, a conselho de seu collega, o canto immediato.



O Sr. Machado de Assis achou que a traducção era primorosa e que quem tinha tão bem comprehendido o poeta florentino, podia traduzir todo o poema e isso o disse, de viva voz, a meu progenitor, que proclamava o seu collega como o causador d'elle ter posto todo o resto de sua existencia na trasladação do poema para a nossa lingua.

Meu Pae dizia a quem o quizesse ouvir, que ficara abalado com o conselho daquelle escriptor e por algum tempo lutou para pôr mãos á obra.

A vaidade de homem venceu-o, e a 25 de dezembro de 1874 começou a traduzir os tercetos do « Inferno ».

Dizer o que foi essa luta, esse esforço, é lamentar profundamente que meu Pae tivesse procurado este meio para suicidar-se aos poucos, lentamente.

Todos os commentadores, todas as traducções, todos os interpretes, encheram uma grande estante, de 12 prateleiras, e, cercado do original e de todos os livros referentes á obra, começou o trabalho herculeo da traducção. Quatro, seis horas por dia, consagrava ao immortal poema; e foi assim, com uma dedicação sem limites, com um amor sem igual, que traduziu os 34 cantos do « Inferno », os 33 do « Purgatorio » e os 33 do « Paraíso ».

Meu Pae, quando encetou a traducção da « Divina Comedia », mudou, de modo notavel, a sua vida. Exercia como sempre suas funcções de burocrata e de stenographo, mas desviou-se do convívio dos amigos e da sociedade, tornou-se outro; o seu genio que era indomavel, transformou-se inteiramente; só vivia a ler os commentadores da obra, só falava dos obices que encontrava: estava, inteiramente obcecado pelo cantor da filha de Portinari.

Minha idolatrada e saudosissima Mãe por muitas vezes quiz intervir para que meu Pae desistisse do tentamen, o que não poud



porque, dizia elle, a sua honra estava empenhada na conclusão do trabalho.

Feita a traducção dos cem cantos do poema, começou novo esforço, nova luta: a annotação.

O que é a traducção do poema já está mais ou menos julgada, pelo «Inferno», que foi publicado em 1888, editado pelo sr. José Luiz de Freitas, meu ex-cunhado, pelo que disseram as pennas dos escriptores nacionaes Arthur Azevedo, Luiz Murat, Valentim Magalhães, Lima Campos e outros. A annotação é uma maravilha: pôde-se dizer que cada verso tem uma explicação elucidativa e que demonstra o quanto leu, o quanto estudou meu Pae para bem fazer a sua traducção.

Traduzir, qualquer traduz; agora traduzir com amor, viver com o poeta, interpretar-lhe o pensamento, descobrir o que elle quiz dizer, com acerto, remontar á epoca em que elle viveu, conhecer minucias da sua vida, como fez o poeta bahiano de quem me ufano, é fazer cousa rara, como não se tem feito aqui no nosso paiz e creio que na lingua portugueza.

O verso é classico, o portuguez é de lei.

Quem me lê, achará que exagéro? Creio que não; faria o mesmo que eu faço, porque a verdade é uma: a obra ahi está, completa, exactissima, como o poeta a traduziu, a interpretou e a annotou.

O poeta-interprete do Dante fez mais do que poudé, deu mais do que os outros que o tentaram fazer. A minha vaidade está em ser a traducção completa que ora apparece, a primeira que se fez na lingua portugueza, esmerada e artisticamente trabalhada.

Depois da annotação, o traductor da «Divina Comedia» estudou a «obra dantesca» analyticamente, trecho a trecho, e deu-lhe a sua impressão e a dos innumeros commentadores. É um volume especial, que ha de apparecer proximamente, com mais vagar.



*A tradução da « Divina Comedia », encetada em dezembro de 1874, ficou definitivamente prompta, passada a limpo para o prelo, em janeiro de 1882.*

*Os originaes têm variantes, que as preferi, porque achei como ultima palavra do poeta-traductor.*

*O poeta-traductor teve um derramamento cerebral a 27 de março de 1882 e falleceu a 20 de outubro do mesmo anno, com 60 annos de idade.*

*Ha 20 annos que luto pela impressão da obra. O primeiro que se occupou do valor da tradução, foi o distincto homem de letras Sr. Dr. Valentim Magalhães, nas « Notas á margem », da « Gazeta de Noticias », transcrevendo trechos e fazendo justiça ao merito do trabalho. Minha familia deve-lhe esse obsequio, que aqui assinalo com sinceridade.*

*Ainda no imperio, minha querida Mãe foi procurar o Sr. D. Pedro de Alcantara, então imperador, para pedir a impressão, na Typographia Nacional, da obra que elle apreciara nas celebres palestras do Collegio que tinha o seu nome, e cuja primeira parte—o « Inferno » fôra-lhe entregué por meu Pae, seu amigo e admirador sincero, em papel superior, calligraphia optima e capa de velludo verde com as armas imperiaes gravadas a ouro.*

*A resposta não se fez demorar:*

*— Que já sabia ter o meu progenitor deixado, em manuscrito, tão importante obra e que esperasse, por que tudo faria.*

*E eu estaria ainda á espera até hoje, si me fiasse em promessas imperiaes feitas a uma viuva de um servidor leal, não bajulador e que tanto soffrera em preterições na sua carreira de burocrata.*

*O traductor da « Divina Comedia » tinha desejo de publicar o seu trabalho com as gravuras de Gustavo Doré e fazer uma edição rica, condigna do excelso poeta florentino.*



*A fatalidade quiz que não pudesse satisfazer o seu desejo de artista e nem recebesse de seus patricios os louvores pelo seu trabalho ingente.*

*A luta que travei para a publicação da obra que tantos sacrificios custara a meu Pae, inclusive o de perdê-lo para todo o sempre, está no dominio de todos aquelles que me conhecem.*

*Não quero, dizendo isso, attrahir glorias para mim, mas necessito accentuar que o meu serviço na publicação de tão grande monumento litterario fez-se com o meu amor á memoria d'aquelle de quem me orgulho, com extraordinaria abundancia de sentimento filial.*

*Em 1898, o meu distincto e particular amigo, homem de talento, poeta de merecimento e ardoroso republicano, capitão Americo de Albuquerque, que exercia o cargo de intendente municipal, querendo dar-me uma prova de sua dedicação e amizade e prestar uma homenagem de justiça ao meu querido progenitor, commemorou o 16º anniversario do seu passamento, produzindo na memorável sessão de 20 de outubro d'aquelle anno, no seio do Conselho Municipal do Districto Federal, um extraordinario discurso, rico de fôrma e de belleza, pondo em evidencia o merito do trabalho do poeta brasileiro.*

*Ainda tenho n'alma as palavras ungidas de sinceridade proferidas pelo meu bom amigo Americo de Albuquerque, que não só fez o panegyrico do illustre morto, como apresentou um projecto de lei autorisando o Prefeito a mandar imprimir no Instituto Profissional, estabelecimento municipal, a obra completa traduzida por meu saudosissimo progenitor.*

*Esse projecto obteve, além da assignatura de seu digno autor, as dos Srs. Eugenio Carvalho, Tertuliano da Gama Coelho, Carlos Joaquim Barbosa, Manoel Corrêa de Mello, José Francisco Lobo*



*Junior, Dr. Luiz Carlos Duque Estrada, Quirino de Araujo, Dr. Henrique Tavares Lagden e Dr. Joaquim José da Rosa, meus distinctos amigos, que se ligaram, de coração, ao preito prestado ao brasileiro que tanto enalteece as lettras nacionaes.*

*Toda a imprensa vibrou um hymno unisono, fazendo os maiores elogios á idéa de Americo de Albuquerque e de seus collegas que se ligaram a elle.*

*Disse toda a imprensa, não é verdade; um jornal— « A Cidade do Rio », foi o unico que, esquecendo que tinha como directer um homem de talento, atacou o projecto que mandava imprimir a maravilhosa epopéa e profligou o procedimento de um brasileiro intelligente que queria salvar do olvido e das traças um trabalho primoroso e que é um padrão de gloria para as lettras patrias. Neste concerto de applausos, sómente houve essa reprovação. Não me importei, não me melindre: partia de um inimigo politico, que, não me podendo fazer mal, frente á frente, procurou ferir o meu coração de filho amante e extremoso, offendendo a memoria de um ente caro.*

*Registro o facto, nestas paginas, para que todos avaliem a quanto chega o odio humano.*

*O projecto-Americo de Albuquerque foi approvado em tres discussões, com maioria absoluta, sempre com a grita d'aquelle supracitado jornal vespertino, que até pediu para elle um « veto moralizador » ! O Prefeito de então, o Sr. Dr. Ubaldino do Amaral, que dizem ser um intellectual, não sanccionou o projecto, mas tambem não o « vetou », como desejava aquelle jornal; deixou passar os dias da lei, e o vice-presidente do Conselho Municipal promulgou-o a 3 de novembro de 1898.*

*Eu preciso, para que fique bem accentuado o meu serviço na publicação d'esta obra, registrar o que disse Gustavo Santiago, esse*



*moço de grandes idéas e de coração extraordinario, quando o projecto approvedo subiu á sancção do Prefeito:*

*«Resta agora que o Prefeito, o illustrado e intelligente Sr. Dr. Ubaldino do Amaral, não desmerecendo da tradição que o acompanha de longe de ledor entusiasta de Anthero de Quental, com a largueza de vistas propria aos verdadeiros intellectuaes, amando Verlaine e admirando Mallarmé, com um respeito profundo por Baudelaire—o extraordinario contemplativo; resta agora que S. S. lhe dê a sua assignatura, francamente, desassombradamente, sem pequeninas considerações ignobeis, sem coisinhas de economias lorpas, tornando-o de logo lei, lei que só o pôde encher de salisfação, lei que, de futuro, talvez seja das unicas poucas a salvarem-lhe a administração.*

*Ha em que economisar: é na suppressão de verbas desnecessarias, na diminuição de empregados « filhotes », no não accrescimo de obrigações despendiosas e inuteis. Tratando-se, porém, da intellectualidade de um paiz, de trabalhos e serviços que só elles é que vão servir para de algum modo fazer esquecer aos posteros as miserias e infamias contemporaneas, não se tem o direito de titubear, de ficar indeciso entre conceder e negar, de olhar para isto ou para aquillo.*

*Assigne S. S. a lei sem fraquezas inadmissiveis, sem dubiedades grosseiras e profundamente caracteristicas dos temperamentos mediocres, e terá prestado ao Brasil serviço maior que o do proprio go-*



verno do bacharel Prudente de Moraes, durante os seus quatro annos de vida.»

Apezar d'esse forte e patriotico appello, o Sr. Dr. Ubaldino do Amaral preferiu não ligar o seu nome á grande obra, praticando um acto de inteira justiça a um patricio digno de todo o apreço: não sancionou, deixou que outro o fizesse. Peior para elle.

Approvada a redacção final do projecto-Americo de Albuquerque em 28 de outubro e promulgada a lei em 3 de novembro, restava obter-se o credito para a impressão da obra de Alighieri e Xavier Pinheiro.

A campanha não estava finda: o meu trabalho devia continuar, sobranceiramente, com o intuito firme de salvar do esquecimento a obra-prima da litteratura italiana, a traducção mais correcta e mais artistica que se fez na lingua que falámos e escrevemos.

O mesmo Conselho Municipal que fizera a lei, foi ao encontro do Executivo Municipal, e, quando confeccionou o orçamento para 1899, consignou, em um dos seus paragraphos, como despeza, a verba de quinze contos de réis para a impressão da obra que meu Paç interpretou como rara fidelidade.

Vencida esta campanha, tornava-se necessario obter a autorisação do Prefeito afim de que os originaes da obra fossem para as officinas typographicas do estabelecimento municipal.

Requeri ao então Prefeito interino, o Sr. Honorio Gurgel, a autorisação, e, como o Instituto Profissional é dependente da Directoria de Instrucção, o meu requerimento foi ás mãos do Sr. Benedicto Valladares.

Este cidadão, que tem um pergaminho e é doutor em borla e capello, ao informar o meu requerimento pedindo um cousa legalissima, autorisada, disse umas semsaborias, uns distates, tantas necedades, que me vi forçado a dirigir-lhe uma «Carta Aberta» em



22 de maio de 1899, pela «A Tribuna», provando a sua incompetencia, o pouco criterio que teve ao informar o meu requerimento.

O Prefeito interino, que tambem dizem ser um homem lido e entendido em cousas litterarias, mostrou-se infenso á publicação da obra e... concordou com a informação do doutor em borla e cabelle, do Sr. Benedicto Valladares.

Aqui ficam os seus nomes consignados como lembrança do muito que lhes devo.

Não esmoreci com a informação, nem com a confirmação das duas « autoridades ».

Em 13 de julho do mesmo anno, o talentoso e honrado intendente Leoncio de Albuquerque, meu intimo amigo, apresentou uma indicação com endereço ao Prefeito, o Sr. Dr. Cesario Alvim, para cumprir a lei que autorisava a Prefeitura a imprimir, á sua custa, a « Divina Comedia », e a que dava o credito necessario para a sua impressão.

Esta indicação, que foi approvada sem debate, teve a assignatura de outros amigos meus, cujos nomes assignalo desvanecido e grato, e são as dos Srs. Dr. J. J. Pereira Braga, coronel Carlos Leite Ribeiro, Ataliba Pinto dos Reis, Dr. Frederico Smith de Vasconcellos, Dr. João de Figueiredo Rocha, Antonio José Leite Borges e Pedro M. dos Reis.

Enviada ao Sr. Prefeito, em cópia-authentica, a indicação, o caso que fez foi não dar a menor importancia.

Ainda d'esse senhor dizem que elle cuida de cousas litterarias e aprecia as bellas lettras...

Deu excellente demonstração, com o seu procedimento, não ha duvida.

Veiu outro Prefeito, este amigo, mas... deixou para o outro. Veiu outro, este amigo tambem, mas... nada fez e sahio.



O grande poeta das « Ondas », Luiz Murat, dirigiu a 22 de agosto de 1901, pela « A Tribuna », uma « Carta Aberta » ao Sr. Dr. João Felippe Pereira, que era o 2º Prefeito amigo, que com certeza leu-a, mas não comprehendeu ou não quiz comprehender os desejos manifestados pelo poeta.

A Carta ficou sem resposta.

Outro que não fosse eu, já teria desanimado e tomado o conselho de meu irmão mais velho e meu amigo, quando o bacharel Benêdicto Valladares deu o seu estupefaciente parecer ao meu requerimento: queimar na praça publica, com testemunhas e um protesto em regra, os originaes da traducção.

Não esmoreci e conservei, com mais carinho e com mais amor, os originaes queridos do meu idolatrado progenitor.

Tinha confiança na minha tenacidade e aguardava dias melhores.

O illustre bahiano, deputado federal, Sr. João Neiva, que me distingue com algum apreço e amizade, poz-se á minha disposição para apresentar uma proposição á Camara dos Deputados, mandando o governo federal imprimir a traducção na Imprensa Nacional. Não rejeitei a gentileza extraordinaria do meu distincto concidadão, mas ponderei-lhe que tinha uma lei municipal que dependia de cumprimento. Si ella me falhasse inteiramente, correria pressuroso a aceitar o offerecimento do meu bom e generoso amigo.

Veiu novo Prefeito e este, mais amigo do que os outros, alma sonhadora, espirito culto, capaz de avaliar um trabalho artistico e litterario.

Não tive duvida : com o coração esperançado, cheio de alegria, enderecei, a 28 de outubro de 1901, um requerimento ao Sr. Dr. Xavier da Silveira Junior, o Prefeito amigo e intellectual, e pedi-lhe o cumprimento exacto das leis que autorisara e volara a impressão da obra de que eu era possuidor dos originaes.



*Informado pelo director de instrucção, o Sr. Medeiros e Albuquerque, o Sr. Dr. Xavier da Silveira Junior mandou que o Instituto Profissional recebesse de minhas mãos os originaes queridos para imprimil-os, de accôrdo com as leis approvadas.*

*E ganhei a campanha, e a victoria foi assignalada pela imprensa, com os mais justos louvores ao illustre Sr. Dr. Xavier da Silveira Junior, que ligou o seu nome a um dos mais importantes monumentos das nossas lettras.*

*Eis, em pallidas linhas e em estylo desataviado, o que me cumpria dizer sobre a vida do egregio traductor d'esta obra, guardada ha 20 annos.*

*Cumpri o meu dever cuidando da sua publicação para salvar do olvido a memoria do meu saudoso e muito amado progenitor.*

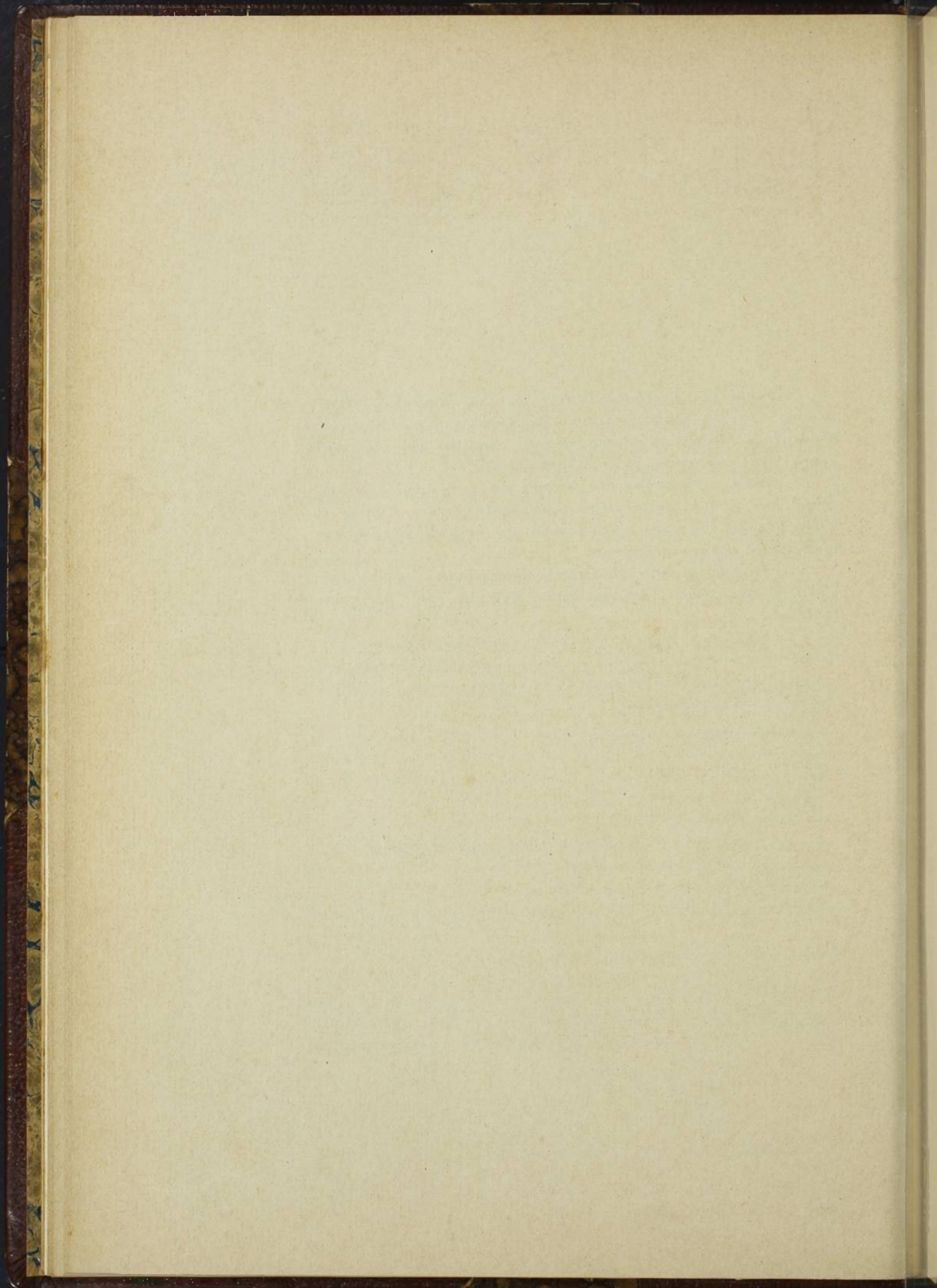
*Os competentes que façam a justiça devida ao seu esforço, ao seu talento e á sua illustração.*

*Onorate l'altissimo Poeta.*

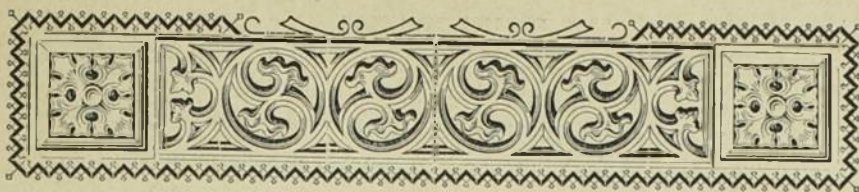
*Abril—1903.*

*J. A. Xavier Pinheiro.*









## CANTO I



1. **D**A nossa vida em meio da jornada <sup>1</sup>  
Achei-me n'uma selva tenebrosa, <sup>2</sup>  
Tendo perdido a verdadeira estrada.
2. Dizer qual era é cousa tão penosa  
D'esta brava espessura a asperidade,  
Que a memoria a relembra inda cuidadosa.
3. Na morte ha pouco mais de acerbidade ; <sup>3</sup>  
Mas para o bem narrar lá deparado <sup>4</sup>  
De outras cousas que vi, direi verdade.
4. Contar não posso como tinha entrado ;  
Tanto o somno os sentidos me tomara,  
Quando hei o bom caminho abandonado.
5. Depois que a uma collina me acercara, <sup>5</sup>  
Onde ia o valle escuro terminando,  
Que pavor tão profundo me causara,
6. Ao alto olhei, e já, de luz banhando  
Vi-lhe estar as espaldas o planeta, <sup>6</sup>  
Que, certo, em toda parte vai guiando.
7. Então o assombro um tanto se aquieta,  
Que do peito no lago perdurava  
N'aquella noite attribulada, inquieta.



8. E como quem o anhelito esgotava  
Sobre as ondas, já salvo, inda medroso  
Olha o mar perigoso em que luctava,
9. O meu animo assim, que treme ancioso  
Volveu-se a remirar vencido o espaço  
Que homem vivo jamais passou ditoso.
10. Tendo já repousado o corpo lasso,  
Segui pela deserta falda avante;  
Mais baixo sendo o pé firme no passo. <sup>7</sup>
11. Eis da subida quasi ao mesmo instante  
Assoma agil e rapida panthera <sup>8</sup>  
Tendo a pelle por malhas cambiante.
12. Não se afastava de ante mim a fera ;  
E em modo tal meu caminhar tolhia,  
Que atraz por vezes eu tornar quizera.
13. No ceu a aurora já resplendecia,  
Subia o sol, dos astros rodado,  
Seus socios, quando o Amor divino um dia
14. A taes primores movimento ha dado.  
Me infundiam d'esta arte alma esperança  
Da fera o dorso alegre e mosqueado, <sup>9</sup>
15. A hora amena e a quadra doce e mansa,  
De um leão de repente surge o aspecto,  
Que ao meu peito o pavor de novo lança. <sup>10</sup>
16. Que me invistisse então cuido inquieto ;  
Com fome e raiva atroz fronte levanta ;  
Tremar parece o ar ao seu conspecto.
17. Eis surge Loba, <sup>11</sup> que de magra espanta ;  
De ambições todas parecia cheia ;  
Foi causa a muitos de miseria tanta !
18. Com tanto intensa torvação me enleia  
Pelo terror, que o senho seu movia,  
Que a mente á altura não subir receia.
19. Como quem lucro anheia noite e dia,  
Se acaso o tempo de perder lhe chega,  
Rebenta em pranto e triste se excrucia,




20. A fera assim me fez, que não socega ;  
Pouco a pouco me investe até lançar-me  
Lá onde o sol se cala e a luz me nega.
21. Quando ao valle eu já ia baquear-me  
Alguem fraco de voz diviso perto,  
Que após largo silencio quer falar-me.
22. Tanto que o vejo n'esse grão deserto,  
— « Tem compaixão de mim !—bradei transido—  
Quem quer que sejas, sombra ou homem certo! »
23. « Homem não sou » tornou-me — « mas hei sido,  
Paes lombardos eu tive ; sempre amada  
Mantua lhes foi ; haviam lá nascido.
24. « Nasci de Julio <sup>12</sup> em éra retardada,  
Vivi em Roma sob o bom Augusto,  
Quando em deuses havia a crença errada.
25. « Poeta, decantei feitos do justo  
Filho de Anchises, que de Troya veio,  
Depois que Ilion soberbo foi combusto.
26. « Mas porque tornas da tristeza ao meio ?  
Porque não vais ao deleitoso monte,  
Que o prazer todo encerra no seu seio ? »
27. «— Oh ! Virgilio, tu és aquella fonte <sup>13</sup>  
D'onde em rio caudal brota a eloquencia ? »  
Falei, curvando vergonhoso a fronte.—
28. « O' dos poetas lustre, honra, eminencia !  
Valham-me o longo estudo, o amor profundo  
Com que em teu livro procurei sciencia !
29. « E's meu mestre, o modelo sem segundo ;  
Unicamente és tu que has me ensinado  
O bello estylo que honra-me no mundo.
30. « A fera vês que o passo me ha vedado ;  
Sabio famoso, acude ao perseguido !  
Tremo no pulso e veias, transtornado ! »
31. Respondeu, do meu pranto condoido;  
« Te convem outra rota de ora avante  
Para o logar selvagem ser vencido.

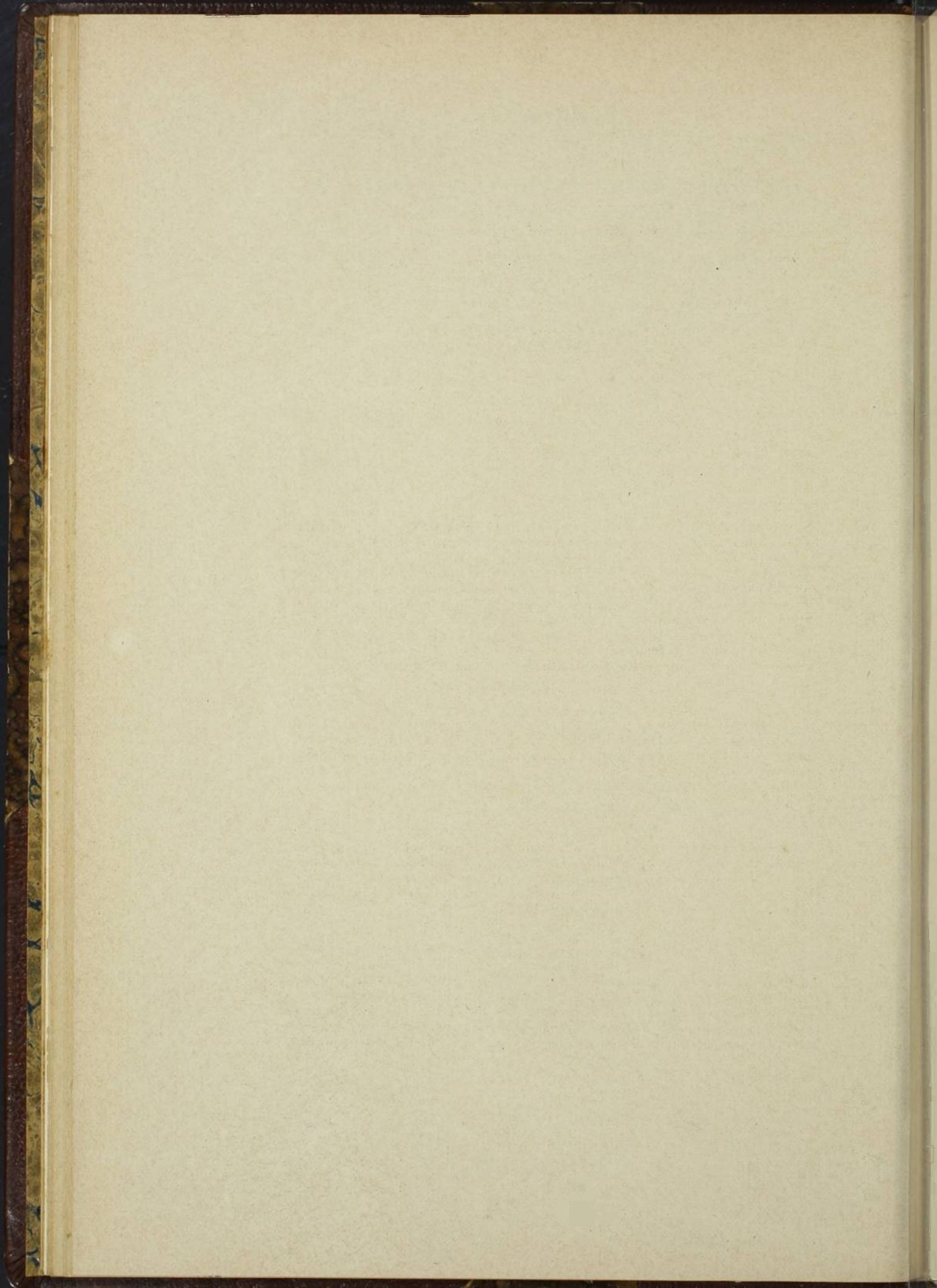


32. « A fera, que te faz bradar tremante,  
Aqui passar não deixa impunemente;  
Tanto se oppõe, que mata o caminhante.
33. « Tem tão má natureza, é tão furente,  
.Que os appetites seus jamais sacia,  
E fome, himpando, mais que de antes sente.
34. « Com muitos animaes se consorcia, <sup>14</sup>  
Hade a outros se unir té ser chegado  
— Lebreu <sup>15</sup>, que a leve á horrida agonia.
35. « Por ouro ou por poder nunca tentado  
Saber, virtude, amor terá por norte,  
Sendo entre Feltro e Feltro potentado.
36. « Será da humilde Italia amparo forte,  
Por quem Camilla a virgem dera a vida.  
Turno, Euryalo, Niso <sup>16</sup> acharam morte.
37. « Por elle, em toda a parte, repellida  
Irá lançar-se no infernal assento,  
D'onde foi pela Inveja conduzida.
38. « Agora, por teu prol, eu tenho o intento  
De levar-te commigo; ir-te-hei guiando  
Pela estancia do eterno soffrimento,
39. « Onde, estridentes gritos escutando,  
Verás almas antigas em tortura  
Segunda morte a brados supplicando.
40. « Outros ledos verás, que, em prova dura  
Das chammass, inda esperam ter o gozo,  
De Deus no gremio da immortal ventura.
41. « Se lá subir quizeres, um ditoso  
Espirito melhor <sup>17</sup> te será guia,  
Quando eu deixar-te ao reino glorioso.
42. « Do ceu o Imperador, a rebeldia  
Minha á lei castigando, não consente  
Que eu da cidade sua haja a alegria.
43. « Em toda a parte impera omnipotente,  
Mas tem no Empyreo sua augusta séde:  
Feliz por elle o eleito á gloria ingente ! »



- 
44. — « Vate , rogo-te » — eu disse « — me concede,  
Por esse Deus, que nunca has conhecido,  
Porque este e maior mal de mim se arrede. »
45. « Que, até onde disseste conduzido,  
A' porta de São Pedro eu vá contigo  
E veja os máus que houveste referido. »  
Move-se o Vate então, após o sigo.
- 







## NOTAS AO CANTO I

---

A acção da Divina Comedia começou na noite de 4 para 5 de março do anno de 1300, anniversario da Paixão de Jesus Christo, vespera da sexta-feira santa. Por esse tempo achava-se Dante em Roma, no character de Embaixador de Florença, enviado para assistir á grande solemnidade do primeiro jubileu proclamado pelo Papa Bonifacio VIII. A occasião era a mais propicia á maravilhosa jornada, em que o Poeta consumiu sete dias: dois no inferno, quatro no purgatorio e um no paraíso.

Era meia noite e plenilunio, quando Dante achou-se na *selva selvaggia*, trajando o habito, o cordão e as sandalias da ordem de S. Francisco, sobre alvorada tocou a fronteira, que partia o mundo physico do invisível.

---

Transvia-se Dante em uma selva tenebrosa, d'onde esforça-se por sahir subindo uma collina. Oppõem-se-lhe uma panthera, um leão e uma loba. Apparece-lhe Virgilio, que o convida a visitar os reinos eternos, afim de evitar aquelles perigos, servindo-lhe de guia pelo inferno e purgatorio e entregando-o depois á direcção de Beatriz, que o conduzirá ao paraíso. Dante acceita.

---

<sup>1</sup> Infere-se d'este verso que Dante declara que se realison a sua viagem no anno de 1300, aos 35 annos de sua idade. Esta era a sua opinião manifestada no *Convito*, de harmonia com estas palavras de David em um dos seus Psalmos:— *Dies hominis septuaginta anni.*— Tambem disse o propheta Isaias:— *In dimidio dierum meorum vadam ad portas inferi* (c. XXXVIII).

Escreveu Dante, no *Convito* (trattato IV, c. XXIV):

« Divide-se a vida humana em quatro estações. Chama-se a 1<sup>a</sup>, adolescencia; a 2<sup>a</sup>, juventude; a 3<sup>a</sup>, velhice; a 4<sup>a</sup>, decrepitude. Concordam os sabios em que a adolescencia prolonga-se até os 25 annos, tendendo então a nossa alma a desenvolver e a aformosentar o corpo, havendo muitas mudanças na pessoa e ainda não estando a parte racional no uso perfeito da discripção, e prescrevendo, por isso, o direito civil que o homem, antes de completar essa idade, não seja habil para certos actos, senão mediante curador, em quem con-



corra essa condição.—A juventude, comquanto descrepem em defini-la médicos e philosophos, é verdadeiramente o apice da vida humana, sendo de 20 annos a duração d'essa idade. A razão que tenho para affirmar-o é que, admittindo estar aos 35 annos a parte culminante do nosso arco, quanto ha de ascensão na mesma idade, quanto ha de declinação, pontos estes que concorrem no centro, em que o arco pôde ser empunhando e em que pouca flexão se nota. E, pois, encerra-se a juventude aos 45 annos.—E assim como a adolescência attingiu a juventude aos 25 annos, assim a declinação, isto é, a velhice, occupa igual espaço de 25 annos, rematando aos 70...—Além da velhice, ha o periodo de 10 annos, pouco mais ou menos, denominado decrepitude, á qual chegou Platão, de quem ultimamente se pôde dizer que conseguiu a sua maturaescencia, tanto por sua perfeição, como por seu parecer, pois viveu 81 annos. E eu creio que, si Jesus Christo não fosse crucificado, si tivesse vivido tanto quanto a natureza o permittia, teria aos 81 annos o seu corpo mortal passado á eternidade ».

<sup>2</sup> Ao parecer de uns, a selva tenebrosa symbolisa os transees, que affligiram o Poeta em seu desterro.

Entendem outros que significa as calamidades que á Italia occasionaram as prolongadas e sanguinosas contendidas, em que se dilaceravam Guelfos e Ghibellinos. Julgam outros que allude ás paixões, vícios e desvarios, em que ordinariamente se transvia o coração do homem.

<sup>3</sup> Ao juizo dos mais auctorizados commentadores, refere-se á *acerbidade* ao horror e não á selva, ou á difficuldade na narrativa, como a alguns pareceu.

<sup>4</sup> Consiste o *bem* no soccorro que prestou Virgilio. Antes de mencioná-lo, cumpria ao Poeta dizer os perigos que corra.

<sup>5</sup> As collinas, cujas espaldas o sol banhava, indica na allegoria a serenidade da paz e a tranquillidade geral, cujo estabelecimento na Italia Dante esperava pelo desbarato dos Guelfos. Tambem se interpretava aquelle clarão como luz, que desvanece as nevoas das paixões e mostra as boas veredas.

<sup>6</sup> O sol. Camões tambem disse :

*Já nesse tempo o lucido planeta,  
Que as horas vae do dia distinguindo...*

(Lus. C. II, Est. 1)

No systema de Ptolomeu, reproduzido por Copernico, o sol é denominado planeta.

<sup>7</sup> Disse Jeremias (V. 6) : — *Percussit eos leo de silva; lupus ad vesperam vastavit eos, pardus vigilans super civitates eorum. Omnis qui egressus fuerit ex eis capietur.*

Representa a panthera, segundo uns, Florença, que repellia de si Dante, por ella condemnado a desterro. Outros vêm nesta figura a allegoria da vida humana, e consideram a panthera symbolo da luxuria.

<sup>8</sup> O dorso ledo e mosqueado era, pela variedade das côres, para o poeta auspicio de que as graciosas exterioridades de Florença facilitariam o contentamento que se havia de originar na paz tão desejada.

<sup>9</sup> No leão se tem querido descobrir a ambição do poder e a soberba, preferindo-se a allegoria moral á politica. Para muitos, o leão refere-se a Carlos de Valois, irmão de Philippe o Bello, que foi chamado á Italia por Bonifacio VIII, e assenhoreou Florença no supposto character de *paciere*, opprimindo e desterrando o partido Branco.



Lê-se nos Proverbios: *Sicut fremitus leonis ita et regis ira* (XIX. 12).  
*Sicut rugitus leonis, ita et terrores regis* (XX. 2)

<sup>10</sup> Moralmente a loba é a avareza; politicamente representa o poder temporal dos Papas. Também se tem entendido que symbolisa o partido Guelfo.

<sup>11</sup> Julio Cesar.

<sup>12</sup> Enéas, de quem disse Virgílio, c. I da *Eneida*:

*Rex era Aeneas nobis, quo justior aller*  
*Nec pietate fuit, nec bello magis et armis.*

<sup>13</sup> N'este e nos seguintes tercetos manifesta Dante a veneração universal em que era tido Virgílio, refere-se ao prestígio, quasi sobre-natural que exercia o seu nome sobre a imaginação popular nos seculos da Meia Idade, principalmente na Italia. Virgílio, que o povo proclamara poderoso magico, está no poema significando a sciencia humana ou a philosophia, como Beatriz, a sciencia divina ou a theologia.

Emquanto, no largo periodo da decadencia das lettras até a aurora do Renascimento das lettras na Europa, o nome de muitos dos mais abalisados prosadores e poetas da idade aurea da latinidade era apenas conhecido dos seus raros cultores, que sobreviviam no geral naufragio, a fama de Virgílio, que já no seu seculo era incomparavel, dilatou-se maravilhosamente, em especial nas regiões occidentaes. Este phenomeno tanto mais notavel se fez, quanto aos louros do poeta a admiração juntava a aureola quasi de um santo e o prestígio de magico. Esta ultima qualidade foi-lhe em grande parte attribuida na Italia, e em especial em Napoles, onde, até certa epocha, os lazzaroni juravam por Virgílio com devoção exemplar, que acompanhava, de longe, é certo, a que lhes merecia o seu grande padroeiro, S. Januario.

Muitas maravilhas foram attribuidas ao poeta mantuano, como a um nigromante assáz poderoso para competir com o famoso Merlim. Tão subido era o seu numero, que deu azo a crer-se que realmente nos seculos da Meia Idade houvera um Virgílio, que, sem ser poeta, alcançara da credulidade popular predicamentos sobrenaturaes. Não se limitaram os seus entusiastas a tel-o em fóro de eminente magico; respeitavam-o e veneravam-o quasi como um santo, como um propheta, que vaticinara a missão de Jesus Christo nos versos:

*Magnus ab integro.*

<sup>14</sup> Os potentados e principes alliados do Papa.

<sup>15</sup> Lebreu (veltro) é inimigo natural da loba. Nesta accepção usa Dante d'esta palavra em varios logares da *Divina Comedia*, applicando-a aos Gibellinos, ao passo que qualifica de lobos aos Guelfos. É assim que denomina Mastins aos Malatestas de Verruchio, senhores de Rimini e abalisados Gibellinos da Romanha (*Inf.* XXVI. 46); cães os Gibellinos de Pisa, Sismondís, Galaudís e Lanfranchís, que perseguiam Ugolino e seus filhos, chamados lobo e lobinhos (*Inf.* c. XXXIII. 31, 32); vê os cães convertidos em lobos, ou Gibellinos transformados em Guelfos no territorio talhado pelo Arno (*Purg.* XIV. 49); e dá o nome de alões aos Aretinos, também Gibellinos (ib. 46).

Mas Dante não se referiu especialmente a Can Grande della Scala, como muitos commentadores auctorizados suppuzeram. O conde Troya copiosamente demonstrou que a denominação cabe unicamente a Ugucione della Faggiola, no seu erudito livro—*Del Veltro allegorico di Dante*. Um dos seus mais notaveis trechos, trasladados para aqui, convencerá d'esta verdade:



« A verdadeira explicação não souberam dal-a Boccacio e Benvenuto d'Imola, limitando-se a repetir o dizer dos mais antigos. D'estes, uns cuidavam que o *veltro* era Jesus Christo, que apparecia entre ceus e ceus, entre constellações e constellações, como entre dous pannos de feltro, como se Dante no introito do poema quizesse delirar com os Millenarios, ou crer que a vinda prematura do Senhor sómente a terra da Italia devesse avantajar. Queriam outros que o *veltro* fosse um principe tartaro; e outros, que se tratava de um principe que tinha de vir á luz da vida entre o Monte Feltro e a cidade de Feltro. Esta ultima supposição foi assáz reprovada por Benvenuto. A crença, facilmente acceita pela maioria, sómente formou-se pela similhança casual dos nomes Can della Scala e *veltro* com o accrescimo de ser animal por indole adverso á loba.

« D'aqui seguiu-se a opinião de que Can della Scala, natural de Verona, entre Monte Feltro e Feltro na Marea Trevigiana, era o principe vaticinado por Alighieri, como se nessa vasta extensão outras cidades não se demorassem conjunctamente com Verona, as mais insignes da Italia, Mantua, Modena, Ferrara, Bolonha. A estulta prophesia de Miguel Scoto (*Paduæ magnatum plorabunt filii necem diram et horrendam CATULQUE Veronæ*) deu azo a um egregio engenheiro veneziano para ler n'essas palavras uma promessa, feita a Can Scaligero, de avassalar toda a região situada entre a Marcha de Trevigi e a de Ancona. Diga-se no emtanto, em abono da verdade, que as palavras de Scoto não auctorizam interpretação tal.

« O certo é e provado está que Can nunca militou fóra da Lombardia, nem por interesses da Toscana e Romanha e, portanto, pelos de Alighieri. Outros bem diferentes, já antes de 1300 a 1308, quando apenas Scaligero sahia das mantilhas da infancia, tinham campeado na Romanha e Toscana, lançando os Gueffos de cidade em cidade, em contraposição ao poder temporal de Roma.

« Uguccione della Faggiola, principe temido de Bonifacio VIII, *podestà* nove vezes reeleito de Arezzo, parente por afinidade de Corso Donate e de Alighieri, foi o *VELTRO allegorico* de Dante, o *veltro* posto de atalaia na fronteira da Toscana e Romanha, infatigavel em aggressões até ás portas de Florença e Roma; o *veltro* a quem Dante dedicava o Inferno por intervenção de Fr. Hilario. Ao valente e generoso animal não cabia outro alimento que sapiencia e virtude: louvor excelso, que indiscripção seria querer torcer em prel do adolescente imberbe Scaligero.

« O artificio da prophesia de Virgilio e a necessidade poetica de conservar os terminos allegoricos das tres alimarias da floresta, induziram Alighieri a omitir o nome da quarta, o *veltro*. Igual silencio guardou na dedicatoria do Purgatorio a Moroello Malaspina e o Paraíso a Can Grande della Scala. O estado dos negocios em 1308 e os intuitos politicos de Alighieri obrigaram-o a não revelar quem fosse o *veltro*. Igualmente deixou de descrever a patria ou o dominio entre Feltro e Feltro, isto é, a Faggiola entre as cidades Feltrias de Macerata e San Leo ».

Com relação a Miguel Scotto escreveu, no seu estimado livro, o illustre Troya ainda estas palavras, que darão ao leitor noticia d'esse individuo, de quem Dante disse, no c. XX do *Inferno*:

*Michele Scotto fu chi veramente  
Delle magiche seppe il giuoco.*

« Em 1291, Can Grande della Scala estava na infancia: seu pai Alberto teve outros filhos Bartholomeu e Alboino, além de José, bastardo, que fez abade de S. Zeno em Verona. Reinou Alberto depois de Mastino com o titulo de *podestà* e *capitano*, e a adulação rodeou de faustos auspicios o berço de Can. Miguel Scotto, velho, medico e astrologo de Frederico II, proferira breves e abstrusas palavras acerca de futuras pelejas e requestas e de um pequeno *cão* de Verona: Giovanni Villani conservou essas insensatas e vãos. E no emtanto



o vulgo acreditou de boa mente que Can teria de assenhorear Padua. Scotto falleceu no mesmo anno, em que Can veio á luz ».

<sup>16</sup> Humilde Italia. Refere-se á parte da península chamada *Bassa Italia*, onde demora o Lacio, onde pelejaram e morreram Camilla, filha de Metabo, Rei dos Volscos, Euryalo e Niso, companheiros de Enéas, e Turno, Rei dos Rutulos, seu competidor á mão de Lavinia, prometida por Latino, seu pai, ao príncipe troyano.

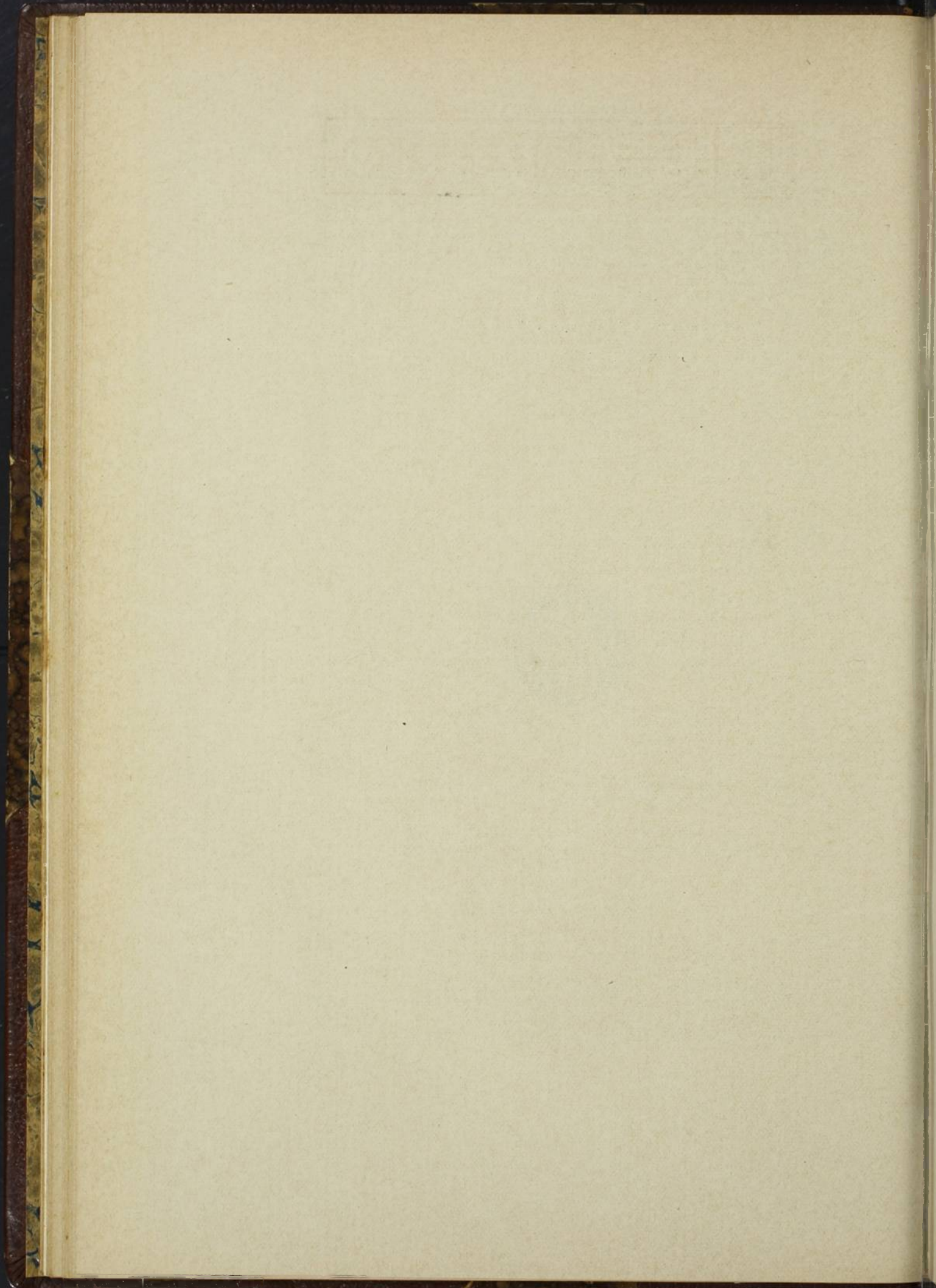
Virgílio disse na *Eneida*, C. III V. 522 :

*Obscuros colles humilemque videmus Italiam.*

<sup>17</sup> Beatriz que no c. XXX do *Purgatorio* se apresenta para guiar Dante no Paraíso.











## CANTO II

1. **F**ÔRA-SE o dia; e o ar, se ennevoando, <sup>1</sup>  
Aos animaes, que vivem sobre a terra,  
As fadigas tolhia; eu só, velando.
2. Me apparelhava a sustentar a guerra <sup>2</sup>  
Da jornada, assim como da piedade,  
Que vai pintar memoria, que não erra.
3. O' Musas! O' do genio potestade!  
Valei-me! Aqui, ó mente, que guardaste  
Quanto vi, mostra a egregia qualidade.
4. « Poeta,— assim falei,— que começaste  
A guiar-me, vê bem se em mim persiste  
Valor, que á empresa, que me fias, baste.
5. « Que o pac de Sylvio <sup>3</sup> fôra referiste,  
Corruptivel ainda, até o inferno  
Sem perder o que em corpo humano existe. <sup>4</sup>
6. « Se do mal assim quiz o imigo eterno,  
Origem vendo nelle do alto effeito,  
O que e o qual, segundo o que discerno,
7. « Pela razão bem póde ser acceito;  
Que para Roma e o imperio se fundarem  
Fôra no ceu por genitor eleito;



8. « Á qual e ao qual cabia apparelharem,  
Dizendo-se a verdade, o logar santo  
Aos que do maior Pedro <sup>5</sup> o solio herdarem.
9. « Nessa empreza, em que o has louvado tanto  
Cousas ouviu, de que surgiu motivo  
Ao seu triumpho e ao pontificio manto.
10. « Lá foi o Vaso Eleito <sup>6</sup> ainda vivo:  
Conforto ia buscar á fé, que á estrada  
Da salvação principio é decisivo.
11. « Porque irei ? Quem permite esta jornada ?  
Enéas, Paulo sou ? Essa ventura  
Nem eu, nem outrem crê ser-me adaptada.
12. « Receio, pois, seja acto de loucura,  
Se eu me resigno a commetter a empreza.  
Suppre, és sabio, o que digo em phrase escura. »
13. Como quem ora quer, ora despreza,  
Sua alma a idéas novas tem disposta,  
Mostrando aos seus designios extranheza,
14. Assim fiz eu na tenebrosa encosta,  
Porque, pensando, abandonava o intento,  
Formado á pressa, que ora me desgosta.
15. « Do teu dizer se attinjo o entendimento »  
Do Magnanimo a sombra me tornava,  
« Eivado estás de ignobil sentimento,
16. « Que do homem muita vez faz alma ignava,  
Das honrosas acções o desviando,  
Qual sombra, que o corseil ao medo trava.
17. « D'esse temor livrar-te desejando  
Porque vim te direi e quanto ouvido  
Hei logo ao ver-te misero luctando.
18. « No Limbo <sup>7</sup> era suspenso: eis requerido  
Por Dama fui tão bella, tão donosa,  
Que as ordens suas presto lhe hei pedido.
19. « Brillavam mais que a estrella radiosa  
Os seus olhos; suave assim dizia  
De anjo com voz, falando-me piedosa:




20. « De Mantua alma cortez, que inda hoje em dia  
No mundo gozas fama tão sonora,  
Que, enquanto existir mundo, mais se amplia,
21. « Amigo meu, que a sorte desadora, <sup>8</sup>  
Pela deserta falda indo, impedido  
De medo, atrás os passos volta agora.
22. « Temo que esteja tanto já perdido,  
Que tarde eu tinha vindo a soccorrel-o,  
Pelo que lá no ceu d'elle hei sabido.
23. « Parte, pois, e com teu discurso bello  
E quanto o salvar possa do perigo  
Lhe acode; e me console o teu desvelo.
24. « Sou Beatriz, que envia-te ao que digo,  
De logar venho a que voltar desejo:  
Amor conduz-me e faz-me instar contigo.
25. « Voltando ao meu Senhor, em todo o ensejo  
Repetirei louvor, que has merecido ».—  
Tornei-lhe, quando já calar-se a vejo:
26. « Senhora da virtude, a quem tem sido:  
Dado só que preceda a especie humana  
Quanto é no mundo sublunar contido, <sup>9</sup>
27. « Tanto praz-me ordem que de ti dimana,  
Que, já cumprida, houvera inda demora:  
Em me abrir teu querer não mais te afana.
28. « Diz-me, porém, por que razão, Senhora,  
Baixar a este centro has resolvido  
Do ceu, a que ardes por voltar agora. »
29. « Se queres tanto ser esclarecido  
Eu te direi »—tornou-me—« phrase breve  
Porque sem medo ás trevas hei descido.
30. « Sómente as cousas receiar se deve  
Que a outrem podem ser causa de damno  
Não das mais: a temor a causa é leve.
31. « De Deus favor creou-me soberano  
Tal, que a vossa miseria não me empece  
Nem d'este incendio assalta o fogo insano.

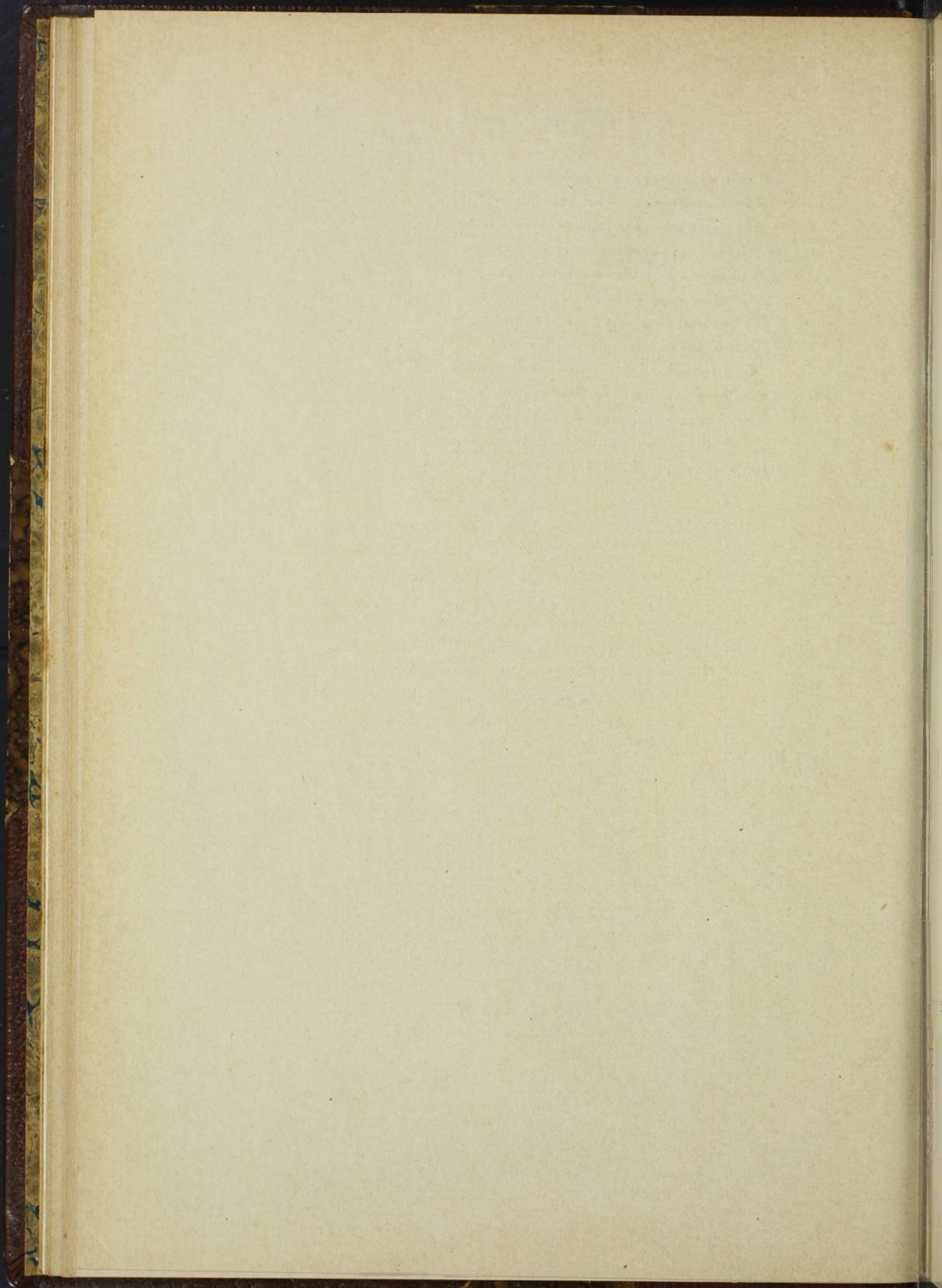


32. « Nobre Dama <sup>9</sup> ha no ceu, que compadece  
O mal, a que te envio; e tanto implora,  
Que lá decreto austero se enternece.
33. « Volvendo-se á Luzia, <sup>10</sup> assim a exora:  
« O teu servo fiel tanto periga,  
Que ao teu amparo o recommendo agora. »
34. « Luzia, sempre do que é máu imiga  
Ergueu-se e ao logar foi, em que eu sentada  
Ao lado estava de Rachel antiga.
35. « De Deus vero louvor ! » — diz-me apressada —  
Porque não soccorrer quem te amou tanto,  
Que só por ti deixou do vulgo a estrada ?
36. « Não lhe ouves, Beatriz, o amargo pranto ?  
Não vês que junto ao rio é combatido,  
Que ao mar não corre, por mortal espanto ? »
37. Os damnos, tão veloz, não tem fugido  
Ninguém, nem procurado o que deseja,  
Como eu, em tendo vozes taes ouvido ;
38. « O throno meu deixei, porque te veja,  
Fiada em teus discursos eloquentes,  
Honra tua e de quem te ouvindo esteja ».
39. « Assim falava e os olhos seus fulgentes  
Com lagrimas a mim ella volvia,  
Para apressar-me a vir assaz potentes.
40. « A ti vim, pois, como ella requeria ;  
Da féra te livreí, que da collina  
Tão perto já, teus passos impedia.
41. « Que fazes, pois ? Porque, porque domina  
Tanta fraqueza o peito espavorido ?  
Porque ao valor tua alma não se inclina,
42. « Quando és pelas tres santas protegido,  
Que na côrte do ceu por ti se esmeram  
E gozar tanto bem lhe é promettido ? » —
43. Quaes flores, que, fechadas, se abateram  
Da noite ao frio, e, quando o sol aquece,  
Erguem-se aberta na hastea, taes como eram,



44. Tal meu valor renova e fortalece :  
Tanto ardimento o coração me aviva,  
Que exclamei, como quem jamais temesse:
45. « O' Dama em socorrer-me compassiva !  
E tu, que a voz lhe ouvindo, obedeceste,  
Cortez ao rogo e com vontade activa,
46. « Por teu dizer no peito me accendeste  
Desejo tal de vir, que sou tornado  
Ao proposito, a que antes me trouxeste.
47. « Vai, pois nosso querer 'stá combinado.  
Serás meu guia, meu senhor, meu mestre ! »  
Disse-lhe assim. Moveu-se elle; ao seu lado  
Pelo caminho entrei alto e silvestre.
- 







## NOTAS AO CANTO II



Dante considera os riscos e trabalhos da jornada. Virgílio, para estorçal-o, explica-lhe o motivo do seu apparecimento: fôra enviado por Beatriz, que o procurara nos Limbos. Revigora-se Dante e prosegue na jornada com animo resolutivo.

<sup>1</sup> Os versos 16, 17 e 20 do C. I mostram o sol raiando após a noite, que Dante passara na selva *con tanta pietá*. O introito do C. II declara que o dia terminara. Na vida real de Dante, escreveu um notavel commentador, esse dia comprehende o tempo da dôr do Poeta, depois da morte de Beatriz e os seus estudos de 1292 até 1300.

Virgílio na *Eneida*, C. VIII, disse :

*Nox erat et terras animalia fessa per omnes  
Alituum pecudumque genus sopor altus habebat.*

Estes versos foram trasladados por João Franco Barreto :

Noite era e um profundo somno havia  
Já por todas as terras occupado  
Os lassos animaes e se estendia  
Às aves, fêras, como ao manso gado.

E' o resumo d'esta descripção, que se lê no C. IV :

*Nox erat et placidum carpebant fessa soporem  
Corpora per terras ; silvæque et sava quierant  
Aquora, quum medio solvantur sedera lapsus,  
Quum tacet omnis ager ; pecudesque pictæ que volueres,  
Quæque lacus late liquidos, quæque aspera dunis  
Rura tenent, somno positæ sub nocte silenti  
Lenibant curas et corda oblita laborum.*

Estes admiraveis versos foram traduzidos por J. Franco Barreto :

Era noite e da terra os moradores  
Davam repouso á lassa humanidade ;



Descansaram os bosques nemorosos  
 E junctamente os mares procellosos ;  
 Quando os astros do meio do caminho  
 Ao Occidente passam declinando,  
 O campo todo cala e o passarinho  
 Entre as folhas dos ramos descansando :  
 Todo o animal e peixe no seu ninho,  
 Quantas brenhas ou lagos habitando  
 Na muda noite ao somno estão sujeitos  
 Davam allivio aos seus cansados peitos.

<sup>2</sup> Guerra, isto é, fadiga, afan, que lhe causavam a jornada e a piedade, aquella quebrantando o corpo, esta o espirito, principalmente devendo, como christão, reprimil-a em acatamento á infinita justiça de Deus.

<sup>3</sup> Enéas Silvio, filho de Enéas e Lavinia, de quem descendiam os Reis de Alba e, por estes, Romulo e Remo.

Virgilio, C. VI :

*Ille vides pura juvenis qui nititur hasta,  
 Proxima sortenent lucis loca ; premius ad auras  
 Aetherias Italo commixtus sanguine surget  
 Silvius, Albanum nomen tua posthuma proles ;  
 Quem tibi longævo serum Lavinia conjux  
 Educit selvis regem, regumque parentem ;  
 Unde genus Longa nostrum dominabitur Alba.*

Traducção de Franco Barreto :

Vês aquelle mancebo, que encostado  
 A' uma haste pura está ? Pois o primeiro  
 Logar tem entre todos pelo Fado  
 Para do mundo ir ver o gran luzeiro ;  
 Sahirá brevemente misturado  
 Com sangue italiano alto e guerreiro,  
 Posthumo filho teu, mas soberano,  
 O qual se dirá Silvio, nome Albano  
 Tua mulher Lavinia este tardio  
 Dará, sendo tu já de annos, ao mundo  
 Em o meio de um bosque alto e sombrio,  
 Rei e de Reis progenitor fecundo  
 D'onde nossa prosapia o senhorio  
 De Alba terá grato e jocundo.

<sup>1</sup> No C. VI da *Eneida* narra Virgilio a viagem de Enéas ao inferno, guiado pela Sybilla de Cumas. Anchises, seu pae, que alli encontrou, vaticinou-lhe o triumpho, que alcançaria de Turno, seu competidor, a mão de Lavinia, e a fundação de um reino, do qual se tinha de originar, muitos annos depois, a cidade de Roma, destinada a ser a séde de um grande imperio e da Igreja catholica.

<sup>5</sup> O maior Pedro, isto é, S. Pedro Apostolo, para distinguil-o dos outros santos do mesmo nome.

Em tempos remotos já escriptores abalizados explicaram a grandeza do povo romano, como um dos meios providenciaes pelos quaes se propagou a fé christã, devendo ser Roma o centro da Igreja universal. Alguns dos santos Padres do seculo IV e V, inclusive S. Agostinho e varios auctores, no decurso da



Meia Idade, acolheram-se a esse argumento. De S. Leão Papa citam-se as seguintes palavras: *Dispono Divinitus operis maxime congruebat, ut multa regna uno confederarentur imperio et cito pervios haberet populos prae-dicatio generalis, quos unius teneret regimen civilatis.*

Quem ler o *Convito* e a *Monarchia* de Dante verá que sobre este fundamento estribou a philosophia historica, pela qual sustentou que o destino do imperio romano devia ser a monarchia universal.

<sup>6</sup> S. Paulo. — *Actos dos Apostolos*, cap. IX, 15: — « Vae, porque este Saulo é para mim um vaso escolhido para levar o meu nome das gentes e dos Reis e dos filhos de Israel ».

Na segunda Epistola dos Corinthios disse S. Paulo: « Conheço a um homem em Christo, que quatorze annos ha, foi arrebatado, se foi no corpo não o sei, ou se fóra do corpo também não sei, Deus o sabe, até o terceiro céu ! E conheço a este tal homem, se foi no corpo ou fóra do corpo não o sei, Deus o sabe, que foi arrebatado ao Paraíso; e que ouviu lá palavras secretas, que não é permitido a um homem referir. »

<sup>7</sup> Limbos, lugar, onde estão os que nem foram salvos, nem condemnados e assim acham-se suspensos sobre o céu e o inferno, — *color chi son' sospesi* — diz o Poeta.

<sup>8</sup> Cornelio Nepos, *Vida de Attico*, C. IX: — « *Se non fortune, sed hominibus solere esse amicum.* »

<sup>9</sup> Aqui está Beatriz caracterizada em allegoria, a unica no entender de Cesare Balbo, que lhe é applicavel. O poeta diz que Beatriz é senhora da unica virtude, pela qual o homem precede qualquer outra creatura, o *conhecimento de Deus*. Ahí não ha simples transformação em theologia: ella passa a guial-o no conhecimento do *seculo immortal*, a conduzil-o á *grei benaventurada*, a todos os céus e não sómente ao do sol, onde tem assento a theologia.

Muitos commentadores viram na *nobre Dama* a clemencia divina, ou S. Anna, nome, que em hebraico significa *gratiosa sive misericors*. Mas entre todas as interpretações a mais apropriada, parece, é a que applica ás palavras do Poeta *Donna gentil* a S. Virgem Maria.

Este foi o discreto entender de Tommaseo, aceito, confirmado e aplaudido pelo illustre Cesare Balbo. Fundamentou-o com diversas razões.

1º A devoção de Beatriz para com a S. Virgem fóra já assignalada por Dante na *Vita Nuova* do modo seguinte: « *Lo signore di questa gentilissima, cioè lo signore della giustizia, chiamò questa nobile a gloriare sotto l'insegna di quella reina benedetta Virgo Maria lo cui nome fà in grandissima reverenza n'elle parole di questa beata Beatrice.* »

2º E' a *candida Rosa* que a S. Virgem, no Paraíso, tem o seu throno: alli também está o de Beatriz, a qual occupa-o, quando separa-se de Dante. D'essa elevação lhe dirige pela ultima vez os olhos, quando de mãos juntas supplicava por elle á S. Virgem.

3º A devoção á S. Virgem também domina em Dante, que em muitos trechos do poema repete os seus louvores.

4º No canto final da *Divina Comedia*, S. Bernardo pede á S. Virgem que complete a visão de Dante pela visão de Deus, o que prova que em Maria tivera principio.

5º As palavras — *duro giudicio lassù frange* são applicaveis sómente áquella de quem dizia S. Bernardo:

*Che qual vuol grazia e a te nom ricorre  
Sua disianza vuol volar senza ali.*

(*Par.* XXXIII, 14).



<sup>10</sup> Cumpre notar que a *nobre dama* para falar a Luzia não sahiu do seu logar, como Luzia para falar a Beatriz. Comprehende o alcance d'esta observação quem lembrar-se do modo como acham-se collocados no paraíso a S. Virgem, Luzia e os outros santos mais proximos, na conformidade do que diz o Poeta no C. XXXII do Par. — Em circulo estão sentados Maria, á sua esquerda Adam, Moysés e S. Anna, santos da lei antiga, em meio e em frente, S. João Baptista, pelo qual estão separados os da lei nova, S. Pedro (perto da S. Virgem), S. João Evangelista e Luzia. Portanto sómente a S. Virgem e S. Anna estavam tão proximas á Luzia, que para dirigir-lhe a palavra não precisavam de deixar os seus logares: se houvesse duvida na escolha entre as duas, se desvaneceria ante as razões que ha para preferir-se a primeira. É, pois, indubitavel que a *nobre Dama* é Maria.

A' uma voz todos os expositores entendem que Luzia é Graça; mas surge grave objecção, proveniente do verso 98, em que a Dante é dada a qualificação de fiel — *il tuo fidele*. Haverá christão por tal maneira seguro de si, que se dê por *fiel da Graça*, entendida nas accepções que lhe attribue a theologia? Tal presumpção não caberia a Dante, que no Purgatorio confessou-se incurso nos peccados da inveja e da luxuria, assim como em outros que Beatriz lhe exprobra. Outra, pois, deve ser a interpretação, tendo por fundamento principal o sentido allegorico.

Não ha razão porque S. Luzia, virgem martyr e advogada contra as molestias dos olhos, occupe logar proeminente na *candida Rosa*, nem tambem para ser preferida a tantos santos e santas para acudir a Dante. Como se verá no C. XXXII do Par., S. Luzia é a ultima dos santos da lei nova que ficam á direita da S. Virgem, collocada entre S. João Baptista e S. João Evangelista, um precursor da lei nova, o outro que no seu Evangelho denomina *Lux* a fé christã. Quem estiver habituado ás transformações dantescas, não estranhará que o Poeta diga Luzia ou S. Luzia em vez de *Lux*. O culto dos santos o autorizava para a mudança; pois ninguém ignora que o Imperador Constantino erigiu em honra á S. Sophia ou á sabedoria divina a famosa basilica de Constantinopla. Assim que pôde se ter por certo que na *Divina Comedia* Luzia importa a *Lux* do Evangelista ou a *Fé christã*.

D'estas premissas, a consequência é a mais natural e logica. A S. Virgem, querendo enviar Beatriz (como Beatriz e como *conhecimento* de Deus) em socorro de Dante, não o fez directamente, senão por intermedio da Fé; Dante é denominado fiel d'esta, fiel crente: nada mais queria, nada mais podia aspirar quem era ou suppunha ser perseguido pelo poder temporal do Papa.

<sup>11</sup> Rachel ao lado de Beatriz: é a *contemplanção de Deus* ao lado do *conhecimento de Deus*. Esta interpretação é tanto mais plausivel, quanto Luzia, a Graça, falando á Beatriz, lhe disse: *Vero louvor de Deus!*







### CANTO III

---

1. « **P**OR mim se vai das dôres á morada,  
« Por mim se vai ao padecer eterno,  
« Por mim se vai á gente condemnada.
2. « Moveu Justiça o Auctor meu sempiterno,  
« Formado fui por divinal possança,  
« Sabedoria summa e amor superno.<sup>1</sup>
3. « No existir, ser nenhum a mim se avança,  
« Não sendo eterno, e eu eternal perduro:  
« Deixai, ó vós, que entraís, toda a esperança ! »
4. Estas palavras, em lettreiro escuro  
Eu vi, por cima de uma porta escripto.  
« Seu sentido » — disse eu — « Mestre, me é duro.
5. « Tornou Virgilio, no logar perito:  
— « Aqui deixar convem toda a suspeita;  
« Todo o ignobil sentir seja proscripto.<sup>2</sup>
6. « Eis a estancia, que eu disse, ás dôres feita,  
« Onde has de ver atormentada gente,  
« Que da razão á perda está sujeita. »
7. Pela mão me travando diligente,  
Com ledto gesto o coração me erguia,  
E aos mysterios guiou-me incontinente.



8. Por esse ar sem estrellas irrompia <sup>3</sup>  
Sôar de pranto, de ais, de altos gemidos:  
Tambem meu pranto, de os ouvir, corria.
9. Linguas várias, discursos insoffridos,  
Lamentos, vozes roucas, de ira os brados,  
Rumor de mãos, de punhos estorcidos,
10. Nesses ares, p'ra sempre ennevoados,  
Retumbavam girando, e similhando  
Arcaes por tufão atormentados.
11. A mente aquelle horror me perturbando,  
Disse a Virgilio: — «O' Mestre, que ouço agora?  
« Quem são esses, que a dôr está prostrando? »
12. — « D'este misero modo » — tornou — « chora  
Quem viveu sem jamais ter merecido  
Nem louvor, nem censura infamadora. \*
13. « De anjos mesquinhos côro é-lhes unido,  
Que rebeldes a Deus não se mostraram,  
Nem fieis, por si só havendo sido. »
14. « Desdouro aos ceus, os ceus os desterraram ;  
Nem o profundo inferno os recebera,  
De os ter consigo os máus se gloriaram. »
15. — « Que dôr tão viva d'elles se apodera,  
Que aos carpidos motivo dá tão fortes ? — »  
« Serei breve em dizer-t'o » — me assevera.
16. « Não lhes é dado nunca esperar morte ;  
E' tão vil seu viver nessa desgraça,  
Que invejam de outros toda e qualquer sorte.
17. « No mundo o nome seu não deixou traça ;  
A clemencia, a Justiça os desdenharam.  
Mais d'elles não falemos : olha e passa. »
18. Bandeira então meus olhos divisaram,  
Que, a tremular, tão rapida corria,  
Que avessa á toda a pausa a imaginaram.

---

\* Os indifferentes.



19. E após tão basta multidão seguia,  
Que destruido houvesse tanta gente  
A morte, acreditado eu não teria.
20. Alguns já distinguira : eis, de repente  
Olhando, a sombra conheci d'aquelle,  
Que a gran renuncia fez ignobilmente. <sup>4</sup>
21. Sube logo o que ao certo me revele  
Que era a seita das almas aviltadas,  
Que os maus odeiam e que Deus repelle.
22. Nunca tiveram vida as desgraçadas,  
Sempre, núas estando, as torturavam  
De vespas e tavões as ferroadas.
23. Os rostos seus as lagrimas regavam,  
Misturadas de sangue : aos pés cahindo,  
A immundos vermes o repasto davam.
24. De um largo rio á margem dirigindo  
A vista, de almas divisei cardume.  
— « Mestre, declara, aos rogos me annuindo,
25. « Que turba é essa » — eu disse — « e qual costume  
Tanto a passar a torna pressurosa,  
Se bem discerno ao duvidoso lume ? »
26. Tornou-me : — « Explicação minuciosa  
Darei, quando tivermos attingido  
Do Acheronte a ribeira temerosa. »
27. Então, baixos os olhos e corrido  
Fui, de importuno a culpa receiando,  
Té o rio, em silencio recolhido.
28. Eis vejo a nós em barca se acercando  
De cans coberto um velho <sup>5</sup> — « O' condemnados,  
Ai de vós ! » — alta grita levantando.
29. « O ceu nunca vereis, desesperados :  
Por mim á treva eterna, na outra riva,  
Sereis ao fogo, ao gelo transportados.
30. « E tu que estás aqui, ó alma viva,  
De entre estes que são mortos, já te ausenta ! »  
Como não lhe obedeço á voz esquiva.



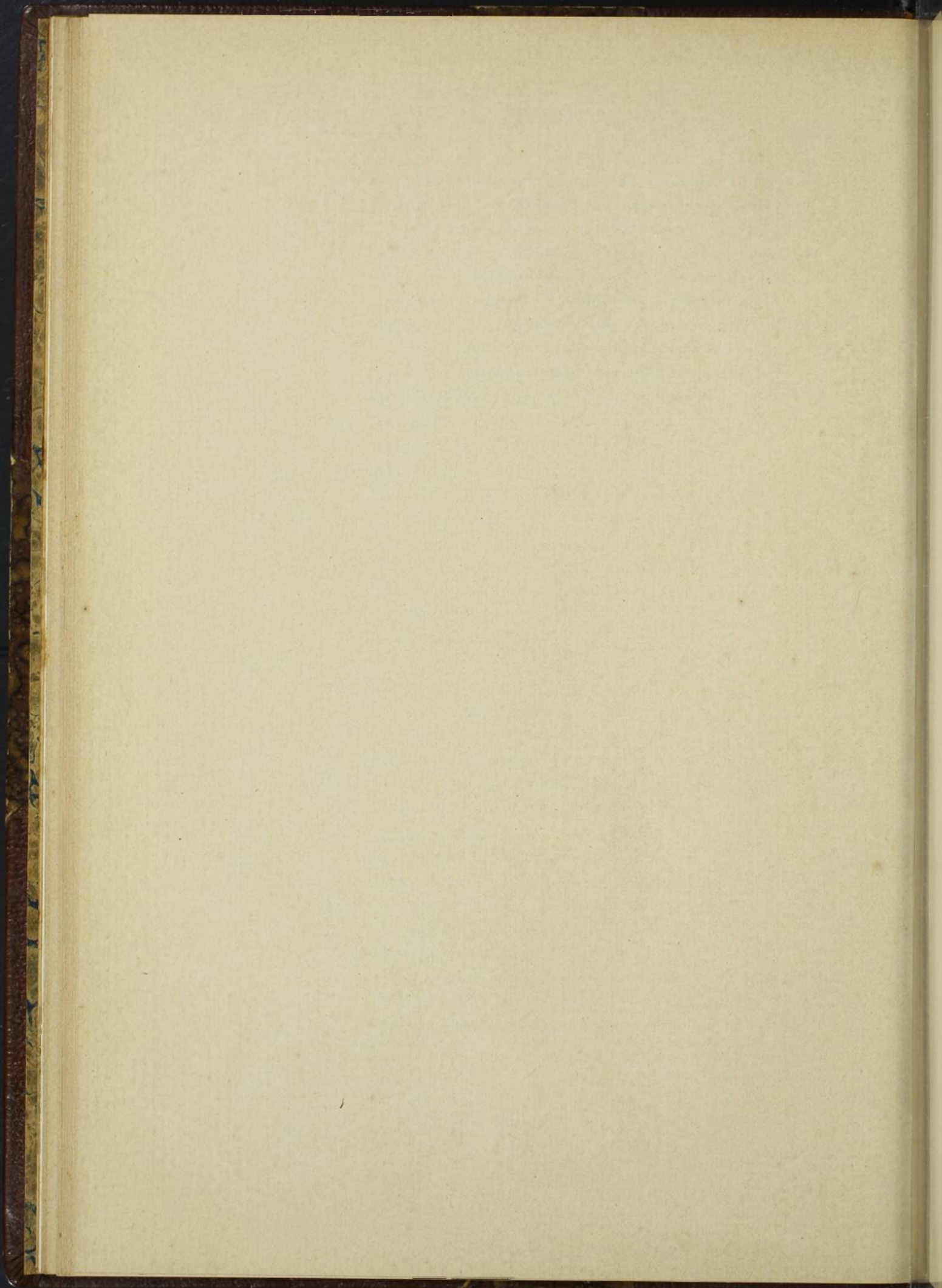
31. « Por outra via irás » — elle accrescenta —  
« Ao porto, onde acharás facil transporte;  
Lá passarás em barca menos lenta. »
32. — « Não te agastes, Caronte ! D'esta sorte  
Se quer lá onde » — disse-lhe o meu Guia —  
Quem pôde ordena. E nada mais te importe. »
33. Sereno, ouvido, o gesto se fazia  
Da livida lagôa ao nauta idoso,  
Quem em circulos de fogo olhos volvia.
34. A's desnudadas almas doloroso  
O gesto descorou ; dentes rangeram  
Logo em lhe ouvindo o vozear raivoso.
35. Blasphemaram de Deus e maldisseram  
A especie humana, a patria, o tempo, a origem  
Da origem sua, os paes de que nasceram.
36. Todas no pranto acerbo, em que se affligem,  
Se acolhem juntas ao logar tremendo,  
Dos máus destinos, que se não corrigem.
37. Caronte, os igneos olhos rovolvendo,  
Lhes acenava e a todos recebia :  
Remo em punho, as tardias vai batendo.
38. Como no outomno a rama principia <sup>6</sup>  
As flores a perder té ser despida,  
Dando á terra o que á terra pertencia,
39. Assim de Adam a prole pervertida  
Da praia um após outro se enviavam,  
Qual ave dos reclusos attrahida.
40. Sobre as turbidas aguas navegavam ;  
E pojado não tinham no outro lado,  
Mais turbas já no opposto se apinhavam.
41. — « Aqui, meu filho » — disse o Mestre amado —  
Concorrem quantos ha colhido a morte,  
De toda a terra, tendo a Deus irado.
42. « O rio promptos buscam d'esta sorte,  
De Deus tanto a justiça os punge e excita,  
Tornando-se o temor anelo forte !



43. « Alma innocente aqui jamais transita,  
E, se Caronte contra ti se assanha,  
Patente a causa está, que tanto o irrita. »<sup>7</sup>
44. Assim falava ; a luriã campanha  
Tremen e foi tão forte o movimento,  
Que do medo o suor ainda me banha.
45. Da terra lacrimosa rompeu vento, <sup>8</sup>  
Que um clarão respirou avermelhado,  
Tolhido então de todo o sentimento,  
Cahi, qual homem, que é do somno entrado. <sup>9</sup>









## NOTAS AO CANTO III



Chegado com Virgílio á porta do Inferno, Dante lê uma inscrição insculpada no alto e entra. No vestibulo do reino das trevas, vê as almas d'aquelles que, indifferentes ao bem e ao mal, ficaram neutros entre os partidos e perigos e foram por isso excluidos do ceu e repellidos pelo Inferno. Encaminha-se á margem do Acheronte, onde lhe fala o barqueiro Caronte, e encontra as almas, que são transportadas por elle. Salteado de violentas impressões, cae e adormece.

<sup>1</sup> As Tres Pessoas da Santissima Trindade: *Padre, Filho e Espirito Santo.*

<sup>2</sup> Virgílio, *En.*, C. VI v. 261:

*Nunc animis opus, Aeneas, nunc pectore firmo.*

<sup>3</sup> Virgílio, *En.*, C. VI:

*Continuo auditæ voce, vagitus et ingens,  
Infantumque animæ flentes in limine primo,  
Quos dulcis vitæ exsortis et ab ubere raptos  
Abstulit atra dies, et funere mersit acerbo.*

Traducção de J. F. Barreto:

Logo se ouviram vozes e gran pranto,  
E na primeira entrada de repente  
As almas dos meninos, que chorando  
Seu fato estavam triste e miserando;  
Aos quaes sem ter gostado a doce vida  
Cruel, inexoravel homicida  
E o transe fez passar amargo e forte.

<sup>4</sup> A opinião mais seguida é que o Poeta allude a Frei Pietro de Morone, natural da Apulia, religioso da ordem benedictina e fundador, em 1244, da dos Celestinos, cuja regra era com pouca differença a de S. Bento. Vivia na maior austeridade da vida monastica, quando foi elevado ao solio pontifical, tomando então o nome de Celestino V. Poucos mezes depois, a convicção da sua inexperiencia e incapacidade para governar e as suggestões de máus conselheiros



levaram-o a renunciar a thiara em 1294. Voltara ao retiro, aos cilícios e maceiras: mas o seu successor, Bonifacio VIII, sem motivo justificavel, mandou encarcerar-o no castello de Fumone. Dois annos depois, estava sepultado. Canonizou-o em 1313 o Papa Clemente V.

Diz Boccacio acerca de Clemente V:

« Era homem simples e de vida santa, e recolhera-se como ermitão nas montanhas de Morone, nos Abruzzos. Elegeram-o Papa em Perugia, depois do fallecimento do Papa Nicolau de Ascole. Chama-se Pedro e tomou o nome de Celestino V. O cardeal Messer Benedetto Gaetano que, dotado de astucia e animo resolutivo, aspirava o pontificado, começou desde logo a insinuar-lhe no espirito que o exercicio do seu eminente cargo damnaria a salvação da sua alma, suggestões que ainda mais força deram á consciencia que tinha de sua incapacidade. Ha quem affirme que o cardeal peitara criados particulares do Papa, incumbindo-os de levantar vozes perto de sua camara, como se foram de anjos descidos do céu, que diziam: — Resigna, Celestino! Resigna, Celestino! — Movido por tudo isto e tendo enfraquecidas as faculdades da alma, Celestino tomou conselho com Messer Benedetto sobre o melhor modo de renunciar a thiara».

Os que desejaram afastar da memoria de Celestino V o estigma que Dante imprimiu-lhe neste canto da *Divina Comedia*, quizeram applical-o uns a Diocleciano, que abdicou a magestade de Imperador romano; outros a Esaú, que vendeu a seu irmão Jacob a primogenitura por um prato de lentilhas. Lamber-tini apresentou razões assáz plausiveis para firmar a opinião — que Dante referiu-se a um seu concidadão e contemporaneo, Torregiano dei Cerchi, que recusou governar os Florentinos.

5 Virgílio, c. VI :

*Portitor has horrendas aquas et flumina serat  
Terribili squalore Charon, cui plurima mento  
Canities inculta jacet; stant lumina flamma  
Sordidus ex humeris nodo dependet amictus.  
Ipse ratem conto subjit velisque ministrat  
Et ferruginea subvectat corpora cymba.  
Jam senior; sed cruda Deo viridisque senectus.  
Huc omnis turba ad ripa effusa ruebat  
Matres atque viri, defunctaque corpora vita  
Magnanimùm heroum, pueri inuptaque puella  
Impositi rogis juvenes ante ora parentum.*

Traducção de J. Franco Barreto :

O mui tremendo  
Charonte é d'estas aguas navegante  
E a guarda d'estes rios vigilante.  
Charonte a cujo pardo peito inunda  
A espessa barba nunca penteada :  
Nos olhos fogo tem e a roupa immunda  
Dos hombros nús lhe pende mal atada.  
E elle c'o a vara e velas injucunda  
Barca rege e na cymba enfarruscada  
Os corpos passa : velho por extremo.  
Mas um Deus verde e forte para o remo.  
Aqui para estas praias concorriam  
Mulheres e varões continuamente  
E em multidão confusa : e se cobriam  
De misera, fatal e exangue gente.



Corpos de heróes magnanimos se viam,  
Meninos e donzellas juntamente.  
Muitos mancebos fervidos e ousados.  
A vista de seus paes ao fogo dados.

Accrescenta o poeta latino :

*Ergo iter inceptum peragunt, fluvioque propinquant.  
Navitus quos jam inde ubi Stygia prospexit ab unda  
Per tacitum nemus ire, paucumque advertere ripae  
Sic prior adgreditur dictis, atque increpat ultro :  
Quisquis es, armatus quis nostra ad flumina tendis  
Fare age, quid venias : jam instinc et comprime gressum.  
Umbrarum hic locus est, Somni Noctisque sopore ;  
Corpora viva nefas Stygia vectare carina.*

Tradução de J. Franco Barreto :

Tanto que o sordido barqueiro  
Pelo callado bosque accommettendo  
O negro lago estygio, assim primeiro  
Lhes diz, sua ousadia repreendendo :  
Qualquer que és tu, que armado e que guerreiro  
Aos nossos tristes rios vens descendo  
Dize logo ao que vens, ó caminhante ;  
Retira-te e não passes mais avante !  
Este logar das sombras é sómente  
E á Noite escura e Somno concedido ;  
E sempre a todo o corpo foi vivente  
Passar na barca estygia defendido.

<sup>6</sup> Virgílio, c. VI :

*Quam multa in silvis autumni, figore primo  
Lapsa cadunt folia, unda ad terra gurgite ab vasto  
Quam multa glomerantur aves, ubi frigidus amnis  
Transpontum fugat, et terris immittit apricis  
Stabant orantes primi transmittere cursum  
Tendebantque manus ripae ulterioris amore.  
Navita sed tristis nunc hos, nunc adciptit illos,  
At alios longe submotos arcet arena.*

Tradução de J. Franco Barreto :

Quantas nos bosques ao primeiro frio  
Do outomno folhas caem, ou quantas aves  
Voam do mar á terra, quando o frio  
Anno as lança á outras terras mais suaves,  
Tantos no porto orando estão sombrio,  
Gemendo tristes e voando graves,  
Que primeiros os passe da outra banda  
E qualquer com desejos o demanda.  
Mas o barqueiro triste e carrancudo  
Ora estes, ora aquelles recebia;  
Com outros, porém, mais severo e rudo  
Até chegar alli lhes defendia.



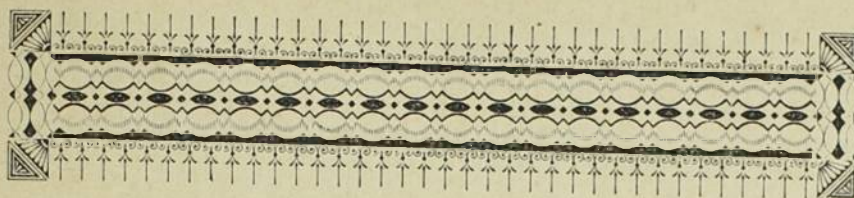
<sup>7</sup> As razões allegadas por Caroute para negar ingresso a Dante foram — que ainda vivia e que em barca mais leve devia transitar. Virgilio pondera que o verdadeiro motivo do procedimento do barqueiro era saber que o Poeta commettia a passagem por arrependimento dos seus peccados e por querer possuir-se de saudavel temor ao conspecto das penas eternas, sentimentos que muito desagradavam a Caroute, como a todos os outros demouios.

<sup>8</sup> Vogava no tempo de Dante a opinião de serem os terremotos occasionados pela compressão do ar encerrado nas entranhas da terra.

<sup>9</sup> Dante adormece n'este adito do Inferno antes de entrar no Limbo, como adormece antes de ser arrebatado até a entrada do Purgatorio (*Purg.* IX, 11), e quando tem de passar ao Paraíso (*Purg.* XXXII, 62). O somno explica-se d'este modo: a transição para esses logares não se effectua realmente senão por força divina, e mentalmente pela meditação.







## CANTO IV



1. **D**'ESSE profundo somno fui tirado  
Por horrído estampido, estremecendo  
Como quem é por força despertado.
2. Ergui-me, e, os olhos, quietos já volvendo,  
Perscruto por saber onde me achava,  
E a tudo no logar sinistro attendo.
3. A verdade é que então na borda estava  
Do valle d'esse abysmo doloroso,  
D'onde brado de infindos ais troava.
4. Tão escuro, profundo e nebuloso  
Era, que a vista lhe inquirindo o fundo,  
Não distinguia no antro temeroso.
5. « Eia! Baixemos, pois, da treva ao mundo! »  
O Poeta então disse-me enfiando—  
« Eu descerei primeiro, tu segundo ».
6. Tornei-lhe, a pallidez sua notando:  
« Como hei-de ir, se és de espanto dominado,  
Quando conforto estou de ti sperando? »—
7. Dos que lá são o augustioso estado  
Causa a que vês no rosto meu impressa,  
Piedade, medo não, como has cuidado.



8. « Vamos: longa a jornada exige pressa ».  
Entrou, e eu logo, o circulo primeiro \*  
Em que o abysmo a estreitar-se já começa,
9. Escutei: não mais pranto lastimeiro  
Ouvi; suspiros só, que murmuravam,  
Vibrando do ar eterno o espaço inteiro.
10. Pezares sem martyrio os motivavam  
De varões e de infantes, de mulheres  
Nas multidões, que alli se apinhoavam.
11. « Conhecer » — meu bom Mestre diz — não queres  
Quaes são os que assim vês ora soffrendo ?  
Antes de avante andar convem saberes
12. « Que não peccaram: boas obras tendo  
Acham-se aqui; faltou-lhes o baptismo,  
Portal da fé, em que és ditoso crendo.
13. « Na vida antecedendo o Christianismo,  
Devido culto a Deus nunca prestaram:  
Tambem sou dos que penam n'este abysmo.
14. « Por tal defeito—os mais não nos mancharam—  
Perdemo-nos: a pena é desesp'rança,  
Desejos, que p'ra sempre se frustraram. »
15. Ouvil-o, em dôr o coração me lança,  
Pois muitos conheci de alta valia,  
A quem do Limbo a suspensão alcança.
16. « O' Mestre! o' meu Senhor!» diz-me—inqueria,  
Para ter da certeza o firme esteio  
A' fé, que os erros todos desafia —
17. « Por seu merecimento ou pelo alheio  
D'aqui alguém ao ceu já tem subido ? »  
Da mente minha ao alvo o Mestre veio,
18. E falou-me : « Des'pouco aqui trazido,  
Descer subito vi forte guerreiro <sup>1</sup>;  
De triumphal corôa era cingido.

---

\* Primeiro circulo: castigo do peccado original.



19. Almas levou — do nosso pai primeiro <sup>2</sup>,  
Abel, Noé, Moysés, que legislára,  
Abram, na fé, na obediencia inteiro,
20. « David, que sobre o povo hébreu reinara,  
Israel com seu pae <sup>3</sup> e a prole basta,  
E Rachel, por quem tanto se afanara <sup>4</sup>.
21. « Para a gloria outros muitos mais afasta  
Do Limbo; e sabe tu que antes não fôra  
Salvo quem pertencera á humana casta ».
22. Andavamos, em quanto isto memôra,  
Sem parar, pela selva penetrando.  
Selva de almas, que augmenta de hora em hora.
23. E da entrada não longe ainda estando,  
Eis um clarão brilhante divisamos  
Das trevas o hemispherio alumando.
24. D'alli distantes ainda nos achamos  
Não tanto. que eu não discernisse em parte  
Que á séde de almas nobres caminhamos. \*
25. « O' tu, que és honra da sciencia e da arte,  
Quem são » — disse — os que, aos outros preferido  
Privilegio tamanho assim disparte ? »
26. Falou Virgilio : « — Assim são distinguidos  
Do cen, que attende á fama alta e preclara,  
Com que foram na terra engrandecidos ».
27. Eis voz escuto sonora e clara :  
« Honrai todos o altissimo poeta! <sup>5</sup>  
« A sombra sua torna, que ausentara ».
28. Quatro sombras notei, quando aquieta  
O rumor, que a nós vinham : nos semblantes  
Nem prazer, nem tristeza se interpreta.
29. E disse o Mestre, após alguns instantes:  
« Aquelle vê, que, qual monarcha ufano,  
Empunha espada <sup>6</sup> e os tres deixa distantes.

\* Mansão dos heróes gentílicos. famosos por lettras e armas.

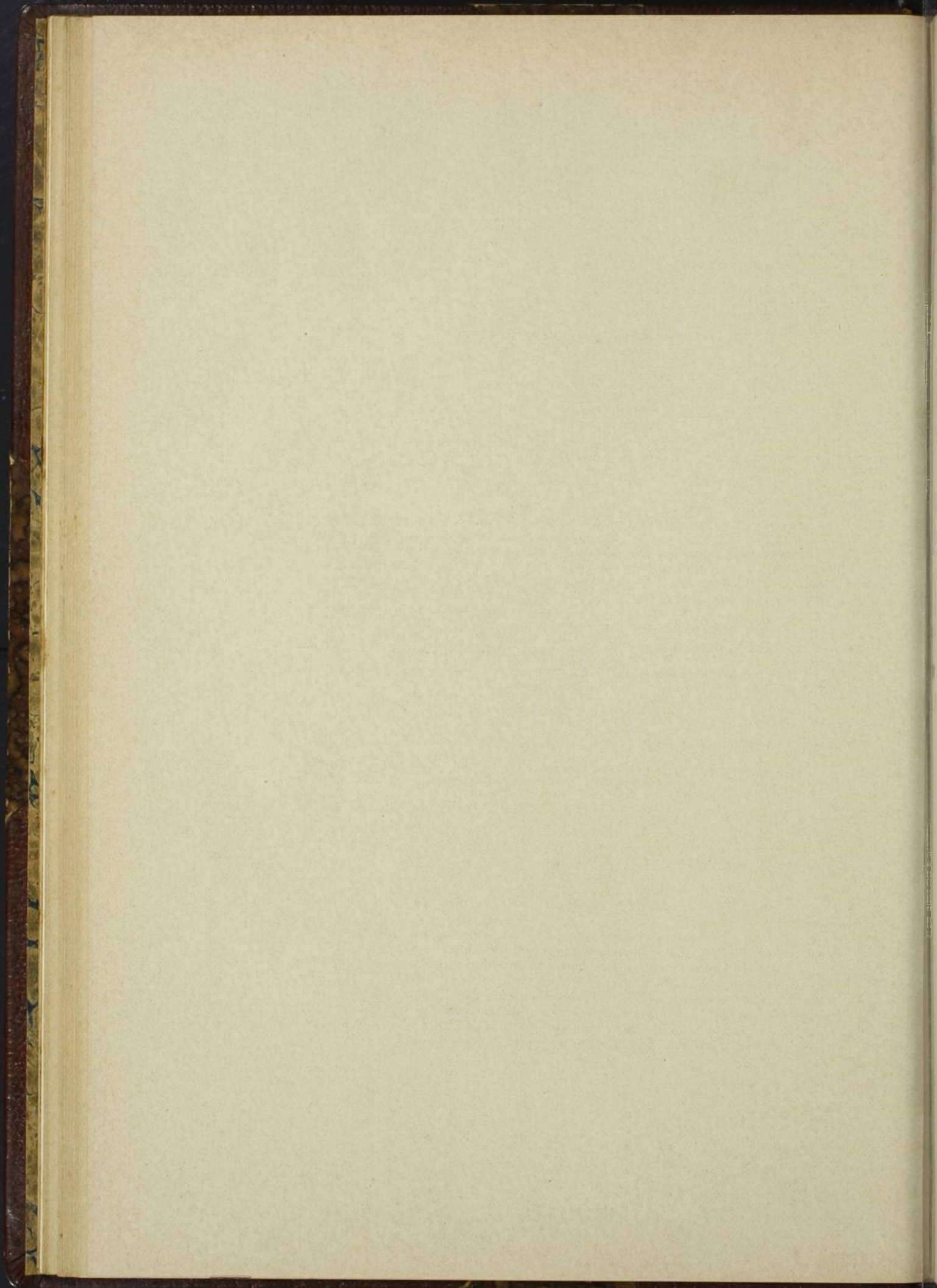


30. « E' Homero, o poe'ta soberano;  
O satyrico Horacio é o outro, e ao lado  
Ovidio, em logar ultimo, Lucano.
31. « Como lhes cabe o nome assignalado  
Que soou n'essa voz, ha pouco ouvida,  
Me honrando, honrosa acção tem praticado ».
32. A bella escola assim vi reunida  
Do Mestre egregio do sublime canto,  
Aguia em seu vôo além dos mais erguida.
33. Discursado entre si tendo algum tanto,  
A mim volveram gracioso o gesto:  
Sorriu Virgilio, d'essa mostra ao encanto.
34. Mais foi-me alto conceito manifesto,  
Quando acolher-me ao gremio seu quizeram,  
Entres elles me cabendo o logar sexto.
35. Té o clarão commigo se moveram,  
Pratica havendo, que omittir é bello,  
Sublime no logar, onde a teceram.
36. Chegamos junto a um fulgido castello <sup>7</sup>  
Sete vezes de muro alto cercado:  
Cinge-o ribeiro lindo, mas singelo.
37. Passei-o a pé enxuto; acompanhado  
Entrei por sete portas, caminhando  
De fresca relva até ameno prado.
38. Graves, pausados olhos meneiando  
Stavam sombras de aspecto magestoso,  
Com voz suave rara vez falando.
39. A um lado, sobre viso luminoso <sup>8</sup>  
Subimo-nos: de lá se devisava  
D'essas almas o bando numeroso.
40. No verde esmalte o Mestre me indicava  
Egregias sombras: inda me extasia  
O prazer com que vel-os exultava.
41. Electra <sup>9</sup> vi de heróes na companhia,  
Enéas com Heitor e guarnecido  
Griphanhos olhos Cesar nos volvia.



42. Pentesilea vi e o rosto ardido <sup>10</sup>  
De Camilla, e sentado ao rei Latino  
Junto á Lavinia estava enternecido.
43. Notei Marcia, Lucrecia e o que Tarquino <sup>11</sup>  
Lançou, Cornelia e Julia; retirado  
De todos demorava Saladino <sup>12</sup>.
44. Alçando os olhos, de respeito entrado,  
O Mestre vejo dos que mais se acimam <sup>13</sup>  
Em saber, de philosophos cercado.
45. Todos com honra e acatamento o estimam.  
Aqui Platão e Socrates estavam,  
Que na grandeza mais se lhe aproximam.
46. Demócrito, o atomista, acompanhavam  
Thales, Zeno, Heraclito e Anaxagóra,  
Empédocle, e Diogenes falavam,
47. Dioscoris, o que a natura outr'ora  
Sabio estudara, Orpheu, Tullio eloquente,  
Seneca, o douto, que a moral explora,
48. Livio, Euclides, Hippocrates ingente,  
Ptolomeu, Galleno e o Avicena;  
Averrois, nos commentos sapiente.
49. Rezenha não me é dado fazer plena  
De todos; longo o assumpto está me urgindo,  
E a ser omisso muita vez condemna.
50. A companhia então se dividindo,  
Commigo o Mestre outra vereda trilha,  
Do ar sereno ao ar, que treme, vindo:  
Chegados somos onde luz não brilha.
-







## NOTAS AO CANTO IV



Dante baixa com Virgílio ao primeiro círculo do Inferno, onde demora o Limbo. Alli, atormentadas sómente pela aspiração á felicidade sem esperança: vê as almas dos que não foram baptizados: é a mansão de Virgílio.—Vê-se com as sombras dos mais famosos poetas gentílicos, á frente dos quaes se apresenta Homero. Do recebimento honroso feito a Virgílio participa Dante. Encorporado áquella assembléa illustre, é conduzido a um recinto particular do Limbo, onde se acham reunidas as almas dos varões e damas insignes. Depois de contemplal-os, retira-se com o seu Guia.

<sup>1</sup> Descida de Jesus Christo ao Limbo depois da Resurreição.

Nota-se que nem n'esta nem em nenhum outro dos cantos d'este primeiro Cantico é mencionado o nome do Redemptor.

<sup>2</sup> O pae do genero humano: Adam.

<sup>3</sup> Israel, isto é Jacob, filho de Isaac e Rebecca.

<sup>4</sup> Jacob para obter Rachel teve de servir Labão por espaço de 14 annos o mas cabia-lhe, segundo o ajuste, de recebê-la ao fim de sete.

*Genesis*, cap. XXIX:

« Ora, Labão tinha duas filhas, das quaes a mais velha se chamava Lia, e a mais moça Rachel.

« Mas, Lia tinha os olhos remelosos, ao mesmo tempo que Rachel era formosa de rosto e gentil de presença.

« Jacob, como lhe tinha amor, disse a Labão: — Eu te servirci sete annos; por ter a Rachel, tua filha mais moça.

« Respondeu-lhe Labão: — Melhor é que eu t'a dê a ti do que a outro homem; fica commigo.

« Jacob, pois, o serviu, por causa de Rachel, sete annos: e estes lhe pareciam poucos dias pela grandeza do amor que lhe tinha.

« Depois, disse Jacob a Labão: — Dá-me miuha mulher, pois que já o tempo está completo para eu entrar a ella.

« Então fez Labão as bodas, tendo convidado para o banquete os seus amigos, que eram em grande numero: e á noite introduziu a Lia sua filha na camara de Jacob, dando á filha uma escrava chamada Zelfa. Jacob tendo entrado segundo o costume a que Labão lhe dera, viu pelo manhã que era Lia.



« E disse a Labão, seu sogro: — Que é isto que tu me quizesste fazer? Por ventura não te servi eu por amor de Rachel? Porque razão me enganaste?

« Labão respondeu — No nosso lugar não é casarem-se as mais moças primeiro que as mais velhas. Acaba a semana das bodas com esta, e depois dar-te-hei também ess'outra, pelo trabalho de outros sete annos, que ainda me servirás.

« Accommodou-se Jacob ao que elle queria, e passada a semana, casou com Rachel, á qual tinha dado seu pae uma escrava chamada Bala.

« E Jacob, tendo alcançado por esposa a que desejava, a preferiu á mais velha no amor, que lhe tinha, e continuou a servir a Labão outros sete annos».

Petrarca, *Trionfo d'Amore*, cap. III:

*Volgi in quà gli occhi al gran padre schernito  
Che non si pente, e d'aver non gl'incresce  
Sette e sette anni per Rachel servito.*

<sup>5</sup> Virgilio, que, a instancias de Beatriz (C. II) se ausentara do Limbo para acudir a Dante.

<sup>6</sup> A espada symbolisa a epopéa guerreira, de que Homero foi cantor.

<sup>7</sup> Este é o castello da sciencia humana, cercado de sete muralhas escolasticas: o Trivium — Logica, Grammatica e Rhetorica; e o Quadrivium — Arithmetica, Astronomia, Geometria e Musica. O rio é a Eloquencia, bem pouco profunda disciplina, pois se passa a pé enxuto de um para o outro lado.

<sup>8</sup> Virgilio, *En.*, VI:

*Et tumulum capit, unde omnis longo ordine possit  
Adversos legere et venientem discere vultus.*

Tradução de J. Franco Barreto:

Um alto occupa, d'onde ver podia  
E conhecer melhor todo o semblante  
Dos que por ordem longa caminhando  
Vinhão p'ra elle o Lethes demandando.

<sup>9</sup> De Electra, filha de Atlante, nasceu Dardano, o fundador de Troya: seu pai foi Jupiter.

<sup>10</sup> Camilla foi mencionada no C. I. — Peutesilea, Rainha das Amazonas, morta por Achilles. — Latino, pae de Lavinia, segunda esposa de Eneas.

<sup>11</sup> Marcia, mulher de Catão de Utica. Ao nome e á vida d'esta matrona romana vinculam-se tão curiosas circumstancias, por sua intima relação com a vida e o character de Catão, que não parecerá superfluo o que se offerece n'esta nota á attenção do leitor:

*Interea, Phæbo gelidas pellente tenebras,  
Pulsata sonuere fores: quas sancta relicto  
Hortensi mærens irrupit Marcia busto;  
Quondam virgo toris melioris juncta mari'i;  
Mox ubi connubii pretium, mercesque soluta est  
Tertia jam soboles, alios fecunda penales  
Impletura datur, geminas et sanguine matris  
Permixtura domas. Sed postquam condidit urna  
Supremos cineres, miserando concinta vultu,  
Effusa laniata comas, concussa pectus*



*Verberibus crebis, cineremque ingesta sepulchri,  
Non aliter placitura viro, sic mæsta profatur:  
— « Dum sanguis inerat, dum vis materna, peregi  
Jussa, Cato, et geminos excepi feta maritos.  
Visceribus lassis, partuque exhausta, revertor  
Jam nulli tradenda viro; da fœdera prisca  
Illibata tori; da tantum nomen inane  
Cornubii; liceat tumulo scripsisse, Catonis  
Marcia; nec dubium longo quærat in ævo  
Mutarim primas expulsa, an traditas tædas.  
Non me lætorum comitem, rebusque secundis  
Accipis; in curas venio, partemque laborum.  
Da mihi castra sequi; cum tuta in pace relinquer,  
Et sit civili propior Cornelia bello? » —  
« Hæc flexere virum voces; et tempora quanquam  
Sunt aliena tuis, jam fato in bella vocante  
Fœdera sola tamen, vanaque carentia pompæ  
Jura placent, sacrisque Deos admittere testes . . .  
Pignora nulla domus, nulli coiere propinqui.  
Junguntur taciti contentique auspice Bruto. » —*

(LUCANO, *Pharsalia*, C. II).

No *Convitto*, trat. IV, c. 28, Dante interpreta o admiravel trecho acima transcripto ao poeta latino, do seguinte modo :

« O grande poeta Lucano, no segundo da sua *Pharsalia*, disse que Marcia tornou-se a Catão, rogou-lhe e supplicou-lhe que a recebesse na idade quarta. Por Marcia se entende a nobre alma ; podemos tiral-a pelo natural com estes traços : Marcia foi virgem, estado que significa a adolescencia: depois recebeu-se com Catão, estado que significa a juventude: separou-se de Catão e casou-se com Hortencio, o que significa que finou-se a juventude e começou a velhice : teve do segundo consorcio outros filhos, o que significa a virtude, que convem á terceira idade : a morte de Hortencio significa o termo da velhice : enviuvando (o que significa a decrepitude), Marcia, logo do principio da viuvez, tornou-se a Catão, o que significa que a nobre alma ao começo da decrepitude voltou-se para Deus. E que mortal foi mais digno de significar Deus do que Catão ? \* Ninguém. E o que disse Marcia a Catão ? Enquanto em mim houve sangue, enquanto em mim houve maternal virtude, eu executei e cumpri todos os teus mandamentos. Disse mais : e tive dois maridos, isto é, em duas idades fui fructifera. Agora, quando o meu ventre está cansado, quando estou alquebrada pelos partos, volto para a tua companhia, não estando mais apta para outro esposo. Isto quer dizer que aquella nobre alma, conhecendo que mais não pôde dar fructos, que os seus membros já desfalleceram, volta-se para Deus, isto é, para aquelle que não ha mister membros corpóreos. E disse tambem: dá-me o pacto dos primitivos leitos, dá-me sómente o nome do consorcio. E como se a nobre alma dissesse a Deus: dá-me, Senhor, de ora avante paz e socego; permite ao menos que nesta vida terreal eu me chame tua. E disse ainda: por dois motivos te supplico que depois se diga que eu morri sendo esposa de Catão; e que se reconheça que não me lançaste da tua presença e de bom grado me recebeste por consorte. Assim aquella nobre alma quiz partir-se d'esta vida como esposa de Deus, quiz mostrar que fôra grata a Deus a sua criação ».

\* Já Seneca, no proemio das suas *Controversias* dissera : — . . . *tandem antistitem sanctionem invenire sibi Divinitas potuit, quam Catonem, per quem humano generi non præciperet, sed convitium faceret ?*



Plutarcho, *Vida de Catão o Menor*, diz:

«Catão, depois de ter repudiado Atilia de quem tivera dois filhos e que lançou de sua casa por causa de sua immoralidade, casou-se com Marcia, filha de Philippe, que passou por honrada e de quem muito se tem falado. Mas esta parte da vida de Catão é o ponto problematico e duvidoso como em um drama. Narra-o como se passou Traseas, que o ouvira de Munacio, amigo intimo de Catão. Entre os amigos e admiradores de Catão distinguia-se Quinto Hortencio, varão de bons costumes e honrosamente conceituado. Hortencio, que desejava ser, além de amigo e assíduo companheiro de Catão, vinculado por aliança e parentesco, deliberou pedir-lhe sua filha Porcia, casada com Bibulo, de quem já tinha dois filhos. Parecia a Hortencio um bom terreno, que lhe produziria optimos fructos: entendia que a sua proposta, por muito singular que alguém a julgasse, era aconselhada pela natureza e por acertada politica; pois que uma mulher na flôr e viço da idade não deve ficar improductiva, nem ter mais filhos do que ha mister o paiz. Entregando-se successivamente a homens de bem, dizia ainda Hortencio, ella propaga a virtude nas familias, fundindo-se d'esta arte uma cidade em uma só corporação; e quando Bibulo de todo em todo não queira renunciar sua mulher, consinta que elle Hortencio a faça mãe uma vez, e portanto elle, por essa communidade de filhos, mais estreitamente se uniria a Bibulo e a Catão. Tornou-lhe Catão que, comquanto muito prese a Hortencio, não acha admissivel que elle queira casar-se com sua filha, já casada com outro. Então, mudando de linguagem, Hortencio, não hesitou em pedir francamente a Catão sua mulher Marcia, ainda bastante moça para ter filhos, allegando que o seu amigo tem já sufficientes filhos. Ninguém imagine que esta proposta tivera por motivo a supposição de não ter Catão mais amor a Marcia: pois contava que ella estava grávida. Catão cedeu, vencido pelo desejo e paixão de Hortencio sob a condição de preceder consentimento de Philippe, seu sogro. Philippe, declarando que se não oppunha, uma vez que Catão ratifique o casamento com a sua presença». (Cap. 25).

Catão teve de acompanhar Pompeu, que fugia de Roma. — «Como, — continúa Plutarcho (cap. 52) sua casa e suas filhas precisavam de uma pessoa desvelada, recebeu de novo a Marcia, que enuviara, herdando bens de grande monta por testamento de Hortencio. Por esse procedimento, Cesar accusou-o (no Anti-Catão) de ter traficado com o seu casamento. — «Porque ceder — disse elle — sua mulher, se precisava d'ella? Se não precisava, porque a recebeu segunda vez? Fez da mulher isca para engodar Hortencio: emprestou-lh'a moça, foi-lhe restituída rica. Talvez Catão não procedesse bem sob outro aspecto: mas não é ponto resolvido. Feito o segundo casamento com Marcia a quem entregou sua casa e filhas, Catão partiu após Pompeu».

<sup>12</sup> Saladino (Malek-an-Nasr Salah-Eddin) nasceu no Kurdistan (Alta Asia), militou desde a adolescencia e foi servir no Egipto, a cujo soldão succedeu, dando fim ao kalifado d'esse paiz e apoderando-se da Syria e Mesopotamia. Muitos annos viveu em guerra com os christãos, que haviam constituido o reino de Jerusalem, o qual foi destruido, depois de varias batalhas em que Saladino triumphou, acontecimentos, que occasionaram a 3.<sup>a</sup> cruzada em que teve darte Ricardo-Coração-de-Leão, Rei da Inglaterra. Falleceu em 1193, deixando de si gloriosa memoria como conquistador, guerreiro e soberano.

<sup>13</sup> Aristoteles.







## CANTO V



1. **D**ESCI d'esta arte ao circulo segundo. \*  
Que o espaço menos largo comprehendia. <sup>1</sup>  
Onde o pungir da dôr é mais profundo.
2. Lá stava Minos <sup>2</sup> e feroz rangia :  
Examinava as culpas desde a entrada.  
Dava a sentença como ilhaes cingia.
3. Ante elle quando uma alma desditada  
Vem, seus crimes confessa-lhe em chegando.  
Com pericia em peccados consumada.
4. Logar no inferno, Minos, lhe adaptando,  
Do abysmo o circ'lo arbitra, a que pertença,  
Pelas voltas da cauda graduando.
5. Sempre muitas se lhe acham na presença ;  
Cada qual tem sua vez de ser julgada.  
Diz, ouve, cai, se some sem detença.
6. Minos, logo me vendo, iroso brada,  
Do grave officio no acto sobrestando :  
— « O' tu, que vens das dôres á morada;
7. « Olha como entras e em quem stás fiando :  
Não te engane do entrar tanta largueza ! » <sup>3</sup>  
— « Porque falar » — meu guia diz — gritando ?

(\*) Segundo Circulo



8. « Vedar não tentes a fatal empresa:  
Assim se quer lá onde o que se ordena  
Se cumpre. Assaz te seja esta certeza ! »
9. Eis já começo da infernal gehenna  
A ouvir os lamentos : sou chegado  
Onde intenso carpir me aviva a pena.
10. Em logar de luz mudo tenho entrado :  
Mugia, como faz mar combatido  
Dos ventos pelo impeto encontrado.
11. Da tormenta o furor, nunca abatido,  
Perpetuamente as almas torce, agita,  
Molesta, em seus embates recrescido.
12. Quando á borda do abysmo as precipita,  
Ais, soluços, lamentos vão rompendo.  
Blasphema a Deus a multidão maldicta.
13. Ouvi que estão no padecer horrendo  
Os que aos vícios da carne se entregavam,  
Razão aos appetites submettendo.
14. Quaes estorninhos, que a voar se travam<sup>4</sup>  
Em densos bandos na estação já fria,  
Em rodopio as almas volteavam,
15. Ao capricho do vento, que as trazia.  
De pausa não, de menos dôr a esp'rança  
Conforto lles não dá n'essa agonia.
16. Como nos ares longa série avança  
De grous, que vão cantando o seu grasnido,  
Assim no gemer seu, que não descança,
17. Traz o tufão as sombras desabrido.  
— « Mestre » — disse eu — « quaes almas são aquellas  
Que o vendaval fustiga denegrido ? »
18. — « A primeira » — tornou Virgilio — « entre ellas  
De quem noticias ter desejarias,  
Regeu nações, diversas nas loquelas.
19. « De luxuria fez tantas demasias  
Que em lei dispoz ser licito e agradavel  
Para desculpa ás torpes phantasias.



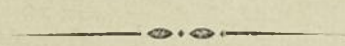
20. «Semiramis chamou-se : o throno estavel  
Herdou de Nino e foi a sua esposa  
Do Soldão teve a terra memoravel.
21. «A morte deu-se a outra, de amorosa,  
Às cinzas de Sicheu traidora e infida <sup>5</sup> ;  
Cleopatra após vem luxuriosa. »
22. Helena vi, a causa fementida  
De tanto mal, e Achilles celebrado  
Que teve por amor a extrema lida. <sup>6</sup>
23. Páris, Tristão <sup>7</sup> e um bando assignalado  
De sombras me indicou, nomes dizendo,  
Que á sepultura amor tinha arrojado.
24. A compaixão me estava confrangendo,  
D'essas damas e antigos cavalheiros  
Nomes ouvindo e magoas conhecendo.
25. Então disse eu : — « Poeta, aos companheiros  
Dois, que alli vem falar muito desejo :  
Ao vento ser parece tão ligeiros ! » —
26. «Has de ter » — me tornou — « azado ensejo,  
Quando forem mais perto; então lhes pede. » —  
Pelo amor que os uniu: virão sem pejo. » —
27. Quando acercar-se o vento lhes concede  
A voz alcei : — « Oh ! vinde, almas afflictas,  
Falar-nos, se alta lei não vol-o impede. » —
28. Quaes pombas , que saudosa, de azas fitas  
Ao doce ninho , em vôo despedido,  
Vão pelo ar, aos desejos seus adstrictas:
29. Taes sahiram da turba, em que era Dido,  
A nós as duas sombras se inclinando,  
Tanto as moveu da voz o tom sentido !
30. —« Ente beni'no, compassivo e brando,  
Que nos vem visitar por este ar perso, \*  
Tendo nós dado o sangue ao mundo infando,

\* Dante no *Convito*, trat. IV. cap. 20, explica assim a *côr persa* : « Assim como o *perso* descende do negro, assim a virtude descende da nobreza. A *côr persa* é mixta de purpurea e negra, predominando, porém, a negra ».

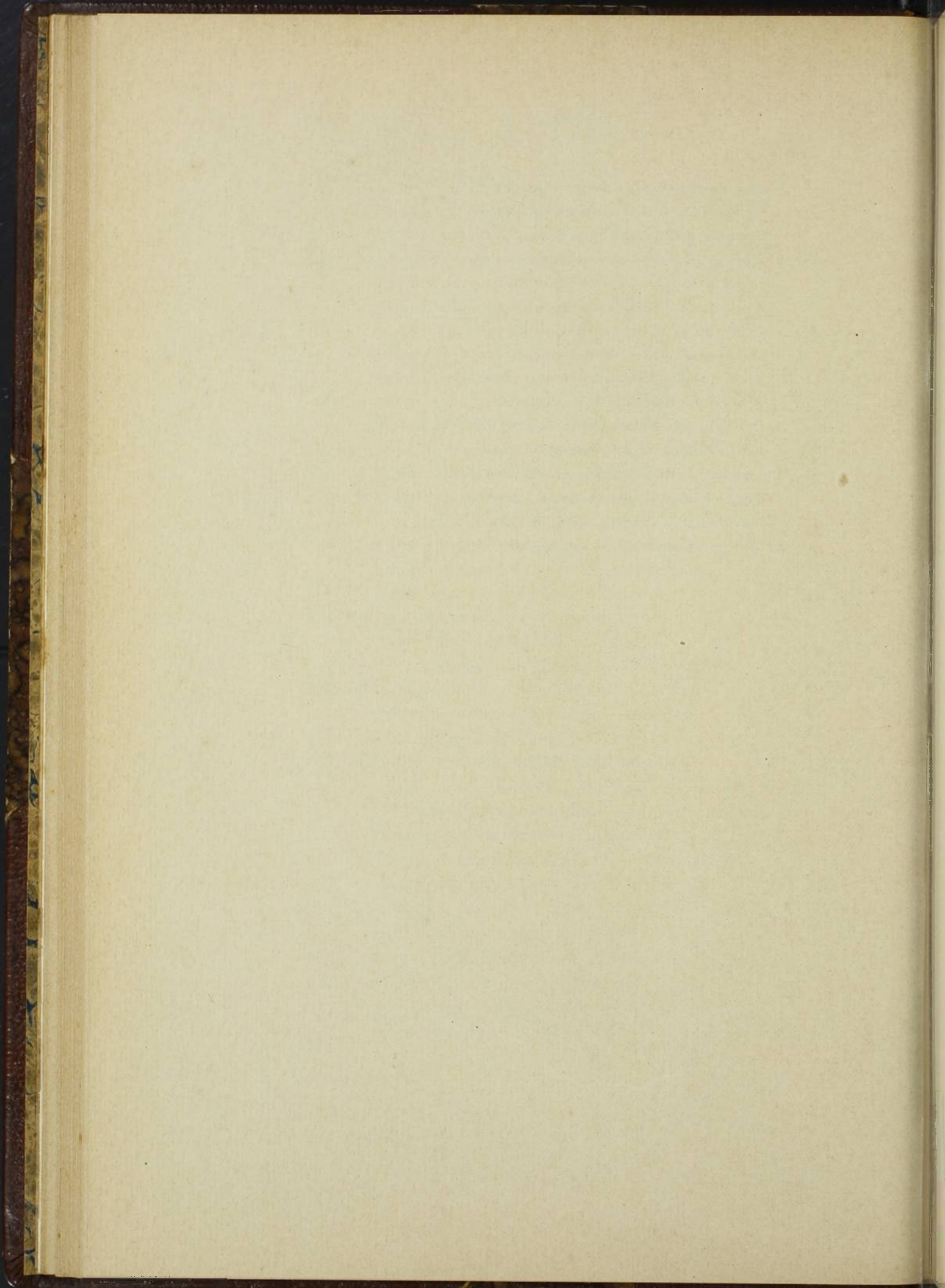


31. « Se amigo o Senhor fosse do universo,  
Da paz, aos rogos nossos, gozarias,  
Pois te enternece o nosso mal perverso.
32. « Enquanto o vento é quêdo, o que dirias  
Havemos nós de ouvir attentamente ;  
Diremos quanto ouvir desejarias :
33. « Onde, a paz desejando, o Pado ingente <sup>8</sup>  
Com seus vassallos para o mar descende,  
A terra, em que hei nascido, está jacente.
34. « Amor, que os corações subito prende,  
Este inflammou por minha formosura,  
Que roubaram-me : o modo inda me offende.
35. « Amor, em paga exige igual ternura,  
Tomou por elle em tal prazer meu peito.  
Que, bem o vês, eterno me perdura.
36. « Amor nos igualou da morte o effeito :  
A quem nol-a causou, Caina, esperas ». <sup>9</sup>  
Após taes vozes foi silencio feito.
37. D'aquellas almas as angustias féras  
Em meditar amargo a fronte inclino  
Té que o Mestre exclamou: « Que consideras ? »
38. Quando pude, falei: « Cruel destino !  
Que doce cogitar ! Que meigo encanto,  
Precederam do par o fim maligno ! » —
39. Aos dois voltei-me e disse-lhes, entanto :  
« Teus martyrios, Francesca <sup>10</sup>, me angustiam,  
Movem-me o triste, compassivo pranto.
40. « Quando os doces sūspiros só se ouviam,  
Como, em que Amor mostrar-vos ha querido  
Os desejos, que ainda se escondiam ? » —
41. — « Não ha » — disse — « tormento mais dorido  
Que recordar o tempo venturoso  
Na desgraça. Teu Mestre o tem sentido. <sup>11</sup>
42. « Mas porque de saber és desejoso  
Como nasceu a flor do nosso affecto,  
Direi chorando o lance lastimoso.



43. « Por passatempo eu lia e o meu dilecto  
De Lanceloto extremos namorados;  
Éramos sós, de corações quieto.
44. « Nossos olhos, por vezes encontrados,  
Cessam de ler; ao gesto a côr mudara.  
Um ponto só deu causa aos nossos fados.
45. « Ao lermos que nos labios osculara  
O desejado riso o heroico amante,  
Este, que mais de mim se não separa,
46. « A boca me beijou todo tremante,  
De Galeotto <sup>12</sup> fez o auctor e o escripto.  
Em ler não fomos n'esse dia avante ». <sup>13</sup>
47. Em quanto a historia triste um tinha dito,  
Tanto carpia o outro, que eu, absorto  
Em piedade, senti lethal conflicto,  
E tombei, como tomba corpo morto. <sup>14</sup>
- 







## NOTAS AO CANTO V



A' entrada do circulo segundo está Minos, que julga as almas dos peccadores. Dante e Virgilio penetram no logar tenebroso, onde são atormentados os voluptuosos por eterna tormenta. Episodio de Francesca. Interrogado por Daute, conta-lhe a sua historia. O Poeta é tão intensamente impressionado, que cai como morto.

<sup>1</sup> O circulo segundo abrangia menos espaço que o primeiro : pois os circulos, por ser conica a conformação do Inferno, iam-se estreitando á proporção que baixavam.

<sup>2</sup> Minos, Rei de Creta, tão celebrado por sua justiça, que foi denominado o predilecto dos deuses. Depois da sua morte foi incumbido do cargo de julgar no reino infernal. O poeta o representa com extensa cauda, como na Meia Idade eram figurados os demonios.

Na realidade, o character de Minos não fôra na terra, segundo referiam os antigos, o de Rei sómente justiceiro ; os factos que lhe foram attribuidos mostram-o dominado por sentimentos, que frisam com ferocidade e crueza de verdugo. Foi por isso que a mythologia grega conferiu-lhe as attribuições de juiz no inferno : e por sem duvida assim o considerou Daute, quando lhe dá igual officio no circulo segundo. O poeta o representa, não como o julgador, que condemna serena e tranquillamente, senão como temeroso demonio, que range horriavelmente os dentes e designa raivoso a gravidade das penas segundo a graduação dos peccados.

Na *Eneida*, C. VI, V. 431 :

*Nec vero hæc sine sorte datæ sine judice, sedes  
Quæsitæ Minos urnam movet : ille silentium  
Conciliumque vocat, vi'asque et crimina dixit.*

Tradução de J. Franco Barreto ; est. 94 e 95 :

Mas não se dão sem morte estes assentos  
Sem seu juiz e sem merecimentos.  
O gran Minos aqui é o que examina.



A urna move e as mudas almas chama  
A juízo ; elle julga e determina.  
Suas culpas inquire, vida e fama.

Dizia-se que esse legislador dos Cretenses era filho de Jupiter e Europa, tendo ido da Asia para Creta. Pasiphæ, a mãe do Minotauro, foi esposa de Minos: antes do monstro, meio homem, meio touro, tivera alguns filhos, um dos quaes, Androgeu, foi morto por mancebos de Athenas e Megara, invejosos da gloria que alcançara nas Panathenes, grandes festas athenienses, que se solemnizavam em honra de Minerva, instituidas por Erichtonio em 1495 antes de J. C. para vingar-se, Minos veio sobre as duas cidades com todo o seu poder, venceu-as e obrigou-as a pagar annualmente o tributo de sete donzellas e sete mancebos, que eram dados em pasto á voracidade do Minotauro no Labyrintho. Theseu remiu sua patria d'aquella ignominia, indo á Creta com os adolescentes sorteados e matando o monstro.

Plutarcho, *Vida de Theseu*, disse :

« Mensageiros de Creta chegaram á Athenas para exigir o pagamento do tributo. Minos tendo-lhe contado que Androgeu, o mais novo dos seus quatro filhos, fôra traçoicamente assassinado na Attica, declarou guerra aos povos d'essa região, os quaes, além dos males provenientes das hostilidades, tiveram de padecer outras calamidades enviadas pelo ceu, como peste e secca, que esterilizou a terra e seccou os rios. Consultado o oraculo, declarou que taes flagellos cessariam e se applicaria a colera divina, se formal satisfação fosse dada a Minos. Então partiram para Creta arautos cujas supplicas tiveram por effeito a paz sob a condição de pagar Athenas, por espaço de nove annos, o tributo annual de sete rapazes e sete donzellas. N'este ponto concordam varios historiadores. O fim mais tragico d'esses adolescentes era serem devorados pelo Minotauro no Labyrintho, ou alli encerrados, perderem a vida, por se lhe não-deparar sahida.

« O historiador Phylocharo refere que os Cretenses negam que assim houvesse acontecido, affirmando que o Labyrintho era simplesmente uma prisão, d'onde ninguém conseguia evadir-se. Minos instituiu jogos gymnicos em commemoração da morte de Androgeu: em premio, o vencedor recebia os meninos presos no Labyrintho. Na primeira solemnidade triumphou um dos officiaes que mais valiam com Minos, chamado Tauro, homem de condição feroz, o qual tratou aquelles moços com desmedida crueza. Aristoteles não acredita que fossem mortos por ordem de Minos; sómente eram empregados em trabalhos servis. . . Nos theatros antigos, Minos foi sempre o alvo de acerbos vituperios e invectivas como cruel e implacavel; e este juízo prevaleceu contra o dizer de Hesiodo, que o denominára o maior dos Reis, e o de Homero, que o qualificou de familiar de Jupiter. Em geral Minos era havido por legislador e Rei, tendo por ministro de suas ordens Radamantho ».

Virgilio, *Eneida*, C. VI, V. 20 e seg. :

*In foribus letum Androgei : tum pendere pænas  
Cecropidæ jussi ( miserum ! ) septena quot annis  
Corpora natourum ; stat ductis sor tibus urna  
Contra clata mari respondet Gnosia tellus.  
Hic crudelis amor tauri, suppositaque furto  
Passiphæ, mixtumque genus, prolesque biformis  
Minotaurus inest ; Veneris monumenta nefande :  
Hic labor ille domus et inextricabilis error.  
Magnum resignæ sed enim miseratus amorem  
Dedalus, ipse dolos tecti ambagesque resolvit,  
Cæca regens filo vestigia.*



Tradução de J. Franco Barreto, est. 5 a 7:

Entalhando nas portas com grande arte  
A morte de Androgeu e a longa historia  
Dos antigos Cecropidas forçados  
A dar cada filhos sete amados.  
Alli se vê a horrivel urna, d'onde  
As sortes se tiravam, debuxada,  
( Misera condição ! ) e corresponde  
A Guosia terra sobre o mar fundada.  
O amor cruel do touro não se esconde  
E aqui Pasiphæe ao furto aparelhada.  
Tambem o Minotauro está biforme,  
Memória indigna do delicto enorme.  
Aqui se vê o trabalho e o intrincado  
Error da casa; mas piedade havendo  
Dedalo da Rainha, que abrazado  
O peito em vivo fogo tinha ardendo  
Todo o engano desfêz com um delgado  
Fio, os cegos vestigios seus regendo.

<sup>3</sup> Virgilio, *En. C. VI, V. 126 e seg.*:

*... Facilis descensus Averno:  
Noctes atque dies patet astra janua Ditis.  
Sed revocare gradum, superasque evadere ad auras  
Hoc opus, hic labor est.*

Tradução de J. Franco Barreto:

Ao Averno  
Sempre descer se pôde facilmente.  
Noites e dias do profundo inferno  
A tenebrosa porta está patente;  
Porém tornar atrás, á claridade  
E' gran trabalho, é gran difficuldade.

Lê-se no Evangelho de S. Matheus, Cap. VII, V. 13:

« Larga é a porta e espaçoso o caminho, que guia para a perdição, e muitos são os que entram por ella ».

No canto I v. 60, o sol se cala; n'este verso, o logar é mudo de luz.

<sup>4</sup> Virgilio, *Eneida, C. X, V. 264 a 266*:

*Quales sub nubibus atris  
Strimonia dant signa grues, atque æthera tranant  
Cum sonitu, fugiuntque notos clamore secundo.*

Tradução de J. Franco Barreto:

Quaes debaixo das nuvens procellosas  
Os estrymonios groux com o alarido  
Dão seus signaes fugindo as furiosas  
Iras do vento Noto embravecido.



Homero na *Illiada* C. III ( Trad. de M. Odorico Mendes ):

Tal se eleva ás nuvens  
Dos grous o grasno, que em aereas turmas  
Da invernada e friagem desertores  
Contra o povo pygmeu com ruína e morte  
O oceano transvoam.

Tasso, *Jerus. Lib.*, C. XX, est. 2:

*Con quel romor con che dai traci nide  
Vanno a stormi le gru ne' giorni argenti  
E trà le nubi, à più tepide lidi  
Fuggon stridendo innanzi ai freddi venti.*

5 A Rainha Dido, que fundou Carthago, na Africa, para onde fugira depois de ter sido assassinado seu marido Sicheu por Pygmalião, seu irmão. Sua infidelidade ás cinzas do esposo por amor de Enéas foi decantada na *Eneida*, C. IV, 15 a 30:

*Si mihi non animo fixum immotuque sederet  
Ne cui me vinco vellem sociare jugali,  
Postquam primus amor deceptam morte fefellit;  
Si non pertæsum thalami tædæque fuisset;  
Huic uni forsân potui succumbere culpæ.  
Anna, salebor enim: misere post fata sichæi  
Conjugis et sparsos fraterna corde Penates  
Solutus hic inflexite sensus animumque labantem.  
Impulit. Agnosco veteris vestigia flammæ.  
Sed mihi veltellus optem prius ima dehiscat  
Vel Pater omnipotens adigat me fulmine ad umbras  
Pallentis umbras Erebi, noctemque profundam.  
Aule, Pudor, quam te violo, aut tua jura resolvo.  
Ilie meos, prius que me sibi junxit, amores  
Abstulit; ille habeat secum, servetque sepulcro —  
Sic effata sinum lacrymis implevit obortis. —*

Tradução de J. Franco Barreto, est. 4 a 7:

Se eu proposito firme não tivera  
De jamais me casar em toda a vida,  
Des'que o primeiro amor com morte fera  
Me deixou enganada e escarnecida:  
Se entastada eu já não estivera  
Do leito conjugal e aborrecida,  
Por ventura, e o amor me desculpara,  
Que a esta culpa só me sujeitara.  
Porque depois que o fim sanguinolento  
De Sicheu, te confesso, meu consorte  
E que os nossos Penates e aposento  
Manchados foram co'a fraterna morte;  
Este só me dobrou meu pensamento  
E o animo até aqui constante e forte  
Moveu, minha Anna, com tão grande excesso,  
Que os vestígios do antigo amor conheço. —



Mas antes se abra e me sepulte a terra  
 Ou com um raio o Padre omnipotente  
 Me lance ás sombras pallidas, que encerra  
 Este Erebo infernal perpetuamente,  
 Do que eu te faça ó castidade, guerra,  
 Nem tuas leis quebrante eternamente.  
 O que de meu amor gozou primeiro,  
 Esse na sepultura o guarde inteiro, —  
 Disse, ficando em lagrimas banhada.

Petrarca teve duas opiniões diferentes acerca de Dido. No *Trionfo della castità* disse:

*E veggio ad un lacciol Giunone e Dido  
 Ch'amor pio di suo sposo a morte spinse  
 Non quel d'Euca com'è'l publico grido.*

Mas na Canzone II referiu-se á ella n'estes termos :

*Da me son fatti i miei pensier diversi,  
 Tal già, qual io mi stanco  
 L'amata spada in sè stessa contorse.*

<sup>6</sup> Achilles, tendo-se enamorado de Polixena, uma das mais novas e mais formosas filhas de Priamo, Rei de Troya, pediu e obteve sua mão. Quando ia recebê-la no templo de Apollo, foi traçoeramente morto por Páris, Pyrrho, filho do heróe grego, para vingar o pae, immolou a virgem troyana sobre a sepultura de Achilles. E' de Camões esta sempre memoravel estauia :

Qual contra a linda moça Polixena,  
 Consolação extrema da mãe velha,  
 Porque a sombra de Achilles a condemnava  
 C'o o ferro duro Pyrrho se apparelha :  
 Mas ella os olhos com que o ar serena  
 (Bem como paciente e mausa ovelha)  
 Na misera mãe postos que endoudece  
 Ao duro sacrificio se offerece.

(C. III, est. 131 dos *Lusíadas*)

Sobre a incontinencia de Achilles, assim discorreu um dos commentadores da *Divina Comedia*, Volutello : — « Achilles deixou-se subjugar pela luxuria e lascivia. Primeiramente, amou Deidamia, filha de Lycomedes, de quem teve Pyrrho; depois conduzido, por ardil de Ulysses, para o cerco de Troya, apaixonou-se por Briseis, filha de Briseu, que, tendo-lhe sido tomada por Agamemnon, deu causa a ira, que o afastou por algum tempo das pelejas em que, com desvantagem os Gregos se empenhavam contra os Troyanos; e finalmente enamorado de Polyxena, quando estava prestes a esposar-a, foi morto por Páris. Por isso diz o Poeta: *Con amore al fine combatéu*».

<sup>7</sup> Páris e Tristão, cavalheiros andantes. O primeiro póde ser tambem o filho de Priamo, que por ter raptado Helena, mulher de Menelau, Rei de Lacedemonia, deu causa á guerra e destruição de Troya. — Tristão, sobrinho de Marco, Rei de Cornwallis, na Inglaterra, um dos principaes cavalheiros da corte do Rei Arthur, amou a Rainha Isotta, mulher de seu tio, que, por isso ferindo-o á falsa fé, lhe tirou a vida.

<sup>8</sup> Ravenna, que demora a tres milhas do littoral. Ampère, em sua *Voyage dantesque*, referindo-se a este terceto, escreveu: « Se fôra possivel distrahir, ainda



que por momentos, o pensamento do pathetico inimitavel do episodio de Francesca, para attender a primores de estofa somenos, seria muito para admirar a perfeição, com que Dante, por um só traço, caracteriza a natureza dos logares :

*Siède la terra, dove nata fui  
Su la marina dove'l Po discende  
Per aver pace co' seguaci sui.*

« Quem olha para um mappa reconhece quanto é topographicamente exacta a expressão *co' seguaci sui*. Em toda a parte superior do seu curso, o Pó recebe numerosos affluentes, que convergem para o seu alveo, — o Tesnio, o Adda, o Oglio, o Mincio, o Trebbia, o Bormida, o Taro, nomes tão frequentes na chronica das guerras do seculo XV e XVI e que tanto celebrizaram as armas francezas em epoca mais moderna. »

De Ravenna, patria de Francesca, diz o mesmo escriptor:

« Nas cercanias de Ravenna, vastas e desertas planicies, atmospheria sombria, luz sinistra e baça, á direita, os extensos renques da *Pineta*, á esquerda, o sol abafado por nuvens carregadas, de que se coava avermelhado clarão, annunciavam proximo o sepulchro de Dante.

« Bem fez Dante em morrer em Ravenna. Seu monumento teve a séde conveniente n'aquella tristonha cidade, jazigo do imperio romano no occidente. Quem chega á Ravenna passa ao longo de um pinhal, cuja extensão é de sete leguas: parece um immenso bosque funebre, que forma vestibulo á sepultura commum d'essas duas grandes potencias. Ante a sua memoria apenas ha espaço para outras recordações. Ha, porém, outros nomes poeticos vinculados ao da *Pineta* de Ravenna. Alli evocou lord Byron os contos phantasticos, que Dryden extrahiu de Boccacio; e ao presente, lord Byron é tambem uma figura do passado que vagueia n'aquella estancia melancolica. Atravessando-a, lembrava-me de que o bardo da desesperação correrá por essa praia lugubre, onde antes imprimiram pégalas os passos graves e vagarosos do poeta do Inferno ».

<sup>9</sup> Caina é o circulo do Inferno, onde são castigados os fraticidas, como se vê no canto XXXIII.

<sup>10</sup> Francesca Malatesta e Paolo Malatesta, seu cunhado. Essa dama dotada de peregrina formosura, filha de Guido de Polenta, senhor de Ravenna, contemporaneo de Dante, casou-se com Lanciotto ou Gianciotto Malatesta, filho do senhor de Rimini, cavalleiro esforçado e brioso, mas que por deformidade de sua pessoa, formava repugnante contraste com seu irmão Paolo, mancebo de parecer gentil e trato amabilissimo. Francesca e Paolo amavam-se já antes daquelle desigual casamento: seu reciproco affecto cresceu com o obstaculo. Encontrados um dia pelo marido em conversação criminosa, perderam a vida, feridos de um só mesmo golpe. Ella propria o diz a Dante :

*Amor condusse noi ad una morte.*

Escreveu Boccacio, no seu *Commentario da Divina Comedia*, citado pelo illustre poeta americano H. W. Longfellow, na sua fidelissima traducção para o inglez :

« Madonna Francesca foi filha de Misser Guido Senior, senhor de Ravenna e Cervia. Muitos annos vivera em renhida guerra com os Malatestas de Rimini: intervindo, afinal, certos mediadores, concertaram pazes, e accordaram que, para maior estabilidade dos ajustes se estreitassem os vinculos da amizade



pelo liame do parentesco, o qual consistiu em dar Misser Guido sua joven e formosa filha em casamento a Gianciotto, filho de Malatesta. Quando constou este pacto aos amigos de Misser Guido, disse-lhe um : « Tome tento no que vai fazer, porque, se não se houver com prudencia, o parentesco se converterá em escandalo. Conhece a índole de sua filha e quanto são altivos os seus espiritos : se ella vir Gianciotto antes da cerimonia nupcial, não haverá quem a mova a receber-o por marido. N'este presupposto, o mais acertado parece que Gianciotto não se case com ella pessoalmente, e que seu irmão se apresente em seu nome e figure como noivo ».

« Gianciotto era de animo elevado e esperava succeder a seu pae no senhorio de Rimini. Por este motivo posto fosse coxo e de presença pouco agradável, Misser Guido o preferia para genro a qualquer dos seus irmãos. Conformando-se, pois, com o alvitte offerecido por seu amigo, proveu na conformidade do conselho. No dia aprasado, Paolo, irmão de Gianciotto, foi á Ravenna com plenos poderes para se receber com Madonna Francesca. Paolo era geutil de sua pessoa, de ameno trato e cavalleiro cortez. Ao passar com outros fidalgos pela praça do palacio de Misser Guido, uma criada, que o conhecia, mostrou-o á Madonna Francesca por uma fresta da janella, dizendo: — Aquelle que alli vai, é o vosso noivo. — A pobre menina acreditou-o desde logo e deu-lhe todo o seu affecto.

« Celebrado o casamento, foi a noiva conduzida a Rimini, e sómente cahiu na conta da verdade na manhã subsequente, quando viu Gianciotto erguer-se do leito ao seu lado. A subita revelação cansou-lhe o maior desgosto, e, no entanto, o amor em que ardia por Paolo ainda mais se accendeu. Mas que esse amor fosse ao ponto de fazer se crimino o nunca ouvi dizer, salvo ao que foy escripto por Dante. E' possível que assim succedesse, se bem me pareça o que se lhe contou simples invento deduzido da possibilidade antes do que um facto, que elle soubera de sciencia propria.

« Como Paolo e Madonna Francesca viviam na mesma casa e Gianciotto se tinha ausentado para um districto visinho, cujo governo lhe fôra commettido, travou-se entre elles estreita intimidade, sem haver, porém, motivo para suspeita. Mas um criado de Gianciotto, notando o que se passava, foi ter occultamente com seu amo e os denunciou. Esta nova anojou no extremo a Gianciotto que secretamente voltou á Rimini. Ao chegar, vendo Paolo entrar na camara de Madonna Francesca, acercou-se da porta e, achando-a fechada, chamou-a para que lhe fosse falar. Dando por sua presença Paolo e Madonna Francesco, cuidou Paolo que se poderia evadir de repente pela abertura de uma parede que communicava com outro aposento. E esperando encobrir assim a sua falta no todo ou em parte, metten-se pela abertura, dizendo a Madonna Francesca que fosse abrir a porta. Não succedeu, porém, como desejava : porque a borda da capa, que tinha aos hombros prendeu-se a um prego, ao tempo que ella descerrava a porta, no presupposto deter Paolo já desaparecido : e d'esta arte ponde Gianciotto ver Paolo, que ainda se não tinha desenhencilhado. Então enviou-se ao irmão de adaga em punho para matar-o. A senhora interpoz-se aos dois : mas, como Gianciotto levantara a arma e a vibrara com toda a força do seu braço, aconteceu o que não era proposito seu : a adaga traspassou o seio de Madona Francesca, antes de alcançar a Paolo. Gianciotto, ainda mais enfurecido por aquelle accidente, arrancou a adaga do corpo de sua mulher, e arremettendo contra Paolo, matou-o. Deixando-os sem vida, retirou-se apressado e tornou-se ás suas occupações habituaes. Na manhã seguinte os cadaveres dos dois amantes foram entre lamentações geraes, encerrados na mesma sepultura ».

Diz o conde Troya — *Del veltro allegorico di Dante* :

« Poucos dias depois do rendimento de Caprona (em 1289) lamentavel caso entristeceu a Romanha. Malatesta de Verruchio, fugitivo em Pesaro, se acompanhara de seus filhos e de sua nora Francesca, que entrara no decimo



terceiro anno do seu consorcio com *Giovanni o coxo*: dois filhos tivera já, Concordia e Francesco, havendo este fallecido na infancia. Estavam entabolados ajustes de paz entre os de Rimini e os Malatestas: tinham treguas as armas, mas não Francesca, que, muitos annos havia, se enlevava amorosa no gesto de Paolo, seu gentil cunhado. Amor por fim contentou-lhe os desejos: Lanceloto do Lago os conduziu á culpa: um dos famulos denunciou-a a Giovanni. O coxo, tomando-os de sobresalto com um só golpe, os traspassou a ambos. Na mesma sepultura jazeram os dois. Ao adiante, transferidos de Pesaro, assim unidos, repousaram em Rimini, quando os Malatestas a restauraram. E já tinham corrido tres seculos, quando foram achados com as suas vestes de seda ainda inteiras. Bem dissera a dama amorosa: *Questi mai da me non fia diviso*. Giovanni, mal desfechava o golpe, fugiu pranteando: em breve a saudade da perdida esposa lhe accrescentou o prestigio da formosura.»

Na *Vita di Dante*, Cesare Balbo diz:

« No commettimento contra Arezzo e talvez no que immediatamente foi emprehendido contra Pisa, militava no exercito florentino Bernardino de Polenta, por isso conhecido de Dante. Bernardino era filho do Guido de Polenta, cidadão principal, senhor e tyranno de Ravenna, e tambem pae de Francesca, a gentil senhora que doze annos fôra dada em casamento a Giovanni, filho primogenito de Malatesta do Verruchio, poderoso senhor guelfo, vigario que fôra do Rei Carlos em Florença, e então *podestà* em Rimini. Mas Giovanni era melhor para a companhia dos homens do que para a das damas: activo e ardente em tudo quanto interessava ao seu partido e ás conveniencias da ambição, em que esperava succeder ao poder paterno: mas coxo, desazado e desalinhado, d'onde lhe provinham os appellidos de João-Coxo, Giauciotto e João derreado, não tinham predicamentos para agradar á donzella. Para aggravar-lhe os senões accrescia ter elle um irmão, chamado Paolo, mancebo, como diz Benvenuto, de bello parecer, cavalleiro, feito mais para o ocio do que para as fadigas,—o avesso, pois, do primogenito. Namoraram-se um do outro os dois cunhados, ou então, ou depois ou talvez já antes do casamento; pois narra Boccacio ter sido Paolo, o moço bonito, enviado, em logar do derreado Giovanni, fazer a côrte á inexperiente Francesca, que sómente depois de consummado o noivado deu pela troca. O certo é que Francesca era casada, havia doze annos, tivera um filho, já fallecido e uma filha, que sobrevivera, em 1289, quando, com o marido, cunhado e sogro, achava-se em Pesaro, tendo, dois annos, sido lançados de Rimini. Alli, no ocio do desterro, ou começou ou proseguiu a familiaridade intima dos dois cunhados, cujo devaneio final quiz Boccacio desculpar. Mas um dia estando encerrados, a traição de um servo entregou-os á desconfiança do marido, que, forçando a porta da camara e achando-os juntos, juntos os assassinou, a 4 de setembro de 1289. Ao diante, restaurados em Rimini os Malatestas, junto os dois corpos, foram para alli trasladados, ficando juntos na sepultura, onde juntos foram achados, com as vestes de seda ainda inteiras; e por fim juntos os cantou e immortalisou a poesia de Dante. »

<sup>11</sup> Este apophtegma lê-se em Boecio — *de consolatione philosophica* — lib. II. n'estes termos: — *In omni adversitate fortunæ, infelicissimum genus est infortunii fuisse felicem et non esse.*

O mestre é Virgilio, que tendo sido feliz na vida terreal, não o era mais, perdida a esperança de ser admittido no céu.

<sup>12</sup> Galleoto, Gallehault ou Galahad, chamava-se o medianeiro de Lance-loto, um dos cavalleiros da Tavola Redonda, e a Rainha Ginevra.



<sup>13</sup> Na traducção latina do Padre d'Aquino foi assim trasladada esta passagem :

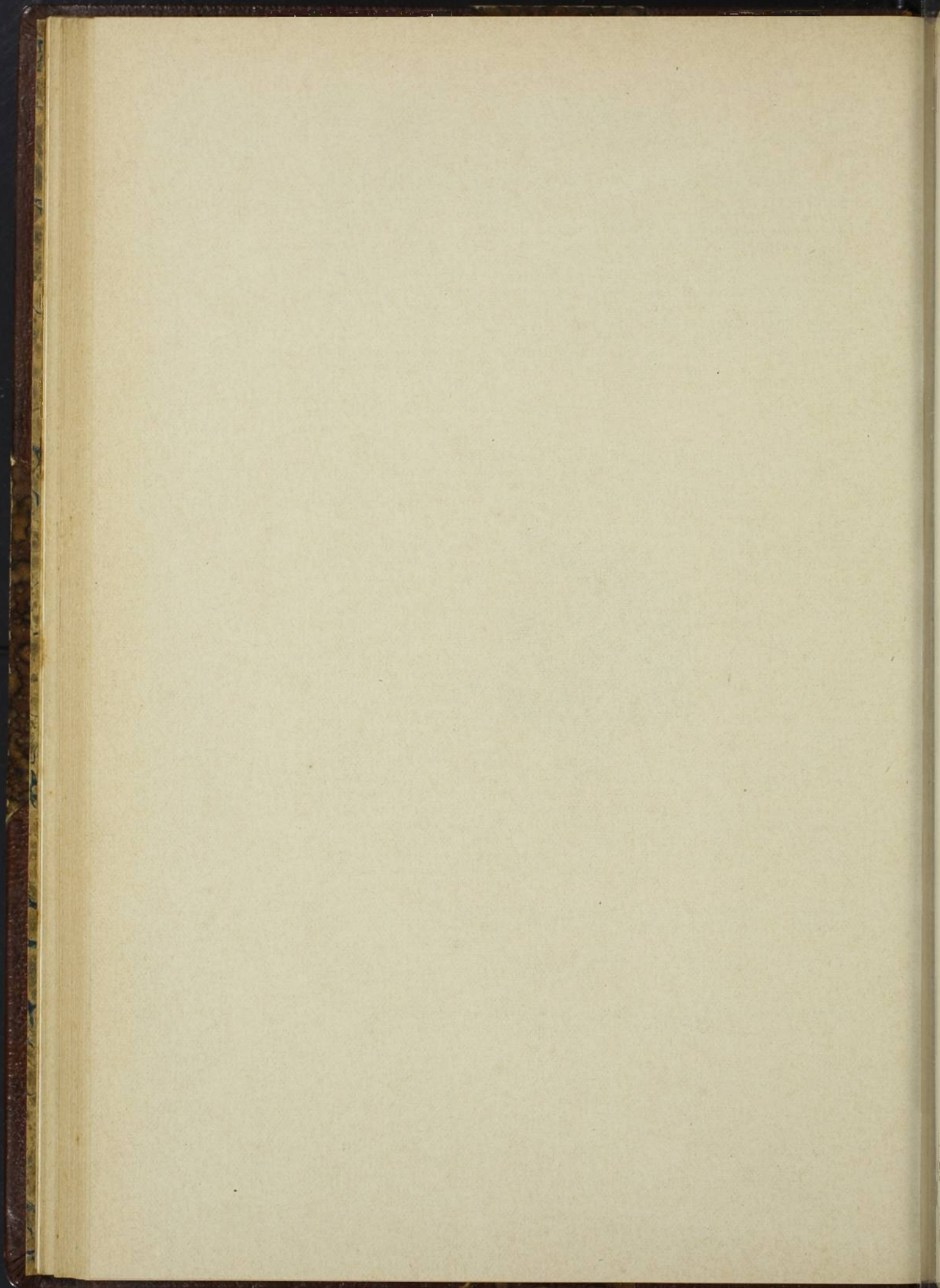
*Distulimus post hæc sotes evolvere chartas :  
Sotes ; heu miserum ! gravius nocere remotæ.*

<sup>14</sup> Ariosto, *Orlando Furioso*, C. II, est. 55, repete o verso final d'este canto, com uma pequena mudança, dizendo :

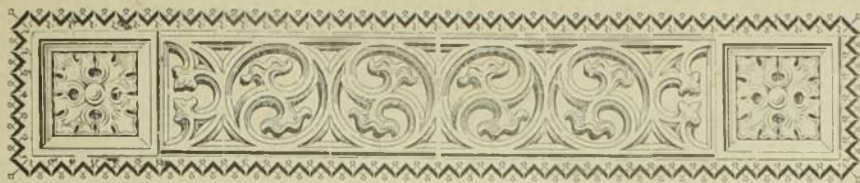
*E cada como corpo morto cide.*











## CANTO VI

1. **D**o sossobro tornando a aflicta mente,  
Que da cópia infelice contristado  
Havia tanto o padecer pungente,
2. Achei-me novamente circundado  
De outros miseros, de outras amarguras,  
Que via em toda a parte, ao longe e ao lado.
3. Sou no terceiro circulo, onde escuras,  
Eternas chuvas, gelidas cahiam,  
Pesadas, sempre as mesmas, sempre impuras.
4. Saraiva grossa, neve, agua desciam  
D'esse ar pelas alturas tenebrosas:  
No chão cahindo infecto odor faziam.
5. Latia com tres fauces temerosas  
Cerberro, o cão multiplice e furente,<sup>1</sup>  
Contra as turbas submersas, criminosas.\*
6. Sanguineos olhos tem, o ventre ingente,  
Barba esqualida, as mãos de unhas armadas:  
Rasga, esfolla, atassalha a triste gente.

---

\* Peccadores por gula.



7. Uivam á chuva, quaes lebreus, coitadas!  
Mudam de lado sem cessar, buscando  
Defensa e allivio as almas condemnadas.
8. Cerbero, o gran reptil, nos divisando  
Os dentes mostra, as bocas escancara,  
De sanha os membros todos convulsando.
9. Meu Guia, as mãos abrindo, se prepara;  
Enche-as de terra, e ás guelas devorantes  
Lança da féra essa iguaria amára.
10. Qual mastim, que em latidos retumbantes  
Brada de fome, e, apenas a sacia  
Devorando, aquieta as iras de antes:
11. Tal, applacando a furia, parecia  
O demonio que as almas atordôa:  
Surdez de ouvil-o o mal lhes pouparia.
12. O solo, onde pizamos, se povôa  
Das sombras, que essas chuvas derrubavam:  
Fórma e apparencia tinham de pessoa.
13. Sobre a terra estendidas, a alastravam;  
Mas uma surge, subito sentada,  
Aos passos que adiante nos levavam.
14. — « Tu » — disse — « que és guiado pela estrada  
Do inferno, vê se acaso me conheces :  
Nascestes antes de eu ser n'esta morada. »
15. Tornei-lhe: « A grande angustia em que padeces  
Tua feição lembrar-me não consente :  
Innota face aos olhos me offereces.
16. « Quem és que em tal logar tão duramente  
Pelos peccados teus stás dando a pena ?  
Se ha maior, nenhuma é tão displicente. » —
17. — « Em tua patria » — responde — « que tão plena  
Já é de inveja, que transborda o sacco,  
Existencia gozei leda e serena.
18. « Vós, Florentinos, me chamastes Ciacco: <sup>2</sup>  
Por ter da gula a intemperança amado  
Á chuva peno euregelado e fraco.



19. « Mas sou n' esta miseria acompanhado;  
Pois quanto aqui estão de igual castigo  
Punidos foram por igual peccado. » —
20. — « Com dôr sincera » — lhes falei — « te digo  
Que esse tormento o peito me entenece  
Saberás se os partidos a perigo
21. « Florença levarão, que já padece ?  
Algum justo alli vive ? A que motivo  
A sizania se deve, que alli cresce ? » —
22. — « Virão a sangue após odio excessivo ;  
E o partido selvagem <sup>3</sup> triumphante  
O outro lançará feroz e esquivo.
23. « Tres sóes passados, chegará o instante  
De ser pelos vencidos supplantado,  
Que esforce alguém, <sup>4</sup> que aos dois faz bom semblante.
24. « Por algum tempo o vencedor ousado  
A cerviz calcará do outro partido  
Que se afflige opprimido e envergonhado.
25. « Justos ha dois : ninguém lhes presta ouvido. <sup>5</sup>  
Tres brandões — Avareza, Orgulho, Inveja,  
Incendio tem nos peitos accendido. » —
26. Assim a flebil narração boqueja.  
Eu lhe respondo: « A informação completa ;  
Favor farás a quem te ouvir almeja.
27. « Farinata e Tegghaio, de alma recta,  
Jacopo Rusticucci, Mosca, Amigo, <sup>6</sup>  
E os mais que da virtude o amor inquieta,
28. « Onde estão? Diz e franco sê commigo !  
Saber qual seja anhelos a sorte sua:  
Stão no céu, ou no inferno tem castigo? » —
29. « Entre os que soffrem punição mais crua  
Estão, por seus maus feitos, lá no fundo :  
Se lá desces, verão a face tua.
30. « Quanto tornares ao saudoso mundo,  
De mim aviva aos meus o pensamento...  
Não mais: volto ao silencio meu profundo. » —



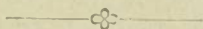
31. Os olhos que não tinham movimento,  
Torcendo fita em mim; já curva a frente  
E cai entre os mais cegos n'um momento.
32. E disse o Vate: « Em somno permanente  
Has de aguardar a angelica chamada,  
Quando os julgar severo o Omnipotente.
33. «Cad'um, a triste sepultura achada,  
Resurgindo na carne e na figura,  
Voz ouvirá p'ra sempre reboada. » —
34. A passo lento assim pela mistura  
Das sombras e da chuva caminhando,  
Falavamos da vida, que é futura.
35. — « Mestre » — lhe disse então — « irá medrando  
Depois da gran sentença esse tormento?  
Igual pungir terá? Será mais brando? » —
36. — « Do teu saber recorre ao documento: <sup>7</sup>  
Verás que ao ente quando mais se eleva  
Do bem, da dôr mais cresce o sentimento.
37. « Bem que esta raça condemnada á treva  
Jamais da perfeição se eleve á altura  
Resurgindo, ha de ter pena mais ceva. » —
38. Perlustramos do circulo a cintura,  
De cousas praticando que não digo,  
Té decer um degrau na estancia escura. \*  
Alli 'stá Pluto, o nosso grande imigo. <sup>8</sup>

---

\* Quarto circulo.



## NOTAS AO CANTO VI



Descreve-se o terceiro circulo, onde são punidos os que se deram ao peccado da gula. Guarda-os o cão Cerbero, monstruoso e trifauce, sempre a latir, a vexal-os, a mordel-os. Sobre os condemnados cai chuva eternamente misturada de saraiva e neve. Dante fala a Ciaccio, Florentino famoso por sua gula, que responde ás suas perguntas acérca das discordias em que arde Florença.

<sup>1</sup> Virgilio, *En. C. VI, V. 417 a 423* :

*Cerberus hac ingens latratu regna trifauci  
Personat, adversos recubans immanis in antro  
Cui vales, horrere videns jam colla colubris  
Melle soporatum et medicalis frugibus offam  
Obicit. Ille fame rabida tria guttura pandens  
Conripit objectam, atque immania terga resolvit  
Fusus humi, totoque ingens extenditur antro.*

Traducção de J. F. Barreto, Est. 91 e 92 :

Todo este reino o cão Cerbero ingente  
Com trifauce ladrado em torno atrôa.  
De uma gruta fronteira, onde deitado  
Está horrível de mui desmesurado ?  
Ao qual vendo a Sybilla, que encrespava  
O collo serpentifero, lhe deita  
A soporada massa, que levava,  
De mel e conleções diversas feita.  
Elle com a grande fome, com que estava,  
Abrindo as tres gargantas não a eugeita,  
Cai a fera desforme e desmedida  
E na cova se estende adormecida.

<sup>2</sup> Ciaccio, porco, era o appellido de um cidadão de Florença, famoso por sua desmedida voracidade, character similhante ao dos parasitas da Grecia e Roma, primorosamente descripto por Luciano. Ignora-se o seu verdadeiro nome. Como papa-jentares em casa dos ricos e fidalgos, que comiam regaladamente,



comparecendo aos seus banquetes, fosse ou não convidado, não era conhecido senão pelo appellido. De outra maneira não o apresenta Boccacio. No entanto este escriptor no commentario ao *Inferno*, affirma que alóra esse senão, que o celebrisava em Florença, Ciacco era bem educado, eloquente, cortez e dotado de bons sentimentos, e por isso todos o recebiam benevolmente.

Ciacco figura jocosamente na 8.<sup>a</sup> Novella da *Giornata IX* do *Decameron*, conjuntamente com Phelippe Argente, o condemnado do canto VIII do *Inferno* e com Corso Donati, que tanto mal causou a Dante.

<sup>3</sup> Partido selvagem : assim foi qualificado o partido dos Brancos ; porque o seu chefe Vieri dei Cerchi procedia dos bosques de *Val di Sieve*.

<sup>4</sup> Allusão a Carlos de Valois, ou Carlos Sem-Terra, irmão de Philippe o Bello, Rei da França, que, indo á Florença, sob a protecção de Bonifacio VIII, no character de *paciêre*, contribuiu com os auxilios e poder, que prestou, para que o partidos dos Negros opprimisse e exterminasse os seus adversarios, os Brancos.

<sup>5</sup> Não se declaram os nomes dos *dois justos*; mas os commentadores dizem que são Dante e Guido Cavalcanti, seu amigo.

<sup>6</sup> Magnatas florentinos. O Poeta, depois de mencionar os seus nomes accrescenta :

*E gli altri ch'a ben far poser l'ingegno.*

Mas Farinata é condemnado como herege no c. X ; Tegghiaio e Rusticucci estão na turba dos Sodomitas, c. XVI; Mosca é um dos personagens do c. XXVIII. Quanto a Arrigo, dizem uns que tinha o appendice de Pisante, outros, de Rifante.

<sup>7</sup> A philosophia de Aristoteles, S. Agostinho ensinou a mesma doutrina, dizendo :—*Cum fiet resurrectio carnis, et bonorum gaudia et malorum tormenta majora erunt.*

<sup>8</sup> Pluto, deus das riquezas. Cumpre não confundil-o, como se tem feito com Plutão ou Dite, que, na mythologia grega, tem mando e dominio em todo o inferno.







## CANTO VII

1. **P**APE *Satan, pape Satan, aleppe:* <sup>1</sup>  
Pluto com rouca voz, ao ver-nos brada.  
Para que eu do conforto não discrepe,
2. Virgilio, em tudo sabio: — « Da aterrada  
Mente » — me diz — « se desvaneça o susto !  
Poder Pluto não tem, que tolha a entrada. »
3. E, se volvendo ao vulto, de ira adusto,  
Lhe grita: — « Cal'-te, ó lobo abominoso !  
Em ti consome esse furor injusto !
4. « Se ao abysmo descemos tenebroso,  
A lei se cumpre do alto, onde, em castigo,  
Supplantara Miguel bando orgulhoso. » —
5. Como o mastro, abatendo, traz consigo  
Velas, que o vento de feição tendia,  
Baqueou-se por terra o monstro imigo.
6. E, pois que o quarto circulo se abria,  
Mais penetramos pela estancia horrenda.  
A que todo seu mal o mundo envia.
7. Ah ! justiça de Deus ! Que lei tremenda,  
Dôres, penas, quaes vi tanto amontôa ?  
Porque da culpa nos obceca a venda ?



8. Como em Carybde <sup>2</sup> a vaga, que resôa  
Embate n'outra, e quebram-se espumantes:  
Assim turba com turba se abalrôa.
9. Almas em cópia, nunca vista de antes, \*  
Fardos de um lado e de outro, em grita ingente,  
Rolavam com seus peitos offegantes.
10. Batiam-se encontrando rijamente,  
E gritavam depois, atraz voltando:  
« Porque tens ? » « Porque empurras loucamente ? »
11. Assim no tetro circ'lo volteando  
Iam de toda a parte ao ponto opposto,  
Por injuria o estrebilho apregoando.
12. No semicirc'lo novamente rosto  
Faziam té o embate reiterarem.  
Eu, me sentindo á compaixão disposto,
13. — « Quem são ? Que razão ha para aqui estarem ? »  
Ao Mestre disse — « Á esquerda os collocados  
Clerigos são para tonsura usarem ? »
14. — « Da mente sendo vesgos, transviados »  
— Tornou — « andaram na primeira vida,  
Sempre os bens applicando desregrados.
15. « Quem seus clamores ouve e não duvida :  
Levantam grita aos termos dois chegados.  
Onde opposta os separa a culpa havida :
16. « Os que então de cabellos despojados <sup>3</sup>  
Clerigos, papas, cardiaes hão sido,  
Pela nimia avareza subjugados. » —
17. — « Entre elles » — respondi — « Mestre querido,  
Muitos serão, por certo, que eu conheça,  
Immundos d'esse mal aborrecido. » —
18. — « Te enganas, quando assim » diz « te pareça :  
Da sua ignobil vida a escuridade  
Vestigio não deixou, que ora appareça :

---

\* Prodigos e avarentos.



19. « Elles se hão de embater na eternidade :  
Resurgindo, uns terão as mãos fechadas,  
Os outros de cabellos pouquidade.
20. « Por dar mal, por mal ter viram cerradas  
Do ceu as portas ; penam n'esta lida,  
Com maguas, que não podem ser contadas.
21. « Vês quanto é de vaidades illudida  
A ambição, em que os homens a porfiam,  
Da Fortuna anhelando os bens na vida.
22. « Todo o ouro, que as entranhas conteriam  
Da terra, não podera dar repouso  
A um dos que em fadiga se cruciam. » —
23. — « Quem é Mestre » — falei — « o portentoso  
Ser, que chamas Fortuna, que á vontade  
Bens distribue ao mundo cubiçoso ? » —
24. — « Responde o Vate: — « O' cega humanidade,  
Quanta ignorancia a mente vos offende !  
Do meu pensar direi toda a verdade.
25. « Quem pelo seu saber tudo transcende,  
Os ceus creando, guias elegeram-lhes;  
E toda a parte á toda a parte esplende,
26. « Pela luz que igualmente concedeu-lhes.  
Assim fez aos mundanos esplendores,  
Geral ministra e directora deu-lhes,
27. « Que em tempo os bens mudasse enganadores  
De nação á nação, de raça á raça  
Contra esforços de humanos sabedores.
28. « A pujança de um povo é grande ou escassa  
Segundo o seu querer, que, se escondendo  
Qual serpe em herva triumphante passa.
29. « Contra ella o saber vosso não valendo,  
No seu reino ella tem poder e mando,  
Como os outros o seu estão regendo.
30. « Mudanças incessante effectuando,  
Se apressa por fatal necessidade,  
E assim tantas no mundo vai formando.



31. « Tal é Fortuna, a quem por má vontade  
Insulta o que louval-a deveria,  
Censurando-a com dura iniquidade.
32. « Mas, feliz, não escuta a vozeria,  
E entre iguaes creaturas primitivas,  
Volvendo a esphera, em paz goza alegria.
33. « Desçamos ora a dôres mais esquivas;  
Estrellas baixam, que ao partir surgiram;  
Demoras são defesas, são nocivas. » —
34. Os nossos passos atravez seguiram  
Do circulo até fonte, que, fervendo,  
As aguas bróta, que torrente abriram,
35. A côr mais negra do que persa tendo.  
Ao longo do seu curso nós baixamos,  
Por caminho diverso nos movendo. \*
36. Lagôa, dita Stygia, deparamos,  
Junto á encosta maligna produzida  
Pelo triste ribeiro, que notamos.
37. Eu, que tinha a attenção toda embebida,  
Vi sombras, n'esse pantano, lodosas,  
Desnudadas, de face enfurecida. \*\*
38. Não só co'as mãos batiam-se raivosas;  
Peitos, cabeças, pés armas lhes sendo.  
Com dentes laceravam-se espantosas.
39. — « As almas, filho meu, que ora estás vendo  
São dos que » disse o Mestre — « venceu ira.  
Como certo tambem fica sabendo
40. « Que sob as aguas multidão suspira  
E em borbulhões as aguas entumece  
Por toda essa extensão, que a vista gira. » —
41. — « Nos doces ares, a que o sol aquece »  
— No ceno immersas dizem — « triste fomos :  
Dentro em nós fumo turbido recresce.

---

\* Quinto circulo.

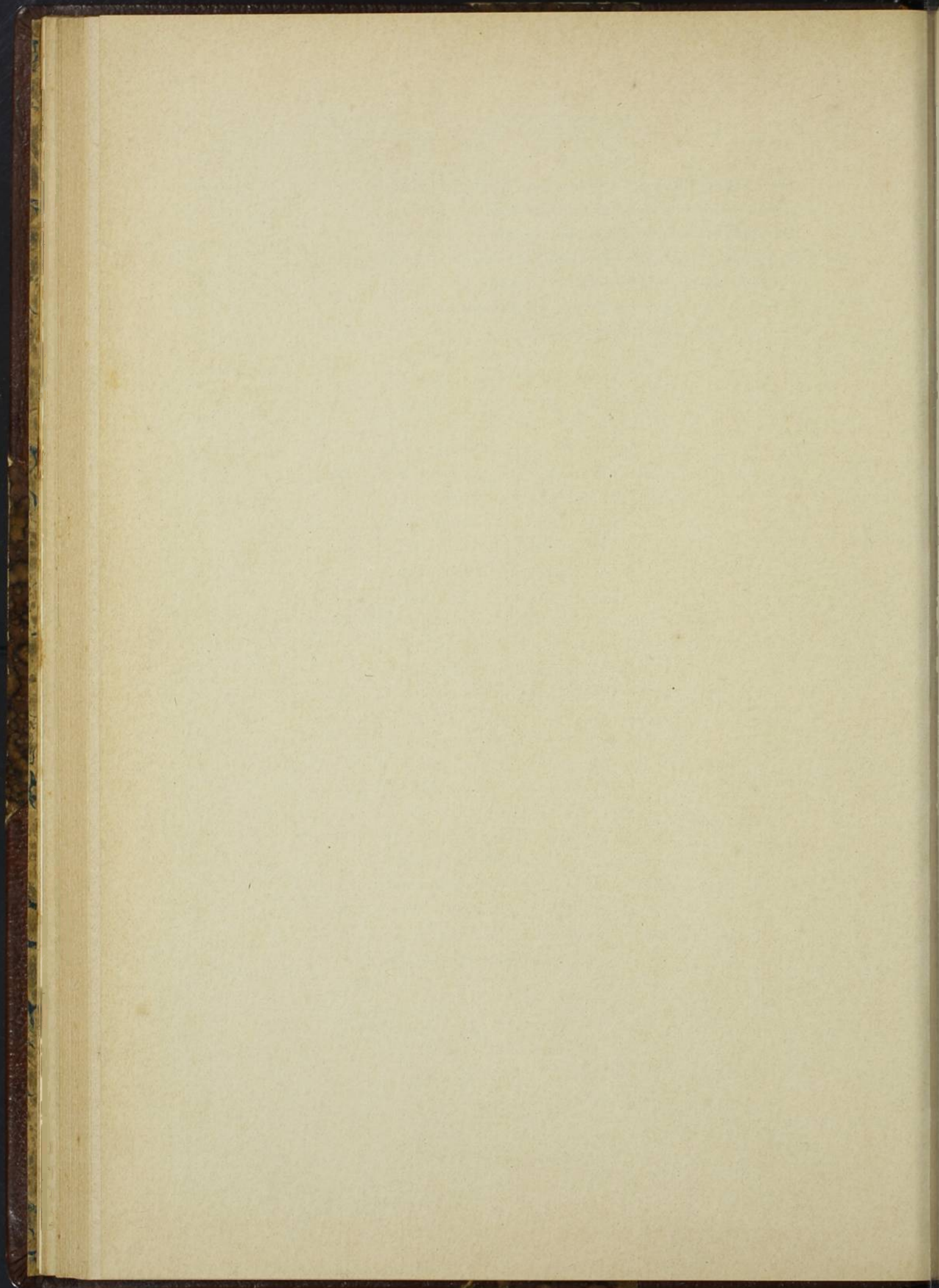
\*\* Iracundos.



42. « Ora no lodo inda mais triste somos. » —  
Com voz cortada assim gargarejavam,  
De palavras sómente havendo assomos.
43. « Os passos, em grande arco, nos levavam  
Do paúl sobre a borda secca ; o bando  
Tendo á vista, que assim lodo tragavam,  
E junto de uma torre alfim chegando.









## NOTAS AO CANTO VII

A' entrada do circulo quarto. Pluto, o demonio da riqueza, tenta oppôr-se á passagem de Dante; mas cede á voz imperiosa de Virgilio. Prosegue a viagem; e o Poeta vê de um lado os avarentos, e do outro os prodigos, os quaes, de pontos oppostos, empurram desmarcados fardos até se encontrarem violentamente entre brados de reciproca exprobação. Virgilio, em presença d'esta scena, descreve as vicissitudes da Fortuna. Descem os dois companheiros ao circulo quinto, onde vêem as aguas paludosas da lagôa Stygia, onde estão atascadas as almas dos colericos e dos preguiçosos. Passam adiante e chegam ao pé de uma torre.

<sup>1</sup> *Pape Satan, Pape Satan aleppe*—diz o texto. O P. Giuseppe Venturi, tendo por hebraica a origem d'estas palavras, deu-lhes a interpretação seguinte: *qui qui satan est imperatore*. A esta explicação, que veiu a lume em 1811, accrescentou que Pluto, deus da riqueza, em vendo Dante e Virgilio, que não estavam sujeitos ás penas d'aquelle circulo, se agastara e para tolher-lhes o passo lhes bradara: — *Temerarios! como vos atreveis a vir a este logar? Aqui Lucifer é o Imperador, Aqui domina elle*. Esta interpretação diz com a resposta que deu Virgilio para animar Dante e mostrar-lhe que não deve receiar-se das palavras d'esse demonio, que, como todos os outros, muito se desgostava com a presença de um homem não sujeito á eterna condemnação. Por ter cahido Virgilio no entendimento das vozes comminantes de Pluto, proferidas em lingua incomprehensivel para Dante, se couhece a razão por que este denomina o Mantuano *Savio gentil che tutto seppe*. Rejeitada a traducção do P. Venturi e admittido que Pluto sómente fizera uma exclamação de ira, nenhuma sabedoria denunciara a repulsa de Virgilio.

Com a opinião do P. Venturi concertou a do erudito P. Miguel Angelo Lanci, professor de linguas orientaes na *Sapienza* de Roma.

As palavras de Pluto outras explicações têm tido. Uma é a que se vê nas *Memorias* de Benvenuto Cellini, citada na traducção ingleza da *Divina Comedia* de Longfellow.

Benvenuto Cellini, descrevendo o Tribunal de Justiça de Pariz, disse:

« Parei varias vezes para observar o que se passava. As palavras que ouvi o juiz proferir, quando viu dois individuos que desejavam assistir ao julgamento, não obstante os esforços do porteiro para lhes impedir a entrada, foram



estas em francez: *Paix, paix, Salan allez, paix!* Como eu já então entendia bem a lingua franceza, em ouvindo essas palavras lembrei-me do que disse Dante, na occasião em que, acompanhado de Virgilio seu mestre, ia descendo pelo Inferno. — Dante e o pintor Giotto estiveram conjunctamente em França e visitaram com especial attenção a cidade de Pariz, onde se chamava inferno o Tribunal de Justiça. É por isso que Dante, mui versado na lingua franceza, usou d'essas expressões. Eu muitas vezes tenho extranhado que não lhes haja alguém dado esse sentido, assim como não posso ver com sofrimento e paciencia os commentadores, que lhe attribuem cousas, que nunca lhe passaram pela mente ».

<sup>2</sup> Carybdes. — Virgilio, *En.*, C. III. 413 e seg. :

... dextrum fuge litus et undas  
*Hæc loca vi quondam et vasta convolsa ruina*  
*(Tantum ævi longinqua valet mutare vetustas)*  
*Dissiluisse ferunt, quoniam protenus utraque tellus*  
*Una foret: venit medio vi pontus et undis*  
*Hesperium Siculo latus abscidit, arvaque et urbis*  
*Litore diductas angusto interluit æstu.*  
*Dextrum Scylla latus, lævum implacata Charibdis*  
*Obsidet, atque imò barathri ter gurgite vastos*  
*Sorbet in abruptum fluctus, vursusque sub auras*  
*Erigit alternos et sidera verberat unda*  
*At Scyllam cæcis cohibet spelunca latebris,*  
*Ora exsertantem, et navis in saxa trahentem.*  
*Prima hominis facies et pulchro pectore virgo*  
*Pube tenus; postrema immani corpore pistrinx,*  
*Delphinum caudas utero commissa luporum.*

J. Franco Barreto traduziu, Est. 94 a 97:

A' mão esquerda toma, que á direita  
 E' toda a praia cheia de suspeita.  
 Todos estes logares se imagina  
 Que sendo antes contiguos e pegados  
 Foram por força e uma gran ruina  
 Nos seculos antigos arrancados:  
 Entrou por meio a furia neptunina  
 E apartou de Sicilia e Hesperia os lados,  
 Os campos e cidades alagando, —  
 Tanto a longinqua idade vai mudando.  
 Scylla o direito lado, a embravecida  
 Carybdes tem o esquerdo; e num momento  
 Já as vastas ondas sorve, já impellida.  
 Com ellas fere o alto firmamento.  
 Mas Scylla entre uns escolhos escondida,  
 Abrindo a bocca, com furor violento,  
 As naus a seus cachopos arrebatada,  
 Aonde de improviso as desbarata.  
 O rosto de homem tem, e de donzella  
 Mostra fóra o formoso e branco peito;  
 Emfim figura humana só até aquella  
 Parte, que esconde o natural respeito.  
 Tem os mais membros e remate d'ella  
 Da putrice marinha, e o fero aspecto;  
 E para que agil pelas aguas entre  
 A cauda de delphin, de lobo o ventre.

Homero, *Odysséa*, C. XII:



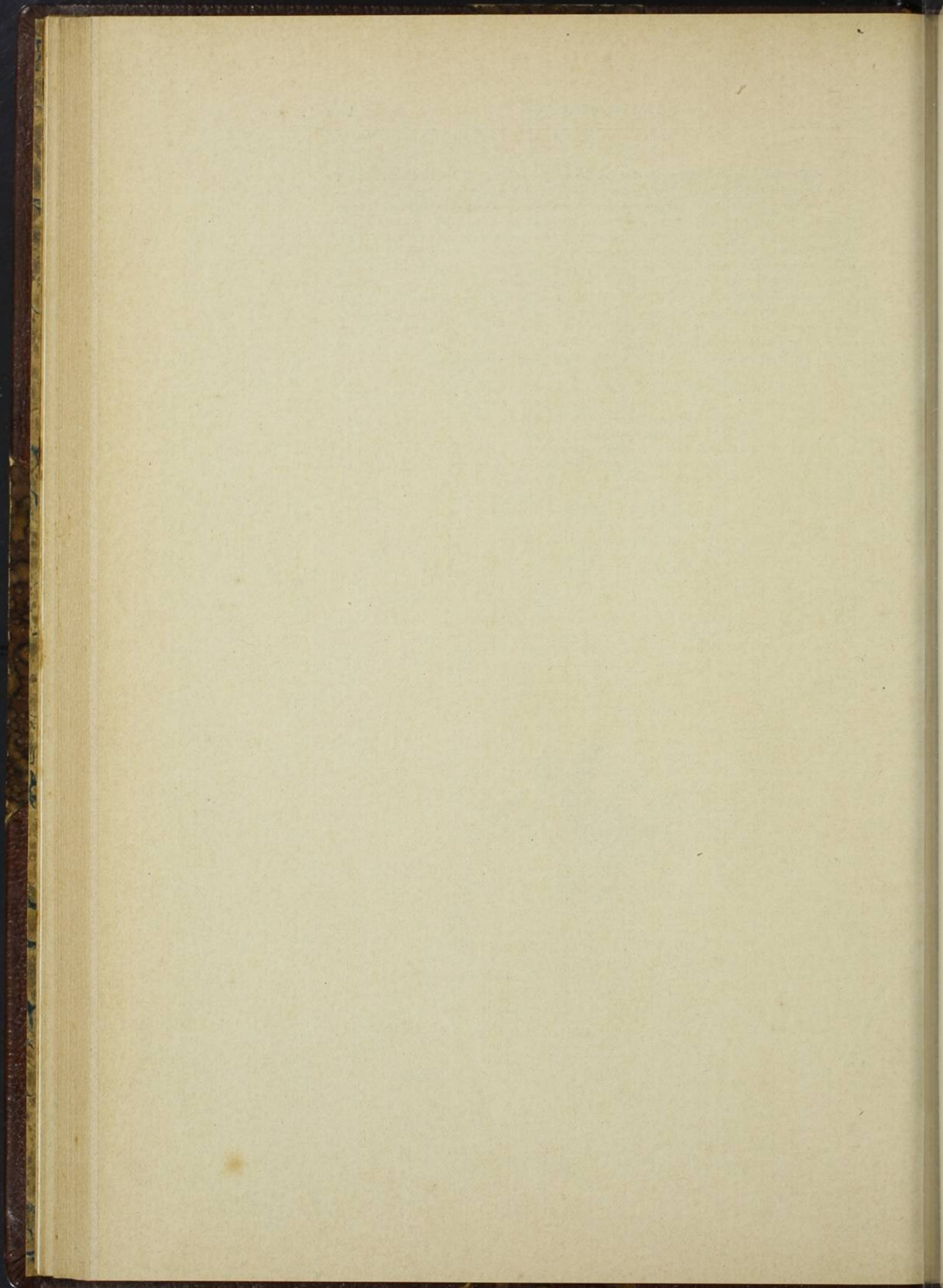
« Tremulos entramos no formidável estreito : de um lado, se eleva Scylla e do outro, a divina Carybdes absorve com tremendo arruido as ondas amargas. Vomitando-as depois, a água ferve mugindo, como caldeira, sobre ardente brazeiro, e a espuma espadana contra os penhascos. Carybdes, esgolindo-as, parece convulsa até as entranhas, retumbam as penhas circumvizinhas com o fragor do trovão, e divisa-se através da terra lugubre areia. Tomados de terror, voltamos os olhos para Carybdes, de quem espavoridos aguardamos a nossa perdição. Scylla, entretanto, arrebatada do navio seis dos meus companheiros dos mais valentes e robustos. Ao rumor voltei-me para os bancos dos remeiros, e vi nos ares seus braços e pernas, ouvindo ao mesmo tempo os lastimosos gritos, que chamavam ainda por Ulysses, mas pela última vez. Vi Scylla devorá-los á entrada do seu antro, espectáculo que me affligiu mais que todos os outros, que tive de supportar na minha peregrinação pelos mares. »

3 Ariosto, representando a Avareza, diz no *Orl. Fur.*, C. XXVI, est. 31 e 32

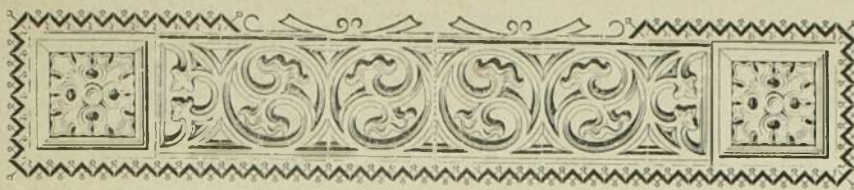
*Quivi una bestia uscir della foresta  
Parca, di crudel vista odiosa e bruta :  
Ch'avea l'orechie d'asino, e la testa:  
Di lupo e i denti, e per gran fame asciuta :  
Branche avea di leon; l'altro che resta.  
Tutto era volpe ; e parea scorrer tutta.  
E Francia e Italia e Spagna ed Inghilterra,  
L'Europa e l'Azia, e alfin tutta la terra.  
Per tutto avea genti fertile e morte,  
La bassa plebe e i più superbi capi;  
Anzi mocer parea molto più forte  
A re, a signori, a principi, a satrapi.  
Peggio facea n'ella romana corte;  
Che v'avea uccisi cardinali e papi :  
Contaminato avea la bella sede  
Di Pietro, e messo scandal nella Fede.*











## CANTO VIII

---

1. **A**CCRESCENTAR eu devo proseguindo, <sup>1</sup>  
Que da torre inda estavamos distantes,  
Quando, os olhos ao cimo dirigindo,
2. Dois phanaes brilhar vemos vacillantes,  
A que outro de tão longe respondia,  
Que mal se avistam seus clarões tremantes.
3. E eu de todo o saber ao mar dizia :  
— « Os lumes dois porque ? Porque o terceiro ?  
Para accendel-os quem razão teria ? » —
4. — « Pela onda impura » — me tornou — « ligeiro  
Quem se aguarda já vês, se não te empece  
A vista do paúl o nevoeiro. » —
5. Qual setta, que pelo ar veloz corresse  
Da corda'arremessada, discernimos  
Tenue batel, que vir p'ra nós parece.
6. A regel-o um arraes só distinguimos,  
— « Alfim chegaste, espirito execrando ! »  
Em retumbante grita nós lhe ouvimos.



7. — « Phlegias, Phlegias <sup>2</sup>, estás em vão bradando ! » —  
Disse-lhe o Mestre — « nos terás sómente,  
Emquanto formos o paul passando. » —
8. Como quem reconhece, e pezar sente,  
Um grande engano, que se lhe ha tecido,  
Phlegias assim na sua ira ardente.
9. Tendo Virgilio á barca descendido,  
Eu segui-o: sómente aos meus pesados  
Passos mostrou ter carga recebido. <sup>3</sup>
10. Em sendo o Mestre e eu no lenho entrados,  
O lago foi cortando a antiga prôa  
Com sulcos mais que de antes profundados.
11. Emquanto assim corremos, eis me sôa  
De lutulenta sombra voz que exclama :  
— « Quem és que em vida vens para a lagôa ? »
12. — « Sim, venho, mas não fico n'esta lama.  
E tu quem és que immundo te has tornado ? » —  
— « Bem vês : um sou que lagrimas derrama. » —
13. E eu então : — « Fica em lodo mergulhado  
Em dôr, em pranto, espirito maldicto !  
Sei quem és, se bem stês desfigurado. » —
14. Tendeu á barca as mãos aquelle afflicto,  
Mas por Virgilio, que o repelle presto  
— « Com teus iguaes vai, cão, te unir ! » — foi dito.
15. Abraçando-me então com ledô gesto  
Me oscula e diz: — « Abençoada seja,  
Que tão altivo te gerou e honesto !
16. « Essa alma, que de orgulho inda esbraveja,  
Aversa ao bem, de raiva possuida,  
Deixou de si memoria, que negreja.
17. « Quantos reis, grandes na terrena vida,  
Virão, quaes cerdos, se atascar no lodo,  
Fama de si deixando polluida ! » —
18. — « Mestre, grato me fôra sobremodo  
Vel-o no ceno mergulhar profundo,  
Antes de eu ter d'aqui sahido em todo. » —



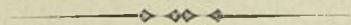
19. — « Antes que a margem — respondeu jucundo —  
Avistes, gozarás d'essa alegria,  
Verás penar o espirito iracundo. » —
20. E logo ao peccador, como á porfia;  
Tanta afflicção causou a immunda gente,  
Que ainda louvo a Deus, que o permittia.
21. Gritavam todos :— « A Philippe Argenti ! » — <sup>4</sup>  
E a florentina sombra, se volvendo  
Contra si, se mordia insanamente :
22. Lá o deixei, não mais nelle entendendo.  
Subito, ouvindo um lamentar amaro,  
Os olhos fito para além e attendo.
23. E o bom Mestre me disse: — « O' filho caro,  
Stá perto Dite, de Satan cidade, <sup>5</sup>  
Que ha povo infindo para o bem avaro. » —
24. — « Lá do valle no fundo em quantidade  
Mesquitas » <sup>6</sup> — respondi — « rubras discerno  
De flamma, creio, pela intensidade. » —
25. E o Mestre a mim: — « As faz o fogo eterno  
Vermelhas, que lá dentro está lavrando  
Como tens visto n'este baixo inferno. » —
26. Já nos profundos fossos penetrando <sup>7</sup>  
De que o triste alcaçar é circundado,  
Me estavam ferro os muros similhando.
27. Mas, após grande gyro, hemos tocado  
Na parte, onde o barqueiro com voz forte  
— « Sali » — gritou — « á entrada haveis chegado! »
28. Á porta vi d'aquelles gran cohorte  
Que o ceu choveu; bramiam de despeito:  
— « Este quem é que, antecipando a morte,
29. « Tem dos mortos no reino sido acceito ? » —  
Meu sabio Mestre então lhes fez aceno  
Para, em secreto, expôr-lhe seu conceito.
30. Contendo um pouco ás sanhas o veneno  
Disseram: — Vem tu só; vá-se o imprudente,  
Que n'este reino entrou, de audacia pleno;



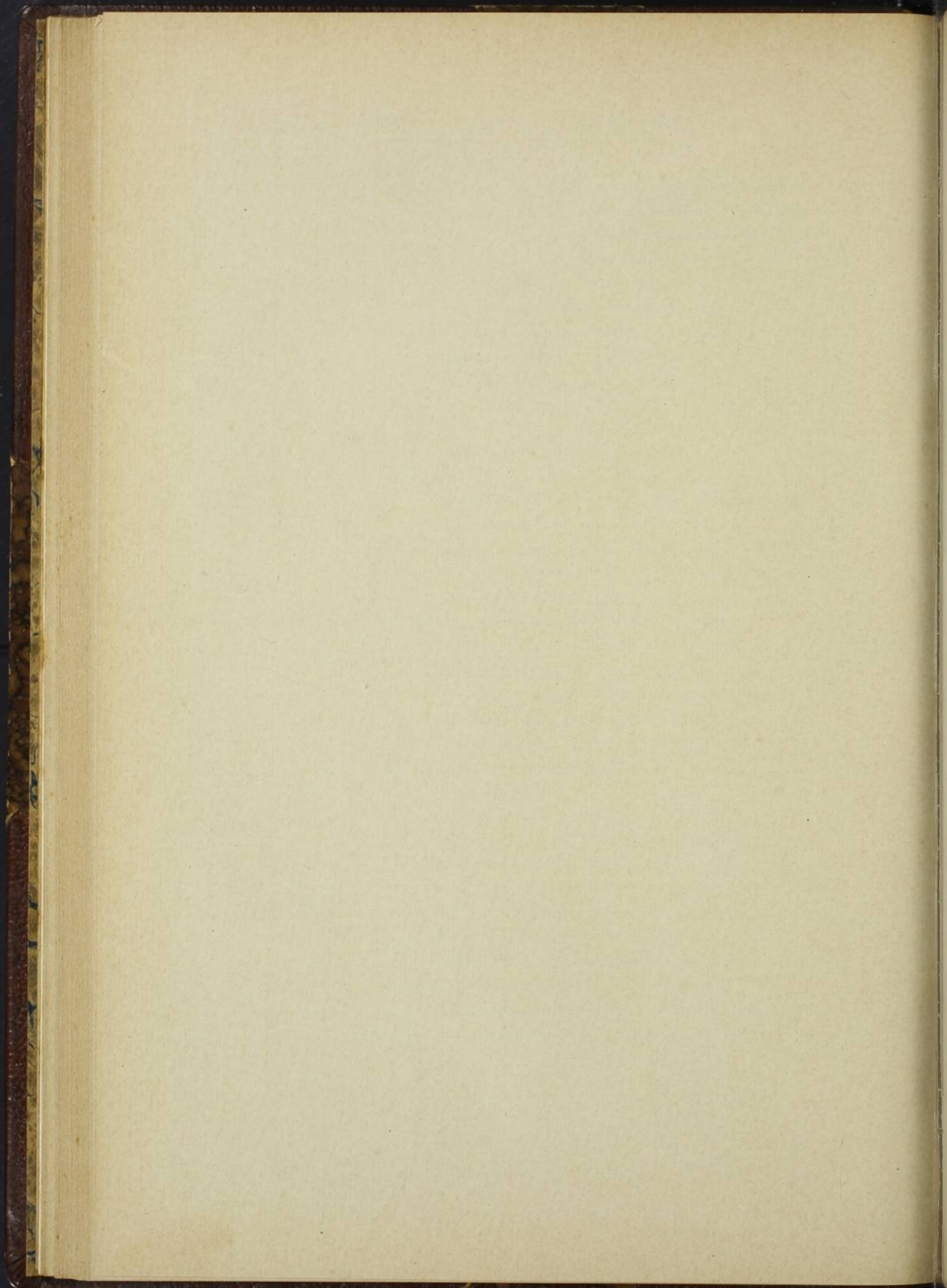
31. « Só deixe a empreza em que embarcou demente;  
Tente-o. se sabe; ficarás no emtanto,  
Pois és seu guia á região nocente. » —
32. Imagina, ó leitor, qual fosse o espanto  
Meu, escutando a horrifica ameaça:  
Não deixar a mansão temi do pranto.
33. « O' Mestre meu, que tanta vez a graça  
Fizeste de alentar-me o peito afflicto  
No perigo imminente e atroz desgraça,
34. « Não me deixes » — disse eu — « n'este conflicto!  
E, se avante passar é defendido,  
Ambos voltemos do logar maldicto! » —
35. Quem tão longe me havia conduzido  
— « Não temas » — diz — « não póde ser vedado  
O passo, que por Deus foi permittido.
36. « Aqui me espera e o animo prostrado  
Fortalece e alimenta de esperança:  
Não hasde ser no inferno abandonado. » —
37. O doce pae se afasta e á porta avança.  
Ficando assim na duvida e incerteza,  
No pró, no contra a mente se abalança.
38. Não pude o que propoz ouvir; na empreza  
Curta ha sido a detença: de repente  
Esquivam-se os prescitos com presteza.
39. De roldão cerra a porta a imiga gente  
Do Mestre á face, que, ficando fóra,  
A mim se restitue mui lentamente.
40. De olhos baixos, faltava-lhe a de outr'ora  
Affouteza, e dizia suspirando:  
— « Quem me tolhe da dôr a estancia agora? » —
41. E logo: — « A minha alteração notando  
Não te afflijas; que os obices te digo  
Heide vencer que a entrada estão vedando.
42. « Não é nova esta audacia do inimigo;  
Em mais patente porta ha já mostrado,  
Que sem ferrolho está: viste-a commigo,



43. « E a lugubre inscripção lhe has contemplado.  
Deixou atrás e desce a penedia,  
Pelos circ'los passando não guiado,  
Abrir quem póde esta cidade impia. » —









## NOTAS AO CANTO VIII

Aos signaes, que se fazem na torre, surge na lagôa a barca dirigida pelo demonio Phlegias, na qual entram Dante e Virgilio. Enquanto vogam, apparece-lhes Philippe Argenti, Florentino famoso por seu genio irascivel e violento; é salteado por outras sombras furiosas e mergulhado no lodo. Os poetas desembarcam ao pé da cidade de Dite, cujas portas são guardadas por demonios. Dante sente-se entrado de terror. Virgilio anima-o com a esperança de auxilio divino, em cuja presença se desvanecerá toda a opposição.

<sup>1</sup> Principia este canto pelas palavras : *Io dico seguitando* :—

Alguns commentadores, um dos quaes é Boccacio, entendem que este introito confirma a opinião dos que asseveram que os sete cantos primeiros do Inferno estavam escriptos, quando Dante foi condemnado a desterro e pouco depois á fogueira, sendo ao diante composta a continuação da *Divina Comedia*. O Marquez Scipione Maffei objectou aos que defendiam esta supposição que, se o seu parecer tivesse fundamento, igual razão procederia para se dizer que tambem Ariosto interrompeu mais de uma vez o seu *Orlando Furioso* e ao depois continuou em outra localidade; pois no principio do C. XVI:

*Dico la bella istoria repigliando*

e no começo do C. XXII:

*Ma tomando ao lavor che vario ordisco.*

<sup>2</sup> Phlegias, Rei de Phlegiade, cidade da Beocia, a pouca distancia de Orchonide, foi pae de Ixion e Coronis, a qual, seduzida por Apollo, teve um filho que se chamou Esculapio, deus da medicina. Phlegias, para vingar-se da affronta, incendiou o templo de Apollo em Delphos: Apollo o matou. Condemnado ao inferno, o desventurado vê perpetuamente imminente á sua cabeça um penhasco prestes a cair.

Virgilio, C. VI da *En.*, V. 618 e seguintes:

... *Phlegias miserrimus omnes*  
*Admonet et magna testatur voce per umbras:*  
*Discite justitiam moniti et non temere divos.*



Tradução de J. F. Barreto, Est. 138 :

O miserrimo Phlegias lamentando  
Com voz alta, mas triste e dolorosa,  
A todos d'esta sorte stá exhortando,  
De uma sombra cercado tenebrosa :  
Tomai exemplo n'este miserando  
Os que gozais da vida aura amorosa ;  
Amai justiça sendo piedosos  
E venerai os deuses poderosos.

Stacio, na *Thebaida*, C. I V. 712 e seg. :

... *ultrix tibi torva Megara*  
*Jejunum Phlegiam subter cava saxa jacentem*  
*Eterno premit accubitu, dapibusque profanis*  
*Instimulat; sed mixta famem fastidia vincunt.*

<sup>3</sup> Virgilio, referindo á entrada de Enéas na barca de Caronte, assim se exprime, C. VI V. 712 e seg. :

... *simul accipit alveo*  
*Ingentem Aeneam. Gemit sup pondera cymba*  
*Sutiles, et multam adcepit veniosa paludem*  
*Tandem trans fluvium incolumis vatemque virumque*  
*Informi limo glaucaque exponit in ulva.*

Tradução de J. F. Barreto, Est. 90:

Ao grande Enéas logo sem demora  
Em seu rio recebe e o mal seguro  
Lenho gemeu c'o peso e, abrindo, dentro  
Metten muita agua do profundo centro.  
Sobre o disforme lado finalmente  
E limos, de que a praia se corôa  
A Sibylla e o varão pôe junctamente  
Além da triste, da infernal lagôa.

<sup>4</sup> Philippe Argenti é um dos individuos, cuja memoria parece que Dante mais deseja perpetuar pela odiosidade vinculada ao seu nome. Alguns commentadores supõem que entre os dois tivesse havido motivo de rancor pessoal.

No *Commentario á Divina Comedia*, Boccacio, tratando do *fiorentino spirito bizarro*, disse :

« Philippe Argenti era riquissimo, e tanto que mandava ferrar de prata os cavallos em que sahia a passeio, extravagancia de que lhe proveiu o apellido. Distinguia-se pela sua alta estatura, tez morena, extrema robustez maravilhosa força e facilidade com que se deixava inflamar de ira á menor provocação. Por estas qualidades se fez conhecido, sendo por isso objecto de odio e vituperio. »

O mesmo Boccacio no *Decameron*, Nov. 8<sup>a</sup> da *Giornata IX* :

« ... *Un cavaliere chiamato messer Felippo Argenti, uomo grande e nerboruto e forte, e degno, iracundo e bizarro più che altro ... Aveva le pugna che parevan di ferro.* »



O *Ottimo Comento* qualifica Philippe Argenti do seguinte modo:—«*L'autore mostra aluno famoso in questo vizio di arroganza, il quale ebbe nome Messer Felippe Argenti degli Adimari de Firenze, cavaliere di grandi vita e di grandi burbanza o di molta speza e di poca virtude e valore.*»—

Merece attenção tambem o que acerca d'esse homem escreveu C. Balbo, *Vita di Dante*:

«As novellas antigas, principalmente as de Sacchetti, posto não se recomendem á fé em todas as suas particularidades, podem passar por tradições da cidade. Narra elle que um dos Adimaris, vizinho de Dante, estando em processo criminal por certo delicto e com probabilidade de ser condemnado pelo Assessor do podestá, Executor da justiça, pediu a Dante que em seu favor se empenhasse com o magistrado, que era seu amigo. Assentiu Dante ao pedido; mas, lembrando-se de que o Adimari era soberbo e insolente, mórmente quando sahia a cavallo pela cidade, pois abrindo as pernas tomava a largura da rua, se não era muito larga, de modo que tocava com a ponta das botas as pessoas que passavam, e considerando quanto esse e outros actos provocavam a animadversão geral, quando viu-se com o executor:— *Tendes pendente de decisão um processo de F. por certo crime. Recommendo-o á vossa attenção como sujeito, cujo procedimento se faz digno do maximo da pena. De mais, parece-me ainda maior delicto usurpar, como faz, o que é do uso commun.*— Perguntou o Executor em que consistia a usurpação; e sendo inteirado do que praticava, tornou:— *E' grande atrevimento, e delicto maior que o outro.*— *Pois bem!*— replicou Dante— *eu, como vizinho seu, vol-o recommendo.*— Tornado á casa disse ao Adimari que o Executor lhe respondera bem. Dias depois o processado foi condemnado á multa de mil liras pelo primeiro facto, e a outro tanto mais por usurpar a servidão publica, quando andava a cavallo. — «E, sendo este o principal motivo — diz Sacchetti, em breve foi lançado de Florença por ser dos Brancos, » Se não foi o principal motivo, influiu para o effeito, como comprehendem quantos conhecem de vista e experiencia que o minimo pretexto é aproveitado pelo partidos, que, sob a capa do interesse publico, exercem vinganças pessoases.

«Sobre a tradição referida por Sacchetti, que confirma o que refere o historiador Compagni sobre as condemnações de Brancos por causas frivolas, ha na *Divina Comedia* muitos trechos allusivos aos Adimaris. No Inferno, entre os iracundos que se batem no pantanal da Stygia, apresenta Dante Philippe Argenti, da familia dos Cavicciuli, collateral dos Adimaris. O retrato, que d'elle deu Boccacio, com as particularidades das ferraduras de prata e grande corpolencia, tanto se conforma com o arrogante cavalgador de Sacchetti, que leva a crer na identidade da pessoa...

«Note-se que o episodio de Philippe Argenti está no C. VIII, o primeiro da continuação do poema interrompido, talvez porque Dante tinha pressa em vingar-se d'esse inimigo seu, que no extremo odiava... Quem lembrar-se que Dante se mostrara compassivo para com outros florentinos condemnados ao inferno, sem excepção de Ciacco e dos companheiros de Bruetto Latini, não deixará de ver ali bem ao claro os vestigios de offensas reciprocas, pessoases, de familia, ou publicas.

«Sobresae a vingança contra os Adimaris a sua inclusão entre as familias florentinas do C. XVI do *Paraiso*. Tendo Bellicion Berti, insigne cidadão antigo, muitas vezes rememorado n'esse canto, casado uma filha com Ubertino Donati, deu depois outra a um dos Adimaris: o Donati muito resentiu-se por isso, visto a indignidade da alliança. Accresce, segundo affirmam os commentadores, que um Boccacio Adimari foi quem, desterrado Dante, se apoderou dos seus bens confiscados... Assim não só uma offensa mortal, qualquer que fosse, senão tambem a vileza e covardia da perseguição ao desterrado, parecem claramente assignaladas n'esse trecho do *Inferno* e no do *Paraiso*.» —



<sup>5</sup> Ariosto, *Orl. Fur.* C. XI., Est. 33 :

*Fatto era un stagno più scuro e più brutto  
Di quel che cinge la città de Dite.*

<sup>6</sup> Com a palavra *mesquitas*, que significa as casas de oração dos malometanos, o Poeta representa por um só traço a cidade de Satanaz.

<sup>7</sup> Virgílio, C. VI da *En.*, V. 548 e seg:

*Respice Aeneas subito et sub rupe sinistra  
Moenia lata videt, triplice circumdata muro,  
Quae rapidus flammis ambit torrentibus annis  
Tartareus Phlegethon, torquetque sonantia saxa.  
Porta adversa, ingens, solidoque adamante columnae;  
Vis est nulla virum, non ipsi excindere ferro  
Calicolas valeant. Stet ferrea turris ad auras;  
Tisiphone quae sedens, palli succinta cruenta,  
Vestibulum exsomnis servat noctesque diesque.*

Tradução de J. F. Barreto, Est. 122 e 123:

Olha Enéas atrás subitamente  
E á parte esquerda nota ao pé fundada  
De um monte a gran cidade, fortemente  
De tres muralhas em redor cercada;  
A qual rodeia Phlegethonte ardente  
Co'a torrente veloz e accelerada,  
Os sonoros pueados revolvendo  
Com impeto feroz e assaz tremendo.  
Tem fronteira uma porta grande e grossa,  
E com columnas de diamante fino,  
Porque em tempo nenhum com ferro possa  
Rompel-as braço humano, nem divino  
N'ella uma torre ferrea, que se roça  
Com os ceus e na entrada de continuo  
Dia e noite Tesiphone assentada  
Está com uma roupa ensanguentada.







## CANTO IX

1. **D**o medo a côr, que o gesto me alterara,  
Ao ver tornar Virgílio em retirada,  
Serenou turvação, que o seu mudara.
2. Como escutando, espreita; que a cerrada  
Nevoa os ares em torno ennegrecia,  
E a vista, incerta, achava-se atalhada.
3. — « Mas é mister vencer n' esta porfia . . . » —  
Lhe ouvi — « senão . . . soccorro é promettido . . .  
Oh ! quanto a vinda sua é já tardia <sup>1</sup> » ! —
4. Bem vi que das palavras o sentido,  
Que a declarar apenas começava,  
Fôra por outros logo confundido.
5. Porém maior receio me assaltava,  
Na reticencia auspicio triste vendo,  
Que na expressão talvez não se encerrava.
6. — « A esta horrida estancia, descendendo  
Do limbo, pôde vir quem só padece  
A esperança, » — inquiri « toda perdendo ? » —



7. O Mestre respondeu : — « Raro apparece  
Ensejo, que um de nós a andar obriga  
Pelo caminho, que aos abysmos desce.
8. « Alli, porém, já fui, quando inimiga  
Esconjurou-me Erichto,<sup>2</sup> que os esp'ritos  
Constrangia a fazer c'os corpos liga.
9. « Des'pouco eu me finara : por seus ritos  
Ao circulo de Judas fui trazido  
Para a sombra tirar de um dos prescitos.
10. « Ê o logar mais fundo e denegrado;  
Mais remoto do ceu, que os orbes gyra.  
Sei o caminho: esforça-te, ó querido !
11. « Este paúl, que o bruto cheiro expira,  
A cidade circumda do tormento,  
Onde entrar não podemos já sem ira. »
12. Deslembro o que mais disse: o pensamento  
Da torre altiva ao cimo chammejante,  
Que os olhos me prendia, estava attento.
13. Lá o aspecto se erguia horripilante  
De furias tres; de sangue eram tingidas,  
Feminís no meneio e no semblante.
14. De hydras verdes mostravam-se cingidas,<sup>3</sup>  
Cerastes, serpes cada uma tinha  
Por coma, em torno a fronte entretecidas.
15. Virgilio, que conhece da rainha  
Do eterno pranto essas ancillas cruas,  
— « Nas Erinnys<sup>4</sup> attenta » diz-me azinha
16. « Megéra á esquerda está das outras duas,  
Chora á direita Alecto e fica ao meio  
Tisiphone.<sup>5</sup> » — E poz termo ás vozes suas.
17. Co'as unhas cada qual rasgava o seio,  
Com seus punhos batiam-se, em tal brado,  
Que ao Vate me acerquei, de pavor cheio.
18. Olhando-me dizia : — « Transformado  
Em pedra seja por Medusa; o assalto  
Do impio Theseu<sup>6</sup> não foi assaz vingado.



19. — « Volta a face; de luz o rosto falto  
Conserva; que, se a Górgona encarar-te,  
Tu não mais tornarás da terra ao alto. » —
20. Disse o Mestre, e volveu-me á opposta parte ;  
E as mãos juntando ás minhas, que não bastam,  
Os olhos amparar-me quiz d'essa arte.
21. O' vós cujas idéas não se afastam  
Das leis da san razão, vêde os preceitos  
Que d'estes versos sobre o veu se engastam.
22. Eis sobre as aguas turbidas desfeitos  
Troam sons de fracasso temeroso;  
Tremendo, as margens sentem-lhe os effeitos.
23. O tufão assim freme impetuoso, <sup>1</sup>  
Que, de ardores contrarios se excitando,  
Sem pausa fere a selva, e furioso.
24. Quebrando ramas, flôres arrancando,  
Entre nuvens de pó soberbo assalta  
Feras, pastores e lanoso bando.
25. Os olhos descobriu-me e disse : « Exalta  
A vista agora até a espuma antiga,  
Onde mais acre a cerração resalta. »
26. Quaes rans, que divisando a cobra imiga,  
Todas da agua no seio desaparecem,  
E cada qual no lodo entra e se abriga,
27. Taes milhares de espiritos parecem,  
Em derrota fugindo ante a figura  
Que passa: n'agua os pés não se humedecem.
28. Movendo a esquerda mão, a nevoa escura,  
Que lhe era em torno ao vulto, dissipava:  
Só este afan lhe altera a face pura.
29. Ser elle conheci que o ceu mandava ;  
A Virgilio voltei-me, e mudo e quieto  
Ao aceno, que fez, eu me acurvava.
30. Quantos lumes reflecte o iroso aspecto !  
Á porta chega: ao toque de uma vara  
Abre-se a entrada do alcaçar infecto.



31. — « O' turba vil, que o ceu de si lançara ! » —  
Ao limiar falou da atroz cidade,  
— « D' onde vos vem da audacia a insania rara ? »
32. « Por que recalcitrais á alta vontade,  
Que sempre cumpre o seu excelso intento,  
E á dôr já vos cresceu a intensidade ? »
33. « Cuidais pôr ao destino impedimento ?  
Cerberos<sup>8</sup>, o vosso, na memoria tende:  
Trilhados inda estão-lhe o collo e o mento. »
34. Então pelo caminho immundo estende,  
Sem nos falar, os pasos semelhante  
A quem de outros cuidados a alma prende,
35. D'aquelles, que ha presente, bem distantes.  
Nós á cidade affoutos caminhamos:  
Deu-nos esforço o seu falar pujante.
36. Já, removido todo o pejo, entramos.  
Eu, que sentia de saber desejo  
Quando o forte, contém que franqueamos.
37. Como fui dentro, a tudo prompto, vejo  
Campanha em toda a parte illimitada,  
Mas não espaço ás punições sobejo.
38. Como em Arle, onde<sup>9</sup> o Rhôme faz parada  
Ou junto a Pola, de Quernaro perto,  
De que á Italia a fronteira está banhada,
39. Stá de sepulchros desigual e incerto  
O solo: outros assim a estancia feia,  
Mas de modo mais agro, tem coberto.
40. Entre elles chamma horrifica serpeia  
E os abraza inda mais que a fragoa ardente  
Que arte para amolgar o ferro ateia.
41. Alçada a tampa, é cada qual patente.  
D'alli surgia um lamentar profundo,  
De misereo gemido permanente.
42. — « O' Mestre meu, quaes foram lá no mundo » —  
Eu disse — « aquelles, que no duro encerro  
Denunciam tormento sem segundo ? » —



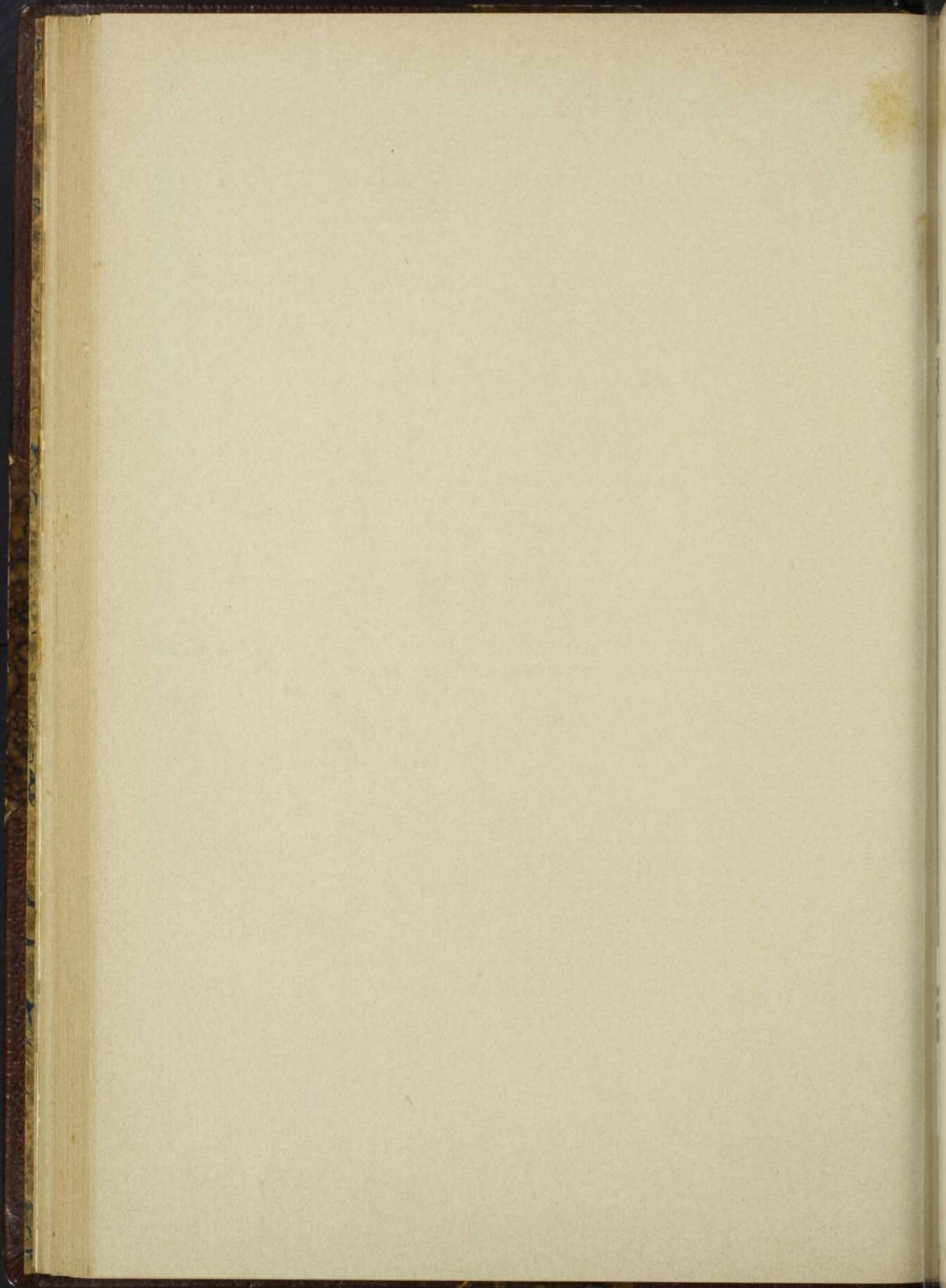
43. « Aqui stão os hereges por seu erro \*,  
Com seus sequazes dos diversos cultos:  
São mais do que tu crês em cada enterro.
44. « Iguaes com seus iguaes estão sepultos,  
Uns tumulos mais que outros são candentes. »  
A' dextra então voltou: com tristes vultos  
Passamos entre o muro e os padecentes.



---

\* Incredulos e hereges.







## NOTAS AO CANTO IX



Continuam os obstaculos, que impediam a entrada dos Poetas em Dite. Aparecem as tres Furias, e depois Medusa, de cujo aspecto Virgilio acautela Dante. Intervindo um anjo, enviado em seu soccorro, entram na capital do inferno em cujo recinto acham os incredulos atormentados em sepulchros ardentes.

<sup>1</sup> Nas palavras que profere Virgilio ha obscuridade, que deu aos commentadores motivo para encontradas conjecturas. Debatendo sobre o seu entendimento, houve alguém que lhes attribuisse mysterioso e quasi cabalistico sentido, segundo a doutrina, que se disse, occultamente professavam os Gibelinos. Tambem se affirmou que as palavras *tal* e *altri* se referem ao Imperador Henrique de Luxemburgo, cuja viuda á Italia era sofregamente esperada pelos Gibelinos, como triumpho ao seu partido e termo ás perseguições, de que eram victimas.

<sup>2</sup> Na *Pharsalia*, disse Lucano que Erichtho era um feiticeiro da Thessalia que por esconjuros evocara do inferno uma ultima alma afim de predizer a Sexto Pompeu o exito da guerra, em que estavam travados Julio Cesar e seu pae Pompeu o Grande. Do maravilhoso poder de Erichtho dão idéa os seguintes versos do poeta latino (C. VI):

*Hos sceleram ritus hæc diræ carmina gentis  
Eslera damnarat nimæ pictates Erichtho.  
Inque novos ritus urbis submittere tecto  
Aut laribus færale caput, desertaque busta  
Incolit et tumulos expulsis obtinet umbris  
Grata deis Erebi. Cætus audire silentum  
Nosse domos Stygias, arcanaque Detis operti  
Non superi, non vital vetat. Tenet ora profanæ  
Fæda situ macies, cæloque ignota sereno.  
Terribilis Stygio facies pallore gravatur.  
Impæxis onerata comis. Si nimbus et atræ  
Sidera subducunt nubes, tunc Thessala nudis  
Egreditur bustis, nocturna que fulgura captat.  
Semina secundæ segetis calcata perussit*



Et non lethiferas spirando perdidit auras  
 Nec Superos orat, nec antu supplice numen  
 Auxiliare vocal, ne fibras illa litantes  
 Novit: funereas aris imponere flammās  
 Gaudet, et accenso rapuit quæ turā s. pulcro  
 Omne nefas Superi prima jam voce precantis  
 Concedunt, carmenque timent audire secundam.  
 Viventes animas et ad huc sua membra regentes  
 Infodit busto; satis debentibus annos  
 Mors invita subit; perversa funera pompa  
 Retulit a tumulis; fugere adavera lectum.  
 Fumantes juvenum cineres, ardentiaque ossa  
 Et mediis rapit ipsa rogis, insamque, parentes  
 Quam tenuere, facem; nigri que volantis fumo  
 Feralis fragmenta tori, vestisque fluentis  
 Collegit incineres et olentes membra favillas.  
 Ast ubi servantur saxis, quitus intimos humor  
 Ducitur, et tracta durescunt tabe medullæ  
 Corpora; tunc omnes avidæ aëvit in ar. us  
 Immergitque manus oculis; gaudetque geratos  
 Effodisse orbes; et siccæ pallida rodit  
 Excrementa manus; laqueum, nodosque nocentes  
 Ore suo rupit; pendentia corpore carpsit  
 Abrantque cruce; percussa que viscera nimbis  
 Vulsit et incoctas admissa so. e medullas  
 Insertum manibus chalybem, nigramque per artus  
 Stilantes labi seniem, virusque coactum  
 Sustulit, et, nervo morsus retinent, pependit!  
 Et quacumque jacet mudum tellure cadaver,  
 Ante feras, volucresque sedet; nec carpere membra  
 Vult ferro, manibusque suis, morsusque luporum  
 Expectat, siccis ruptura et faucibus artus  
 Nec cessant a corde manus, si sanguine vivo  
 Est opus, erumpat jugulo qui primus aperto  
 Nec refugit cædes, vivum si sacra cruorem  
 Ex. aque funereæ poscunt trepidantia menæ:  
 Vulnere sic ventris, non qua Natura vocabat,  
 Extrahitur partus, calidis ponendus in aris.  
 Et quotiens sævis opus est, ac fertilibus umbris  
 Ipsa facit manes; hominum mors omnis in usu est  
 Illa genæ florem primævo corpore vulsit,  
 Illa comam læva morienti abscedit ephebo.  
 Sorpe etiam canis, cognato in funere, dira  
 Thessala incubuit membris; a' que oscula fingens  
 Truncavit caput, compressaque dentibus ora  
 Laxavit: siccoque herentem gutture linguam  
 Præmordens, gelidis infudit murmura labris  
 Arcanumque nefas Stygias mandavit ad umbras.

Dante finge que Erichtho sobreviven a Virgílio, o qual falleceu no anno da edificação de Roma 734, 14º do dominio de Augusto, successor de Julio Cesar. O prodigio, que attribue á magica da Thessalia, não é o que relata Luciano; é outro muito differente até pela data posterior.

\* Virgílio, C. VI, V. 281:

*Vipereum crinem villis innexa cruentes.*



Plinio (*Hist. Natur.*, lib. I, cap. 4) — « *In orbe terrarum pulcherrimum anguim genus est, in aqua vivit, hidri vocantur, millis serpentum inferiores veneno. . . Hydrus mas, hydra fœmina.* »

<sup>4</sup> Camões, *Lusiadas*, c. VI, est. 43, chama Frinnys a Discórdia. *Erine*, denomina Dante as tres Furias Megera, Alecto e Tisiphone.

Virgílio, *En. C. VIII*, V. 324 e seg.:

*Hæc ubi dicta didit, terras horrenda petivit.  
Luctificam Alecto Dirarum ab sede sororum  
Infernisque ciet tenebris; cui tristia bella,  
Iraque, insidæque et crimina noxia cordi  
Odit et ipse pater Pluton, odere sorores  
Tartareæ monstrum; tot sese vertit in ora,  
Tam sævæ facies, tot pollulat atra colubris.*

Trad. de J. F. Barreto. *Est.* 76 e 77:

Dizendo assim, desceu horrenda á terra,  
E' a luctifera Alecto desde o assento  
Das furias irmans suas, desencerra  
E do reino das trevas e lamento;  
A' qual agradam iras, traições, guerra  
E os peccados, que á alma dão tormento:  
Monstro, que o pae, Plutão, mesmo aborrece,  
E ás tartareas irmans mui mal parece.  
Em diversas figuras se transforma,  
Em rostos de tremenda catadura,  
E cobras de medouho aspecto e sórma  
Brotando sempre está cruel e escura.

Ovidio, *Metamorphoses*, lib. IV:

*Sic hæc Junone locuta  
Tisiphone canos ut erat turbata, capillos  
Movit et obstantes rejecit ab ore colubras  
Atque ita — « Non logis opus est ambagibus — inquit;  
Facta puta quæcumque jubes. Inamabile regnum  
Desere teque refer cæli melioris ad auras » . . .  
Nec mora, Tisiphone made factam sanguine sumit  
Importuna facem, fluidoque cruore rubentem  
Inductum pallam, tortoque incingitur anguem  
Egrediturque domo, Luctus comitatur euntem  
Et Pavor et Terror trepidoque Insania vultu.*

Tradução do insigne poeta Antonio Feliciano de Castilho:

Dissera; eis que Tisiphone, abanando  
As desgrenhadas cans, do rosto arreda  
O estorvo das serpentes e assim fala:  
— Não é mister cansares-te em rodeios;  
Dá por feito o que ordenas; desampara  
O desamavel reino, aos cens remonta—. . .  
A hedionda Tisiphone já lança  
Mão do cruento archote, enverga o manto  
Escarlate de sangue, que gotteja,



Aperta o cinto de enroscada serpe,  
Do Averno sae. Compõe-lhe comitiva  
Lucto, Medo, Terror, trepida Insania.

<sup>5</sup> Ovidio, *Met.* lib. IV :

... et alter (*Perseus*)  
*Viperei referens spoliū memorabile monstri*  
*Aera carpebat tenerum stridentibus alis*  
*Cumque super lybicas victor penderet arenas*  
*Gorgenci capitis gutta cecidere cruenta,*  
*Quas humus exceptas varios animavit in angues.*  
*Unde frequens illa est infestaque terra colubris...*  
*Jamque cadente dia, veritus se credere nocti*  
*Constitit Hesperio, regnis Atlantis, in orbe.*  
*Exiguamque petit requiem, dum Lucifer ignes*  
*Evocat Auroræ, currus Aurora diurnos*  
*Hic dominum cunctos ingenti corpore præstans*  
*Japetionides Atlas fuit...*  
*Huic quoque : — Vade procul, ne longe gloria rerum*  
*Quam mentiris — ait — longe tibi Jupiter absit.»*  
*Vinique minis addit, manibusque expellere tentat*  
*Cunctantem et placidis miscentem fortia dictis*  
*Viribus inferior (quis enim par esset Atlanti*  
*Viribus ?) — « At quoniam parvi tibi gratia nostra est,*  
*Accipe munus » — ait, læva que a parte Medusæ*  
*Ipse retroversus squalentia prodidit ora.*  
*Quantus erat mons factus Atlas...*

Tradução de A. Feliciano de Castilho :

... e outro  
Levando o espolio do vipereo monstro  
E equilibrado em azas estridentes,  
Presas aos leves pés, vagueia os ares.  
Sobre as crestantes lybicas areias  
Pendendo o vencedor, cahiram n'ellas  
Da gorgonea cerviz sanguineas gottas ;  
E bebendo-as o solo as fez serpentes :  
Desde então de serpentes Lybia abunda...  
Em fim proxima a noite, receiando  
Perseu fiar-se d'ella, o vôo abate  
Na hesperia região, reinos de Atlante  
O heróe pede ao rei um breve asylo  
Té que Phosphoro esperte a luz da Aurora  
E a Aurora o carro de ouro ao sol prepare.  
Superior na estatura aos homens todos  
Era Atlante, de Japeto progenie...  
E a este diz tambem : — Vai para longe,  
Se não queres de ti ver longe a gloria  
Dos mentirosos feitos, se não queres  
Longe, mais longe ainda, o pae, que ostentas.  
E, ajuntando a violencia ás ameaças,  
Repellir tenta para além das portas  
Perseu, que lhe resiste, e já mistura  
C'os termos brandos expressões mais fortes.



Nas forças inferior se reconhece:  
 Quem podia igualar de Atlante as forças?  
 —«Já que a minha amizade em pouco estimas»  
 Diz o affrontado heróe—«meus dons recebe.»—  
 N'isto co'a mão sinistra e desviando  
 Primeiro os olhos para a parte adversa  
 Lhe mostra de Medusa a face horrenda.  
 Eis feito o enorme Atlante um monte enorme!

<sup>6</sup> Theseu, diz a mythologia, baixara ao inferno em companhia de Piri-thoo afim de roubar Proserpina; mas não só se mallogrou o seu intento, senão também ficou encarcerado, até que foi libertado da prisão por Hercules. Cerbero, o cão trífauce, devorou Pirithoo.

Tasso, *Jer. Lib.* C. VII, Est. 116:

*D'agli occhi de' mortali un negro velo  
 Rapisce il giorno e il sole, e parch'avvampi  
 Negro viè piu c'orror d'inferno il cielo;  
 Così fiammegia infra baleni e lampi.  
 Tremono i tuoni, e pioggia accolla in gelo  
 Si versa, e i paschi abbatte e inonda e campi:  
 Schianta i rami il gran turbo, e parche crolli  
 Non pur le querce, ma le rocche e i colli.*

<sup>8</sup> Cerbero significa, no entender dos expositores, o demonio, que não podendo empecer Jesus Christo na sua descida ao inferno, de irado se voltara contra si, arrepellara os queixos e arranhara a cara e o pescoço.

<sup>9</sup> Arles, na Provença. Fóra das portas da cidade, disse o commentador Lombardi, em distancia de uma milha, demoram numerosos sepulchros e sarcophagos romanos, como se collige das inscrições e estatuas insculpidas na pedra.

Rhône ou Rhodano, rio de França, que cae no mar Tyrrheno.

Pola, antiga cidade da Esclavonia, que parte com a Istria.

Quarnaro, golfo da Esclavonia, em cujas cercanias ha moimentos romanos.

Escreveu Boccacio, referindo-se aos sepulchros de Arles:

«A' escassa distancia da cidade de Arles, existem muitos sepulchros antigos de pedra, alguns de grande dimensão, alguns pequenos, uns bem talhados, alguns grosseiramente lavrados, segundo os meios de quem mandou erigil-os. Não poucos apresentam epitaphios, ao modo dos antigos, commemorando, ao parecer, feitos dos que alli, forma sepultados. Voga, entre os moradores do logar, a tradição de se ter ferido alli uma cruenta batalha entre Guilherme de Orange ou outro principe christão e os barbaros infieis da Africa, morrendo grande somma de christãos, cujos corpos tiveram na manhã do dia seguinte a sepultura nos sepulchros, que para seu enterro foram levados.»

O *Ottimo Comento* contém o seguinte:

«Arles, cidade da Provença, proxima ao rio Rhodano, que alli fórma remanso. A's abas d'essa cidade dizem que se travou uma grande peleja entre os christãos habitantes do territorio governado pelos filhos do grande Americo de Narbona, e os Sarracenos de Africa e Hespanha, que vieram por mar. Aos christãos reconhecidos por milagre entre os mortos foram erigidos moimentos em quantidade innumeravel, muitos foram encerrados n'um só sepulchro. Ha quem



diga que a batalha feriu-se entre pagãos de parte á parte; outros asseveram que n'esse logar sepultavam-se todos os que morriam em todo o territorio circumvizinho. — Pola é cidade da provincia de Istria, perto do maritimo; não distante de braço de mar assáz perigoso, denominado Quarnaro, por causa de correntezas desencontradas em varias direcções. Á visinhança de Pola, espaço de meia milha, se veem numerosos sepulchros de pedra, em cada um dos quaes foram recolhidos muitos cadaveres provenientes de uma grande batalha. »—

Ariosto, *Orl. Fur.* C. XXXIX, Est. 72:

*Della gran moltitudine ch'uccisa  
Fù da ogni parte...  
Se ne vede ancor segno in quella terra  
Che presso ad Arli, ove il Rodano stagna  
Piena di sepolture è la campagna.*







## CANTO X

1. **E**NTRA Virgílio por vereda estreita,  
Que entre e muro e os martyrios vai seguindo:  
Após os seus meu passo se endireita.
2. — « Virtude summa ! ó tu, que, dirigindo  
Me estás, ao teu saber na estancia triste,  
Me instrues, ao meu desejo deferindo.
3. « A gente ver se pôde que ora existe  
N'aquellas sepulturas descobertas,  
A que nem guarda, nem defes te assiste ? » —
4. — « Serão » — me respondeu — « todas cobertas  
No dia, em que, de Josaphat <sup>1</sup> tornan-lo,  
Os corpos tragam, de que estão desertas.
5. « Epicuro <sup>2</sup> aqui jaz com todo o bar-do  
Dos discipulos seus, que professaram  
Que alma fenece, a vida em se acabando.
6. « O que as tuas palavras declararam  
Satisfeito hade ser, como o que vejo  
Dos votos que em teu peito se occultaram. » —
7. — « Não te expuz, meu bom Mestre. quanto almejo,  
Porque de breve ser tenho o cuidado,  
E a mais longo dizer não déste ensejo. » —



8. « O' Toscano, que, vivo, has penetrado  
Do fogo na cidade e és tão modesto,  
Detem-te um pouco, se te for de agrado.
9. « Por teu falar me está bem manifesto  
Que n'essa nobre patria tens nascido, <sup>3</sup>  
A que fôra eu talvez assáz molesto. » —
10. Ouço este som, de subito sahido  
De um dos jazigos: tanto eu me torvara,  
Que ao Mestre me achegava espavorido.
11. — « Que temes tu ? » — Virgilio diz — « Repara:  
E' Farinata <sup>4</sup> em seu sepulchro alçado,  
Do busto em toda a altura, se depara. » —
12. Na sombra os olhos tinha eu já fitado:  
Altiva levantava a fronte e o peito,  
Como em desprezo do infernal estado.
13. Por entre as tumbas me levou direito  
Ao vulto o Mestre com seu braço presto,  
Dizendo-me: — « Sê claro em teu conceito ! » —
14. Junto ao supulchro apenas fui, com gesto  
Severo um pouco olhou-me e desdenhoso  
— « Teus maiores ? » — falou — « Faz manifesto.
15. Eu, já de obedecer-lhe desejoso,  
Quanto sabia expuz-lhe francamente.  
O sobr'olho arqueava um tanto iroso,
16. E tornou :— « Guerra crúa fez tua gente <sup>5</sup>  
A mim, aos meus avós, ao meu partido;  
Mas duas vezes bani-os justamente. » —
17. — « Mas todos os que expulsos tinham sido  
Se hão, de uma e de outra vez repatriado :  
Não têm essa arte os vossos aprendido. » —
18. Surgindo então de Farinata ao lado  
Sómente o rosto um vulto nos mostrava,  
Sobre os joelhos, creio, levantado. <sup>6</sup>
19. Com anciosos olhos me cercava  
A ver se alguém viera alli commigo.  
Mas, perdida a esperança, que o animava,




20. Pranteando inquiriu :— « Se ao reino imigo  
Por premio baixas do teu alto engenho,  
Onde é meu filho ? <sup>7</sup> Pois não vem contigo ? »
21. — « Por moto proprio aqui » — volvi— « não venho;  
Perto me aguarda quem meus passos guia,  
Vosso Guido talvez <sup>8</sup> teve-o em desdenho. »—
22. A pena sua e as vozes, que lhe ouvia,  
Denunciado haviam-me o seu nome :  
Pude assim responder quanto cumpria.
23. Subito ergueu-se o espirito e gritou-me :  
« Teve disseste : não mais vive agora ?  
O corpo seu a terra já consome ? »—
24. Como eu tivesse em responder demora  
A' pergunta, de costas recalia,  
E novamente não mostrou-se fóra.
25. Mas esse outro magnanimo, que havia  
De antes falado não mudou de aspeito ;  
No collo e busto immovel persistia.
26. — « Se aquella arte não dera aos meus proveitos »—  
Proseguiu — « me produz esta certeza  
Maior tormento no adurente leito.
27. « Porém vezes cincoenta a face accesa  
Não mostrará do inferno a soberana <sup>9</sup>  
Sem que tu saibas quanto essa arte pesa.
28. « Assim possas voltar á vida humana !  
Contra os meus, diz, porque tanta maldade  
Em cada lei, que d'esse povo emana ? »—
29. Eu respondi : — « O estrago, a mortandade,  
Que do Arbia <sup>10</sup> as aguas de rubor tingira  
A curia nossa move á austeridade. <sup>11</sup> »—
30. Inclinando a cabeça então, suspira  
E diz : — « não fui lá só n'aquelle dia,  
Nem sem motivo aos outros eu seguira.
31. « Porém achei-me só, quando exigia  
De Florença a ruina o geral brado :  
A peito descoberto eu defendia-a. »—

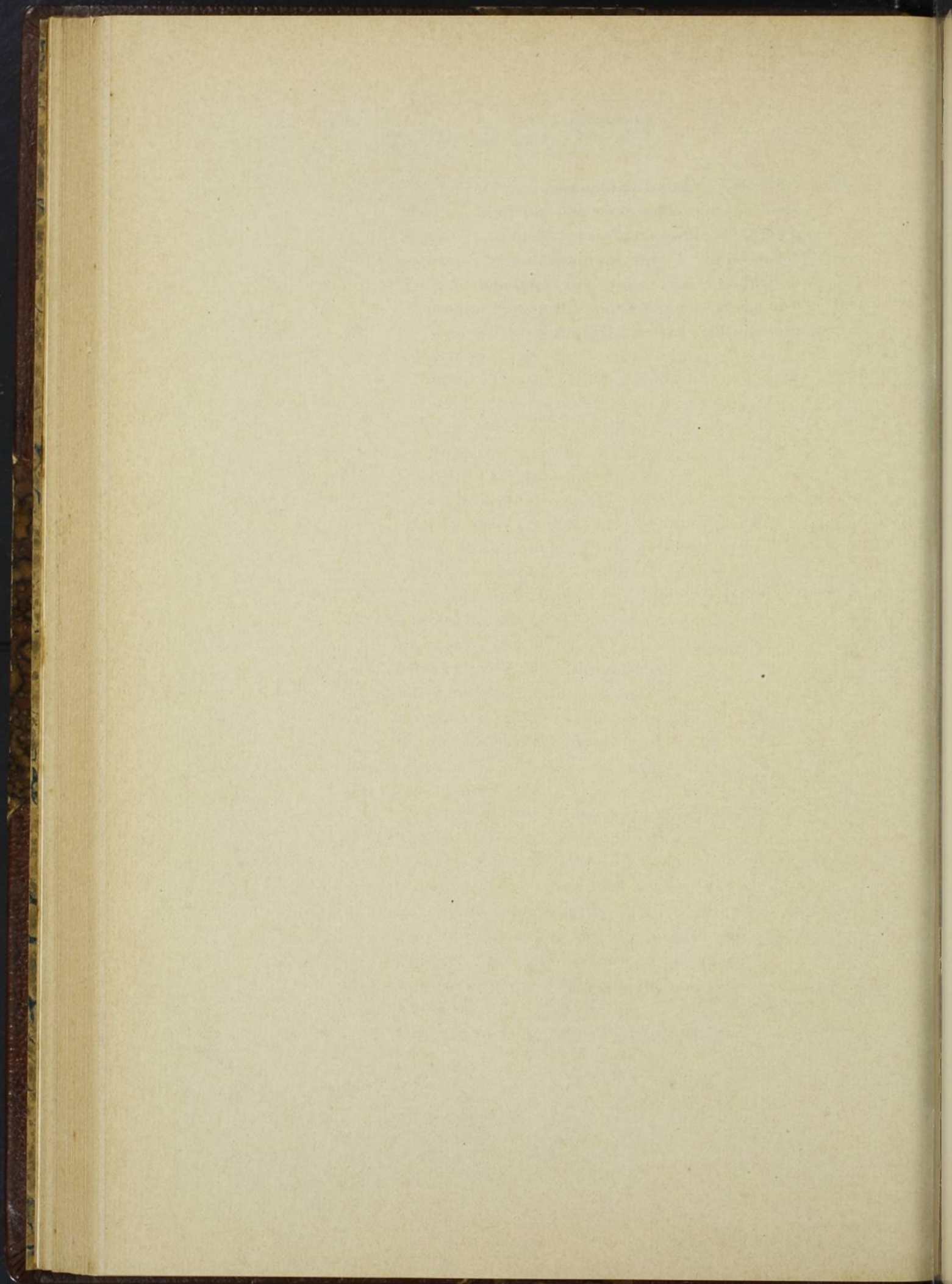


32. — « Seja o descanso á vossa prole dado :  
Mas, vos supplico, de penoso enleio  
Fique o juizo meu descaptivado.
33. « Se bem percebo, do futuro ao seio  
Subindo e ao tempo o curso antecipando,  
Do presente ignorais todo o rodeio. » —
34. — « Os que têm vista má nós similhando » —  
Tornou-me — « as cousas mais distantes vemos,  
De Deus ultima luz em nós raiando.
35. « Quando estão perto ou no presente as temos  
Se apaga a lucidez, e a mente aprende  
Por outrem só o que de vós sabemos.
36. « Sciencia nossa do porvir depende ;  
Em sendo a porta do porvir cerrada,  
Essa luz morre em nós, não mais se accende. »
37. Então minha alma, de remorso entrada,  
« Dize » — replico — á sombra, a quem falava,  
Que o filho inda entre os vivos tem morada.
38. Se presto lhe não disse o que exorava,  
Da duvida, que, ha pouco, heis-me explicado,  
Pela influencia dominado eu stava. » —
39. Se bem fosse do Mestre appellidado,  
Rogando a sombra a me dizer prosigo  
As almas, de quem stava acompanhado.
40. Respondeu : « — Muitos mil jazem commigo  
Aqui dentro, o Segundo Frederico, <sup>12</sup>  
Com elle o cardeal, <sup>13</sup> de outros não digo. » —
41. Dos olhos se apartou. A scismar fico,  
Voltando ao sabio Mestre, na ameaça  
D'esse, que ouvira, vaticinio inico.
42. Elle caminha, e, emquanto avante passa,  
Me diz : « Por que és torvado ? » — Eu tudo conto  
Expondo o que me inquieta e me embaraça.
43. — « Do que ouviste a memoria cada ponto  
Conserva ! » — o sabio ordena ; e, logo, alçando  
O dedo, segue : — « Agora escuta prompto.



44. « Ante o doce raiar d'aquella estando,  
Que tudo aos bellos olhos tem presente,  
Se irão da vida os transes revelando. » —
45. Moveu-se logo á esquerda diligente ;  
Deixando o muro, ao centro caminhava  
Por senda, que descia ao valle horrendo,  
Que hediondos vapores exhalava.
- 







## NOTAS AO CANTO X



Manifesta Dante o desejo de ver e falar a algum dos hereges, sectarios das doutrinas de Epicuro, que jazem nos sepulchros ardentes. Conduzido por Virgilio, pratica com Farinata degli Uberti e Cavalcante de Cavalcanti. Vaticinalla Farinata o seu desterro; e lhe declara que os condemnados conhecem o que está por acontecer, se bem que do presente só possam saber o que lhes é referido.

<sup>1</sup> Denominou-se Josaphat ou Jehosaphat, um valle proximo a Jerusalém, que, demorando a leste d'esta cidade e a oeste da montanha das Oliveiras, tem a extensão de trinta kilometros. Corta-o o arroio Cedron. Era a tradição popular dos judeus, aceita por muitos Christãos, que n'esse valle se faria o Juizo final. Tambem chamavam-o valle de Cedron ou Silôè.

No livro de Joël ( *Velho Testamento* ), Cap. III V, 2:

« Ajuntarei todas as gentes e leval-as-hei ao valle de Josaphat; e alli estarei com ellas no juizo no tocante a Israel, meu povo e minha herança, a quem elles espalharam por entre as nações, e no tocante á minha terra, que elles dividiram entre si. »

<sup>2</sup> Epicuro, philosopho grego, nasceu em 341 antes de Jesus Christo, em Gargetos, nas cercanias de Athenas. Vinculando-se ás doutrinas de Democrito, ampliou-as, desenvolveu-as e corrigiu-as á sua feição, e sobre estes fundamentos firmou uma das escolas philosophicas da antiguidade. Em moral, ensinava que o prazer é o bem supremo do homem, e, pois, todo o seu empenho deve ser conseguil-o; mas por prazer, entendia principalmente o contentamento do espirito e coração. Em physica, explicava o universo pela conjuncção fortuita dos atomos. Negava a immortalidade da alma; admittia entes de natureza superior á do homem, mas sem acção sobre o mundo. Lucrecio expoz a physica de Epicuro no seu poema — *De rerum naturâ*.

<sup>3</sup> Florença.

<sup>4</sup> Farinata degli Uberti, que Sismondi tinha em fôro «do maior estadista do seu tempo», e que Perrens, o moderno historiador de Florença, qualifica de alto entendimento, magnanimo character, proprio para as armas e muito mais para os conselhos, foi um dos mais insignes e abalizados chefes dos Gibelinos em Florença.



Em seu *Comento* diz Boccaccio: « Era com Epicuro de parecer que a alma perece com o corpo, e consequentemente ensinava que a felicidade do homem cifrava-se nos prazeres temporaes. Mas não procedia como Epicuro que, em presença de copiosos banquetes, deliciava-se em comer pão secco. Farinata era apaixonado dos manjares delicados e saborosos; e para gozal-os não esperava pela fome. Por este peccado foi, n'este canto, condemnado. »

— « Os Florentinos — diz o citado historiador — em suas chronicas confundem o epicurismo com a heresia, não sendo, porém, mais que indiferença religiosa ou incredulidade. Escreveu Benvenuto Rambaldi de Imola: — « *Illi epicurei sunt innumerabilis, und poterat ita didere cum pluribus centum millibus, imò mille, millibus.* » — Farinata degli Uberti, chefe dos Gibelinos, entendia, como Epicuro, que a felicidade suprema, o paraíso, sómente neste mundo existe. Cavalcante Cavalcanti cria e ensinava aos outros que a alma fenece com o corpo. Andava sempre a repetir as palavras de Salomão: — «Eu disse no meu coração — acerca dos filhos dos homens que Deus os provava e lhes mostrava que eram semelhantes aos brutos; por isso uma é a morte dos homens e dos brutos, e de uns e de outros é igual a condição: do mesmo modo que morrem os homens, assim também morrem os brutos; todos respiram da mesma sorte, e o homem não tem nada de mais do que os brutos, e todos elles caminham a um lugar, e em terra se tornam do mesmo modo.» (*Ecclesiastes*, cap. III, v. 18, 19, 20). — Seu filho Guido Cavalcanti, poeta e philosopho, segundo olho de Florença, no tempo de Dante (como escreveu Benvenuto de Imola) amigo do primeiro, isto é, de Dante Alighieri, professava as mesmas doutrinas, que ainda no berço aprendera: — «Quando os populares o viam na rua, disse Boccaccio, abstracto e pensativo, diziam que andava em busca dos argumentos para provar que não existe Deus.» — Os mais qualificados Gibelinos eram tão incredulos como os Cavalcantis. Por ser incredulo o proprio Farinata degli Uberti, o heroe, o politico, patriota do partido que seguia apaixonadamente o mais crente dos poetas, se apresenta emparedado em um sepulchro no fundo do immortal inferno, de que a poesia dotou o christianismo, em companhia de Frederico II, do cardeal Ubaldini e de mil outros.»

Dante, *Convito*, trat. IV, Cap. V:

— « Além d'estes, houve outros philosophos, dos quaes um dos primeiros e principaes chamou-se Epicuro, que, vendo os animaes, logo em nascendo, quasi pela natureza propensos ao seu devido fim, fugindo á dôr e procurando o prazer, disse que o nosso fim é a voluptuosidade, e por isso, entre o prazer e a dôr, não estabelecia meio termo, tendo para si o deleite e a ausencia da dôr. » —

<sup>5</sup> Os antepassados de Dante foram Guelfos, e elle seguiu aquella parcialidade até que foi desterrado. Desde então se fez extremado Gibelino. Por isso diz Farinata:

*Fieramente furon avversi  
A me e ad i miei primi ed a mia parte,  
Sì ch'è per due fiato gli dispersi.*

Farinata duas vezes lançou os Guelfos de Florença: a primeira, quando o Imperador Frederico promoveu tumultos em Florença, a segunda, por occasião da batalha de Montaperti.

<sup>6</sup> E' este Cavalcante de Cavalcanti, pae do amigo de Dante, Guido Cavalcanti. A razão por que sua sombra não se alça fóra do sepulchro tanto quanto a de Farinata, provém da indole de cada um dos dois: Farinata era magnanimo, heroico; Cavalcanti, de espirito pouco elevado, como mostrou por suas lagrimas, por seu profundo abatimento á simples supposição de ser já morto seu filho.



<sup>1</sup> Guido Cavalcanti, aquelle predilecto amigo de Dante, que na adolescencia lhe endereçou o seguinte soneto:

*Guido, vorrei che tu e Lapo ed io  
Fossimo presi per incantamento,  
Emessi ad un vascel, ch'ad ogni vento  
Per mare andasse a voler vostro e mio;  
Sicchè fortuna od altro tempo vio  
Non ci potesse dare impedimento,  
Anzi, vivendo sempre in un talento  
Di stare insieme crescesse il disio.  
E Monna vanna e Monna Bice poi,  
Con quella ch'è sue numero del trenta  
Con noi ponesse il buono incantatore.  
Equivì ragionar sempre d'amore;  
E ciascuna di lor fosse contenta,  
Siccome io credo che sariano noi.*

Guido não dedicava a Virgílio o mesmo culto de admiração que Dante: e posto fosse um dos abalisados poetas do seu seculo, dava-se mais ao estudo da philosophia do que á poesia. Boccaccio muito encareceu os seus louvores: e, em especial, deu-lhe o mais conspicuo logar na Nov. 9<sup>a</sup> da *Giornata Sexta* do *Decameron*, da qual aqui se traslada o seguinte:

« Entre os bons costumes dos tempos idos comprehendia-se o de associações festivas, compostas de cavalleiros da cidade e dos arrabaldes de Florença, que em occasiões determinadas reuniam-se para folganças e cavalhadas. Uma d'essas associações tinha por director Betto Brunelleschi, que muito se empenhara por incluir no Gremio Guido Cavalcanti. Motivo sobejo tinha para desejal-o: por quanto, sobre ser um dos melhores logicos do mundo, e excellentemente philosopho natural (cousas de que, aliás, a associação pouco cabedal fazia) era dotado de alegre genio e muito bons costumes, assaz facundo, versado em tudo quanto cabe nos dotes de um cavalleiro, e amiavel mais que ninguem no seu trato: de mais d'isto era riquissimo e sabia conhecer os quilates do merecimento a quem quer que o tivesse. Mas Betto não conseguira o seu intento, o que elle e seus companheiros attribuiam ás abstracções de espirito, em que Guido, absorvido em especulações, evitava as companhias. E porque elle se dava ás idéas de Epicuro, dizia o vulgo, que o fim das suas especulações era descobrir argumentos, que provassem que não existe Deus.

« Um dia succedeu que vindo Guido de Orto San Michele em direitura a San Giovanni, como costumava em seus passeios, e achando-se entre as columnas de porphiro e os mausoléos de marmore que estão proximos a San Giovanni, cuja porta estava fechada, Betto e a sua companhia sahiu-lhe ao encontro pela praça de S. Reparata. Avistando-o entre as sepulturas do logar, disseram entre si: — Vamos mettê-lo á bulha. E, dando rédeas aos cavallos como para um assalto, acercaram-se a elle, e antes que dêsse pela sua presença, o interpellaram dizendo-lhe: — Guido, recusas ser da nossa associação: mas que dirás, quando souberes que Deus não faz parte d'ella? — Guido vendo-se cercado, lhes tornou incontinente: — Senhores, podeis dizer-me na vossa casa quando vos approuver. — E firmando a mão em um dos mausoléos, que eram altos, assim como elle era de grande agilidade, de um salto passou-se para o outro lado, e retirou-se.

« Os cavalleiros olharam-se um para o outro salteados de admiração, e depois diziam que Guido era um desmiolado, pois sua resposta nenhum valor, nem applicação tinha. Mas Betto atallhou-os com estas palavras: — Desmiolados sois vós, pois que não o compreheudestes. Elle, mui delicadamente e em poucas



palavras, disse-nos a cousa mais offensiva do mundo. Reparaí que estes mausoléos são habitações de mortos, que alli são depositados: dizendo elle que são a nossa casa, quiz significar-nos que nós e quantos são idiotas e illitteratos, comparados com elle e outros homens doutos, estamos em peor condição que os mortos; e, portanto, aqui nos achamos em nossa casa.

«Então cada qual cahiu no entendimento do que Guido quizera dizer-lhe: e corridos nunca mais o metteram á bulha, e tiveram Betto por homem de engenho perspicaz.»

Cesare Balbo, *Vita di Dante*:

«A nosso parecer, o mais notavel entre os poetas contemporaneos de Dante é, sem debate, Guido Cavalcanti, primeiro amigo e companheiro de toda a mocidade de Dante. Pertencia á uma das principaes familias, tambem Guelfa de Florença, e era filho de Misser Cavalcante de Cavalcanti, collocado no Inferno de Dante entre os incredulos. Ignoro em que anno nasceu; mas era, pelo menos, vinte annos mais velho que Dante, pois em 1266 recebia-se com a filha de Farinata degli Uberti, o glorioso cabo dos Gibelinos da geração precedente. Foi este um dos numerosos casamentos celebrados entre Guelfos e Gibelinos na occasião em que aquelles se repatriaram. Em taes allianças predominou o proposito de concórdia; mas, permanecendo superior e so o partido Guelfo, foi azo para ficarem em suspeição as familias, que se haviam aparentados com os seus adversarios. N'essa duvida e talvez n'essa realidade de Guelfo, com pendor para Gibelino, conservou-se Guido, que ao diante attrahiu Dante a si. Todas as memorias d'esse tempo apresentam-nos em Guido um d'esses homens que naturalmente resplendem, em moços, no circulo dos seus amigos, e tambem na sua cidade, se possuem os bens da fortuna. Dino Compagni o dá como mancebo de nobre parecer, cortez e altivo, mas concentrado, amigo, do retiro e dedicado ao estudo. Em uma novella de Boccaccio e em outra de Sacchetti figura Guido Cavalcanti; e d'esta arte vivia na memoria e nas tradições da cidade, e bem assim nas novellas antigas, que são para a historia florentina d'aquelles tempos pouco menos que essas numerosas particularidades para a historia da França de Luiz XIV a Napoleão.

«Quanto á culpa de epicureu, de que o notaram, então quasi equivalente á de incredulo, objecto ha sido de discussão perluxa entre os modernos. A' falta de documentos, allega-se como prova em abono de Guido a peregrinação que fez a S. Thiago de Galliza. Mas, como quasi ao tempo de sua volta enamorou-se d'essa Mandetta, celebrada por elle nos seus versos, observou Tiraboschi que esse foi o unico proveito da sua devoção, melhor fôra que se deixasse ficar em sua casa.

«De Guido como poeta, basta dizer que algumas poesias suas ainda hoje são lidas com prazer. E Dante tendo citado duas vezes versos seus no livro de *vulgari Eloquio*, o apresenta (no *Purg.* XXIV) como o primeiro dos seus contemporaneos, deixando em esquecimento Cino de Pistoja. Se com razão ou não, decidam os entendidos. Talvez Guido, primeiro na amisade, tambem lhe parecesse primeiro na poesia. Ninguém, porém, lance-o á conta da inveja, de que Dante se não podia deixar arrastar, quando bem sabia estar muito acima de ambos e o dizia.»

<sup>8</sup> Farinata mostrou-se insensivel, indifferente e alheio áquella scena de paternal affecto, em que Cavalcanti se mostrou em extremo solícito pelo filho. Mudo e quedo esperou, em sua altiva gravidade, que terminasse a explosão de ternura. Então atou o fio ao seu discurso.

<sup>9</sup> A lua segundo a mythologia, é Diana no ceu, Luna na terra, Proserpina no Inferno.



<sup>10</sup> Refere-se o poeta á grande batalha de Monte-Aperti. Deu-se em 4 de setembro de 1260. De um lado, pelejaram os Guelfos, isto é, os Florentinos e os seus alliados de Lucca, Pistoia e outras *communas*, do mesmo partido em numero de 30.000 de pé e 3.000 de cavallo, segundo a conta do historiador Villani; e do outro, os Gibelinos desterrados de Florença e os de Siena e outras cidades, principalmente os dirigidos por Farinata degli Uberti, o qual promovera a reacção do partido Gibelino, mediante auxilio do Rei Manfredo, sendo o numero dos seus combatentes estimado em 25.000.

Diz Perrens, na *Hist. de Florença*:

« A' frente dos Guelfos movia-se o *victorioso* « carroccio » rodeado de cavallaria pezada e seguido da cavallaria ligeira. Ia após a *Martinella* com a infantaria, os pavesari, os archeiros, e *salmena* (bagagens), os saccomani (criados). A 2 de setembro, o exercito chegou a seis milhas de Siena, pela estrada de Arezzo. Então o podestà enviou embaixadores aos 24, que governavam Siena intimando-lhes que se rendessem; e para dar mais força á exigencia, proseguiu em demanda da cidade inimiga e foi acampar em Monteselvoli, localidade selvosa de val Brena, entre o arroio d'este nome e o Malena, que desagua no Arbia, ás abas do castello de Monte-Aperti.

« Não estavam os Sienezes desapercebidos. Compunha-se o seu exercito de 25.000 homens, todos Gibelinos resolutos. Os Allemães de Manfredo e o conde de Giordano, os desterrados de Florença e o conde Guido Novello, o de Arezzo e o seu Bispo Guglielmo degli Uberti eram seguros auxiliares.

« A 2 de setembro foram os embaixadores florentinos recebidos na igreja de S. Christofano, onde ordinariamente se reunia o conselho geral do povo. Com arrogancia tal que nem se dignaram saudal-o, declararam a vontade da liga Guelfa: arrazamento de parte das muralhas de Siena para passagem do exercito Guelfo, instituição de uma senhoria em cada um dos *terzi* da cidade e construcção de uma fortaleza no seu proprio recinto, em Camporeggi, abstenção de toda e qualquer hostilidade á Montalcina, entrega dos Gibelinos desterrados. Se recusar acceder a estas condições, Siena seria tratada com a maior severidade.

« Os 24 prometteram deliberar e despediram os embaixadores. Por proposta do Provenzano Salvani, o Conde Giordano foi convidado a comparecer na assembléa. Apresentou-se com os seus dezeseis condestaveis, senescal e interprete, talvez porque nenhum d'aquelles Allemães entendia o italiano. Entrados na igreja e inteirados do accordo, declaram com expressivas mostras que defenderão a cidade esforçadamente. Immediatamante o conselho lhes abonou um mez de soldo dobrado, que importava em mais de 100.000 florins. Esta quantia foi espontaneamente emprestada por um opulento negociante da cidade, Salinibene, que promptamente fez conduzir de sua casa o dinheiro em um carro coberto de escarlate e arreado de ramos de louro, declarando-se prestes a adiantar o dobro, se mister fosse. Incumbido de responder aos embaixadores, disse-lhes publicamente que Siena resolvera fortalecer ainda mais as suas muralhas e que o seu exercito iria ao arraial dos Guelfos para verificar se realmente possuíam o poder, que alardeavam.

« O povo, no entanto, se apinhava na praça dos Tolomei e suas visinhanças, deprecando providencias energicas e a concentraçáo dos poderes, que de feito foram pelos 24 conferidos sem limitação a um cidadão assáz conceituado, Buonagnida Lucari, ao qual deram até o direito de vender ou empenhar Siena e o seu territorio.

« O primeiro acto do dictador foi consagrar Siena á Virgem Maria, Em camisa, de corda ao pescoço, desbarretada a cabeça e pés descalços, foi caminho da cathedral á frente dos cidadãos igualmente preparados, cujo numero crescia a cada instante. Em supplicantes vozes pedia á Rainha dos



anjos que amparasse a communa aos leões que a queriam devorar; respondia a multidão implorando misericórdia. Na igreja, cujos sinos dobravam incessantemente, foram recebidos pelo Bispo com psalmos e ladainhas. Ajoelhado o dictador recebeu do prelado o osculo da paz, que, a seu exemplo, os assistentes deram uns aos outros. O Bispo recommendou o perdão das offensas e ordenou uma solemne procissão, que incontinentemente se effectuou. A' frente ia um crucifixo, que ainda hoje se venera na cathedral, em commemoração d'esse dia de patriotico enthusiasmo. No couce iam descalços e de corda ao pescoço o Bispo, os conegos, o syndico e o povo a entoar preces. No dia seguinte publicaram-se as providencias havidas por urgentes.

« A 6 de setembro, enquanto as mulheres reiteravam procissões e preces, o exercito sahio da cidade. Na vanguarda ia o estandarte communal. Seguia-o o *carroccio*, no qual tremulava uma bandeira branca, côr de Manfreda e do *terzo* de Camullia. Parecia, como disse um chronista, o manto de Nossa Senhora. Os Sienezes foram acampar em Monte Ropoli, tendo a seus pés o Arbia, o Malena e Biena, e em frente, ao sudoeste, a collina de Monselvoli, occupada pelo exercito guelfo.

« O conde Giordano deu-se pressa em assenhorear a parte do valle, que separa Monte Ropoli de Poggiarone. Soccorreu-se então de um estratagemma para enganar o inimigo sobre o numero de suas tropas fazendo-as figurar, pela mudança dos uniformes e distinctivos, ora verdes, ora vermelhos, ora brancos e pretos, como se o seu algarismo fosse o dobro.

« As marchas e contramarchas, a variedade das côres, que faziam figurar como tão numerosos os batalhões sienezes, profundamente impressionaram os Guelfos, que não julgavam os seus inimigos capazes de resistir, e os viam agora capazes de investil-os. Salteou os animos religioso terror, que subiu de ponto, quando viram o acampamento sienez e a propria cidade cobertos de um nevoeiro branco, que parecia o manto da Virgem, signal infallivel de sua protecção ao povo, que a invocara. — «Seremos desbaratados» — diziam tristemente os Florentinos, que de bom grado se fariam na volta da sua cidade, se os seus cabos lh'o consentissem e se lhes não obstassem á retirada as posições, que os inimigos assenhoreavam. Foi, pois, inevitavel a batalha.

« A 4 de setembro estava já alto o sol, quando abalou o exercito Gibelino, descendo ao *Piano d'ella cortina*, passando o Arbia e subindo o Poggiarone até então desoccupado. Vendo os Guelfos o erro que haviam commettido, tentaram resarcil-o dirigindo-se á outra encosta da collina; mas os animos achavam-se desalentados, e o aspecto dos Allemães desvanecia a esperança, que porventura houvesse de victoria. Quantas manobras tentou o seu *podestà* Rangoni e se mallograram: o Poggiarone estava já em poder do inimigo.

« O conde, avantajado por este bom exito, ordenou o ataque do centro, que se effectuou aos brados unanimes: *A la morte! a la morte!*

« Generalisou-se a refrega. A infantaria guelfa resistia esforçadamente, excepto os Gibelinos, que constrangidos, estavam nas suas fileiras e já começavam a recuar.

« De repente, á hora de vespas, o conde de Arras, que estava de emboscada deu sobre a ala esquerda dos Florentinos, que, tomados de sobresalto não podendo oppôr-se a um e a outro lado conjuntamente, nem conservarem-se nas eminencias de Monteselvoli, principiaram a retirada, que a traição dos Gibelinos converteu logo em desbarato. Desembaraçando-se das bandeiras Guelfas de cruz vermelha, soltaram aos ventos as Gibelinas de cruz branca que levavam escondidas. Os Abati, os Della Pressa saltaram pelas costas os seus camaradas. Um dos traidores, Boca di Abati, decepou a mão com que Jacopo di Pazzi empunhava o estandarte de cavallaria, a qual, não avistando mais aquelle signal que os guiava, deram como certa a derrota; e n'esta conformidade procedeu de feição, que se tornou irremediavel o desastre, a que, de outra sorte, talvez ainda se podesse pôr cobro. Dante, extremado Gibelino, como era, recordando



a traição, não ponde ter a sua indignação, e mergulhou no gelo, em que eternamente tiritam os traidores, o perverso, que da sua infamia tanto se peja, que occulta o nome a quem lh'o pergunta.

« Enquanto os cavalleiros se salvavam pela velocidade das suas cavalgadas, a infantaria, formada de *popolani*, defendia o terreno palmo a palmo, havendo-se cada qual como soldado e como capitão. O conde Giordano e o Bispo de Arezzo, que á toda a parte acudiam, deram ordem para serem todos mettidos a ferro. Os que ainda podiam sustentar-se com as armas nas mãos serraram fileiras em torno do seu *carroccio*, cuja perda seria signal e prova do triumpho dos inimigos. Giovanni Tornaquinci, quasi septuagenario, a quem lóra commettida a guarda do *carroccio* communal, em sua defesa perden a vida, e com elle um filho e mais tres pessoas de sua familia. Tal foi a mortandade, que « o Malena — escreveu Ventura, engrossou de sangue a sua corrente, adquiriu rapidez e força para mover quatro dos maiores moinhos. Dante, menos exagerado, disse:

*Lo strazio e il grande scempio,  
Che fece l'Arbia colorata in rosso.*

« Perdidos o *carroccio* e a *martinella*, os destroços da infantaria, os Luquezes e os Oriretanos que mais se tinham esquivado á peleja, acolheram-se ao tezo de Monte-Aperti, ou para se defenderem a todo o custo, ou para implorarem n'este transe extremo a clemencia do vencedor. Este resultado alcançaram; porque, segundo conselho de Farinata, os cabos sieneses e o conde Giordano, já certos do triumpho, mandaram poupar a vida aos que se entregassem. Então muitos dos vencidos, para mais significativa mostra de submissão, se prenderam ás proprias mãos, ou ajudavam uns aos outros a fazel-o. Trocavam em abjecção a soberba, com que no dia anterior se empinavam.

« N'esta batalha, uma das mais cruentas d'aquelle seculo e, ao dizer de Ptolomeu de Luca, a mais temerosa que houve na Toscana, depois da vida de J. C., chamada de Arbia e, mais frequentemente, de Monte-Aperti, quando se devia denominar de Poggiarone ou Monselvoli, 4.000 Guellos salvaram-se fugindo, 15.000 jazeram no campo, 15.000 ficaram prisioneiros. Só de Florentinos 3.000 perderam a vida, 1.500 foram captivados. »

II Depois da batalha de Monte-Aperti, o Conde Giordano, vendo que, não obstante os rigores de que usara para com os vencidos, o Arezzo ainda resistia, Pistoia se não submetera, Lucca dava agazalho aos Guellos, Florença propendia para novos alvoroços e desejava chamar ao seu seio os Guellos desterrados, determinou, nos ultimos dias de setembro, convocar em Rimpoli uma dieta Gibelina.

« Ao seu convite—diz o mesmo exímio historiador—responderam todos os barões da Toscana e todas as cidades adherentes ao partido, todos os desterrados dos que ainda tinham a voz dos Guellos. Entabularam-se negociações, que se dilataram ao modo habitual d'aquelle tempo. Giordano não presidiu, porque teve de retirar-se, a chamado do Manfredo, posto Siena o tivesse nomeado *podestà* para o anno de 1261, e deixou a Toscana, como deixára Florença, delegando seus poderes em Siena a Francesco Semplice, e em Florença a Guido Novello.

« Na dieta, a primeira proposta foi para ser arrasada a formidavel cidade, ninho permanente dos Guellos, onde repouso não havia para os Gibelinos. Essa proposta, acceita pela assembléa e applaudida por muitos magnatas florentinos, certos de conservar os seus castellos com as competentes jurisdicções, foi contrariada unicamente pelo protesto de Farinata degli Uberti. Este energico e astuto Gibelino, depois de haver trabalhado tão sagazmente para os aprestos da guerra, desaparece da narração da batalha, assim como do triumpho, ou por esquecerem os chronistas florentinos a sua rebelião, lembrando-se do seu tardio



patriotismo, ou por haverem os chronistas sienezes dissimulado a gloria de um estrangeiro, levados da vaidade caracteristica da sua patria, ainda maior que a dos francezes, como disse Dante n'estes versos do canto XXIX do *Inf*:

*Or fu giammai  
Gente sì vana come la sanese?  
Certo no la francesca sì d'assai.*

« N'essa occasião Farinata proferiu um discurso, no qual disse em substancia: — « Como o asno e a cabra, não quereis abster-vos do proceder. « Que estais habituados, ainda que dê causa á vossa perdição. Eu, porém, que sujeitei a tanto padecer na esperança de viver um dia em minha patria, heide defendel-a, ainda que morra, se preciso fôr, com a espada na mão ». Após esse discurso ausentou-se, cheio de ira, com gesto de desafio, decidido a correr com os seus amigos em soccorro de Florença. E porque fossem numerosos esses amigos elle exercesse grande influencia no animo de todos, não foi avante aquella discussão. Assim lhe deveu Florença a sua salvação. Compensando d'esta arte o mal, de que em parte fôra o causador, deixou fama de insigne e abalizado patriota, com quanto lhe não fosse conferida a honra de uma estatua .»

Pietro Fraticelli, *Storia della vita di Dante Alighieri*, dá o discurso de Farinata com maior desenvolvimento. Eil-o :

« Depois da gloriosa victoria que hemos alcançado, não podia acreditar que tivesse de pezar-me de existir ainda, pois mais se faz sentir a injuria quando provem de amigos do que de adversarios. E injuria se imaginará maior do que entender em privar da patria a quem tanto ha por ella porfiado e padecido? Na arte de dizer não sou amestrado, como os que falaram antes de mim: mas eu me exprimo como posso e penso, e segundo o adagio, *asno que tem fome, cardos come* (*com'asino sape, così minuzza rape*). Dir-vos-hei todavia, que por de mais desventurado me teria a mim e aos concidadãos, se em vosso querer e em vossas mãos estivesse a destruição da nossa cidade. Certo, pelos meios da razão tanto não vos é dado: porque entramos em confederação dos termos de igualdade, e accordamos não arrazar cidades, senão mantel-as e conserval-as, mediante reformas apositadas. E, pois, os alvitres vossos devem ser havidos mais em conta de temerarios que crueis, se bem motivos haja para julgal-os uma e outra cousa, visto denunciarem a crença de poder o que não cabe em vossas faculdades e revelarem immanidade e odio para com os vossos proprios alliados. Mas conselhos de paixão são sempre funestos, e quem tenta contra os companheiros para o mal se inclina em damno de todos. Allegais que Florença é a séde do partido Guelfo. Era, respondo-vos, quando assenhoreavam-as os Guelfos; hoje, porém, quando está bandeada commosco, porque não a chamais Gibelina? Casas e muralhas não seguem no appellido os seus moradores? Mas o povo miudo, insistis vós, é sempre mais de alma Guelfa que Gibelina. Se assim é, porque os nossos adversarios quizeram antes abandonar a cidade do que fazer fiança no povo? Demos que assim fosse: nós, que ao vosso lado pelejamos, não hemos merecido as vossas suspeitas; e por suspeitas que sobre nós recahir não pôdem, fallece-vos fundamento para despojar-nos d'aquillo mesmo que possuis ou anhelais. Haveis de tornar aos vossos lares triumphantes, e ufanos; nós, entretanto, errantes e desamparados, supplicaremos asylo a estranhos! Vossas casas serão conservadas, as nossas destruidas? Ha entre vós acaso quem me julgue tão pusilanime, que me curve á essa mais que muito deshonrosa affronta? Se de armas em punho persigo as meus inimigos, não quero, nem devo offender, nem abominar minha patria; para rehavel-a, tenho suado sangue e agua. Não, jamais consentirei que damno se cause á cidade, que os meus adversarios conservaram e deixam intacta. Não, jamais permittirei que no porvir os meus inimigos gosem o nome de conservadores da patria e soffra em o labéo de seu destruidor;



pois feito nem mais vil, nem mais infame do que arrazar a propria cidade para não tornar ao dominio de adversarios. Mais para que desperdiçar palavras? Rompa finalmente e do meu peito uma só voz digna de mim. Alto e bom som vos declaro que, se a tantos Florentinos sómente eu sobrevivesse, eu não soffreria, em quanto forças tivesse para brandir esta espada, que a minha patria seja destruída, e se mil vidas houvesse de sacrificar em prol d'ella, mortes mil affrontaria em sua defesa.»

Lamenais, na *Introdução* á sua traducção da *Divina Comedia*, commençando as palavras de Farinata a Dante, diz:

« Se palavras, como estas, não encerram primores iguaes aos que se recommendam na poesia, onde se depararão elles ?

« O grande Gibelino toscano apresenta um d'esses typos primordiaes, alvo a que se têm endereçado numerosas imitações directas ou indirectas. Modificadas mais ou menos, manifestam sempre e sempre denunciam aquelle cunho indelevel de maior elevação, força e grandeza.

« Por elle inspirava-se Byron, pintando o Giavur e muitas outras figuras dos seus poemas. Procedem de Farinata, como as vergontas do tronco: transsudam a mesma seiva de altivez, odio e vingança; mas não sobem a altura da arvore primitiva.

« Longino definia o sublime *som que vibra de uma alma grande*: parece que palávras taes foram ditas para se applicarem a Dante. Mas a alma do poeta não deve vibrar sómente sons: deve tambem agitar-se ao sopro das paixões mais encontradas, dos sentimentos varios, e representar na sua divina harmonia a harmonia multiplice da natureza, do coração humano. Por esta face Dante é quanto a Homero, o *poeta soberano*. »

<sup>12</sup> Frederico II, filho do Imperador Henrique VI, e neto de Frederico Barba-rôxa, de 1220 a 1250 reinou como Imperador da Allemanha e Rei de Nápoles e Sicilia. Aqui teve a sua côrte, uma das mais notaveis e magnificas do seu tempo. Como disse Gibbon, foi successivamente pupillo, inimigo e victima da Igreja. O historiador florentino Villani disse d'este soberano:

« Frederico reinou trinta annos como Imperador. Assignalou-se por predicamentos de muita valia, sendo douto, possuindo muitos dotes naturaes e podendo ser havido por universal. Sabia as linguas italiana, latina, allemã, franceza, grega e arabica; tinha em subido ponto todas as qualidades boas, era liberal, cortez, esforçado e dístico nas armas e muito tímido. Tambem se mostrou por muitos modos propenso á sensualidade, tendo numerosas concubinas e eunucos ao modo dos sarracenos. Afeiçoado ás delicias da voluptuosidade, viveu como epicureu, tendo em menos preço a vida futura. Foi esta a principal razão, porque o clero e a Santa Igreja o trataram como inimigo. »

Perrens (obra citada) diz:

« Gibelinos e patarinos tinham um ponto de contacto no seu decidido pendor para Frederico II, em quem faziam a maior fiança. O Imperador da Allemanha, objecto do odio dos Guelfos, infundia horror nos orthodoxos, pois a liberdade de suas opiniões ia muito além da que se exprobrava aos hereges. Na sua indiferença ou incredulidade acerca das cerimoniaes e dogmas da religião, escandalisava os crentes por seus habitos, por suas palavras. O seu amigo no sacro collegio era o materialista Ubal dini, seu consocio no *Inferno de Dante*, que despejadamente dizia: — Se tenho uma alma, já perdia-a por amor dos Gibelinos. « Mulheres arabes eram as suas amantes: em terreno pertencente ás igrejas mandava edificar as suas habitações. Porque na sua côrte conviviam

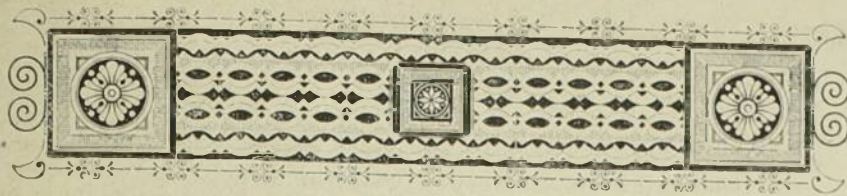


astrologos de Bagdad, singulares por suas grandes barbas, roupas talares, dizia-se que se communicava com Astaroth e Belzebuth. Tinha por imposturia o viatico administrado aos moribundos ; negava que Deus fosse omnipotente e que tivesse nascido de uma virgem ; e estimava que o chamassem precursor do Ante-Christo. Moysés, Jesus e Mahomet eram, em seu conceito, tres impostores, até lhe attribuiram um livro com este titulo. Algumas das accusações, que lhe foram feitas, foram até ridiculas, por exemplo, banhar-se aos domingos, ouvir missa sendo excommungado, ao passo que o tinham em conta de impio por não assistir aos officios divinos. »

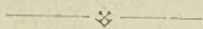
<sup>13</sup> Este cardeal é Octaviano degli Ubaldini, natural de Florença, que obteve a purpura em 1245 e falleceu em 1273. Ornavam-o qualidades de bom administrador, e distinguia-se pela firmeza do seu animo, sendo, porém, propenso mais para a violencia do que para a brandura propria do caracter sacerdotal. Foi tanto em extremo Gibelino que, para ajudar a favorecer o seu partido, affrontou denodado a autoridade pontificia.







## CANTO XI



1. **A** borda de alta riba assim chegamos,  
Que em circ'lo rôtas penhas conformavam :  
De lá mais crús tormentos divisamos.
2. Do fundo abysmo exhalações brotavam,  
Tão acres, que a fugir nos obrigaram  
Para trás das muralhas elevadas
3. De um sepulchro, em que os olhos decifraram:  
« Sou do papa Anastacio <sup>1</sup> a sepultura,  
« Que de Photino os erros transviaram. »
4. « Lentamente desçamos d' esta altura:  
Assim, o olfacto ao mau odôr afeito,  
Não hemos de sentir-lhe a acção impura ». —
5. A Virgilio tornei: « Procede a geito,  
O' Mestre, porque o tempo consumido  
Na demora, não corra sem proveito. » —
6. Já stava o meio, ó filho, apercebido.  
N' estas penhas tres circ'los ha menores,  
Por degraus, como os outros, que has descido.
7. « Plenos stão de maldictos peccadores.  
Porque, em vendo, os conheças logo, attende:  
Direi seus crimes e da pena as dôres.



8. « Todo o mal, que no céu colera accende,  
Injustiça há por fim, que o damno alheio,  
Usando fraude ou violencia, tende.
9. Proprio do homem por ser, da fraude o meio  
Mais descontenta a Deus; móres tormentos  
Em logar soffre de afflicções mais cheio.
10. « Dos circ'los o primeiro é dos violentos;  
Mas, força a tres pessoas se fazendo,  
Foi construido em tres repartimentos.
11. « A Deus, a si, ao proximo offendendo,  
Nas pessoas, nos bens a força fere,  
Como has de convencer-te, me entendendo.
12. « Morte ou dôr força ao proximo confere.  
Com ruina, com fogo os bens lhe invade,  
Quando pela extorsão não se apodere.
13. « Homicidas, os que usam feridade,  
Ladrões, devastadores, torturados  
Stão no primeiro, em turmas, sem piedade.
14. « Homens ha contra si crueis, irados  
Ou contra os proprios bens : pois no seguudo  
Recinto jazem sempre amargurados,
15. « Quem se privara do terreno mundo,  
Os que seus cabedaes malbaratarem,  
Quem chora onde pudera estar jocundo.
16. « Contra Deus violencia homens preparam,  
Se o negam, se o blasphemam, desdenhando  
Natura e os dons, que n'ella se deparam.
17. « No recinto menor signal nefando  
Cahors <sup>2</sup> marca igualmente com Sodoma,  
E os que peccaram contra Deus falando.
18. « A fraude em que o remorso tanto assoma,  
Ou trahe a confiança ou premedita  
Damnos a quem desprevenido toma.
19. « A fraude d'esta especie se exercita  
Contra os laços de amor, que faz natura :  
Portanto no segitndo circ'lo habita



20. « Adulação com simonia impura,  
Hypocritas, falsarios, feiticeiros,  
Rufiães e os outros d'essa laia escura.
21. « Transtorna a outra affectos verdadeiros,  
Que inspira a natureza e os que origina  
A mutua fé nos animos inteiros.
22. « E, pois, no circ'lo extremo, que domina  
Da terra o centro e aonde Dite pesa,  
Eterna pena aos tredos se destina .» —
23. « Tem, Mestre » — eu disse — « o cunho da clareza  
O que expões, distinguindo exactamente  
A gehenna do inferno e a gente presa.
24. « Diz-me : os que jazem na lagôa ingente,  
Os que flagella o vento ou chuva imiga,  
Os que se encontram em fremito insolente, <sup>3</sup>
25. « Por que Deus lá em Dite os não castiga,  
Se a ira a Deus seus feitos accenderam ?  
Se não, por que a afflicção tanta os fustiga ? » —
26. « Deliras ? Da tua mente se varreram  
Principios sãos » — tornou — « a que és affeito ?  
A que rumo as idéas se volveram ?
27. « Olvidas, por ventura, esse preceito,  
De que houveste na *Ethica* <sup>4</sup> a sciencia,  
Das tres disposições, que em mau conceito
28. « Então do ceu, — malicia, incontinencia  
E furor bestial ? — como a segunda  
Importa a Deus menor irreverencia ?
29. « Se attentas em verdade tão profunda,  
Se lembras quaes são esses que padecem  
Acima da mansão, que o fogo inunda,
30. « Verás então ser justo não soffressem  
D'aquelles maus a par, menos pesada  
Punição culpas suas merecessem .» —
31. « Sol, que me aclara a vista perturbada,  
As lições tuas dou tamanho apreço,  
Que o duvidar, como o saber me agrada.



32. « Tornando ao que disseste, expliques peço,  
Por que motivo, Mestre, usura offende  
A divina bondade em tanto excesso. » —
33. « Philosophia » — disse — « a quem a attende  
Tem demonstrado, quasi em toda parte,  
Que a natureza a sua origem prende
34. « Do divino intellecto e da sua arte.  
Da *Physica* <sup>5</sup> em principio has conhecido  
Preceito, que hei mister recommendar-te :
35. « Que é da vossa arte ir, sempre que ha podido  
Após natura, — á mestra obediente ; —  
Neta de Deus chamal-a é permittido.
36. « Da natureza e da arte, se tua mente  
O Genese <sup>6</sup> em começo lembra, colhe  
O seu sustento e haver a humana gente.
37. « Usura bem diversa estrada escolhe  
Natura e a alumna sua menospresa,  
Esperança e cuidado e mal recolhe.
38. « Mas andemos; prosiga a nossa empreza.  
Vão no horisonte os Peixes <sup>7</sup> assomando;  
Voltado sobre o côro o carro <sup>8</sup> pesa,  
E além a rocha está passagem dando ». —
-



## NOTAS AO CANTO XI

---

Chega Dante ao topo de uma alta ribanceira do círculo sétimo, sente a impressão de exalações desagradáveis e vê o moimento do heretico papa Anastacio. Detêm-se um pouco os dois Poetas, e, no entanto, explica Virgílio que nos círculos, em que hão de entrar, são punidos os peccados da violencia, fraude e usura. Inquire Dante porque na cidade de Dite não são castigados os que peccaram por luxuria, gula, avareza, prodigalidade e ira e também porque a usura offende a Deus. Afinal os Poetas acercam-se ao logar, por onde se desce.

<sup>1</sup> Pareceu a alguns commentadores que Dante confundira o Papa Anastacio com o Imperador de igual nome; mas o Poeta, referindo-se a um sectario de Photino, sabia ao certo a quem alludia, e claramente o chama Papa e não Imperador. O que está por explicar é se o pontifice, cujo moimento se vê no inferno, foi Anastacio II ou IV.

<sup>2</sup> Cahors, capital do departamento de Lot, em França, patria do Papa João XXII e do poeta Clemente Marot. No tempo de Dante era notavel pelos numerosos usurarios, que emprestavam dinheiro á grossa onzena.

<sup>3</sup> Irasciveis, C. VII e VIII; os libidinosos C. V; os gulosos, C. VI; os prodigos e avarentos, C. VII.

<sup>4</sup> A *Ethica* de Aristoteles, que diz, lib. VII, cap. I:

« Depois d'isto, entrando em outra divisão do assumpto, convém definir que, relativamente á moral, ha tres especies de cousas que convém evitar—malicia, incontinenca e bestialidade ».

<sup>5</sup> Aristoteles, *Physica*, lib. II cap. 2:

« A arte imita a natureza ».



<sup>6</sup> *Genesis*, I, 22 :

« Deus o abençoou e disse : Crescei e multiplicai, e enchei a terra e sujeitai-a ; e dominai sobre os peixes do mar e sobre as aves do céu e sobre todos os animaes que se movem sobre a terra. »

*Ibid.* III, 19 :

« Tû comerás o teu pão com o suor do teu rosto, até que te tornes na terra, de que foste tomado ; porque tu és pó e em pó te hasde tornar. »

<sup>7</sup> *Pisces* é a constellação, que precede *Aries*, em que ora entrou o sol. Por esta explicação se conhece que está para amanhecer em sabbado.

<sup>8</sup> O Carro ou a Carroça é a constellação de Bootes.







## CANTO XII

1. **D**A descida era o passo tão fragoso  
E tal por quem lá estava á guarda e attento,  
Que se fazia á vista pavoroso.
2. Como a ruina, que, d'aquem de Trento, <sup>1</sup>  
O Adige feriu, por terremoto  
Ou por faltar de chofre o fundamento;
3. Do viso ao val do monte, que foi rôto,  
Tão derrocada vê-se a penedia,  
Que a descel-a o caminho é quasi immoto.
4. A ribanceira assim nos parecia.  
E á borda do penedo fracassado  
De Creta o monstro infame se estendia, <sup>2</sup>
5. Da falsa vacca torpemente nado.  
Apenas viu-nos, se mordeu fremente,  
Como quem pela raiva é devorado.
6. « Cuidas » — bradou-lhe o sabio incontinente —  
« Ser de Athenas o principe, o que á morte  
Lá sobre a terra te arrojou valente ? »
7. « Arreda, bruto ! Que este é de outra sorte ;  
Da tua irman não recebera ensino ; <sup>3</sup>  
De vós outros vem ver a pena forte, »



8. Qual touro desprendido, quando o tino <sup>4</sup>  
Mortal golpe lhe rouba, que não póde  
Correr, mas salta a vacillar mofino :
9. Assim o Minotauro. O Mestre acode  
Dizendo-me: « Demanda presto a entrada  
E desce, enquanto em vascas se sacode. » —
10. A quebrada desciamos formada  
De pedras soltas; cada qual, movida,  
Cedia, em sendo por meus pés calcada.
11. E eu scismava. Elle disse : — « Tens sorvida  
A mente na ruina, que do horrendo  
Monstro a ira defende já vencida.
12. « Deves saber que, de outra vez descendo  
Até o extremo lá do baixo inferno,  
Esta rocha não vi, como a estaes vendo.
13. « Mas, pouco antes de vir se bem discerno,  
Aquelle que ha tomado a grande preza, <sup>5</sup>  
A Dite, lá no circulo superno,
14. « D'este val tremeu tanto a profundeza,  
Que sentisse pensei todo o universo  
O amor, <sup>6</sup> com que alguém diz ter certeza
15. « De que ao chaos muita vez será converso.  
Foi aqui, n'outras partes, n'esse instante,  
Rôto o velho penhasco em treva immerso.
16. « Mas olha o valle : o rio é não distante  
De sangue, onde verás fervendo aquelle,  
Que violencia exerceu no similhante. \*
17. « O' ira louca, ó ambição, que impelle  
Na curta vida nossa, ao inferno arrasta  
E para sempre nos submerge n'elle ! » —
18. « Eis uma cava divisei mui vasta,  
Que abrangia, arqueada, o plaino inteiro,  
Como dissera quem do mal me afasta.

---

\* Primeiro recinto : violentos para com o proximo.




19. No spaço, a que o penhasco é sobranceiro,  
Centauros correm, <sup>7</sup> settas agitando,  
Como soiam no viver primeiro.
20. Descer nos vendo, pára o árdido bando,  
Tres de entre elles então nos demandaram,  
Os arcos e arremessos preparando.
21. Os brados de um de longe nos soaram :  
— « Vós, que desceis, dizei a pena vossa ;  
De lá falai, ou tiros se disparam ! »—
22. Virgilio respondeu : — « Resposta nossa  
Terá Chiron <sup>8</sup> de perto, sem demora.  
Sempre te damna a pressa, que te apossa. »—
23. Tocou-me e disse : — « Quem nos fala agora  
É Nesso, <sup>9</sup> o que morreu por Djanira ;  
Mas se vingou de quem fatal lhe fôra.
24. « Esse do meio, que o seu peito mira,  
Aio de Achilles, é Chiron famoso ;  
Esse outro é Pholo, <sup>10</sup> sempre acceso em ira. »—
25. Aos mil em volta ao rio sanguinoso  
As almas setteavam, que excediam,  
Mais do que é dado, o liquido horroroso.
26. Aquelles monstros que ageis se moviam,  
Chegamo-nos. Chiron com setta ageita  
Os cabellos, que os labios lhe encobriam.
27. Quando d'esta arte a larga bocca affeita,  
Disse á companhia : — « Haveis já reparado  
Que move aquelle tudo, em que os pés deita ?
28. « Nunca assim pés de morto hão caminhado. »  
O Guia meu, que junto já lhe estava  
Do peito, onde era um ser n'outro enleiado,
29. — « Vivo está, vem commigo » — lhe tornava ---  
« A visitar o val maldicto, escuro  
Para cumprir dever, que lh'o ordenava.
30. « Deixando de cantar o hosanna puro <sup>11</sup>  
Alguem me ha commettido o cargo novo.  
Não é ladrão, nem eu esp'rito impuro :

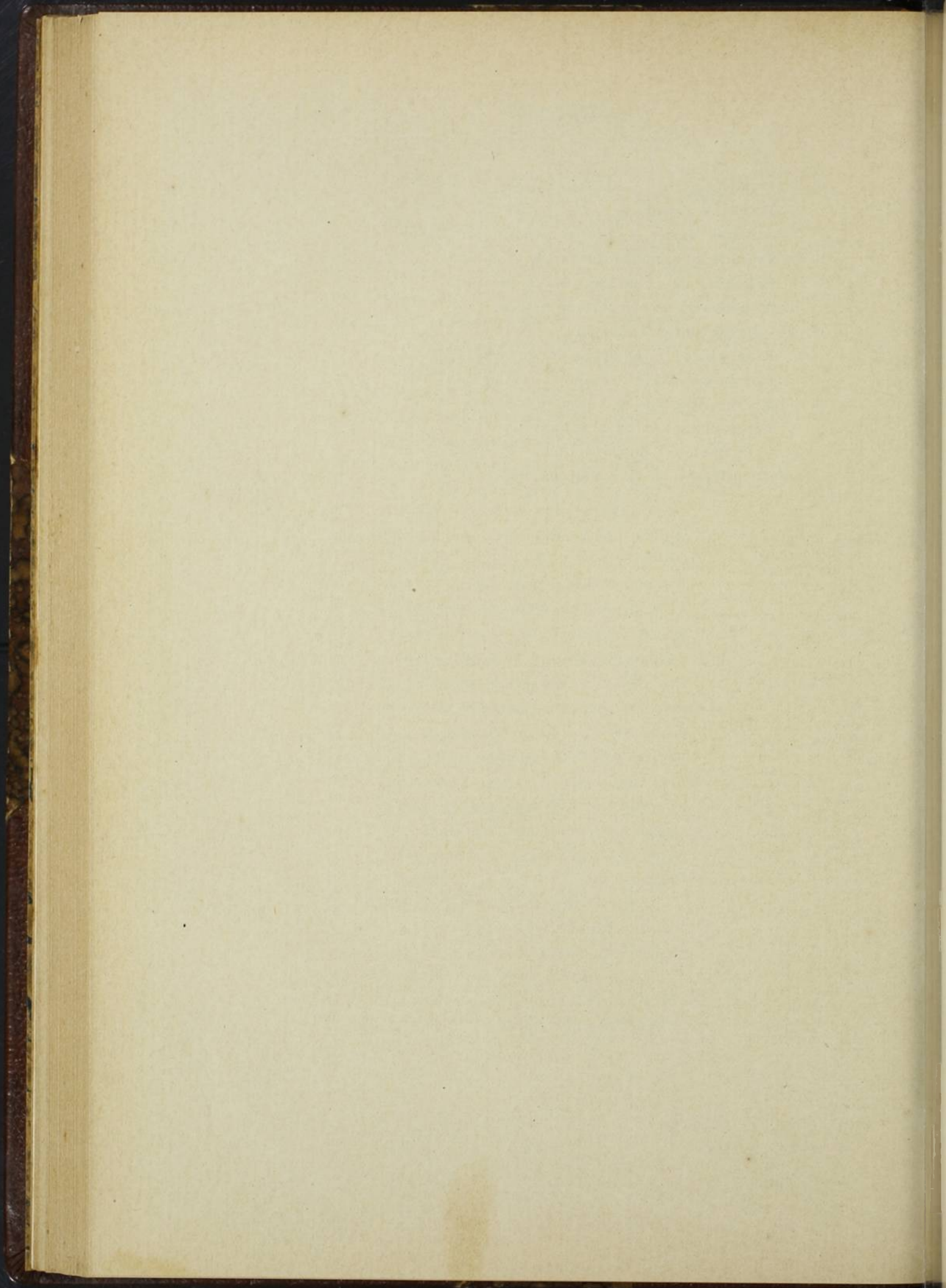


31. « Em nome do poder, por quem eu movo  
Os passos meus em tão medonha estrada,  
Envia algum, que escolhas no teu povo,
32. « Por nos mostrar a parte accommodada  
Ao vau, e no seu dorso haver transporte  
Quem não é sombra ao voo apparelhada. »
33. Chiron volveu-se á dextra e a Nesso forte  
— « Torna atrás » — disse — « e serve-lhes de guia:  
Que outro bando o caminho lhes não córte ! » —
34. Já partimos na fida companhia,  
As ondas costeando rubras, quentes,  
D'onde agudo estridor ao ar subia
35. Té os cilios no sangue os padecentes  
Eu vi. Disse o Centauro : — « São tyrannos  
Truculentos e em roubo preminentes. <sup>13</sup>
36. « Chora-se aqui por feitos deshumanos.  
Alexandre aqui está, Dionysio antigo  
Que gemer fez Sicilia tantos annos.
37. « De negra coma, aqui soffre o castigo  
Azzolino; <sup>14</sup> e o que está, louro, ao seo lado  
Obizzio d'Este, <sup>15</sup> ao qual (verdade eu digo)
38. « Roubára a vida o perfido enteado. » —  
E o Vate, a quem voltei-me, assim dizia :  
— « O segundo logar me é reservado. » —
39. Pouco além parou Nesso : olhar queria  
Uma turba, que, estando submergida,  
Toda a cabeça para fóra erguia.
40. Disse, indicando uma alma retrahida :  
« Perante Deus um coração ferira,  
Que inda Londres <sup>16</sup> venera estremecida. » —
41. A cabeça vi de outros, que subira  
Do rio á superficie e o inteiro busto :  
Suas feições no mundo eu distinguira :
42. Ia baixando o sangue até que a custo  
Os pés cobria a quem passar quizesse :  
O fosso alli vencemos já sem custo,



43. « Se d'esta parte o borbulhão parece  
Do rio escassear, eu te asseguro »  
— Disse Nesso — « que mais engrossa e desce
44. « Na parte opposta até juntar-se ao escuro  
Pego em que, como has visto, a tyrannia  
As penas dá no seu tormento duro.
45. « A divina justiça lá crucia  
Esse Attila, <sup>17</sup> que açoite foi da terra,  
Pyrrho e Sexto; <sup>18</sup> e redobra-se a agonia
46. « Dos dois Renatos, que tamanha guerra  
Fizeram nas estradas, salteando,  
— O Pazzo e o de Corneto. » — E a fala cerra.  
Voltou depois, do rio o vau passando.
- 







## NOTAS AO CANTO XII



Desce Dante em companhia de Virgilio ao circulo setimo, no qual estão condemnados os violentos, passando por logar asperrimo e ruinoso, onde estava de sentinella o Minotauro cujas iras são domadas por Virgilio. Chegados ao fundo, se lhes offerece um rio de sangue, onde são castigados os violentos contra o proximo. Tres centauros querem tolher o passo aos Poetas, mas Virgilio consegue de Chiron, o mais autorizado de entre elles, que um lhes sirva de guia a elle e ao seu companheiro. Em camiuho recebe informações do centauro Pholo acerca do rio e dos que alli penam.

<sup>1</sup> Alguns expositores supõem que Dante se referiu a um vasto tracto de pedregal, que abateu sobre o Adige, perto de Rivoli e dos montes de Chiusa. Em abono d'esta allegoria o que se lia em um manuscripto do celebre Torelli. As palavras d'esse escriptor induzem a crer que em 1310 esses montes se desmoronaram. Como esse facto occorreu não só no tempo de Dante, senão tambem na epocha em que foi hospede dos Scaligeros em Verona, é de presumir que pessoalmente fosse visitar essas ruínas, e que impressionado pelo seu aspecto, se lhes referisse em especial mais do que a quaesquer outras.

Acreditam outros, que alludiu ao desmoronamento de uma alta montanha, que demorava a pouca distancia de Marco, logarejo, não remoto de Roveredo pelo caminho que á esquerda do Adige conduz á Verona: os camponeses chamavam o sitio *Slavino de Marco*. A' esta ruina se attribue a data de 883.

<sup>2</sup> Acerca de Theseu, Minos, Pasiphæ e Minotauro veja-se a nota I do canto V. Alludindo Dante ao torpe ardil, que antecedeu a concepção do Minotauro, denomina Pasiphæ falsa vacca.

Creta, uma das maiores ilhas do mar Mediterraneo, foi celebre nos tempos antigos por suas cem cidades. Obedece á lei da Turquia, de que, mau grado seu, ainda faz parte.

<sup>3</sup> Ariadne, filha de Minos e Pasiphæ, apaixonando-se por Theseu, ajudou-o a triumphar do Minotauro, ensinando como havia de acommettel-o, dando-lhe o fio pelo qual se guiou no Labyrintho. Vencido e morto o monstro, acompanhou o principe atheniense na volta á sua patria, o qual abandonou-a na ilha de Naxos. Soccorreu a Baccho, que depois transformou-a em constellação.



Ovidio, *Melamorph.* I. VIII:

*Vota, Jove Minos taurorum corpora centum  
Solvit, ut egressus ratibus curetida terram  
Contigit, et spoliis decorata est regia fixis  
Creverat opprobrium generis, fœdumque patebat  
Matris adulterium monstri novitate biformis.  
Destinat hunc Minos thalamis removere pudorem  
Multiplicique domo, cœcisque includere tectis  
Dædalus ingenio fabræ ceberimus artis  
Ponit opus, turbatque notas et lumina flexum  
Ducit in errorem variarum ambage viarum  
Non secus ac liquidus phryiis Meandros in arvis  
Ludit et ambiguo lapsu refluitque, fluitque  
Occurrens que sibi venturas aspicit undas  
Et nunc ad fontes, nunc ad mare versus apertum  
Incesteas exercet aquas; ita Dædalus implet  
Innumeas errore vias, vixque ipse reverti  
Ad limen potuit, tanta est fallacia tecti.  
Quo postquam geminam tauri juvenisque figuram  
Clausit et actæo bis partum sanguine monstrum  
Tertia sors annis domuit repetita novenis;  
Utque ope virginea millis iterata priorum  
Janua difficilis filo est inventa relecto  
Protinus Agides raptam Minoide Diam  
Vela, dedit, comitemque suam crudelis in illo  
Lilore destituit. Deserti et multa querenti  
Amplexus et opem Liber tulit: utque perenni  
Sidere clara foret, sumptam de fronte coronam  
Immisit celo. Tenuis volat illa per auras.  
Dumque volat, gemmæ nitidos vertuntur in ignes,  
Consistuntque loco, specie remanente corona,  
Qui medius nixique genu est anguemque tenentis.*

† Homero, *Il.* c. XVII, Trad. de M. Odorico Mendes:

Qual se afiada secure de um mancebo  
De boi silvestre sobre os corno talha  
O nervo todo, pula e cai a rez...

<sup>5</sup> Refere-se a Jesus Christo, quando, segundo a crença christã, ao terceiro dia, depois de crucificado, desceu aos infernos para conduzir ao céu as almas dos patriarchas, que lhe aguardavam a vinda.

<sup>6</sup> Dante allude aqui provavelmente á opinião dos philosophos da antiguidade, em especial a de Empedocles,—que o mundo se originara na contenda dos elementos e por esta se conserva, devendo, portanto, em se estabelecendo harmonia entre elles, ou união dos semelhantes, voltar todo o creado ao chaos.

Esse philosopho viveu em annos proximos ao de 444 antes de J. C., tempo em que nasceu em Agrigento, na Sicilia.

« O sabio de Agrigento — escreveu o illustre e erudito Sr. J. M. Latino Coelho, gloria contemporanea das lettras portuguezas, na excellente introdução ao discurso da *Corda de Demosthenes*, por elle trasladado em vulgar—a quem a lenda, a tradição e a historia conferiram os fôros de um personagem maravilhoso e omnisciente, de medico e de propheta, de philosopho e thaumaturgo, de poeta e estadista, aquelle homem, que no seu poema *periphyseos* a si mesmo se canta como immortal e como Deus e vestido de apparatoso trage sacerdotal



é recebido nas cidades com honras quasi divinas e invocado em todas as enfermidades e misérias, como um paraclete e redemptor, — institue o seu systema, por uma parte, como um syncretismo das doutrinas jônicas e por outra parte, com a idéa original da composição e decomposição. A doutrina de Heraclito parece-lhe absurda. Professa com os Eleatas a negação do *devenir* na accepção do philosopho tenebroso. Mas em quanto aquelles fundadores da transcendente dialectica se apartam mais e mais da natureza para se remontarem ao puro idealismo, Empedocles retrocede ao empirismo das sciencias naturaes. A composição e a decomposição, a synthese e a analyse, eis ahi as duas phases, os dois momentos do processo gerador em toda a natureza...

« O processo da construcção e destruição dos corpos organizados e inorganicos pelas puras influencias da synthese e da analyse (e é nellas que consiste a originalidade de Empedocles) exige como fundamento impreterivel o *atomismo*. O *rizoma* de Empedocles é, pois, uma congêrie de minimas particulas esphéricas, por ventura semelhantes aos atomos de Heraclito. O que ha, porém, de mais original na philosophia de Empedocles é a doutrina das duas forças, podíamos dizer moleculares, que primeira vez apparecem na historia do pensamento especulativo. O amor, a força, que compõe e unifica e a hostilidade, a força que disjunge e decompõe, são duas creações do encyclopedista agri-gentino... As duas energias não são mais do que a attracção e a repulsão, de cujo antagonismo dependeu, até ha poucos annos, a philosophia da natureza. »

<sup>7</sup> Centauros, meio-homens, meio-cavalllos. Estão incumbidos de guardar este recinto, como symbolos da violencia, a cujos actos foram ordinariamente associados pelos poetas antigos. Virgilio os colloca á entrada do inferno entre monstros de varias fórmas.

*Multaque præterea variarum monstra ferarum  
Centaursi in foribus stabulant, Scyllæque bifformes  
Et centumgeminus Briareus, ac bellua Lerne,  
Horrendum stridens, flammisque armata chimæra.*

<sup>8</sup> Chiron, centauro, filho de Saturno, que se convertera em cavallo, e de Philyra, infatigavel caçador, astrónomo e medico, habitava no monte Pelion, da Thessalia. Foi encarregado da educação de Hercules e ao diante da de Achilles. Casualmente ferido por uma setta empenhada no sangue da hydra de Lerna, padecia incomportaveis dôres, quando Jupiter compadecido de seus tormentos, apressou sua morte e o collocou no céu onde formou a constellação do Sagittario.

<sup>9</sup> Nesso, filho de Ixion e de Nuvem, outro centauro. Foi morto por Hercules na occasião em que, encarregado por este de transportar Djanira, sua mulher, de uma para a outra margem do rio Acheloo, manifestou a intenção de raptal-a. Antes de expirar, traspasado por settas, que lhe desfechára o heróe, deu áquella dama o sua tunica embebida em sangue, recommendando-lhe o condão, que possuia, de chamar á constancia e á fidelidade no amor os maridos voluveis e os amantes bandoleiros. Seu proposito era vingar-se. Hercules em breve deu ensejo para ser experimentada a tunica mortifera: vestiu-a a rogos de Djanira, e incontinente foi tomado de furor tão impetuoso e dôres tão atrozes, que sómente na morte acharam lenitivo e termo.

Ovidio, *Met.* lib. IX:

*At te, Nesse ferox, ejusdem virginis ardor  
Perdirat, volucri trajectum terga sagitta.  
Namque nova repetens patrios cum conjuge muros  
Venerat Eveni rapidas Jove natus ad aulas*



Uberior solito, nimbis hiemalibus auctus  
 Verticibusque frequens erat atque impervius amnis.  
 Interpidum pro se, curam de conjuge agentem  
 Nessus adit, membrisque valens, scilisque vadorum,  
 « Officio » que « meo ripa sistetur in illa  
 Hec » ait « Alcide, tu viribus utere nando,  
 Pallentemque metu, fluviumque ipsumque timentem  
 Tradidit Aonius pavidam Calydonida Nesso.  
 Mox, ut erat, pharetraque gravis spolioque leonis  
 ( Nam clavam et curvos trans ripam miserat arcus . )  
 « Quandoquidem cepti, superentur flumina » dixit ;  
 Nec dubitat, nec qua sit clementissimus amnis  
 Qærit et obsequio deferri spernit aquarum.  
 Jamque tenens ripam, missos cum tolleret arcus  
 Conjugis agnovit vocem ; Nesso que paranti  
 Fallere depositum « Quo te fiducia » clamat  
 Vana pedum, violente, rapit ? tibi, Nesse biformes.  
 Dicimus ; exaudi, nec res intercipe nostras.  
 Haud tamen effugies, quam vis ope fidis equiria  
 Vulnere, nod pedibus, te consequar. » Ulinia dicta  
 Reprobat et missa fugientia terga sagitta  
 Trajicit. Exstabat ferrum de pectore aduricum  
 Quod simul evulsum est, sanguis per utrumque foramen  
 Emicuit, mixtus lernæi tabe veneni.  
 Excipit hunc Nessus : « Neque enim moriemur inulti. »  
 Secum ait ; et calido velamina tincta cruore  
 Dat munus raptæ, velut irilamen amoris.  
 Longa fuit medii mora temporis ; actaque magni  
 Herculis implerant terras odiumque novercæ  
 Victor ab Echalia cæneo sacra parabat  
 Vota Jovi, cum fama loquax præcessit ad aures  
 Dejanira luas, quæveris addere falsa  
 Gaudet et minimo sua per mendacia crescit,  
 Amphitryoniadem loles ardore teneri. . .  
 Incumis animus varios habet : omnibus illis  
 Prætulit imbutam nesso sanguine vestem  
 Mittere, quæ vires defecto reddat amori.  
 Ignaroque Lichæ, quid tradat nescia, luctus  
 Ipsa suos tradit ; blandisque miserrima verbis,  
 Dona det illa viro, mandat. Capit inscius heros  
 Induiturque humeris lernæ virus Echidnæ.  
 Tura dabat primis et verba precantia flammis  
 Viriæque marmoreas patera fundebat in aras :  
 Incaluit vis illa mali, resolutaque flammis  
 Herculeos abiit late diffusa per artus  
 Dum potuit, solita gemitum virtute repressit.  
 Victa malis postquam est patientia, repulit aras  
 Implevitque suis nemorosum vocibus Elen.  
 Nec mora, letifaram conatur scindere vestem :  
 Qua trahitur, trahi illa cutem, sedumque relatu  
 Aut hæret membris frustra tentata revelli,  
 Aut laceros artus et grandia detegit ossa.  
 Ipse cruor, gelido cen quondam lamina candens  
 Tinta lacu, stridit coquiturque ardente veneno.  
 Nec modus est : sorbent avidæ præcordia flammæ  
 Cærulensque fluit toto de corpore sudor



*Ambustique sonant nervi, cœcaque medullis  
 Tabe liquefactis, tendens ad sidera palmas  
 « Cladibus » exclamat » Saturnia pascere nostris...  
 ... Dixit, perque altum saucius Elen.  
 Haud aliter graditur quam si venabula taurus  
 Corpore fixa gerat, factique refugit auctor.  
 Sape illum gemitus edentem, saeps frementem  
 Sape relutantem totas refringere vestes  
 Stementemque trabes, iras centemque videres  
 Montibus aut patrio tendentem brachia celo.*

<sup>10</sup> Pholo, centauro, filho de Sileno.

Virgílio, *En.* c. VIII, diz que Hercules matou este centauro conjuntamente com Hyleu:

*... Tunubigenas, invictæ, bimembres  
 Hylæumque Pholæumque manu.*

Mas Lucano, *Phars.* c. VI, afirma que Pholo foi hospede de Hercules:—  
*Hospes et Alcide magni, Phole.*

<sup>11</sup> Beatriz, que do céu onde cantava *alleluias*, sahira em soccorro de Dante.

<sup>12</sup> O Poeta, commettendo a Nesso a condução dos viajantes, lembrou-se provavelmente do verso de Ovidio:

*Nessus adit membrisque valens scitusque vadorum.*

<sup>13</sup> Dante, mergulhando no sangue os tyrannos *che dier nel sangue e nell'aver di piglio*, parece que tivera em mente o feito de Tomyris. Esta Rainha dos Massagetas, como relere Herodoto, encontrando Cyro, que invadira os seus Estados, o desbaratou e captivou. Para vingar seu filho, morto de ordem de Cyro, mandou tirar-lhe a vida e mergulhar a sua cabeça decepada n'um vaso cheio de sangue, dizendo:—Sacia-te de sangue, de que tanta sede tiveste.

<sup>14</sup> Azzolino ou Ezzolino di Romano, apelidado *Filho do Diabo*, tyranno da Marca Trevigiana, senhor de Padua, Vicenza, Verona e Brescia, onde commetteu incriveis crueldades. Contra elle pregou o Papa Alexandre IV em 1256 uma cruzada, na qual tiveram parte os Guelfos sob a conducta do Marquez d'Este. Ezzelino, derrotado afinal, foi mortalmente ferido em 1259, junto á ponte de Cassano. Suas atrocidades deram assumpto a uma tragedia latina intitulada—*Eccerinis*, composta por Albertino Mussato, de Padua, coetaneo de Dante e o mais elegante poeta latino d'aquelle tempo.

Ariosto., *Orl. Fur.* c. III, est. 33:

*Ezzelino immanissimo tiranno,  
 Che fia creduto figlio del Demonio,  
 Fara troncando i sudditi tal danno  
 Edistruggendo il bel paese ansonio,  
 Che pietosi aho lui stati saranno  
 Mario, Silla, Neron, Cajo e Antonio,  
 E Frederico imperator secondo  
 Fia per questo Azzo rotto e messo al fondo.*

<sup>15</sup> Obizzo d'Este, Marquez de Ferrara e da Marca de Ancona, foi assassinado por Azzo, seu filho (Dante chama-o enteado) para apossar-se dos thesouros, que por meio de rapinas e extorsões accumulára.



<sup>16</sup> Em 1270, Guido, conde Monforte, filho de Simão de Monforte, conde de Leicester, na cidade de Viterbo e na igreja, ao tempo de celebrar-se a missa e no próprio acto da consagração, traiçoeiramente assassinou a Henrique, filho de Ricardo, Duque de Cornwallis, para vingar a morte de seu pae, a quem Eduardo, primo de Henrique, mandára com justa causa tirar a vida em Londres. O cadaver foi trasladado para a Inglaterra e encerrado no Gloucestershire, em um mosteiro que a sua familia edificára para religiosos da ordem de Cister; seu coração, porém, encerrado em redoma de ouro foi collocado sobre uma columna (outros dizem sobre as mãos de uma estatua) á entrada da ponte do Tamisa: tambem se affirma que ficou depositado no tumulo de Eduardo, o Confessor, na abbadia de Westminster. Uma circumstancia aggravante do crime ainda mais abominavel o fez. Conta-se que o assassino, já consumado o flagicio e quando havia sahido da igreja, agulado por um dos seus sequazes, que lhe lembrou o facto de ter sido arrastado o corpo de seu pai, tornára ao interior da igreja, e, travando dos cabellos do morto, o levára a rastos desde o altar, junto ao qual jazia, até a rua. Depois, sem ser empedido ou molestado, retirou-se para o castello do seu sogro, Conde Rosso de Maremma,

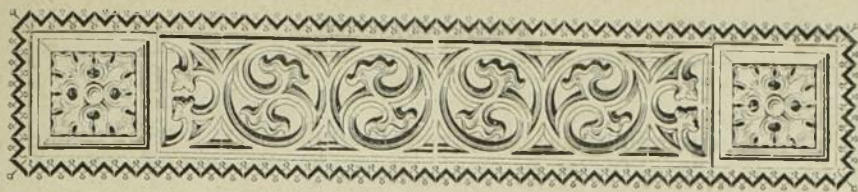
<sup>17</sup> Attila, o *flagello de Deus*, Rei dos Hunos, que então assenhoreavam a Pannonia. Depois de ter obrigado o Imperador Theodoro, o Moço, a pagar-lhe tributo, invadió a Germania, penetrou nas Gallias á frente de um exercito esmado em 500.000 homens. Alli opposeram-se-lhe o general romano Aecio, o rei dos Francos Meroveu e Theodorico, rei dos Godos.

Na batalha de Châlons (campos catalaunios), que se seguiu, Attila foi completamente desbaratado. Reunindo os destroços de seus ferozes batalhões, marchou em demanda da Italia onde, em 452, arrazonou e queimou muitas cidades, e proseguiu para assenhorear Roma, que entraria, se não o demovesse do seu proposito de conquistá-la e saqueá-la a eloquencia do Papa S. Leão. Concertou pazes com o Imperador Valentiniano III e voltou para a Pannonia e alli morreu em 453.

<sup>18</sup> Não se sabe ao certo a que Pyrrho e a que Sexto se refere o Poeta. Suppõe-se que allude a Pyrrho, Rei do Epiro, que hostilizou os Romanos, e a Sexto Pompeu, filho de Pompeu o Grande.







## CANTO XIII

1. **N**ão stava ainda Nesso do outro lado,  
Quando nós por um bosque penetramos,  
Dos vestígios de passos não marcado. \*
2. Não fronde verde, mas escura, ramos  
Não lisos, mas travados e nodosos,  
Não pomos, puas com veneno achamos.
3. Por silvados mais densos, mais umbrosos,  
Do Cecina a Corneto <sup>1</sup>, a besta brava, \*  
Não foge, agros deixando deleitosos.
4. Das Harpias <sup>2</sup> o bando aqui pousava,  
Que expelliram de Stróphade os Troyanos,  
Vaticinando o mal, que os aguardava.
5. Azas tem largas, collo e rosto humanos,  
Garras nos pés, plumoso o ventre enorme,  
Soam na selva os uivos seus insanos.
6. E disse o Mestre: « Convem já te informe  
Que o recinto segundo vais entrando,  
Onde verás espectáculo deforme,

\* Violentos contra si proprios.



7. « Até que ao areial chegues infando.  
Attenta ! E darás fé á narrativa,  
Que fiz, ainda lá no mundo estando <sup>3</sup>. »
8. Em toda a parte ouvi grita afflictiva :  
Como não via quem assim gemesse,  
Parei e a torvação se fez mais viva.
9. Creio que o Mestre cria então que eu cresse <sup>4</sup>  
Que esses lamentos enviava aos ares  
Uma turba, que aos olhos se escondesse ;
10. Pois disse-me : « De um tronco se quebrares  
Um só raminho, ficarás sciente  
D'esse erro em que se eleiam teus pensares. » —
11. O braço estendo então e promptamente  
Vergontea quebro. O tronco, assim ferido  
« Por que razão me arrancas ? » diz fremente.
12. De sangue negro o ramo já tingindo,  
« Por que me rompes ? » — proseguiu gemendo —  
Assomos de piedade nunca has tido ? » —
13. « Fui homem, hoje o lenho, que estás vendo !  
Mais compassiva a tua mão seria  
Se alma aqui fosse de um dragão tremendo. » —
14. Como acha verde, quando se incendia  
N'um extremo, se estorce no outro, estala  
Chiando e a humidade fóra envia :
15. D' aquella arvore assim brotava a fala  
E o sangue ; a minha mão já desprendera  
O ramo, e, emtanto, o horror no peito cala.
16. « Se de antes elle acreditar pudera »  
Lhe torna o sabio Mestre « alma aggravada,  
O que eu nos versos meus lhe descrevera,
17. « Por te ferir sua mão não fóra alçada.  
Não crêra eu mesmo, e tanto que o induzira  
Ao feito, que me pesa e desagrada.
18. « Diz-lhe quem foste e as duvidas lhe tira:  
O mal te compensando, a fama tua  
Hade avivar no mundo, a que retira. » —

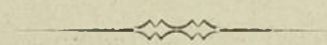


19. E o tronco: « Allivio tanto á dôr, que actua,  
Causais, que de bom grado eu já me explico :  
Ao triste dai que a magua exprima sua.
20. « Fui quem do coração de Frederico <sup>5</sup>  
As chaves tive e usei com tanto geito,  
Fechando e desfechando que era rico
21. « Da fé com que a mim só rendeu seu peito.  
No glorioso cargo fui constante,  
Força, alento exauri por seu proveito.
22. « A torpe meretriz <sup>6</sup>, que, a todo o instante  
Ao regio paço olhos venaes volvendo,  
Morte commun, das côrtes mal flagrante,
23. « Contra mim odio em todos accendendo,  
Por elles accendeu iras de Augusto <sup>7</sup>,  
Que honras ledas tornou-me em lucto horrendo.
24. « Resentindo-me então do mundo injusto,  
Por fugir seus desdeus, buscando a morte,  
Commigo iniquo fui eu, que era justo.
25. « Pelo tronco em que peno d'esta sorte,  
Que jámais infiel hei sido, juro,  
Ao Rei meu, que houve a gloria por seu norte.
26. « De vós o que voltar á luz adjuro  
Que a memoria me salve ao nome honrado,  
Que vulnerou da inveja o golpe duro. » —
27. O vate inda esperou. — « Pois se ha calado, » —  
Disse-me « fala, se tu mais desejas  
E pede-lhe : do tempo és apressado. » —
28. Tornei : « Tu mesmo inquire quanto vejas  
Mais convir-me ; que eu sinto-me inhibido  
Por maguas, que em minha alma são sobejas. » —
29. Elle então: « — Se o desejo teu cumprido  
Fôr por este homem, nobremente usando,  
Te praza, encarcerada alma, ao pedido
30. « Nosso attender, e como nos mostrando  
Se liga ao tronco o esp'rito e se é factivel  
Soltar-se um dia, o vinculo quebrando. » —

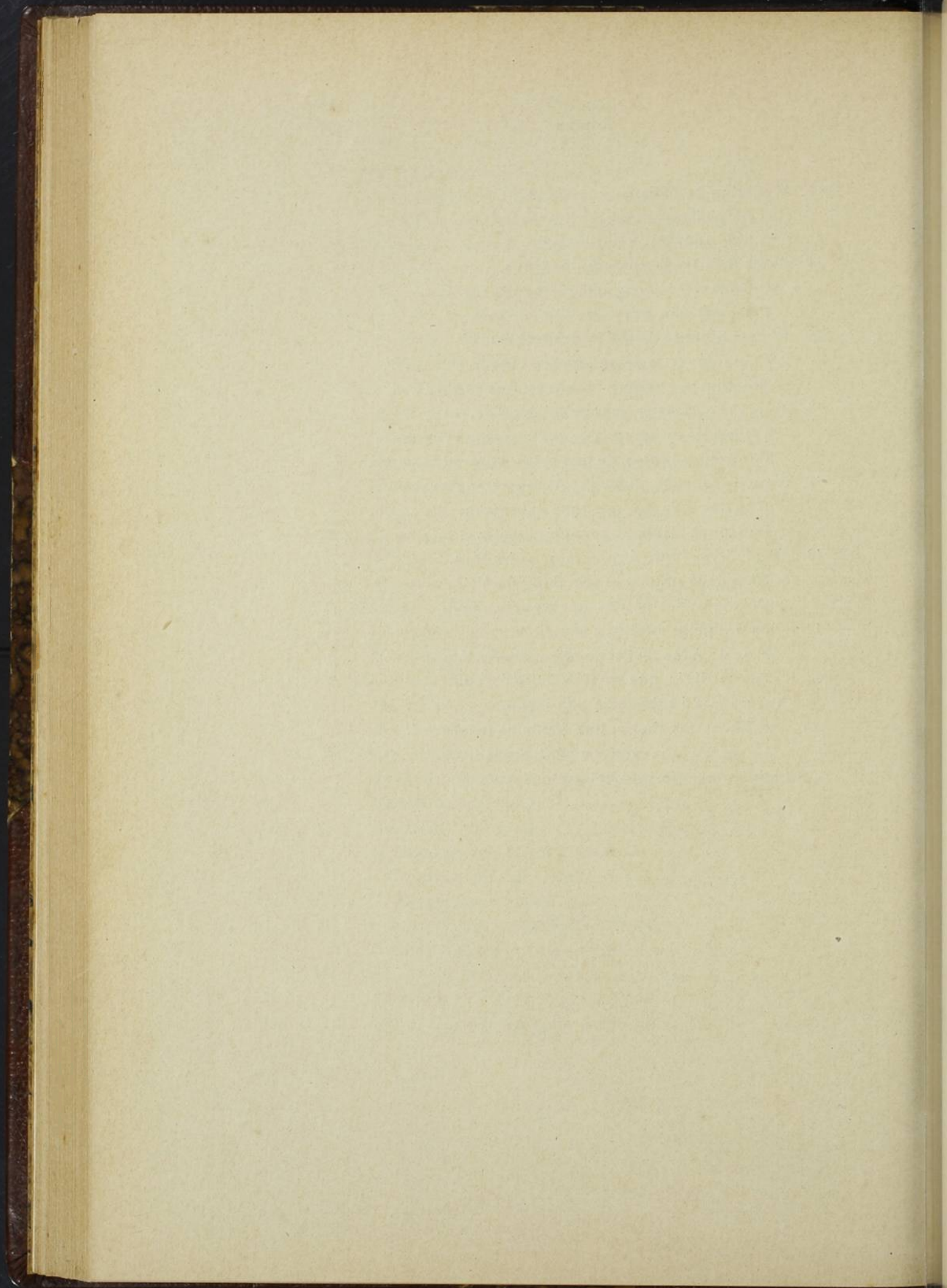


31. Soprou de rijo o lenho ; e perceptível  
Aquelle som d'esta arte nos dizia :  
— « Resposta breve dou quanto é possível.
32. « Quando os laços do corpo uma alma impia  
Destróe por si, do seu furor no enleio  
Ao circ'lo sete Minos logo a envia.
33. « Na selva tomba e aonde acaso veio,  
E como o seu destino lhe consente,  
Ahi, qual grão germina de centeio,
34. « Vai crescendo até ser arvore ingente :  
As Harpias, que a fronde lhe devoram,  
Causam-lhe dôr, que rompe em voz plangente.
35. « Hemos de ir onde os corpos nossos moram,  
Como as ontras, mas sem que os revistamos,  
Mór pena aos que em perdel-os prestes foram.
36. « Arrastados serão por nós : aos ramos  
Pendentes ficarão n'esta floresta  
Nos troncos, em que, assim, vêdes, penamos. »—
37. Ouviamos ainda a sombra mesta,  
De mais dizer cuidando houvesse o intento.  
Eis sentimos rumor, que nos molesta.
38. Assim monteiro, á caça pouco attento,  
Do javardo e dos cães ouve o estrupido  
E das ramadas o estalar violento. <sup>8</sup>
39. Subito vejo á esquerda, espavorido,  
Fugindo esp'ritos dois nús, lacerados,  
Ramos rompendo ao bosque denegrido.
40. « O' morte ! » um clama—« acode aos desgraçados !  
O segundo, que tardo se julgava :  
« Ninguem, ó Lano, <sup>9</sup> os pés tanto apressados
41. « De Toppo nas refregas te observa ! »  
Porém, de todo já perdido o alento,  
N'uma sarça acolheu-se que alli stava.
42. Corria, enchendo a selva, em seguimento  
De famintas cadellas negro bando,  
Quaes alôes da cadeia ao todo isentos.



43. A' sombra homisiada se enviando,  
A fez pedaços a matilha brava,  
E logo após levou-os ululando.
44. Então meu Guia pela mão me trava,  
Conduz-me á sarça, que se em vão carpia  
Pelas roturas, que o seu sangue lava. <sup>10</sup>
45. «O' Jacob Santo André!» triste dizia —<sup>11</sup>  
Podia eu ser-te acaso amparo certo?  
Em mim por crimes teus que culpa havia?» —
46. Disse-lhe o Mestre, quando foi mais perto:  
«Quem és tu, que o teu sangue e magna exhalas  
Por golpes tantos, de que estás coberto?» —
47. Tornou-lhe: «O' alma que d'essa arte falas  
E tu que o damno vês, que me separa,  
Da fronde minha, agora amontoal-a
48. «Dignai-vos junto á rama, que as brotára,  
Na cidade nasci que por Baptista <sup>12</sup>  
Deixou prisco patrão, que da arte amara
49. «Sempre pelos effeitos a contrista,  
E se do Arno na ponte não restasse <sup>13</sup>  
Um vestigio, que traz seu culto á vista,
50. «Talvez ella á existencia não tornasse,  
E quem das cinzas, que Attila ha deixado, <sup>14</sup>  
Levantou-a os esforços mallograsse  
«Na minha propria casa hei-me enforcado.» —
- 







## NOTAS AO CANTO XIII

Narra-se n'este canto como os Poetas entraram no segundo recinto, destinado ao castigo dos que foram violentos contra suas proprias pessoas e desbarataram a sua fazenda: acham-se aquelles transformados em troncos asperos e nodosos, onde pousam as harpias; e estes são perseguidos por cães famintos. Um dos suicidas, Pietro delle Vigne, conta o motivo da sua morte e explica como as almas se convertem em troncos. Por fim um florentino fala das calamidades de sua patria.

<sup>1</sup> O rio Cecina desagua no Mediterraneo a pouca distancia de Livorno. Corneto, que pertencia ao patrimonio de S. Pedro, ao norte de Civita-vecchia, demora na Maremma, assombrado de matagaes, onde vivem em grande cópia javalis, veados e outros animaes e que se esquivam aos logares descobertos e povoados.

<sup>2</sup> Harpias e Stróphades—Virg. *Eu.* c. III:

*Servatum ex undis Strophadum me litora primum  
Adcipiunt. Strophades grajo stant nomine ductæ,  
Insule Ionio in magno; quas dira Celeno  
Harpyæque colunt alia, Phœcia postquam  
Clausæ domus, mensasque metu liquere priores.  
Tristis haud illis monstrum, nec severior ulla  
Pestis et ira Delis Stygiis sese extulit undis  
Virginei volucrum voltus, fœdissima ventis  
Proluvies, unæque manus et pallida semper  
Ora fame.  
Huc ubi delati portus intravimus; ecce  
Lætæ bouum passim campis armenta videmus,  
Caprigenumque pecus, nullo custode, per herbas  
Insuimus ferro, et divos, ipsumque vocamus  
In partem prædamque Jovem. Tum litore curvo  
Estruimusque toros, da pibusque epulamur opimis  
As subitæ horrifco lapsu de montibus adsunt  
Harpyæ, et magnis quatuiut clangoribus alas  
Dripiuntque daptes, contactuque omnia sedant.  
Immundo: tum vox tetrum dira inter adorem.*



*Rursam in secessu longo sub rupe cavata,  
 Arboribus clausi circum atque horrentibus umbris,  
 Instruimus mensas, arisque reponimus ignem.  
 Rursam ea diverso cæli cæcisque latebris,  
 Turba sonans prædam pedibus circumvolat uncis:  
 Polluit ora dapes. Socciis tunc, arma capessant,  
 Edico et diva bellum cum gente gereneum  
 Haud secus ac jussi faciunt, tectosque per herbam  
 Disponunt ensis et scuta latentia condunt.  
 Ergo ubi delapsæ sonitum percurva dedere  
 Letora; dat signum specula Misenus ab alta  
 Ære cavo. Inva dunt socii et nova prælia tentant,  
 Obscurnas pelagi ferro sædare volucres  
 Sed neque vim plunus ullam, nec vulnera tergo  
 Adcipiunt; celerique fuga sub sidera lapsæ  
 Semesam prædam et vestigia sædam relinquent.*

Trad. de J. F. Barreto:

Primeiramente ás ilhas celebradas  
 Das Estrophades livres do mar chego.  
 Estas ilhas Estrophades chamadas,  
 Conforme o nome, que conservam grego.  
 No grande mar Jonio estão muradas  
 Das immundas Harpias sem socego,  
 Depois que a casa e as primeiras mesas  
 Deixaram de Phineu, de temor presas.

Ira dos Deuses, mais cruel do que ellas  
 Peste, nem monstro algum mais injucundo.  
 Nunca se viu abaixo das estrellas,  
 Nem sahio lá do Tartaro profundo.  
 São aves e têm rostos de donzellas,  
 Lançam dos ventres um fedor immundo,  
 Curvas as mãos, as nuhas retorcidas,  
 Pallidas e de fome carcomidas.

Aqui arribados, como o porto entramos,  
 Eis todo o campo cheio de manadas.  
 Gordas de bois e cabras divisamos  
 Pela relva, sem ser de alguém guardadas.  
 Traz o silvestre bando nos lançamos  
 Todos alegremente co'as espadas,  
 E a grande presa a convidar nos move  
 Os altos Deuses e o supremo Jove.

Na curva praia pomos logo mesa,  
 Comendo as saborosas ignarias.  
 Quando com espantosa ligeireza  
 Dão connosco de subito as Harpias,  
 Com grande estrondo e com veloz presteza  
 Baixam dos montes pelas arduas vias,  
 Tiram-nos das mãos proprias a comida  
 E então foi seu fedor e voz sentida.

Longe d'este lugar para outro fomos,  
 E debaixo de um concavo rochedo  
 Outra vez, novamente, a mesa pomos,  
 Cercados ao redor de alto arvoredo.  
 Fazemos sacrificio e outra vez somos  
 Commettidos da turba, que sem medo



Sai com ruído, muito mais perversa,  
De uma caverna lobrega e diversa,  
Bem ao redor da presa anda voando  
Com os pés retorcidos e co'a boca  
Sujou as ignarias: então mando  
Aos Tencros, a quem já o furor provoca,  
Que tomem armas contra o inico bando  
Pois a cruel vingança a todos toca,  
E que se havia de ordenar batalha  
C'uma gente infernal e vil canalha.

Como eu lhes mandei, assim fizeram,  
E pela relva do florente prado  
As cobertas espadas esconderam  
E os escudos poem logo a bom recado.  
Como voando para nós vieram  
Pelas praias c'o estrondo acostumado,  
No concavo metal, de uma penha alta,  
Deu Miseno signal e ninguém falta.  
Avançam todos com furor, travando  
Novas batalhas, guerras nunca ouvidas.  
Cada um ferir com ferro procurando  
As sujas aves em o mar nascidas;  
Mas o corpo c'o as pennas amparando  
Nem recebem violencia, nem feridas  
Deixam, fugindo á pressa pelos arez,  
Mordida a presa, sujos os manjares.

Ariosto, *Orl. Fur.* c. XXX, est. 119 e seg.:

*Ecco per l'aria lo stridor si sente,  
Percossa intorno dall'orribil penne:  
Ecco venir l'arpie brutte e nefande  
Tratte del cielo a odor delle vivande.*

*Erano sette in una schiera, e tutte,  
Volto di donne avean, pallide e smorte,  
Per lunga, fame attenuate e asciutte,  
Orribili a veder più che la morte  
L'alacce grande avean, deformi e torte;  
Grande e fetido il ventre, e lunga coda,  
Come di serpe che s'aggira e snoda.*

<sup>3</sup> Virgilio, c. III da *En.*:

*Forte fuit juxta tumulus, quo cornea summo  
Virgulta et densis hastilibus horrida miras  
Adressi, viridemque ab humo convellere selvam.  
Conatus, ramis tegerem ut frondentibus aras  
Horrendum, et dictu video mirabile monstrum,  
Nam, quæ puma solo ruptis radicibus arbor  
Vellitur, huic atro linquuntur sanguine guttæ  
Et terram tabo maculant. Mihi frigidus horror  
Membra quatit, gelidusque coit formidine sanguis.  
Rursus et alterius lentum convellere vimen  
Insequor, et caussas penitus tentare latentis:  
Alter et alterius sequitur de cortice sanguis...  
Tertia sed postquam majore hantilia nisu  
Adgredior, genibusque adversæ obluctor arenæ:*



(*Eloquar, an sileam?*) *gemitus lacrimabilis imo*  
*Auditur tumultu et vox reddita fertur ad auras:*  
*Quid miserum, Aeneas, laceras? jam parce sepulto.*  
*Parce pias scelerare manus. Non me tibi Troja*  
*Externum tulit: aut cruor hic de stipet manat.*  
*Heu! fugue crudelis terras, fuge litus avarum.*  
*Nam Polydorus ego. Hic confixum ferrea texit*  
*Telorum seges et jaculis increvit acutis.*  
*Tum vero ancipiti mentem formidine pressus*  
*Obstupui, steteruntque comæ, vox faucibus hæsit.*

Tradução de J. F. Barreto:

Um outeiro alli junto acaso havia  
 Cujo cume em redor se coroava  
 De agrestes cerejeiras, que o chão cria  
 E de murta alta matta se amostrava.  
 Cheguei adonde o bosque espesso via,  
 E arrancal-o já determinava  
 Para cobrir com as frondosas varas  
 E frescos ramos as sagradas aras:  
 Quando um monstro admiravel vejo e horrendo,  
 Que do ramo primeiro, que arrancado  
 Foi, de corrupto sangue saem correndo  
 Gottas, que d'elle o chão deixam manchado.  
 Fiquei frio, de horror todo tremendo  
 E nas veias o sangue congelado.  
 Outro ramo outra vez quebrar intento  
 E ver as causas de tão gran portento.  
 D'elle outro sangue corre novamente,  
 E discursando com a phantasia  
 Cousas mil temerosas, humilmente  
 Perdão ás Hamadiriadas pedia...  
 Porém quando arrancar á força pura  
 O terceiro intentei e por leval-o  
 Os joelhos firmei na terra dura  
 (Dil-o-hei ou me será melhor calal-o?)  
 Ouvi do fundo de uma sepultura  
 Um choroso gemido e mór abalo  
 Me fez a voz funesta, que ligeira  
 Meus ouvidos feriu d'esta maneira:  
 « Porque razão, Eneás, cruelmente  
 Despedaças um misero e coitado?  
 Não manches as mãos pias impiamente.  
 Deixa já descansar um sepultado,  
 Troyano sou tambem e teu parente,  
 Nem este sangue mana do cortado  
 Madeiro. Ah! fuge ás terras inhumanas,  
 Fuge ás praias avaras e profanas!

Ariosto, *Orl. Fur.* c. VI. est. 26 e seg. :

*Quivi stando il destrier ch'avea lasciato*  
*Tra le più dense frasche alla fresc'ombra*  
*Per fuggir sì rivolla, spaventato*  
*Di non so che, che dentro al bosco adombra;*  
*E fa crollar sì il misto ove è legato,*



*Che delle fronde intorno il piè gl'ingombra:  
Crollar fa il mirto e fa cader la foglia,  
Ne succede però che se ne scioglia.  
Come ceppo talor che le medolle  
Rava e vote abbia, e posto al foco sia;  
Poichè per gran calor quell'aria molle  
Resta consunta che in mezzo l'empia,  
Dentro risuona, e con strepito bolle  
Tanto che quel furor trovi la via:  
Così murmura e stride e sì curruccia  
Quel mirto offeso e alfine apre la buccia,  
Onde con mesta e flebil voce uscìo  
Espedita e chiarissima favella.*

Tasso, *Ger. Lib. c. XIII, est. 41*:

*Pur tragge alfin la spada e con gran forza  
Percote l'alla pianta. Oh! meraviglia!  
Manda fuor sangue la recisa scorza  
E fa la terra intorno a sè vermiglia.  
Tutto se raccapriccia, e pur rinforza  
Il colpo, e il fin vederne ei sì consiglia.  
Allor, quasi de tomba, uscir ne sente  
Un indistinto gemito dolente.*

<sup>4</sup> *Io credo ch'ei credette ch'io credesse.*—Em Ariosto *Orl. Fur. c. IX, est. 23*

*Io credea e credo e creder credo il vero  
Ch'amassi ed ami me concor sincero.*

*Ec. XI, II, est 102*:

*Come io credo che credi e creder dei  
Ch'altrimente far credere è fatica.*

Camões imitou do modo seguinte (*Lus., c. VI, est. 89*) :

*Não creias fero Boreas que te creia.*

<sup>5</sup> Pier ou Pietro della Veglia, natural de Capua, que muito valeu com o Imperador Frederico II, o qual o fez seu chanceller. Gozava de tanta confiança do Soberano, que, como elle com razão diz, teve as chaves ambas do seu coração, isto é, a da clemencia e da severidade. Enviado como embaixador conjuntamente com Taddeo di Sessa ao concilio de Lyon, onde se achava o Papa Innocencio IV, inventaram os seus inimigos que elle clandestinamente se correria com o Summo Pontifice e lhe havia revelado segredo de Estado. Frederico acreditou levemente nas suggestões da calumnia e não só o despiu dos cargos, que lhe commettera, senão tambem mandou vasar-lhe os olhos. O innocente della Veglia não teve resignação para padecer e com as proprias mãos tomou a morte. Daute vinga a sua memoria e immortaliza os seus merecimentos e serviços.

<sup>6</sup> A inveja.

<sup>7</sup> Augusto, o Imperador Frederico II.

<sup>8</sup> Homero, *Il. c. XII, trad. de M. Od. Mendes*:

*Os dous rompentes  
São feros javalis, que, em brenha ouvindo  
Bulha de gente e cães, de esguelha investem.  
Quebram da selva e desarreigam troncos.*



9 Lano de Siena pelejava no exercito florentino contra os de Arezzo, quando os vio vencedores. Enfurecido, enviou-se pelo meio d'elles e perdeu a vida. Essa peleja foi ferida em Pieve del Topo. Lano era prodigo dos seus haveres.

No *Ottimo Commento* lê-se:

« Foi Lano um mancebo de nobre estirpe da cidade de Siena, dotado de muitos bens da fortuna, que desbaratou em prodigalidades, em companhia de outros da sua convivencia. Já empobrecido, achando-se na derrota em que, em Topo, territorio de Arezzo os sienezes, auxiliares dos florentinos, foram vencidos pelos Aretinos, quando podia retirar-se muito a seu salvo, determinou lançar-se por entre os inimigos para morrer e assim não tornar á vida de privações, a que estava reduzido. Succedeu-lhe o que desejava.»

10 Suppoem uns que fosse Rocco de Mozzi, que, tendo gasto quanto possuía, enforcou-se. Isto mesmo dizem outros acerca de Lotto degli Angeli, sendo o motivo a vergonha de ter dado por peita uma sentença injusta.

11 Jacopo Santo André, de Padua, diz o *Ottimo*, foi herdeiro de avultada riqueza, que acabou em prodigalidades: entre outras, menciona-se o incendio que voluntariamente ateou em uma de suas melhores quintas para ter o gosto de ver um grande e bello espectáculo.

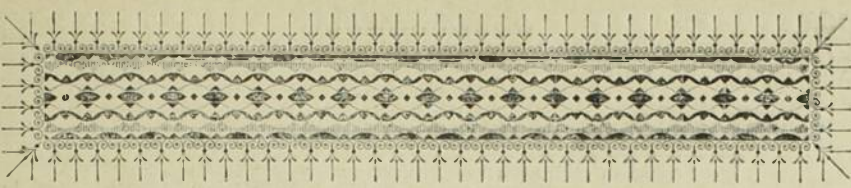
12 Florença, que desde a sua fundação, tivera por patrão o deus Marte, o substituiu por S. João Baptista. Marte, resentido, a contrista pelos effeitos da arte amara, isto é, da guerra.

13 A' entrada de Ponte Vecchio existiam fragmentos de uma estatua de Marte, havida na crença popular por palladio Florença. Ainda em tempo de Dante viam-se sobre uma columna. Uma inundação os arrebatou annos depois.


14 Florença foi destruida por Totila em 450 e não por Attila. Dante confunde os dois nomes, como fizeram outros; pois no *Ottimo*, em cuja nota penultima a este canto se vê o seguinte: — « *Alcuni dicono che altri fu Totila, altri Attila; e alcuni dicono che egli fu uno medesimo uomo.* »







## CANTO XIV



1. **D**E amor do patrio ninho commovido,  
Essas dispersas folhas reunindo,  
A' sarça as dei, que tinha a voz perdido.
2. Ao limite, d'alli, fomos seguindo,  
Em que parte o recinto c'o terceiro,  
Onde a justiça horriavel stá punindo. \*
3. Para expressar-lhe o aspecto verdadeiro,  
Eu digo que a charneca então chegamos,  
De plantas núa em seu espaço inteiro.
4. Da dôr a selva a cerca dos seus ramos,  
Como o fosso a tornêa sanguinoso :  
Alli, rente co'a borda, os pés firmamos.
5. O plaino era tão arido e arenoso,  
Como o que de Catão <sup>1</sup> os pés outr'ora  
Na jornada calcaram fadigoso.
6. O' vingança de Deus, quem não te adora  
Nos tremendos effeitos meditando,  
Que eu proprio olhei, que a minha voz memora.

---

\* Violentos contra Deus, a natureza e a arte.



7. De almas núas eu via infindo bando,  
Por modos differentes torturadas,  
Miseraveis, mesquinhas pranteando.
8. Jaziam sobre o dorso umas deitadas,  
Outras, dobrando os membros, se assentavam,  
Muitas andavam sempre acceleradas.
9. Maior a turba d'estas se mostrava,  
Menor a que, prostrada no tormento,  
Maior dôr nos lamentos denotava.
10. Largas flammæ com tardo movimento  
Choviam do areial em todo o espaço,  
Qual neve em serra, quando é mudo o vento.
11. Na India sobre o exercito, já lasso,  
Fogos cahir viu Alexandre outr'ora <sup>2</sup>,  
No chão ardendo livres de embaraço.
12. Que aos pés no sólo os calquem sem demora  
Suas phalanges avisado ordena :  
Matal-os um por um facil lhes fôra.
13. Assim baixava, para aggravo á pena,  
Lume eterno que á areia se prendia,  
Como á isca a fagulha mais pequena.
14. Cada qual sem repouso se estorcia,  
A um lado e a outro os braços revolvendo  
A cada chamma, que do ar chovia.
15. « Mestre » — falei — « que vais tudo vencendo,  
Sómente excepto a legião furente,  
Que em Dite a entrada estava-nos tollendo,
16. « Diz quem seja a gran sombra, que não sente,  
Ao parecer, o incendio, e não domado  
Pela chuva, jaz rabido, insolente ? » —
17. Reconhecendo o proprio condemnado  
Que da minha pergunta fôra objecto,  
« Morto sou qual fui vivo ! » clama irado.
18. « Que Jove cance o armeiro seu dilecto, <sup>3</sup>  
De quem tomou fremente o agudo raio  
Pata em mim saciar rancor abjecto ;




19. « Que os seus cyclopes <sup>1</sup> sintam já desmaio  
De Mongibello <sup>2</sup> na officina negra,  
Aos gritos — « Bom Vulcano, acode ou caio ! » —
20. « Como fez na peleja lá de Phlegra; <sup>6</sup>  
Que me fulmine de odio e sanha cheio:  
No gozo da vingança em vão se alegra. » —
21. Virgilio então, com voz, como não creio  
Lhe ter ouvido, sonora e forte,  
Bradou-lhe : « Capaneu, <sup>7</sup> pois no teu seio
22. « Não mitiga a soberba a propria morte,  
Soffre mór pena : igual não ha castigo  
Ao que a raiva te inflige d'esta sorte ! » —
23. Para mim se voltou; com gesto amigo  
Falou : — « Dos Reis que Thebas sitiaram  
Foi um ; de Deus se declarára imigo.
24. « Os crimes seus no inferno se aggravaram;  
Já disse-lhe, as blasphemias, os furores  
Digno premio em seu peito lhe deparam.
25. « Vem agora após mim; pelos fervores  
Não caminhes da areia incandescente ;  
Da selva ao longo evitas-lhe os ardores. » —
26. Fomos andando, cada qual silente,  
Até onde jorrar do bosque eu via  
Rubro arroio, que lembro inda tremente.
27. Do Bulicame <sup>8</sup> qual o que sahia,  
Das peccadoras em serviço usado :  
Tal pela adusta areia este corria.
28. As margens e orlas são de cada lado  
Feitas de pedra e assim tambem seu leito :  
Caminho alli notei ao passo azado.
29. « De quanto aqui te conhecer hei feito,  
Depois que atrás deixamos essa porta, <sup>9</sup>  
A cujo ingresso todos têm direito,
30. « Não se ha mostrado á tua vista absorta  
Maravilha que iguale á d'esta veia,  
Em que a flamma adurente fica morta. » —

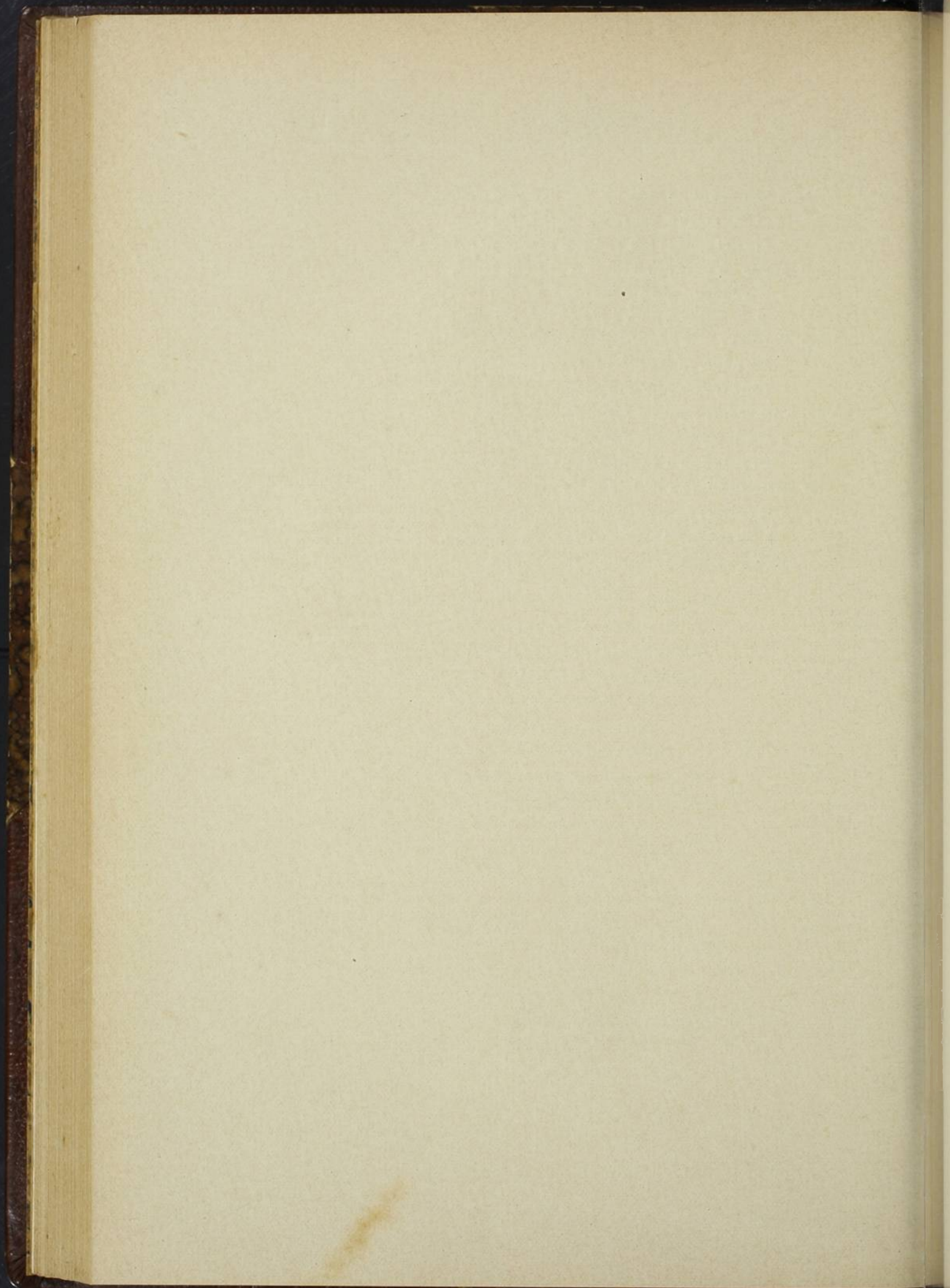


31. O Mestre diz e assim desejo ateia  
De rogar-lhe me preste esse alimento,  
Que excitado, o appetite haver anceia.
32. Do mar em meio jaz « — ouvi-lhe attento—  
« Destruido paiz, Creta afamada :  
Com seu rei foi do mal o mundo isento. <sup>10</sup>
33. « Alça-se alli montanha outr'ora ornada  
De fontes e verdor: chamava-se Ida:  
Erma está, como cousa desprezada.
34. « Foi ao filho p'ra berço preferida  
De Rhea, <sup>11</sup> que abafava o seu vagido  
Fazer mandando grita desmedida.
35. « Nas entranhas do monte um velho erguido  
Está : voltando á Damietta as costas,  
Como a espelho, olha Roma embevecido.
36. « De ouro faces e fronte são compostas, <sup>12</sup>  
De pura prata são braços e peito,  
Enéas do busto as partes bem dispostas.
37. « De ferro extreme tudo o mais foi feito,  
O pé direito excepto, que é de argilla,  
Mas o corpo sustem, sendo imperfeito.
38. « Salvo do ouro, do mais sempre destilla  
De lagrimas por fenda crebro fio,  
Que fura a gruta e rapido desfila.
39. « Aos negros valles vem correndo em rio,  
Fórma Styge, Acheronte e Phlegetonte, <sup>13</sup>  
Desce depois n'este canal esguio
40. « Até do inferno o fundo, aonde é fonte  
Do Cocyto. O que o rio acaso seja  
Verás : mister não é que ora te conte. » —
41. — « Se desde o nosso mundo elle serpeja,  
Dize, ó Mestre, a razão por que a torrente  
Só n'este abysmo lobrego se veja. » —
42. « E' circular este logar horrendo,  
E posto hajas vencido extenso tracto,  
Descendo tu á esquerda, inteiramente



43. « Não has feito inda ao circ'lo o giro exacto.  
Não revele o teu rosto maravilha,  
Novas cousas em vendo e extranho facto. » —
44. Ainda eu perguntei : — « Por onde trilha  
O Phlegetonte e o Lethes ? De um te calas,  
E do outro a veia é d'essa origem filha. » —
45. Tornou : — « Muito me agrada quanto falas ;  
Da agua rubra o fervor, porém, solvera  
Uma d'essas questões, que me assignalas.
46. « Do inferno fóra o Lethes ver espera :  
Na lymphá sua as almas vão lavar-se  
Depois que a penitencia o perdão gera. » —
47. Disse depois : « E' tempo de deixar-se  
A selva ; os passos meus sempre acompanha,  
Pela margem caminho ha para andar-se.  
Do fogo alli se extingue toda a sanha. » —
- 







## NOTAS AO CANTO XIV

Chegam os Poetas ao terceiro recinto, planície de areia incandescente onde os violentos contra Deus, a natureza e a arte são castigados com chuva eterna de ardentíssimas flammæ. Entre os violentos contra Deus vem Capaneu. Depara-se-lhe um ribeiro de sangue. Mysterosa estatua. Explicação. Os rios do inferno. Passam o areal.

<sup>1</sup> Lucano, *Phars*, c. IX, descreve com maravilhosa eloquencia a marcha de Catão, o de Utica, quando com as suas tropas, para se juntar com o exercito de Juba, Rei de Numidia, internou-se pela Lybia, como elle, partidario de Pompeu, então já vencido por Cesar. Merecem a transcripção especialmente os seguintes versos, não sendo somenos todos os outros d'esse admiravel trecho:

*At quæcumque vagam Syrtim complectitur ora  
Sub nimio projecta die, vicina perusti  
Ætheris exuriti messes et pulvere Bacchum  
Enecat, et nulla patris radice tenetur.  
Temperies vitalis abest; et nulla sub illa  
Cura Jovis terra est; natura deside torpet  
Orbis et immotis annuum non sentit arenis. . .  
. . . patet omne solum liberque meatu  
Æoliam rabiem totis exercet arenis  
At non imbriferam contorto pulvera nubem  
In flexum violentus agit; pars plurima terræ  
Tollitur et nunquam resoluta vertice pendet.*

<sup>2</sup> Se diz que em carta, havida por apocrypha, Alexandre Magno reletira a Aristoteles o caso a que Dante allude, com a differença de ter o conquistador macedonio mandado que os soldados abafassem as labaredas com as roupas e não com os pés. Nenhum dos historiadores de Alexandre dá noticia d'esse portentoso incidente.

Tasso, *Ger. Lib.* c. X. est. 61:

*Alfin guingemmo al loco ove già scese  
Fiamma del cielo in dilatate falde,  
E di natura vindico l'offese  
Sovra le genti in mal opiar si salde*



*Fu già terra feconda, almo paese ;  
 Oracque son bituminose e calde,  
 Esteril lago ; e, quanto ci torce e gira,  
 Compresa è l'aria, e grave il puzzo spira.*

<sup>3</sup> Vulcano, filho de Jupiter e Juno, marido de Venus.

<sup>4</sup> Os cyclopes. Vulcano, por elles ajudado, forjava nas suas officinas do Monte Ethna os raios de Jupiter.

<sup>5</sup> Mongibello ou Ethna, montanha vulcanica da Sicilia.

Virgilio, *En. c. VIII*:

*Insula Sicanium juxta latus æolianque  
 Erigitur Liparen, fumantibus ardua saxis ;  
 Quam subter specus et cyclopum exesa caminis  
 Antra æthna tonant, validique incudibus ictus  
 Auditi referunt gemitum, striduntque cavernis  
 Stricturæ Chalybum, et fornacibus ignis anhelat ;  
 Volcani domus et volcantia nomine tellus.  
 Hoc tunc igni potens cælo descendit ab alto  
 Ferrum exercebant vasto Cyclopes in antro  
 Brontesque, Steropesque et nudus membra Pyracmon.  
 His informatum manibus jam parte polita  
 Fulmen erat ; toto genitor quæ plurima cælo  
 Dejecit in terras ; pars imperfecta manebat  
 Tris imbris torti radios, tris nubis aquosæ  
 Adiderant, rutili tris ignis et alitis Austri  
 Fulgores nunc horridos sonitumque metumque  
 Mescabant operi, flammisque sequacibus iras.*

Tradução de J. F. Barreto :

Uma ilha difficil á subida  
 Sobre altissimas penhas fumegantes  
 Junto ao lado sicanio vê-se erguida,  
 E Ilyparis, de Eolo assento de antes,  
 Por debaixo da qual uma escondida  
 Gruta está, e outras muitas similhantes  
 As do Ethna, carcomidas co'as ardentes  
 Fragoas, que tem dos Cyclopes valentes.  
 As quaes com som retumbam peregrino  
 E os golpes com violencia repetidos,  
 Sobre as pesadas safras de aço fino  
 Despedem fóra horrisonos gemidos;  
 As faiscas dos Chalybes continuo  
 Pelas cavernas voam com zunidos;  
 E sem cessar jamais n'esta e n'aquella  
 Fornalha o fogo resonante anella.  
 Casa em fim de Vulcano e assim se chama  
 Vulcania de seu nome a mesma terra.  
 O Deus, que o poder tem na mesma flamma  
 Aqui, pois, do alto ceu vindo se encerra:  
 Os duros cyclopes, que tanto ama  
 Em a grande espelunca da alta serra  
 Malhavam ferro, atormentando os montes  
 No Pyracmon, Steropes e Brontes.



Tinham na mão um raio inda imperfeito,  
 Mas em parte polido e acabado,  
 Em parte ainda não de todo feito,  
 Dos que o pae muitas vezes indignado  
 Sobre as terras arroja do alto leito:  
 E os ministros lhe tinham ajuntado  
 Tres partes de agua congelada e logo  
 Tres de nuvem, tres de ar e tres de fogo.  
 Mas n'essa obra admiravel misturavam  
 Os fulgores terrificos, o estrondo,  
 Medo, iras a que acompanhavam  
 Perseguidoras flammæ em redondo.

<sup>6</sup> Phlegra, planície da Thessalia, onde os Titães foram fulminados por Jupiter.

Ovidio, *Met.* lib. I :

*Neve foret terris securior arduus ether  
 Affetasse ferunt regnum celeste gigantas,  
 Ataque congestos struxisse ad sidera montes.  
 Tum pater omnipotens misso perfregit Olympum  
 Fulmine, et excussit subjecto Pelion Ossa:  
 Obruto mole sua cum corpora dira jacerent.*

Disse Estacio, *Thebaida*, c. III :

*Ataque hic ingenti Capaneus Mavortis amore  
 Excisus, et longam pridem indignantia pacem  
 Corda tumens (huic ampla quitem de sanguine prisco  
 Nobilitas: sed enim ipse manu prægressus arorum  
 Tacta, diu tuto Superum contemptor, et æqui  
 Impatiens, largusque animæ, modo suasent ira)  
 Unus et e silvis Pholoeæ habitat opacæ  
 Inter et Ethnæos æquis consurgere fratres  
 Ante fores, ubi turba ducum, vulgique frementis...*

Klopstock, c. XVIII da *Messiada*, trad. de Mme. de Carlowitz:

« Um dos ímpios ousou erguer a cabeça e levantar-se do pó. Fitando os olhos no Mediador, disse :

« Não, tu não és omnipotente, pois tua clemencia é limitada. Tens sede de vingança! Não importa! Aniquille-me o teu raio, se acaso cabe-lhe o poder de aniquillar uma alma immortal como tu! Eu ainda que consumido pelo fogo celeste, fazendo então o derradeiro esforço, algarei a minha mão calcinada para arrojar as minhas cinzas aos pés do teu throno! Sinta minha alma dispersos em ruinas os seus pensamentos; mas antes de sorvida nos abysmos insondaveis do vacuo, ha de poder ainda uma vez enviar-te uma maldição!

Tomados de horror, levantamos os braços para o Salvador; das mãos do anjo da morte resvalou a trombeta e um raio crepitante fulminou o ímpio.»

*Perfusam multo natorum sanguine Terram  
 Immediatè ferunt calidunquæ animasse cruorem  
 Et ne nulla suæ stirpis monumenta manerent  
 In faciem vertisse hominum. Sed et illa propago  
 Contemptrix superum sævæque avidissima cædie  
 Ed violenta fuit: scires e sanguine natos.*



Trad. de A. F. de Castilho :

Para não ser mais livre o ceu que a terra  
 É' fama que os gigantes o assaltaram,  
 A etherea monarchia ambicionando,  
 Pondo até as estrellas monte em monte.  
 Porém Jove com o raio estorroando  
 O Olympo, e sob o Olympo o Osca, o Pelion,  
 Sobre o tropel sacrilego os derriba  
 Esmagados c'o pezo os feros corpos  
 Diz-se que a Terra, a mãe, no muito sangue  
 Dos filhos ensopada o fez vivente :  
 Homens d'elle creou, porque a memoria  
 Da progenie feroz permanecesse.  
 A nova geração também foi dura,  
 Dos nunes foi também desprezadora,  
 Dada a violencias, da matança amiga,  
 Provando as obras que a gerara o sangue.

<sup>7</sup> Capaneu, um dos sete Reis, que estiveram no cerco de Thebas. Abaliziava-se pela sua soberba e pelo desprezo em que tinha os deuses. Os outros Reis foram Adrasto, Polynice, Tydeu, Hippomedon, Amphiarau e Parthenopeu.

<sup>8</sup> Bulicame, fonte de agua fervente, situada a duas milhas de Viterbo, origem de um ribeiro, do qual as peccadoras derivavam agua para o seu uso. Os banhos de Bulicame eram assaz frequentados.

<sup>9</sup> A primeira porta do inferno.

<sup>10</sup> Ovidio, figurando as quatro idades do mundo—de ouro, de prata, de bronze e ferro—diz no lib. I das *Met.*

*Aurea prima sata est ætas, quæ vindice nullo  
 Sponte sua, sine lege fidem retumque colebat.  
 Pœnz metusque aberant, nec verba minacia fixo  
 Ære legebantur, nec supplex turba timebat  
 Iudicis ora sui, sed erant sine iudice tuti.  
 Postquam, Saturno tenebrosa in Tartara misso,  
 Sub Jove mundus erat, subit argentea proles  
 Auro deterior, fulvo pretiosior ære.  
 Jupiter antiqui contraxit tempora veris  
 Perque hiemes, æstuque et inæquales autumnos  
 Et breve ver spatium exegit quatuor annum. . . .  
 Tertia post illas successit ænea proles  
 Sævior ingentiis et ad horrida promptior arma,  
 Non scelerata tamen. De duro est ultima ferro  
 Protenus irrupit venæ peioris in ævum  
 Omne nefas fugere pudor verunque fidesque,  
 In quorum subjere locum fraudesque dolique  
 Insidiæ et vis et amor scelerutus habendi*

Trad. de A. F. de Castilho :

Foi a primeira idade idade de ouro.  
 Sem nenhum vingador, sem lei nenhuma  
 Culto á fé e á justiça então se dava.  
 Ignoravam-se então castigo e medo ;  
 Ameaças terriveis não se liam  
 No bronze abertas ; supplice caterva



A' face do juiz não palpitava :  
 Todos viviam sem juiz, sem damno . . .  
 Depois que, dado ao Tartaro, Saturno,  
 Ficou a Jove universal imperio.  
 Veiu outra idade : se inferior a de ouro  
 Superior á de bronze, a idade argentea.  
 Jove contrai a primavera antiga :  
 Vereis, invernos, designaes outomnos,  
 Curta e branda estação, que anime as flores.  
 O anno repartem, variando os tempos . . .  
 As duas succedeste. aenea prole.  
 De genio mais feroz, mais prompto á guerra,  
 Mas não impia. Eis a ultima, a de ferro !  
 Todo o horror, todo o mal rebentam d'ella:  
 Subito fogem fé, pudor, verdade;  
 Occupam-lhe o logar mentira, astucia.  
 A insultuosa força, a vil perfidia,  
 Da posse e do poder o amor inlando.

<sup>11</sup> Rhea, mulher de Saturno, mãe de Jupiter, fazia grande rumor com cymbalos e outros instrumentos para que o marido não ouvisse os vagidos do filho, e, conhecida a sua existencia não o devorasse.

<sup>12</sup> *Livro de Daniel, cap. II :*

« E respondendo Daniel perante o Rei, disse : Tu ó Rei, começaste a pensar, estando na tua cama, no que havia de acontecer depois d'estes tempos : aquelle que revela os mysterios, te descobriu as cousas, que hão de vir. A mim tambem me foi revelado este mysterio, não porque a sabedoria que ha em mim seja maior que a que se acha em todos os outros viventes : mas para que fosse manifesta ao Rei a interpretação do seu sonho, e para que soubesses tu os pensamentos do teu espirito.

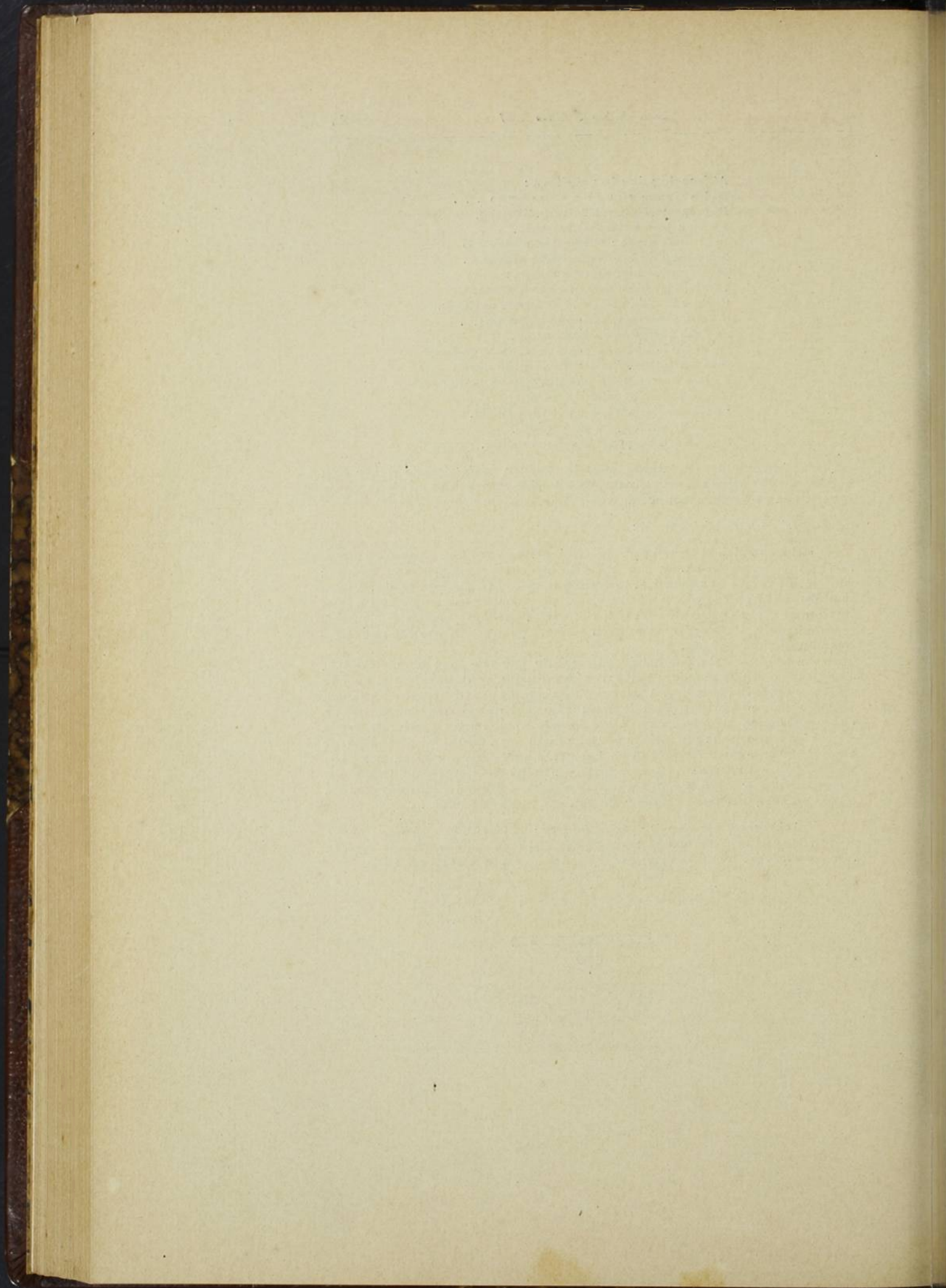
« Tu, ó Rei, estavas olhando, e parecia-te que vias uma grande estatua, a tal estatua, de uma grandeza e altura extraordinaria, se tinha em pé diante de ti e a sua vista era espantosa. A cabeça d'essa estatua era de um ouro finissimo, porém o peito e os braços eram de prata ; já o ventre e as coxas eram de cobre ; e as pernas eram de ferro, uma parte dos pés era de ferro e a outra de barro.

« Tu a estavas vendo attentamente, até que uma pedra foi arrancada de um monte sem intervirem mãos de homem, a qual feriu a estatua nos seus pés de ferro e de barro e os fez em pedaços. Então se quebraram tudo a um tempo, o ferro, o barro, o cobre, a prata e o ouro, e ficaram reduzidos como a miuda palha, que o vento leva fóra da eira em tempo do estio... »

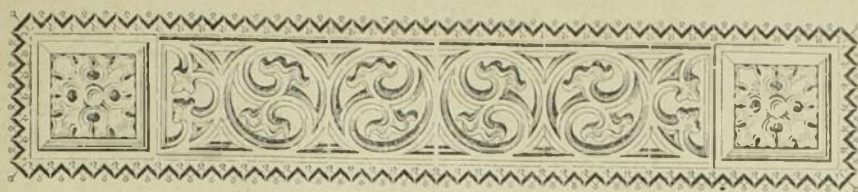
<sup>13</sup> Acheronte, *sem alegria* ; Styge, *tristeza* ; Phlegetonte, *ardente* ; Coccyto *pranto*. São estes rios formados das lagrimas, que manam da estatua do Tempo. A mesma origem tem o Lethes, que se mostra no canto XXVIII do *Purg.*











## CANTO XV

1. **P**OR uma d'essas margens empedradas  
Imos : vapor do rio resguardava  
Das chammias o alveo e as bordas elevadas.
2. Como do mar temendo a força brava  
De Bruge a Cadsand, <sup>1</sup> Flamengos fazem  
Os diques, com que o mal se desaggrava;
3. Ou como o damno atalha, que lhe trazem  
Do Brenta <sup>2</sup> as invasões, de Padua a gente,  
Se em Chiarentana <sup>3</sup> os gelos se desfazem
4. Assim as bordas d'esse rio horrendo,  
Posto altura e grossura lhes não dêsse  
Ignaes, quem quer que fosse artista ingente.
5. A selva já distante de nós era  
Tanto, que eu divisal-a não podia,  
Quando os olhos por vel-a atraz volvera,
6. Eis encontramos multidão sombria,  
Que a margem costeava, nos olhando,  
Como sóe caminhante, ao fim do dia,
7. Que vae, por lua nova, outro encarando:  
Para nos ver os cilios contraindo,  
Qual a agulha o artesano aparelhando.




8. Assim, de mira á turba nós servindo,  
Conhecido fui de um, que me travava  
Da roupa—« O' maravilha! »—repetindo.
9. Quando o seu braço para mim se alçava,  
Attentei-lhe no rosto requeimado;  
Posto que demudado, não vedava
10. Que de mim fosse nas feições lembrado.  
A' sua face inclinando a mão, lhe digo,  
—« Messer Brunetto! <sup>4</sup> vós aqui! »—torvado.
11. « Filho meu! complacente sê commigo!  
Vir Brunetto Latini ora consente,  
Deixando a turba, um pouco assim contigo! »—
12. Tornei:—« muito vos rogo; e que me assente  
Convosco se quereis, prazendo ao guia  
Dos passos meus, assentirei contente »—
13. —« Se um momento um de nós »—me respondia—  
Aqui parasse, immovel annos cento,  
Pelo fogo ferido jazeria.
14. « Caminha: que eu te irei no seguimento.  
Depois hei de juntar-me á companhia  
Dos que pranteam no eternal tormento. »—
15. Eu da estrada a descer não me atrevia  
Por ir com elle; mas a fronte inclino  
Reverente; e, falando proseguia.
16. —« Que fortuna »—me disse— ou que destino  
Antes da morte aqui te ha conduzido?  
De quem recebes na jornada ensino?
17. —« Antes de haver da idade o tempo enchido  
Sobre a terra na vida socegada;  
N'um valle »—respondi—« fiquei perdido.
18. « Hontem costas lhe dei por madrugada;  
Elle acudiu-me, quando atraz voltava,  
E me conduz assim por esta estrada. »—
19. —« Se bem vaticinei, quando gozava,  
Da vida bella, glorioso porto  
Te ha de o teu astro conduzir »—tornava.



20. « Se antes do tempo eu não stivesse morto,  
Vendo que tanto o ceu te era benigno,  
Te dera nos trabalhos o conforto.
21. « Mas esse ingrato povo é tão maligno,  
Que outr'ora de Fiéssole viera  
E tem de penha o coração ferino.
22. « Em ti, por seres bom, mal considera.  
E' justo : que entre acerbos sovereiros  
Crescer doce figueira não se espera.
23. « Velha fama os diz cégos <sup>5</sup>, sempre useiros  
Na soberba, na inveja, na avarêza.  
D'elles te esquiva ; em vícios são vezeiros.
24. « Te guarda a sorte de honras tal grandeza,  
Que has de ser dos partidos cubigado ;  
Mas das garras lhes fica longe a preza.
25. « Ceve em si proprio o fiésolano gado  
Os instinctos brutaes ; não toque a planta,  
Que inda haja em tal nateiro germinado,
26. « E em que a semente resuscitê santa  
Dos romanos, que alli restaram, quando  
Teceu-se o ninho de malicia tanta. »—
27. —« Se o ceu » —tornei— « meus votos escutando,  
Deferisse, da vida o lume agora  
Ainda aos olhos vos raiara brando ;
28. « Que a doce imagem vossa inda memora  
Saudosa a mente e o paternal desvelo  
Com que me heis ensinado de hora em hora
29. « Como homem faz-se eternamente bello.  
Em quanto eu vivo fôr, agradecido  
Ao mundo bem patente hei de fazel-o.
30. « O vaticinio vosso, reunido  
A outro, ha'de explicar-me sabia Dama,  
Quando a sua presença houver subido.
31. « E como a consciencia me não clama,  
Sabei que, quando a sorte avessa esteja  
A todo o mal sou prestes, que ella tram



32. « O que ouvi não cuideis novo me seja :  
Volva-se a roda como a sorte a lança,  
Lavre a terra o villão como deseja. »—
33. Então meu douto Mestre, que se avança,  
Girando á dextra e me encarando, disse :  
« Bem comprehende quem tem boa lembrança ! »—
34. Não me vedou, porém, que eu proseguisse  
Na pratica ; e a Brunetto os mais famosos  
Pedi que dos seus socios referisse.
35. — « Alguns convem saber, mais numerosos  
Em silencio deixar louvavel sendo :  
Mingua o tempo aos discursos copiosos
36. « Sabe, em summa, que clerigos havendo  
Todos sido e lettrados mui famosos,  
Se mancharam n'um só peccado horrendo:
37. « Vão na turba d'aquelles desditosos  
Accurio <sup>6</sup> e Prisciano <sup>7</sup> ; alguns protervos .  
Se ver quizeres, por tal lepra ascosos.
38. « Olha o que, como quiz servo dos servos <sup>8</sup>,  
P'ra Bacchiglione foi do Arno mudado <sup>9</sup>  
E alli deixou seus deformados nervos.
39. « Não mais dizer, nem ir posso ao teu lado,  
Pois do areial já vejo de repente  
Vapor novo surgir afogueado.
40. « Não devo andar com bando differente.  
O meu *Thesouro* <sup>10</sup> eu muito te encommendo :  
N'elle inda vivo, e rogo isto sómente. »—
41. Voltou-se ; e foi tão rapido correndo,  
Como os que correm pelo pallio verde <sup>11</sup>  
No campo de Verona, parecendo  
Mais ser quem vence do que ser quem perde.
- 



## NOTAS AO CANTO XV



Dante e Virgilio passam a outro recinto, onde encontram multidões de almas atormentadas. São os violentos contra a natureza, entre os quaes reconhece Brunetto Latini, seu mestre, que lhe vaticina o seu desterro.

<sup>1</sup> Bruges e Cadsand, no reino da Belgica.

<sup>2</sup> Brenta, rio, que corta o territorio de Padua e entra no mar Adriatico.

<sup>3</sup> Chiarentana, parte da cordilheira dos Alpes, onde nasce o Brenta, no inverno coberto de neve, que, derretendo-se no verão, occasiona inundações.

<sup>4</sup> Brunetto Latini nasceu em Florença em 1220 e falleceu em 1294. Foi em seu tempo estimado como insigne philosopho e abalizado rhetorico, escriptor engenhoso e orador facundo. Estes predicamentos e o cargo de secretario da republica de Florença celebrisaram menos o seu nome do que o de ter sido mestre de Dante, e a circumstancia de ter sido collocado no inferno como réo de violencia contra a natureza. O historiador Villani o qualifica de primeiro mestre de civilizar os Florentinos, de falar correctamente e de governar o Estado, segundo os principios politicos.

Cesare Balbo diz :

« Brunetto Latini procedeu de familia nobre; ignora-se em que anno nasceu. Como Guelfo constante que era, servia no cargo de embaixador da Communa em 1260 junto ao Rei de Castella Alfonso, quando o seu partido foi lançado de Florença depois da batalha de Monte Aperti, e desterrado permaneceu em França e provavelmente em Paris. Compoz em vulgar da Italia muitas traducções de obras de Cicero, e em lingua de *oil* o poema intitulado *Tesoro*, miscellanea ou encyclopedia dos conhecimentos, que se possuiam no seu tempo. Tornado á Florença com os parentes de Dante e outros guelfos em 1265, lançou por escripto em vulgar o *Tesoretto*, compilação de sentenças moraes, e depois o *Pataffo*, collecção de adagios florentinos. Exerceu depois o officio, denominado por uns de *Notario*, por outros de *Dittatore* e ao adiante, em tempo de Machiavello, *Secretario* da republica florentina, e o de *Syndico* em 1284, que importava deputado a alguma commissão particular. Falleceu em 1294. Por tudo isto vê-se que foi o mais abalizado letrado da sua geração em Florença. Mas que differença entre elle e o maior da seguinte ! Tanta, que a maior gloria de um é ter tido por discipulo o segundo ! »



« A pratica entre o mestre e o discípulo, escreveu Lamennais, as reminiscências da vida para todo o sempre extincta, a reciproca manifestação de ternos e sinceros sentimentos de estima e amizade no espantoso logar em que se viam, derivam d'essa mesma circumstancia indizível attractivo travado de tristeza. E por esta occasião é para notar-se que Dante rara vez apresenta os condemnados sob o aspecto da desesperação; nos transportes do furor e odio; ao revez nol-os mostra ainda vinculados aos vivos pelas affeições anteriores; e d'esta arte do proprio inferno o amor não é excluído. Se, com relação a elles de modo geral, resumbram na sua palavra os terrores do dogma theologico, quando se avista com as pessoas, nos varios circulos, por onde passa, entra em pratica com ellas, esquece o dogma e deixa liberdade aos sentimentos naturaes; por desmedida que tenha sido a perversão, não fica desvauecido o character original do peccador, em modo que o homem transluz atravez do condemnado. »

Villemain, *Cours de litter, tableau moyen âge*, referiu-se a Brunetto Latini da maneira seguinte :

« Um Italiano, Brunetto Latini, que foi mestre de Dante, estava em Paris em 1266; nos cursos superiores d'aquelle tempo, ouvia as lições de dois professores tambem Italianos, que em Paris liam a dogmatica e a escolastica. Escrevia o seu livro intitulado o *Trésor*, compilação assaz confusa, em francez e estylo já intellegivel para nós. Deu a razão da preferencia n'estes termos : « *Se aucuns demandoit pourquoi chis livres est escrit en roumans, pour chou que nous sommes Italien, je dirrie que ch'est pour chou que nous sommes en France, et pour chou que la parleure en est plus délitale et plus commune à toutes gens.* »

No *Comento*, assim se exprime Boccacio :

« Este Ser Brunetto Lattini era de Florença e muito notavel em algumas artes liberaes e na philosophia. Seu principal cargo era o de Secretario, cujas funcções tinha tão subido grau de apreço, que, havendo-se em um contrato lavrado por elle, notado engano, que foi lançado á conta de fraude, quiz antes ser condemnado do que confessar que se havia enganado. Ao diante ausentou-se de Florença e deixando para memoria do seu nome um escripto seu intitulado *Tesoretto*, passou-se á Paris, onde viveu muitos annos, e compoz em lingua franceza um livro, em que tratou de muitas materias concernentes ás artes liberaes, philosophia moral e natural, e metaphysica, que chamou *Tesoro*. »

O *Tesoro*, ou mais exactamente *Trésor*, foi muito tempo conhecido em manuscripto ou pela traducção em italiano feita por Giamboni. No idioma original foi impresso pela primeira vez como parte da *Collection des Documents inédits sur l'histoire de France*, sob o título de *Li Livres dou Trésor*, em 700 pag. in-4º. E' dividido em 4 livros : 1º sobre cosmogonia e theologia; 2º versão da *Ethica* de Aristoteles; 3º sobre as virtudes e os vícios; 4º sobre rhetorica.

O *Tesoretto* é uma das primeiras (em data) produções da poesia italiana. Por este motivo e tambem por seu merecimento intrinseco, é digno de ser conhecido, e por isso ao leitor se offerece abreviada summa.

Narra Brunetto que, tornando da embaixada em que fôra enviado á corte do Rei de Castella pelo partido Guelfo de Florença, se encontrara na planície de Roncesvalles com um estudante, o qual contou-lhe que o partido Guelfo fôra vencido por seus adversarios os Gibelinos, padecera grandes perdas e perseguições e fôra afinal lançado da cidade. Aquella noticia engolfou seu animo no pego dos mais lugubres pensamentos : merencorio e absorto, perdeu o caminho e transviou-se em uma floresta, por onde vagueou algum tempo até que, guiado por uma bandeira, que lhe dera a Natureza, a qual lhe apparecera em toda a sua formosura e sublimidade, foi ao terceiro dia parar n'uma vasta e amena campina, onde achavam-se juntos muitos Reis, Imperadores e sabios. Era a morada da Virtude e de suas filhas, as Quatro Virtudes Cardeaes, Brunetto Latini vê-se alli tambem com a Cortezia, Bondade, Lealdade e Bravura, e escuta as instrucções, que dão a um cavalleiro, as quaes constituem a 4ª parte do poema. Retirando-se d'aquella estancia, peregrina por montes, valles, selvas e pontes,



e vai ter a um prado esmaltado de flores de maravilhosa belleza, mas occasionado á vicissitudes, que alternando-se, transformavam-lhe o aspecto. E' a região do Prazer, a que acompanham quatro Damas—Amor, Esperança, Temor e Desejo. Em certo logar, vê-se com Ovidio, que lhe ensina como vencerá a paixão do amor e sahirá d'aquelle recinto. Brunetto consegue evadir-se, confessa-se com um ermitão e volta á floresta das visões, e, subindo á uma montanha, apparece-lhe Ptolomeu venerando ancião. O poema remata, como principiara, por uma allocução encomiastica a Rustico di Filippo.

Do bosquejo, que fica traçado, intuitivamente se infere que os commentadores aproveitaram o ensejo para notar que a *Divina Comedia* tambem começa pela narrativa, que fez Dante do seu transviamento n'uma floresta.— « Se alguém visse no *Tesoretto* a primeira idéa da Comedia » —disse um escriptor italiano, o Abbade Zannoni — tambem affirmaria que uma quasi invisivel faísca servio para atear immensa conflagração. »

<sup>5</sup> Mereceram os Florentinos a alcunha de cegos, porque, tendo-lhes a cidade de Pisa, em galardão de um serviço, que lhe prestaram, offerecido a escolha entre duas columnas de porphyro damnificadas pelo fogo, mas envoltas em purpura, e duas portas de bronze, elles preferiram as columnas.

<sup>6</sup> Accurecio (Francisco) jurisconsulto abalizado, professor na universidade de Bolonha, escreveu commentarios estimados ás leis de Justiniano, sob o titulo de *Grande Glosa* ou *Glosa Continua*, Falleceu em 1229.

<sup>7</sup> Prisciano, grammatico de Cesarea, na Capadocia, viveu no seculo VI.

<sup>8</sup> O Papa.

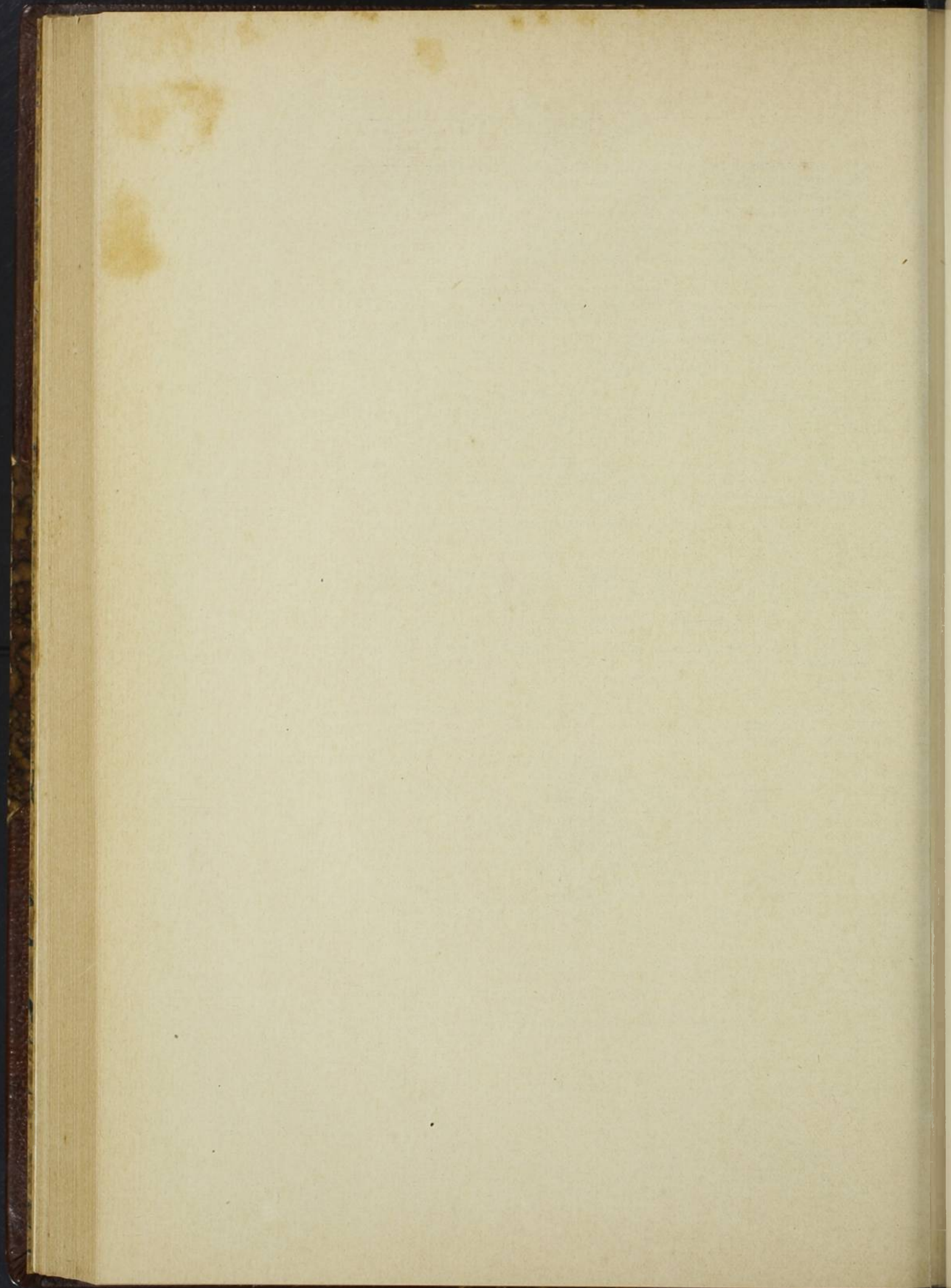
<sup>9</sup> Andrea de' Mozzi, que sendo Bispo de Florença, á margem do Arno, foi transferido para a diocese de Vicenza, á margem do Bacchiglione.

<sup>10</sup> O livro, que Brunetto escreveu em francez.

<sup>11</sup> Festa popular, que se celebrava outr'ora na primeira dominga da quaresma.











## CANTO XVI

1. **E**M logar stava já donde se ouvia  
Rumor, igual de abelhas ao zumbido,  
De agua, que n'outro círculo cahia :
2. Eis trez sombras partir vi commovido,  
Correndo, de uma turba que passava  
Debaixo do martyrio desmedido.
3. Vinham a nós, e cada qual gritava :  
— « Detem-te ; por teus trajos se afigura  
Seres alguém na nossa terra prava. » —
4. Ah ! que chagas nos membros, na figura  
O fogo lhes abriu, novas e antigas !  
Só recordando, eu sinto magua pura.
5. O mestre, que escutara— « Não prosigas !  
Cumpre-te » —disse, o rosto me voltando, —  
« Aguardando, lhes dar mostras amigas.
- 6, « Não estivesse o fogo dardejando,  
Como o logar requer, te caberia  
Mais pressa do que estão manifestando. » —
7. Paramos. Renovando a vozeria  
Um circ'lo junto a nós os trez formaram,  
Em que as mãos cada qual dos trez unia.



8. Como atletas, que, nós, de oleo se untaram,  
Mas, antes de lutar, dos adversarios  
No fraco attentam, no seu pról reparam :
9. Elles, se revolvendo em giros varios,  
Olhavam-me em tal modo collocados,  
Que os collos aos seus pés stavam contrarios.
10. « Se a miseria, em que somos trateados,  
Se o triste aspecto da tostada face  
Te move a desdenhar supplices brados,
11. « Nossa fama o teu animo traspasse :  
E pois, dize quem és que, ufano, o inferno  
Calcas antes que a vida se finasse.
12. « Este, por quem os passos meus govérno,  
Escoriado e nú, que ora estás vendo,  
Mais do que o crês no mundo foi superno.
13. « Da famosa Gualdrada <sup>1</sup> o neto sendo,  
Chamou-se Guidoguerra, e foi na vida  
Por esforço e prudencia reverendo.
14. A Tegghiaio Aldobrandi, <sup>2</sup> que em seguida  
Me vai, por sua voz, por seus bons feitos  
Devera ser a patria agradecida.
15. Eu que tambem da perna soffro effeitos  
Jacopo Rusticucci fui <sup>3</sup> : da esposa  
O maior mal causaram-me os defeitos. »—
16. Se houvesse amparo á chuva pavorosa  
(Virgilio o consentira), eu me lançara  
Entre elles, da alma na expansão piedosa ;
17. Porém n'aquelles fogos me abrazara,  
Sobrepujou temor vivo desejo,  
Que de abraçal-os subito me entrara.
18. « Não desdem, mas piedade n'este ensejo,  
Que não se extinguirá, me tem movido.  
Lhes disse — o padecer em que vos vejo,
19. « Tanto que o Senhor meu ha proferido  
Palavras, que a presença me indicaram  
De almas quaes sois n'este logar temido.



20. « Da vossa terra sou : sempre exaltaram  
Meu apreço e o dos que vos conheceram  
Acções que os nomes vossos tanto honraram.
21. « Por meu Guia veraz esperançado,  
Deixo o fel por doçura permanente <sup>4</sup>  
Tendo primeiro o centro visitado. » —
22. Que no teu corpo a vida longamente  
Persista ! » — a sombra disse. « — Dure a fama  
Do nome teu com lume resplendente !
23. Na patria nossa inda revive a flamma  
Da honra, do valor, que alli brillhara,  
Ou de todo a expelliu odio que infama ?
24. « Pois Guilherme Borsiere <sup>5</sup>, que baixara,  
Ha pouco, e vai chorando n'esta ardencia,  
Cruciou-nos contando o que notara. » —
25. « Incolas novos, subita opulencia,  
Florença, orgulho e vicios te accenderam,  
De que tu propria temes a influencia ! » —
26. « Gritei alçando a fronte : e os tres, que me eram  
Attentos, á resposta se encararam,  
Como se essas verdades lhes prouveram.
27. « Se tão pouco te custa » — me tornaram —  
« Sempre aos outros expor teu pensamento,  
Feliz tu ! Vozes taes assaz te honraram.
28. « E, pois, voltando a luz do firmamento,  
Se alfin sahires d'esta estancia horrente,  
Quando — « La fui ! » — <sup>6</sup> disseres, de contento,
29. « Nos olvidar não deixa a humana gente. » —  
Então, rompendo o circulo, fugiram,  
Como se azas tiveram, velozmente.
30. Em menos tempo aos olhos se esvairam  
Do que no proferir *amen* se gasta.  
Logo aos passos do Mestre os meus seguiram.
31. D'alli distancia curta nos afasta,  
Eis da agua os sons ouvimos, tão de perto,  
Que a voz forçar para se ouvir não basta.



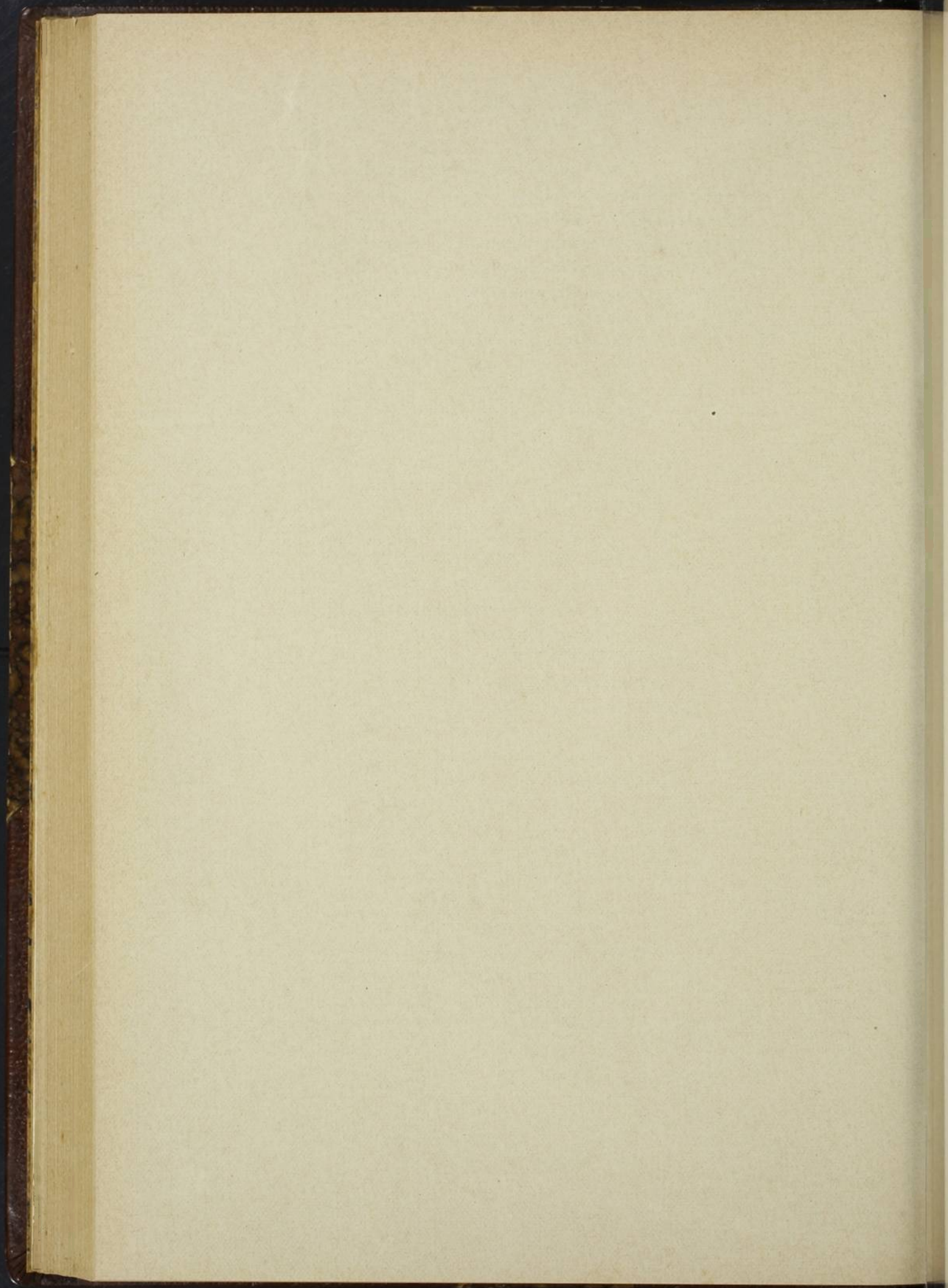
32. Como o rio que, no alveo proprio aberto,  
Em Veso <sup>7</sup> nasce e vai para o oriente,  
Ao lado esquerdo do Apenino, e ao certo
33. Aquachetta se chama, da eminente  
Parte emquanto não desce, mas, tomando  
Nome diverso em Forli de repente,
34. Rebomba e cai pela quebrada, quando  
Acerca-se a S. Bento <sup>8</sup>, o gran mosteiro  
Que dar a mil podera asylo brando :
35. Assim desde um penhasco sobranceiro  
Da agua rubra troava alto estampido,  
Que fôra de surdez risco certo.
36. De uma corda eu me achava então cingido <sup>9</sup>  
Com que outr'ora prender quiz a panthera,  
De pello em malhas várias repartido.
37. Que a tirasse Virgilio me dissera:  
Eu descingi-me presto, lh'a entregando  
Enrolada, como elle prescrevera.
38. Então elle á direita se voltando,  
A distancia da borda alcantilada  
Lançou-a longe para o abysmo infando.
39. — « A'quella acção não de antes praticada,  
—Pensei— hade seguir-se extranho effeito,  
Que do Mestre a attenção tem despertada. » —
40. Quanta cautela deve haver e geito,  
Tratando-se com quem vê não sómente  
Os actos, mas tambem o que ha no peito !
41. — « Surdirá » — disse o Mestre — brevemente  
O que espero: o que tens no pensamento  
Logo aos teus olhos ficará patente.
42. Verdade, que pareça fingimento  
Evite proferir homem discreto:  
Soffre desar, de culpa estando isento.
43. Nada posso omitir, leitor dilecto:  
D'esta comedia <sup>10</sup> pelos cantos juro  
(Sejam assim de longo applauso objecto !)



44. Que subir por aquelle ar grosso, escuro  
Nadando vi figura temerosa  
Ao peito mais intrepido e seguro:
45. Tal quem desceu pela onda perigosa  
A desprender de occultos embarços.  
Lá no fundo, a fateixa vagarosa,  
Subindo, encolhe as pernas, tende os braços.









## NOTAS AO CANTO XVI

Dante, chegando ao limite do terceiro recinto, encontra-se com trez almas de guerreiros, que se tinham inquinado no vicio, de que no canto antecedente se fez menção. Com Virgilio acerca-se á uma profunda cavidade a qual o Guia arroja uma corda, de que o poeta estava cingido. Surde ao fundo uma figura espantosa.

<sup>1</sup> Gualdrada, filha de Bellincion Berti, da familia Ravignani, collateral dos Adimari. D'elle disse o Poeta no c. XV do *Pur.* :

*Bellincion Berti vid'io andar cinto  
Di cuoio ed'osso e venir dallo specchio  
La donna sua senza'l viso dipinto.*

¶ no canto XVI :

*Erano i Ravignani, ond è disceso  
Il conte Guido, e qualunque del nome  
Dell'alto Bellincione ha poscia preso.*

Acerca d'essa dama florentina disse Boccacio :

« Aconteceu que tendo o Imperador Othon IV ido á Florença por occasião da festa de S. João, compareceu na igreja com outras senhoras, como era costume, a mulher de messer Berto, tendo consigo uma filha, que se chamava Gualdrada, ainda não casada. Quando a donzella, que era assaz graciosa e gentil tomou assento entre as outras, quasi todas as pessoas presentes voltaram-se para contemplal-a, em especial o Imperador. Merecendo-lhe a maior attenção a sua graça e compostura, perguntou o soberano a messer Berto, que lhe estava proximo, quem era aquella senhora. A' pergunta respondeu messer Berto a sorrir-se : — *E' filha de uma certa pessoa, que de bom grado permitiria que V. M. a beijasse, se assim lhe aprouvesse.* — A donzella, que estava perto, ouviu estas palavras: e sentida do conceito, que de si fazia seu pae, levantou-se e encarando com elle, disse, accesas de pejo as faces ; — *Não faça, meu pae, promessas tão liberais á custa da minha modestia ; porque asseguro que, sómente constrangida pela força, consentirei que me beije homem que não seja meu marido.* — O Imperador ouviu e com encarecimento applaudiu as palavras e o meneio da donzella. . . E chamando á parte um fidalgo mancebo, que em sua comitiva se achava, Guido



Beisangue, appellidado depois Guido o Moço, ainda solteiro, instou com elle para que se casasse com Gualdrada, e deu-lhe em dote um vasto territorio no Casentino e nos Alpes com o titulo de Conde. »

Do casamento nasceram dois filhos, Guglielmo e Ruggieri, o ultimo dos quaes foi pae de Guidoguerra, que muito se assignalou como esforçado general, sendo elle o que, á frente de 400 Florentinos, concorreu para que Carlos de Anjou vencesse, em 1265, na batalha de Benevento, a Manfreda, Rei de Napoles. Um dos resultados d'essa victoria foi restaurarem-se em Florença os Guelfos e serem expellidos os Gibelinos.

<sup>2</sup> Jacopo Rusticucci, cavalleiro florentino, muito conceituado antes de casar-se, mas, tendo-se consorciado com mulher de indole incompativel com a sua, deixou-a : e desde então desmandou-se em vícios e devassidões, que lhe mereceram logar no inferno.

Boccacio, referindo o effeito que nos costumes de Rusticucci produzira o casamento, aproveitou o ensejo para discorrer prolixamente no *Comento*, como soia, contra o casamento e as mulheres em geral. D'esse pendor seu vê-se uma mostra, quando tratou do consorcio de Dante. No livro que escreven sobre a vida do Poeta, disse : — *I filosofanti chi il mio giudicio in questo seguiranno, lasceranno lo sposarsi a ricchi stolti e a signori e similmente a lavora'ori, e essi colla filosofia se diletteranno, molto più piacevole e migliore sposa che alcuna altra.*

<sup>3</sup> Tegghiaio Aldobrandi, descendente do solar dos Adimari, foi grandemente estimado, já como valente guerreiro, já como varão prudente e avisado. Quando em Florença deliberava-se sobre a guerra contra Siena, seu parecer foi pela paz, mostrando que nenhuma vantagem colheriam os Florentinos de hostilidades contra inimigo superior em forças. Desprezado o seu conselho, sahiram a campo os de Florença e seus alliados, e foram desbaratados na batalha de Arbia ou Monte-Aperti.

<sup>4</sup> Irá do inferno ao paraíso.

<sup>5</sup> Guilherme Borsiere, tambem Florentino, foi um dos fidalgos, que no seu tempo andou mais em fôro de engenhoso, discreto e agradável no trato e conversação.

O commentador Landino assevera ser veridico o facto narrado por Boccacio na Nov. VIII da *Giorn. 1<sup>a</sup> do Decameron*, em que figurou Guilherme Borsiere como homem discreto e engenhoso, de amena conversação e bom parecer. Indo elle á Genova, visitou Ermino de' Grimaldi, cavalleiro abalizado por suas riquezas mais do que nenhum Italiano do seu tempo, e tambem o mais sordido dos avaros, de que houvesse noticia, que o recebeu com affectuoso agasalho, e o convidou a ir ver com outros Genovezes, que com elle estavam uma bellissima casa, que recentemente mandara edificar. Depois de mostrar-lh'a em todas as suas divisões, apartamentos e recamaras, pediu-lhe o seu parecer sobre os primores, que lhe apresentava, perguntando-lhe se vira em outra parte raridade, que alli não estivesse. Tornou-lhe Borsiere que faltava uma cousa que, segundo o seu conceito, Ermino nunca vira. Instado para declaral-a, respondeu : — *Aqui falta a Liberalidade*. D'estas palavras foi Ermino tão impressionado, que não só lhe agradeceu o epigramma, senão tambem de então em diante mostrou-se o mais liberal e generoso fidalgo de Genova, estimado e presado de forasteiros e concidadãos, como nenhum mais n'aquelle tempo.

<sup>6</sup> *Ti gioverà dicere : P fui* — Na *En.* Virgilio dissera :

*Forsan et hæc olim meminisse juvabat.*

E Tasso, na *Ger. Lib.* :

*Quando mi gioverà narrare altrui  
Le novità vedute, e dire: Io fui.*



<sup>7</sup> Monte Veso pertence á cordilheira dos Alpes, e demora entre a Saboia e o Piemonte: alli tem a sua nascente o rio Pó, ao qual affluem todos os que do norte baixam dos Apenninos. Um é o Montone, que, se acercando a Forli, chama-se Acquachetta, porque, diz o *Ottimo*, tem pouco impeto, denominando-se depois Montone, quando corre impetuoso.

<sup>8</sup> Opulento mosteiro de S. Bento, junto ao salto de Montone, assaz espaçoso para receber mil religiosos, e não sómente esses poucos, que escassamente alli viviam por effeito da má administração das suas rendas. Variam as interpretações, que se tem dado a este verso — *dove dovria per mille esser ricetto*. Disse Boccaccio que houvera o proposito de estabelecer-se alli uma povoação para numerosos habitantes (*mille*) ; este plano, porém, se não realizou. O *Ottimo* entende quasi no mesmo teor, por estas palavras — que devia ser receptaculo e morada para mil habitantes. Houve quem suppozesse que o pensamento expresso n'aquelle verso é — precipicio d'onde cahia um rio sufficiente para mil catadupas.

<sup>9</sup> Era tradição que Dante, em tempo de sua juventude, depois de fallecida Beatriz, estivera na Ordem de S. Francisco simplesmente como noviço, não professando, mas continuando ao adiante a pertencer-lhe como irmão terceiro. Mas em geral se ha entendido que o Poeta usou aqui de uma allegoria, querendo significar pela corda com que tentou prender a panthera o cuidado com que deve todo o homem haver-se para guardar-se dos appetites sensuaes, ou a humildade, de que se deve revestir aquelle que, convencendo-se de estar em erro, acolhe-se, para repulsa-o, ao refugio da sciencia e verdade.

Diz P. Fraticelli: — Francisco de Buti, commentando o v. 42 c. XXX do *Purgatorio*, escreveu (e alguns apadrihando com a sua autoridade repetiram-o) que Dante na juventude se fizera frade de S. Francisco. São estas as suas palavras: « *Prinia ch'io fuor di puerizia fosse*: d'aqui se infere que o nosso autor, sendo ainda mancebo, enamorou-se da sagrada Escriptura, o que parece ter succedido, quando se fez frade da Ordem de S. Francisco, da qual se retirou antes de professar. » Não posso imaginar onde Buti colhesse similhante noticia: ha razão para tel-a em conta de fabula, em que escusado é perder palavras. No *Convito* (trat. II cap. 13) refere Dante que, fallecendo Beatriz, considerava a philosophia como dama formosissima, e tinha para si que devia ser *cosa suprema*. « D'esta opinião (continúa elle) seguiu-se que andei a procural-a nos logares onde verdadeiramente se ensinava, isto é, nas escolas dos religiosos e nas discussões dos philosophantes. » D'estas palavras não ha fundamento para induzir-se que Dante se fizesse frade; e, pois, é possivel que Buti as interpretasse como significando que aprender philosophia nas escolas religiosas importa o proposito de fazer-se frade. Julgaram alguns que o proprio Dante indicara isso mesmo no v. 106 do c. XVI do *Inferno*. Mas o que pretendia com aquella corda? Amansar o monstro Geryão, e persuadil-o a conduzir ás costas os Poetas. Mas Geryão é o symbolo da fraude: como se contramine a fraude por meio do cordão franciscano eu não porceño. Ha quem tire essa consequencia do facto de ter sido Dante sepultado em habito de irmão terceiro, circumstancia de todo o ponto accidental, que não prova haver elle outr'ora querido ser religioso, e de mais funda-se em simples supposição: pois Giovanni Villani affirma que Dante foi com muita solemnidade sepultado em vestes de poeta e philosopho. »

A este respeito escreveu C. Balbo:

« Em todo o caso a corda, com que Dante diz tentara subjugar a onça, isto é, a luxuria, não póde ter outra interpretação, nem melhor, nem differente que pela corda dos Franciscanos, por meio de cujo habito crêra poder vencer os conflictos, em que estivera. E assim o entendem os mais autorizados. Accresce a singular devoção ou antes amor com que Dante narra a vida de S. Francisco no *Paraiso*, a sua extremosa devoção á S. Clara, religiosa da ordem franciscana, e até a indignação que manifestou contra aquelles que, a seu parecer, desna-



turavam a ordem recente. De tudo isto resulta probabilidade, não certeza moral do facto allegado por Buti, assim como que o tentara, quando o saltaram a dôr da perda da sua amada ás tentações e conflictos provenientes da dama compassiva, e a occasião dos seus estudos nas *escolas* dos religiosos. »

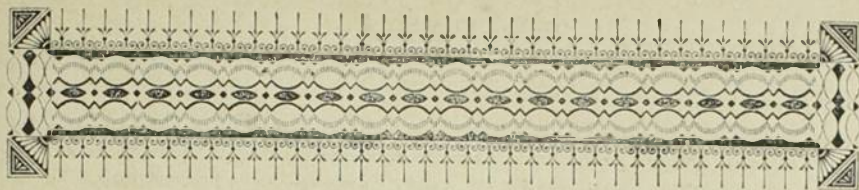
<sup>10</sup> Comedia, a *Divina Comedia*, nome que justamente deu a posteridade ao seu poema.

Dissera Lucano:

*Pharsalia nostra  
Vivet et a nullo tenebris damnabitur. ævo*







## CANTO XVII

1. **E**is a fera, que a horrenda cauda enresta,  
Que arnezes, montes, muros atravessa  
E com seu bafo impuro o mundo empesta ! »
2. Assim Virgilio a me falar começa.  
Para acercar-se logo lhe acenava  
Ao marmoreo anteparo que alli cessa.
3. Da fraude o vulto immundo aproximava ! <sup>1</sup>  
A cabeça avançou e o torpe busto,  
Porém pendente a cauda lhe ficava.
4. A cara assomos tinha de homem justo,  
Tanto era o parecer benino e brando !  
No mais serpe, movia horror e susto.
5. Grandes, hirsutos braços dilatando,  
Alçava peito, ilhaes, dorso malhados,  
Mil rodelaes e nós se entrelaçando.
6. Mais côres nos estofos recamados  
Tartaros, Turcos nunca misturaram,  
Nem Arachne <sup>2</sup> em tecidos variegados.
7. Como os bateis, que á praia se amarraram,  
No mar a pôpa tem, a prôa em terra ;  
E, como em regiões, que se deparam



8. Sob o voraz Tudesco, a fazer guerra  
Embosca-se o castor : assim se via  
O monstro á orla, que as areias cerra.
9. No ar a extensa cauda revolvia ;  
E a venenosa ponta bi-partida,  
Do escorpião qual dardo, se erigia
10. Té onde a fera atróz jaz estendida.  
Convem seja o caminho desviado  
Da senda » — disse o Vate « proseguida » —
11. Descendo, pois, pelo direito lado  
Para o fogo fugir e a areia ardente  
Passos dez pela borda hemos andado :
12. Chegados nós de Geryão em frente,  
Um tanto além sentado um bando achamos  
Na areia, perto d'esse abysmo ingente.
13. — « Do recinto por teres, em que estamos » —  
Virgilio disse — a experiencia inteira  
A sorte vai saber dos que avistamos.
14. « Os discursos, porém, filho aligeira.  
Em tanto impetrarei da fera infanda  
Que prestar-nos seus hombros fortes queira. » —
15. Só pela borda, como o Vate manda,  
Vou do circulo setimo seguindo,  
Dos mestos peccadores em demanda.
16. A dôr, que bróta em lagrimas, sentindo,  
Soccorre-se das mãos a afflicta gente  
Conta o sólo e o vapor, que está cahindo.
17. Assim lebreus, durante a calma ardente  
Dos dentes e unhas valem-se, mordidos  
De tavões por enxame impertinente.
18. Quando encarei nos rostos doloridos  
De alguns, que os fogos tanto cruciavam,  
Que eram todos achei desconhecidos. \*

---

\* Usurarios.



19. Bolsas pendentes dos seus collos stavam,  
Pelos signaes distincta, pelas côres:  
Contemplando-as, seus olhos se enlevavam. <sup>3</sup>
20. E vi já me acercando aos peccadores  
Bolsa, na qual em campo de ouro havia  
Azul, que era leão nos seus lavores,
21. A vista, que já n'outra se embebia,  
Em sanguineo rubor ganso eu notava,  
Que a brancura do leite escurecia.
22. Gravida, azul jardava um, que ostentava,  
Broslada sobre candida escarcella,  
—«Que buscas n'este abysmo?» perguntava.
23. «Retira-te! Se a vida gozas bella,  
Sabe que á sestra mão Vitaliano, <sup>4</sup>  
Visinho meu terá condigna sella.
24. «Entre estes Florentinos sou Paduano;  
A todo o instante aturdem-me os ouvidos,  
Bradando:—O nobre venha, o soberano,
25. «Que os tres bicos na bolsa traz sculpidos.»—  
Depois, torcendo a boca, a lingua tira,  
Qual boi, que os beiços lambe, resequidos.
26. Não querendo mover desgosto ou ira  
Em quem mór brevidade me ordenara,  
Os mesquinhos deixei: assaz ouvira.
27. Disse-me o Guia então, que cavalgara  
O dorso do animal fero e possante:  
«Sê forte e a tudo o animo prepara!
28. «Se desce em tal escada de ora avante;  
Sobe-te ao collo; ao meio irei sentado:  
Que não te offenda a cauda penetrante.
29. De quartan qual doente, que, chegado  
Suppondo o accesso, livido estremece  
Sómente ao ver logar fresco, assombrado
30. Tal quando ouvi, meu peito desfallece.  
Antes o Mestre dá-me o pejo alento:  
Bom amo o servo esforço que esmorece.

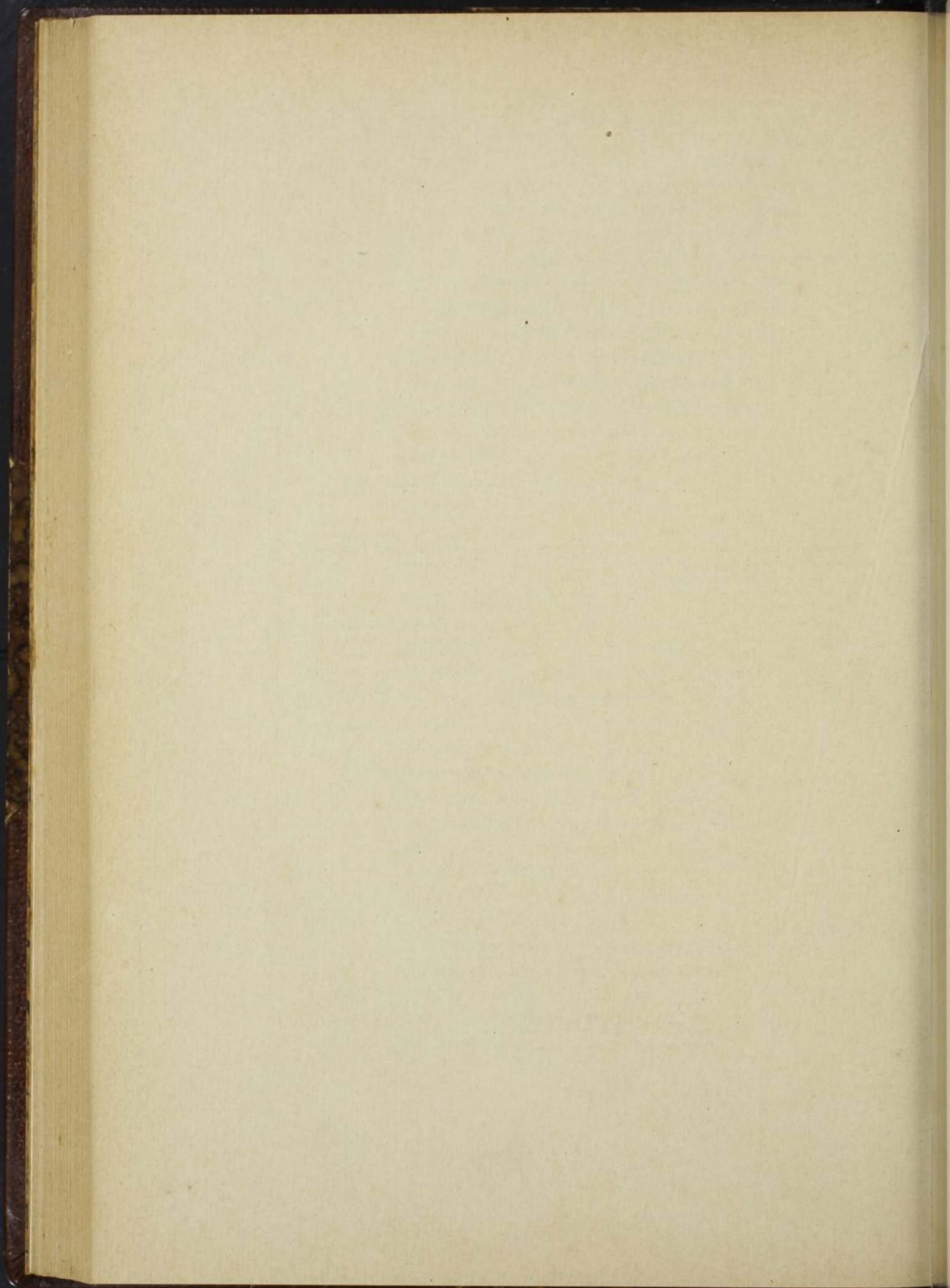


31. Já sobre a espalda do animal cruento.  
Quero ao vate gritar : « Senhor, me abraça !  
A voz, porém, não corresponde ao intento.
32. Elle, que a mente espavorida e lassa  
Em circuito mais alto me animara,  
Sostendo-me, nos braços seus me enlaça,
33. E disse a Geryão: Vai, mais não pára.  
Em circuitos largos sem ter pressa:  
Na carga, que ora tens, nova repara ! »—
34. Bem como esquife, que a vogar começa,  
Manso e manso recúa : assim moveu-se.  
Quando ao largo sentiu-se, eis endereça
35. A cauda aonde o peito seu tendeu-se.  
Meneando-a, a reteza como enguia ;  
Das patas agitado o ar fendeu-se.
36. Phaeton, <sup>5</sup> quando as redeas já perdia,  
Ao ver do ceu o incendio, ainda apparente ; <sup>6</sup>  
Icaro, <sup>7</sup> quando lhe cahir sentia
37. Da cêra cada pluma ao sol ardente,  
Gritando o pai ;—« Ai ! filho ! Erraste a estrada !  
De pavor não se entraram mais vehemente,
38. Do que eu n'essa viagem desusada,  
No ar quando me vi, quando enxergava  
Só a cerviz da fera maculada:
39. Com tardo movimento ella nadava,  
Que gira e baixa pelo vento eu sinto  
Que em torno ao rosto e abaixo se agitava.
40. Já ouvia á direita bem distincto,  
Troar da catadupa fragorosa, :  
Olhos inclino ao fundo do recinto.
41. A mente estremeceu mais temerosa  
Ao chammejar de fogo, ao som de pranto :  
Encolhi-me ante a scena pavorosa.
42. De que descia então, com mór espanto,  
Pelos males, que via, fiquei certo,  
A mim se avisinhar a cada canto.



- 
43. Qual falcão que no ar pairava incerto,  
Sem ver reclamo ou cubiçada preza  
Perdida a esp'rança ao caçador experto,
44. Descamba, fatigado e sem presteza,  
Em voltas mil por onde se arrojara,  
E longe pouza, ou de ira, ou de tristeza :
45. Tal Geryão, em fim, no fundo pára  
Ao pé da penedia alcantilada,  
Livre do pezo já que carregara,  
Sumiu-se como setta disparada.
-







## NOTAS AO CANTO XVII

Descripção de Geryão. Descem os Poetas até onde o circulo setimo parte com o oitavo. Em quanto lala com Geryão, Dante caminha um pouco além e informa-se da punição dos que commetteram violencia contra a arte. Torna-se a Virgilio e ambos descem ás costas de Geryão ao circulo oitavo.

<sup>1</sup> Geryão, symbolo da fraude, que com a sua finura e astucia, vence todas as difficuldades, *passa i monti e rumpi muri ed armi*, era, segundo a mythologia grega, filho Chrysaor e Callirrhoe, tinha trez corpos e trez cabeças, e possuia grandes rebanhos, que alimentva de carne humana, guardados por um dragão de sete cabeças e um cão de duas. Reinava na Hesperia ou Hespanha e em Erythia, onde residia, foi morto por Hercules conjuntamente com os seus defensores.

Virgilio, *En.*, c. VIII :

*Nam maximus ultor  
Tergemini nece Gerionæ spoliisque superbus,  
Alcides aderat, taurosque hac victor agebat  
Ingentis: vallem boves, amnemque tenebant.*

Trad. de J. F. Barretto :

Alcides, vingador famoso,  
Chegou aqui suberbo e carregado  
De despojos, havendo ao portentoso  
Tergemino Geryão a morte dado.  
Trazia por aqui victorioso  
Grandes touros, e as vaccas occupado  
Tinham não só o fertil e sombrio  
Valle, porém também o ameno rio.

O retrato, que de Geryão faz Dante, foi imitado por Ariosto, *Orl. Fur.*, c. XIV est. 87 :

*Avea piacerol viso, abito onesto,  
Un umil volger d'occhi, un andar grave,  
Un parlar sì benigno e sì modesto.*



*Che pareva Gabriel che dicesse : ave.  
Era brutta e deforme in tutto il resto :  
Ma nascondeva queste falezze prave  
Con lungo abito e largo ; e sotto quello  
Attossicato aveva sempre il coltello.*

<sup>2</sup> Arachne, da Lydia, subtil e consummada na arte de tecer, deixou-se possuir de tanta vaidade, que desafiou a Pallas, pretendendo vencel-a na perfeição do trabalho. A deusa, depois de provada a sua superioridade, puniu-a transformando em aranha.

Veja a nota correspondente ao c. XII do *Purg.* v. 43.

<sup>3</sup> Dante omite o nome d'esses condemnados, dando-os a conhecer sómente pelos seus braços, figurados sobre ás bolsas, que lhes pendem ao pescoço, como insignias da usura : são os Gianfigliaccis, os Ubbriachis de Florença, os Scrovignis de Padua.

<sup>4</sup> Vitalino del Dante, riquissimo e celebre onzeneiro de Padua. Giovanni Buiamonte, de Florença, usuario cadimo. Diz o *Ottimo* : « Foi riquissimo e emprestava dinheiro com grossa onzena ; mas acabou na extrema indigencia. » Fôra este o *cavalier sovrano*, cujo brazão representava trez bicos.

<sup>5</sup> Phaetonte, filho de Apollo, o deus do sol, e Clymene, filha de Jupiter. Em desavença com Epapho, deu-se por injuriado, por ter-lhe este negado a ascendeacia. Para comprovar a sua gloriosa origem, subiu á presença de Apollo, que o recebeu como a filho ; e para confirmar a verdade da sua declaração, cedendo ás suas instancias, lhe permittiu guiar por espaço de um dia o carro do sol. O imprudente mancebo commetteu empreza, de que se não podia desempenhar. Os cavallos mal dirigidos, desconhecendo a mão, que os guiava, desviaram-se do verdadeiro e costumado caminho, e deram causa a calamidades taes, que Jupiter se viu na necessidade de fulminar Phaetonte. Seu corpo cahiu precipitado no rio Eridano ou Pó, na Italia : á margem foi sepultado pela Nayades. Suas trez irmaus, Phaetusa, Laecie e Phebe, tanto se deixaram dominar de magoas e saudades, chorando e lamentando a perda desastrosa de Phaetonte, que Jupiter commiserado, transformou-as em alamos, convertendo ao mesmo tempo em alambre as lagrimas choradas.

Ovidio, *Met.* lib. II :

*Hunc puer ut nigri madidum sudore veneni  
Vulnera curvata minitantem cuspide vidit,  
Mentis inops gelida formidine lora remisit.  
Quæ postquam summo tetigeri jacentia tergo  
Expatiantur equi, nulloque inhibente per auras  
Ignotæ regionis eunt, quaque impetus egit,  
Hac sine lege ruunt, altoque sub æthere fixis  
Incursant stellis, rapiuntque per avia currum.  
Et modo summe petunt, modo per declive viasque  
Præcípites spatío terræ propiore feruntur...  
At pater omnipotens, superos testatus et ipsum  
Qui dederat currus nisi opem ferat, omnia falo  
Interitura gravi, summas petit arduus arcem  
Unde solet latis nubes inducere terris,  
Unde movet tonitrus, vibrataque fulmina jactat.  
Sed neque quas posset terris inducere, nubes  
Tunc habuit nec quos cælo dimitteret imbres,  
Intonat et dextra libratum fulmen ab aure*



*Misit in aurigam, pariterque animaque rotisque  
Expulit et sævis compescuit ignibus ignes  
Consternantur equi et, saltu in contraria facio,  
Colla jugo eripiunt, abruptaque lora relinquunt  
Illic fræna jacent, illic temone revulsus  
Axis, in hac radii fractarum parte rotarum,  
Sparsaque sunt late laceri vestigia currus  
At Phaëton rutilos flamma populante capillos,  
Volvitur in præceps, longoque per aëra tractu  
Fertur, ut interdum de cælo stella sereno  
Et si non cecidit, potuit cecidisse videri.  
Quem procul a patria diverso maximus orbe  
Excipit Eridanus, frimantiaque abluit ora.  
Naiades hesperie tristida fumantia flamma  
Corpora dant tumulo, signant quoque carmine saxum.  
Hic situs est Phaëton, currus Auriga paterni,  
Quem si non tenuit magnis tamen excidit ausis.*

Trad. de A. F. de Castilho:

Vendo-o negra suar lethal peçonha  
Rodar em modo hostil a aguda cauda.  
Fugir deixa das mãos sem tino as redeas  
Sentindo-as sobre o dorso os corseis partem ;  
Livres transvoam regiões ignotas,  
Co'o impetu por lei, por morte o espaço.  
Co'as estrelas mais altas abalroam,  
Atropellam co'o carro estradas virgens ;  
Ora ao ether remontam, ora descem  
Quasi á terra por ingremes abysmos . . .  
Mas o Padre, tomando á testemunhas  
Todos os immortaes, e, mais que todos,  
Ao proprio concessor do coche infausto :  
E achando ser unanime sentença  
— Que se Jove o não salva, acaba o mundo ;  
Sóbe ao alto da etherea cidadella,  
Lá d'onde pelo orbe espalha as nuvens,  
D'onde acorda os trovões, dardeja os raios.  
Mas nem viu nuvens, com que envolva o orbe,  
Nem chuveiro achou. Trôa e, librando  
Na dextra erguida o raio, ao vão cocheiro  
O desfere e do carro o expulsa morto.  
Assim co'o sacro fogo o fogo abafa.  
Espantam-se os frisões, atraz resaltam,  
Sacodem jugos, despedaçam redeas.  
Jazem freios aqui, sem lança o eixo  
Além, mais longe, despartidas rodas :  
Por toda a parte esplendidas reliquias.  
Phaëtonte, ardendo as grenhas ás labaredas,  
Vem de rondão pelo ar : no acceso e longo  
Rasto, que deixa, faz lembrar a estrella,  
Como as que em limpo ceu de estiva noi'e  
Se figuram cahir, bem que não caíam  
Longe do chão natal, na queda o toma  
O caudaloso Eridano e nas ondas  
O rosto abraçado lhe mergulha.



As Naydes hesperias o enterraram  
 Inda fumando da trisulca chamma :  
 E esta inscripção no tumulto lhe abriram :  
 — Aqui pousa Phaëtonte, o audaz cocheiro,  
 Que no carro do pae foi nume um dia :  
 Não se aguentou nos ceus, mas sombrauceiro  
 Se lhes mostrou na insolita ousadia.

6 Um dos desastres produzidos pela imprudencia de Phaëtonte foi a Via Lactea.

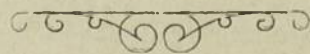
7 Icaro. No lib. VIII, Ovidio descreve a fuga de Dedalo e de Icaro, mediante azas, que fabricara para si e o filho, assim como a imprudencia d'este, severamente punida pela sua queda nas ondas.

*Dedalus interea, Creten longumque perosus  
 Exilium, tactusque loci natalis amore,  
 Clausus erat pelago,—Terras licet—inquit—et undas  
 Obstruat, at cælum ceste palet : ibimus illac.—  
 Omnia possideat, non possideat aëra Minos  
 Dixit et ignotas animum dimittit in artes,  
 Naturamque novat. Nam ponit in ordine pennas,  
 A minima ceptas, longam brevior sequenti,  
 Ut clivo crevisse putes. Sic rustica quondam  
 Fistula disparibus paulatim surgit avenis  
 Tum lino medias et ceris alligat inas,  
 Atque illa compositas parvo curvamine flectit,  
 Ut veras imitatur aves...*

*Postquam manus ultima ceptis  
 Imposita est, geminas opifex libravit in alas  
 Ipse suum corpus motaque pependit in aura :  
 Instruit et nato.....*

*Me duce carpe viam. Pariter praecepta volandi  
 Tradit, et ignotas humeris accommodat alas.  
 Inter opus monitusque genæ nuduere seniles,  
 Et patriæ tremuere manus. Dedit oscula nato  
 Non iterum repetenda suo, pennisque levatus  
 Ante volat comitique timet.....*

*Et jam junonia læva  
 Parte Samos fuerat, Delosque Parosque relictæ,  
 Dextra Labyrinthos erat sæcundaque mette Calymne,  
 Cum puer audaci cepit gaudere volatu  
 Deservitque ducem, cælique cupidine tractus  
 Allius egit iter. Rapidi vicinia solis  
 Mollit odoratas pennarum vincula, ceras  
 Tabuerant ceræ ; nudos quatit ille lacertos,  
 Remigioque carens, non ullas percipit auras.  
 Oraque cærulea patrum clamantia nomen  
 Excipiuntur aqua, quæ nomen traxit ab illo.  
 At pater infelix, nec jam pater—Icare—dixit  
 Icare—dixit—ubi es ? qua le regione requiram ?  
 Icare . . . —dicebat, pennas aspexit in undis.  
 Devovitque suas artes, corpusque sepulchro  
 Condidit ; et tellus a nomine dicta sepultri.*







## CANTO XVIII

---

1. **T**EM o inferno, de rocha construído,  
De ferrea côr, de muro igual cercado  
Um logar : Malebolge <sup>1</sup> o nome havido.
2. Lá no centro do plaine inficionado  
Se escancara gran poço, amplo e profundo:  
Direi a compustura em tempo azado.
3. Espaço em torno estende-se rotundo  
Entre o poço e o penhasco pavoroso :  
Resparte-se em dez cavas o seu fundo.
4. Qual de fossos dobrados, cauteloso,  
Se apercebendo, o alcáçar se assegura  
Dos assaltos de inimigo poderoso :
5. De abysmos taes o aspecto se afigura.  
Como dá levadiça ponte entrada,  
Aos de fóra, do muro na cintura,
6. Assim, do val no fundo começada,  
Cada cava uma rocha atravessava  
Em arco, para o poço concentrada.
7. De nós o monstro aqui se descargava :  
A' sestra mão seguiu logo o poeta,  
E eu de perto fiel o acompanhava.



8. Novo tormento á dextra me inquieta,  
Novos algozes vejo, novas dôres,  
De que a primeira cava era repleta.
9. Stão lá no fundo nós os peccadores :  
Do meio contra nós muitos caminham,  
Outros connosco, em passos já maiores.
10. Em Roma, assim, ás turbas, que se apinham <sup>2</sup>  
Do jubileu no tempo, sobre a ponte  
Se abriu aos que iam tarnsito e aos que vinham :
11. De um lado andavam, os que tendo em frente  
O castello, a S. Pedro se endereçam,  
E do outro lado os que iam para o monte. <sup>3</sup>
12. D'aqui, d'alli nas bordas, os apressam  
Cornigeros demonios, açoitando  
Com grandes azorragues, que não cessam,
13. Como aos golpes primeiros cada bando  
Se apressa ! Como cada qual evita  
Que se repita o estímulo execrando !
14. N'esse andar minha vista n'um se fita,  
Da parte opposta vindo, e logo eu disse :  
— « Hei conhecido esta figura afflicta. » —
15. Attentei mais, porque melhor o visse;  
Deteve-se commigo o doce Guia  
E deu que atraz o passo eu dirigisse.
16. Aos olhos esquivar-se-me queria,  
Os seus baixando; mas foi vão o intento.  
— « Tu, que te curvas, já te hei visto um dia.
17. « Se as feições não mudou-te o passamento \*  
Venedico tu és Caccianimico. <sup>4</sup>  
Por que trato padeces tão cruento ? <sup>5</sup> » —
18. — « De mau grado o que exiges signifíco;  
Mas cedo ao claro som d'essa loquela,  
Que á memoria me traz o mundo inico.

---

\* Castigo dos que seduzem mulheres.



19. « Eu fui aquelle, que Ghisóla bella  
Do Marquez entreguei ao vil desejo:  
Ora a verdade a minha voz revela.
20. « Commigo de Bolonha muitos vejo:  
Com tantos n'esta cava choro e peno,  
Que a menos lá no mundo dá-se ensejo.
21. « De dizer *sipa* <sup>6</sup> entre o Savena e o Reno.  
Se a prova queres, lembra-te sómente  
De que em nós da avareza influe veneno. » —
22. Mas um demonio o atalhou. Furente.  
Disse tangendo :—« O' rufião, avante!  
Mulher não ha que vendas impudente! » —
23. Ao Mestre me tornei ;—pouco distante  
Era um rochedo, a que nos acercamos;  
Da riba se elevava p'ra diante.
24. Assaz ligeiramente nos alçamos;  
Fomos pela fragura á mão direita  
E o eterno recinto assim deixamos.
25. Chegados onde a curva estava feita  
Para passagem dar aos fustigados,  
O sabio Guia disse:—« A face espreita
26. « Agora d'esses outros malfadados.  
Em que ainda attentar não conseguiste.  
Porque não stavam para nós voltados. » —
27. Da antiga ponte divisamos triste,  
Longa fileira: contra nós andava.  
Cruel o açoite em flagellar persiste.
28. Virgilio, quando eu nada perguntava,  
—« Repara bem » —me diz— « na sombra altiva,  
A quem pranto de dôr faces não lava.
29. « De Rei conserva a magestade viva !  
E' Jason : <sup>7</sup> conquistou por força e manha  
O vellocino em Colchos fera e esquiva.
30. « A Lemnos foi, depois que horrenda sanha  
Feminil aos varões cortara a vida,  
Nenhum poupando aquella furia extranha.



31. « Alli, de amor no enlevo embevecida,  
Hypsiphile enganou, que já illudira  
Suas irmans, de compaixão movida.
32. « Gravida e só deixou-a : atroz mentira  
Mereceu-lhe dos tratos a amargura.  
Vingada está Medéa, a quem trahira.
33. « Quem perjurou como elle, ha pena dura.  
Do val primeiro baste o que sabemos  
E de quantos aqui soffrem tortura. »—
34. N'uma estreita vereda já nos vemos,  
Que co'a borda segunda se cruzava,  
Sustentando outra ponte, a que tendemos.
35. Turba d'alli ouvimos, que chorava  
De outra cava no encerro e que, assoprando,  
Com suas proprias mãos se arrepelava.
36. Estava-lhe as paredes incrustando  
A exhalação que sóbe e alli se prende.,  
Ferindo o olfacto e a vista horrorizando.
37. E tanto pelo abysmo a cava estende,  
Que só divisa quando está no fundo  
Quem lá do cimo, prescrutando, attende.
38. Subimo-nos : então no fosso immundo \*  
Vi gente em tal cloaca mergulhada,  
Que a sentina figura ser do mundo. <sup>8</sup>
39. Emquanto olhava alli tão conspurcada  
Cara notei, que distinguir não pude,  
Se padre ou leigo fôra a alma damnada.
40. —« Dizei porque tua vista não se mude  
De mim, a immundos tantos desattenta! »—  
Gritou-me.—E eu :—«Se a mente não me illude,
41. « Te vi sem cabelleira tão nojenta.  
Alessio Interminei <sup>9</sup> de Luca has sido :  
Em ti por isso a vista é mais attenta. »—

---

\* Aduladores.



42. Ferindo a face, disse-me o descrido :

— « Aqui lisonjas vis me submergiram ;  
Lingua indefessa em bajular hei tido. » —

43. Logo depois que vozes taes se ouviram,

Meu Guia :— « Olhos dirige um pouco avante.

E as feições me declara se attingiram

44. « De mulher desgrenhada e petulante

Que de unhas asqueirosas se lacera,

Mudando de postura a cada instante.

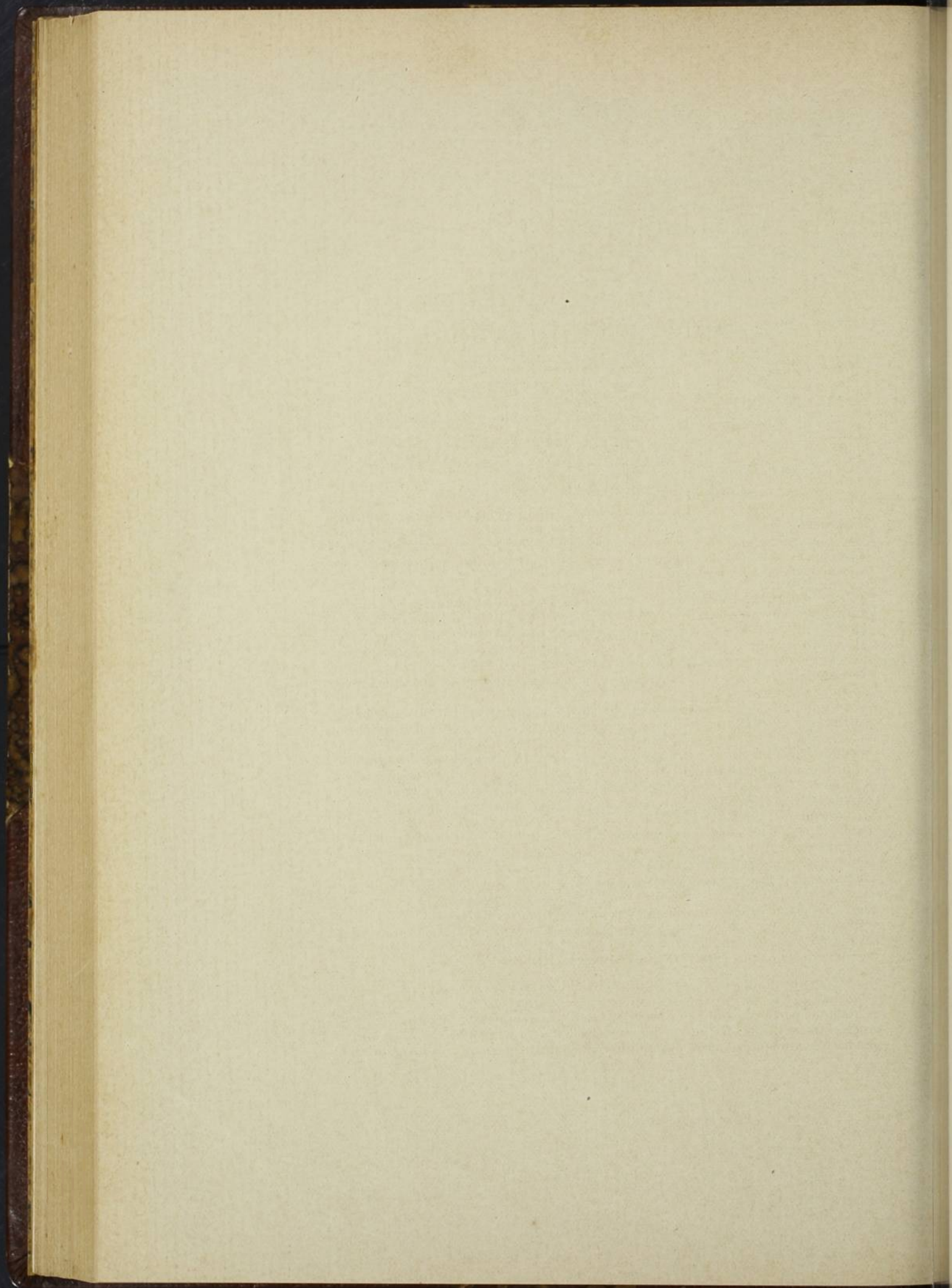
45. « E' Thais, <sup>10</sup> a meretriz, que respondera

Ao namorado seu, quando dizia

— « Te devo gratidão ? » — « Muita e sincera ! » —

Mas vamos : temos visto em demasia. » —







## NOTAS AO CANTO XVIII

Oitavo circulo repartido em dez cavas, denominadas Malebolge, onde são castigadas dez especies de fraudulentos. No presente canto apresentam-se os que enganaram mulheres em proveito proprio ou de outrem : estão na primeira cava flagellados por demonios. Seguem-se os aduladores, que padecem na segunda cava em horrivel sentina.

<sup>1</sup> Malebolge, litteralmente—bolsas más. Parece que Dante deu este nome ás divisões, em que repartiu o oitavo circulo, por assimilhar-se a sua fórma á de uma bolsa ou sacco, isto é, estreita e funda. Suppõe-se tambem que fosse proposito seu applicar aos carceres d'esses condemnados o nome d'aquillo que se póde haver por symbolo do dolo e fraude.

Biaglioli descreveu as Malebolge do modo seguinte, que dá idéa sufficiente da sua estrutura :

« Imagine-se um vastissimo e profundo poço, no centro do qual haja outro, cuja circumferencia tenha por diametro a decima parte do primeiro. Imagine-se o fundo d'este formando plano circular inclinado para a boca do segundo. Imagine-se mais dez fossos abertos na rocha viva, de que é feito todo o fundo, e circularmente collocados em toda a circumferencia do mesmo fundo. A largura e a margem menor de cada fosso vão diminuindo proporcionalmente. Da borda de cada um dos fossos ressaltam rochedos, igualmente distantes entre si, passam por cima de cada qual arqueando-se como pontes de um a outro. Esta é a imagem do lugar, onde estão os Poetas, formado de um só penhasco, em que foram cavados os fossos. O plano abaixa mais e mais para o centro com elle os fossos, pois, diminuindo o numero dos peccadores de mais abominavel culpa, estreitam-se e diminuem as pontes na mesma progressão, mas em justa proporção das partes com o todo. Os Poetas vão de ponte em ponte, do primeiro ao quinto fosso; e, como a do sexto está demolida, Virgilio transporta Dante descendo pela parede mais alta do sexto, e subindo a do setimo até onde a ponte respectiva começa. As cavas restantes e suas pontes passam elles um após outro, e assim chegam ao termo. »

<sup>2</sup> O Papa Bonifacio VIII instituiu um anno de indulgencia plenaria ou jubileu, que devia cahir no principio de cada seculo. Em 1300, os peregrinos, que de todas as partes da Italia e outras regiões concorreram para merecer aquella graça extraordinaria, foi tanta, que as estradas sem descontinuar eram api nhadas de viandantes, que se encaminhavam á cidade eterna. O historiador Vil



lan i, que foi um dos concurrentes á grande solemnidade, escreveu que, no correr de todo aquelle anno, estiveram em Roma nunca menos de duzentos mil forasteiros, e o chronista Guglielmo Ventura esmou em dois milhões o numero dos peregrinos. As palavras, com que descreveu o estado de Roma n'essa occasião, têm sido transcriptas por diversos expositores e traductores do poema sacro. Tambem para aqui é conveniente trasladal-as em original para satisfação dos leitores:

— « *Mirandum est quod passim ibant viri et mulieres, qui anno illo Romæ fuerunt, quo ego ibi fui et per dies quindecim steti. De pane, vino, carnibus, piscibus et avena, bonum mercatum ibi erat fœnum carissimum fuit; hospitium carissimum; taliter quod lectus meus et equi mei super fœno et avena constabat mihi torresium unum grossum. Exiens de Roma in Vigilia Nativitatis Christi, vidi turbam magnam, quam dinumerare nemo poterat; et fama erat inter Romanos, quod ibi fuerant plusquam viginti centum millia virorum et mulierum. Pluries ego vidi tam viros, quam mulieres conculcatos sub pedibus aliorum; et etiam egomet in eodem periculo plures vices evasi. Papa innumerabilem pecuniam ab iisdem recepit, quia die ac nocte duo clerici stabant ad altare Sancti Pauli tenentes in eorum manibus rastellos, rastellos, rastellantes pecuniam infuiliam.* »

Cesare Balbo, *Vita di Dante*:

« Avesinhando-se o ultimo anno do seculo, levantou-se na christandade uma voz—ser uso immemorial da S. Sé conceder no centesimo anno de cada seculo indulgencia plenaria. Da antiguidade d'esse uso não ha certeza; o que se sabe é que a indulgencia plenaria soia conceder-se aos que visitavam os Santos Logares da Syria, denominados *Palmeiros*, por causa das palmas que traziam, havidos por principaes entre os viajantes por devoção, chamando-se *Romeiros*, os que iam á Roma, e *Peregrinos*, os que se dirigiam a S. Thiago de Gallisa e a outros santuarios. D'ahi procedeu concorrer innumeravel multidão de Romeiros ao ceutro universal da christandade. O Papa Bonifacio VIII, ou por ter autorizado ou por ter promovido aquelle enthusiasmo, houve por bem conceder a indulgencia aos Romanos por trinta dias e aos forasteiros por quinze, que visitassem a igreja dos apostolos Pedro e Paulo. Apinharam-se as turbas de viadantes pelas estradas da Italia, nas hospedarias de Roma, superabundaram os mantimentos nos mercados da cidade, foram illimitadas as offerendas. Foi mister dividir por uma parede a ponte de S. Angelo, que conduz a S. Pedro, afim de facilitar caminho aos que fossem numa direcção e aos que voltassem em outra. A' esta providencia, refere-se Dante neste canto. Durante o anno inteiro estiveram duzentos mil forasteiros em Roma; orçaram em dois milhões os que por lá passaram. A comparação que fez o Poeta, induz a crer que esteve presente á solemnidade...

« Assim como o jubileu inspirou a composição que Villani fez da sua historia, outro livro de muito mais subido apreço teve provavelmente então a sua origem. Sabemos que a primeira idéa do seu poema surgiu a Dante ainda em vida de Beatriz; a segunda, em 1293 após a visão, que teve da morte da sua amada. Mas nos annos subsequentes, o seu casamento, os filhos, talvez outros amores, as companhias em que vivia, os negocios publicos, as embaixadas, as inimidades particulares, a lucta dos partidos, de crer é que estorvassem Dante de dar-se com frequencia e actividade ao trabalho. Talvez n'essas duas occasiões fosse empecido pela falta de um instrumento apositado ao seu eminente e livre engenho: refiro-me á lingua latina. Claro documento de mal succedida experiencia n'esta parte está nos tres versos iniciaes do seu commettimento n'essa lingua morta:

« *Ultima regna canam fluido contermina mundo  
Spiritus quæ lata patent, quæ præmia solvunt  
Pro miritis cuique suis data lege tonantis.* »

C. Balbo acrescenta em nota:—« No vol. 1º do Dante do codice Bartoliniano deparam-se numerosos trechos do poema latino. Mais são litteralissima



tradução do italiano; e incrível é que um Dante se houvesse passado para a língua italiana os primeiros cantos primitivamente compostos em latim, os trasladasse por semelhante modo. »

E continúa:—« O que é de todo o ponto incontroverso é que o poema, cujo primeiro verso diz :

*Nel mezzo del cammin di nostra vita*

isto é, no 35º anno da idade de Dante, na semana santa de 1300, não foi, nem podia ser escripto senão em época posterior, visto narrar sómente factos até então consummados e dar a modo de prophécia os que ao diante succederam-se. A escolha d'essa occasião foi determinada: ou por haver Dante, no anno do jubileu, a quem fôra presente, abraçado o firme proposito de tornar-se á virtude, á virtuosa memoria de Beatriz e á vida contemplativa, retrahindo-se da selva dos vícios e partidos, ou por ter sido esse o anno do seu priorado, origem dos seus desgostos. Inclino-me a crer n'um e n'outro motivo...

« Admittido que Dante foi ao jubileu, isto certamente occorreu nos seis mezes anteriores ao seu priorado. E como conjectura, não duvido asseverar que das duas embaixadas enviadas em 1300 pelos chefes do partido guelfo ao Papa Bonifacio, uma foi commettida a Dante. Depois, no seu priorado ainda vemos o guelfo puro, de accordo com o Legado da S. Sé, imparcial entre Brancos e Negros. Mui provavelmente, pois, por occasião de tal embaixada compareceu no jubileu em Roma, de que voltou para assumir o priorado. »

<sup>3</sup> O castello é o de S. Angelo. O monte é o Giordano.

<sup>4</sup> Cassianimico era um notavel de Bolonha, mas de indole tão depravada e vil, que por dinheiro entregou sua irman Ghilosa á concupiscencia de Obizzo II de Este, senhor de Ferrara, de quem se viu o castigo no c. XII.

<sup>5</sup> O original diz *salse*. Assim chamava-se um logar situado nas cercanias de Bolonha, formado por um estreito e profundo valle, rodeado de morros escavados, onde apenas rastejam hervas meio resequidas. Foi destinado á sepultura dos malféitores criminosos por crimes infames e excommungados, cujos cadaveres pareciam indignos de cova em terra sagrada. Talvez o nome de *salsa* lhe proviesse da qualidade do solo salitrado. O commentador Benvenuto de Imola o descreve nos termos seguintes:

« *Nota quod quidem locus concavus et cavernosus est supra Bononiam apud S. Mariam in Monte, quem Bononenses vocant Salsas. Huc solebant adduci et projici corpora desperatorum et excommunicatorum. Hinc inolevit consuetudo, per quam pueri bononienses sibi invicem contameliantes ob iram dicant: tace tuus pater ad salsas tractus est.* »

<sup>6</sup> Indica essa cidade por sua situação entre os rios Savena ao Oriente e Reno ao Occidente, e pela especialidade do seu dialecto, com que se affirmava dizendo *sipa* em vez de *si*.

<sup>7</sup> Quando Jason, embarcando-se em a nau Argos com illustres companheiros, partiu para a conquista do vellocino de ouro em Colchos, aportou á ilha de Lemnos, onde inspirou violento amor á Hypsiphile, por elle depois abandonada, a qual, violando o accordo feito com as outras mulheres da ilha de matarem todos os varões, piedosamente salvara a vida de seu pae, escondendo-o.

<sup>8</sup> Aqui mais de um melindroso torcerá o nariz e censurará o Poeta por ter usado de imagens e expressões immundas. Mas devia, em respeito a nimia delicadeza d'esses dengosos, omitir essa especie de commendados ás penas infernaes para não offender-lhes o olfato, ou collocar taes prescitos entre as fragancias de delicioso jardim, violar as leis que recommendam a fiel imitação a representação pelo natural? Os que tal pretendam devem aconselhar-se com



Aristoteles e Quintiliano, que lhes ensinarão que um dos mais eminentes predicamentos de um poeta é observar cuidadoso o que exigem lugar, tempo, pessoas e fim. As palavras, disse Aristoteles, sendo imitação dos conceitos, devem acompanhá-los na baixeza, como na elevação. *Omnia verba* — repito com Quintiliano — *suis locis optima, etiam sordida dicuntur proprie.*

<sup>9</sup> Alissio Interminei, de uma antiga e opulenta familia de Lucca, era havido por adulator cadimo.

<sup>10</sup> Thaïs, celebre hetaira de Athenas. O Poeta allude ao passo do *Eunucho* de Terencio, em que Thraso pergunta a Gnatho se Thaïs lhe dava muitas graças pelo mimo, com que regallara, e Gnatho responde — muito grandes. Figura o Poeta o dialogo entre Thraso e a propria Thaïs.

As palavras de Terencio:

THR. : *Magnas vero agere Thaïs mihi?*

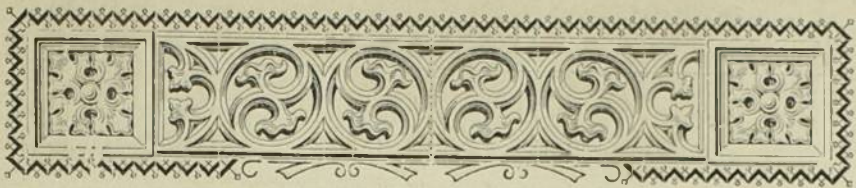
GN. : *Ingentes.*

THR. : *Ain tu lacta est?*

GN. : *Non tam ipso quidem dono quam abs te datum esse.*








## CANTO XIX

---

1.  SIMÃO MAGO, <sup>1</sup> ó miseros sequazes  
Por quem de Deus os dons só promettidos  
A' virtude, em rapina contumazes,
2. Por ouro e prata estão prostituidos !  
Por vós tange ora a tuba sonora :  
Jazeis na tertia cava subvertidos.
3. A' outra tumba chegamos temerosa,  
Da rocha nos subindo áquella parte,  
Que, a prumo ao centro, eleva-se alterosa.
4. Saber supremo ! Que ineffavel arte  
Mostras no ceu, na terra e infernal mundo !  
Oh ! teu poder quão justo se reparte !
5. Por toda a cava, aos lados e no fundo  
Furos na pedra livida se abriam,  
De igual largura e cada qual rotundo.
6. Semillar na grandeza pareciam  
Aos que em meu S. João <sup>2</sup> bello e esplendente  
Para baptismo ministrar serviam.
7. Quebrei um, não ha muito, mas sómente  
Para infante salvar, que alli morria :  
Fique a verdade a todos bem patente.



8. De cada um orificio eu sahir via  
Os pés, até das pernas a grossura,  
De um peccador : o resto se sumia. \*
9. Stavam ardendo as plantas na tortura,  
E tanto as juntas rijo se estorciam,  
Que romperiam a prisão mais dura.
10. Do calcanhar aos dedos percorriam  
As chammas, como a superficie inteira  
Em corpo de oleo ungido morderiam.
11. — « Quem padece » — disse eu — « por tal maneira,  
Que mais que os socios estorcer-se vejo  
Em mais rubida flamma e mais ligeira ? »
12. — « Se ao fundo eu te levar, por teu desejo,  
Por declive, que jaz mais inclinado,  
De ouvir-lhe o nome e os crimes dou-te ensejo. » —
13. — « Aceito o que te praz, muito a meu grado :  
Senhor do meu querer, és quem conhece  
Quanto hei mister e a mente ha reservado. — »
14. Passando á quarta borda, alli se desce  
Para a esquerda voltando, até chegar-se  
Lá onde tanto furo se offerece.
15. De mim não quiz o Mestre aligeirar-se  
Senão quando d'aquelle, que gemia  
Pelos pés, conseguio aproximar-se.
16. — « Tu, que és assim voltada » — eu lhe dizia —  
« Como estaca plantada, ó alma oppressa,  
Responder-me possivel te seria ? » —
17. Eu stava alli, qual monge, que confessa <sup>3</sup>  
Assassino, que em cova já fincado  
O chama, pois, em tanto, a pena cessa. <sup>4</sup>
18. — « Já tens » — gritou : já tens aqui chegado ?  
Já, Bonifacio, como tens descido ?  
Em annos muitos tenho a conta errado.

---

\* Simoniacos.



19. « Tão de pressa d'esse ouro te has enchido,  
Pelo qual bella esposa atraídoando, <sup>5</sup>  
A tens por tantos crimes affligido ? »
20. Eu fiquei como quem, não penetrando  
No sentido do que outro respondera,  
Enleiado e corrido fica olhando.
21. Mas Virgilio : — « De pressa lhe assevera :  
— Eu não sou, eu não sou quem tu cogitas » —  
Respondi como o Vate prescrevera.
22. Ouvindo, as plantas estorceu malditas;  
Depois a suspirar, com voz de pranto  
— « Porque » — disse — « a falar assim me excitas ? »
23. Se conhecer quem sou anhelas tanto,  
Que assim baixaste ao valle tenebroso,  
De Papa sabe que hei vestido o manto.
24. « Filho de Ursa de veras, <sup>6</sup> cubiçoso  
Em bolsa tudo puz por meus Ursinhos,  
Lá ouro, aqui o esp'rito criminoso.
25. « Sob a cabeça minha estão visinhos,  
Em Simonia os que me antecederam,  
Sobrepondo-se um no outro esses mesquinhos.
26. « Hei de ao fundo descer, como desceram,  
Logo em chegando aquelle, <sup>7</sup> que eu cuidara  
Seres tu, quando as vozes me romperam.
27. « Mas, ardendo-me os pés se me depara  
Intervallo mais longo, assim voltado,  
Do que em tormento igual se lhe prepara.
28. « Virá de móres culpas outro inçado,  
Pastor sem lei, das partes do occidente  
Que hade ser sobre nós depositado. <sup>8</sup>
29. « Jasão novo será: <sup>9</sup> condescendente  
Teve o outro o seu Rei, diz a Escriptura,  
Da França este o senñor terá potente. » <sup>10</sup>
30. « Não sei se ousado fui e se foi dura  
A resposta, que dei ao condemnado.  
— « Thesouros exigira por ventura



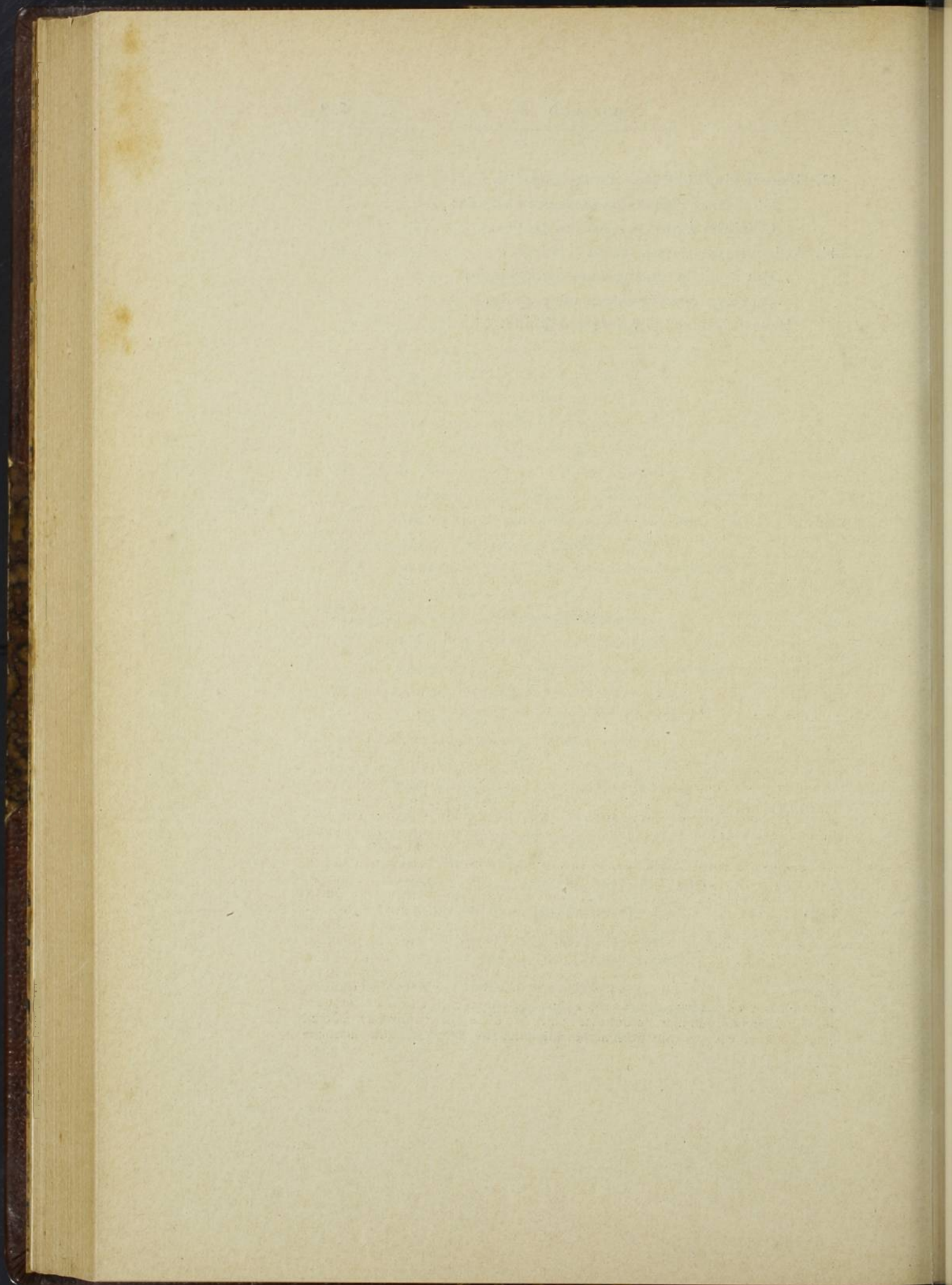
31. « Nosso Senhor de Pedro, ao seu cuidado  
E zelo quando as chaves commettia ?  
—Segue-me—apenas lhe ha recommendado.
32. « Dinheiro não tomaram de Mathia  
Pedro e os outros, por ser o preferido  
Ao logar, que o traidor perdido havia.
33. « Pena, pois: mereceste ser punido;  
E guarda a que extorquiste, vil moeda <sup>11</sup>  
Que te fez contra Carlos atrevido.
34. « Não fôra a referencia, que me veda,  
Das santas chaves, que empunhaste outr'ora.  
No tempo, em que fruiste a vida leda,
35. « Voz mais severa eu levantara agora  
Contra a avidez, que o mundo assaz contrista.  
Que os bons opprime, o vicio exalta e adora.
36. « A vós vos figurava o Evangelista, <sup>12</sup>  
Quando a que é sobre as aguas assentada  
Prostituir-se aos Reis foi d'elle vista:
37. « Nascera de cabeças sete ornada,  
E o valor nos dez cornos possuia,  
Em quanto ao esposo seu virtude agrada.
38. « De ouro a vossa cubiça um Deus fazia:  
Por um dos que os gentios adoraram <sup>13</sup>  
Abrange cento a vossa idolatria.
39. « Constantino ! <sup>14</sup> Ah ! que males derivavam,  
Não do baptismo teu, mas da riqueza  
Que déste a um Papa e a que outras se juntaram ! »
40. Sentindo d'estas notas a aspereza,  
Elle tomado de remorso ou de ira,  
Agitava os dois pés com mór braveza.
41. Virgilio, creio, com prazer me ouvira:  
Applaudir seu semblante revelava  
Verdades que eu, sincero, proferira.
42. Jubiloso nos braços me levava,  
E, depois que apertara-me ao seu peito,  
Por onde descendera, se tornava.



43. Sempre cingido d'esse abraço estreito,  
Do arco ao cimo transportou-me o Guia:  
Caminho á quinta cava era direito.
44. Alli suavemente me descia  
Em rochedo tão ingreme e empinado,  
Que ás cabras invio ser me parecia.  
De lá foi-me outro val descortinado.









## NOTAS AO CANTO XIX



Descem os Poetas á terceira cava, onde são punidos os simoniacos. Consiste a pena d'estes peccadores em permanecerem de cabeça para baixo em furos ou cavidades estreitas e circulares. apparecendo sómente as pernas do derradeiro dos condemnados, cujas plantas ardem em chammias. Em um dos furos, depara-se a Dante o Papa Nicolau III, cujos actos, assim como o de outros pontífices, censura. Passa depois ao arco correspondente á quarta cava.

<sup>1</sup> Simão Mago, natural da Samaria, na Judéa, foi discipulo do falso thaumaturgo Dositheu, e como elle alardeava a faculdade de fazer milagres. Recebeu o baptismo pelas mãos do diacono Philippe; e então, querendo igualar aos apóstolos, cujos portentos praticados em nome de Jesus Christo havia presenciado, offereceu dinheiro a S. Pedro para lhe transmittir a virtude de que era dotado: dahi proveiu denominar-se *simonia* o trafego das cousas santas.

No cap. VIII dos *Actos dos Apóstolos*, lê-se:

«E Philippe, descendo á uma cidade da Samaria, lhes pregava Christo... Havia, porém, n'ella um homem por nome Simão, o qual antes alli tinha exercitado a magica, enganando o povo samaritano, dizendo que elle era um grande homem, a quem todos davam ouvidos desde o maior até o menor, dizendo: Este é a virtude de Deus, a qual se chama grande. E elles o attendiam, porque com suas artes magicas por muito tempo os havia dementado. Porém depois que creram o que Philippe lhes annunciava do reino de Deus, iam-se baptizando homens e mulheres em nome de Jesus Christo. Então creu tambem o mesmo Simão; e depois que foi baptizado, andava unido a Philippe. Vendo tambem os prodigios e grandissimos milagres, que faziam, todo cheio de pasmo se admirava. Os apóstolos, porém, que estavam em Jerusalem, tendo ouvido que a Samaria recebera a palavra de Deus, mandaram-lhes lá a Pedro e a João, os quaes, quando chegaram, fizeram oração por elles, afim de receberem o Espirito Santo, porque elle ainda não tinha descido sobre nenhum, mas sómente tinham sido baptizados em nome do Senhor Jesus. Então punham as mãos sobre elles, e recebiam o Espirito Santo. E quando Simão viu que se dava o Espirito Santo, por meio da imposição da mão dos apóstolos, lhes offereceu dinheiro dizendo: Dai-me tambem a mim este poder que qualquer, a quem eu impozer as mãos, receba o Espirito Santo. Mas Pedro lhe disse: — O teu dinheiro pereça contigo; uma vez que tu te persuadiste que o dom de Deus se podia adquirir



com dinheiro. Tu não tens parte, nem sorte alguma, que pretender n'este ministerio: porque o teu coração não é recto diante de Deus. Faze, pois, penitencia d'esta maldade; e roga a Deus que, se é possível, te seja perdoado este pensamento do teu coração, porque eu vejo que tu estás n'um fel de amargura e preso nos laços da iniquidade. E respondendo Simão disse: Rogai vós por mim ao Senhor, para que não venha sobre nenhuma cousa das que haveis dito.

Consta que Simão, separando-se da grei christian, peregrinou por diversas regiões do Oriente, e de lá se foi á Italia, embaindo os credulos com fingidos milagres e dando-se por superior aos discipulos de Christo por ser filho de Deus. Acompanhava-o uma mulher, chamada Helena ou Selene, que apresentava como esposa de Menelau, causa da guerra de Troya, quando não a dava por Minerva. E' tradição que, indo á Roma, em desafio com S. Pedro, na presença de Nero, levantou-se aos ares por magia; mas cahiu e quebrou as pernas. E' tido por primeiro herege, classificando-se o seu eusino como especie de gnosticismo.

Os gnosticos declararam insufficiente e imperfeita a revelação feita pela Escriptura Sagrada; e arrogavam-se a posse exclusiva da verdadeira sciencia (gnosis) da divindade e de todas as cousas divinas. Explicavam o mundo pela materia, pelo Demiurgo, pelo Salvador. Ensinavam que o universo emanava do seio de um Deus Supremo, ineffavel, não revelado. Eram as suas doutrinas um amalga de crenças orientaes com a religião judaica e christian e com a philosophia platónica. Do gnosticismo procederam varias seitas.

<sup>2</sup> Na igreja de S. João Baptista de Florença existiam quatro poços, proximos aos angulos do baptisterio, para offerecer aos padres a agua necessaria ao baptismo. Dante, para salvar um menino, que cahira em um d'esses poços, quebrou a grade que fechava mal o orificio, acto de humanidade que deu azo aos seus inimigos para accusarem-o de sacrilegio, increpação de que se justifica.

<sup>3</sup> Allude ao crudelissimo supplicio usado n'aquelle tempo, estatuido pela justiça e lei municipal de Florença, e applicado, segundo affirma o *Ottimo*, aos assassinos, que matavam por dinheiro. Em profunda cova era introduzido o padecente de cabeça para baixo: sobre elle iam os verdugos deitando terra. A's mais das vezes o miseravel, para retardar o momento decisivo da sua existencia, pedia confissão. Paravam os executores e o padre, chamado á toda a pressa, inclinava-se para a cova e ouvia as declarações do condemnado. Aquelle supplicio denominava-se *propaginare*, plantar vides de mergulhia.

<sup>4</sup> Este peccador é o Papa Nicolau III, que julgava falar ao seu successor no solio pontificio, Bonifacio VIII, que segundo uma prophesia e conhecimento proprio do futuro, concedido aos prescitos (c. X) tinha de fallecer em 1303. Por isso, Nicolau admira-se de vel-o no inferno, quando suppoz que falava e ia rendel-o no seu posto antes do tempo prescripto.

<sup>5</sup> A Esposa é a Igreja, que como disse S. Paulo (*ad Ephesios*, cap. V, v. 27) « é gloriosa sem macula, nem ruga, nem outro algum defeito similhante, mas santa e immaculada. »

Allude n'este terceto aos ardis, a que se soccorrera Bonifacio VIII, então cardeal Benedetto Gaetani, para excitar Carlos II de Napoles contra Celestino V. A este respeito diz Villani, lib. VIII, cap. 6: « A' noite, clandestinamente, avistou-se com o Rei Carlos, indo pouco acompanhado. E disse-lhe: — Rei, teu Papa Celestino tem vontade e poder para te ajudar nas guerras da Sicilia, mas não sabe como, se influíres nos teus amigos os Cardeaes para me elegerem Papa, saberei como heide servir-te, e terei não só vontade, senão também poder para fazel-o. E prometeu sob sua fé e juramento auxilial-o com todo o poder da Igreja. »

O mesmo historiador diz de Bonifacio: — « Era magnanimo e senhoril, e inspirava o maior acatamento. Sabia ao certo como havia de sustentar e accrescentar os interesses da Igreja, sendo por isso muito temido e reverenciado. Usava



desmedida avareza no intuito de engradecer a Igreja e os seus amigos, não sendo escrupuloso em tudo quanto por ventura lhe dêsse lucro, dizendo que eram legaes todas as cousas que importavam á Igreja. »

Dante não perde ensejo de fulminar Bonifacio VIII com os raios de sua aversão, como exaltado Gibelino. Depois do que diz n'este canto, ainda o qualificou (c. XXVII, 85) de *Príncipe* dos novos phariseus. Muito peor o trata no *Par.* c. XXVII, 22.

O Papa Bonifacio subiu ao solio pontifical, diz Cesare Balbo, com a suspeita de corrupção, paixões partidarias e simonia. Muratori, com a habitual imparcialidade, mas com extraordinaria energia, retrata-o com os seguintes traços: « Em grandeza de alma, magnificencia, facundia e prespicacia, em zelo pelo accrescentamento dos interesses a seu cargo, no conhecimento dos canones e leis, poucos o igualaram; mas por poucos foi amado, por muitos abominado, por todos temido, porque fallecia-lhe a humildade, que concilia a bemquerença geral e que tanto se compadece com o caracter de um vigario de Christo, mestre das virtudes e em especial d'esta. Todos os *commettimenti* emprehendeu para opulentar e elevar os seus parentes, para accumular thesouros, pouco lhe importando os meios. Arrastavam-o as idéas mundanas; foi, quando era possível, rancoroso inimigo dos Gibelinos, que lhe retribuiam igualmente, até o ponto de encantarem-o nas profundas do inferno, como fez Dante no seu poema. Benvenuto de Imola tanto o louvou quanto o vituperou; e para rematar chamou-o *magnanimo peccador*. Deu-se por certo que o Papa Celestino V dissera que *elle entraria para o pontificado como raposa, reinaría como leão, morreria como podingo*. » No proposito de unir a christandade, e principalmente a Italia, para o anhelado *commettimento* da Terra Santa, houve-se com sinceridade, se bem que sem bom exito. Nos seus intuitos pacíficos foi infelicissimo; porque mal se avém todo aquelle que com muito bons desejos quer arranjar alheios interesses, segundo a propria conveniencia...

« No grande empenho de afirmar a autoridade ecclesiastica, mostrou-se imitador do grande Gregorio VII. Sendo-lhe, porém, muito inferior e differencando-se os tempos, quando as usurpações eram menos graves e a resistencia menos popular, ainda n'esta parte foi mal succedido.

Vivera sempre de accordo com Philipe o Bello; mas o facto afinal vem contradizer o asserto que Ranke attribue a Paulo IV: *nunca foram felizes os Papas, quando se não uniram com a França*. . . A grandeza dos Papas, senão a sua boa ventura, micro accidente da vida, procede unicamente da sua independencia para com allianças estrangeiras, e essa independencia estriba-se no seu accordo com a nação, em que tem o seu poder temporal. O premio das complacencias, que Bonifacio teve com a França, por influencia do partido guelfo, foi a ingratição. No reinado do ambiciosissimo Philippe, o partido guelfo degenerou em partido francez; o seu chefe era menos o Papa que o Rei de França, ou antes, o chefe dos moderados era o Papa, o dos exaltados o Rei, como os factos o demonstram, explicação e desculpa, em parte, de Dante, quando deixou o partido guelfo, então desnaturado de nacional em estrangeiro tambem.

« A desunião de Bonifacio e Philippe o Bello parou em inimizade róta. Houve-se então Bonifacio como pontífice, posto que inopportuno imitador de Gregorio VII, mas Philippe com emboscadas de salteador. . . »

« Nicolau III, do solar dos Orsinis, eleito em 1277. « Foi — disse Villani (Liv. VII cap. 54) um dos primeiros pontífices, em cuja cõrte se *commettiam* simonias despejadamente. »

Assim se exprime o *Ollimo*:

« Sendo Nicolau delli Orsini ainda Cardeal e vagando o solio por morte do Papa Giovanni Hespanhol em Viterbo, foi eleito Papa a 5 de dezembro de 1277, e governou a Igreja 2 annos, 8 mezes e 15 dias. Seu maior desejo era



enriquecer a sua parentela; todos os benefícios da Santa Igreja conferiu por dinheiro, merecendo-lhe predilecção quem se apresentava com a bolsa mais cheia. »

Judiciosamente disse C. Balbo :

« No seu breve pontificado, deu Nicolau III mostras de altos e valerosos espiritos, restaurando o poder da S. Sé na Romanha por transacções com o Imperador Rodolpho, e em Roma despiando da dignidade senatorial a Carlos de Anjou. Mas este acto prejudicou os interesses guelfos, assim como as inclinações juvenis do guelfo Dante, que resumbram na *Comedia*, com quanto publicadas por Dante gibelino. Estudando a *Comedia*, tenho para mim que, em geral, são julgadas com animo guelfo todas as pessoas que deixaram de viver antes de 1302, época do desterro e da conversão de Dante em gibelino, as que falleceram depois tiveram juiz gibelino, salvas raras excepções por gratidão. Em todo o caso houve excessiva severidade para com Nicolau III: pelo vicio de nepotismo foi lançado no inferno entre os simoniacos, peccadores n'aquelles seculos sobremaneira vituperados e aborrecidos depois da guerra immortal, em que os profligou Gregorio VII.

<sup>7</sup> Bonifacio VIII.

<sup>8</sup> O *pastor chi verra di ver ponente* é o Papa Clemente V. francez, eleito em 1305, por influencia de Philippe o Bello, de França, mediante condições pouco honrosas. Em seu pontificado, a Santa Sé foi transferida (1308) de Roma para Avinhão, onde permaneceu 70 annos, chamados pelos escriptores contemporaneos, captivo de Babylonia. Antes da eleição era Arcebispo de Bordeaux, com o nome de Bertrand de Got. Falleceu em 1314.

<sup>9</sup> Jasão era summo sacerdote dos Judeus. Comprou o cargo a Antiocho, Rei da Syria, no anno 175 antes de J. C., em detrimento de seu irmão Onias.

*Livro dos Machabeus*, liv. II, cap. 4 :

« Mas depois da morte de Seleuco, como tivesse recebido o reino Antiocho, que se chamava illustre, procurava Jasão, irmão de Onias, usurpar-lhe o summo sacerdocio. Tendo ido com este fim buscar o Rei, promettendo 360 talentos de prata e 80 talentos de outras rendas, sobre isto ainda lhe prometteu mais outros 150 talentos, se lhe dêsse faculdade de instituir uma academia e uma aula e de fazer os habitantes de Jerusalem cidadãos de Antiochia. Tendo o Rei ouvido esta petição e elle mesmo alcançado já o principado, logo começou a trabalhar, para que os seus naturaes abraçassem os ritos dos gentios. »

<sup>10</sup> Philippe o Bello, com o qual Clemente V celebrara pacto simoniaco.

<sup>11</sup> *E guarda ben la mal tolta moneta*. Refere-se ao dinheiro que o Papa Nicolau III recebeu de João de Procida para ajudar a conjuração tramada contra os francezes, que dominavam na Sicilia, onde reinava Carlos de Anjou. D'ahi procedeu a carnificina, conhecida na historia com a denominação de *Vesperas Sicilianas*, após a qual os francezes foram lançados d'aquella ilha em 1282, passando a reinar alli Pedro III de Aragão.

Segundo refere Villani (liv. VII cap. 54) Nicolau III desejou casar uma sobrinha com o sobrinho de Carlos de Anjou, Rei da Sicilia. Este lhe fez saber que, com quanto elle calçasse meias vermelhas, não era por sangue digno de alliar-se á uma casa real, accrescendo que o seu poder não era hereditario. Resentido da affronta, o Papa resolveu vingar-se e o fez concorrendo para Carlos perder o throno.

<sup>12</sup> O Evangelista é S. João. No *Apocalypse*, cap. XVII :

« Então vem um dos sete anjos, que tinham os sete calices, e falou conmigo dizendo : Vem cá e eu te mostrarei a condemnação da grande prostituta,



que está assentada sobre as grandes aguas, com quem fornicaram os Reis da terra e que tem embebedado os habitantes da terra com o vinho da sua prostituição. E me arrebatou em espirito ao deserto. E vi uma mulher assentada sobre uma Besta de côr escarlata, cheia de nomes de blasphemia, que tinha sete cabeças e dez cornos. E a mulher estava cercada de purpura e de escarlata, e adornada de ouro e de pedras preciosas e de perolas e tinha uma taça de ouro na sua mão, cheia de abominação e da immundicia da sua fornicção. E estava escripto na sua testa este nome : Mysterio; a grande Babylonia, a mãe das fornicções e das abominações da terra. E vi esta mulher embebedada do sangue dos santos e do sangue dos martyres de Jesus. »

Cabe aqui trasladar a observação apresentada pelo commentador Paulo Costa :

« Concordam todos os expositores em dizer que as sete cabeças e os dez cornos são por Dante referidas, como qualidades da mulher e que similhante creatura symboliza a Igreja ; e por conseguinte, entendem que as cabeças assim armadas não figuram os sete peccados mortaes, pois de tal interpretação seguir-se-ia lançar á conta do poeta a impiedade de attribuir peccado á infallivel Igreja de Deus. Mas será verdade que Dante, como suppoem, significasse a Igreja por essa mulher ? Será verdade, que collocasse sobre o collo d'essa mulher sete cabeças cornigeras, contra o que claramente é expresso no texto do Apocalypse ? E' crível que o douto theologo symbolizasse cousas santas com as cabeças e com os cornos da besta ? E' possível que, recordando a visão do Evangelista, assim lhe demudasse o pensamento ? Pois o Poeta, sempre tão nobre e gracioso, ainda quando figura monstros, apresentasse uma mulher, cujo parecer moveria, não admiração ou espanto, senão o riso do escarneo ? Que conceito se faria do pintor, que representasse a Igreja com os sete sacramentos e os dez mandamentos divinos na figura de uma mulher, de cujo collo surgissem sete cabeças e dez cornos ? Imagem tão monstruosa não poderia ter o eminente poeta, o sabio theologo, que era Dante.

« Se Dante pretendesse fazer da mulher e da besta uma só cousa, não se teria referido á primeira pelo pronome *colei*, e a segunda pelo pronome *quella*. Digo, por tanto, que nos v. 106 a 108, se referiu á mulher e nos v. 109 a 111 á besta. O sentido das suas palavras é o seguinte : de vós, pastores, homens da curia romana falou o Evangelista, quando descreveu a mulher, que dominava sobre as aguas, isto é, nações, e se prostituia com os Reis da terra ; aquella que nasceu com sete cabeças, besta de dez cornos (o peccado) teve argumento, isto é, freio, até que ao marido da mulher (isto é, o pontifice) agradou a virtude...

« E' possível que a construcção grammatical dos dois tercetos favoreça a opinião dos expositores, mas nos é mais facil admittir que Dante peccasse como grammatico, do que tel-o em conta de poeta indiscreto e theologo profano. Não nos resolvemos a crer que elle, estragando e confundindo as imagens delineadas por S. João, quizesse representar os sete sacramentos e os dez mandamentos pelos infernaes attributos da besta do Apocalypse...

« Dizem os expositores que a palavra *argomento* significa *signal de que a dignidade pontificia foi instituida por Jesus Christo*. Quantas cousas maravilhosamente comprehendidas em um só substantivo ? Demais d'isto, affirmam cousa inadmissivel em theologia, affirmando que os dez mandamentos foram signal de que a dignidade pontificia foi instituida por Jesus Christo, emquanto aos pontifices agradou a virtude. Sendo isto prova da legitimidade da Sé apostolica, é possível que deixe de sel-o ? As prophecias, os milagres, o testemunho dos santos e martyres, a continua successão dos Papas, a unidade da doutrina, a santidade dos sacramentos, a magestade dos ritos e a pureza da lei constituem provas e motivos para a crença nas cousas da fé. E taes provas terão sempre a valia, que ora têm, não mudarão de natureza no rodear dos seculos, por effeito da mudança dos homens. D'esta verdade se conclue evidentemente que Dante



theologo não vestiu com as suas palavras a sentença, que lhe attribuem os expositores. »

<sup>13</sup> Quer dizer o Poeta que a cada um dos idolos, que adoravam os gentios, correspondiam cem adorados pelos Papas simoniacos.

<sup>14</sup> Constantino, diz o Poeta, fez grande mal, não por converter-se á religião christã, senão por ter dado riquezas, isto é, meios de corrupção ao Papa, que era então S. Sylvestre.

A esse donativo referiu-se Ariosto, quando disse no c. XXXIV, est. 80 do *Orl. Fur.* :

*Di vari fiori ad un gran monte passa.  
Ch'ebbe già buono odore, or putia forte.  
Questo era il dono (se però dir lece)  
Che Constantino al buon Silvestro fece.*

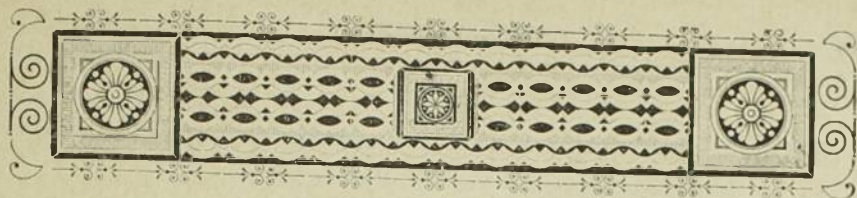
Merece a attenção dos leitores o trecho seguinte do 2.º X lib. III da *Monarchia* de Dante :

« *Constantinus alienare non poterat imperii dignitatem, nec Ecclesia recipere. Et cum pertinaciter instant, quod dico sic ostendi potest. Nemini licet ea facere per officium, sibi deputatum, quæ sunt contra illud officium, quia sic idem, in quantum idem, esset contrarium sibi ipsi, quod est impossibile. Sed contra officium deputatum imperatori est scindere imperium; cum officium ejus sit humanum genus uni velle et uni nolle tenere subjectum, ut in primo hujus facile videri potest: ergo scindere imperium imperatori non licet. Si ergo aliquæ dignitates per Constantinum essent alienatæ (ut dicunt) ab imperio, et cessissent in potestatem Ecclesiæ, scissa esset tunica inconsutilis, quam scindere ausi non sunt qui Christum verum Deum lancea perforarunt.* »

« Muito tempo, diz Fraticelli, acreditou-se em uma supposta doação feita por Constantino ao Papa, e Dante participou d'essa crença. Mas não se fundava em verdade. « O diploma d'aquelle Imperador, ponderou Monsenhor Mazzarelli, é apocrypho: Constantino não doou o Papa a soberania de Roma ou de qualquer das provincias da Italia. Acha-se isto demonstrado até á evidencia. Possivel é que Constantino concedesse aos Papas alguma jurisdicção civil e temporal, sem, porém, conferir-lhes soberania absoluta, e reservando para si e os seus successores o dominio soberano... A doação de Constantino não foi de verdadeira soberania, senão titulo honorifico com um certo privilegio e jurisdicção civil, semelhante ao que Augusto concedeu ao Senado... E se os Papas possuíam em patrimonio alguns castellos e cidades, limitava-se a posse ao dominio util e certas regalias, não comprehendendo o alto dominio e a soberania perfeita. »







## CANTO XX

1. **N**OVA pena convem dizer em versos  
E dar materia ao meu vinteno canto,  
Do cantico, onde punem-se os perversos.
2. Eu era já disposto tanto, quanto  
Fôra preciso para ver o fundo \*  
Da cava, que banhava amargo pranto.
3. De almas vi turba, pelo val rotundo,  
Que taciturna vinha e lacrimosa  
Ao passo usado em procissões no mundo.
4. Mirei mais baixo e cada desditosa  
Notei que fôra o mento retorcido  
Do collo ao começar: cousa espantosa!
5. Para o dorso era o rosto seu volvido:  
Só recuando caminhar podia;  
Que em frente olhar estava-lhe tolhido
6. Talvez por força já de parlaysia  
De alguém o corpo ao todo se torcesse;  
Não vi: crel-o difficil me seria.

---

\* Advinhos e feiticeiros.



7. Que te seja, Leitor, a Deus prouvesse  
    Proveitosa a lição! Pensa, atilado,  
    Quanto em mim, vendo, a compaixão crescesse,
8. O parecer humano tão mudado,  
    Que o pranto, que dos olhos derivava  
    Banhava o tergo a cada condemnado.
9. Do rochedo eu a um angulo chorava  
    Com tanta dôr, que o Mestre de repente  
    — « Insensato és também ? » — me interrogava.
10. « Aqui piedade é morta em toda mente: <sup>1</sup>  
    Quando Deus condemnou, quem mais malvado  
    Do que esse, que ternura por maus sente ?
11. « Alça a fronte, alça, attento ao condemnado,  
    Que ante os Thebanos se abysmou na terra  
    Gritavam-lhe : — Como andas apressado,
12. « Amphiarau ? <sup>2</sup> Como assim foges da guerra ? —  
    Elle tombava em tanto, ao val descendo,  
    Onde Minos os reprobos aferra.
13. « Pelo futuro penetrar querendo,  
    Tem o dorso adiante em vez do peito,  
    E a recuar caminha, atraz só vendo.
14. « Eis Tiresias, <sup>3</sup> o que mudara o aspeito,  
    Femineas fórmas e feições tomara,  
    Sendo-lhe o que era varonil desfeito.
15. « Ao sexo seu tornou, quando encontrara,  
    Inda uma vez, travadas serpes duas  
    E outra vez com bordão as separara.
16. « Volta-lhe Arons <sup>4</sup> ao ventre as costas nuas :  
    De Luni em monte, aos agros imminente;  
    Onde o Carrara ergueu moradas suas,
17. « Teve em gruta marmorea permanente  
    Estancia, d'onde contemplar podia :  
    As estrellas, as ondas livremente.
18. « Essa mulher » — continuou meu Guia —  
    « Que o seio occulta em traça fluctuante  
    E de vellos a pelle tem sombria,



19. « Foi manto, <sup>5</sup> que vagara incerta e errante  
Até pousar na terra, em que hei nascida.  
No que ora digo irei um pouco avante.
20. « Vendo o pae já da vida despedido  
E a cidade de Baccho em jugo triste,  
O mundo largo tempo ha percorrido
21. « Junto aos Alpes na bella Italia existe,  
Além Tyrol, já perto da Allemanha,  
Um lago, que chamar Benaco <sup>6</sup> ouviste.
22. « Veia de fontes mil, que a plaga banha  
Entre Garda, Camonica e Apennino,  
De aguas conduz ao lago cópia manha.
23. « Ilha ha no meio, em que o Pastor trentino,  
E com elles os de Brescia e de Verona,  
Possuem de benzer juro divino. <sup>7</sup>
24. « Onde é mais baixa do Benaco a zona,  
A Bergamo fazendo e a Brescia frente,  
Perchiera, forte em bastiões, se entona.
25. « E' d'alli que das aguas o excedente,  
Que ter em si não póde o lago, bróta  
Em rio e cóbre os prados largamente.
26. « Quando prosegue, outro appellido adopta,  
Chama-se Mincio, perde o nome antigo :  
No Pó junto a Governo, ha fim sua róta.
27. « No verão a saude traz perigo ;  
Em vasto plaino o alveo dilatando,  
Fórma paúl, das infecções amigo.
28. « Manto, a virgem selvage alli passando,  
Terreno vio deshabitado, inculto  
N'aquelle pantanal, que o está cercando.
29. « Esquiva a humano trato e extranho vulto,  
Fez alli de suas artes officina  
E viveu té soffrer da morte o insulto.
30. « Povo, ao diante, para alli se inclina,  
Em torno esparso, e abrigo o julga forte :  
De aguas cercado com paues confina.



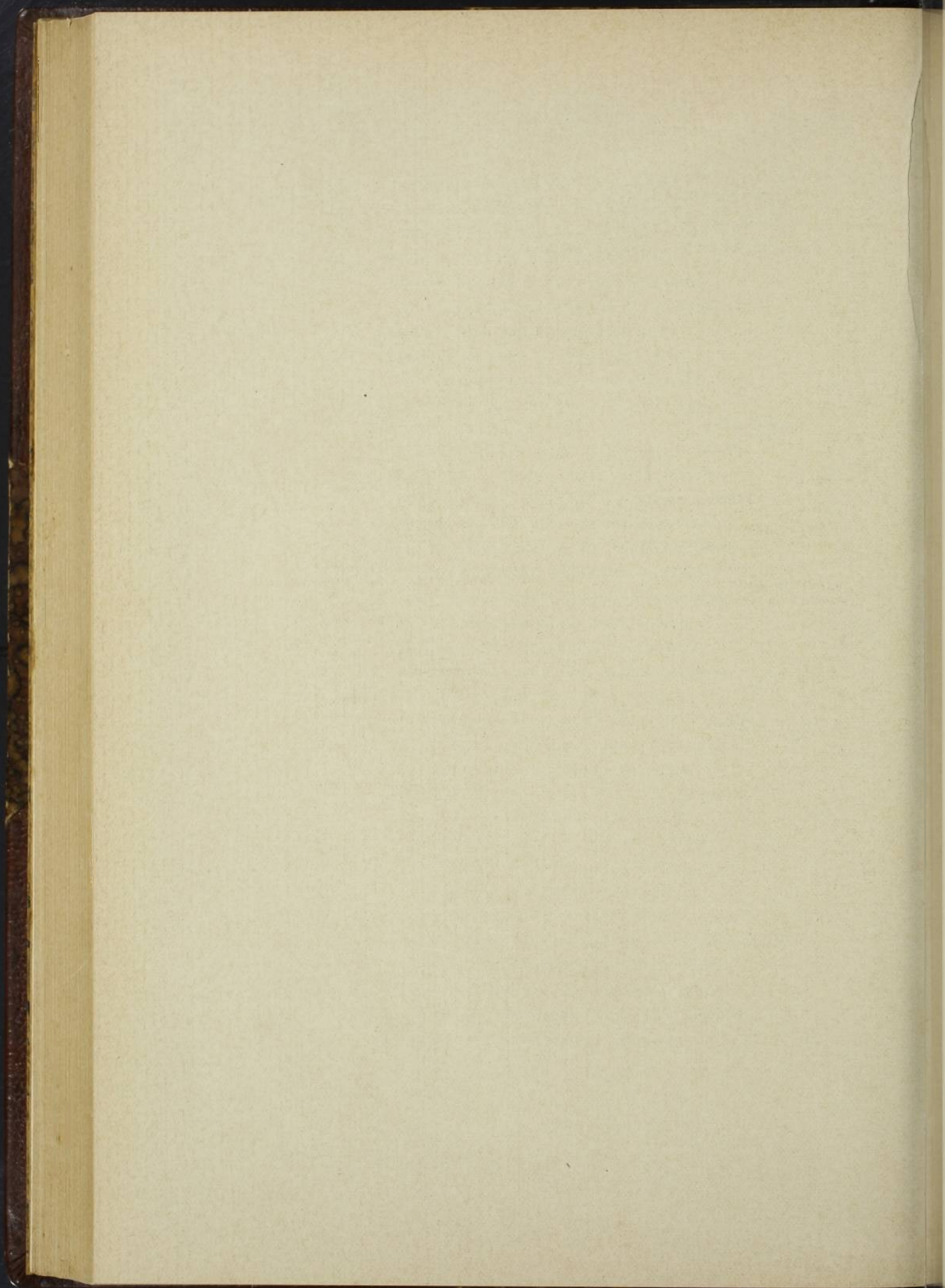
31. « Onde aqui o elegeu colhera a morte,  
A cidade erigiram, que chamaram  
Mantua, do nome seu sem tirar sorte.
32. « Os habitantes lá mais avultaram,  
Quando ainda os ardis de Pinamonte <sup>8</sup>  
De Casalodis a insania não fraudaram.
33. « Sciente fica, pois: se de outra fonte  
A patria minha originar quizerem,  
A mentira á verdade nunca affronte. » —
34. « As cousas, que tuas vozes me referem,  
Tão certas são » — disse eu — « que me parece  
Carvão extinto o que outros me disserem.
35. « Mais dize, ó Mestre : acaso não merece  
Dos que avançam nenhum reparo ou nota ?  
Na mente de o saber desejo cresce. » —
36. « Aquelle, a quem do mento ao dorso bróta  
Barba esqualida, um augur se dizia,  
Quando de homens a Grecia tal derrota
37. Teve, que infantes só no berço havia.  
Em Aulide com Calchas <sup>9</sup> indicara  
Tempo, em que a frota desferrar devia.
38. « Euripilo chamou-se: assim narrara  
N'um dos seus cantos, a tragedia <sup>10</sup> minha,  
Bem sabes, pois tua mente a arrecadara.
39. « Esse, que, tão delgado, se avisinha,  
Miguel Escotto <sup>11</sup> foi, que, certamente,  
Pericia em fraudes da magia tinha.
40. « Olha Guido Bonati, <sup>12</sup> encara Asdente <sup>13</sup>  
Que cuidar só devera da sovella:  
Arrepende-se agora inutilmente.
41. « Das tristes ora a turba se revela,  
Que, desdenhando a agulha, a horrivel arte  
De encantos infernaes acharam bella.
42. « Mas no limite, que hemispherios parte,  
E' Caim com seu fardo, <sup>14</sup> o mar tocando,  
Lá de Sevilha além do baluarte.



43. « A lua, a face plena já mostrando  
    (Te lembras ?) hontem viste na sombria  
    Selva, em que te ajudou seu fulgor brando.»—  
Assim falando, a passo igual seguia.









## NOTAS AO CANTO XX



Menciona-se n'este canto os que padecem na cava quarta: são os que no mundo se deram por advinhos ou magicos. Um d'esses condemnados é Manto, a quem se attribue a origem de Mantua. Sua peregrinação até á Italia.

<sup>1</sup> Reprehende Virgilio a Dante por mostrar compaixão, porque não é permittido apiedar d'aquelles que são punidos pela justiça divina, á qual d'essa arte se faria censura.

<sup>2</sup> Amphirau celebrado pelo seu dom de advinhar, foi um dos sete Reis, que cercaram Thebas. Quando Adrasto declarou guerra a essa cidade a instancias de Polynice, seu genro, Amphirau, que autevira quanto lhe seria fatal aquella guerra, havia se escondido; mas Eriphyle, sua mulher, peitada por Argia, mulher de Polynice, que lhe deu um collar, descobriu o logar, a que se acolhera. Constrangido a partir contra Thebas, obteve de seu filho Alarneon a promessa de vingal-o de Eriphyle, em lhe constando a sua morte. Quando pelejava diante das muralhas da cidade sitiada, abriu-se-lhe a terra debaixo dos pés. As palavras *dove rui, Anfiarao* — são attribuidas aos Thebanos que escarneciam do fim desastroso de um dos seus inimigos.

No lib. VIII da *Thebaida* de Estacio, fala Amphiarau de seguinte modo a Plutão:

*Augur Apollineis modo dilectissimus aris,  
Testor inane chaos (quid erum hic jurandus Apollo?)  
Crimine non ulco subeo nova fata, nec alma  
Sic merui de luce rapi; scilicet judicis urna  
Dictæ, verumque potest deprendere Minos:  
Conjugis insidiis, et iniquo venditus auro,  
Argolicas acies, unde hæc tibi turba recentum  
Umbrarum, et nostræ veniunt quoque funera dextræ,  
Non ignarus ini: subito me turbine mundi  
Horret adhuc animus, mediis et millibus hausit  
Nox tua, quæ mihi mens, dum per cava viscera terræ  
Vado diu pendens, et in aëre volvor operto?  
Heu mihi! nil ex miis sociis, patriæque relictum,  
Vel captum Thebis; non jam Lerna videbo  
Tecta: nec attonito saltem cinis ibo parenti.*



*Non tumulo, non igne miser, lacrimisque meorum  
 Productos, toto pariter tibi fanere veni,  
 Nil istis ausurus equis; nec deprecor umbram  
 Accipere, et tripodum jam non miminisse meorum.  
 Nam tibi præsagi quisnam super augur is usus,  
 Quam Parca tua jussa trahan!? sed pectora flectas,  
 Et melior, sis, quæso, Deis; si quando nefanda  
 Huc aderit conjux, illi, funesta reserva  
 Supplicia; illa tua, rector bone, dignior ira.*

<sup>3</sup> Outro advinho grego foi Tiresias, o qual passou por transformações narradas por Ovidio, *Met.* lib. III, tradução de A. F. Castilho:

Contam que Jove um dia, ebrio de nectar,  
 Desapressado dos reaes cuidados,  
 Co'a sua Juno ociosa gracejava,  
 E assim dissera: — A' fé, que a mór delicia  
 Em transportes de amor, a haveis vós outras,  
 Que não nós! Nega a Deus; ambos ateimam;  
 Querem ambos por arbitro a Tiresias,  
 N'um e n'outro prazer exp'rimentado.  
 Fôra o caso: que um dia em verde moita  
 Duas serpes topando, entrelaçadas  
 Em mutuo gozo os corpos desconformes,  
 Rijo bôrdão lhas assentara: e logo  
 (Que espanto!) de varão tornado em femea  
 Por espaço ficon de outomnos sete.  
 Volve a vel-as no oitavo: e diz: Se é tanto  
 O effeito de ferir-vos, que transmuda  
 O sexo a quem fere, a acção renovo.  
 Eis as fere, eis rêveste o ser antigo  
 Juiz Tiresias na questão jocosa,  
 Sentenceou por Jove. Além do justo  
 É mais do que a materia requeria,  
 Se diz tomara Juno o caso a peito,  
 Dando em pena ao Juiz cegueira eterna.  
 Mas o supremo Padre (obras de um nume,  
 Nenhum outro as desmancha) em vez dos olhos,  
 Deu-lhe a sciencia, que o porvir descerra,  
 Indulto honroso, que o seu mal console.

Arons ou Arruns, advinho da Etruria, referido por Lucano *Phars.* lib. I:

*Hæc propter placuit Tuscus, de more vetusto  
 Acciri vates. Quorum que maximus ævo  
 Arruns incoluit desertæ manio Luca  
 Fulminis edoctus monitus, venasque calentes  
 Fibrarum, et motus volitantes, in aëre pennæ,  
 Monstra jubet primum, que nullo semine discors  
 Protulerat natura, rapit, sterilique nefandos  
 Ex utero fœtus infaustis urere flammis.  
 Mox jubet et totam pavides a civibus urbem  
 Ambiri; et festo purgantes mamma lustrò  
 Longa per extremos pomæria arigere fines  
 Pontifice, sacri quibus est permissa potestas.  
 Turba minor sequitur ritu succincta Gabino,  
 Vestalemque chorum ducit vitata sacerdos  
 Trojanam soli cui fas vidisse Minervam.  
 Tum qui fata Deum, secretaque carmina servant*



*Et totam parvo revocant Almone Cybelem ;  
 Et doctus volucres Augur servare sinistras ;  
 Septem virque epulis festeis, Titiique sodales,  
 Et Salius læto portans ancilia collo ;  
 Et tollens apicem generoso vertice Flamen.  
 Dumque illi effusam longis anfractibus urbem  
 Circumeunt, Arruns dispersos fulminis ignes  
 Colligit, et terræ mæsto cum murmure condit ;  
 Datque locis numen sacris ; tum admovent aris  
 Eleota cervicem marem. Jam fundere Bacchum  
 Cæperat, obliquoque molas inducere cultro ;  
 Impatiensque diu non grati victima sacri  
 Cornua succincti premerunt quum torva ministri  
 Disposito victim præbat poplite collum.  
 Nec cruor emicuit solitus ; sed vulnere largo  
 Diffusum rutilo migrum pro sanguine virus  
 Palluit attonitus sacris feralibus Arruns,  
 Atque iram Superum raptis quæsit in extis  
 Terruit ipse color vatem . . .  
 His ubi concepit magnorum fata malorum  
 Exclamat . . .*

<sup>5</sup> Manto, filha de Tiresias, retirou-se de Thebas, sua patria, depois da morte de seu pae, para evitar as crueldades de Creonte. Peregrinou varias regiões até chegar á Italia, onde teve do rio Tiberino um filho, Ocnos, que fundou Mantua do nome de sua mãe.

Virgilio, *En. c. X, v. 198 e seg.* :

*Ille etiam patris agmen cielet Ocnus ab oris  
 Fatidicæ Mantus et Tusci filius amnis,  
 Qui muros matrisque dedit tibi, Mantua nomen,  
 Mantua dives avis. Sed non genus omnibus unum  
 Gens illi triplex, populi sub genti quaterni ;  
 Ipsa caput populis, Tusco de sanguine vires,*

Trad. de J. F. Barretto :

Ocnos assim mesmo, filho celebrado  
 Da fatidica Manto e um tusco rio,  
 C'um esquadrão de gente não pequeno  
 Que conduziu do patrio terreno :  
 O que, ó Mantua, co'os muros juntamente  
 O nome de tua mãe dado te havia.  
 Mantua digo, cidade mui potente  
 Pela dos seus avós genealogia,  
 Porém todos de estirpe differente,  
 Porque teve trez tribus, que fazia  
 Em quatro curias, de quem é cabeça.  
 Bem que o sangue toscano a fortaleza.

<sup>6</sup> Benaco é o lago, que ora se chama Lago di Garda.

<sup>7</sup> Tinham jurisdição conjunta os Bispos de Trento, Brescia e Verona, na lhetta de S. Jorge, onde demorava uma capella, commum limite das trez dioceses.

<sup>8</sup> Pelos perfidos conselhos de Pinamonte dei Bounacossi, Alberto Casalodi, senhor de Mantua, desterrou d'aquella cidade alguns fidalgos, que eram



obstaculo aos intentos d'esse homem ambicioso. Aproveitando o primeiro ensejo, Pinamonte excitou o povo á revolta, e lançando o conde Alberto e muitos dos principaes cidadãos, empolgou o poder com o qual commetteu actos de tyranno.

<sup>9</sup> De Calchas e de Eurypylo, diz Virgilio, *En. c. II*:

*Suspensi Eurypylum scitatum oracula Phœbi  
Mittimus, isque adytis hæc tristia dicta reportat  
Sanguine placastis ventos et virgine cæsa  
Quam primum Iliacas Danaï venistis ad oras:  
Sanguine quærenda reditus, animaque litandum  
Argolica.*

Homero, *Il. c. I*, trad. de M. Odorico Mendes:

De augures mestre  
No passado e presente e porvir sabio  
Surgiu Calchas Thestorides, que a Troya  
Por influxo de Apollo as naus guiara.

<sup>10</sup> Dante denominava tragedia a *Eneida* pelo estylo elevado e epico, em contraste com o seu poema, a que deu o titulo de comedia.

<sup>11</sup> Miguel Scotto, o Magico, viveu na cõrte do Imperador Frederico II, que o fez seu Astrologo. Compoz um livro de astrologia, que dedicou áquelle soberano. Deu-se como prova da sua pericia o ter prophetizado a sua morte em época determinada, mas não poudo evital-a. D'elle disse Boccacio (*Decam. Giorn. VIII Nov. 9<sup>a</sup>*): «abalizado mestre de nigromancia, chamado Miguel Scotto, por ser da Escocia, havido na mais subida estima pelos fidalgos da maior supposição.»

<sup>12</sup> Guido Bonati, astrologo de Forti, em quem Guido de Montefeltro fazia a maior fiança, que merecera por seus relevantes serviços.

Diz o *Ottimo* que «por seu intermedio, o conde Guido salvou-se de grandes perigos e muitos damnos causou aos seus inimigos, devendo o Conde ás suas artes a victoria, em que muitos estragos fez nos francezes.»

<sup>13</sup> Asdente, sapateiro de Parma, fez-se astrologo. D'elle disse Dante no *Convito*, trat. IV cap. 16: «Não raciocinam bem os que entendem por *nobre* ser notorio e conhecido de muitos, por proceder essa palavra do verbo *nosco*, o que é falsissimo. Se assim fôra tudo aquillo que é mais notorio e conhecido no seu genero seria tambem nobre no seu genero. Assim a agulha de S. Pedro, seria a pedra mais nobre do mundo; Asdente, o sapateiro de Parma, seria mais nobre que qualquer dos seus patricios; Albuino della Scala seria mais nobre que Guido de Castello, de Reggio, — cousas todas falsissimas.»

<sup>14</sup> Caim e seu fardo (*Caim el e Spine*). Allusão á uma crença popular da Italia e outros paizes, que vê na lua representado um homem carregando um leixe de espelhos e diz ser Caim, assim castigado por Deus.

A hora indicada neste terceto é a que se seguiu ao nascer do sol, na mauhan de sabbado.







## CANTO XXI



1. **A**SSIM, de ponte em ponte, discursando  
Do que n'esta comedia se não cura,  
De outro arco acima nos subimos, quando
2. Detemo-nos por ver a cava escura,  
Por ouvir de outros prantos vão sonido;  
Com pasmo olhei-lhe a horrida negrura.
3. No arsenal de Venesa, <sup>1</sup> derretido  
Como referve o pez na estação fria  
Para reparo ao lenho combalido,
4. Incapaz de vogar: qual com mestria  
Baixel novo construe; qual alcatrôa  
O que teve em viagens avaria.
5. Qual pregos bate á pôpa qual á prôa;  
Qual remos faz, qual linho torce ou parte;  
Qual mezena e artemão aperfeiçôa:
6. Assim, por fogo não, por divina arte  
Betume espesso, ao fundo, refervia,  
As bordas enviscando em toda a parte.
7. Mas no pez só na tona eu distinguia  
Borbulhão, que a fervura levantava,  
Que ora inchava, ora rapido abatia.



8. No fundo em quanto os olhos eu fitava,  
Exclamando Virglio: — Eia! Cuidado! —  
Para si donde eu era me tirava.
9. Voltei-me então como homem, que apressado  
E' por saber o que fugir convenha,  
De subito pavor sendo atalhado,
10. Olha sem que por isso se detenha,  
E logo atraz de nós eu vi correndo  
Negro demonio sobre aquella penha.
11. Ah! que aspecto feroz! Ah! quanto horrendo  
Nos meneios parece e temeroso,  
Veloze nos pés e as azas estendendo!
12. No dorso agudo e enorme um criminoso.  
Escarranchado, em pezo, carregava:  
Dos pés prendia o nervo ao desditoso.
- 13.— « Malebranche! <sup>2</sup> » já perto elle bradava—  
— « Eis um dos anciões de S. Zitta! <sup>3</sup>  
Mergulhai-o, pois torna á gente prava,
14. « Que n'essa terra em grande somma habita.  
Venaes todos lá são menos Bonturo. <sup>4</sup>  
*Ono*, por ouro, lá se muda em *ita*. <sup>5</sup> »
15. Ao pez o arroja, e pelo escolho duro  
Se torna: após ladrão tanto apressado  
Não vai mastim, que estava antes seguro:
16. O maldicto afundou; surdiu curvado.  
Sob a ponte os demonios lhe gritaram:  
— « Não acharás aqui Vulto Sagrado, <sup>6</sup>
17. « Nem banhos, quacs no Serchio se deparam.  
Se não queres no pez star immergido  
A te espetar as físgas se preparam. » —
18. Com croques cem mordendo esse descrido  
— « Bailar » — disseram — « deves bem coberto;  
Se poderes furtar, furta escondido. » —
19. Tal ordena em cosinha o mestre experto  
Aos ajudantes seus que na caldeira  
Mergulhem naco á tona descoberto.



20. — « Porque » — falou-me o Guia — « algum não queira  
Molestar-te, em te vendo, busca abrigo :  
N'um recanto o acharás d'esta pedreira.
21. « Não temas que me offenda o bando inimigo ;  
Muito bem sei como o furor lhe affronte ;  
Já venci de outra vez igual perigo. » —
22. Até o extremo então passou da ponte :  
Mas, quando a sexta borda já subia,  
Mister lhe foi mostrar serena fronte.
23. Qual fremente matilha, que se envia  
Ao pobre, quando pára esbaforido  
E pede allivio á fome que o crucia :
24. De baixo arremetteu-lhe o bando infido,  
Acceso em ira, os croques seus brandindo.  
Mas gritou-lhes : — « Nenhum seja atrevido !
25. « Os croques suspendei : até mim vindo  
Me preste algum de vós attenção toda.  
Fere, se ousais, porém antes me ouvindo. »
26. Clamaram todos : — « Ouça—o Malacoda ! »  
Em quanto os mais ficaram no seu posto,  
— « Que queres ? » — disse alguém que sai da roda.
27. E o Mestre : « — E's, Malacoda, a crer disposto  
Que as ameaças vossas superasse  
Para aqui vir, se por celeste gosto
28. E supremo querer não caminhasse ?  
Deixa-me ir ; pois a lei divina ordena.  
Que eu n'esta agra jornada outrem guiasse. »
29. De Malacoda o orgulho já serena :  
Aos pés lhe cai o croque; aos mais voltado  
Lhes disse : — « Este não póde soffrer pena. »
30. E o Mestre me falou : — « Tu, que abrigado  
Estás entre os penedos cauteloso.  
Volve a mim, do temor descaptivado. »
31. Corri para Virgilio pressuroso.  
Eis os demonios todos investiram :  
Rôto o concerto, pois, cria ancioso.

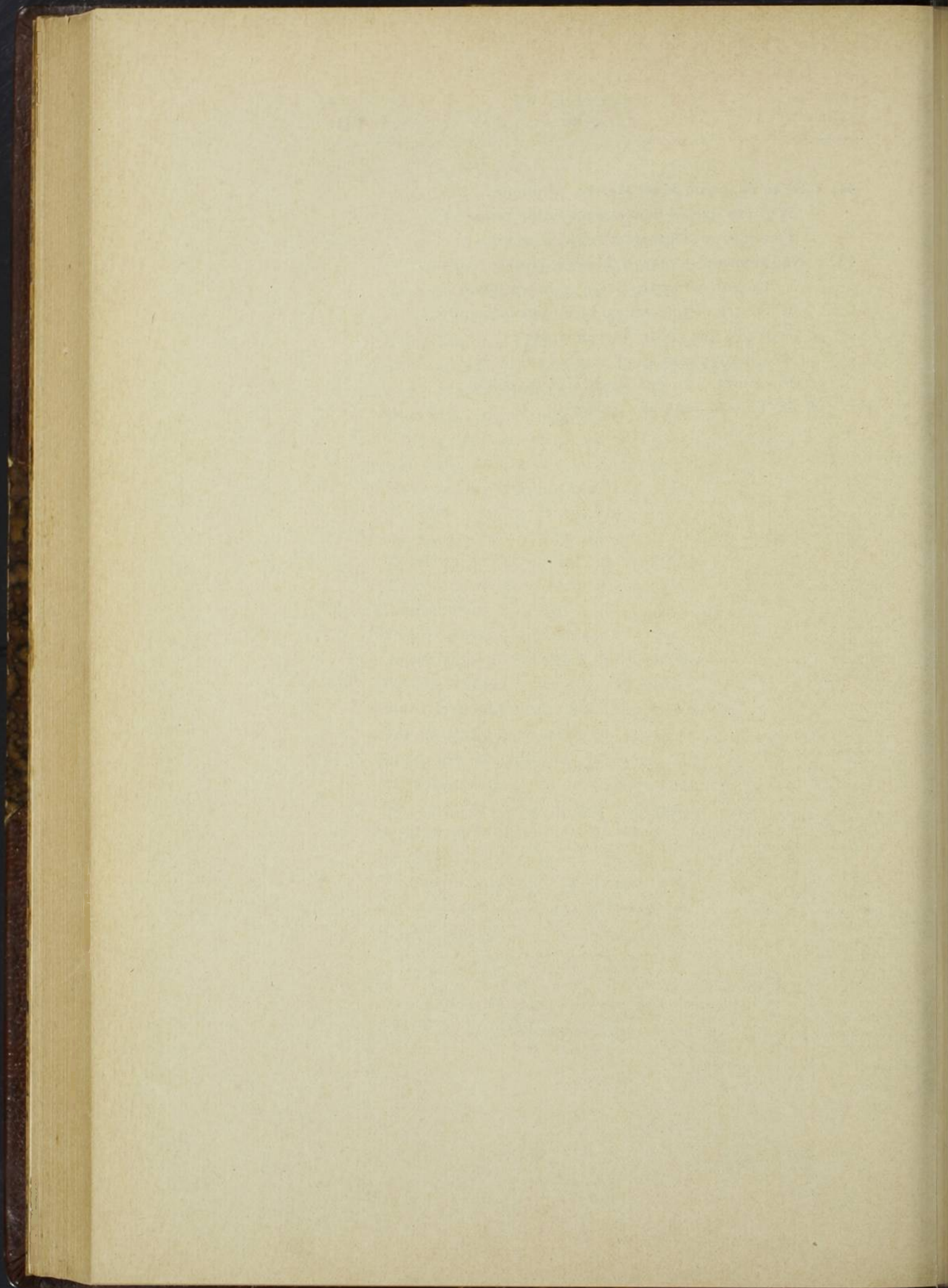


32. De Caprona <sup>7</sup> os soldados, que sahiram  
A partido assim vi que estremeciam,  
Quando envoltos de imigos se sentiram.
33. Nos sevos gestos seus se me prendiam  
Os olhos, e a Virgilio vinculado  
Os braços o meu corpo todo haviam.
34. Os croques inclinados : — « No costado  
Fisguemol-o » — entre si dois proromperam.  
E os outros : — « Oh! pois não! seja espetado! »
35. Ao que o Mestre falava desproveram  
Palavras taes, e então bradou de pressa :  
« Sê quedo, Scarmiglione ! » — Emmudeceram.
36. Depois assim nos disse : — « Andar por essa  
Rocha não podereis ; jaz destruido  
Todo arco sexto sem restar-lhe peça.
37. Se avante quereis ir, seja seguido  
Desta borda o caminho: não distante  
Está rochedo ao passo apercebido.
38. « Hontem, cinco horas mais do que este instante  
Mil e duzentos com sessenta e seis  
Annos houve : é então a rocha hiante. <sup>8</sup>
39. « Dos socios meus na companhia ireis;  
Vão ver se alguem ao banho quer furtar-se.  
Ide em paz ; molestados não sereis.
40. « Calcabrina, Alichino vão juntar-se  
Com Gagnazzo, a decuria commandando  
Barboriccia ! E não podem separar-se
41. « Droghinaz, Libicocco, d'este bando!  
Graffiacane, o dentudo Ciriatto,  
Farfarel, Rubicante vão marchando! <sup>9</sup>
42. « Na ronda cada qual se mostre exacto!  
Sejam a salva os dois encaminhados  
Da ponte ao arco até agora intacto! »
43. « Que vejo, ó Mestre! » — eu disse — « Acompanhados! »  
Se sabes ir, só vamos promptamente ;  
De guias tacs dispensam-se os cuidados.



44. « Se tu és, como sóes, Mestre, prudente,  
Não vês que os dentes seus então rangendo,  
Que nos encaram com furor crescente ? »
45. « Não temas » — disse o Mestre, respondendo —  
« Ranger os dentes deixa-os a seu gosto :  
E' contra os que ardem lá no pez horrendo. »
46. A' sestra os dez então fizeram rosto ;  
Nos dentes cada qual mostra primeiro,  
Por mofa, a lingua ao cabo já disposto;  
E elle trompa fazia do trazeiro.
-







## NOTAS AO CANTO XXI

Descripção da quinta cava destinada ao castigo dos *barateiros* (officiaes publicos peitados no exercicio dos seus cargos) que estão mergulhados em lago de pez fervente. Guardam-os demonios, dos quaes Virgilio, de primeiro, alasta Dante; mas, depois de praticar com elles, obtem permissão para passarem avante. Seguem afinal o seu caminho, mas acompanhados.

<sup>1</sup> N'esta admiravel comparação apresenta-se ao leitor a espantosa imagem d'aquelle pez ardente, em que estão mergulhados os barateiros. Dante additou-lhe particularidades descriptas por côres tão acertadamente distribuidas, que representam a variedade dos trabalhos, em que se empregam e afanam os operarios. Nos cinco versos finaes d'esse quadro magistral, manifesta-se tanta energia de acção, movimento tão açodado, ardor tão soffrego, que involuntariamente o leitor lembra-se do *fervet opus* de Virgilio, na certeza de que lhe não cede em perfeição a descripção dantesca.

Hillard, escriptor inglez, citado por Longfellow (trad. da *Divina Comedia*) diz acerca do arsenal de Veneza:

« Quem tiver lido Dante e fôr á Veneza, não se esquecerá de visitar o arsenal, de que o grande Poeta, para aggravar os terrores do seu inferno, deu umas d'essas vivas e pittorescas descripções, características da pujança e arrojo do seu genio ao qual nunca fez escrupulo usar de materiaes collidos nos incidentes da vida domestica e familia. Nas suas mãos a fervura do pez e o calafetamento dos navios exalçaram-se á dignidade poetica.

« O arsenal é, em Veneza, um dos logares que mais impressionam. O paço dos Doges e a igreja de S. Marcos symbolizam o orgulho e a opulencia; no arsenal cifrava-se a força de Veneza. Alli está a summa da sua historia em um periodo de 600 annos: alli estão graduadas as phases da sua grandeza, do mais subido pinaculo ao extremo da decadencia. Edificado sobre muitas ilhetas, estão unidas por muralhas de duas milhas de circumferencia, mostra no proprio abatimento, em que ora o vemos, quando foi o poder naval de Veneza, assim como pelo arnez de um gigante se medem as suas forças e estatura. A' entrada se veem quatro leões de marmore, trazidos do Peloponeso em 1685 por Morosini. Duas são, por sem duvida, as cousas mais antigas, que existe em Veneza; pois são contemporaneos da batalha de Marathona. Assim da altura dos seus 23 seculos podem olhar para a igreja de S. Marcos, como para uma criança recém-nascida. Os outros são animaes heraldicos, a que só por complacencia pôde-se dar o nome de leões. Na sua collecção de armas se deparam objectos



dignos de especial attenção, como por exemplo, o grande estandarte do almirante turco, de seda carmezim, aprezado na batalha de Lepanto, em que talvez tocou a mão mutilada de Cervantes. Também estão alli arrecadados fragmentos das galés, que concorreram para essa famosa victoria. »

Na *Edimburg Review* estampou-se em 1877 um escripto, em que se passaram em rezenha as luctas, em que Veneza arcou com a natureza e com os homens. Em algumas paginas rememora o que foi o seu arsenal. Cabe aqui a sua transcripção em extracto :

« A marinha de Veneza identificava-se com o seu arsenal, cuja nome *darnaza* é de origem veneziana. Sua importancia não provinha sómente de ser o recinto destinado á arrecadação do material bellico, senão de representar a cidadella, a séde da guarnição, a praça dos exercicios militares, o estaleiro da marinha de guerra, estabelecimento comparavel á Torre de Londres, a Chatam, a Woolwich, a Portsmouth, a Plimouth. Trabalhavam alli operarios de ordem muito superior ao que se poderia suppôr pela concentração de tão variados serviços. Constituiam os *arsenalotti* uma corporação não sómente de homens adestrados em todos os misteres da construcção naval, senão de empregados bem escolhidos, que juravam ser fieis á republica e procediam com lealdade inalteravel. D'esses defensores do Estado e guardas da ordem publica era formada a escola do Doge, a qual era presente a todas as solemnidades e apercebida para todas as eventualidades.

« O arsenal que na sua circumferencia abrangia algumas milhas, constituia-lhes (e d'isto se ufauam) morada e lar domestico; porque todos se reuniam no espaço formado pelas suas muralhas, porque alli se acolhiam as suas familias em tempo de peste, eram educados os seus filhos e na velhice deparavam asylos. Ser *figlio di l'Arzenale* bastava para recommendar á moralidade, á pureza do procedimento, á constante applicação ao trabalho. D'ahi provinha incalculavel importancia aos serviços a cargo do Estado e poderoso estimulo para todos. Recebiam elevados salarios, gozavam de grandes privilegios, que lhes inspiravam espiritos de independencia. Quando incendiou-se o paço ducal em 1574 e em 1577, seu zelo e esforço atalharam essa calamidade publica. O Senado votou avultada quantia para galardoal-os, mas nobremente recusaram-a.

« O Grande Conselho em 1574 offereceu a Henrique de Valois o espectaculo de um navio de grande capacidade, que, tendo ao meio dia prompta apenas a quilha e o seu cavername, duas horas depois cahia ao mar acabado externa e internamente. Foi verdadeira maravilha, devida a subida pericia, á ordem perfeita, á disciplina, com que se havia no trabalho uma corporação numerosa de artistas, e á coordenação de milhares de peças, minuciosa e exactamente numeradas. Não menos foi para admirar a accumulção de meios, pelos quaes em cem dias se fizeram prestes as cem galés que pelejaram em Lepanto.

« Ainda mais sobresahiam as qualidades excellentes da administração nas disposições relativas de cada repartição dos serviços publicos e na inspecção que tanto realce dava á sua exemplar organização. Alli existiam a secção da Cordoaria, chamada Tana, a Inspeção ou administração das florestas, as grandes padarias para pão e biscoito; etc., serviços, cada um dos quaes era dirigido com esmero proporcional á utilidade esperada, isto é, o engrandecimento da armada veneziana.

« As florestas, em especial, eram para a força naval o que os ossos e os musculos são para o corpo humano, e constituiam objecto de solicitude sobremaneira vigilante. Levantavam-se planos das grandes matas da Istria, tão restrictamente exactos, como se procederia com respeito ás fortalezas e cidadellas para a defesa do Estado. Os *provveditori alle legna e boschi* juravam solemnemente que não possuiriam terrenos, nem qualquer outra propriedade visinha ás florestas, n'uma zona de cinco leguas. Nas provincias, cidades e aldeias encommendava-se rigorosamente aos agentes publicos a conservação



das matas, a tal ponto que se punia com severidade, sem appellação nem aggravado, a derrubada de uma arvore, sequer. Era tal o cuidado, com que se provia sobre o abastecimento de madeiras para a construcção naval, que as florestas particulares foram sujeitas á estreita fiscalizaçáo, em modo que o proprietario de dez *campos* tinha a obrigação de destinar um ao platío do carvalho. No seculo XV publicaram-se regulamentos escriptos nos dialectos veneziano e illyrio, para dirigir a cultura e conservaçáo d'essa arvore preciosa, designada nos documentos officiaes com a denominaçáo de *sacro rovere*.

« No tocante ao pão e biscoito, em que os 34 fornos existentes na Ilha de Santa Helena e nas cercanias dos jardins publicos abasteciam a armada, havia motivo para admiração. Era tal a perfeição com que se trabalhava, que um escriptor fidedigno (G. Cazoni) que em 1821 teve occasião de provar biscoito deixado pelos venezianos em um celeiro, que se couservara, da ilha de Candia, quando fôra rendida pelos Turcos em 1669, assevera que se achava no melhor estado e sem sabor que parecesse desagradavel. »

O notavel escriptor francez o Sr. Charles Yriarte, no seu excellente livro—*Venise*—publicado em 1878, descreveu o arsenal d'essa famosa cidade. Parte das suas observações é aqui trasladada :

« O Arsenal de Veneza, tão poderoso e formidavel pela sua grandeza, visto o tempo de sua fundação, foi natural corollario do espirito commercial, assim como foi valioso cooperador da ambição dos venezianos. Saint Didier autor do livro—*A cidade e a republica*—, testemunha ocular de quanto refere, diz que em presença do arsenal se cai no entendimento do que era o poder de Veneza, assumpto da admiração de todos os estrangeiros, e accrescenta :—E' o alicerce, em que se estribam todas as forças do Estado.

« Os turcos, inimigos tremendos e persistentes da republica, que muitas vezes a levaram a risco imminente de ruina, não desviavam a sua mais profunda attenção d'esse estabelecimento, então unico no mundo. Quando os gran-vizires recebiam em audiencia os embaixadores de Veneza, interrogavam-os curiosos sobre a sua organização, poder e recursos. Os estrangeiros, que visitavam a cidade, corriam ao arsenal para contemplar a sua ordem maravilhosa, a desmarcada grandeza das suas proporções. Era representação material da força moral de Veneza, o symbolo do seu poder, a origem da sua riqueza. Via-se alli em permanente actividade o prodigioso emprego dos meios militares, os inexhauriveis recursos de uma nação que firmára as forças da sua vitalidade na construcção e conservaçáo de uma armada desproporcionada ao seu territorio dominando, porém, as aguas, até ao littoral do archipelago...

« Em vão os seus competidores porfiaram mais de um seculo por alcançar meios de acção, que os habilitassem a possuir navios capazes de se opporem aos venezianos ; mas afinal os Genovezes, que eram grandes navegantes e temiveis inimigos, e os Hespanhóes e os Turcos poderam armar frotas, que entrassem em lucta. No entanto, a superioridade dos venezianos continuava, consistindo na artilharia ; pois é certo que em todas as pelejas navaes, em que venceram, deveram-o ao acerto da pontaria dos seus bombardeiros.

« Arruinar o arsenal foi muitas vezes tentado pelos inimigos de Veneza ; e por isso a vigilancia era incessante da parte de uma numerosa guarda, composta de homens escolhidos, que velavam nas torres quadradas, no recinto fortificado. Ao tempo das guerras com os Genovezes e Turcos, espias e emissarios pagos pelos inimigos tentaram incendiar o arsenal.

« No fim do seculo XV alli trabalhavam 1.600 officiaes calafates, carpinteiros, pintores ; compunham-se as tripolações de 36.000 marinheiros. Em 1491 instituiu o Senado uma magistratura especial com a denominação de Provedores do Arsenal.

« Havia uma só entrada para o arsenal; quem não penetrasse alli pelo portão que se abria para a praça em frente, sómente o conseguiria subindo pelas altas muralhas. Os operarios eram admittidos depois de escrupulosa escolha, e por isso a republica tanta fiança fazia na sua fidelidade, que lhes commetia



a guarda do Grande Conselho e Senado. Serviam como artistas e soldados tendo organização militar. Em muitas occasiões esmou-se o numero d'essas praças em 10,000 e subiu a 16,000. O governo de Veneza tinha aquelle corpo em fóro do mais estavel elemento da sua segurança.

« Abrangia o arsenal tres divisões: construcção, armamento, artilharia. Em construcção, era unica a pericia dos venezianos entre todos os povos, primados que se explicava pela excellencia dos operarios e pela qualidade superior das madeiras.

« Os fundidores do seculo XVI eram dirigidos pelos celebrados irmãos Alberghetti, que formaram escola. Verdadeiros artistas, sabiam dar a todas as suas obras o distinctivo da preeminencia. D'esta arte extremada em seus productos, resultou que todas as peças de fabrica veneziana, que hoje em dia se acham nos museus e collecções de artilharia na Europa, assignalam — como obras-primas, não tanto pela fundição, aliás muito para notar, quanto pela fórma. . .

« As peças de que se compõe uma galé estavam nos vastos depozitos em grande quantidade, lavradas e apparelhadas de modo que podessem entrar na construcção immediatamente. Era tal a ordem preestabelecida, que no dia em que o Rei de França, Henrique III, visitou o arsenal em 1574, ao tempo em que se lhe offerecia um banquete, construiu-se e lançou-se ao mar uma galé, no espaço de duas horas. Quando urgiam as circumstancias politicas, transcendia a actividade a quanto imaginar-se possa : por occasião da Alliança coroada pela victoria de Lepanto, cada dia, no decurso de cem, sahii prompta do arsenal uma galé nova. »

<sup>2</sup> *Malebranche* significa litteralmente *garras-mãs*, appellido dos demonios mencionados n'este canto.

<sup>3</sup> Santa Zitta, padroeira da cidade de Lucca. Tem-se conservado o seu corpo na igreja de S. Frediano, n'uma capella da nobre familia dos Fatinellis, a cujo serviço, diz a tradição, que a mesma santa em vida se empregara. Lê-se no *Ottimo*:

« Nascidades da Toscana chamam-se Anciões certos empregados eleitos pelos habitantes, encarregados especialmente de velar sobre a administração commettida aos regedores *forasteiros* e impedir as tropelias dos poderosos : *Anciões* importa o mesmo que senadores. O condemnado, de quem se trata, estava a esse tempo no exercicio do cargo e falleceu de repente. O autor diz Santa Zitta pela igreja em que é venerada : toma-se a igreja por toda a cidade : é o continente pelo conteúdo. Santa Zitta foi pessoa de muito boa vida e fez varios milagres em Lucca. Sabem-o os Luquezes. »

O peccador referido era Martino Bottai, chefe de partido em Lucca.

<sup>4</sup> Bonturo Bonturi, da familia dos Datis, o mais imprudente dos barateiros de Lucca, O Poeta fala ironicamente.

<sup>5</sup> *Del no per li denar, vi si fa ita*. — Costumava-se antigamente nos instrumentos publicos escrever a palavra latina *ita* (assim) como signal de affirmacção, e *non* como signal de negativa, do modo seguinte : *nō, ita*. Os falsificadores de escripturas convertiam o *nō* em *ita*, collocando um ponto sobre a primeira perna do *n*, cortando com uma perpendicular o signal de abreviatura sobreposto ao *n*, com a segunda perna do qual formavam um *l*, e juntando ao *o* uma curva que o mudava em *a*.

<sup>6</sup> *Santo Volto*.—Effigie de Jesus Christo, venerada na cathedral de Lucca, ha muitos seculos, objecto de culto para os habitantes e até representado no cunho de algumas de suas moedas. Era tradição que os anjos haviam-a tirado pelo natural.



<sup>7</sup> Caprona, castello, que pertencera á Pisa : demorava em posição estratégica, na confluencia do arroio Zambro com o Arno. Os de Lucca em numero de 400 de cavallo e duzentos *pedoni* florentinos venderam-o em 1289. A' essa facção esteve Dante presente : 25 annos era a sua idade. Segundo refere Benvenuto de Imola, a guarnição, que se deu a partido, constringida pela absoluta falta de agua, desfilando por entre os soldados do exercito guelfo, ouvia tomada de terror as ameaças da multidão, que gritava : *Enforquem-os ! Enforquem-os !* — O conde Guido, n'essa occasião, para evitar que os Gibelinos, dispersando-se, não fossem assassinados pelos camponeses, ligou-se entre si por uma corda e assim mandou conduzi-los até ás fronteiras, onde já não corriam perigo.

<sup>8</sup> Dois factos aqui se mencionam : o terremoto, se que seguiu ao passamento do Redemptor, e ser o anno de 1300 aquelle em que fuge Dante haver emprehendido a viagem sobrenatural, que narra na *Divina Comedia*. Teudo-se realizado a Paixão de Christo aos 34 annos da sua idade, segundo affirma Dante no *Convito* ( IV, 23 ) subtrahindo-se este algarismo de 1300 restam precisamente 1266. Diz o *Convito* ( loc. cit. ) textualmente :

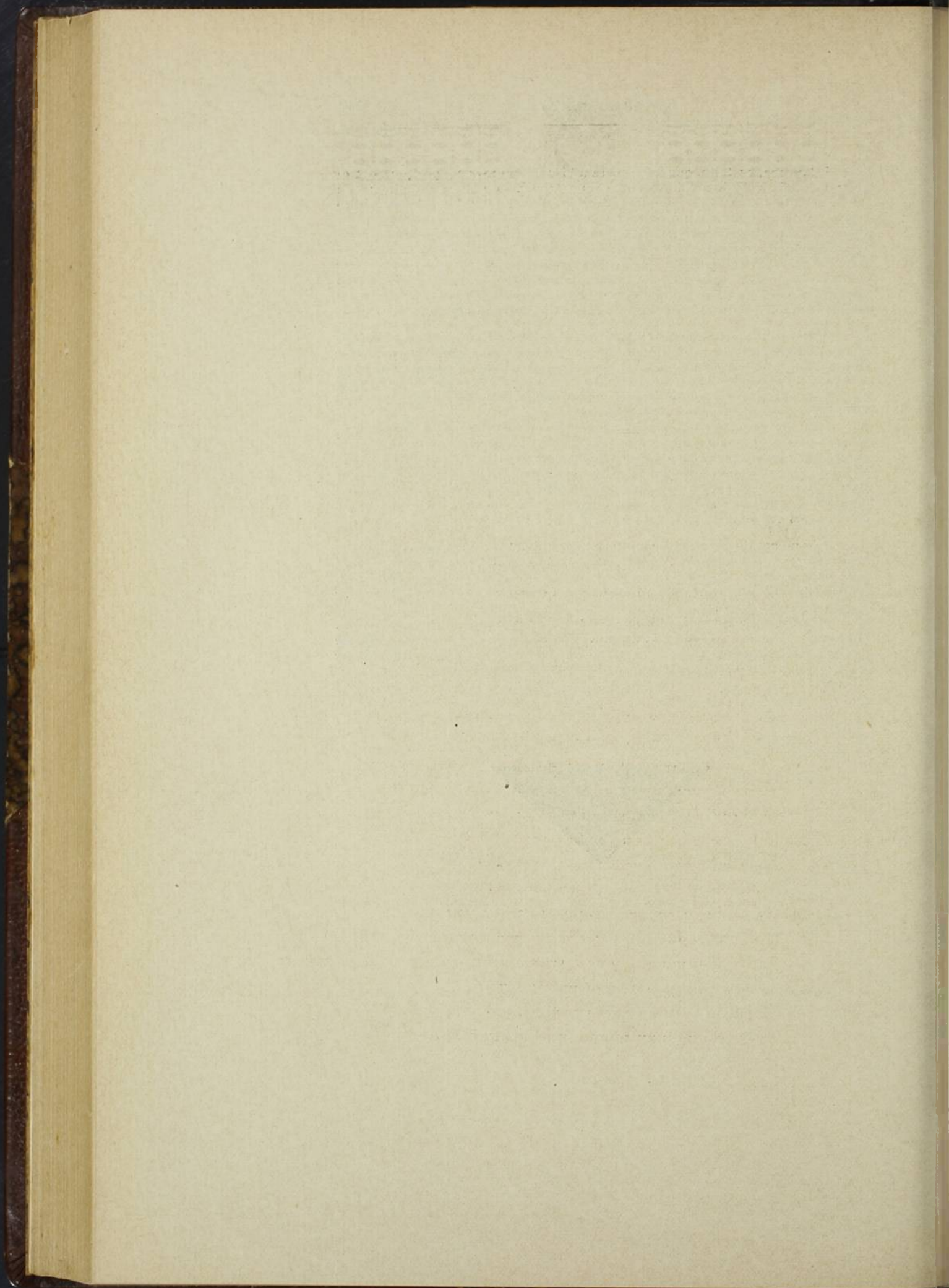
« E muovemi questa ragione che ottimamente naturato fù il nostro Salvatore Christo, el quale volle morire nel trinta quattresimo anno della sua etade ; chè non era convenevole la Divinità stare così in dicrescione ; nè da credere è ch'egli non volesse dimorare in questa nostra vita al sommo, poi che stato ch'era nel basso stato della puerizia. E ciò ne manifesta l'ora del giorno della sua morte, che volle quella consimigliare colla vita sua : onde dice Lucca ch'era quasi ora sesta, quando morio che è a dire lo colmo del di. »

<sup>9</sup> Os nomes dos demonios significam litteralmente : *Malacoda*, cauda-má ; *Scarmiglione*, mal penteado ; *Alichino*, aza-baixa ; *Calcabrina*, piza-neve ; *Cagnazzo* ; focinho de cão ; *Barbariccia*, barba-ruiva ; *Libicocco*, lybiano ; *Draghignazs*, dragão-feio ; *Ciriatto*, porcalhão ; *Graffiucana*, esfola-cães ; *Farfarello*, duende, e *Rubicante*, vermelhão.

Um dos commentadores diz que Dante quiz representar n'esses demonios, por actos e palavras, os esbirros da Italia ; e acrescenta que é possível tivesse o Poeta, nas suas peregrinações, occasiões de desgostar-se do procedimento de alguma quadrilha d'essa especie.











## CANTO XXII

1. **M**ARCHAR vi cavalleiros á peleja,  
Travar lucta, enleiar-se no combate  
E até pedir á fuga que os proteja ;
2. Em vossa terra esquadras dar rebate  
Vi, Aretinos ; vi as cavalgadas,  
Torneios, juntas no mavorcio embate,
3. De tubas ao clangor, ás badaladas, <sup>1</sup>  
Com signaes de castellos, <sup>2</sup> de tambóres,  
Com artes novas ou entre nós usadas :
4. Não vi mover peões, nem corredores,  
Nem baixeis, que regula a terra ou estrella,  
De igual clarim aos sons atroadores.
5. Com dez demonios (que campanha bella ?)  
Partimo-nos, porém rezar com santo,  
Urrar com lobos discripção revela.
6. Minha attenção no pez se engolpha, emtanto,  
Por saber quando encerra a negra cava,  
Alli quem pena, quem derrama pranto.
7. Como o delphim, que da tormenta brava  
O nauta avisa, o dorso recurvando,  
Presagio do mau tempo, que se aggrava.



8. Um linitivo á pena, assim, buscando,  
Mostrava o tergo algum dos condemnados,  
Qual relampago, logo se esquivando.
9. Como á borda de charcos enlodados  
A fronte deixa á ran ver da agua fóra,  
Pernas e corpo tendo resguardados :
10. Assim no pez a gente peccadora.  
Mas, Barbariccia proximo já sendo,  
Na resina se esconde abrazadora.
11. Eu vi ( e ainda agora estou tremendo ! )  
Em cima retardar-se um desditoso,  
Qual ran, que fica, as mais desaparecendo.
12. Perto alli stava Graffiacane iroso :  
Fisgou-o na enviscada cabelleira,  
E alçou, qual lontra, ao ar o criminoso.
13. Sabia os nomes da caterva inteira ;  
Ouvindo-os, attentei nos escolhidos:  
Distinguil-os podia de carreira.
14. « Eia ! Depressa os teus ferrões compridos  
No costado lhe crava, ó Rubicante ! »  
Os demonios gritaram-lhe incendidos.
15. « O' Mestre » — disse — « inquire insinuante  
Quem seja aquelle misero e mesquinho  
Que em mãos cahiu da turba petulante. »
16. Moveu-se o Mestre e, á cava já visinho,  
Perguntou-lhe em que terra elle nascera.  
— « Em Navarra » <sup>3</sup> — tornou-lhe — eu tive o ninho.
17. « De um fidalgo ao serviço me pozera  
Minha mãe, quando o pae meu devastara  
Fazenda e a propria vida com mão fera.
18. « D'El-rei Thebaldo <sup>4</sup> eu na privança entrara:  
Vendia os seus favores fraudulento;  
Soffro a pena do mal, que praticara.»
19. Então os dentes lhe cravou cruento,  
De javardo quaes presas, Ciriatto:  
Armam-lhe a boca, servem de instrumento.



20. Nas mãos de imigo seu cahira o rato:  
Barbariccia, entre os braços o estreitando,  
— « Alto ! » — lhes diz — « A mim cabe o seu trato. »
21. E o rosto para o Mestre meu voltando,  
Falou : — « Pergunta, se ainda mais desejas  
Antes que o tenha lacerado o bando. »
22. « Algum dos peccadores, com quem stejas »  
Virgilio interrogou — « Latino ha sido ? »  
Tornou : — « Vou contentar-te no que almejas.
23. « No pez deixei alguem por tal havido...  
Ah! não temera, estando lá coberto,  
Ser de unhas e farpões ora ferido. »
24. » E' demais ! » — Libicocco diz, que perto  
Estava; e um braço ao triste dilacera,  
Do croque ao golpe, aquelle algoz experto.
25. A's pernas Draghignaz tambem quizera  
Do misero investir : o cabo iroso  
Accesos olhos volve e os dois modera.
26. Cessa um pouco o rumor e pressuroso  
Pergunta o Mestre áquella sombra afilicta,  
Que do golpe olha o effeito doloroso :
27. « Quem foi essa alma, como tu prescita,  
Que, por vires á tona, has lá deixado ? »  
Responde o peccador : — « F'oi F'rei Gomita <sup>5</sup>
28. De Gallura, nas fraudes consummado  
Que do seu amo a imigos poupou damno,  
E, traidor, foi por elles premiado.
29. « Por ouro os deixou ir, como de plano  
Confessa ; e em tudo o mais provou ter foro  
Nas tretas, ser nos dolos soberano.
30. « Miguel Zanche, o Juiz de Logodoro, <sup>6</sup>  
Com elle ostenta, em praticas frequentes,  
De crimes, em Sardenha, o seu thesouro.
31. « Ai ! vêde como esse outro range os dentes !  
Iria por diante ; mas receio  
Na pelle a furia dos ferrões pungentes. »

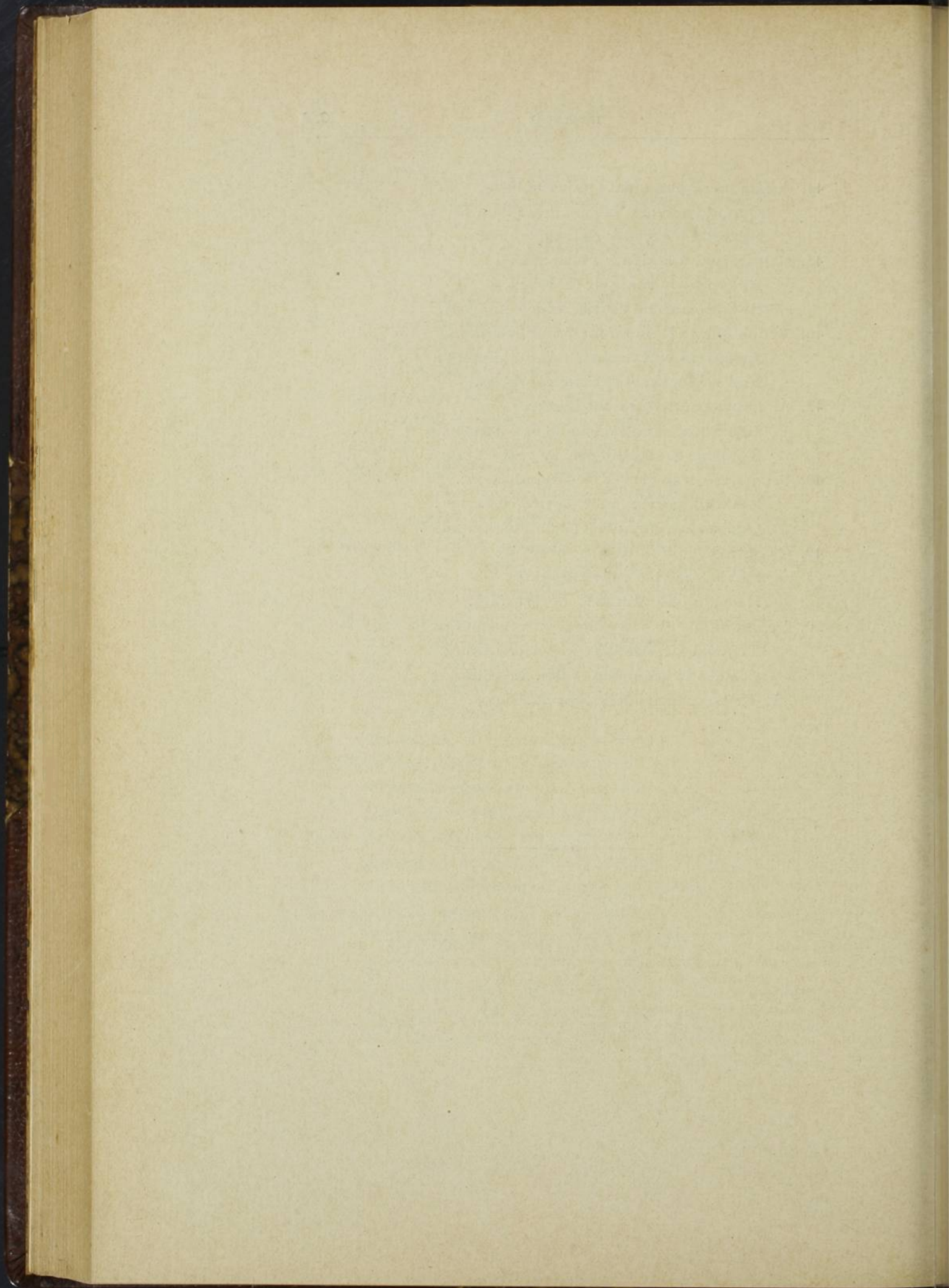


32. Attenta o cabo de olhos no menceio  
Com que a ferir se apresta Farfarello.  
« Vai d'ahi ! » — lhe gritou — « passaro feio ! »
33. « Se Toscanos, Lombardos tens anheio  
De ver e ouvir » — o triste proseguia —  
« Traça darei, com que satisfazel-o.
34. « Suspendam Malebranche essa porfia ;  
Não temam socios meus dura vingança,  
Que eu, sentado, um só não, muitos faria
35. « De lá surdir, segundo a nossa usança,  
Ao signal de assovio, que de ausente  
Perigo ao vir á tona dá fiauça. »
36. Cagnazzo alça o focinho de repente  
E, abanando a cabeça, diz : — « Cuidado !  
Astucia é por lançar-se ao pez fervente. »
37. Elle, que em cópia ardis tinha guardado,  
Tornou : — « Subtil astucia, na verdade,  
Causar aos meus tormento redobrado ! »
38. Dos outros contra o aviso, por vaidade,  
Alichino lhe disse : — « Se abalares,  
Não provarei de pés agilidade,
39. « Heide, voando, te agarrar nos ares.  
Vamos do cimo e á riba retiremos :  
Maravilha, se a tantos enganares ! »
40. Leitor, logração nova contemplemos.  
Já todos volvem de outro lado a vista :  
Quem mais avesso assim primeiro vemos.
41. O Navarro estudara-o como invista ;  
E arrancando, de subito, ao betume  
Se arroja e a liberdade então conquista.
42. Da affronta sentem todos o azedume,  
Ainda mais quem motivo déra ao feito.  
Gritando : — « Preso estás ! » — salta do cumo.
43. Porém do medo se vantagem o effeito  
Ao das azas : um baixa ao fuado presto,  
No ar sustem-se o outro, alçando o peito.



44. Assim mergulha o pato na agua lesto,  
Quando avista o falcão : perdida a preza,  
Se torna o caçador cansado e mesto.
45. Calcabrina, da raiva na braveza,  
Após o socio vôa, por ter briga,  
Se a alma como deseja, vence empreza.
46. Vendo que ao fundo o malfeitor se abriga,  
As garras volta contra o companheiro :  
Furor á lucta sobre o lago o instiga.
47. As unhas o outro, gavião ligeiro,  
Lhe crava e, entrelaçando-se espantosos,  
Tombam ambos no pez, de corpo inteiro.
48. Separam o gran fervor os dois raivosos ;  
Em vão, porém, subir-se pretenderam ,  
Que as azas prendem borbulhões viçosos.
49. Os outros vendo o caso, se doeram :  
Envia quatro o cabo diligente ;  
E de croques armados accorreram.
50. De um lado e de outro chegam velozmente.  
Tendem farpões aos socios enviscados,  
Cozidos já n'aquella crusta ardente.  
E d'esta arte os deixamos atalhados.
-







## NOTAS AO CANTO XXII



Trata-se n'este canto dos que, valendo com os poderosos, traficavam com os seus favores. Descreve-se a punição dos condemnados. Menciona-se em especial um, que dá noticia de outros, e refere se á astucia de que usou para enganar todos Malebranches da escolta.

<sup>1</sup> Allude o Poeta ao *carroccio* e á *martinella*, que representavam importantíssimo papel nas expedições militares e batalhas, em que Florença e outras cidades da Toscana guerreavam n'aquelles tempos.

O illustre e erudito historiador de Florença, o Sr. Perrens, dá cabal noticia do *carroccio* e *martinella*, nos termos seguintes :

« Dependia de Florença o castello de Montemurlo, que era para Pistoia permanente perigo, comprado por esse motivo pelos Florentinos aos condes Guidi, mas ainda não entregue aos seus novos possuidores. Os seus habitantes que muito se arreceavam de Pistoia, estavam assim sob a protecção florentina, que se manifestou defendendo áquella cidade que lhes causasse qualquer vexame ou aggressão. Os de Pistoia, porém, fizeram retraço da intimação e para mais ao claro significarem o seu menospreço, collocaram na alta torre de Carmignano dois braços de marmore voltados para a banda de Florença, em cada um dos quaes o pollegar se interpunha aos dedos index e annular, o que se chamava *farle-fiche* e se havia por grande injuria e desafio. Florença, para desaffronta, chamou ás armas as suas milicias, fez-se prestes para entrar em campo com todo o seu poder. Então, pela primeira vez, como dizem os historiadores, usou do sino communal e do celebrado *carroccio*, facto mais notavel do que o proprio commettimento e característico das instituições militares dos Florentinos.

« Em declarando guerra soiam correr um sino que tanguia incessantemente noite e dia, por espaço de um mez, para chamar os cidadãos ás armas e ao mesmo tempo avisar os inimigos de que se deviam aperceber para a defesa, singular imitação aos costumes cavalleiros, feita por um povo de mercantes. *Martinella* era o nome do tal sino, que tambem chama-se *campana delli asini*. Estava suspenso na parte central da cidade, ao arco da porta de uma capella, Santa Maria del Mercato Vecchio. Quem não comparecia áquelle envite encorria em deshonra, pagava peçadas multas, como traidor á patria. Ao cabo de um mez marchavam as tropas.



« Então a *Martinella* pendente de uma viga, n'uma especie de castello de madeira, era transportada em um carro posto na vanguarda: o seu serviço era dirigir o exercito nos seus movimentos por meio de bellicosas badaladas.

« O carro da *Martinella* era antecedido pelo *Carroccio* como imagem ambulante da cidade, de que usavam os Lombardos e que Florença imitava. Na Lombardia, já de muitos seculos, os frades, ao tempo da ceifa, conduziã um carro do alto do qual uma sineta couvidava os vassallos a comparecer para pagamento dos tributos. Os Florentinos innovaram separando o que os Lombardos juntavam. O *Carroccio* tinha quatro rodas e compunha-se de vigas de carvalho travadas por barras de ferro, pintadas de vermelho. Tirava-o uma junta de bois, que, afóra aquella occasião, a nenhum trabalho diferente eram applicados e como animaes sagrados, tinham especial tratamento no hospício de Pinti. Os seus conductores gozavam do privilegio de não pagar impostos. Na plataforma do carro, onde havia espaço para celebrar-se missa e até pelejar, levantavam-se dois mastros vermelhõs, como tudo o mais, em cujo tópe desfaldava-se a bandeira branca e vermelha, côres de Florença e Fiesole.

« No dia aprazado para a expedição, *Carroccio* trazido de San Pier Scheraggio ou de San Giovanni, onde successivamente foi arrecadado, era pomposamente conduzido ao Mercato Nuovo. Alli esse palladio prosaico passava a ser guardado pelos mancebos mais robustos e esforçados, que obedeciam a um cidadão assignalado na militança e chamado capitão do *Carroccio*. Tangiam as trombetas acompanhando o *Carroccio*, onde ia um padre para administrar aos feridos os soccorros espirituaes. Onde fazia alto, ali estanceavam o commandante e o seu quartel general, davam-se as ordens para a peleja, estava o centro dos movimentos, o pião do ataque e defesa, por que o *Carroccio* era o trophéo de triumpho para os que o tomavam. O inimigo vencedor levava-o em procissão de mastros abatidos, arrastando na lama os seus arreios. Depois, entregue ao povo, era coberto de immundicias. Ao mesmo passo alardeava solemne e ostentosamente o seu proprio, tão reverenciado, quando o outro escarnecido. »

<sup>2</sup> Nestes *signaes de castellos* patenteam-se indícios de ser já conhecido, no tempo de Dante, o uso dos telegraphos opticos, se bem que tal nome não fosse attribuido então á combinação de signaes para correspondencia de logares entre si distantes. Já no canto VIII *signaes* tambem se deparam feitos com fogos em torres de Dite, a cidade infernal. Estes dois passos da *Divina Comedia* demonstram que muitos seculos antes de ter-se feito em França applicação d'esse admiravel invento, já se conhecia a necessidade e conveniencia de similhante modo de communicação. D'esta verdade escriptores da idade anterior á de Dante, se não os de remota antiguidade, na qual os tempos modernos têm achado a origem de muitos dos mais importantes descobrimentos de arte e sciencia.

<sup>3</sup> Ciampoli, ficando em indigente orphandade por effeito das prodigalidades de seu pae, entrou para o serviço de um fidalgo da cõrte de Thibault ou Thebaldo, Rei da Navarra. Conseguiu insinuar-se na privança d'esse principe; mas abusou do seu valimento commettendo actos vergonhosos.

<sup>4</sup> Thebaldo ou Thibault, fallecido a 8 de junho de 1233, comprometter-se a fazer parte da Cruzada e partir para a Terra Santa; mas depois, como offendeu direitos e privilegios da Igreja, viu seu reino sujeito a interdicto por espaço de trez annos. Este Rei era dotado de eminentes qualidades, e recommendou-se em especial pelo pendor para as bellas-artes e aprimorou-se como poeta e musico. As suas poesias, escriptas em francez, foram dadas á estampa em 1742, sob o titulo de—*Les poésies du roi de Navarre*. Dante cita versos seus no tratado *De vulgari eloquio*: no liv. I c. 9, a proposito da palavra amor:

*De fin amor si vient sen et bonté;*

e no liv. II cap. 6:

*Dreit amor qu'en mon cor repairo.*



<sup>5</sup> Frei Gomita foi encarregado por Nino dei Visconti de governar Gallura, uma das jurisdições em que estava dividida a Sardenha. Mas abusou do cargo, traficando com as funções, que lhe estavam commettidas, praticando fraudes e immoralidades. Refere-se que, tendo em seu poder inimigos irreconciliaveis do seu patrão, peitado por elles, deixou que se evadissem. V. o canto XXXIII do *Inf.* e o c. VIII do *Purg.*

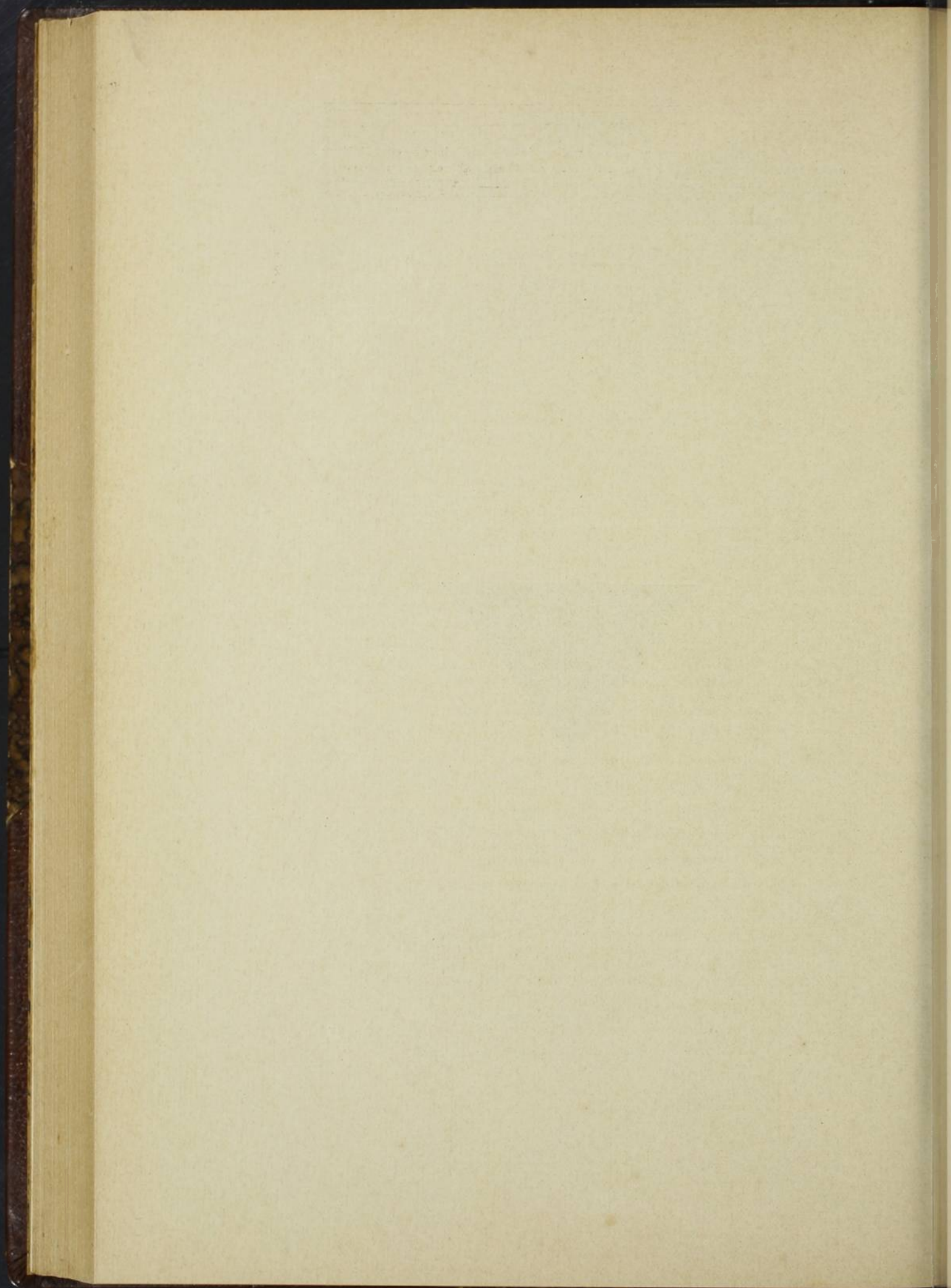
<sup>6</sup> *Dom*, titulo honorifico na Sardenha á similhança do que se usa em Portugal e Hespanha.

Miguel Zanche era mordomo de Enzo, filho natural do Imperador Frederico II, Rei da Sardenha. Fallecendo este, conseguiu, por meios fraudulentos, casar-se com a viuva, Adelasia, e assim apossou-se de Logodoro, pertencente ao patrimonio d'aquella senhora.

R' mencionado tambem no c. XXXIII.











## CANTO XXIII



1. **E**M silencio, a companhia má deixada,  
Seguíamos, após um do outro andando,  
Como frades menores em jornada.<sup>1</sup>
2. Meu pensamento á rixa se voltando.  
A fabula de Esopo <sup>2</sup> relembra-va,  
Em que ao rato arma a ran laço nefando.
3. Se aquelles casos dois eu confrontava,  
Como *issa e mo*, iguaes me pareciam,<sup>3</sup>  
Quando o principio e fim seus recordava.<sup>4</sup>
4. E, como os pensamentos se associam,  
Outros logo d'aquelle me brotaram,  
Que em dobrado temor a alma envolviam.
5. Pensava :—esses demonios que passaram,  
Por causa nossa, tal vergonha e damno,  
Do facto certamente se anojaram.
6. Se a maldade aggravar rancor insano,  
Elles no encalço nos virão ferozes,  
Qual cão, que a lebre aboca emfim no plano.
7. Aguardando os horrificos algozes,  
Arripiam-se as carnes e o cabelo.  
—« O' Mestre meu, as garras temo atrozes ! »



8. Exclamo :— « Ache depressa o teu desvelo  
Para nós contra o bando amparo e abrigo.  
Após os passos nossos cuido vel-o. »
9. « Se espelho eu fôra, a imagem tua, amigo,  
Tanto não reflectira claramente,  
Quanto as idéas na tua alma sigo.
10. « Agora iguaes me estão surgindo á mente,  
Concordes tanto nas feições, em tudo,  
Que um parecer entre ambos ha sómente.
11. « A' dextra inclina a encosta, ou eu me illudo :  
Por lá baixando á mais visinha cava,  
Teremos contra assaltos seus escudo. »
12. Não acabava, quando a turba prava  
Assoma : de azas pandas se enviando  
Contra nós, não mui longe a divisava.
13. De subito nos braços me tomando,  
Qual mãe, que, ao despertar, se vê cercada  
De furiosas flammæ, e, apertando
14. Ao seio o filho, fuge accelerada,  
E ao pudor veus esquece angustiosa,  
Só por salvar aquella prenda amada :
15. Lá do cimo da riba alta e fragosa  
Resvala o Mestre pela penha dura,  
Muralha de outra cava tenebrosa.
16. Agua não corre mais veloz da altura  
Por canal a impulsar de engenho a roda,  
Quando, visinha aos cubos, se apressura,
17. Do que a descer o Guia meu se açoda,  
Como a filho estreitando-me ao seu peito,  
Não como a companheiro a quem se engoda.
18. Da cava apenas attingira o leito,  
Quando ao cimo os demonios se mostraram :  
Mas de iras suas mallogrou-se o effeito.
19. Por lei da providencia terminaram  
Funcções, que exercem na caverna quinta,  
Toda a vez que o recinto seu deixaram.




20. Gente, que de brilhante côr se pinta  
Vemos, que a tardo passo em torno andava :  
Chorara e em forças parecia extincta.
21. Capa e capuz trazia, que occultava  
Seus olhos, d'essa fôrma de vestidos  
De Colonia entre os monges mais se usava. <sup>5</sup>
22. De ouro por fôra, dentro guarneceidos  
De chumbo : comparando a pezo tanto,  
De palha os de Fred'rico eram tecidos. <sup>6</sup>
23. Por toda a eternidade, ó duro manto !  
Com taes almas, á sestra, caminhamos,  
Attentos escutando o triste pranto.
24. Tantoas opprime o pezo, que as passamos  
No lento caminhar ; e a cada instante  
De nova companhia ao lado estamos.
25. « Mostra-me » — eu disse ao Guia, supplicante —  
Algum por nome ou feitos afamado ;  
Busca, sem te deter, Mestre prestante ! »
26. Tendo vozes toscanas escutado,  
Um atraz nos gritou : — « Cessai da pressa,  
Com que ides a correr pelo ar cerrado !
27. « Cousa talvez direi, que te interessa. »  
Volta-se o Mestre e diz-me : — « Agora espera ;  
Para o passo igualar-lhes não te apressa. »
28. Cessando, vejo um par que se accelera ;  
Seus gestos dizem que acercar-se aspiram,  
Mau grado a estrada e o pezo, que os onera.
29. Aquelles dois, já proximos, remiram  
Com vesgos olhos, sem falar, meu rosto ;  
Depois entre elles vozes taes se ouviram :
30. « O que respira ainda em vida é o posto ?  
Se mortos ambos são, por que motivo  
Da plumbea capa evadem-se ao desgosto ? »
31. E disseram : -- « Toscano, que, inda vivo,  
Vens de hypocritas ver o gremio triste,  
Dizer quem sejas, não recusa esquivo. »

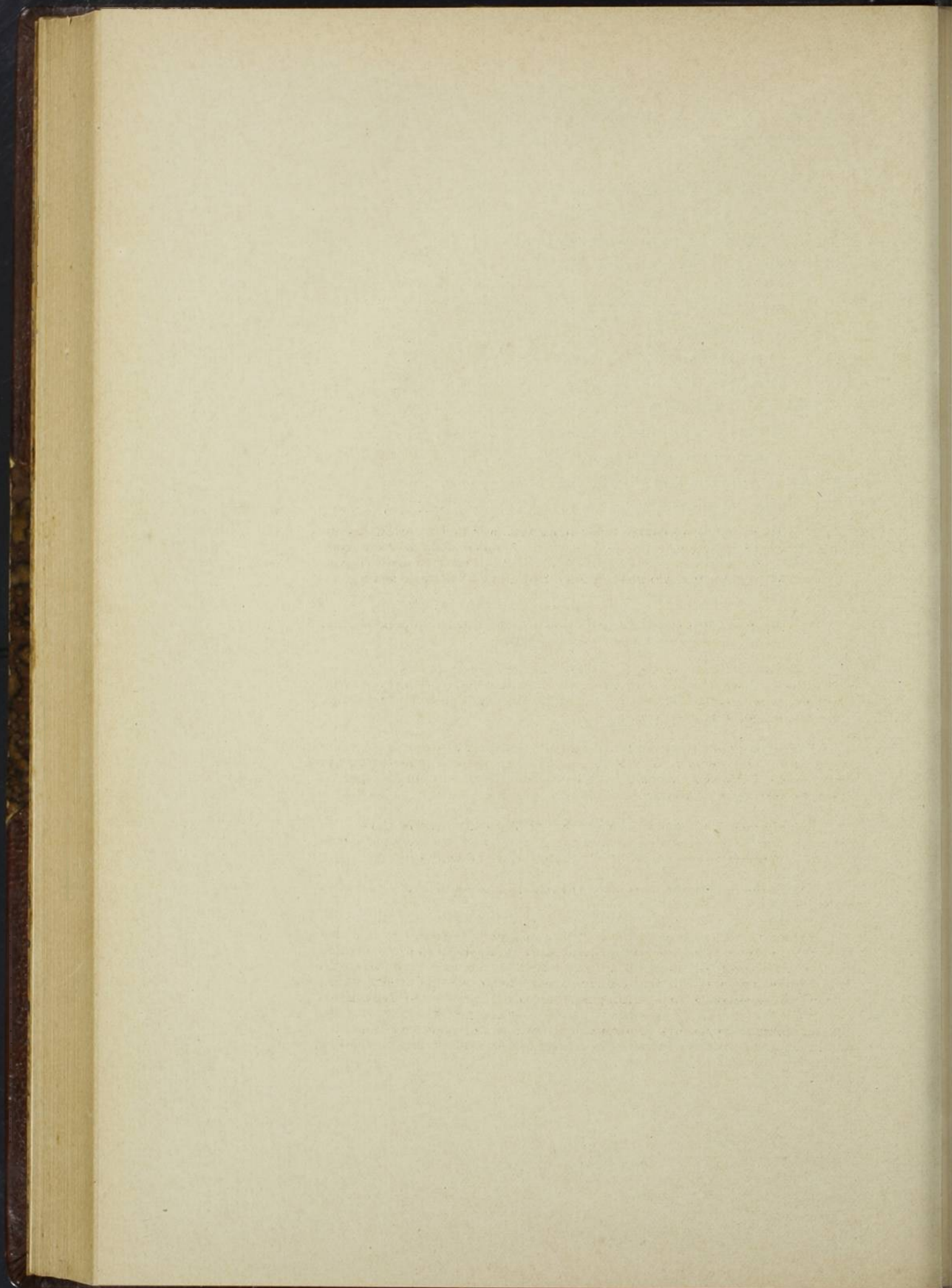


32. « Nasci na gran cidade, á qual assiste  
Com suas bellas margens o Arno ameno,  
E o corpo, em que hei crescido, lá persiste.
33. « Quem sois que da afflicção tanto veneno  
Na face amargo pranto denuncia ?  
Qual penar tendes de esplendor tão pleno ? »
34. « Tanto chumbo se encobre » — um me dizia —  
« D'estas capas sob o ouro, que oscillamos,  
Qual balança, que ao pezo hesitaria.
35. « De Bolonha e Godente, <sup>7</sup> nos chamamos  
Um Loderigo e o outro Catalano :  
Juntos ambos Florença governamos..
36. « Porque ficasse a paz livre de damno.  
Em vez de um regedor ; do que hemos sido  
O Gardingo <sup>8</sup> dá prova e desengano. »
37. « O' irmãos » — comecei — « o mal nascido. . . »  
Atalhei-me : jazendo um condemnado  
Com puas tres em cruz via estendido.
38. Em vendo-me estorceu-se angustiado,  
Altos suspiros arrancou do peito.  
Catalano acercou-se apressurado.
39. « Este » — disse — « que geme em duro leito,  
Que a um homem déssem morte aconselhara  
Aos Phariseus, do povo por proveito. <sup>9</sup>
40. « Atravez do caminho é nú, repara :  
De quem passa, d'esta arte, elle conhece  
O pezo, quando por calcal-o pára.
41. « Igual martyrio o sogro seu padece,  
Assim como cada um d'esse concilio,  
Semente p'ra os Judeus de horrenda messe. <sup>10</sup> »
42. Maravilhar-se então mostrou Virgilio,  
Posto em cruz o prescito contemplando  
Com tanto opprobrio lá no eterno exilio.
43. Voltou-se a Catalano assim falando :  
« Dizei, se assim vos praz e é permittido,  
Se á direita ha vereda, onde, passando,



44. D'este recinto vamo-nos temido,  
Sem que os anjos perversos obriguemos  
Caminho a nos mostrar não conhecido. »
45. Tornou : — « Mais perto do que julgas temos  
Rochedo, que , do muro se estendendo,  
Dá ponte a cada val, em que gememos.
46. « Este não cõbre, outr'ora se rompendo;  
Mas subir podereis pela ruina,  
Que do declive ao fundo se está vendo. »
47. Ouvindo, o Guia um pouco a fronte inclina  
E diz : — « Bem más explicações nos dava  
Quem tanto os peccadores amofina. »
48. Logo o frade : « Em Bolonha me constava  
Que o demonio, entre os vicios com que ostenta,  
De ser pae da mentira se ufanava. » <sup>11</sup>
49. A passo largo o Mestre já se ausenta ;  
Ira ressumbra o rosto carregado.  
Deixa a turba, que em capas se atormenta,  
As pegadas seguindo-lhe apressado.
- 







## NOTAS AO CANTO XXIII

---

Na sexta cava apresentam-se os hypocritas, que andam revestidos de capas e capuzes de chumbo e exteriormente dourados. Fala o Poeta com Ioderigo e Catalano, frades *godenti*. Antes de entrarem na cava, Dante e Virgílio são perseguidos pelos Malebranches; mas Virgílio salva do perigo o seu companheiro.

<sup>1</sup> Era talvez costume dos frades Menores da Ordem Franciscana, no tempo de Dante, andarem em viagem um após outro.

<sup>2</sup> Na fabula, a que se refere o poeta, uma ran, querendo afogar um rato para comel-o, offereceu-se traiçoeiramente para carregal-o ás costas na passagem de uma lagôa. Ao tempo, em que a ran ia mergulhar com a sua carga, sobreveiu um milhafre e os devorou.

<sup>3</sup> *Mo e issa*, palavras, que significam *agora*. Modo é syncope do adverbio latino *modo*; *issa* de *ipsa*. Suppõe-se, talvez com melhor fundamento, que deriva-se de *issamente*, vocabulo provençal. Benvenuto de Imola diz que os Toscanos usam de *mo*, os lombardos de *issa*.

<sup>4</sup> O principio foi a má tenção, que tinha Calcabrina contra Alichino, — a ran contra o rato; o fim consistiu — serem a ran e o rato devorados pela ave de rapina, — cahirem no pez e ficarem envidados os dois demonios.

<sup>5</sup> Os frades de Colonia, cidade da Allemanha, usavam de capas e capuzes muito largos.

<sup>6</sup> Diziam Guelfos, contemporaneos do Imperador Frederico II, que este Monarcha punira os traidores e outros criminosos de lesa-magestade, mandando envolvel-os em grossas laminas de chumbo e deital-os em tachos, por baixo dos quaes ardiam fogueiras. Foi simplesmente uma tradição, que teve origem na má vontade dos inimigos do Imperador; por quanto não é abonada por nenhum escriptor autorizado. Alludindo a este conto, diz o Poeta que os capuzes e capas, que revestiam os hypocritas condemnados n'este canto, eram tão desmarcadamente peizados, que, em comparação os inventados por Frederico, pareceriam tecidos de palha.



<sup>7</sup> O erudito historiador moderno de Florença, o Sr. Perrens, refere-se do seguinte modo aos Frades Folgazões:

« Havia então na Italia uma ordem, em parte religiosa em parte militar denominada dos Cavalleiros ou Frades de Santa Maria, confirmada e regulada em 1261 pelo papa Urbano IV. Eram talvez os de Fra Pietro di Verona, que, se retirando de Florença, transformaram-se e reformaram-se. Determinava a sua regra que fossem nobres por geração, da parte de pae e mãe. Trajavam tunica branca e manto cinzento com uma cruz e estrellas vermelhas sobre o peitoral branco, luvas de couro ou lan e insignias militares, escudo, elmo e esporas de ferro. Observavam os jejuns da Igreja, abstinham-se de carne na 2<sup>a</sup> e 4<sup>a</sup> feira, de lacticínios e ovos na 6<sup>a</sup>, de toucinho e sangue no sabbado. Liam-se sabiam ler, o officio de Nossa Senhora; os analphabetos repetiam 59 vezes o *Pater Nostre* e *Ave Maria*. Eram admittidos na ordem os casados com o consentimento de suas mulheres. Estas entravam então para conventos, onde vestiam habitos cinzentos ou brancos e mantos de pelle de carneiro com orlas brancas. Ainda mais obrigatorio lhes era este reconhecimento, quando os maridos, como conversos ou *terziarii*, alcançavam licença para continuar a residir em suas casas.

« O fim da instituição, segundo refere Villani, era defender orphãos e viúvas, intervir nos pleitos, conciliar animos discordes. Devido assim viver no seculo, os Frades de Santa Maria estavam dispensados de austeridades monasticas, bem como de fútas e impostos, viviam nos deleites e luxo e sómente pelo habito e ccoio eram religiosos. E, pois, a denominação de *fratri gaudenti* ou *godenti* (*frates gaudentes* ou *frades folgazões*,) dada de primeiro sem malicia, os qualificou como homens de vida airada e jovial. O povo, encarecendo a jocosidade, os appellidava *Capeni di Christo*.

« D'essa ordem singular, que, na regra, se assimilhava aos Agostinhos e nos desmandos aos Templarios, Guido Novello, no intuito de conciliação dos partidos, tirou dois *podestás*: formaram Catalano di Malvolti e Loderigo di Andalo. O segundo, posto que fosse casado, era havido por um dos fundadores da confraria e se fizera conhecido em igual cargo politico nas cidades gibelinas de Modena, Siena, Faenza, Piza e Reggio. Catalano, antes de envergar o habito de *frate gaudente*, fôra *podestà* em Placenza e se recommendara á estima publica. A escolha do dominador de Florença parecia firmar-se em bons fundamentos. Approvou-a Clemente IV: sob o aspecto politico viu no facto um symptoma de restauração dos Guelfos. Tinha para si que cavalleiros de uma ordem religiosa haviam de proceder na conformidade dos alvitres e desejos da Santa Sé. Exhortou-os, pois, a acceitar o cargo, em carta na qual lhes dizia:— « Não deserta da religião, sustenta-a, conforta-a quem se emprega no governo das cousas deste mundo conformando-se com as ordens de quem tem direito para mandar, quando se procede não por amor, senão por obediencia, em pró do proximo.

« Guido Novello viu o perigo, mas não poudo tornar atraz, pois era mister sacrificar parte do poder para não perdê-lo de todo. Empossados os dois *podestás* no paço na Badia, deu-lhes por conselheiros trinta e seis *buoni uomini*, eleitos de entre os mercadores mais notaveis, artifices e populares das duas parcialidades, guardando o seu systema de equilibrio, assim no deliberativo, como no executivo, Mallogrou-se, porém, o seu proposito pela força das paixões e logica dos interesses. Esperava que se não concertassem os *fratri gaudenti*; mas ao revez vieram a accordo, para extorquir aos Florentinos a maior somma de dinheiro possivel. Os *buoni uomini* deslembaram tambem as dissensões Guelfas e Gibelinas; e sómente endereçaram os seus esforços ás conveniencias communs dos mercadores e artesãos. Não só coadjuvavam os *podestás* nas suas requisições; mas tambem diliberavam diariamente na loja dos consules da Calimala, Mercato-Nuovo...

« O partido mixto e moderado, que por então influia em Florença, vendo que os *fratri gaudenti* eram alvo do escarneio publico por serem frades casados



e incorriam no odio e na impopularidade, como magistrados ineptos, desidiosos e incapazes, deu-lhes a dispensa, que por vezes hypocritamente solicitavam do cargo, em que estavam enriquecendo. Nos ultimos dias de dezembro de 1266. Loderigo e Catalani ainda exerciam as suas funcções; mas por esse tempo desapareceram da scena, onde representaram papel, que não abonou nem a sua probidade, nem a sua energia...

« Loderigo falleceu em 1293, Catalani em 1285. »

<sup>8</sup> Gardingo, bairro de Florença, habitado principalmente por gibelinos, cujas casas, em especial as dos Ubertis, foram incendiadas pelos guelfos.

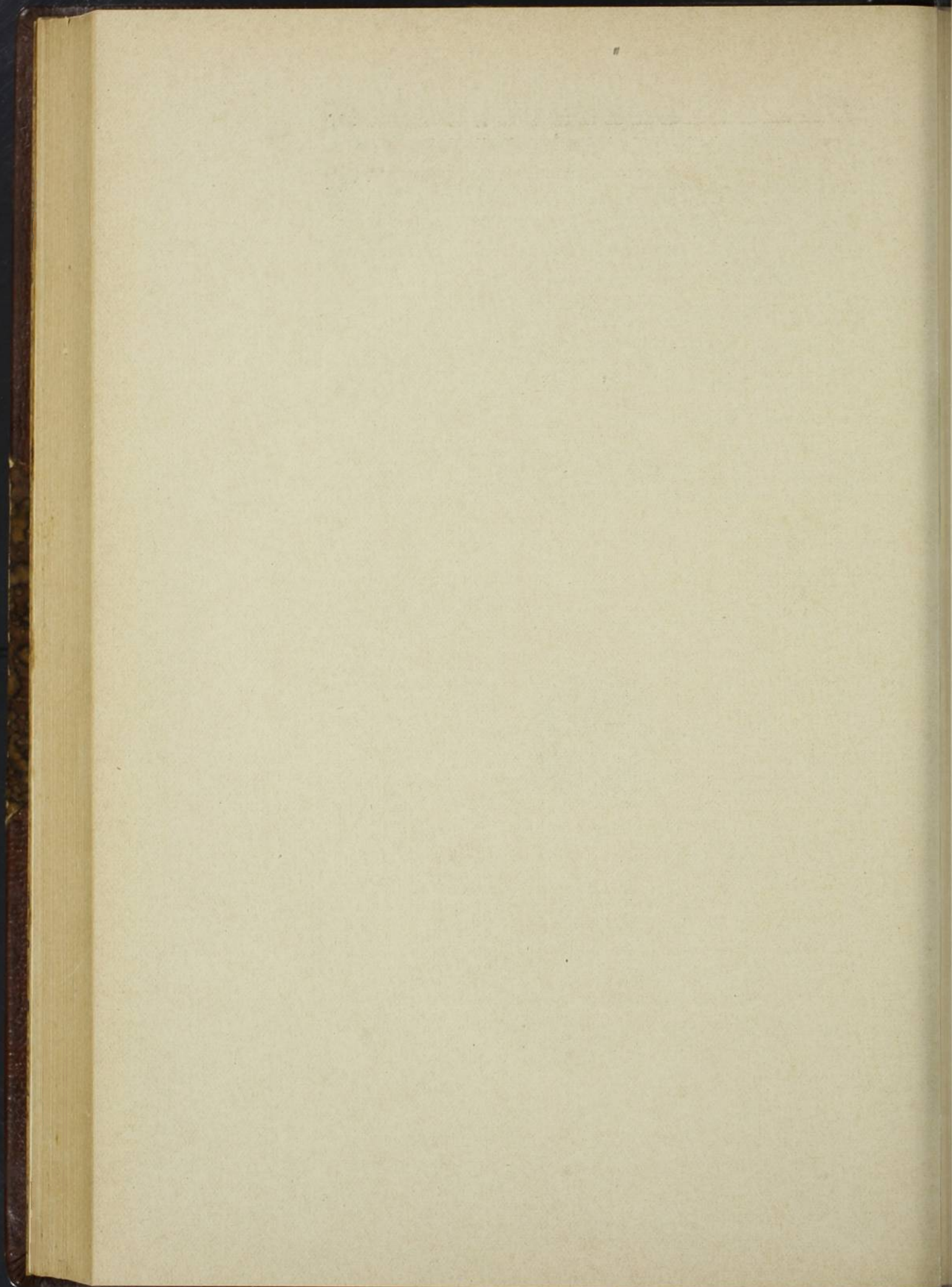
<sup>9</sup> Caiphás. « Mas um dos phariseus por nome Caiphás, que era o pontifice d'aquelle anno, disse-lhes: — Vós não sabeis nada, nem consideraes que vos *convém que morra um homem pelo povo e que não pereça toda a nação.* ( S. João. Ev. cap. XI )

<sup>10</sup> Annás, sogro de Caiphás.

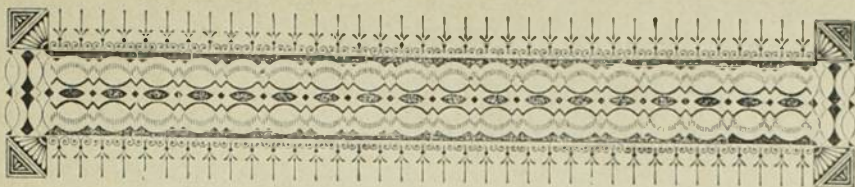
<sup>11</sup> Ev. de S. João, cap. VII: « Vós sois filhos do diabo, e quereis cumprir os desejos de vosso pae; elle era homicida desde o principio e não permaneceu na verdade, porque a verdade não está n'elle; quando elle diz a mentira, fala do que lhe é proprio, porque é mentiroso e pae da mentira. »











## CANTO XXIV

---

1. **N**'AQUELLA parte do anno incipiente, <sup>1</sup>  
Em que as comas do sol se fortalecem  
No Aquario e a noite iguala o dia ausente,
2. Quando as geadas matinaes parecem  
Da alva irman figurar a imagem pura,  
Mas tacs feições em breve se esvaecem.
3. Campino, que a indigencia já tortura,  
Ergue-se, e vendo o prado embranquecido,  
No coração calar sente a amargura.
4. Torna ao tugurio e carpe-se abatido,  
Como quem toda a esp'rança já perdera;  
Mas, vendo em breve o campo estar despido
5. Do triste manto, o alento recupera.  
Revigorado então, corre ao cajado  
E as ovelhas ao pascigo accelera.
6. De temor me senti, d'essa arte, entrando  
Do Mestre merencorio ante o semblante;  
Mas logo ao mal foi balsamo applicado.



7. A' ruina chegamos: n'esse instante  
Virgilio volve aquelle doce gesto,  
Que eu da collina ao pé vira offegante.
8. Reflecte um pouco, o estado manifesto  
Da rocha examinando: eis-me, estendendo  
Os braços, resolute ergueu-me presto.
9. Como aquelle que uma obra entre mãos tendo,  
Logo n'outra tarefa põe o intento,  
N'um rochedo Virgilio me sostenendo,
10. Já de outro acima me avisava attento.  
« Mais alto agora sóbe » — me dizia —  
« Vê se a rocha está firme ! Toma tento ! »
11. De capa alli ninguem transitaria;  
Pois nós, leve e eu sempre transportado,  
Subiamos a custo a penedia.
12. Se mais alto o declive do outro lado  
Não fôra do que esse outro, em que ora estamos,  
— D'elle não sei — ficára eu lá prostrado.
13. Que Malebolge inclina-se notamos  
A' boca enorme do profundo poço;  
As encostas, são taes — exp'rimntamos —
14. Que uma é baixa, outra excelsa em cada fosso.  
Vimos, emfim, do tópo á roca extrema,  
D'essa ruina ao ultimo destroço.
15. Lá chegado, afan tanto o peito prema,  
Que avante um passo dar eu mais não pude ;  
Sentei-me então na inanição suprema.
16. « Eia ! toda a franqueza em ti se mude ! » <sup>2</sup>  
Em ocio « — disse o Mestre — » ou sobre a pluma  
Premios ninguem conquista da virtude.
17. « Aquelle que a existencia assim consuma,  
Tal vestigio de si deixa na terra,  
Como o fumo no ar e na agua a espuma.
18. « Ergue-te, pois ! Torpor de ti desterra !  
Recobra o esforço que os perigos vence !  
Impere alma no corpo em que se encerra !



19. « Que vais subir muito alto a mente pense ;  
D'esse abysmo não basta haver sahido.  
Será teu pról, se a minha voz convence. »
20. Alço-me então, mostrando-me impellido  
De alento, que não tinha; e ao Mestre digo:  
« Avante ! Forte já me sinto e ardido ! »
21. Pela rocha asperissima prosigo  
Mais estreita, inda menos accessivel  
Que a outra: os passos de Virgilio sigo.
22. Por provar-me ás fadigas insensivel  
Falando andava. Eis ouço de outra cava  
Resoar voz bem pouco perceptivel.
23. O que disse não sei, posto me achava  
Da ponte sobre a parte culminante ;  
Mais parecia iroso quem falava.
24. Curvei-me para ver no fosso hiante,  
Mas alcançar não pude o fundo escuro.  
Ao Mestre disse então: « Se apraz-te, avante
25. Passando, desceremos d'este muro ;  
D'aqui ouço uma voz, mas não a entendo;  
Fito os olhos, mais nada me afiguro. »
26. « Respondo aos teus desejos, accedendo ;  
Que o pedido discreto assim declaro  
Se cumpre, não falando, mas fazendo. »
27. Fomos da ponte á parte, d'onde é claro  
Que se vai ter á ribanceira oitava :  
Ficou patente a cava ao meu reparo.
28. De serpes tal cardume se enroscava,  
Horrificas na infinda variedade,  
Que ao sangue, inda ao lembrar, terror me trava.
29. Não tenha a Lybia <sup>3</sup> de crear vaidade  
De chersos, ghares, cenchrys no seu seio  
E amphisbenas tamanha quantidade.
30. Nem do mar Roxo em plagas, nem no meio  
Da Ethyopia tropel tão pavoroso  
De flagellos jámais a lume veio :



31. Por entre o enxame atroz e temeroso  
Almas corriam núas e transidas, \*  
Heliotropia † não sperando ou pouso.
32. Atraz as mãos por serpes são tolhidas,  
Que, traspassando os rins, cauda e cabeça,  
Lhes tinham por diante em laço unidas.
33. Eis uma de repente se arremessa  
Ao prescito, que perto nos demora:  
Morde-lhe o collo aonde a espadua cessa.
34. Um O traçar ou I mais custa agora  
Do que ser o mesquinho incendiado:  
Em cinzas cai o peccador, que chora.
35. Stando em terra d'esta arte derribado,  
Juntou-se a cinza e logo reformou-se,  
Como de antes, o triste condemnado.
36. Dos sabios na escriptura já narrou-se  
Que a Phenix ‡ morre e logo após renasce,  
Quando aos annos quinhentos acercou-se.
37. Viva, já nunca em cibo ella se pasce.  
Em lagrimas, porém, de incenso e amomo;  
De nardo e myrrha em ninho extremo apraz-se.
38. Como aquelle que cai sem saber como,  
Do demonio ao poder, que á terra o tira,  
Ou de outra opilação sentindo o assomo;
39. Levantando-se, em torno a si remira,  
Da angustia inda aturdido, que o mordera,  
E, em seu sossobro, pavido suspira:
40. Assim parece o peccador, que ardera.  
Contra os peccados na final vingança,  
O' Justiça de Deus, quanto és severa!
41. Quem fôra inquire o Mestre, e d'elle alcança  
Estas vozes: — « Ha pouco, da Toscana  
Chovi no abysmo, onde ninguem descansa.

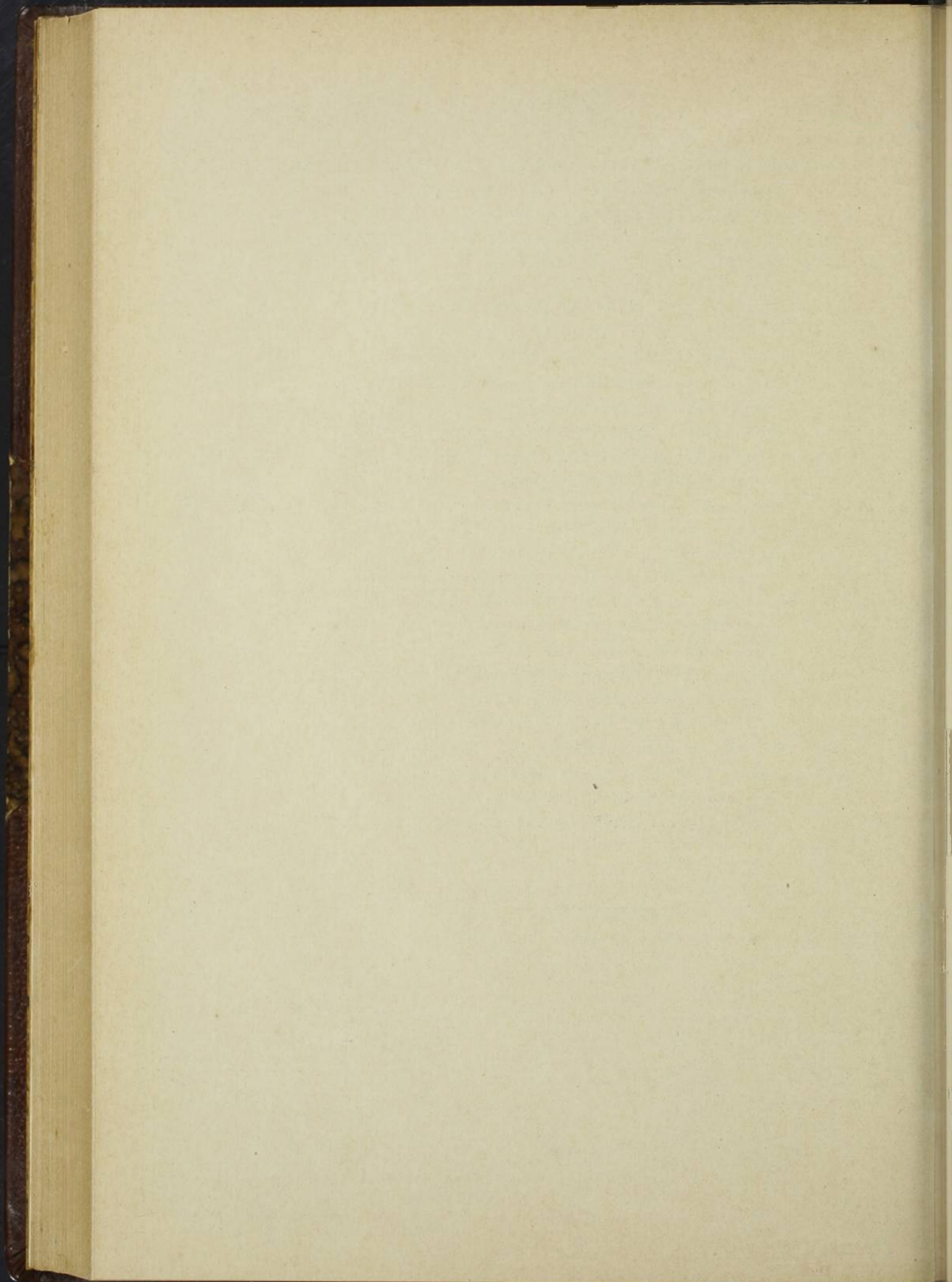
---

\* Ladrões.



42. « Vida brutal vivi, não vida humana.  
Chamei-me Vanui Fucci, <sup>6</sup> hybrida besta ;  
Pistoia, meu covil, de mim se ufana. »
43. Ao Mestre eu disse : — « Referir-nos resta  
O crime, que deu causa á morte sua :  
Sei que em sangue banhára a mão funesta. »
44. O peccador, que me ouve, não se amua :  
Volto-me presto a cara, em que a tristeza  
Com signaes de vergonha se insinua
45. E diz : — « Sinto da dôr mais a aspereza,  
Porque em miseria tanta me vês posto,  
Do que quando da morte hei sido a preza.
46. « Ao que exiges respondo com desgosto :  
Por ter roubado alfaia e ornamento  
Da igreja aqui estou, sendo meu gosto
47. « Que pelo crime houvesse outro o tormento.  
Se d'este antro sahires algum dia,  
Porque não sejas do meu mal contento,
48. « Ouve bem o que a voz minha annuncia :  
De si <sup>7</sup> Pistoia os Negros expulsando,  
Povo, modos Florença então cambia.
49. « Vapor de Val de Magra Marte alçando,  
O traz em torvas nuvens envolvido ;  
E, enquanto a tempestade está raivando,
50. « No campo de Picen <sup>8</sup> será ferido  
Combate ; a nevoa logo se esvaece ;  
Dos Brancos cada qual será batido.  
« Sabe-o, pois : certo, a nova te entristece. »
-







## NOTAS AO CANTO XXIV

Dante sai difficilmente da cava sexta acompanhando Virgilio. Entram na setima, onde os ladrões padecem atormentados por serpentes. Um dos condemnados é Vanni Fucci de Pistoia, o qual vaticina infortunios de Pistoia e Florença.

<sup>1</sup> O sol entra no signo Aquatio na segunda parte de Janeiro, quando aproxima-se o equinoxio e a geada mostra-se nas campinas ao amanhecer.

<sup>2</sup> Tasso, *Ger. Lib.*, c. XVIII, est. 61 :

*Signor, non sotto l'ombra in spiaggia molle  
Tra fonti e fior, tra ninfe e tra sirene,  
Ma in cima a l'erto e faticoso colle  
Della virtù riposto è il nostro bene.  
Che non gela e non suda, non s'estolle  
Dalle vie del piacer, là non previenne.  
Or vorrai tu lungi dell'alle cime  
Giacer, quasi tra valli angel sublime ?*

<sup>3</sup> A origem das serpentes na Lybia é contada por Ovidio, *Mét.* l. IV :

*Viperei referens spoliū memorabile monstri  
Aera carpebat tenerum stridentibus alis.  
Cumque super lybicas victor penderet arenas,  
Gorgonei capitis guttae cecidere cruentae.  
Quas humus exceptas varios animavit in angues :  
Unde frequens illa est infestaque terra colubris.*

Tradução de A. Feliciano de Castilho:

Levando (Perseu) o espolio do vipereo monstro  
E equilibrado em azas estridentes,  
Presas aos leves pés, vaguea os ares  
Sobre as crestantes lybicas areias  
Pendendo o vencedor cahiram n'ellas  
Da gorgonea cerviz sanguineas gottas.  
E, bebendo-as, o sólo as faz serpentes.  
Desde então de serpentes Lybia abunda.



Os nomes das serpentes, que n'este canto vemos, são extrahidos da *Pharsalia* de Lucano. Encontrou-as Catão, quando com o seu exercito marchava pela Lybia. Eis o trecho do lib. IX:

*Hic, quæ prima caput movit de pulvere tabes  
Aspida somniferam tumida cervice levavit.  
Plenior huic sanguis et crassa gutta veneni  
Decidit; in ulla plus est serpente coactum.  
Ipsa caloris cogens gelidum non transit in orbem  
Sponte sua, Niloque tenus melitur arenas,  
Sed quis erit nobis lueri pudor? inde petuntur  
Huc lybicæ mortes et fecimus aspida mercem.  
Aut non stare summi miseris passura cruorem  
Squamiferos ingens hæmorrhoids explicat orbes;  
Natus et ambigua colere qui syrtidos arva  
Chersydros, tractique via fumante chelydri:  
Et semper recto lapsurus limite cenchris;  
Pluribus ille notis variatum pingitur album,  
Quam parvis tinctus maculis Thebanus ophites;  
Concolor exustis, atque indiscretus azenis  
Hammodyles; spinaque vagi torquente cerastæ;  
Et scytale sparsas etiam nunc sola pruinis  
Exuvias positura suas; et torrida dipsas;  
Et gravis in geminum surgens caput amphispæna,  
Etatrix violator aquæ, jaculique volacres;  
Et contentus iter cauda sulcare par eas;  
Oraque distendens avidus spumantia prester,  
Ossaque dissolvens cum corpore tabificus seps  
Sibiique effundens cuncta terrentia perles.  
Ante venena nocens, late sibi submovet omne  
Vulgus, et in vacua regnat casiliscus arena. »*

<sup>4</sup> Heliotropia, segundo crença antiga, era pedra, que tinha o condão de dar a quem a trazia a qualidade sobrenatural de ser invisível. Attribuia-se-lhe também a virtude de triaga contra toda a peçonha.

Boccacio, *Decam.* Giorn. VIII. nov. 3, diz que a pedra, denominada heliotropia pelos lapidarios, é de extraordinaria virtude, e assim quem a trouxer comsigo não será visto por pessoa nenhuma.

<sup>5</sup> Acreditavam os antigos na existencia de uma ave maravilhosa, a Phenix, corpolenta como a aguia, ornada de brilhante pennacho sobre a parte superior da cabeça, e de plumas acatasoladas, que lhe circumdava o collo, com cauda alvissima matizada de pennas escaletes, sendo muito scintillante os seus olhos. Dizia a lenda que Phenix quando sentia que a vida em breve se lhe extinguiria, com plantas aromaticas tecia nos desertos da Arabia um ninho, sobre o qual pousava, exposto aos raios do sol, que o incendiavam. N'aquella pyra se consumia; mas logo após surdia das cinzas outra Phenix, que immediatamente dava sepultura ao que restava da sua antecessora, encerrando essas reliquias em myrrha, que transportava ao templo do sol em Heliopolis. Attribuia-se á Phenix a duração de 500 a 600 annos, e representava-se como symbolo da immortalidade.

Na canzone XIV diz Petrarca :

*Là onde'l di ven fore  
Vola un angel che sol, senza consorte,  
Di volontaria morte  
Rinasce, e tutto a viver si rinova*



*Così sol si ritrova  
Lo mio voler...  
Arde e mor e, e riprende i nervi suoi;  
E vive poi con la Fenice a prova.*

Ovidio, *Met.* lib. XV:

*Una est, quæ reparat seque ipsa reseminet ales;  
Assyrii phœnica vocant. Non fruge, neque herbis  
Sed turis lacrimis et suco vivit amomi.  
Hæc ubi quinque suæ complevit sæcula vitæ  
Illicet in ramis tremulæque cacumine palmæ  
Unguibus et puro nidum sibi construit ore.  
Quo simul ac cascās et nardi lenis aristas  
Quassaque eum fulva surstraxit cinnama murra.  
Semper impuni, finitque in odoribus ævum.  
Inde ferunt, totidem qui vivere debeat annos,  
Corpore de patrio parvum phœnica renasci.  
Cum dedit huic ætas vires, ouerique ferendo est  
Ponderibus nidi ramos levat arboris altæ,  
Fertque puis cunasque suas patriumque sepulcrum,  
Perque leves anras Hyperionis urbe potitus  
Ante fores sacras Hyperionis æde reponit.*

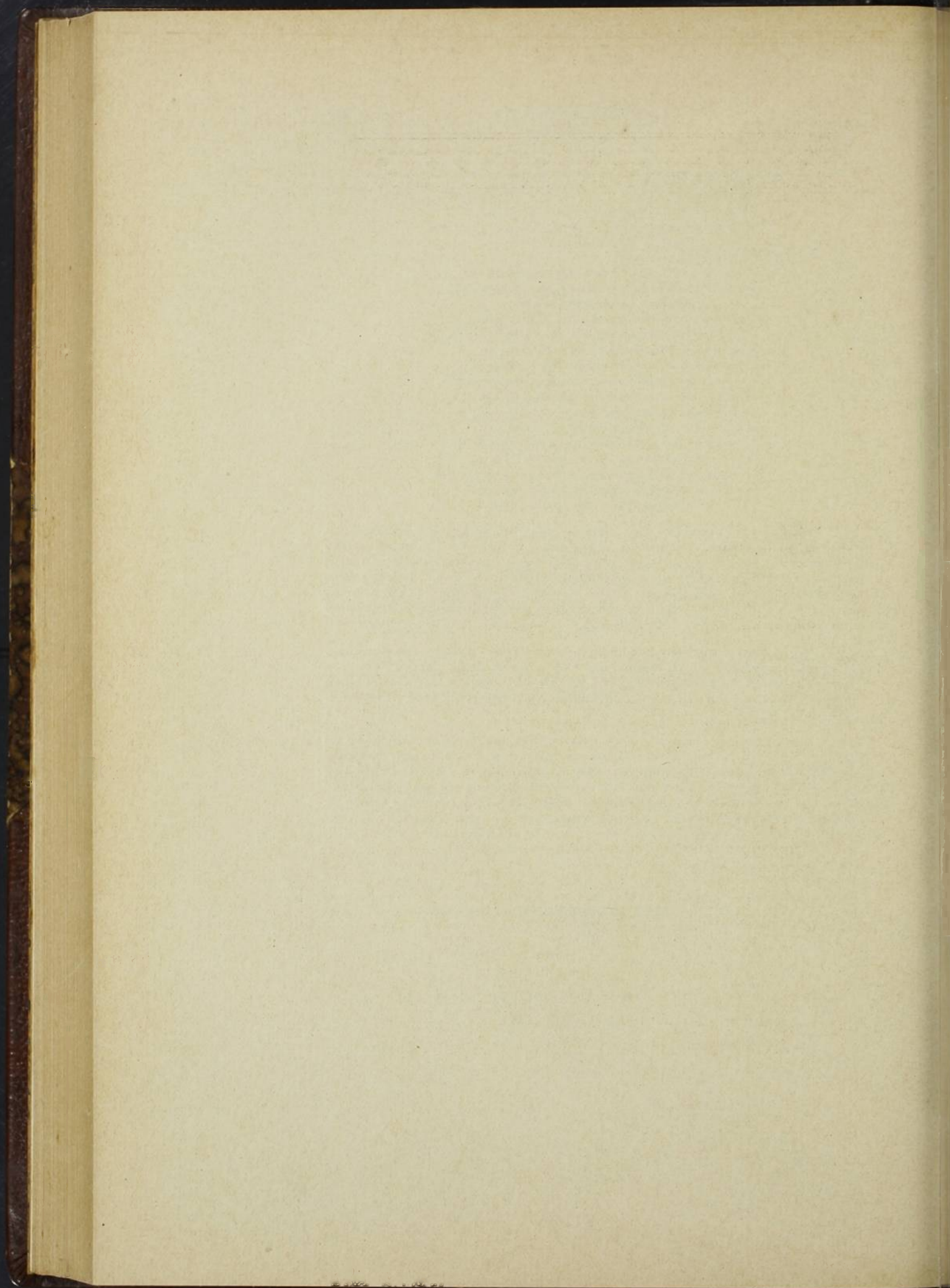
<sup>6</sup> Vanni Fucci pertenceu, por linha de bastardia, á familia Fuccio dei Lazari, fidalgo de Pistoia. Assignalou-se por feitos execrandos e infames, e como tal mereceu o lugar em que Dante o colloca n'este circulo. De todos os seus crimes, o que mais lhe careou a geral abominação foi o roubo da sacristia da cathedral d'aquella cidade, cujas alfaías de subido preço, deu para guardar ao seu amigo Vanni della Nona, por elle proprio depois denunciado; apanhados com os objectos roubados, foi condemnado á forca como ladrão sacrilego.

<sup>7</sup> Vanni Fucci vaticina o que tinha de succeder aos partidos em Florença. Os Brancos ajudaram os de Pistoia, em 1301, a lançar os da parcialidade dos Negros, os quaes acolheram-se áquella cidade, e, feitos alli em corpo com os de igual appellido, por sua vez condemnaram a desterro os seus adversarios em 1303.

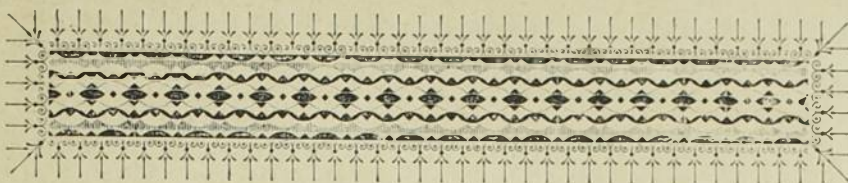
<sup>8</sup> Campo Piceno, onde se deu a batalha, em que foram desbaratados os Brancos, proximo á Pistoia: os vencedores eram commandados pelo Marquez Morvello di Malaspina, figurado por *vapor di val di Magra*. — Valle de Magra é a Lunigiana superior, assim denominada do rio Magra, que por alli corre. Sendo Dante da parcialidade, entendeu Vanni Fucci que naturalmente se havia de mortificar com casos futuros, que lhe contava.











## CANTO XXV



1. **A**SSIM dizia o roubador e, alçando  
Ambas as mãos, que figuravam figas <sup>1</sup>  
« Toma, ó Deus » exclamou « o que eu te mando. »
2. Serpes me foram desde então amigas:  
Porque logo uma ao collo se enroscava,  
Como a dizer : — « Não quero que prosigas ! »
3. Tolhendo-lhe outra os braços, se enlaçava  
Diante sobre o peito e o movimento  
Com rebatido vinculo atalhava.
4. Ah ! Pistoia ! ah ! Pistoia ! <sup>2</sup> o incendimento  
Teu decreta, extinguindo nome impuro !  
Pois dás da extirpe tua ao vicio augmento
5. Tão soberbo não vi no abysmo escuro.  
Contra Deus outro esp'rito ; nem o ousado, <sup>3</sup>  
Que de Thebas cahiu morto do muro.
6. Sem mais dizer fugira o condemnado.  
Eis rabido centauro vi correndo  
A gritar : — « onde está o scelerado ? »
7. Não tem Maremma <sup>4</sup> de reptis horrendo  
Bando igual ao que o dorso carregava  
Té onde a humana fôrma está se vendo.



8. Na espadua, abaixo da cerviz pousava,  
As azas estendendo, atroce drago,  
Que fogo a quanto encontra arreversava.
9. « É Caco <sup>5</sup> » — o Mestre diz « que a immane estrago  
Afeito, do Aventino se aprazia,  
Sob as penhas, de sangue em fazer lago.
10. « Dos seus irmãos <sup>6</sup> não segue a companhia,  
Por haver depredado, fraudulento,  
Armentio, que proximo pascia.
11. « Tiveram fim seus crimes : golpes cento  
Sobre elle desfechou de Alcide a clava :  
Aos dez perdera já da vida o alento. <sup>7</sup> » —
12. Foi-se o centauro enquanto assim falava.  
Abaixo eis tres <sup>8</sup> espiritos chegando,  
Nos quacs nenhum de nós inda attentava,
13. « Quem sois ? » — romperam subito bradando.  
A narração então suspende o Guia ;  
E só d'elles curamos, escutando.
14. Nenhum d'essa companhia eu conhecia ;  
Mas então, como ás vezes acontece,  
Um, chamando por outro, assim dizia :
15. « Onde é Cianfa, <sup>9</sup> que assim desaparece ? »  
Dedo nos labios fiz nesse momento  
A Virgilio signal, porque attendesse.
16. Em crer o que eu contar se fôres lento,  
Não ha de ser, leitor, para extranhado:  
Quasi o que eu vi descrê meu pensamento.
17. Quando eu dos tres a vista era engolfado,  
Sobre seis pés se via uma serpente  
Contra um d'elles e o tem todo enlaçado.
18. Abraçam-lhe os do meio rijamente  
O ventre ; aos braços aos de cima rendem,  
Ambas as faces morde-lhe furente.
19. Os de baixo nas coxas já se estendem,  
Interpondo-se a cauda, que, subindo  
Por detraz, voltas dá que os rins lhe prendem.




20. Hera, de arvore os ramos recingindo.  
Não os enleia tanto,<sup>10</sup> como a fera  
Alheios membros ao seu corpo unindo.
21. Fundiram-se depois, de quente cêra  
Como feitos ; travando as suas côres,  
Um nem outro parece o que antes era :
22. Como em papel, do fogo ante os ardores  
Procede escura côr ; inda não sendo  
Negro, vão fenecendo os seus albores.
23. Os dois, a maravilha percebendo,  
Gritavam-lhe :—« Ai ! Agnel, quanto has mudado !  
Um já não és mas dois ser não podendo ! »
24. N'uma cabeça as duas se hão tornado ;  
Confundidos estavam dois semblantes  
N'um rosto, em que se haviam misturado.
25. São dois os braços, que eram quatro de antes.  
Foram coxas e pernas, ventre e peito  
Membros, que nunca hão tido semelhantes.
26. Perdeu-se asssin todo o primeiro aspeito ;  
Seres dois e nenhum n'essa figura  
Se via ; e o monstro foi-se a passo estreito.
27. Quando o fervor canicular se apura,  
Cruza o lagarto, como o raio, a estrada,  
E' uma mouta deixando, outra procura.<sup>11</sup>
28. Tal menor serpe, livida, inflammada,  
Negrejando, qual bago de pimenta,  
Aos outros dois se arrojam accelerada,
29. E na parte, por onde se alimenta  
Primeiro a vida nossa, um dos dois fere  
E ante elle tomba em quéda violenta.
30. Olha o ferido, mas nem voz profere ;  
E sobre os pés immovel bocejava,  
Como quem somno prenda ou febre ouere.
31. Fitava olhos na serpe, e esta o encarava ;  
A chaga de um eu via, do outro a boca  
Fumegar ; e o seu fumo se encontrava.

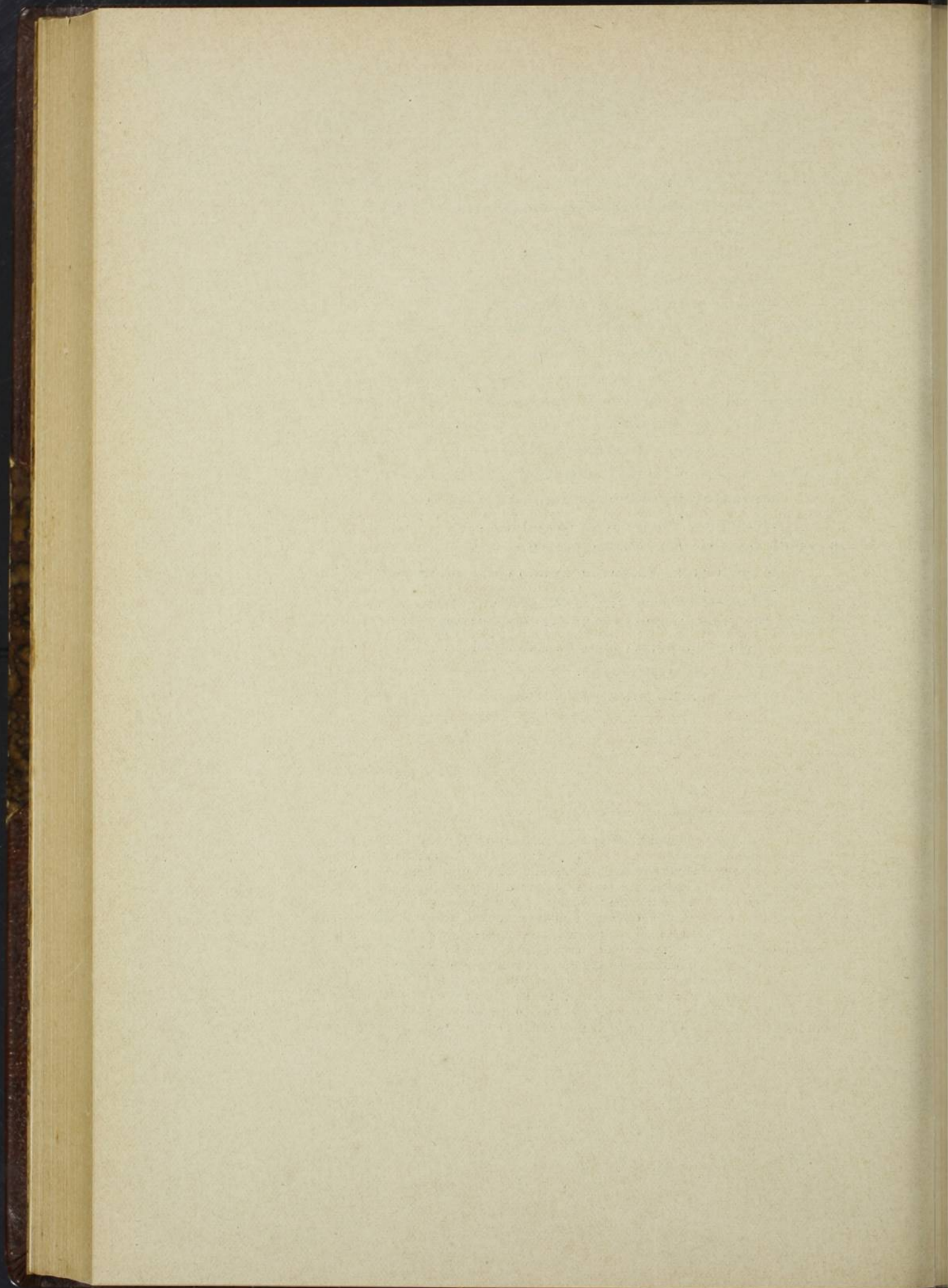


32. Emmudeça Lucano, quando toca  
Em Sabello infeliz mais em Nascidio. <sup>12</sup>  
Escute : mór portento ora se evoca
33. De Cadmo <sup>13</sup> e Arethusa cale Ovidio: <sup>14</sup>  
Se fonte a esta, áquelle fez serpente,  
Não o invejo : aqui ha peor excidio.
34. Não converteu dois seres frente á frente,  
Tanto que permutasse fórmãs duas  
Sua propria materia de repente.
35. D'esta sorte compõe-se as partes suas:  
A cauda á serpe fende-se em forquilha,  
Cerra o ferido em uma as plantas núas.
36. Tal prisão coxas, pernas envencilha  
Que em breve nem vestigio ha de juntura,  
Signal, ou n'uma ou n'outra, de partilha.
37. Fendida a cauda assume essa figura  
Que perde o homem; n'uma é tão macia  
A pelle, quanto n'outro fez-se dura.
38. Entrar os braços nas axillas via;  
Tanto estendia os curtos pés a fera,  
Quanto o outro os seus braços encolhia.
39. Os pés o drago extremos retorcera,  
Na parte, que se esconde, se mudando,  
Que em duas no mesquinho se fendera.
40. Enquanto o fumo os dois ia velando  
De nova côr e a serpe o pello empresta,  
Que em todo perde o peccador nefando,
41. Ergue-se um, cai o outro e no chão resta,  
Os impios olhos sem torcer, que viram,  
Dos gestos seus a conversão funesta.
42. Ao que era em pé ás fontes lhe subiram  
Do rosto ás sobras: cada face affeita  
Uma orelha, de duas, que sahiram.
43. Quanto de mais ficára então se ageita,  
O nariz conformando-lhe na cara  
E de labios lhe ornando a boca estreita,



44. A beíça o que jazia dilatara;  
Qual caramujo, que as antenas cerra,  
A' cabeça as orelhas retirara.
45. A lingua unida e no falar não perra  
Partiu-se, emquanto a do outro, forquilhada,  
Uniu-se; o fumo desde então se encerra.
46. Essa alma, que em reptil era mudada,  
Pelo valle arremette sibilando,  
Falando, a outra escarra e a segue irada.
47. Depois, seu novo dorso lhe voltando,  
Disse á terceira sombra: « Corra o Buoso,  
Como eu, por esta senda rastejando. »
48. Assim vi no antro setimo espantoso  
Mutuas transformações: tanta extranheza  
Desculpe o canto rude e descuidoso.
49. Posto empanar dos olhos a clareza  
E entrar o assombro no animo eu sentisse,  
Não fugiram com tanta subtileza,
50. Nem tão prestes, que eu bem não discernisse  
Puccio Sciancato, que dos tres sómente  
Fôra o que transmudado se não visse,  
Deu-te o outro, Gavilli, <sup>15</sup> dôr pungente.
- 







## NOTAS AO CANTO XXV



Vanni Fucci, depois de vociferar contra Dante, blasphema a Deus e foge. Apresenta-se Caco sob a fôrma de centauro, trazendo às costas e espaduas innumeráveis serpentes e um dragão. Pouco depois avista-se o poeta com tres florentinos, cujas maravilhosas transformações presencia.

<sup>1</sup> Signal de desprezo e provocação de que usa o vulgo. Até nas relações de um povo para outro soiam empregar esse modo de desafiar e afrontar. Em nota de outro canto já se mencionaram os dois braços de marmore, que, representando figas, do alto do castello de Carmignano, estavam voltados para Florença, como declaração de odio, desdem e má vontade que lhe tinham os de Pistoias. Deram causa á guerra em que a ultima cidade não ficou avantajada.

Trissino, *Italia Liberata*, c. XII:

*Poi facea con le man le fiche al cielo,  
Dicendo: Togli, Iddio! che prioi più far me?*

<sup>2</sup> Attribuia-se a fundação de Pistoia aos soldados de Catilina, de cuja immoralidade e perversos intentos diz tanto mal Salustio (*Bell. Catil.*) A' essa estirpe se refere o poeta. Um proverbio italiano chamava aquella cidade *Pistoia la ferrigna*.

<sup>3</sup> Capaneu. V. notas ao canto XIV.

<sup>4</sup> Acerca de Maremma, lê-se na *Hist. de Florença* do Sr. Perrens:

«Além das aguas correntes ha infelizmente para a Toscana as estagnadas em lagôas e *lagoni*, de margem esmaltadas de flores, que se deparam em numerosas localidades, em especia! nos valles de Cornia, Cecina e Mercia. Do seio da terra brotam com as aguas thermaes, a que os Romanos davam tanto apreço, pestíferas exalações, em que a sciencia moderna achou acido borico. A agua, que ao largo parece cristalina perto das margens é espessa e lodosa; o ar saturado de malignos effluvios, é origem de flagellos. Em idades remotas reinava a crença de que por alguns d'esses sorvedouros baixava-se ao inferno.

« Ainda mais malignas são as formidáveis Maremmas, que de Sieria, Volterra e Grosseto se dilatam e desenvolvem até ás campinas adustas de Roma e ás fertéis planícies da Campania. O deserto das Maremmas, onde se confundem montanhas trajadas de verduras e collinas escalv'ssupu pantanos estereis e opu-



lentas searas, prados e bosques, attrae o viandante e por sua atmosphera dia phana, pelo azul puro do ceu e suavidade das virações maritimas, que refrigeram o ar e convidam ao lazer e repouso; mas que cede á seducção arrisca-se a não despertar do somno, a que se entregar. Os naturaes, que muito se deleitam n'esse logares, soccorrem-se ás maiores precauções; porque a experiencia de que dá fe o proverbio toscano, lhe tem ensinado que—*in Maremma si arricchisce in un anno, si muore in sei mese.*

«I' tão antigo como a Italia esse flagello, proveniente da estagnação de aguas em terreno, que não tem esgoto. Mas não é menos antigo o conhecimento dos meios hygienicos para sanear a Maremma, onde existiu basta povoação, que muito adiante encaminhou-se para o valle do Arno. O mal reassumiu a primitiva gravidade e os homens deram de mão aos meios de oppugnal-o sob a negligente administração romana do tempo dos Imperadores e por effeito das calamidade do periodo subsequente. A esse mal, havido ineluctavel, tinha-se resignado a Meia-Idade.»

<sup>5</sup> Caco, gigante monstruoso, que arreversava fogo e fumo, habitava uma caverna do monte Aventino, perto do lugar, onde foi ao diante edificada a cidade de Roma. Indo Hercules á Italia com os rebauhos, que tomára a Geryão, Caco roubou-lhe algumas das melhores rezes, que astutamente conduziu e escondeu no seu antro. Descoberto o ladrão, Hercules o matou com a sua clava.

Virgilio, *En. c, VIII* :

*At furis Caci mens effera, ne quid inausum  
Aut intractum scelerisve dolive fuisset.  
Quatuor a stabulis prestanti corpore tauros  
Avertit, totidem forma superante juvenas.  
Atque hos, ne qua forent pedibus vestigia rectis,  
Cauda in speluncam tractos, versisque viarum  
Iudiciis, raptus saxo occultabat opaco  
Quarenti nulla ad speluncam signa ferebant  
Interea, quum jam stabulis saturata moveret  
Amphitryonides armenta, abutunq; pararet  
Discessu mugire boves, atque omne querelis  
Impleri nemus et colles clamore relinqui.  
Reddidit una boum vocem, vastoque sub antro  
Mugit, et Caci spem custodita fefellit.  
Hic vero Alcide furis exarserat atro  
Felle dolor: rapit rama manu nodisque gravatum,  
Robus, et ætherii cursu petit ardua montis.  
Tum primum nostri Caci videre timentem  
Turbatumque oculi. Fugit ilicet ocior Euro  
Speluncamque petit; pedibus timor addidit alas,  
Ut sese inclusit, ruptisque immane catenis  
Dejecit saxum, ferro quod et arte paterna  
Pendebat, fullosque emuniit objice postes.  
Ecce furens animus aderat Tirynthius omnemque  
Adcessum lustrans, huc ora ferebat et illuc,  
Dentibus infrendens. Ter totum fervidus ira  
Lustrat Aventin montem: ter saxea tenta!  
Limina nequidquam; ter fessus valle resedit  
Stabat acuta silex, præcisis undique saxis  
Spelunca dorso insurgens, altissima visu  
Dirarum nidis domus opportuna volucrum  
Hanc ut prona jugo larum incumbibat ad amnem,  
Dexter in adversum nitens concussit et imis  
Avolsam solvit radicibus; inde repente*



*Impulit. Impulsu quo maximus insonat æther:  
 Dissultant ripæ, refluxitque exterritus amnes.  
 At specus, et Caci delecta adparuit ingens  
 Regia, et umbrosæ penitus patuere cavernæ:  
 Non secus ac si qua penitus vi terra dehiscens  
 Infernas referet sedes et regna recindat  
 Pallida Dis invisæ, superque immane barathrum  
 Cenatur, trepidantque immisso lumine Manes.  
 Ergo insperata deprensam in luce repente,  
 Inclusumque cavo saxo atque insueta rudentem,  
 Desuper Alcides telis premit, omniaque arma  
 Advocat, et ramis vastique molaribus instat.  
 Ille autem ( neque enim fuga jam fuga super ulla pericli )  
 Faucibus ingentem fumum (mirabile dictu )  
 Evomit, involvitque domum caligine cæca,  
 Prospectum eripiens oculis; glomeratque sub antro  
 Fumiferam noctem commixtis igne tenebris  
 Non tulit Alcides animis, seque ipse per ignem  
 Præcipiti injectis saltu, qua plurimus undam  
 Tumus agit, nebulaque ingens specus æstuat atra.  
 Illic Cacum in tenebris incendia vana vomentem  
 Conripit in nodum complexus, et angit inhaerens  
 Elisos oculos, et siccum sanguine guttur.  
 Fanditur ex templo foribus domus atra revolsis:  
 Abstractæque boves, abjuratæque rapinæ  
 Cælo ostenduntur, pedibusque informe cadaver  
 Protrahitur. Nequeunt expleri corda tuendo  
 Terribilis oculos, vultum villosaque sætis  
 Pectora semiferi, atque extinctos faucibus ignis.*

Tradução de J. F. Barreto:

Mas o furioso Caco, porque nada  
 Deixasse de intentar de mal e engano  
 Quatro robustos touros da malhada  
 Furtou e tantas vacas por seu damno.  
 De formosura ás mais avantajada:  
 Os quaes, porque nenhum podesse humano  
 Achal-os pelo rasto, traça nova,  
 As levou pelas caudas para a cova.

Tendo-os d'esta maneira conduzido,  
 Com um penedo opaco os occultava;  
 E assim nenhum signal ao escondido  
 Covil regia, a quem os procurava.  
 Mas já o Ampnityonides, pascido  
 O gado dos curraes, determinava  
 Abalar e partir-se embora, quando  
 Ouve mugir os bois, bramidos dando.

O bosque todo enchiam de lamentos  
 E os montes de clamores á partida.  
 Responde uma das vacas aos accantos  
 Das outras, desde a cova desmedida.  
 E de Caco frustrado os intentos  
 Foram da mais guardada e escondida:  
 Porque Alcides então todo inflamado  
 Em colera por ver-se assim enganado,



As armas na mão toma e um madeiro  
De nós cheio, e correndo vai furioso  
Ao monte aereo; e o dia foi primeiro  
Que a Caco os nossos viram temeroso  
E turbado nos olhos; mais ligeiro  
Que o mesmo Euro se acolhe de medroso  
A' espelunca, e o temor desatinado  
Leves azas nos pés dava ao coitado.

E como se encerrou na Cova escura,  
As cadeias quebron, de que pendia  
Um penhasco grandissimo em altura  
Nas quaes seu pae ingenho posto havia.  
As portas com reparos assegura:  
Mas eis n'isto o Terynthio, que bramia,  
Todo acceso em furor, em continente  
Chega, rangendo com braveza o dente,

Inquerindo ás entradas todas anda  
Por partes mil os olhos estendendo,  
Já por aquella já por esta banda  
Em ira grande e colera fervendo,  
Trez vezes o Arentino anda e desanda,  
Trez embalde tentou, romper querendo  
As saxeas portas e difficil passo,  
Porém trez se assentou afflicto e lasso.

Uma gran pederneira alli se erguia  
Sobre a cova, d'aqui, d'alli talhadas  
As pennas, onde a vista se perdia  
Para as aves crucis proprias moradas.  
Esta, como á esquerda mão, pendia  
Sobre as aguas do rio prateadas,  
Pela direita Alcides bravejando  
Cahir fez, té as raizes forcejando,

E com gran furia a arroja de repente  
E o féro golpe lez ao luminoso  
Ceo resonar e a terra juntamente  
E atraz tornar o rio de medroso.  
A estancia real de Caco, a cova ingente  
Então appareceu, e o cavernoso  
Escuro sitio, como se do interno  
Mostrára a terra aberta o triste interno.

E todo o reino pallido e odioso  
Aos Deuses celestiaes se descobrira,  
E de cima um barathro portentoso  
E cheio de cruel horror se vira.  
E as tristes almas, vendo o luminoso  
Raio do sol, que lustra, quanto gira,  
Tremessem de terror na estancia escura,  
Tão alheia da luz formosa e pura.

E assim de cima Alcides, comprehendido  
De repente em a luz não esperada  
E no rochedo concavo, escondido,  
Dando gritos em fórma desusada,  
Com as lanças o fere embravecido,  
E as armas todas busca, sem que nada  
Deixa por intentar e por remate  
Com paus e grande pedras o combate.



Mas elle, que fugir á furia tanta  
Nem ao perigo resistir podia,  
Vomita ingente fumo da garganta,  
Cousa admiravel, quanto ser podia.  
Com cega escuridão envolve quanta  
Luz em aquella estancia entrado havia,  
Tirando a vista aos olhos e na escura  
Cova, envolve é o fogo treva pura.

Não pôde supportar o animo altivo  
De Alcides mais, e dando um grande salto,  
Pelo fogo se arroja, a d'onde o esquivo  
Fumo maior se via espesso e alto.  
Aqui a Caco nas trevas, que excessivo  
Fogo em vão vomitava, dando assalto  
Entre os braços o aperta e na mesma hora  
Afogando-o lhe lança os olhos fóra.

Abriu-se a escura casa de repente,  
Lançadas fóra as portas, e as furtadas  
Vaccas se mostram logo ao ceu patente  
E as rapinas e prezas abjuradas.  
O cadaver informe, quanto ingente  
Tiram fóra das lobregas moradas  
Pelos pés, e com um prazer incrível  
Não se fartam de ver o monstro horrivel.

Dos olhos os admira a gran fereza,  
O rosto tão medonho e carregado,  
Dos cabellos dos peitos a torpeza  
E o fogo já nas fauces apagado.

<sup>6</sup> Não foi punido como os outros centauros, que estão no circulo dos violentos.

<sup>7</sup> Posto que Hercules enfurecido desfechasse cem golpes de clava, Caco já ao decimo estava morto.

<sup>8</sup> Agnello Brunelleschi, Buoso degli Abati e Puccio Sciancato.

<sup>9</sup> Cianfa, fidalgo florentino. Havia-se apartado dos companheiros por se ter transformado na serpente de seis pés, que pouco depois acommetteu os já mencionados Agnello, Buoso e Puccio. Estes quatro e Francisco Guercio Cavalcanti, *il nero serpentello*, são os cinco florentinos, a quem se refere no principio do canto XXVI.

<sup>10</sup> Ariosto, *Orl. Fur.* c. VII, est. 29:

*Non così streitamente e dera preme  
Pianta ove intorno abbarbicata s'abbia.*

<sup>11</sup> Ariosto, *Orl. Fur.* c. XVIII, est. 36:

*V'a con più fretta, che non va il ramarro.  
Quando il ciel arde, a travessar la via.*

<sup>12</sup> O lamentavel fim de Sabello e Nassidio foi assim descripto por Lucano, *Phars.* c. IX:

*Miserique in crure Sabeli:  
Seps stetit exiguus, quem flexo dente tenacem  
Avulsitque manu, piloque adfixit arenis  
Parva modo serpens; sed qua non ulla cruentæ*



Tantum mortis habet; nam plagæ proxima circum  
 Fugit rapta cutis, pallentraque ossa vetexit  
 Jamque sinu laxo nudum est sine corpore vulnus.  
 Membra natant sanie; suræ fluxere; sine ullo  
 Tegmine poples erat; femorum quoque musculus omnis  
 Liquitur, et nigra destillant inguina tabe  
 Dissiluit stringens uterum membrana, fluuntque  
 Viscera; nec, quantum toto de corpore debet,  
 Effluit in terras; sævum sed membra venenum  
 Decoquit; in minimum mox contrahit omnia virus  
 Vincula nervorum, et laterum textura, cavumque  
 Pectus, et abstrusum fibræ vitalibus; omne  
 Quidquid homo est, aperit pestis; natura profana  
 Morte patet; manant humeri, fortesque lacerti;  
 Colla, caput fluunt. Calido no ocius Austro  
 Nix resoluta cadit, nec solem cera sequetur.  
 Parvo loquor; corpus sane stilasse peristum;  
 Hoc et flamma potest; sed quis rogos abstulit ossa?  
 Hæc quoque discedunt, putresque sequuntur medullas  
 Nulla manere sinunt rapidi ventigia fati.  
 Cinyphias inter pestes tibi palma nocendi est;  
 Eripiunt omnes animam, tu sola cadaver.  
 « Ecce subit facies lecto diverso fluenti.  
 Nasidium Marsi cultorem torridus agri  
 Percussit Presler. Illi rubor igneus ora  
 Succendit, tentitque cutem, pereunte figura.  
 Miscens cuncta tumor toto jam corpore major:  
 Humanumque egressa modum super omnia membra  
 Efflatur sanies, late tollente veneno;  
 Ipse latet penitus congesto corpore mersus;  
 Nec lorica tenet distent corporis auctum.  
 Spumeus accenso non sic exsudat atheno  
 Undarum cumulus; nec tantos carbasa Coro  
 Curvavere sinus Tunidus jam non carpit artus  
 Informis globus, et confuso pondere truncus.  
 Intactum volucrum rostris, epulasque daturum  
 Haud impune feris, non ausi tradere busto,  
 Nondum stante modo, crescens fugere cadaver.

<sup>13</sup> Cadmo.—Ovidio, *Met.* lib. IV:

Longisque erroribus actus  
 Contigit illyricos profuga cum conjuge fines.  
 Jamque malis annisque graves dum prima retractant  
 Fata domus releguntque suos sermone labores  
 Dixit; et ut serpens in longam tenditur alvum  
 Durantæque cuti squamas increescere sentit.  
 Nigraque cæruleis variari corpora guttis;  
 In pectusque cadit broncus, commissaque in unum  
 Paulatim tereti sinuantur acmine crura:  
 Brachia jam restant. Quæ restant brachia tendit,  
 Et lacrimis per adhuc humana fluentibus ora,  
 Accede, ô conjux, accede, miserrima dixit.  
 Nunquid aliquid superest deme, me tange, manumque  
 Ille quidem, vult plura loqui, sed lingua repente  
 In partes est fissa duas, nec verba volenti  
 Sufficiunt, quotiesque aliquos parat edere questus,



*Sibilat, hanc illi vocem natura reliquit.  
 Nuda manu feriens exclamat pectora conjux:  
 Cadme, mane, teque his, infelix, exue monstros.  
 Cadme, quid hoc? ubi pes? ubi sunt humerique manusque  
 Et color et facies, et, dum loquor, omnia? Cur non  
 Me quoque, cæleste, in eandem vertilis anguem?  
 Quisquis adest (adærant comites) terretur. At illa  
 Lubrica permulcet cristati colla draconis:  
 Et subito duo sunt, junctoque volumine serpunt,  
 Donec in appositi nemoris subiere latebras.  
 Nunc quoque nec fugiunt hominem, nec vulnere cadunt;  
 Quidque prius fuerint, placidi meminere dracones.*

Tradução de A. F. de Castilho:

Depois de largos  
 Terrenos vaguear parou na Illyria  
 Co'a profuga consorte. Alli, gravados  
 Da desgraça e da idade, a estrella adversa  
 Memorando dos seus e percorrendo  
 Nos curtidos trabalhos, Cadmo exclama...  
 Disse, e como serpente eis que se alonga;  
 Eis na cutis nascer vê dura escama,  
 Ceruleas nodos variando-lhe o corpo.  
 Na terra cai de peitos; manso e manso  
 Os membros se confundem, que o sustinham  
 E em bolçoza cauda se afeiçoam.  
 Restam-lhe braços; braços, que lhe restam,  
 Estende o malhadado, e diz, banhando  
 De lagrimas a face humana ainda:  
 Vem, doce, vem, miserrima consorte.  
 Em quanto ainda em mim de mim vês partes,  
 Em quanto não sou todo enorme serpe;  
 A mão, em quanto é mão, recebe, aberta.  
 Queria proseguir, mas de improviso  
 A lingua se lhe fende; eil-o com duas.  
 Fallecem-lhe as palavras; quantas vezes  
 Se intenta deplorar, tantas sibila;  
 Só lhe deixa esta voz a natureza.  
 Co'a mão ferindo o peito, a esposa clama:  
 Cadmo! espera! infeliz, despe esse monstro!  
 Que é isto? que é dos hombros? que é dos braços?  
 As mãos, os pés e a côr e o rosto e tudo?  
 Por que, poder do ceu, por que, destiuos,  
 Me não mudais também na fôrma horrenda?  
 Diz; elle da consorte as faces lambe,  
 E o, que ainda conhece, amado peito:  
 O collo, que lhe foi, que lhe é tão caro  
 Cinge com mimo e, como pôde, abraça.  
 Com tal vêr os da régia comitiva  
 Atterrados estão; mas brandamente,  
 Suas cristadas collas meneando  
 Os lubricos dragões vão afagal-os,  
 Que subito são dois; e serpeando  
 Ambos a par em revolueis giros  
 Se escondem pela proxima floresta.



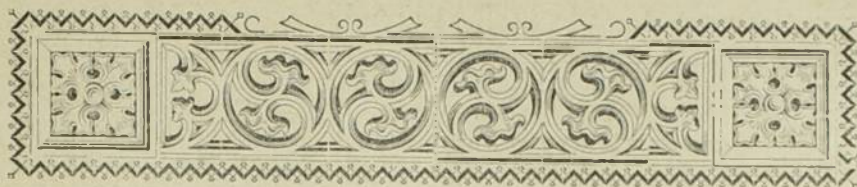
Dos homens todavia inda não fogem,  
 Não têm dente mordaz, não têm veneno,  
 Não fazem dano algum; do que já foram  
 Os benignos dragões inda se lembram.

<sup>14</sup> Arethusa — Ovidio, *Met.* lib. V :

*Exigit, alma Ceres, nata secura recepta,  
 Quæ tibi causa fugæ, cur sis, Arethusa, sacer fons.  
 Conticuere undæ; quarum dea surtulit alto  
 Fonte caput, viridesque madu siccata capillos,  
 Pars ego nympharum, quæ sunt in Achaide—dixit—  
 Una fui nec me studiosius altera saltus  
 Legit nec posuit studiosus altera casses.  
 Lassa revertabar, memini, stymphalide silva :  
 Æstus erat, magnumque labor geminaverat æstum.  
 Invenio sine vertice aquas, sine murmure euntes  
 Perspicuas ad humum, per quas numerabilis alte  
 Caculus omnis erat quas tu vix ire putares.  
 Cana salicta dabant nutritaque populos unda  
 Sponte sua natas ripis declivibus umbras,  
 Accessi primumque pedis vestigia tinxi  
 Exin mergor aquis, quas dum ferioque trahoque  
 Mille modis labeus, excussaque brachia jacto,  
 Nescio quod medio sensi sub gurgite murmur,  
 Territaque insisto properis margine ripæ.  
 Quo properas, Arethusa—suis Alpheus ab undis  
 Quo properas?—iterum rauco mihi dixerat ore  
 Sicut, eram fugio...  
 Sol erat a tergo: vidi præcedere longam  
 Ante pedes umbram (nisi si timor illa videbat),  
 Sed certe sonistueque pedum terrabel, et ingens  
 Crinales villas afflabat anhelitus oris.  
 Fessa labore fugæ—Fer opem, deprehendimur—inquam  
 Armigeræ Dictynna, tuæ cui sæpe dedisti  
 Ferre tuos arcus inclusa tella pharetra  
 Mota dea est, spissisque ferens et nubibus unam  
 Me super iniecit. Lustrat caligine tecla  
 Amnis et ignarus circum cava nubila quærit,  
 Bisque locum, quo me dea texerat inscuis ambul,  
 Et bis—Io Arethusa! io Arethusa!—vocavit...  
 Non tamen abscedit; neque enim vestigia cernit  
 Longius ulla pedum, servat nubemque locumque.  
 Occupat obsessos sudor mihi frigidus artus  
 Cæruleæque cadunt toto de corpore guttæ;  
 Quaque pedem movi, manat lacus, eque capillis  
 Ros cadit, et citius quam dunc tibi facto renarro  
 In latices muto. Sed enim cognoscit amatas  
 Amnis aquas, positoque viri quod sumpserat ore  
 Vertitur in proprias, ut se mihi miscet undas.  
 Delia rupit humum cæcisque ego mersa cavernis  
 Advehor Ortygiam, quæ me cognomine divæ  
 Grata meæ superas eduxit prima sub auras.*

<sup>15</sup> Francisco Guercio Cavalcanti foi morto em Gaville, logar do valle do Arno. Em vingança, os Cavalcantis assassinaram muitos dos seus habitantes.





## CANTO XXVI

1. **F**OLGA, ó Florença ! A fama tens tão grande,  
Que azas bates por terra e mar, vaidosa !  
Até no inferno o nome teu se expande !
2. Entre os ladrões, ó cousa vergonhosa !  
Principaes cinco <sup>1</sup> achei, que em ti nasceram :  
Serás por honra tal, vangloriosa ?
3. Se os véros sonhos por manhan se geram <sup>2</sup>,  
Em breve hasde sentir o que os de Prato, <sup>3</sup>  
Quanto mais outros, por teu damno esperam.
4. Presto que venha, será tardo o facto ;  
Se o mal tem de ferir, fira apressado :  
Mais velho me hade ser mais grave e ingrato.
5. Partimos: do rochedo alcantilado  
Os degraus, em que havíamos descido,  
Sóbe o Mestre e por elle eu fui levado.
6. Em nosso ermo caminho e desabrido  
Proseguimos por entre agras fraguras, '  
Pelas mãos sendo o pé favorecido.
7. Inda n'alma exacerbam-se amarguras,  
Do que hei visto lembranças avivando ;  
E, quanto posso, o coração nas puras



8. Veredas da virtude vou guiando,  
Porque o bem, por bom astros ou Deus doado,  
Eu proprio não converta em mal nefando
9. O rustico, no outeiro reclinado.  
Na estação, em que o sol o mundo aclara,  
Mais lhe mostrando o seu semblante amado,
10. Já quando a mosca o successor depara <sup>1</sup>,  
Pyrilampos não vê tão numerosos  
No valle, onde vindima, ou ceifa ou ara,
11. Quando, no fosso oitavo, os temorosos  
Fogos, que avisto, des que, ao cimo alçado,  
Fito no fundo os olhos curiosos.
12. Como aquelle que de ursos foi vingado <sup>2</sup>,  
Quando voou de Elia <sup>3</sup> o carro ardente,  
Ao ceu por frisões igneos transportado,
13. Seguiu co'a vista o lume, que sómente  
Dos ares na extensão apparecia,  
Qual nuvem se elevando velozmente;
14. Assim n'aquelle abysmo se agitando  
As flammæ via; em cada qual estava  
Uma alma, em seus fulgores se occultando. \*
15. Para ver, lá da ponte, me inclinava:  
Se amparado da rocha eu não stivesse,  
Tombára ao fundo d'essa liante cava.
16. O Mestre, ao ver que a mente se embevece,  
« Em cada fogo »—diz-me—« um condemnado,  
Como em habito,envolto, arde e padece.»
17. « Sou te ouvindo »—tornei—« certificado  
Do que era, ha pouco, em mim simples suspeita.  
Pretendia inquerir, maravillhado,
18. Que significa o fogo, que endireita  
A nós e, se partindo, iguala a pyra,  
Para imigos irmãos outr'ora feita. <sup>4</sup> »

---

\* Conselheiros dolosos.



- 19.— « Estão lá dentro d'essa flamma dura  
Diomedes e Ulysses : <sup>8</sup> em castigo  
Socios são, como outr'ora hão sido em ira.
20. « Lá dentro geme o perfido inimigo,  
Inventor do cavallo, que foi porta,  
Por onde á Roma veio o inicio antigo ; <sup>9</sup>
- 21 « Chora-se a fraude, que Deidamia morta, <sup>10</sup>  
Ainda exproba a Achille, resentida ;  
Pelo Palladio <sup>11</sup> a pena se supporta. »
22. « Se á labareda, o' Mestre, é permittida  
A fala »—eu disse—« te supplico e rogo  
Com instancia, mil vezes repetida,
23. « Aguardar me concedas esse fogo,  
Que, bipartido para nós caminha.  
Vês meu anhelos: ah! dá-lhe o desafogo! »
24. « Merece toda a complacencia minha  
Teu rogo: eu de bom grado o attendo e aceito.  
Mas cal-te; que hasde ser contente azinha.
25. « Falar me deixa; sei qual teu conceito,  
Talvez que d'esses Gregos na alma esquiva  
Produza o teu dizer ingrato effeito. »
26. Propinqua estando a nós a flamma viva,  
E, azado ao Mestre, parecendo o ensejo,  
N'esta linguagem disse persuasiva:
27. « O' vós, que n'esse fogo eu juntos vejo,  
Se por serviços meus, quando vivia,  
Revelai de apraser-vos o desejo,
28. « Nos sonoros versos, que escrevia <sup>12</sup>  
Detende-vos: benevolo um nos diga  
Onde viu fenecer o extremo dia. »
29. A parte superior da flamma antiga  
A tremular começa murmurando,  
Como a que o vento lhe assoprando instiga.
30. E a um lado e a outro o cimo meneando,  
Como se lingua fôra, que falasse,  
Estas vozes profere, e diz-nos: «Quando

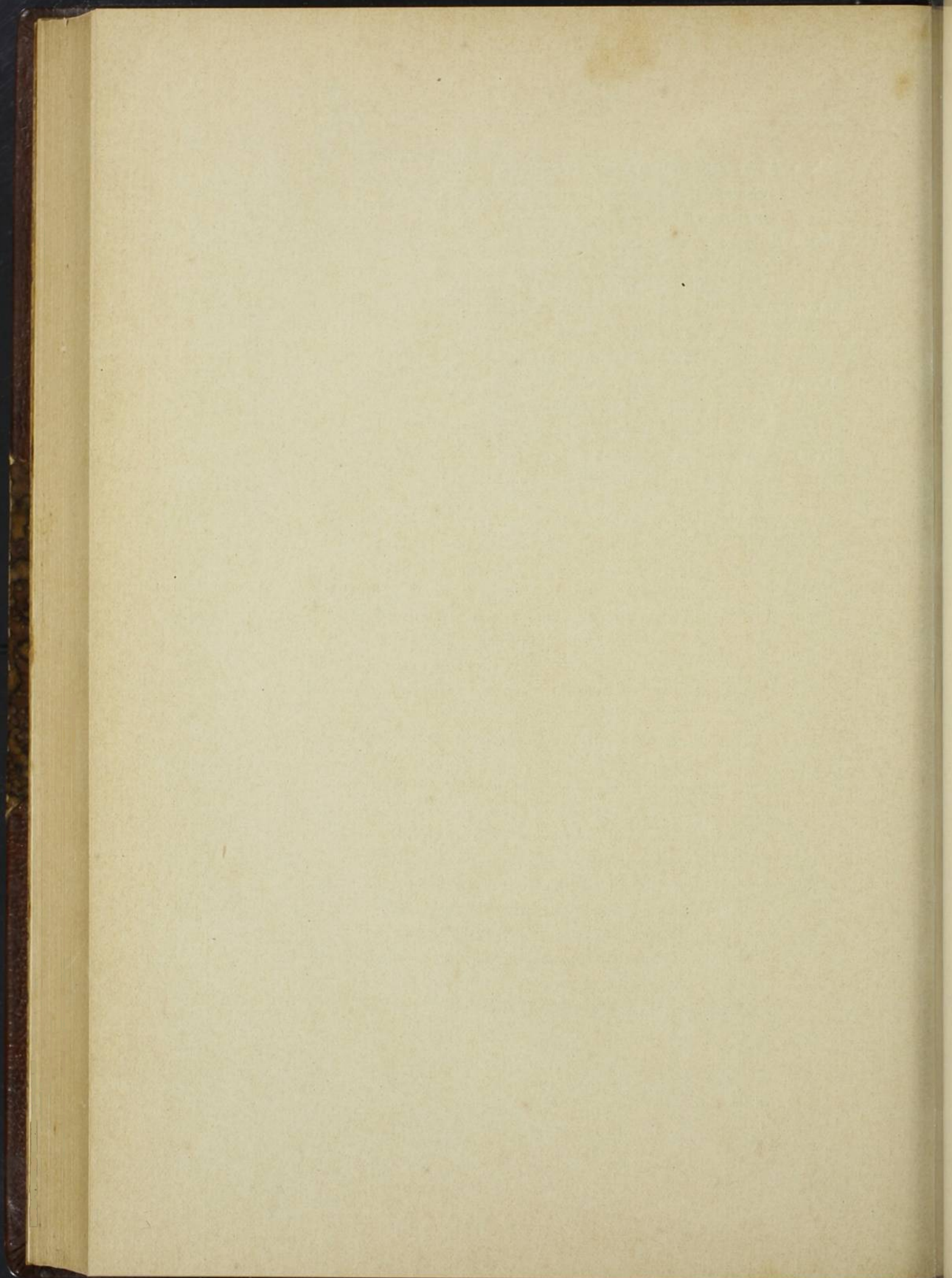


31. « De Circe a encantos me esquivei fugace.  
Em que um anno passei junto á Gaeta, <sup>13</sup>  
Antes que assim Enéas a chamasse,
32. « A saudade do filho, a mui dilecta  
Velhice de meu pae, da alta consorte  
Santo amor, em que ardia sempre inquieta. <sup>14</sup>
33. « Não dominaram esse anhelos forte  
Que me impulsava a ser do mundo experto,  
Das manhas das nações, da humana sorte. <sup>15</sup>
34. « Lancei-me ás vagas do alto mar aberto;  
Sobre um só lenho me seguiu companhia  
De poucos, mas de affouto peito e certo.
35. « As ondas perlustrando, hei visto a Hespanha,  
Marrocos, logo a insula dos Sardos  
E as outras que o ceruleo pego banha.
36. « Já da velhice nos sentindo tardos,  
Alfim chegamos ao famoso estreito, <sup>16</sup>  
Onde Alcides aos nautas poz resguardos,
37. « Que devem respeitar por seu proveito.  
Deixei Septa, <sup>17</sup> que jaz ao esquerdo lado,  
E Sevilha, que ao lado está direito.
38. « Perigos mil vencendo e avesso fado. »  
Lhes disse—« irmãos, chegastes ao Ponente !  
Da existencia este resto, já minguado,
39. « Razão não seja, que vos tolha a mente  
De, além do sol, tentar nobre aventura,  
E o mundo ver, que jaz orpham de gente.
40. « Da vossa raça reflecti na altura !  
Viver quaes brutos veda-o vossa origem !  
De gloria vos impelle ambição pura !
41. « Com tanto esforço os animos se erigem,  
Falar me ouvindo assim, que ir por diante,  
De enthusiasmo soffregos, exigem.
42. « Já, com pôpa ao Nascente flammejante,  
Azas os remos são na empreza ousada,  
E o lenho sempre á esquerda vóga avante.



43. « Já do outro pólo a noite levantada,  
Via os astros brilhar : o nosso, em tanto,  
Na planície immerge-se salgada :
44. « Cinco vezes a luz no ethereo manto  
A lua diffundira e após minguara,  
Depois que arrosto do oceano o espanto,
45. « Quando immensa montanha se depara :  
Envolta em cerração, longe apparece ;  
Na altiveza outra igual nunca avistara.
46. « O prazer nosso em pranto se esvaece :  
Da nova terra eis subito irrompendo  
Contra o lenho um tufão medonho cresce.
47. « Vezes trez em voragens o torcendo,  
A' quarta a pôpa levantou-lhe ao alto,  
E a prôa, ao querer de outrem, <sup>18</sup> foi descendo. »  
Cerrou-se o pego sobre nós de salto. <sup>19</sup>
-







## NOTAS AO CANTO XXVI



Na oitava cava os Poetas veem innumeraveis chammas. Virgílio mostra a Dante que cada uma contem um conselheiro fraudulento. Em uma, que se bi-partia, estavam Ulysses e Diomedes. Narra o primeiro o seu desastroso fim.

<sup>1</sup> Os mencionados no canto antecedente : Agnel Brunelleschi, Bouso degli Abati, Cianfa, Puccio Sciancato e Francisco Guercio Calvacanti.

<sup>2</sup> Surperstição poetica, de que vemos prova em Ovidio, *Heroides* :

*Namque sub Auroram, jam dormitante lucerna,  
Somnia quo cerni tempore vera solent.*

<sup>3</sup> Os infortunios prophetisados em 1300, epocha presupposta da viagem sobrenatural, succederam em 1304. Foram a ruina da ponte de Carraia e subse- quente mortandade, quando a multidão via d'alli um espectaculo, que se repre- sentava sobre o rio Arno, do inferno e seus tormentos: o incendio de mais de 1700 casas com as suas lojas, seus armazens e depozitos de mercadorias, a decima parte da cidade em extensão, a sexta do valor, voluntariamente ateado por Neri Abati, prior de San Pier Scheraggio : o saque de Florença pelos facinorosos, de que estava inçada ; e o encarnecimento da lucta em que se atassalhavam Negros e Brancos.

<sup>4</sup> O mosquito.

<sup>5</sup> O propheta Eliseu, enfurecido contra um bando de meninos, que o tinham apupado, não se contentou com amaldiçoal-os : cada vez mais acceso em ira, suscitou contra aquelles innocentes dois ursos, e quarenta e duas cri- anças foram dilaceradas pelas feras.

Reis, IV, cap. 2 : « E d'alli Eliseu veio para Bethel; e indo pelo caminho, uns meninos pequenos sahiram da cidade, e zombavam d'elle dizendo : Sóbe, calvo! sóbe, calvo! Eliseu, virando-se para elles, os viu e os amaldiçoou em nome do Senhor ; e sahiram dois ursos do bosque e despedaçaram d'elles qua- renta e dois meninos. »

<sup>6</sup> O carro de fogo, em que o propheta Elias foi arrebatado para o ceu em corpo e alma



Reis, IV, cap. 2:—«E, continuando o seu caminho e caminhando a conversar entre si, eis que um carro de fogo e uns cavallos de fogo os separaram um do outro; e Elias subiu ao ceu por meio de um roda moinho.»

<sup>7</sup> Eteocles e Polynice, filhos de Edipo e de Jocasta, eram inimigos tão encarnecidos, que, ainda depois de mortos, sendo os seus cadaveres postos na mesma fogueira, as labaredas, quando ateou-se a pyra, dividiram-se e as cinzas separaram-se.

Stacio, na *Thebaida*, lib. XII:

*Ecce iterum fratres: primos ut contigit artus  
Ignis edax, tremuere rogi, et novus advena bustis  
Pellitur; exundant diviso vertice flammæ  
Alternosque apices abrupta luce coruscant  
Pallidus Eumenidum veluti commiserit ignes  
Orcus, uterque minax globus, et conatur uterque  
Longius; ipse etiam commoto pondere paulum  
Secesseres trabes; conclamat territa virgo:  
«Occidimus functas que manu stimulavimus iras.  
Fratres erat; quis enim accessus ferus hospitis umbræ  
Pelleret? En clypei fragment, sinistraq; nosco  
ingula; fracter erat. Cernisne ut flamma recedat,  
Concurratque lamem? vivunt odiâ improba, vivunt,  
Nil actum bello: miseri, si dum arma muvetis,  
Vicit nempe Creon; nusquam jam regna: quis ardor?  
Cui furitis? sedatæ minas; tuque exsul ubique  
Semper inops æquî, jam cede; hoc nupta precatur,  
Hoc soror, aut sævos mediæ veniemus in ignes.»*

<sup>8</sup> Ulysses e Diomedes. Reis gregos, celebrizados pelos poemas de Homero, *Ilíada* e *Odysséa*.

<sup>9</sup> O cavallo de madeira, mediante o qual franquearam-se aos Gregos as portas de Troya, foi a causa da fuga de Enéas em demanda da Italia. De Enéas dizia-se descender o fundador de Roma.

<sup>10</sup> Vaticinaram os oráculos que Troya não seria rendida, se Achilles não a oppugnasse; mas accrescentaram que o heróe havia de perder a vida diante das muralhas da cidade de Priamo. Thetis, sua mãe, para evitar-lhe o perigo, disfarçou-o em trajos feminis e o conduziu para o palacio do Rei de Scyros, Lycomedes. De uma das filhas d'este, em cuja companhia estava, Deidamia, namorou-se Achilles. Do seu occulto consorcio procedeu Pyrrho ou Neoptolemo. Ulysses, deputado pelos Reis alliados para descobrir o filho de Peleu, apresentou-se nos paços de Scyros no character de mercador, offerecendo joias e outros adereços proprios de damas; mas de envolta estavam espadas e objectos ao uso de cavalleiros. Succedeu o que esperava o ardiloso Rei de Ithaca: Achilles deu preferencia ás armas, e assim denunciou o seu sexo e a sua qualidade. Ulysses leve-mente o moveu a partir para Troya, seduzindo-o com a gloria, que lhe fôra prophetizada; mas occultou-lhe a segunda parte do oraculo.

<sup>11</sup> Palladio, estatua de Minerva ou Pallas, que os Trojanos diziam ter cahido do ceu no templo consagrado áquella deusa no pinaculo da sua fortaleza, Era objecto de fervoroso culto e guardavam-a com extremoso desvelo e vigilancia, porque da sua conservação, como acreditavam, dependiam os destinos, de Troya: Ulysses e Diomedes conseguiram entrar na cidade e subindo ao Illioni roubaram a estatua no santuario de Pallas. Pouco depois Troya era entrada pelos Gregos. Mas na tradição romana, a verdadeira estatua foi salva por Enéas que a conduziu para a Italia. Passou a pertencer á Roma, e estava encerrada em logar sómente conhecido do *Pontifex maximus* e da grande Vestal.



<sup>12</sup> A Eneida.

<sup>13</sup> Gaeta.—Virg., *En.* lib. VII:

*Tu quoque litoribus nostris. Enwia, nutria.  
Æternam moriens famam, Cajeta, dedisti;  
Et nunc servat honos sedem tuum ossaque nomen  
Hesperia in magna (si qua est ea gloria) signant.*

<sup>14</sup> O filho era Telemaco, o pae Laestes, a consorte Penelope.

Tasso imitou na *Ger. Lib.* c. VII, est. 7:

*Nè timor di fatica ò de periglio,  
Mè vaghezza del regno, nè fittade  
Del vecchio genitor, sì degno affecto  
Intepidir nel generoso petto.*

E c. XV, est. 25:

*Risponde:—Ercole, poi che uccisi i mostri  
Ebbe di Libia e del paese ispano  
E tutti scorsi e vinti i lidi vostri  
Non osò di tentar l'allo oceano.  
Segnò le mete, e'n troppo brevi chiostri  
L'ardir ristrinsi del ingegno umano;  
Ma quei signi sprezzò ch'egli prescrisse  
Di veder vago e di sapere Ulisse.  
E passò le colonne, e per l'aperto  
Mare spiegò dè' remi il volo audace:  
Ma non giovogli esser nell' onde esposto,  
Perche inghiottillo l'occeano vorace;  
Egiacque col suo corpo anco coperto  
Il suo gran caso, ch'or tra voi sì tace.*

<sup>15</sup> Horacio, na *Epist.* 2.<sup>a</sup> do lib. I, diz assim de Ulysses:

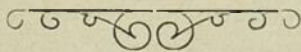
*Qui... multorum providus urbes...  
Et mores hominum inspexit, latumque per æquor,  
Dum sibi, dum sociis redire parat, aspera multa  
Pertulit.*

<sup>16</sup> O estreito de Gibraltar.

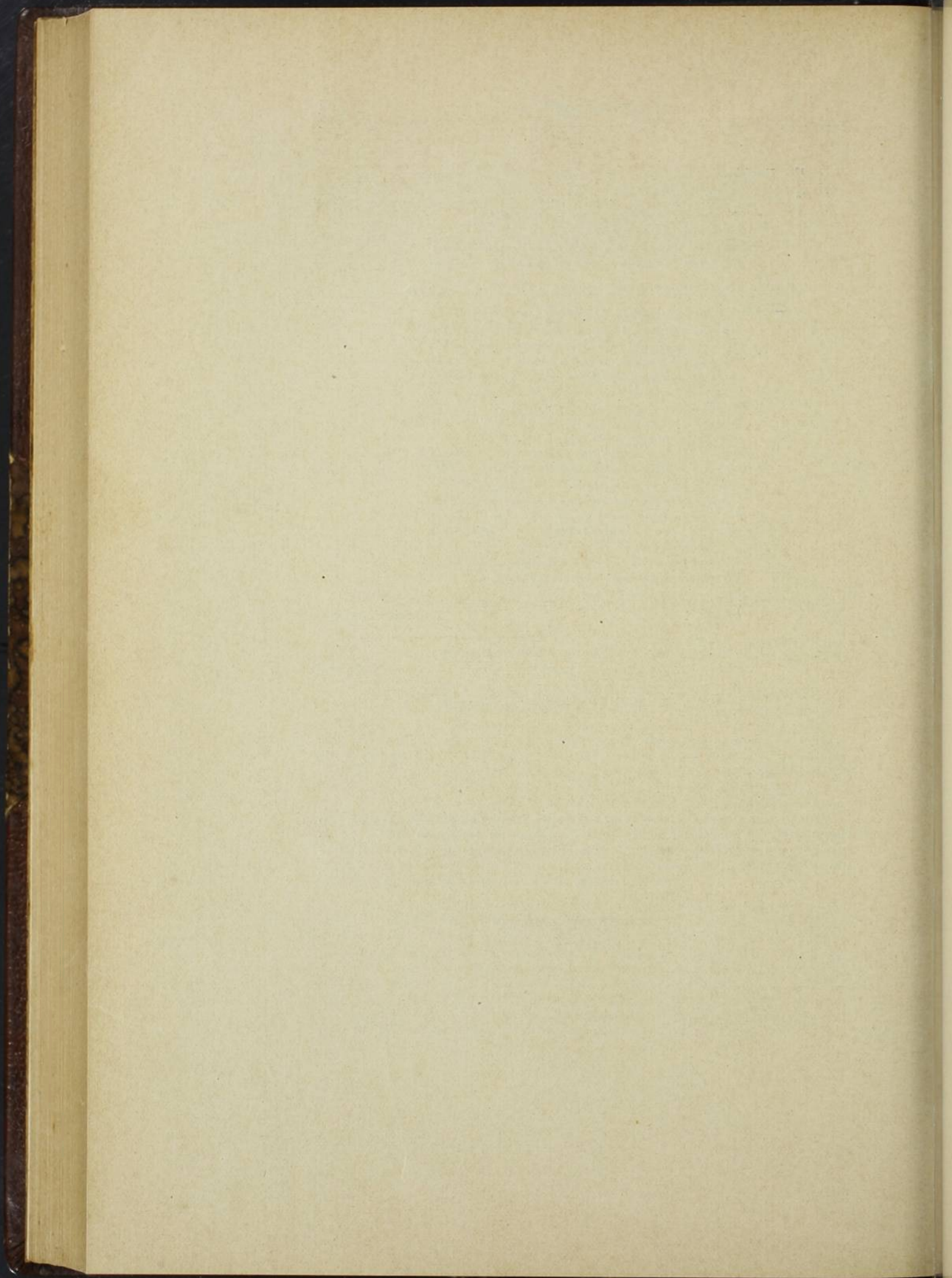
<sup>17</sup> Ceuta.

<sup>18</sup> Deus.

<sup>19</sup> Depois de ler a allocução de Ulysses aos seus compauheiros no ousado commettimento, quem não verá n'essa empreza um tentamen para o descobrimento do novo hemispherio? N'este episodio parece haver a revelação de um precursor de Christovam Colombo.











## CANTO XXVII

---

1. **A** FLAMMA já se erguia e estava quieta,  
Não mais falando, e já se retirava  
Com permissão do meu gentil Poeta.
2. Quando outra, que de perto caminhava,  
Pelos confusos sons, que desprendia.  
Olhar nos fez seu cimo, que oscillava.
3. Como o siculo touro, que mugia <sup>1</sup>  
A vez primeira, o pranto resoando  
Do inventor, que o seu premio recebia ;
4. Berrava pela voz do miserando,  
Na bronzea fôrma, em dôr tanto pungente,  
Que parecia vivo estar penando :
5. Assim se convertia o som plangente  
De flamma no rumor, lhe fallecendo  
Caminho, em que irrompesse promptamente.
6. Mais se exhalar pelo apice em podendo,  
Dar-lhe impulso por ter já conseguido  
D'esse mesquinho a lingua, se movendo,
7. «Tu, a quem me dirijo »—hemos ouvido—  
« Que, inda ha pouco, dizias em lombardo:  
Pódes ir, tens assaz já respondido.



8. « Posto em chegar um tanto eu fosse tardo,  
De ouvir-me não despraza-te a demora;  
Bem vês, me não despraz: em tanto eu ardo.
9. « Se a este abysmo tenebroso agora  
Tombas saudoso d'essa doce terra  
Latina, onde hei peccado tanto outr'ora,
10. « Se os Romanhões têm paz, dize-me, se guerra,  
Pois eu fui lá dos montes, entre Urbino  
E essa, origem do Tibre, altiva serra. »
11. Para escutar attento a fronte inclino.  
Eis, tocando-me a um lado, diz meu Guia :  
« Pódes ora falar, que este é Latino. »
12. Eu, que já prestes a resposta havia,  
Tornei ao peccador incontinente:  
« Alma, que o fogo assim véste e crucia,
13. « Tua Romanha em guerra permanente  
Sempre é no coração dos seus tyrannos:  
Porém nenhuma agora tem patente.
14. « Hoje é Ravenna o que era, ha longos annos,  
De Polenta a aguia forte alli se aninha ; <sup>2</sup>  
Com largas azas cóbre á Cervia os planos.
15. « A terra, que no tardo assedio tinha  
Pelo sangue francez sido inundada  
Sob verde leão, soffre mesquinha. <sup>3</sup>
16. « Dos Mastins de Verruchio a subjugada  
Gente os dentes crueis inda sentia:  
Morte a Montagna deram desapiedada. <sup>4</sup>
17. « Em Lamone, em Santerno inda regia <sup>5</sup>  
Do alvo ninho o leão, se convertendo  
De um p'ra outro partido cada dia.
18. « A cidade que o Savio <sup>6</sup> banha, sendo  
Entre o plaino e a montanha, em liberdade  
Ou vive ou sob o jugo vai soffrendo.
19. « Ora nos diz quem foste na verdade;  
Condescendentes sê, como hemos sido:  
No mundo haja o teu nome longa idade. »




20. O fogo rumoreja e commovido  
De um lado a outro a ponta aguda agita;  
Depois emite a voz n'este sentido:
21. « Se esta resposta minha fosse dita  
A quem do mundo á luz d'aqui voltasse,  
Quêda ficara a minha lingua afflicta.
22. « Mas como é certo que jamais tornasse  
Quem no inferno calhou, se não me engano,  
De falar não hei medo, que embarace.
23. « Homem de armas, depois fui Franciscano,  
Crendo pelo cordão ser emendado;  
Por crel-o certo, me esquivára ao damno,
24. « Se o Papa (todo o mal seja-lhe dado !)  
Não me volvesse á primitiva estrada.  
Como e porque te fique declarado.
25. « Enquanto a humana fórma era habitada  
Por mim, não provci ser leão por feitos,  
Mas raposa, por astucia abalizada.
26. « Estrategia subtil, ardis perfeitos  
Tantos sube, que os ambitos da terra  
Eram á fama de meu nome estreitos.
27. « Da existencia na quadra, em que muito erra  
Quem, de surgir no porto esperançado,  
Nem colhe os cabos nem as velas ferra,
28. « Odiei quanto houvera mais amado  
E humildei-me confesso e arrependido...  
E o perdão, ai de mim ! fôra alcançado...
29. « Dos novos Phariseus Principe infido<sup>7</sup>  
Em Latrão<sup>8</sup> guerra crúa declarara:  
Não contra Mouro, nem Judeu descrido,
30. « Contra christãos as iras ateara;  
Nenhum traidor contra Acre combatera  
Ou do Soldão na terra traficara.
31. « Sacras ordens em si não considera,  
Nem cargo excelso, em mim o da humildade  
Cordão, que os penitentes seus macera.

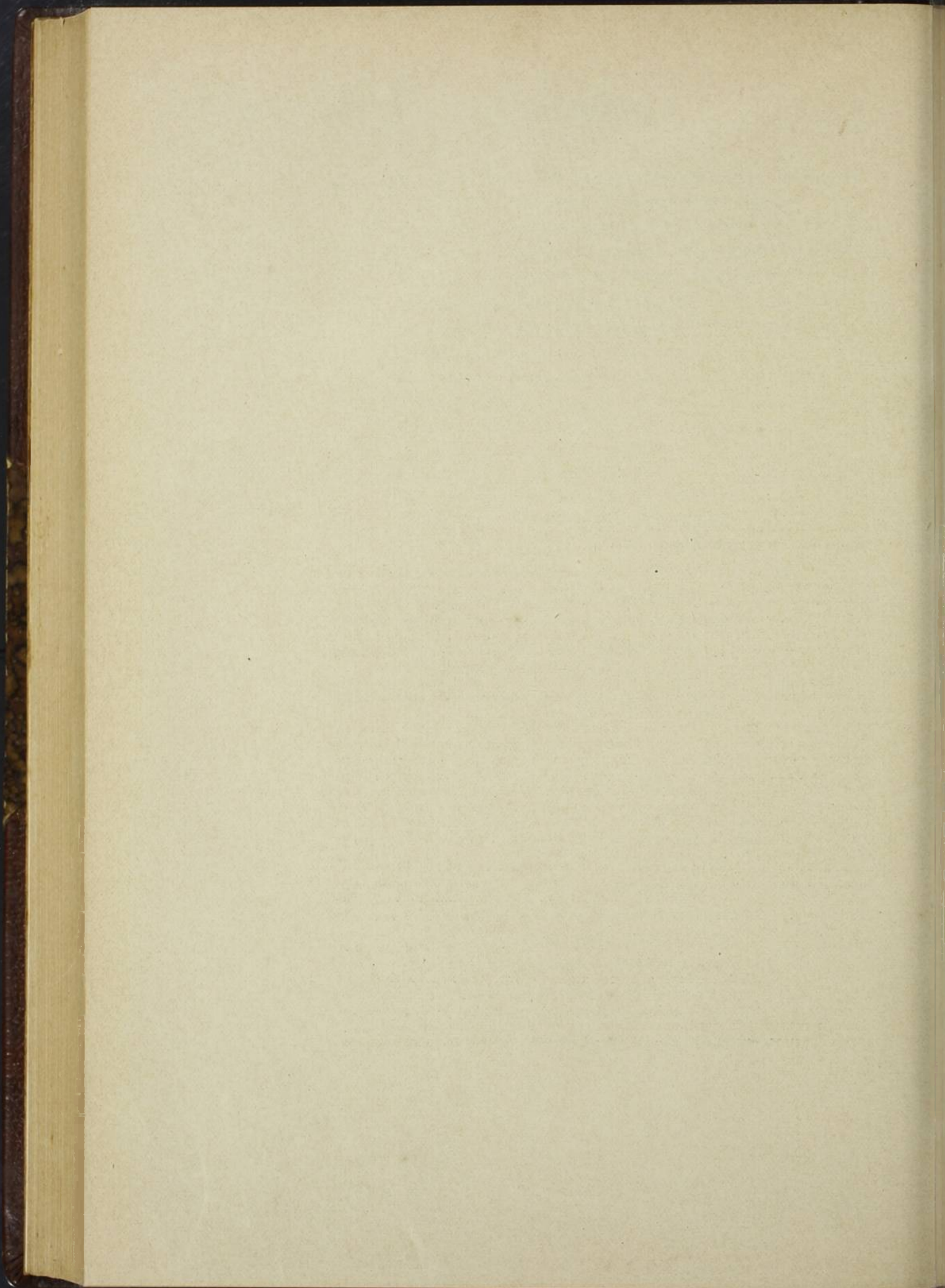


32. « Como foi de Siratti á soledade  
Constantino a Sylvestre pedir cura <sup>9</sup>  
Da lepra: assim tambem á enfermidade
33. « Do seu febril orgulho este procura  
Remedio em meu conselho. <sup>10</sup> Escriptuloso  
Calei-me: de ébrio vi n'elle a loucura.
34. « Fala—insistiu—não sejas temeroso !  
Absolto és desde já, se Palestrino  
A vencer me ensinares artiloso.
35. « Eu abro e fecho o ceu : poder divino  
As duas chaves têm, a que ha negado  
O meu antecessor prego condi'no. <sup>11</sup>
36. « Já d'estas razões graves abalado,  
Peior partido no silencio vendo,  
Lhe tornei :—Padre Santo, se o peccado,
37. « Em que ora vou cahir, stás-me absolvendo,  
Darás ao solio teu gloria e conforto  
Promettendo de mais, pouco fazendo.
38. « Francisco me acudiu, quando fui morto;  
Mas clamou anjo negro apressurado:  
—Não m'o tomes; que assim me causas torto!
39. « Logar foi-lhe entre os meus assignalado:  
Des que ha dado o conselho fementido,  
Ficou pelos cabellos agarrado.
40. « Perdão só tem quem geme arrependido;  
Peccado á penitencia não se amanha,  
Não póde aquelle andar á esta unido.
41. « Ai ! qual foi meu pavor, quando, com sanha  
Empolgando-me, disse :—Crêste acaso  
Que me falta de logico arte e manha ?
42. « A Minos me arrastou, que sem mais prazo,  
Da cauda em voltas oito o dorso enreda,  
Raivoso morde-a e diz :—E' n'este caso
43. « Que aos maus prisão se dá na labareda.  
Assim onde me vês, fiquei perdido,  
Vou chorando, em taes véstes, minha queda.»



44. Tendo, pois, d'esta sorte concluido,  
    Aquella flamma se partiu gemendo  
    E agitando o seu vortice estorcido.
45. Eu e Virgilio então, seguido havendo  
    Pelo rochedo, ao arco nós subimos,  
    Que o nono fosso cobre, onde soffrendo  
    Os que sizania semearam vimos.
- 







## NOTAS AO CANTO XXVII



Continúa n'este canto o castigo dos conselheiros fraudulentos. Em outra flamma apresenta-se Guido de Montefeltro, que declara a Dante a causa, porque foi condemnado áquelle tormento.

<sup>1</sup> Phalaris, Cretense de origem, tyranno de Agrigento na Sicilia, exerceu o poder por espaço de muitos annos, aos 566 antes de Jesus Christo. A fama das cruezas, que commettia, provocou o genio inventivo de Perillo (ou Perilau), estatuario atheniense, que desejando empregar-se no seu serviço e merecer a sua gratidão, fabricou e lhe offereceu um touro de bronze, destinado a servir de instrumento de supplicio. No seu interior devia ser encerrada a victima, passando por um postigo feito na ilharga ou no dorso da estatua; depois em roda ou por baixo se lhe accenderia fogo, em modo que o infeliz, atormentado, romperia em gritos, que imitaria os urros de touro. Phalaris galardoou o artista fazendo n'elle a experiencia primeira da sua feitura.

Luciano, o famoso escriptor grego do seculo II da era christã, em um dos seus engenhosos opusculos, finge Phalaris dirigindo-se aos habitantes de Delphos por intermedio de embaixadores em mensagem apologetica do seu procedimento, desde que tyrannicamente apossou-se da governação de Agrigento, que diz ser a sua patria. O ensejo para essa justificação foi-lhe offerecido pelo facto de dedicar esse touro de bronze a Apollo Pythico. Referiu então ás circumstancias em que veio ao seu poder essa obra de arte. Na sua exposição ha divergencia do que em geral se diz. Eis a parte da allocução referente a Perillo e a seu touro.

« Havia em Agrigento um certo Perilau, insigne escultor, mas consummado em perversidade. Desconhecendo de todo em todo os meus verdadeiros sentimentos, teve Perilau para si, que captaria a minha benevolencia inventando algum desusado tormento, como se eu me comprazesse em cruezas. E fabricando este touro, trouxe-o á minha presença. E' um primor, é uma maravilha de arte: ao animal fallece unicamente o movimento: se lhe fosse dado berrar, todos o teriam por vivo. Ao seu aspecto exclamei: — Eis uma offerenda digna de Apollo Pythico! Estatua é esta digna de lhe ser enviada! Então Perilau disse-me: — Quanto mais vos admirareis, quando souberdes qual é a sua compostura interior e a applicação, que se lhe póde dar! E abrindo-o pelo dorso, accrescentou: — Quando quizerdes castigar alguém, mandai introduzi-lo n'esta machina, encerrai-o, ageitai estas flautas ás ventas do touro e ordenai



que por baixo se lhe accenda fogo. Não tardará que o condemnado rompa em gritos e gemidos, causados por dores incomparáveis; mas a sua voz transmitida pelas flautas, formará melodiosos sons, suspirando melancolicos e lugubres accents, que vos encherá de enlevo, enquanto se prolongar a sua tortura.

« Mal acabara, tomei-me de indizível abominação contra o crudelissimo invento, e no assomo da minha indignação determinei infligir o tormento por elle forjado. Tornei-lhe:— Fico sciente do que me dizeis, Perilau; mas para certificar-me de que me não quereis enganar, deveis mostrar-me o effeito real da vossa arte. Entrai no touro, imitai os brados de um homem atormentado: então verificaremos se essas flautas produzem a melodia, que dizeis. Obedeceu Perilau. Logo que entrou, fechei-o, e mandei accender por baixo uma fogueira. Recebe -- disse-lhe então -- o galardão do teu maravilhoso invento, e sê assim o primeiro executor da musica, que compozeste, D'esta arte obteve a merecida pena pelo producto da sua cruel pericia. Ordenei, porém, que o tirassem da machina, enquanto ainda respirava, para não conspurcar a estatua com a sua morte: e ao mesmo passo mandei precipital-o de um penhasco e deixal-o insepulto. Purifiquei depois o touro, e vol-o remetto para ser consagrado ao deus: na estatua vereis insculpida esta historia com o meu nome como doador, o de Perillau, e bem assim com todas as circumstancias explicativas. »

<sup>2</sup> Refere-se o Poeta a Guido Novello de Polenta, cujo solar tinha por brazão uma aguia branca em campo azul. Polenta é um castello visinho a Brittonoro. Cervia, cidade maritima, demora á quinze milhas de Ravenna ao sul. Guido, denominado Novello ou Moço, era neto d'esse outro Guido, chamado o Velho, um dos chefes guelfos na Romanha em 1249, que casou sua filha Francesca (v. o c. V e a nota respectiva) em 1275 com Giancesotto o (Malatesta). Muitos escriptores fazem do avô e do neto uma só e mesma pessoa. Se o pae de Francesca vivesse ao tempo em que Dante falleceu (1321), teria então mais de cem annos. « Diz Boccacio—observou Fraticelli—que esse fidalgo acompanhara solemnemente o feretro de Dante até á sepultura, e por essa occasião proferira o seu elogio funebre: é provavel que tudo isso fizesse homem, que houvesse atravessado os vinte lustros? Em summa, o pae de Francesca foi avô do ultimo protector de Alighieri. »

<sup>3</sup> Forli, cujos moradores, obdecendo ás determinações de Guido Montefeltro, que então a governava, conseguiram não só resistir aos francezes, de que se compunha a maioria do exercito enviado contra elles pelo Papa Martinho IV e que os cercava em 1282, senão tambem derrotal-os com grande perda. O leão verde designa Sinibaldo Ordelaffi, em cujo escudo estava representado.

<sup>4</sup> Os Mastins de Verruchio são Malatesta Malatesttino, pae e filho, senhores de Rimini, assim appellidados por causa de sua indole sanguinaria e feroz. Suppõe-se que Malatesttino foi o Giancesotto, marido de Francesca. Uma das victimas d'esses tyrannos foi Montagua, por elles assassinado. N'aquelle territorio era o chefe dos gibelinos.

<sup>5</sup> Faenza demora á margem do Lamone. Imola está proximo a Santerno. Dominava n'estas duas cidades Mainardo Pagano, por alcunha o Demonio, cujas armas eram um leão azul em campo branco.

<sup>6</sup> Cesena jaz á margem do rio Savio, mas collocado em modo, que fica entre a planicie e a montanha; por isso diz o Poeta que vivia entre a liberdade e a tyrannia.

<sup>7</sup> O principe dos novos phariseus—o Papa Bonifacio VIII.

O condemnado, que fala, é Guido, conde de Montefeltro, do solar antiquissimo dos Montefeltros, que teve mando e dominio em Pisa, Urbino e muitas outras cidades italianas. Pertenceu ao partido gibelino e assignalou-se por seu



esforço e tactica nas batalhas e por sua sagacidade nos conselhos. Adiantado em annos, vestiu o habito de S. Francisco por penitencia e falleceu no convento de Assiz.

O discurso, que Dante attribue a Guido de Montefeltro, foi traduzido em francez por Voltaire, em modo que, disse um critico italiano « não podia aquelle insigne engenho demonstrar mais cabalmente quanto ignorava o nosso poetico idioma. » Essa versão é consoante ao trecho do *Dictionnaire philosophique*, em que o patriarcha de Ferney deu mais uma vez cópia da leviandade, que caracterizou as suas opiniões acerca de alguns abalizados escriptores, lustro e primor das letras antigas e modernas. Aos leitores talvez não desagrade ver a sentença, que aquelle juiz parcial e precipitado lavrou contra o immortal Poeta e a sua comedia divina. Eil-a sem commentarios:

« Quereis saber quem é Dante ? De divino o qualificaram os Italianos ; mas é divindade desfarçada ; poucos cahem no entendimento dos seus oraculos ; teve muitos commentadores, motivo para mais difficultar o seu conhecimento. Como ninguem o lê, vai crescendo cada dia a sua fama. Uma duzia de trechos seus tem sido decorados : com isto dão-se os curiosos por satisfeitos, excusam o exame de tudo mais.

« Dizem que o tal Dante divino padeceu revezes da fortuna : não vos pareça que fosse divino para os seus contemporaneos, nem propheta na sua terra. Foi prior, é certo, não prior de frades, prior de Florença, o que quer dizer—senador.

« Affirmam os seus patricios, que nasceu em 1260. Bayle, que escrevia em Rotterdam *currente calamo* para o seu livreiro cerca de quatro seculos feitos depois de Dante, attribue ao seu nascimento a data de 1265. Por esse engano de cinco annos não fico-lhe querendo mal ; pois o essencial é acertar no tocante ao bom gosto e aos raciocinios. (O engano é de Voltaire).

« Era o alvorecer da arte da patria de Dante. Florença, á imitação de Athenas, transbordava de engenho, agudeza, leviandade, inconstancia e facções. A facção dos Brancos predominava : o nome lhe veio em commemoração da signora Bianca. A parcialidade adversa appellidou-se partido dos Negros para mais se differenciar dos Brancos. Mas os florentinos se não contentavam com dois partidos : tinham mais os Gueifos e Gibelinos. *Gibelinos* eram os Brancos na sua maioria, isto é, partidarios dos Imperadores. Os Negros, que preferiam os papas, diziam-se *Guelfos*.

« Essas varias facções enthusiasmava-se pela liberdade e faziam quanto em si cabia para opprimil-a. O Papa Bonifacio VIII quiz servir-se de dissensões taes para dar cabo do poder imperial na Italia, e proclamou seu vigario na Toscana Carlos de Valois, irmão do Rei de França, Philippe o Bello. O vigario apresentou-se bem petrechado de armas, lançou de Florença *Brancos e Gibelinos* e mereceu o odio dos *Negros e Guelfos*. Com os seus fóros de Branco e Gibelino, Dante foi um dos primeiros desterrados ; de mais a mais arrazaram-lhe a casa. Já quanto basta para significar a affeição, que havia de guardár á casa da França e aos Papas. Ha, porém, quem diga que partiu para Paris e que por desenfado arvorou-se em theologo e descutia com valentia nas escolas. Dizem mais que o Imperador Henrique VII nada fez por elle, posto fosse Gibelino exagerado. Foi á côrte de Frederico de Aragão, Rei da Sicilia, e de lá tornou tão pobre como fóra. Ficou reduzido ao Marquez de Malaspina e ao Gran-Ran de Verona, mas nem marquez, nem Gran-Ran lhe deram a esperada desforra. Morreu na indigencia em Ravenna, aos 56 annos de idade. Nas suas peregrinações compoz a comedia do *inferno, purgatorio e paraíso* : á essa moxinifada houve quem quizesse dar os fóros de bellissimo poema epico.

« Começa encontrando-se á entrada do inferno com um leão e com uma loba. De improviso surge Virgilio, que vem animal-o, e diz-lhe que é Lombardo, tal qual se Homero se gabasse de ser turco. Virgilio se offerece para fazer a Dante as honras do inferno e purgatorio, guiando-o até á porta de S. Pedro ; mas desde logo lhe declara que não poderá entrar com elle.



« No entanto, Caronte lhe dá passagem na sua barca. Conta-lhe Virgílio que um pouco depois da sua descida ao inferno, viera uma entidade poderosa e remira as almas de Abel, Noé, Abraham, Moysés e David. De viagem, deparam-se-lhes no inferno moradas bem amenas, n'uma das quaes acham-se Homero, Horacio, Ovidio e Lucano; n'outra estão Electra, Heitor, Enéas, Lucrecia, Bruto e o Turco Saladino; na terceira Socrates, Platão, Hippocrates e o Arahe Averrões.

« Até que afinal appareceu-lhe o verdadeiro inferno, onde Plutão julga os peccadores, entre os quaes o viajante distingue varios cardeaes, papas e florentinos em grande somma. Tudo isto será por ventura no estylo comico? Não. No heroico? Também não. Pois então em que gosto foi feito o tal poema? No gosto extravagante.

« Mas ahi se leem versos tão felizes, tão espontaneos, que apesar dos seus quatrocentos annos, ainda não ficaram velhos e nunca ficarão. Também um poema, que leva Papas para o inferno. É para aguçar a curiosidade; e os commentadores apuram todas as forças do engenho para affirmar ao certo quaes foram os condemnados por Daute e assim não se enganarem em assumptos de tanta graveza.

« Fundou-se uma cadeira para leitura e explicação d'esse auctor classico. E como o consentiu a Inquisição? A isto respondo: que na Italia a Inquisição é de boa avença; bem sabe que pilherias em versos não fazem mal, como se verifica por um trecho do canto 23º, que vou trasladar livremente. É a historia de um condemnado amigo intimo do auctor. »

8 O Papa Bonifacio VIII viveu em desavença com os Colonnas, cujos paços demoravam na vizinhança de S. João de Latrão. Segundo diz o Poeta, aquelle Summo Pontifice, n'essa occasião soccorreu-se á experiencia de Guido de Montefeltro, procurando-o no retiro a que se acolhera, como o imperador Constantino (diz a lenda) procurara o Papa Silvestre, quando vivia n'uma gruta do monte Serratti, na esperanza de Impar-se por sua intervenção da lepra, que o devorava. Por conselho do guerreiro converso, conseguiu Bonifacio, mediante avantajadas promessas que os Colonnas, expulsos de Roma e escorchados de todos os seus bens e dominios, entregassem Palestrino, castello fortificado, que ainda lhe restava na campanha de Roma, e que o Papa até então não conseguira entrar á escala vista. Mas com flagrante violação da fé jurada, Palestrino foi arrazado, e o cabeça da Igreja catholica houve-se com os christãos innocentes, como se foram os traidores que entregaram S. João de Acre aos Serracenos, ou aquelles que se lançaram com estes para oppugnar a ou os que vendiam bastimentos e armas ao Saldão para guerrear christãos.

Na *Hist. de Florença* diz o Sr. Perrens:

« O soberbo e desdenhoso Bonifacio VIII fazia quanto aprazia aos florentinos. Em 1299, requisitava a coadjuvação da liga toscana contra os Colonnas, seus inimigos pessoaes, a dois dos quaes despojados da dignidade cardinalicia, não obstante haverem contribuido para a sua eleição com os seus votos, que astuciosamente obtivera. Contra elles fôra pregar impia cruzada um Legado especialmente nomeado em 26 de Junho de 1297, Matteo de Aquasparta, Arcebispo de Prato, Geral dos Franciscanos, que Nicolau IV alcançara o chapéu de cardeal e estivera na côrte de Rodolpho, Rei dos Romanos, em embaixada, conjunctamente com o proprio Bonifacio, então Benedetto Gaetani. Esse prelado, não contente com a simples predica, pedia, em cumprimento das suas terminantes instrucções, a intervenção da mão armada por espaço de dois mezes, cuja prorogação por mais tres mezes ao diante exigiu. Eram amiudadas e attendidas requisições taes, reiteravam-se as remessas de gente e dinheiro. Florença dava 166 de cavallo, Siena 124, Lucca 114, Pistoia 47, Città di Castello 20, Volterra 18, Prato 15, San Geminiano 7, Colle 5, Poggibonzi 4. Não se menciona Pisa, porque o Papa tinha alli mando e dominio no seu caracter de *podesdã*. Essa guerra, impropria de christãos, provocava zelo politico nos governantes. »



sentimentos de devoção nos particulares. Neri Donati, que tomara a cruz para socorrer a Igreja romana contra os Colonnas, deixava em testamento 18 libras para fardar e armar um peão. Giovanna, filha de Bonnacursi dei Velluto, contribuía com 30 libras e enviava um soldado á sua custa « contra os perfidos Colonnas e quantos rebellavam-se contra a Santa Igreja e o soberano pontifice ». Assim ajudado, Bonifacio tomou aos seus inimigos Palestrino e todos os seus castellos da campanha romana. Promettendo muito para cumprir pouco — como lhe aconselhara Guido de Montefeltro, que Bonifacio mandara sahir do convento, onde o guerreiro, alquebrado pela idade, vestira o burel franciscano, o Papa levou os Colonnas ao extremo de se expatriarem e acolherem á protecção de Philippe o Bello, Rei da França. »

<sup>9</sup> Dante, cap. 10 do lib. III de *Monarchia* diz:

« *Dicunt quidam adhuc, quod Constantinus imperator, mundatus à lepra intercessione Silvestris, tunc summi pontificis, imperii sedem, scilicet Romam, donavit Ecclesie cum multis aliis imperii dignitatibus.* »

<sup>10</sup> Fraticelli, na *Dissertação sobre o Convito*, examina a questão—se Dante foi contradictorio, depois de ter elogiado Guido de Montefeltro no *Convito*, o collocou no *Inferno*, punido como fraudulento. Eis o que disse o erudito escriptor :

« Cumpre attender cuidadosamente ás datas e estudar as causas especiaes que moviam o poeta a louvar ou vituperar, para que, por nimia generalisação, se lhe não attribuiam sentenças erroneas Guido de Montefeltro, que no *Inferno* vemos entre os fraudulentos, fôra pelo divino Poeta louvado e exaltado no *Convito*. Como se deve explicar semelhante contradicção? O douto Mazzoni, benemerito de Dante, entendeu que Dante elogiara Guido de Montefeltro sob o aspecto de bom soldado e bom cavalheiro, pois no *Convito* falou como philosopho moralista, mas que falando no poema, como theologo, de necessidade tinha de apresental-o penando pelas fraudes que commettera. D'este parecer foram os commentadores na generalidade. Mas, á verdadeira luz examinadas as causas do louvor e vituperio, a outra conclusão seremos levados.

« Guido de Montefeltro, sagaz e esforçado guerreiro, tendo passado a, mór parte da sua vida no tumultuar das pelejas e partidos, entrado já na velhice, entregou-se a idéas de penitencia e humildade, e entre os frades menores sujeitou em 1296 os seus setenta e quatro annos ao habito e ao cordão de S. Francisco. Passados alguns mezes, Bonifacio VIII chamou a sua presença o religioso, que por longos annos de carreira civil e militar alcançara fama de extrema astucia, e pediu-lhe aconselhasse a melhor traça para tomar aos Colonnas Preneste ou Palestrino. Tornou Guido que, sendo, como era, a cidade inexpugnabil, um só, alvitre proporia, se o não reprimisse o receio de peccar. Replicou-lhe o pontifice que removia o obstaculo, absolvendo-o antecipadamente. Disse então Guido, que tudo alcançaria, promettendo largo e dando escasso. Assim que os Colonnas, fazendo fiança nas brilhantes promessas de Bonifacio, entregaram Preneste, que pouco depois viram arrasada. Elles e os seus foram tão cruamente perseguidos, que tiveram de acolher-se na França, outros na Sicilia. Por ter dado esse conselho perfido, foi o frade condemnado a penar eternamente no inferno nada valendo a absolvição pontificia.

« Isto escrevia Alighieri muitos annos depois do seu passamento em 1298. No *Convito*, porém, escreveu Dante as seguintes palavras (trat. IV, cap. 28): Ah ! miseros e mesquinhos, que, devendo repousar-vos, deixais arrastar pelo vendaval e vos perdeis n'esse mesmo caminho, em que tanto vos afanastes! No porto da vida terreal não quiz entrar Lanceloto com as velas desfraldadas, nem tambem o nosso nobilissimo latino Guido de Montefeltro. Bem fizeram esses nobres varões ferrando as velas das operações mundanas, pois na idade propecta acolheram-se á religião, despido todo o deleite e cuidado mundano.



« Distinctas as datas e conhecidas as causas, pelas quaes Dante louvava e depois vituperava, desvanecese a supposta contradicção e o escriptor concilia-se perfeitamente consigo mesmo. Em 1298, exaltava em Guido a piedosa resolução de apartar-se do mundo e dos seus bens transitorios e buscar no retiro do claustro a paz e o bem que nunca têm fim. Mas, ao cabo de muitos annos (em 1306 a 1308, quando escrevia o *Inferno*), arrazada Treneste, proscriptos os partidarios dos Colonnas, conhecidos os effeitos funestos do fraudulento conselho, por muito tempo encoberto, o severo e implacavel Poeta, embebendo a penna em fél gibelino, verberava com os seus tremendos versos a memoria de Bonifacio e do frade. »

Scolari, allegado por Fraticelli, já dissera : « De 15 de Novembro de 1296, em que o Conde Guido vestiu em Ancona o habito de S. Francisco ao seu fallecimento em Assiz, a 28 de Outubro de 1298, decorreram 32 mezes e 13 dias. Do dia em que o homem do seculo, o formidavel guerreiro, o imperterito gibelino se retrae da scena do mundo e merece applauso do escriptor do *Convito*, d'esse dia a hora final da sua vida, occorreu por ventura facto algum de tal monta e tão estrondoso, que dêsse ao auctor da *Comedia* azo para tratá-lo como traidor á vocação claustral? Não. O religioso, a invite de Bonifacio, torna aos interesses e alvoroços da guerra e do mundo e em 1297 dá o conselho, cujo resultado foi a ruina de Preneste. E, pois, Guido, o ancião, voltando costas ás vaidades mundanas, foi havido por espelho de virtude em 1296 e se fez digno do publico elogio exarado no *Convito*; mas, o mesmo Guido já religioso professo, tornando poucos mezes depois parceiro nas façanhas de Bonifacio, mentiu á sua vocação, e mereceu o perpetuo vituperio, que o cantor da *Comedia* lhe infligiu, quando depois da sua morte e depois de 1300, rompeu-se de todo o véo, que escondia a verdade. »

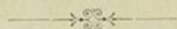
<sup>11</sup> O Papa Celestino, que renunciou a thiará por suggestões de Benedetto Gaetani, depois Bonifacio VIII.







## CANTO XXVIII



1. **D**IZER o sangue e as chagas espantosas,  
Que eu vi n'este logar, quem poderia,  
Em livre prosa e em vezes numerosas ?
2. Nenhuma lingua, certo, bastaria ;  
Frac a palavra, inhabil nossa mente  
Para horror tanto comprehender seria.
3. Quando junta estivesse toda a gente,  
Que lá da Apulia na infelice terra,  
Perdera o sangue seu na lucta ingente. <sup>1</sup>
4. Dos Romanos por mãos ; e em crúa guerra  
A que tantos de anneis deixou vencida,  
Como refere Livio, <sup>2</sup> que não erra ;
5. E a que fôra por golpes abatida,  
Quando a Robert Guiscardo <sup>3</sup> resistia ;  
E a que tem sua ossada inda espargida
6. De Ceperan <sup>4</sup> no campo, onde trahia <sup>5</sup>  
Cada Apulhez; e que no Tagliacozzo <sup>6</sup>  
O velho Alard sem combater vencia:
7. Das feridas o aspecto lastimoso  
Não fôra qual no fosso nono immundo  
Apresentava o bando criminoso.



8. Qual tonel, que aduelas perde ou fundo,  
Estava um peccador, que rôto eu via  
Das fauces ao logar, que é menos mundo.
9. As entranhas pendiam-lhe; trazia  
Patentes os pulmões e o sacco feio,  
Onde o alimento de feição varia.
10. A contemplal-o estava de horror cheio,  
Eis me encara e me diz, abrindo o peito:  
« Vê como eu tenho lacerado o seio
11. « Mafoma sou, quasi pedaços feito;  
Antecede-me Ali, <sup>7</sup> que se lamenta:  
Do mento á testa o rosto lhe é desfeito.
12. « Todos, que a dôr aqui tanto atormenta,  
De escandalos, de schismas inventores,  
Fendidos têm, qual vês, pena cruenta. \*
13. « Demonio deixo atraz, que os peccadores  
Aos fios passa de cruel espada.  
Da multidão nenhum aos seus furores
14. « No giro escapa da affrontosa estrada.  
Cerra-se em todo cada golpe horrendo  
Antes que torne a olhar-lhe a face irada.
15. « Mas quem és, que, na rocha te detendo,  
Estás d'essa arte a dilatar a pena,  
Que Minos te applicou, teus crimes vendo ? »
16. Não é morto ; sentença o não condemna »  
Torna o Mestre — « não vem por seu castigo,  
Mas, para ter experiencia plena.
17. « Descendo ao mais profundo vai commigo,  
Que morto sou, dos circulos temidos :  
Tão certo é como falo ora contigo. »
18. Ouvindo mais de cento dos punidos,  
De espanto a me encarar se demoraram,  
Dos seus proprios tormentos esquecidos.

---

\* Fautores de escandalos, schismas e heresias.



19. A Frei Dolcino <sup>8</sup> diz, pois não findaram  
Teus dias e hasde ao sol tornar em breve,  
Se desejos de ver-me o não tomaram,
20. « Que se aperceba ; pois, cercando-o, a neve  
Dará triumpho á gente de Novara,  
A quem vencel-o assim ha de ser leve. »
21. Para partir um pé Mafoma alçára  
Ao tempo, em que palavras taes dizia :  
Baixou-o e foi-se, apenas rematára.
22. De guela golpeada outro accorria;  
Té as celhas nariz tendo troncado,  
Uma orelha sómente possuia.
23. Como os mais, contemplando-me pasmado,  
Aos mais se antecipou e, escancarando  
O canal, que de sangue era inundado,
24. « O' tu » — falou-me — « que não stás penando,  
Que outr'ora hei visto em região latina,  
Se eu não érro apparencias aceitando,
25. « Recorda-te de Pier de Medicina <sup>9</sup>  
Se tornar-te fôr dado ao bello plano,  
Que de Vircello a Marcabó <sup>10</sup> se inclina.
26. « E aos dois nobres varões dize de Fano,  
Misser Angiolello e Misser Guido <sup>11</sup>,  
Se, o futuro antevendo, eu não me engano.
27. « Que do baixel, que os haja conduzido,  
De Cattolica ao pé, ao mar lançados  
Serão por ordem de um tyranno infido
28. « Por Gregos, por piratas perpetrados,  
Entre Cypre e Maiorca, ao infame feito  
Não viu Neptuno crimes igualados.
29. « O traidor, que de um olho tem defeito,  
D'essa terra oppressor, que um companheiro  
Meu tivera em não vel-a mór proveito,
30. « Irão a seu convite prazenteiro  
Para accordo ; mas votos de Foscara <sup>12</sup>  
Não fará por temer vento ponteiro. »

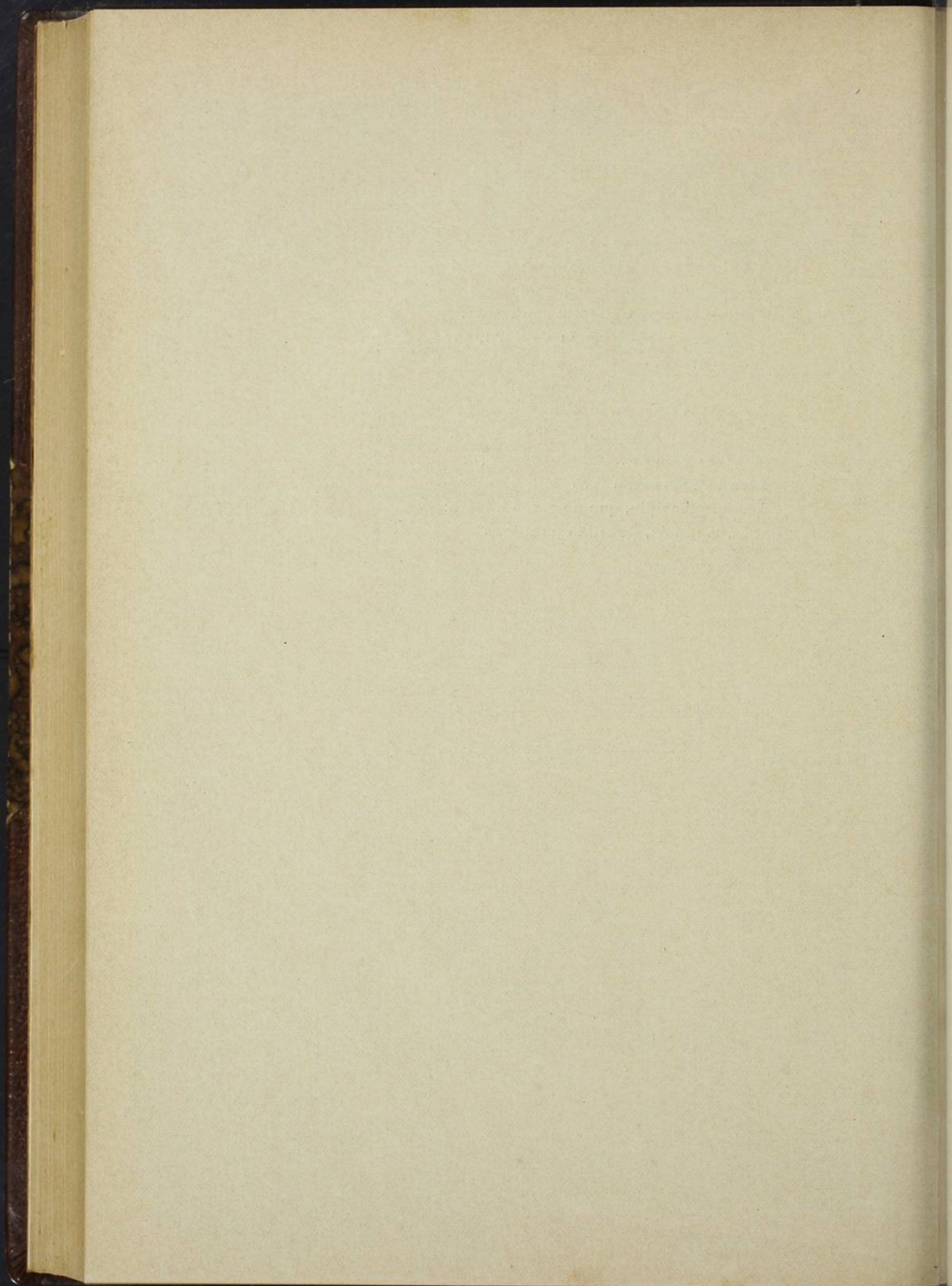


31. « Revela-me » tornei-lhe— « e me declara,  
D'esse favor, que deprecaste, em troca,  
Quem de ver essa terra se pezara. »
32. As mãos de um peccador alçando á bocca,  
Escancarou-a e disse-me gritando :  
— « E' este ; a voz, porém, se lhe suffoca.
33. « Exulado, elle foi quem, dissipando  
Hesitações de Cezar, lhe affirmava  
Que a occasião perdia demorando. <sup>13</sup> »
34. Oh! quão pavido Curio se mostrava,  
Tendo cortada a lingua na garganta.  
Que outr'ora tanta audacia aconselhava!
35. Dos decepados braços alevanta  
Outro os côtos ao ar caliginoso:  
Banha-lhe o sangue a face, que me espanta.
36. Gritou: — « Memóra Mosca desditoso ! <sup>14</sup>  
Fui quem disse: — O seu fim tem cousa feita!  
Fatal dito, á Toscana, ai! bem damnoso ! »
37. « E á tua raça, que á morte foi sujeita ! »  
Atalhei. Sobre a dôr dôr se accendendo  
Em desp'rança se partiu desfeita.
38. Aquella multidão stava attendendo,  
Cousa assombrosa eis vejo, que inda hesito  
Em narrar, provas outras eu não tendo.
39. Da consciencia já me alenta o grito,  
Socia fiel, que o homem torna forte,  
Sob o arnez da verdade, sempre invicto.
40. Eu via, e cuido ver na mesma sorte  
Apropinquar-se um corpo sem cabeça,  
Por entre os outros da infeliz cohorte,
41. Caminha, alçando-a pela côma espessa,  
Da mão pendente a modo de lanterna:  
Gemendo, os olhos seus nos endereça.
42. Servia elle a si proprio de luzerna,  
Eram duas em um, era um em duas:  
Como ser pôde, sabe-o quem governa.



43. Chegado ao pé da ponte, das mãos suas  
Uma ao alto a cabeça levantava  
Para lhe ouvirmos as palavras crúas.
44. « Vê meu duro castigo ! » — assim falava —  
« Tu, que os mortos visitas, sendo em vida:  
Outro já viste igual ao que me aggrava?
45. « Eu sou—faz minha historia conhecida,  
Voltando á luz—Bertram de Born, que ha dado  
Ao joven Rei consulta, em maltecida. <sup>15</sup>
46. « Pae e filho inimigos hei tornado:  
As iras de Absalão mais não movera.  
Contra David Achitophel <sup>16</sup> malvado.
47. « Laços taes como eu, perfido, rompera,  
Meu cerebro assim levo desunido  
D'esse principio, que no corpo impera:  
Por lei sou, pois, de talião punido, »
-







## NOTAS AO CANTO XXVIII

Estão na cava nona atormentados os causadores de escandalos, schismas e heresias: consiste a pena dos condemnados na mutilação. Apresentam-se Mahomet, Beltram de Born e outros.

<sup>1</sup> Os que perderam a vida na prolongada guerra, que precedeu a conquista da Apulia pelos Romanos.

<sup>2</sup> Refere-se o Poeta á batalha de Cannas. Tito Livio narra os incidentes d'essa victoria dos Carthaginezes, que podera ser o ultimo dia de Roma, cuja perda foi por elle computada em 40.000 de pé e 27.000 de cavallo. Polybio esmou em 70.000 a perda dos Romanos.

A narração, que da batalha de Cannas fez Plutarcho (*Vida dos homens illustres* — Fabio Maximo), é a seguinte:

« Terencio Varrão foi nomeado consul, homem de obscuro nascimento, mas conhecido por suas lisonjarias ao povo e pelos assomos do seu genio; de crer era que em breve a tudo se arriscasse, levado pela inexperiencia e desmedida presumpção. É assim que bradava nas assembléas que, enquanto Roma tivesse generaes da estofa de Fabio, a guerra se havia de prolongar: um só dia lhe bastava para dar cabo dos inimigos. Ao mesmo passo, reunia o exercito mais numerozo, que tiveram em qualquer das suas guerras. Nove myriadas menos dois mil, de soldados tomaram as armas com extremo terror de Fabio e de todos os Romanos prudentes, receiosos de verem a republica exhausta, se de uma vez perdesse aquella brilhante mocidade. Fabio, entendendo-se em particular com o outro consul, Paulo Emilio, general experimentado, mas impopular, que fora multado pelo povo, tratou de levantar-lhe os espiritos e aconsellar que atalhasse os desmandos do seu collega, mostrando-lhe que o interesse da patria estava tanto em porfiar contra Varrão como contra Annibal. Sou mais sincero que Terencio, accrescentava elle asseverando que Annibal, se em todo este anno se lhe não offerecer batalha, ou se perderá teimando em ficar, ou se verá na necessidade de fugir. Ao presente, comquanto alardeie de victorioso e senhor do campo, não tem por si nenhum dos nossos inimigos: das tropas com que veio, mal resta-lhe a terça parte.

« Dizem que Paulo Emilio respondeu-lhe: Prefiro, Fabio, morrer pelo ferro do inimigo a pleitear ainda uma vez os votos dos meus concidãos. Mas, nas actuaes circumstancias da republica, me empenharei por parecer bom ge-



neral a ti sómente, desagradando aos que pretenderem induzir-me ao procedimento contrario. Assim decidido, Paulo Emilio partiu para a guerra.

« Mas Terencio obrigou-o a deixar-lhe o commando de dois dias em um, e foi acampar perto de Annibal á margem do Aufido, nas cercanias de uma povoação chamada Cannas. Ao romper do dia, mandou desfaldar o signal da batalha, uma cõta de armas estendida acima da barraca do general Depumeiro impressionou aos Carthaginezes o arrojo do general, tanto mais quanto as tropas romanas formavam mais do dobro das suas. Annibal mandou formar o seu exercito, e montando a cavallo subiu a um tezo, d'onde poudo observar a ordem das fileiras inimigas.

« Giscon, um dos seus companheiros, disse que maravilhava de tamanha somma de inimigos. Carregando o sobrolho, tornou-lhe Annibal: Não sabes que ainda ha outra cousa mais para maravilhar, e é que no mundo haja um homem que tenha nome de Giscon. Aquelle jocosu repente provocou geral hilaridade, que se apoderou de quantos o foram a conhecer a proporção que desceram da eminencia. Riu-se tambem Annibal, cujo aspecto esforçou em subido ponto os Carthaginezes, que se persuadiram de que o seu general em muito grande desprezo tinha o inimigo, pois em occasião tal sorria-se.

« De dois estratagemas serviu-se Annibal. O primeiro foi dar costas ao vento, que soprava violentamente levantando na planicie vasta e arenosa espesso pó, que passava por cima dos Carthaginezes e ia açoutar os rostos dos Romanos, constraugidos por isso a voltar a cabeça e romper as fileiras. O segundo cifrou-se na ordem da batalha e collocação das tropas: foram tremendos os seus effeitos. Rôto o centro dos Carthaginezes, os Romanos, perseguindo-os, penetraram no meio dos batalhões, que então, mudando de aspecto, formaram-se em meia lua: os commandantes das alas compostas dos mais valentes e experimentados fizeram movimento de conversão á direita e á esquerda, deram sobre os inimigos descobertos, envolveram-os e passaram á espada quanto não conseguiram deseuvencilhar-se d'aquelle circulo. Segundo se diz, a cavallaria romana cahiu n'um erro fatal. Paulo Emilio cahiu do cavallo, que fôra ferido: os que lhe estavam proximos, apearam-se e combatiam assim em soccorro do consul. Os outros cavalleiros, cuidando ser aquillo effeito de ordem geral, desceram-se tambem dos cavallos. Notando o que se passava, disse Annibal: isto é melhor do que se os encontrasse manietados.

« O consul Varrão, acompanhado de poucos, fugiu para Venosa. Paulo Emilio, no tumulto da batalha perdida, traspassado de dardos, profundamente abatido pelas circumstancias em que se achava, deixou-se cahir sobre uma pedra, aguardando um que lhe dêsse cabo da vida. Corria-lhe sangue do rosto e cabeça, desfigurando-o em modo tal, que os seus amigos passavam por elle sem conhecê-lo. Sómente o patricio Cornelio Lentulo deu pela sua presença, e apeiando-se offereceu-lhe a sua cavalgadura, e supplicou-lhe que acceitasse-a afim de conservar-se em pró! dos seus concidadãos, que então, mais que nunca, haviam mister um bom general. Paulo Emilio não só recusou a offerta, senão obrigou-o a cavalgar, dizendo-lhe: Vai, Lentulo, corre a participar a Fabio Maximo, que viste Paulo Emilio fiel aos seus conselhos até o fim, que cumpriu a sua palavra, mas foi vencido primeiro por Varrão, depois por Annibal. Retirou-se Lentulo, e o consul, enviando-se ao meio da carnificina, morreu.

« Remou-se a perda dos Romanos em 50.000 mortos e 4.000 prisioneiros. Depois mais de 10.000 foram tomados. »

Tito Livio, lib. XXIII, cap. 12. refere:

« Como prova do glorioso triumpho alcançado em Cannas, Mago, filho de Hamilcar ( que fôra levar a Carthago novas da batalha ) mandou conduzir para o vestibulo da curia anneis de ouro em quantidade tal que, segundo certos autores, encheram tres alqueiras e meio. Mas a opinião mais seguida e mais de accordo com a verdade foi que encheram um alqueire sómente. Para dar idéa mais avantajada da calamidade dos Romanos, declarou Mago que esse dis-



tinctivo unicamente por cavalleiros era usado e de entre elles os que mais sobresahiam. »

<sup>3</sup> Roberto Guiscardo foi um dos filhos de Tancredo de Hauteville, cavalleiro normando. Estando os seus irmãos na Italia, reuniu-se-lhes em 1046, e conquistando a Apulia e a Calabria, alcançou do Papa Nicolau II o titulo de duque. A estes dominios accrescentou os principados de Salerno e Benevente. Após desavenças com Gregorio VII, com o qual ao diante se reconciliou, passou ao Oriente, assenhoreou Corfú e venceu em batalha Alexis Commenó, Imperador de Constantinopla. E iria por diante, se não recebesse novas dos commettimentos emprehendidos contra os seus Estados pelo Imperador Henrique IV. Tornou por isso á Italia, onde prestou assignalado serviço áquelle Papa, que estava cercado no castello de S. Angelo e que foi conduzido por elle para Salerno. N'esta cidade, onde falleceu Gregorio VII, tambem terminou a carreira de Roberto de Guiscardo.

<sup>4</sup> Acerca da batalha de Ceperano, escreveu o Sr. Perrens na sua obra mais de uma vez citada :

« Em oito dias Carlos conduziu a sua cavallaria e as suas pesadas machinas, não obstante os rigores da estação invernosa, aos confins do Estado napolitano. O seu adversario tentou prudentemente o meio das negociações dilatorias, para ganhar tempo e assim receber os mercenarios allemães, que esperava de refresco. Teve resposta, que denunciava desconversavel soldado e fervoroso catholico. « Ide dizer, tornou o principe francez ao mensageiro de Manfredo—ao sultão de Nocera, que hoje eu o mandarei para o inferno ou elle me elevará ao paraíso. » Logo no principio da refrega, perde Manfredo a primeira linha de defesa. Enquanto o conde Giordano guardava em vão com a sua cavallaria os passos de Guarigliano, o Conde de Caserta franqueava a passagem d'esse rio em Ceperano. Na segunda linha não se podia sustentar a fortaleza de Aquino; Rocca d'Arce, ninho de aguias, galhardamente escalada, era rendido pelos peões da França, Dedalos emplumados—no dizer de Sabas Malaspina: Napoles e Gaeta abriam prudentemente as portas a San Germano, chave inconquistavel das regiões meridionaes, era entrado pelos francezes e guelfos florentinos, seus alliados, que o investiram de improviso. O baixo Vulturno, protegido por Capua, podia offercer terceira linha de defesa; mas impossivel era conservá-lo. Manfredo, portanto, retirou-se e concentrou as suas tropas principaes no valle de Caloré, a pouca distancia de Benevente. Receioso de novas traições, formou-as em tres linhas na planicie de Grandella, para onde endireitavam os francezes, descendo desassombrados pelas montanhas: alli a pé firme esperou e feriu a peleja inevitavel. Sua segunda « batalha » compunha-se de mil gibelinos toscanos ou lombardos ao mando do Conde Giordano. O inimigo collocou tambem na segunda ordem os guelfos italianos com os Provençaes, cerca de mil lanças, ás ordens do Rei. A reserva, commandada por Guido Guerra, comprehendia 400 desterrados florentinos. Vendo-os, Manfredo admirou a sua boa compostura. Conta-se que elle dissera tristemente: Estes guelfos não hão de perder hoje. O que é feito dos gibelinos, que deviam ajudar-me em recompensa do muito, que com elles tenho despendido? Os que tinha nas suas fileiras, posto mais numerosos que os guelfos nas do inimigo, não lhe permittiam deslembrar tantos fidalgos e peões prudentes, que se deixaram ficar nas suas cidades, allegando guardal-as para a causa gibelina e para o Rei Manfredo.

« D'esta arte Carlos, com poder superior e apercebido de tudo para a victoria, ia-se enviar contra o adversario, desamparado de qualquer esperanza, mas não de esforço. Recommendeu aos seus que ferissem, não de soslaio, mas de ponta, aos cavallos na cabeça, aos cavalleiros no peito, mas preferindo sempre os cavallos, porque, desmontados os combatentes, opprimidos pelo pezo das cavalgaduras, estorvados pelos estribos e armas, levement eseriam feridos pelos



peões. Ninguém escape—repetia elle—; tudo era licito contra o sultão, a quem seguiam tantos *porcos*, tantos sarracenos, inimigos de Deus, e tão poucos padres e capellães.

« Entre esses *musulmanos* e esses *cruzados*, a peleja foi confusa e desordenada. Desvaneceu toda a disciplina militar o cego furor, que os odios religiosos de ordinario accendem. Posto que a espada curta dos francezes ficasse de mau partido, cruzando-se com o montante dos Allemães, os mais numerosos tinham de triumphar. Apenas alguns leaes companheiros rodeavam a Manfred: eram Romanos, Lombardos, poucos barões do reino. Com elles no derradeiro lance arremetteu aos inimigos, mas ainda alli se insinuara a traição ou cobardia: o seu camareiro-mór, o conde de Malecta, retirou-se para Benevente, levando consigo o thesouro commettido á sua guarda. Tambem com outros fidalgos, fugiu o conde de Acerra. Perdida toda a esperança, e preferindo, como então disse, morrer como Rei a viver no desterro e miseria, despiu-se das insignas reaes para não ser conhecido e enlaçou o elmo de batalha, do qual se desprendera a aguia de prata, que encimava. *Hoc est signum Dei*—proferiu então e arrojou-se ao mais cerrado combate, onde obscuramente desapareceu, como o mais humilde dos seus soldados.

« Não tendo Carlos noticia de que fosse visto entre os vivos, ordenou que o procurassem entre os mortos, recommendando que por espaço de tres dias nenhum cadaver fosse removido do campo da batalha. Afinal, um soldado da Picardia, que se apossara do cavallo real, declarou ter visto cair o guerreiro, que o cavalgava, homem louro, de olhos azues, barba ruiva, de cor clara, estatura média e gentil parecer. A' esta fiel descripção, os cortezaões napolitanos reconheceram aquelle que chamavam seu Rei, seu capitão, seu senhor, seu cordeiro. Após muitas diligencias, achou-se o seu corpo traspassado de feridas e despojado das vestes. Para que não fosse posto ás feras e aves de rapina, Carlos mandou cobri-lo de um acervo de pedras na estrada, perto de Benevente, recusando-lhe, como a excommungado, a sepultura ecclesiastica. A injuria, que foi notada n'esse acto foi aggravada pelo rancoroso Pignatelli, Arcebispo de Cosenza, que, de motu proprio ou de ordem do Papa, mandou ignominiosamente transportar para fóra dos confins do reino os ossos de Manfred. Acima de Ceperano, não longe do rio Liris e á margem do Verde, arroio do Estado pontifício, foram atirados á superficie do sólo, expostos aos insultos das aves do ceu, dos ventos e chuvas. »

<sup>5</sup> Os da Apulia, que acompanhavam Manfred em Ceperano, quando viram a batalha em ponto de perder-se, lançaram-se com os seus inimigos.

<sup>6</sup> Em Tagliacozzo foi em 1268 vencido por Carlos de Anjou o filho do Imperador Conrado IV, Conradino, ultima vara do tronco dos Hohenstauffen. Caído nas mãos do seu inimigo, foi decapitado. Chegára apenas aos 16 annos de idade.

O já citado historiador narra d'este modo o que se passou:

« A 19 de julho de 1268, Conradino proseguia na sua marcha, acompanhando-o de longe a armada pisana, que negava á vista de terra e indo em direitura á provençal, que desbaratou a 11 de agosto á vista do pharol de Messina. « Por jactancia de mancebo — diz Saint Priest —, em vez de fazer jornada pela estrada de Peruzza e Spoleto, encaminhou-se pela de Viterbo, onde residia Clemente IV, e a 22 passou por ella com todo o seu exercito, coroado, como elle, de verdura e flores. » Por castigo do seu atrevimento, a excommunhão maior, já fulminado pelo Papa, foi de ordem d'este vulgarizada em toda a Italia pelos diversos Bispos nas suas cathedraes a dobres de sinos e cirios apagados.

« Mas pouco lhe importava. O seu exercito crescia a olhos vistos como rios, que engrossam com os tributos de numerosos afluentes. Chegavam-lhe tropas de refresco da Marcha de Ancona, dos Estados Sicilianos, da Lombardia



e Toscana. Chegado á Roma a 24 de julho, quiz alistar sómente os nobres e peões que tinham-se provado como leaes gibelinos: sobejavam-lhe forças para apurar na escolha. A 10 de agosto partiu-se finalmente impellido pelo seu destino. Acompanhavam-o 6.000 cavalleiros, além da infantaria, Allemães da sua escolta ou mercenários, Hespanhoes de D. Henrique, Lombardos commandados por Galvano Lanciá, Toscanos ás ordens de Donoratico de Pisa. Como estivesse tomada a estrada de Ceperano, antiga via latina, transito habitual das invasões, inclinava-se á Sulmona pelos Abruzzos afim de se encorporar com os Sarracenos de Lucera. Mas, confiando no avantajado numero dos seus soldados, desattendia aos movimentos do seu vigilante adversario, que dos seus estava bem inteirado.

« Carlos sahira de Foggia e da Capinata, centro da sublevação, e deixara em frente á Lucera apenas um troço do seu exercito. Chegara a Scureola quatro dias antes de haver Conradino sahido de Roma. Quatro dias e quatro noites foi-lhe no encaço pela raia, não para impedir que a passasse, senão para obrigá-lo a travar peleja o mais longe possível dos Sarracenos. E o conseguiu a 22 de agosto, junto á collina de Alba, n'um valle estreito e pantanoso, por onde correm as aguas do Salto, o qual, cortando uma estrada, dava passagem por uma ponte. Aos 6.000 cavalleiros de Conradino sómente podia oppôr 4.000, mas suppriu a differença a pericia militar do barão francez Erard de Valery (muitos o chamavam Alard), condestavel de Champagne, que voltava da terra Santa com cem lanças. Segundo os seus conselhos, foi o exercito repartido em tres corpos, dois para fazer frente ao inimigo, em quanto o terceiro, composto de 800 cavalleiros, conduzidos por Erard e pelo Rei em pessoa, emboscava-se na quebrada de um monte para arremetter em occasião apozitada. Arriscavam-se d'este modo os dois corpos á derrota quasi infallivel, mas por tal preço se alcançaria a victoria.

« Conradino cahiu no laço, dividindo em duas partes todo o seu exercito, cuidando ter assim superioridade do numero. Nem elle nem os seus conselheiros cogitaram de explorar o terreno, o que lhes denunciaria a tactica do inimigo e o induzira a contrapor-lhe outra igual.

« De parte a parte, o empenho estava em passar para a margem opposta, assenhoreando a ponte. Os Provençaes e guelfos italianos da margem esquerda oppunha-se á passagem. A D. Henrique com os hespanhoes estava commettido tentá-la atacando. Repellido e não podendo atravessar o rio por serem muito escarpadas as suas ribanceiras, seguiu-lhe o curso até achar logar, que lhe desse vau. Isto conseguiu e ponde então investir de travez o corpo de tropa, que lhe era opposto. Tel-o-ia anniquilado, se em soccorro não tivesse acudido o marechal Henrique de Cosenza com o segundo corpo, que commandava. Arremetteram contra elle os Allemães, e a relrega, generalizando-se, ia-se decidir em pródos mais numerosos. Guelfos e Provençaes desamparavam o campo. Guilherme d'Estendart com as seus homens fugiam para a planicie. Sómente resistia Henrique de Cosenza, que, para attrahir a si todo o impeto dos aggressores, vestira as armas reaes e levava alçada diante de si a bandeira de lizes de ouro. Alvo de mil tiros, cortado de mil golpes, foi dilacerado por vencedores daspiedados.

« Parecia certo o triumpho. Conradino, alquebrado da calma, despira o arnez e o entregara aos seus escudeiros, para descansar á sombra de álamos a margem do Salto, enquanto os seus, derramando-se, perseguiam os fugitivos e saqueavam. Carlos de Anjou a muito custo era contido por Erard de Valery; mas afinal deu este o signal de acommetter, e a reserva, sahindo da emboscada, deu de improviso sobre os inimigos dispersos, cubiçosos de preza. Os vencidos, ouvindo o appellido dos seus e vendo reaparecer a real bandeira, rodeada de cavalleiros encorporados em boa ordem, cobraram animo e começaram a reunir-se. D. Henrique, toruando atraz, viu mallogrados os seus esforços para derrotá-los. Sua gente achava-se tomada de terror: parecia-lhe resuscitado por



milagre esse Rei que haviam por morto. Fingindo evital-os, Erard e Carlos completaram a victoria. Os Hespanhoes, rechassados, até a planicie, cahiram aos golpes dos francezes, cuja desforra foi decisiva e completa. Para descansar, passaram a noite no campo de batalha, no dia seguinte sahiram no encalço dos vencidos por montes e valles.

« Tal foi a victoria, impropriamente chamada de Tagliacozzo, nome, que lhe attribuiu Dante e que ficou. Conradino, fugindo unicamente com 500 lanças, voltou á Roma, onde os guelfos estavam acclamados pela plebe inconstante. D'alli passou-se para Astura, castello que demora no maritimo: Giovanni Frangipani, de cobarde ou traidor, entregou-o ao almirante siciliano.

« Carlos bem podera ser clemente: foi inexoravel. « Com ferocidade franceza, disse o guelfo Sabas Malaspina, mandou decepar os pés aos prisioneiros para impossibilitar-os de marcharem outra vez contra elle, e fez incendiar a prisão, em que os encerrava para apagar até os vestigios de atrocidades taes. Ordenou tambem que os seus principaes inimigos fossem enforcados ou degolados. » Clemente IV levava muito a mal que houvesse piedade para com os fugitivos.

« Restava Conradino. Sua morte tinha de provir dos seus direitos legitimos no conceito de muitos e como taes havidos por Luiz IX. Era o condemnado sem processo pelo simples facto da rebelião. Extinguir na sua ultima vergonte a casa de Suabia, importava desvanecer todo o receio de futuras duvidas. A' tentativa tão forte, Carlos não poude resistir. Esqueceu-se de que esses Sarracenos, que abominava como infieis, tinham-lhe a elle e ao seu irmão restituído a liberdade. »

<sup>7</sup> Ali-ben-Abu-Taleb, primo de Mahomet, fundador da religião musulmana, foi um dos mais fervorosos e fieis discipulos do propheta, que lhe mostrava especial predilecção, como provou dando-lhe a sua filha Fatima. Pelas suas infatigaveis diligencias e animo esforçado desenvolveu-se o islamismo e os crentes na missão divina de Mohomet alargaram a área das suas conquistas. Em 656, foi elevado ao califado, em que teve de lutar com graves difficuldades, que lhe oppuzeram diversos pretendentes á corôa, principalmente a facção dos Omniades. Havia apenas reinado quatro annos, quando um fanatico assassinou-o, o que lhe deu o character de martyr e santo. Os Alides, passado algum tempo, como descendentes de Ali, reinaram no Egypto e outras regiões.

<sup>8</sup> Frei Dolcino pertenceu á seita denominada dos Apostolos, que dizia ter por missão reformar a Igreja e restituir-lhe a simplicidade dos tempos primitivos do christianismo, despojando o clero do poder temporal. Attribuiu-se-lhe que ensinava a comunidade dos bens e mulheres. Perseguido, acolheu-se em 1305 com os seus companheiros em numero de 3.000 ás montanhas de Novara, no Piemonte. Alli esteve algum tempo com varia fortuna, salteados pelos seus inimigos, que, afinal ajudados pelos rigores do inverno e penuria de mantimentos, obrigaram-o a entregar-se com Margarida de Trento (uma freira), que o acompanhava. Esta morreu queimada a fogo lento: igual sorte muitos outros tiveram. Frei Dolcino expirou em tormentos ainda mais crueis.

O *Ottimo*, depois de contar que soror Margarida fôra queimada com muitos e muitos outros, accrescenta: — Eu, o escriptor d'estas linhas, vi com os meus proprios olhos, arderem em Padua 22 dos companheiros de Frei Dolcino, de uma só vez, gente de infima ralé, idiotas e villões. »

Escreven Villani, liv. VIII, cap. 84:

« Em 1305 um frade, chamado Dolcino, que á nenhuma ordem regular pertencia, retirou-se para Novara, com asseclas numerosos, dando-se por legitimo apostolo de Christo e ensinando a comunidade dos bens e mulheres, além de outras doutrinas igualmente hereticas. Censurava o Papa, os cardeaes e mais



prelados da Santa Igreja por não cumprirem os seus deveres, não viverem como anjos. E dizia que lhe competia a elle a dignidade de Summo Pontifice. Acompanhavam-o mais de 3.000 homens e mulheres, que viviam promiscuamente nos montes como brutos. Quando lhes escasseiavam mantimentos, abasteciam-se mettendo a saque os logares proximos. Assim passaram dois annos: mas foi diminuindo o numero dos sequazes, porque muitos auzentavam-se, não querendo continuar n'aquella vida immoral. E como apertou-os a penuria de meios de subsistencia e recrudescceu a aspereza do inverno, Dolcino e os seus cahiram nas mãos dos habitantes de Novara, e foi queimado vivo com Margarida, sua companheira, assim como muitos outros homens e mulheres, que tinham sido seduzidos pelos erros d'aquella seita. »

<sup>9</sup> Medicina, districto de Bolonha, d'onde era natural este Pedro, fautor de discordias e malquerenças entre seus concidadãos, e entre Guido de Polenta e Malatestino de Rimini.

<sup>10</sup> A planicie, que demora entre Vircelli, no Piemonte, e Marcabó. logar pouco distaute de Ravenna, comprehende mais de duzentas milhas.

<sup>11</sup> Dois dos mais virtuosos e principaes habitantes de Fano, Angiolello de Cagnano e Guido del Cassero, foram convidados por Malatestino de Rimini á uma conferencia afim de accordarem sobre assumpto de commum interesse. Mas o commandante do navio, que os conduzia, cumprindo ordens d'esse tyranno, lançou-os ao mar, onde afogaram-se entre Rimini e Fano, perto de Cattolica.

<sup>12</sup> Focara é montanha de Cattolica, d'onde sopram ventos ponteiros, que muito damno causam á navegação costeira. Os mareantes, que cursam n'essa direcção, fazem votos e promessas para chegar a salvamento, em avistando o promontorio. Aquelles dois companheiros, assassinados antes de descortinal-o, não haviam mister soccorrer-se a taes votos e promessas.

<sup>13</sup> Curião, tribuno do povo, expulso pelo Senado, que se lançou com o exercito de Cezar, junto ao Rubicon.

Diz Lucano, *Phars.* lib. I :

*Expulit ancipiti discordes urbe tribunos  
Victo jure minax jactatis curia Gracchis.  
Hos jam mota ducis, vicinaque signa potentes  
Audax venali comitatur Curio lingua,  
Vox quondam populi, libertatemque tueri  
Ausus, et armatos plebi miscere potentes.  
Utque ducem varias volventem pectore curas  
Conspexit : « Dum voce tuæ potuere juvari  
Cæsar, ait, partes quamvis nolente senatu  
Traximus imperium tunc, quum mihi rostra tenere  
Jus erat, et dubios in te transferre Quirites.  
Sed postquam leges bella siluere coactæ  
Pellimur et patriis laribus, patimurque volentes  
Exilium : tua nos faciet victoria cives.  
Dum trepidant nullo firmatæ robore partes,  
Tolle moras, semper nocuit differre paratis... »  
Sic postquam fatus et ipsi  
In bellum prono tantum tamen addidit iræ,  
Accenditque ducem, quantum clamore juvatur  
Eleus sonipes, quamvis jam carcere clauso  
Immineat foribus, pronusque repagula laxet.*



14 Mosca degli Uberti ou dei Lamberti.

Diz o Sr. Perrens (*Hist. de flor.*):

« Em 1215, sendo *podestà* Gherardo Orlandi, um certo Mazzingho Fegrine, ufano por ter alcançado a insígnia de cavalleiro, para as sumptuosas festas, com que em um logar proximo á cidade solemnuizou a insígne honoraria, convidou todas as pessoas da maior supposição. Em mesa, uma facecia de Oddo Arringhi dei Fisaute accendeu as iras de um dos convivas Alberto dei Infangati, que lhe respondeu asperamente. O provocado, replicando, atirou-lhe um prato ao rosto. Proseguio o banquete; mas os animos se exaltaram, o vinho subiu aos cerebros. Mal se havia levantado a mesa, Buondelmonte dei Buondelmonti, brioso mancebo, amigo do offendido, enviando-se ao offensor, prostou-o a punhaladas.

« Para vingar a familia, reuniram-se em conferencia os seu amigos Uberti e Lamberti, Amidei e Gangalandi. Não os desamparou a prudencia, e a consideração dos seus interesses politicos lhes mostrou os males, que originariam na discordia dos magnatas. E accordaram que a paz não seria perturbada sob a condição de se casar Buondelmonte com a sobrinha do ferido, filha de Lamberzuccio dei Amidei.

« A um bizarro cavalleiro, que todas as mães desejariam comprar para genro, não poderia ser agradavel receber-se com uma moça desengraçada como aquella. Aventando no mancebo essa repugnancia, a mulher de um dos poderosos Donatis, que tinha duas filhas nubes, determinou aproveitar a primeira oportunidade para o seu intento. E no domingo de Ramos, ao passar Buondelmonte a cavallo em frente ás suas janellas, chamou-o, fel-o entrar e, em pratica reservada, metteu á bulha a premeditada alliança, ramatando por dizer-lhe: Eu te havia destinado esta minha filha. Era a donzella no extremo formosa, nobilissima por sangue e ricamente dotada. Ao primeiro aspecto captivou o fogoso cavalleiro, e sem intervenção diabolica (como suppoz Villani — *per sussidio diabolico prese di lei*) determinou-se a quebrar o seu compromisso. E acto continuo, sem reflectir nas consequencias, ajustou o casamento.

« Aggravada a primeira offensa por esta cutra, os Amideis assentaram em ir por d'ante no seu proposito de vingança. Convocando os seus alliados na igreja de Santa-Maria-Sopra-Porta, lhes pediram conselho, soltando os olhos ao pranto. Mosca Lamberti, quando teve de dar o seu parecer, sentenciosamente disse: *Cosa fatta capo ha*. A' esta sentença homicida todos assistiram. Por ter suggerido essa idéa, Mosca figura no *Inferno* de Dante alçando os braços mutilados, de que o sangue gotteja-lhe sobre o rosto. »

15 Bertram de Born.—Acerca d'este homem famoso assim na historia politica, como nos annaes litterarios do seculo XIII por sua indole bellicosa, por seu talento poetico, celebrado tanto como guerreiro, quanto como trovador. Fauriel, na sua *Histoire de la poésie provençale* diz:

« Bertram de Born, um dos cinco ou seis mais abalizados trovadores, foi o que por talento e caracter maior influencia teve nos acontecimentos occorridos no seu tempo. Para dar idéa do que elle foi, referirei o que nas tradições provençaes se depara mais notavel com relação aos seus feitos e composições.

« Seguindo o seu mais antigo biographo, Bertram de Born era senhor de de um castello situado na diocese de Perigueux, visconde de Hautefort, povoação, em que se contavam mil homens. Tinha um irmão, Constantino, que pozera o intento em desapossal-o das suas propriedades e arruinal-o; mas não o conseguiu por effeito da interferencia do rei da Inglaterra.

« Viveu em guerra perpetua com todos os potentados da sua visinhança, o visconde de Perigueux, o visconde de Limoges, seu irmão Constantino, Ricardo Coração-de-Leão, a esse tempo ainda simples conde de Poitiers. Bertram era bom cavalleiro, bom guerreiro, bom trovador, bom admirador das damas, bem instruido, bem falante e bem succedido na boa e na má ventura.



« Sempre que lhe aprouve, dominou na vontade do Rei da Inglaterra Henrique II e dos seus trez filhos. Mas o seu invariavel proposito foi semear a sizaunia da guerra entre elles, dos filhos contra o pae, e dos filhos uns para com os outros. Fez quanto ponde para accender a discordia entre os soberanos da França e da Inglaterra. Nos intervallos de paz, escrevia *sirventes* para demonstrar quanta affronta resultava para os dois Reis de viverem em boa amizade e para estimulal-os a se hostilizarem. Das desavenças em que se travaram, lhe provieram conveniências grandes e tambem gandes damnos.

« Do que diz o antigo biographo, segue-se claramente que a feição predominante no character de Bertram de Born era desmarcado pendor para a guerra. Amava-a não só como ensejo para dar mostras de esforço e bravura, alcançar fama e gloria, e accrescentar poder, senão tambem e principalmente porque levava a lances arriscados, exaltava os animos valorosos, arrebatava os corações, e até por dar azo a tumultos, alvoroços, padecimentos e miserias. Offerece elle o ideal do guerreiro indisciplinado e aventureiro da Meia Idade, menos do que do guerreiro propriamente dito, que peleja para um fim moral, em prol da paz e ordem social: Bertram guerreava sómente para guerrear.

« Na velhice, arrependido dos seus erros, fez-se frade e morreu no claustro. Este piedoso fim não obsta ao conceito, em que o tinha Dante, o qual o representa no *Inferno* levando na mão a propria cabeça á moda de lanterna, symbolica punição do crime de separar o pae dos seus filhos. »

O illustre Villenain, que no seculo presente foi um dos mais brilhantes ornamentos das lettras, não só na França, senão no mundo inteiro, exhibiu sobre Bertram de Born observações dignas de subido apreço, selladas com o alto criterio e delicado atticismo, que assignalaram os seus escriptos. Merecem a transcripção em vulgar os trechos seguintes do seu — *Cours de littérature française* — *Tableau du Moyen âge* :

« Para haver conceito exacto do que era um fidalgo cantor, um guerreiro trovador, cumpre ter na lembrança Bertram de Born. Sua existencia passou por mais borrascas do que a de todos os outros trovadores, ousado e altivo mais que nenhum, com a maior asperidade que distinguiu a Meia Idade. Não obstante, metrificou com habilidade, com cesuras perfectas, symetricas, melodiosas e cadenciaes : essa arte, que ao diante Petrarca, no lazer da vida clerical já rebrilha em Bertram de Born, alvoroçado pelas agitações, pelo afan dos commettimentos marciaes. Não se interpreta o que elle compoz. Essa parte notavel da poesia dos trovadores é inevitavel ler no proprio original : não ha outro meio a proposito. . .

« Henrique da Inglaterra tinha formidaveis competidores nos seus filhos duque de Guyenna e conde de Anjou. Homem da estofa de Bertram de Born, fidalgo sem opulencia, que a muito porfiar ponde apenas recuperar o seu castello de Hautefort e quatro ou cinco casaes, para fazer-se temido soccorreu-se ao meio estimular para a guerra aquelles poderosos vassallos. Formava ligas, accendia guerras entre os filhos do Rei da Inglaterra, irritando um contra o outro, agulando-os contra seu pae. Se era vencido, entrava em composição, mas em breve tornava á batalha. Quando os principes se reconciliavam, quando por deslealdade ou traição escasseavam os confederadores, Bertram de Born vingava-se por uma satyra contra o vencedor e os alliados perfidos. Quantos esforços empenhou para induzir Ricardo, em subindo ao throno, a guerra contra Philippe Augusto ! Expedia *sirventes* como manifestos de guerra.

N'esses versos, o que é muito para ver, consiste não nos versos, senão na importancia historica. Não ha melhor e mais exacto meio para aquilatar a feudalidade do que essa influencia de um guerreiro e poeta sobre tantos principes ambiciosos, a essas guerras, essas pazes fementidas, essas traições, essas repetidas effusões de sangue no meio dos saráus, dos torneios, das trovas e canções namoradas. . .



« Bertram de Born incorporou-se com alguns senhores contra Ricardo duque de Anjou, foi vencido, e o seu castello foi pelo duque entregue a um governador. O poeta endereçou-lhe um *sirvente*, nota diplomatica d'quelle tempo : n'essa expansão do trovador está o que se não acha em historia ou chronica. A cousa foi a restituição do castello. Bertram, de então em vante, fiel a Ricardo, foi parte na sublevação d'quelle principe e seus irmãos contra seu pae, Henrique II. O commettimento mallogrou-se pelo prematuro fallecimento do principe Henrique, lamentado por Bertram de Born com tão saudosa eloquencia. Não obstante Bertram proseguiu na guerra ; mas não só o seu castello foi rendido, senão também elle proprio teve de ser conduzido á presença do Rei da Inglaterra.

« Disse-lhe o monarcha : Sois vós que tanto alardeais de engenhoso ? Já houve tempo—tornou Bertram—em que assim foi ; mas depois que perdi o principe vosso filho, perdi também todo o meu engenho, toda a minha sagacidade. O Rei, ouvindo falar em seu filho, soltou os olhos ao choro e exclamou : —Ai ! Bertram, desaventurado Bertram ! Razão houve para perderes espirito e sagacidade depois da morte de meu filho ; elle te amava exclusivamente. Por amor d'elle te restituo a liberdade e todos os teus bens. E assim o fez, accrescentando um donativo de 500 marcos para custas da guerra. »

Dante, no liv. II, cap. 2—*De vulgari eloquio*—mencionando os assumptos de que trataram nos seus cantos varios poetas illustres do seu tempo, diz que Bertram de Born cantou as armas.

<sup>16</sup> Livro dos Reis, II, cap. 16 e 17 :

« E Achitophel disse a Absalão : Entre as concubinas de teu pae, que elle deixou para guardarem o palacio, para que, em soando por todo o Israel que fizeste esta affronta a teu pae, se unam elles mais fortemente ao teu partido. Armou-se, pois, para Absalão uma tenda no terraço, e elle, á vista de todo o Israel abusou das concubinas de seu pae. Os conselhos, que Achitophel dava n'aquelles dias, eram considerados como os oraculos de Deus ; e assim se consideravam todos os oraculos de Achitophel, tanto quando estava com David, como quando estava com Absalão.

« Disse depois Achitophel a Absalão : Farei por mim escolha de 12.000 homens e sahírei em busca de David esta noite. E dando sobre elle, porque está cansado e frouxo das mãos, o destroçarei ; e logo que fugir todo o povo, que vem com elle, matarei o Rei abandonado. E reconduzirei todo o povo, bem como costuma voltar um só homem ; pois que tu a um só homem busca, e todo o povo ficará em paz. E agradou seu parecer a Absalão e a todos os auciaos de Israel. »







## CANTO XXIX

1. **M**EUS olhos tanto inebriado haviam  
A turba enorme e o seu cruel tormento,  
Que allivio em pranto procurar queriam.
2. « Por que assim » diz Virgilio « estás attento ?  
Por que a vista dos tristes mutilados  
Prende-te ainda o duro soffrimento ?
3. « Tal não fizeste em antros já passados.  
Estão, se os resenhar é tenção tua,  
Por milhas vinte e duas derramados.
4. « Já sob os nossos pés evolve a lua ; <sup>1</sup>  
E'-nos escasso o tempo concedido ;  
O que ainda has de ver detença exclua. »
5. « Talvez se houveras » tórno « conseguido  
Ver o motivo, porque eu tanto olhava,  
Mais demora tivesses permittido. »
6. Já se partia ; e eu logo caminhava,  
Em quanto assim falava-lhe em resposta,  
Accrescentando : « Lá, n'aquella cava,
7. « Onde a vista cuidadosa estava posta,  
Da stirpe <sup>2</sup> minha um spirito carpia  
Por culpa, a que mór pena está disposta. »
8. « Não te confranjas mais » responde o Guia  
« Nos males, que padece, cogitando.  
De al cuida ; estar n'esse antro merecia.



9. « Ao pé da ponte o vi, que, te indicando,  
O dedo alçava em comminante gesto :  
Geri del Bello estavam-o chamando.
10. « Eras absorto no semblante mesto  
D'aquelle que senhor foi de Altaforte : <sup>3</sup>  
Quando attentaste, se ausentára presto. »
11. — « O' Mestre » eu disse « a violenta morte  
Que ainda não puniu justa vingança  
De quem n'aquella affronta era consorte,
12. « Deu causa a usar, ao ver-me, essa esquivança  
Talvez e ao seu silencio : assim pensando  
Maior piedade do seu mal me alcança. »
13. Ao rochedo chegamos praticando,  
D'onde outro val divisa-se : o seu fundo  
Todo se vira, a luz não lhe faltando.
14. Subidos do final claustro profundo  
De Malebolge á ponte, onde os conversos  
Já distinguia do recinto immundo,
15. Lamentos e ais feriram-me diversos;  
De magoa tanta o peito assettearam,  
Que os ouvidos tapei aos sons adversos.
16. Tão penetrante dôr denunciaram,  
Como se da Maremma e da Sardenha  
Enfermos no verão se encorporaram.
17. De outros á turba, que remedio venha  
Nos hospitaes buscar de Valdichiana. <sup>4</sup>  
Odor surdia, igual ao que já tenha
18. Corrupto corpo, se gangrena o damna.  
Baixando á sesta até a riva extrema  
Mais claramente da caverna insana
19. Então vimos o fundo, onde a Suprema  
Infallivel Justiça a raça impia  
Dos falsarios em pena infinda prema. \*

---

\* Alchimistas.




20. « De Egina quando o povo adoecia  
E o ar maligno aos animaes a morte  
Trazendo, os proprios vermes extinguiu,
21. Deserta sendo a terra de tal sorte  
Que as formigas (poetas o affirmavam)  
Deveu a antiga gente o alento forte: <sup>5</sup>
22. Scenas taes mais tristeza não causavam  
Do que almas ver, que essa prisão sombria  
Em rumas varias languidas juncavam.
23. Qual sobre a espalda de outro se estendia,  
Qual sobre o ventre seu, qual, se arrastando  
Na dolorosa estrada se estorcia.
24. Silentes, passo a passo caminhando,  
Vemos, ouvimos miseros prostrados,  
Em vão para se erguerem se esforçando.
25. Sentados dois, um no outro recostados,  
Ques torteiras que juntas se aquecessem,  
Vi do alto aos pés de pustulas manchiados,
26. Os criados, que os amos seus apresssem,  
Ou que estejam velando de mau grado  
Almofaça não vi que assim movessem,
27. Como cada um se agita acelerado,  
Com implacaveis unhas se mordendo,  
De raivoso prurido atormentado,
28. Iam da pelle as crostas abatendo,  
Como a faca do sargo arranca a escama  
Ou de peixe, na casca mais horrendo.
29. « O' tu » contra um dos dois Virgilio exclama,  
Que os dedos teus convertes em tenazes  
Por desmalhar do corpo a extrema trama,
30. « Diz-me se entre estas almas contumazes  
Existe algum Latino: eternamente  
Sejam-te as unhas de servir capazes! »
31. « Latinos somos » — torna diligente  
Um dos dois padacentes lacrimoso,  
« Mas tu quem és? Em declarar consente. »

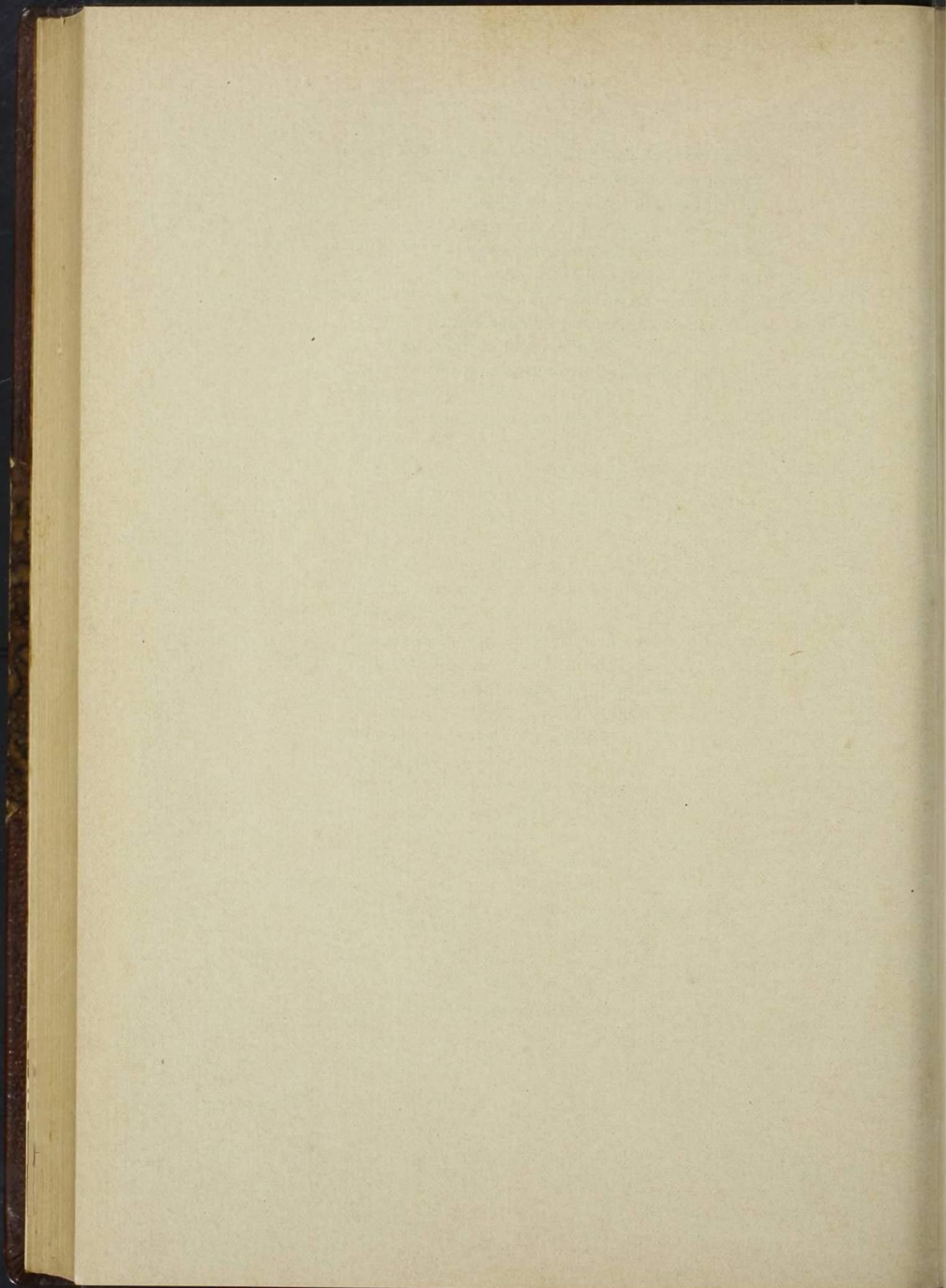


32. « Eu sou quem »—diz Virgilio ao desditoso  
« De circ'lo em circ'lo este homem vivo guia  
Por lhe mostrar o abysmo pavoroso. »
33. Já cessa o mutuo arrimo, que os unia:  
A mim volveu-se cada qual tremendo:  
Turba imitou-os, que em redor ouvia.
34. Acercou-se-me o Guia assim dizendo:  
« Quanto quizeres tu agora dize. »  
Eu logo comecei lhe obedecendo:
35. « Nunca a memoria vossa finalize  
Na primeira mansão da humana raça!  
Mas por sões numerosos se abalize!
36. « Quem sois? E d'onde? De o dizer a graça  
Fazei: a vossa pena, immunda é certo,  
De responder-nos pejo vos não faça.
37. « De Arezzo fui » disse um «de Siena Alberto»<sup>6</sup>  
Morte me deu nas chammas truculento  
Por feito, a que não fôra o inferno aberto.
38. « Dissera, engracejar só pondo o intento.  
« Alçar-me aos ares posso velozmente. »  
Essa arte, por ter curto o entendimento,
39. « Houve elle de saber desejo ardente.  
Como o não fiz um Dedalo, 'á fogueira  
Mandou-me quem seu pae foi certamente.
40. « Mas das cavas cahi na derradeira  
Por sentença de Minos rigorosa:  
Foi meu crime a alehimia traiçoeira. »
41. E ao Vate eu disse: «Nunca tão vaidosa  
Gente ponde alguém ver como a de Siena?»<sup>9</sup>  
Nem a de França ha sido tão sestrosa!»
42. O segundo leproso então me acena  
Dizendo: «Salvo Stricca, homem poupado,<sup>9</sup>  
Que todo o excesso em desprender condemna!
43. « Salvo Nicolo aquelle, que inventado  
Do cravo tinha a rica especiaria,  
O seu uso deixando enraizado!



44. « Salvo Caccia de Ascian e a companhia,  
Com quem vinhas e bosques esbanjava  
E o Abbagliato as chanças esgrimia !
45. « Para que saibas quem d'esta arte aggrava  
Contra os de Siena o teu severo asserto,  
No meu triste semblante os olhos crava.
46. « De que ora vês Capocchio <sup>10</sup> já estás certo,  
Que, alchimista, os metaes falsificára.  
Sabes como eu, se em recordar acerto,  
Natura, habil bugio, arremedára. »
- 







## NOTAS AO CANTO XXIX

Chegando á ponte superposta á decima e ultima cava, ouve Dante as lamentações e gemidos dos falsificadores e alchimistas alli atormentados; mas, como a escuridão não permite vel-os distinctamente, desce até o fundo, e os vê affligidos de horrendas eufemidades. Apresentam-se Griffolino e Capocchio.

<sup>1</sup> D'este modo significa o poeta que já era meio-dia.

<sup>2</sup> Dominava no tempo de Dante como preceito inviolavel de pundonor a barbara crença de serem as affrontas pessoas de um individuo resentidas por todos e cada um membros da sua familia, como os proprios foram, em modo que devessem empenhar forças e haveres para conseguir completa vingança e desagravo na pessoa do offensor e na de cada um dos seus. Esse erro cruel e sanguinario, que em algumas regiões ainda hoje em dia persiste, derivava em especial das tribus germanicas e cobrou maior intensidade na Italia, onde de cidade em cidade, de familia em familia, as dissensões e luctas inflammavam-se cada dia em violentos incendios, que conflagravam a península em toda extensão. Reinava assim nos animos a implacavel *vendetta*.

Geri del Bello era parente de Dante, mas tão desnaturalado, que se infamou como falsificador de moeda e promotor de discordias e desuniões, razão porque está na cava nona. Morreu assassinado por Sacchetti em Ghiado. Ao diante foi vingado por um irmão, que tirou a vida a um dos Sacchettis á porta da propria casa.

Por este caso ainda mais se manifestam a inteireza e imparcialidade, com que Dante distribuiu as penas para castigo dos peccadores, sem exceptuar partidos, nem privilegiar pessoas.

<sup>3</sup> Altaforte ou Hautefort, castello que Bertram de Born possuia em Perigueux, na Guyenna.

<sup>4</sup> Valdichiana era talhado pelo rio Chiana, a cujas margens jaziam Arezzo, Cortona, Montepulciano e Chiuti. No seculo de Dante e ainda muito depois era pantanoso e affeigado a febres paludosas, mas tendo-se conseguido o enchugo das suas terras, de ordem do Imperador Leopoldo II, tornou-se o seu territorio um dos mais amenos, ferteis e saudaveis da Toscana. D'esse rio se faz menção no c. XIII do *Par.* Da Maremma já se tratou em nota ao c. XXV. A Sardenha tambem era notada de insalubridade.



<sup>5</sup> A peste, que despovoou Egina, como effeito da vingança de Juão, foi descripta por Ovidio, nas *Met.* lib. VII.

*Principio cælum spissa caligine terras  
Pressit et ignavos inclusit nubibus æstus;  
Dumque quater junctis explevit cornibus orbem  
Luna, quater plenum tenuata rexit orbem,  
Letiferos calidi spirarunt flatibus austri  
Constant et in fontes vitium venisse lacusque,  
Milliaque incultos serpentum multa per agros  
Errasse, atque suis fluvios temerasse venines  
Strage canum prima, volucrumque, oviumque, boumque,  
Inque feris subiti deprensa potentia morbi.  
Considerare infelix validos miratur arator  
Inter opus tauros, medioque recumbere sulco.  
Lanigeris gregibus, balatus dantiæ ægros,  
Sponte sua lanæque cadunt et corpora tabent...  
Pervenit ad miseros damno graviore colonos  
Pestis, et in magnæ dominatur mœnibus urbis.  
Viscera torrentur primo, flammaque latentis  
Indicium rubor est, et ductus anhelitus igni;  
Aspera lingua tumet; tepidisque arentia venis  
Ora patent, auraque graves captantur hiatu.  
Non stratum, non ulla pati veiamina possunt;  
Dura sed in terra ponunt præcordia; nec fit  
Corpus humo gelidum, sed humus de corpore fervet.  
Nec moderator adest; inque ipsos serva medentes  
Erumpit clades, obsuntque auctoribus artes.  
Quo proprior quisque est servitque fidelius ægro,  
In partem leti citius venit. Ulque salutis  
Spes abiit, finemque vident in funere morbi,  
Indulgent animis, et nulla, quid utile, cura est;  
Utile enim nihil est. Passim positoque pudore  
Fontibus et fluviiis puteisque capacibus hærent;  
Nec sitis est extincta prius quam vita bibendo...  
Semianimes errare viis, dum stare valebant,  
Adspiceres; stantes alios terraque jacentes  
Lassaque versantes supremo lumina motu;  
Membraque pendentis tendunt ad sidera cæli,  
Hic, illic, ubi mors depranderat, exhalantes.*

O mesmo poeta conta nos termos seguintes a transformação das formigas em homens:

*Forte fuit juxta patulis rarissima ramis,  
Sacra Jovi quercus de semine dodonæo:  
Hic nos frugilegas aspeximus agmine longo  
Grande onus exiguo formicas oie gerentes,  
Rugosoque sum servantes cortice callem.  
Dum numerum miror: — Totidem, pater optimis, dixi  
Tu mihi da civis et inania mœnia supple,  
Intremia! ramisque somnum sine flamine motis  
Alta dedit quercus: pavido mihi membra timore  
Horruerant, stabantque comæ. Tamen oscula terræ  
Roboribusque dedi; nec me sperare favebar;  
Sperabam tamen, atque animo mea votu fovebam.  
Nox subit et curis exercita corpora somnus*



*Occupat: ante oculos eadem mihi quercus ædesse,  
Et ramos totidem totidemque animalia ramis  
Ferre suis visa est, parilique tremiscere motu  
Graniferumque agmen subiectis spargere in arvis;  
Crescere quod subito et majus majusque videri,  
Ac se tollere humo rectoque assistere trunco  
Emaciem numerumque pedum nigrumque colorem  
Ponere, et humanam membris inducere formam.  
Somnus ab il; Damno vigilans mea visa querorque  
In superis op: esse nihil: at in ædibus ingens  
Murmurerat vocesque hominum exaudire videbar.  
Jam mihi desuetas. Dum suspicor has quoque somni.  
Eccce, venit Telamon properus: foribusque reclusis  
—Speque, fideque, pater, dixit, majora videbis;  
Egredere.—Egredior, qualesque in imagisne somni  
Visus eram vidisse viros, ex ordine tales  
Adspicio noscoque...*

<sup>6</sup> Quem fala é Griffolino, alchimista, que, por gracejo promettera a Alberto filho natural do Bispo de Siena, ensinar-lhe a voar. Impossibilitado de fazel-o, foi accusado de feitiçaria e condemnado por esse prelado á fogueira, em que expirou.

<sup>7</sup> Dedalo, que construiu o labaryntho de Creta, d'onde fugiu mediante azas que fabricou.

<sup>8</sup> O povo de Siena esteve muito tempo em opinião de voluvel, leviano, vaidoso e fatuo. Em Florença chamava-se *chiudo sanese* um prego sem cabeça. V. o c. XIII do *Purgatorio*.

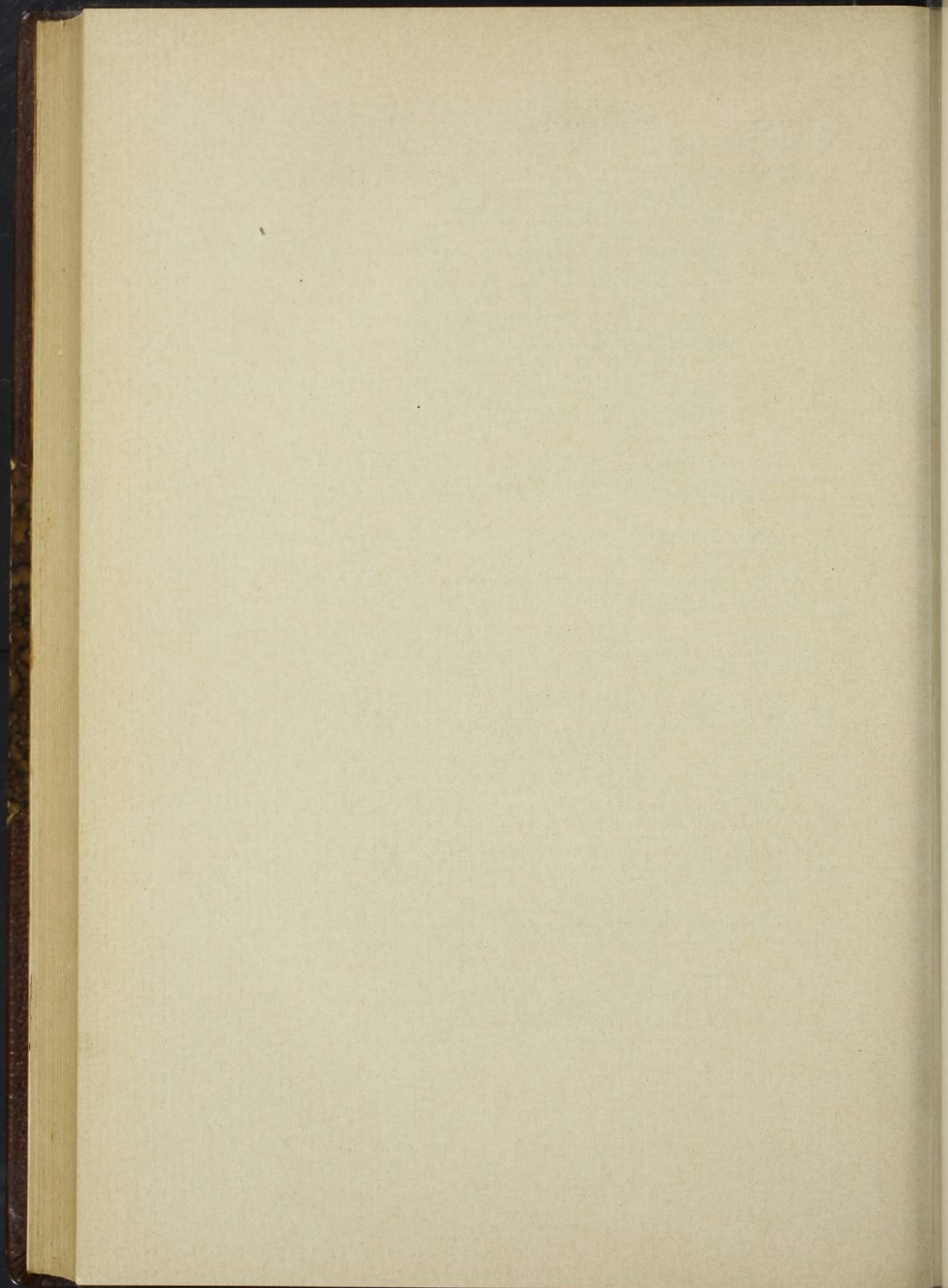
<sup>9</sup> Os individuos aqui mencionados, apenas conhecidos no logar e tempo, em que viveram, ficariam em perpetuo esquecimento, se Dante não houvesse assigualado a sua memoria pela commemoração dos seus vicios e defeitos.

Stucca, de quem fala o Poeta ironicamente, era jurisconsulto em Siena. Nicolo dei Salimbeni foi quem primeiro fez uso do cravo para condimento: a esse uso chama Dante *costuma ricca*, em que se comprehendiam tambem outras especiarias. Esses e outros individuos constituíam a *brigata spendereccia* ou sociedade dos *prodigos*, que se compunha de doze cavalleiros, cujo programma era emprender e executar cousas, que maravilhassem o mundo. Entrava cada um para o fundo social com 18.000 florins de ouro. Edificaram um palacio, no qual cada prodigo occupava maguifico aposento. Os seus sumptuosos e frequentes banquetes rematavam ás vezes do modo que de insensatos era de esperar: todos os ornatos da mesa, pratos, taças, talheres de prata e ouro eram lançados pelas janellas á rua. E' assim que ao cabo de mezes, deixou de existir a associação, por se ter exaurido o thesouro. Os prodigos, reduzidos á miseria, foram objecto do escarneio publico.

<sup>10</sup> Parece que Capocchino de Sciena foi companheiro de Dante no estudo das sciencias naturaes. Deu-se depois á falsificação de metaes, como amestrado alchimista. A sua pericia e subtileza renderam-lhe a fogueira, na qual ardeu em Siena.












## CANTO XXX

---

1. UANDO Juno, de Semele ciosa, <sup>1</sup>  
Contra o sangue thebano se inflammava,  
Como o provou por vezes impiedosa,
2. Tanta insania Athamente <sup>2</sup> perturbava,  
Que a esposa ao ver, ao collo seu trazendo  
Os filhos dois, que a elle encaminhava,
3. Gritou : « Rêdes tendamos ! Já stou vendo  
Leôa e leõesinhos da emboscada » !  
Disse e, raivoso, os braços estendendo
4. De um, Learcho, travava e de pancada  
Rodou-o e o percutiu em penedia.  
Ao mar lançou-se a mãe c'o outro abraçada.
5. Quando a fortuna a cinzas reduzia  
A pujança de Troya, em tudo altiva,  
E com seu reino o morto rei jazia,
6. Hecuba <sup>3</sup> triste, misera, captiva,  
Depois que morta Polyxena vira,  
Do Polydoro seu em plaga esquiva,
7. Subito quando o corpo descobrira  
Uivou qual cão, de angustia possuida.  
Tanto a pungente dôr n'alma a ferira !



8. Mas em Thebas ou Troya destruir  
Homens ou feras nunca revelaram  
Raiva, em tantos extremos desmedida,
9. Como almas duas lividas, que entraram  
Núas correndo, os dentes amostrando,  
Quaes cerdos, que á possilga se esquivaram.
10. Uma alcançou Capocchio e, lhe cravando  
No collo as prezas, rabida, arrastava  
Sobre o ventre na rocha o miserando.\*
11. Mas o de Arezzo, que tremendo estava  
« E' Gianni Schicchi »<sup>4</sup> — disse — esse raivoso :  
De outros a pena o seu furor aggravava ! »
12. « Possas livrar-te do outro esp'rito iroso ! »  
Falei — « Se não te causa assim fadiga,  
Diz quem seja, antes de ir-se o furioso. »
13. « Aquelle é » — respondeu — « uma alma antiga ;  
E' Myrrha<sup>5</sup> infame, que paixão impia  
Instigou ser do pae a sua amiga.
14. « Para o seu crime consumir fingia  
De outra pessoa as fórmãs e o semblante.  
Igual ardil usara Schicchi um dia:
15. « Para em premio alcançar egua farfante :  
Contrafez Buoso morto e ao testamento  
Falso a norma legal deu, que é prestante. »
16. Aos dois raivosos estivera attento  
Até que de ante os olhos se apartaram;  
De outros volvi-me ao crú padecimento.
17. N'um do alaúde as fórmãs se notaram  
Se as pernas lhe tivessem cerceado  
Na parte, em que do tronco se separam.
18. Da grave hydropisia molestado,  
Que tanto o humor vicia e tanto offende,  
Que o rosto estreita e faz o ventre inchado,

---

\* Falsificadores de pessoas.




19. A boca ter cerrada em vão pretende,  
Qual hecico de sede resequido.  
A quem um labio se alça e o outro pende.
20. « O' vós, que ao negro abysmo haveis descido  
(Não sei por que razão) de pena isentos,  
Olhai » — disse — « prestando attento ouvido,
21. « De mestre Adam <sup>6</sup> miseria e soffrimentos  
Tive abastança; agora, ai ! desejando  
De agua uma gotta, passo mil tormentos.
22. « Dos ribeiros, que ao Arno, murmurando  
Do Casentino <sup>7</sup> lá na verde encosta  
Se vão, por molles alveos inclinando,
23. « Na mente a imagem sempre tenho posta.  
Não em vão: mais me secca e me fustiga  
Que o mal, de que esta face é descomposta.
24. « Quer Justiça, que austera me castiga,  
Que o theatro, onde hei crimes commettido,  
Mais me accendendo anhelos, me persiga.
25. « Lá demora Romena, onde hei fingido  
Em falso cunho a imagem do Baptista;  
Assim meu corpo o fogo ha consumido.
26. « Se a sombra achasse aqui, se aqui já exista,  
De Guido ou de Alexandre ou seu germano !  
Fonte-Branda esquecera ante essa vista.
27. « Mas um já veio, se induzir-me a engano  
Os raivosos, que giram, não quizeram.  
Que importa? Para andar em vão me afano.
28. « Se os meus pés transportar-me inda poderam,  
De um sec'lo ao cabo, espaço de uma linha,  
Já postos a caminho se moveram,
29. « Afim de o ver na multidão mesquinha  
Do val, que milhas onze em torno amplia,  
Com largura, que de uma se avisinha. <sup>8</sup>
30. « Star lhes devo em tão triste companhia :  
Florins cunhei, aos trez obedecendo,  
Nos quaes quilates trez de liga havia. »

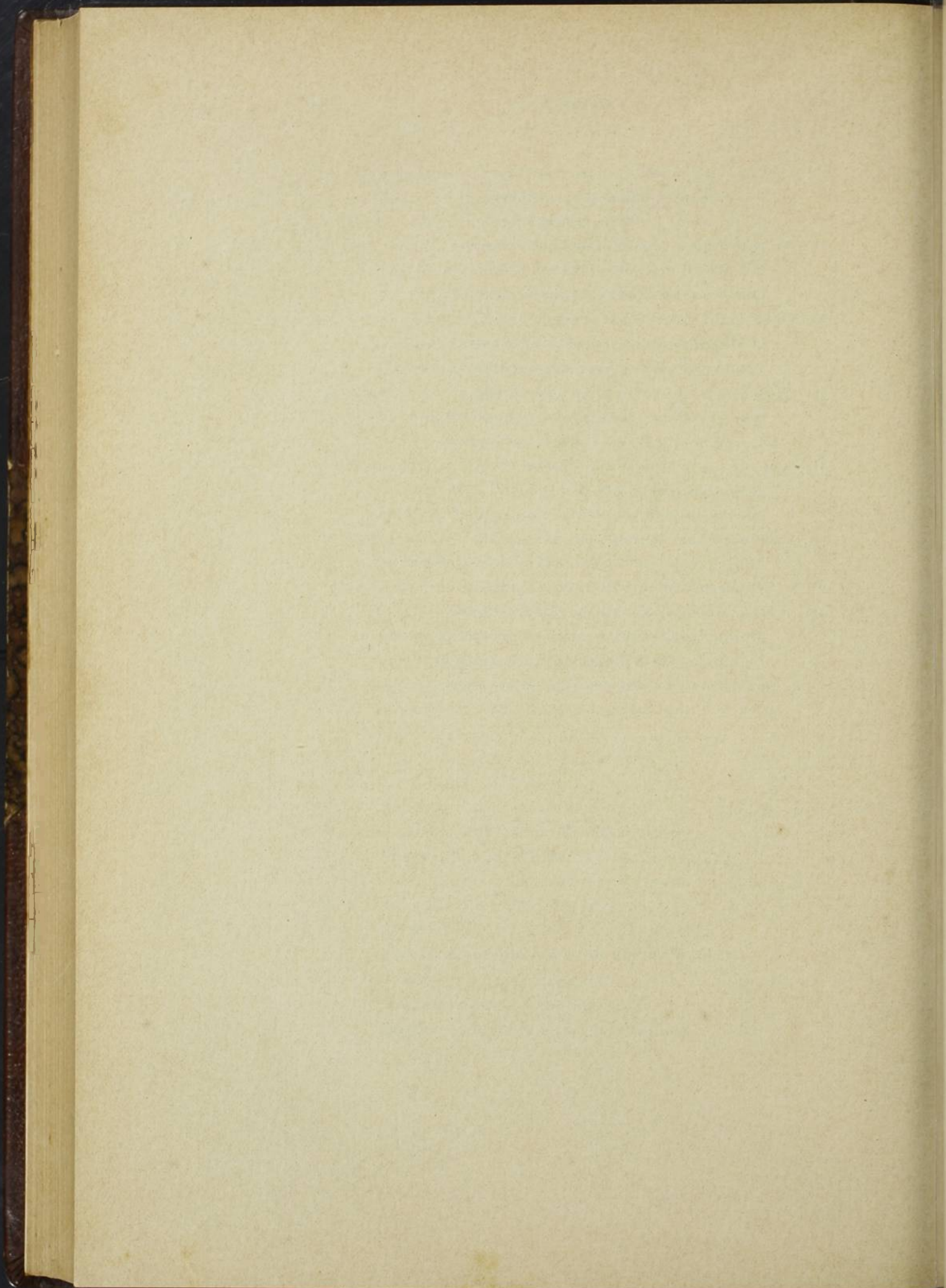


31. « Quem são »—lhes disse « os dois que ora estou vendo ?  
Quaes no inverno mãos humidas fumegam,  
A' dextra tua proximos jazendo. »
32. « Já stavam quando vim : elles se entregam,  
Des que desci, a quietação completa ;  
E creio, assim a eternidade empregam.
33. « Uma accusou José, <sup>9</sup> falsaria abjecta,  
Outro é Sinon, <sup>10</sup> de Troya o Grego tredo :  
Lançam por febre essa fumaça infecta. »
34. Anojado um do par, que estava quêdo,  
Por ver em vozes taes affronta e offensa,  
A' pansa o punho lhe vibrou sem medo ;
35. Soou, qual de zabumba a pelle tensa.  
O braço Mestre Adam lhe envia á face  
E assim lhe dá condi'na recompensa.
36. « Inda que »—disse—« os membros meus enlace  
Molestia, que me tolhe o movimento,  
Presteza a dextra tem, com que rechace. »
37. « Foste »—o outro tornava —« mais que lento  
Quando forçado ao fogo caminhavas.  
Só presto eras no officio fraudulento. »
38. « E' certo ; mas verdade não falavas »  
O hydropico diz—« quando exigiram  
Em Troya essa verdade, que occultavas. »
39. « Se os labios meus perjurio proferiram,  
Tu falsaste moeda : eu fiz um crime,  
Aos teus nunca em demonio iguaes se viram. »
40. « Do cavallo a façanha inda te opprime »  
Responde o que a barriga tinha inchada,  
« Sobre o teu nome infamia o mundo imprime.
41. « Arda em sêde tua lingua já gretada ! »  
Grita o Grego—« Hajas de agua saniosa  
O ventre himpando, a vista embaraçada ! »
42. « Escancaras a boca venenosa »  
O moedeiro diz—« por mal sómente ;  
Se sêde eu tenho e a pansa volumosa,



43. « Ardes tu e a cabeça tens fervente.  
Por lamberes o espelho de Narciso <sup>11</sup>  
A um aceno correrás de repente. »
44. Attento estava aos dois mais do preciso,  
Eis Virgilio me fala :— « Oh ! toma tento !  
Quasi que eu contra ti me encolerizo ! »
45. Iroso assim falar n'este momento  
O Mestre ouvindo, volto-me corrido :  
Ainda sinto rubor em pensamento.
46. Como quem sonha damnos ter soffrido,  
Que em sonho espera que sonhando esteja  
E anhela que o que é já não tenha sido,
47. •A mente, sem dizer, falar deseja,  
Desculpas aspirando á falta sua ;  
Stá desculpada e cuida que o não seja.
48. « Menos rubor lavara a culpa tua »  
Disse o Mestre— « se houvera mór graveza :  
Fique-te a mente de tristeza núa.
49. « E quando queira o acaso que á torpeza  
De iguaes debates se offereça ensejo,  
De que eu steja ao teu lado faz certeza,  
Que é ter querendo ouvil-os, vil desejo. »
- 







## NOTAS AO CANTO XXX



Apresentam-se n'este canto mais trez especies de falsificadores. Discussão entre Mestre Adam e o Grego Siuon.

<sup>1</sup> Semele, filha de Cadmo e Hermone, amada por Jupiter, concebeu Baccho. Inteirado do caso, Juno determinou vingar-se, e sob a figura de Berõe ama a princeza thebana, induzindo-a a pedir ao Rei dos deuses que se lhe apresentasse com todas as pompas da sua gloria celestial. Jupiter, que se havia compromettido por juramento ao primeiro pedido, que lhe fizesse, assentiu mau grado seu, porque antevia o perigo, a que se ariscava a imprudente. Apenas o deus entrava nos paços de Semele, ateou-se irresistivel incendio, em que ella morreu. Jupiter ordenou a Vulcano, que extrahisse Baccho das entranhas da infeliz e o encerrou em uma das suas coxas, onde o teve até se completar o periodo da gestação.

<sup>2</sup> Athamante, da familia de Cadmo, Rei de Thebas, casou-se duas vezes: a primeira com Themisto ou Nephele, da qual teve dois filhos, Phryxo e Helle; e depois com Ino, filha de Cadmo, consorcio de que procederam Learco e Melicerta. Instigado por Ino, o Rei ia sacrificar os filhos do primeiro leito; mas Jupiter salvou-os, enviando um carneiro de vellocino de ouro, que os arrebatou pelos ares. Na viagem, Helle cahiu ao mar, que do seu nome chamou-se Hellesponto. Phryxo chegou a Colchos, onde immolou o carneiro ao deus Marte. Athamas enlouqueceu, e então, tendo por leõesinhos os filhos, que a Rainha lhe apresentava, matou Learco, atirando-o contra uma muralha. Ino, no extremo do terror e desesperação, arrojou-se ao mar com Melicerta: ambos foram convertidos em deuses marinhos.

Ovidio, nas *Met.* lib. IV, narra assim a loucura de Athamante e as suas consequencias:

*Protinus Æolides, media furibundus in aula,  
Clamat: « Io! comites, his retia tendite silvis;  
Hic modo cum gemina visa est mihi prole leona! »  
U'que feræ sequitur vestigia conjugis amens;  
Deque sinu matris videntem et parva Learchum  
Brachia tendentem rapit, et bis terque per auras  
More rotat fundæ rigidoque infantia saxo  
Discutit ossa feræ. Tum denique concita mater.*



*Seu dolor hoc fecit, seu sparsi causa veneni,  
Exululat, passique fugit malesana capillis;  
Teque ferens parvum nudis, Melicerta, lacertis,  
«Euhoe, Bacche!» sonat, Bacchi sub nomine Juno  
Risit, et: «Hos usos præstet tibi, dixit, alumnus.»  
Imminet æquoribus scopulos: pars ima cavatur  
Fluctibus, et tectas defendit ab imbris undas;  
Summa riget frontemque in apertum porrigit æquor  
Occupat hunc (vires insania fecerat) Ino;  
Seque super pontum, nullo tardata timore,  
Mittit, onusque suum: percussa recanduit unda.*

Tradução de A. F. de Castilho:

No meio do palacio eis furibundo  
Entra aos gritos o Eolide: Aqui todos,  
Aqui, monteiros meus, esta do bosque  
Interna parte m'a tomai de rêdes:  
Uma leão e dois cachorros filhos!  
Clama e correu insensato após da esposa,  
Em quem tresvio leão, ao collo d'ella  
Lhe ia o filhinho, o seu gentil Learco,  
A rir-se-lhe, a estender-lhe os alvos brácinhos.  
A querer ir-se ao pae: arranca-o, roda-o  
Duas, trez vezes pelo ar, qual funda;  
Feroz o solta e n'um penedo o esmaga.  
A mãe, então, frenetica, da magoa  
Pungida, ou que o veneno a vá minando  
Ulula, corre insana e desgrenhada;  
Leva nos braços nús, cerrado ao peito  
Seu outro filho, o tenro Melicerta.  
E vai bradando: O' Baccho! Evohe! Baccho!  
Sorriu Juno a tal nome. Embora logres  
Taes mimos—disse—do teu caro alumno!  
Surge um penhasco ás aguas sobranceiro;  
Das ondas o vaivem por baixo o miua;  
Vasto pego co'a abobada protege,  
Tanto a fronte escabrosa investe os mares!  
Ino, pois lhe ala forças o delirio,  
Lá vinga: e sem temor co'a linda carga  
Salta ao profundo, abysma-se com o baque,  
As aguas, alvejando, espadanaram.

<sup>3</sup> Hecuba, mulher de Priamo, Rei de Troya.

Ovidio, *Mét.* lib. XIII:

*Teque gemunt, virgo, teque, o modo regia conjux,  
Regia dicta parens, Asiæ florentis imago,  
Nunc etiam prædæ mala sors, quam victor Ulysses  
Esse suam nolle, nisi quod tamen Hectora partu  
Edident; dominum matri vix repperit Hector.  
Quæ corpus complexa animæ tam fortis inane,  
Quas totiens patriæ dederat natisque viroque,  
Huic quoque dat lacrimas: lacrimas in vulnera fundit,  
Osculaque ore legit; consuetaque pectora plangit,  
Canitiemque suam concreto in sanguine verrens...*



... Quo ferrea resto?  
 Quidve moror? quo me servas, annos a senectus?  
 Quo, di crudeles, nisi ut nova funera cemam,  
 Vivacem differtis annum? Quis posse putaret  
 Felicem Priamum post diruta Pergama, dici?  
 Felix morte sua est; nec te, mea nata, peremptam  
 Adspicit, et vitam pariter regnumque reliquit. . .  
 Omnia perdidimus. Superest, cur vivere tempus  
 In breve sustineam, proles gratissima matri,  
 Nunc solus, quondam minimus de stirpe virili,  
 Has datus ismario regi Polydorus in oras.  
 Quid moror interea crudelia vulnera,ymphis  
 Abluere, et sparsos immiti sanguine vultus?  
 Dixit et ad litus passu procedit anili,  
 Albentes lacerata comas. « Date, Troades, urnam »  
 Dixerat infelix, liquidas hauriet ut undas;  
 Adspicit ejectum Polydori in littore corpus,  
 Factaque threiciis ingentia vulnera telis.  
 Troades exclamant: obmutuit illa dolore,  
 Et pariter voces, lacrimasque introrsus obortas  
 Devorat ipse dolor, duroque simillima saxo  
 Torpet, et adversa figit modo lumina terra,  
 Interdum torvos sustollit ad æthera vultus,  
 Nunc positi spectat vultum, nunc vulnera nati.  
 Vulnera præcipue; seque armat, et instruit ira. . .  
 Sic Hacube, postquam cum luctu miscuit iram,  
 Non oblita animorum, annorum oblita suorum,  
 Vadit ad artificem diræ Polymestora cædis,  
 Colloquiumque petit. . .  
 Spectat truculenta loquentem,  
 Falsaque jurantem, tumidaque exæstuat ira.  
 Atque ita correpio, captivarum agmina matrum,  
 Invocat et digitos in perfida lumina condit,  
 Expellitque genis oculos facit ira valentem:  
 Immergitque manus, fœdataque sanguine sonti  
 Non lumen (neque enim superest), loca luminis haurit.  
 Clade sui Thracum gens irritata tyranni.  
 Troada telorum lapidumque incassere jactu  
 Cœpit: at hæc missum rauco cum murmure saxum  
 Morsibus insequitur, rictuque in verba parato  
 Latravit, conata loqui.

<sup>4</sup> Gianni Schicchi de' Cavalcanti, florentino famoso pelo geito com que contrafazia as pessoas. Sobre outras mostras que deu de habilidade, conta-se que Simão Donati, havendo fallecido Buoso Donati, seu pae (o *Ottimo* diz que era seu tio) conseguiu que Schicchi, mettendo-se no leito do morto, quando ainda se não sabia da sua morte, e arremedando-lhe a voz dictasse um testamento ao sabor dos seus interesses, em modo que o instituiu seu herdeiro e nullificou outro anteriormente feito. Schicchi, no acto, se não esqueceu de si, e disse: « Deixo a Gianni Schicchi de' Cavalcanti minha egua. » Ouvindo-o, Simão atalhou: « Não, senhor nós lhe daremos outra cousa. » Mas Schicchi insistiu; e depois cumpriu-se o testamento. Assim o refere o *Ottimo*. A egua era estimada em 1.000 florinus de ouro, e uma das mais bonitas da Toscana.

<sup>5</sup> Myrrha, filha de Cyuiras, Rei de Cypre, commetteu incesto por meios fraudulentos e fugiu para a Arabia, onde foi transformada na arvore do seu



nome. O fructo d'esse crime foi Adonis, a quem Venus extremosamente amou, morto na caça por um javardo e convertido em flôr.—V. Ovidio, l. X das *Mét.*

<sup>6</sup> Mestre Adam de Brescia, incitado pelos condes Alexandre, Guido e Aghinolfo de Romena, falsificou os florins de ouro de Florença, que representavam no averso um lyrio e no verso a imagem de S. João Baptista.

O illustre autor do *Veltro allegorico di Dante* refere com data de 1281: « Por esse tempo foi grave offensa irrogada á confiança publica. Mestre Adam de Brescia, hospedado em Romena dos Condes, falsificou os florins de ouro. Já circulava na Toscana impura moeda, quando, por occasião de incendiar-se a residência dos Auchionis em Borgo San Lorenzo, no Mugello, descobriu-se avultada somma de moeda falsa. Denunciando, o autor do crime foi queimado em vida na estrada, que conduz de Florença á Romena. Ainda hoje em dia mostra-se o logar, onde accendeu-se a fogueira em que foi reduzido a cinzas. O viandante por alli passa, atira-lhe uma pedra e recorda os bellos versos com que Dante condemnou o falsificador á perpetua infamia.

<sup>7</sup> Ampère, *Voyage dantesque* :

« Na torre de Romena, que ainda existe, Mestre Adam de Brescia, a impulso dos Condes de Romena, cunhou florins falsos com as armas de Florença, e foi queimado em logar, que, por memoria ainda se chama *consuma*. Era costume dos viandantes, que por alli transitavam atirar uma pedra. O meu guia conhecia o *Comoro do Finado*, mas ignorava a historia de Mestre Adam, sómente sabendo que alli morrera um homem. D'esta arte sobrevive a tradição, se bem que incompleta nas suas recordações.

« Dois motivos actuaram para que Dante, no seu poema, prestasse de-tidamente attenção a esse falsificador obscuro. Em primeiro logar, de-vera ser crime imperdoavel, ao parecer do patriota desterrado de Florença, a falsificação do florim, principal instrumento das transacções commerciaes e prosperidade florentina. De mais d'isto, o Poeta grave razão de queixa tinha contra os Condes de Romena, que n'esse criminoso commettimento se serviram de Mestre Adam. Dante havia-se acolhido á hospitalidade d'esses fidalgos, mas, quando mallogrou-se a expedição tentada pelos florentinos desterrados para se repatriarem, o Poeta, resentido da tibieza, com que n'aquelle ensejo procederam, apartou-se d'elles. Talvez por isso mencionasse o crime em que foram cúmplices, punido com infamia. Era no entanto habitual aos poderosos de então opulentarem-se por esse meio. No c. XIX do *Par.*, se diz que um Rei da Esclavonia cunhara ducados falsos de Veneza. Grandes e Reis, falsificavam moeda, não tinha a sorte de Mestre Adam: mas a poesia justicei a de Dante castigava os attentados, que sobrelevavam-se á lei.

« Mestre Adam, culpado por sua cubica, tem por pena insaciavel sêde: incha-lhe o corpo a hydropsia, seccam-lhe o rosto os tormentos da sêde. Para aggravar-lhe o mal, representa-lhe sempre a memoria a imagem dos amenos valles e cristallinos ribeiros, que dos verdes outeiros do Casentino se debruçam para o Arno:

Dos ribeiros, que ao Arno, murmurando,  
Do Casentio lá na verde encosta  
Se vão por molles alveos inclinando.

« Sente-se humido fresco ao ler estes versos. Em abono da verdade, cumpre dizer que o Casentino era realmente muito menos fresco e viçoso do que na poesia de Dante. Nos aridos sitios, que rodeavam essa poesia por effeito da sua própria perfeição, me impressionava com um pouco do tormento de Mestre Adam.



« Mestre Adam, possuído de resentimento deveras dantesco, diz que, se lhe fosse dado o gosto de ver os Condes de Romena padecer como elle, não trocaria esse contentamento pelo gozo das aguas de Fonte-Branda. Houve quem julgasse ser a fonte, que assim denominava-se em Siena; não creio, porém, que seja, posto se haja celebrisado pela sua situação e architectura. A Fonte-Branda de Mestre Adam é mais provavel que jorrasse as suas aguas então, como ainda hoje, á pouca distancia da torre de Romena, entre a scena do crime e o logar do patibulo. »

Tasso, *Ger. Lib. c. XIII*, est. 60 :

*S'alcun giammai tra frondeggianti rive  
Puro vide stagnar liquido argento  
O già precipitose in acque vive  
Per alpe, o in spiaggia erbosa a passo lento;  
Quelle al vago desio forma e descrive  
E ministra materia al suo tormento ;  
Chè l'immagine lor gelida e molle  
L'asciuga e scalda, e nel pensier ribolle.*

Os desterrados de Florença, em cujo numero estava comprehendido Dante, tendo-se reunido em Gargonza, castello de propriedade da familia Ubertini, que demorava entre Siena e Arezzo, accordaram ligar-se com os Gibelinos da Toscana e Romanha, tomando por capitão o conde Alexandre de Romena, que seria assistido de doze conselheiros : um d'estes foi Dante.

A este respeito escreveu Fraticelli (*Storia della vita di Dante*) :

« Quem foi Alexandre de Romena, capitão da liga dos desterrados ? Seria porventura esse Alexandre, *anima trista*, de quem Mestre Adam, por elle instigado a falsificar os florins de ouro, deseja ter na sua companhia pensando no inferno (c. XXX) ? Não, não foi esse, foi, porém, aquelle primo seu, que fallecendo em 1305, deixou por herdeiro Guipo e Oberto, condes de Romena, aos quaes Dante endereçou carta de pezames por occasião do passamento do seu tio, a quem qualifica do modo o mais honroso e cordeal, declarando-lhes que deixara de comparecer na solemnidade funebre, « *não por negligencia ou ingratidão* (palavras suas), *senão pela repentina pobreza, que do seu desterro lhe resultara, e que, como cruel perseguidora, despojando-o de armas e cavallo, me tem aprisionado no antro do seu captiveiro, em modo que por muitos esforços, que eu empenhe por libertar-me, continúa a subjugar-me, mostrando despiadosa no proposito de me deter sempre entre as suas garras.* »

\* Tendo esta cava onze milhas em circumferencia, e sendo a da cava nona (c. XXIX) de vinte e duas milhas, admittido que todas estejam igualmente distantes entre si, em modo que a área da exterior seja o dobro da interior contigua, por meio d'estes termos se poderá concluir qual seja a medida de cada uma das differentes cavas.

<sup>9</sup> A mulher de Putiphar.

*Genesis*, cap. XXXIX:

« Era, porém, José de formoso semblante e gentil aspecto. Pelo que, passados muitos dias, lançou sua mulher os seus olhos sobre José e lhe disse: Dorme commigo. O qual, não consentindo de modo algum no execravel crime, lhe disse: Bem sabes que meu senhor, depois de me ter entregue tudo, ignora o que tem em sua casa; nem ha cousa, que não esteja em meu poder ou que me não tenha entregado, excepto tu, que és sua mulher: como, pois, posso eu commetter esta maldade e peccar contra o meu Deus ? Com similhantes palavras, todos os dias era a mulher molesta ao mancebo : e elle recusava o estupro. Succedeu, pois, n'um dia que, entrando José em casa e fazendo uma certa obra



sem que ninguém o visse, ella, seguraudo-o pela orla do seu vestido, lhe disse: Dorme commigo. Elle, deixada em sua mão a capa, fugiu e sahiu para fóra. E tendo a mulher visto a capa nas suas mãos e que ella era desprezada... em prova da sua fidelidade mostrou a capa, com que tinha ficado, ao marido, quando se recolheu para a casa, e disse: Veio ter commigo o servo hebreu, que trouxeste, para fazer zombaria de mim, e, ouvindo que eu gritava, deixou a capa, em que me pegara e fugiu para fóra. O que tendo ouvido o senhor, acreditando em demasia as palavras da mulher, se irou em extremo, e lançou José no carcere, onde estavam fechados os presos do Rei. »

<sup>10</sup> Sinon, o Grego, que enganou os Troyanos, quando arditamente induziu estes a introduzir em Troya o cavallo de madeira.

Virgilio, *En.*, c. II :

*Talibus insidiis perjurique arte Sinonis  
Credita res, captique dolis lacrimisque coactis  
Quos neque Tydides, nec Larissæus Achilles,  
Non anni domnare decem, non mille carinæ  
Hic aliud majus miseris multoque tremendum  
Objicitur magis atque improvida pectora turbat...  
Dividimus muros et mœnia pandimus urbis  
Adcingunt omnes operi, pedibusque rotarum  
Subjiciunt labrus et stuppea vincula collo  
Intendunt. Scandit falsis machina muros  
Ficta armis. Pueri circum innuptæque puellæ  
Sacra canunt, finemque manu contingere gaudet.  
Illa subit, mediæque minas inlabitur urbi.  
O patria, o divum domus Ilium et inclita bello  
Mœnia Dardanidum! Quater ipso in limine portæ  
Substitit, atque utero soninum quater arma dedere  
Istamus tamen immemores cæcique furore  
Et monstrum infelix sacrata sistimus arce  
Tum etiam falsis aperit Cassandra futuris  
Ora, Dei jussu non unquam credita Teucris.  
Nos delubra delum miseri, quibus ultimus esset  
Ille dies festa velamus fronde per urbem.  
Vertitur interea cælum et ruit oceano nox,  
Involvens umbra magna terramque polumque  
Myrmidonumque dolos: fusi per mœnia Teucris  
Conticuere; sopor fessos complectitur artus  
Et jam argiva phalanx instructis navibus ibat  
A Tenedo, tacitæ per amica silentia luna,  
Litora nota petens, flammæ quum regia puppis  
Extulerat; falsisque Deum defensus iniquis,  
Inclusos utero Danaos, et pinca furtim  
Laxat claustra Sinon: illos patefactus ad auras  
Reddit equus, lætique cavo se robore promunt.*

Tradução de J. F. Barretto:

Tão bem Sinon propoz suas maldades,  
Que as temos por certissimas verdades.  
E aquelles que o gran filho de Tydeu  
Não venceu com mil naus dentro em dez annos,  
Nem o valente Achilles Larysseu,  
Venceu Sinon com lagrimas e enganoso.  
Corrobor do falso Pelopeu  
As traças e os ardis em nossos damnos



Qutra cousa maior e mais tremenda  
E aos peitos improvidos horrenda...

Sem se ouvirem razões, sem mais conselhos,  
Logo muros se rompem levantados,  
E ajudando assim os moços, como os velhos  
Leves ródas lhe impoem aos pés pesados.  
Cordas ao collo lançam e aparelhos,  
Por donde vão tirando alvoraçados.  
Assim sóbe a fatal machina os muros,  
Prenhada de armas e soldados duros.

De meuninos e virgens suave e pura  
Musica em torno a córos se escutava,  
Tendo-se por mimoso da ventura  
O que a corda tocar co'a mão chegava.  
Sobre as voluveis ródas mui segura  
Soberba ella e eminente caminhava;  
E pelo meio da cidade entrando,  
Parecia que a ia ameaçando.

O' patria! ó Ilio! estancia sempre amada  
Dos deuses! muros inclytos em guerra!  
Quatro vezes na porta atravessada  
Parou, de horror enchendo o ceu e a terra.  
Quatro o rumor se ouviu da gente armada,  
Que em seu ventre mortifero se encerra:  
Cégos com tudo e sem juizo instamos  
Que dentro da cidade a recolhamos.

Entre o monstro infelice e no sagrado  
Alcaçar o mettemos mais que insanos.  
Tambem Cassandra então nos move o Fado,  
Porém nunca foi criado dos Troyanos  
Nós co'a festiva folha ao modo usado,  
Logo os templos dos deuses soberanos  
Pela cidade ornamos este dia,  
Que ultimo para todos ser devia.

Deu volta em tanto ao mar a luz mais pura  
E antecipada a noite foi vestindo  
A terra e ceu de horror e sombra escura  
Os dolos dos Myrmidones cobrindo.  
Descansar cada qual então procura,  
E ás suas casas todos acudindo  
Repouso aos lassos membros dão jucundo,  
E toda Troya em somno cai profundo.

E' já como convinha a argiva armada  
Da avara ilha de Teuedos partida  
Pelo amigo silencio da calada  
Lua buscava a praia conhecida,  
Quando na capitanea alevantada  
Flamma, de industria a raptos repetida,  
Rompendo a treva escura aviso dava  
A Siuon, que despeito á mira estava.

E como os Fados sempre a conservaram  
Para tão grande mal inicamente,  
Tanto que os seus do mar lhe fuzilaram,  
Os pineos clautros abre diligente.  
Os Danaos fechados, como acharam  
Da prisão livre a porta, alegremente



Saem concavo lenho tão ligeiros,  
Que os ultimos parece são primeiros.

<sup>11</sup> Eis como narra Ovidio. *Met.* lib. III, a transformação de Narciso em flor (Trad. de A. F. de Castilho.):

Sem limos, toda esplendida, manava  
Fonte argentea, onde nunca os pegureiros,  
Nunca do monte as cabras repastadas,  
Nem outra qualquer jámais desceram;  
Ave alguma o cristal lhe não turbara,  
Nem ferra, nem caduca arborea rama  
Como seu frescor em torno se lhe alastra.  
Molle tapete hervoso, e a cingem bosques,  
Do lago contra o sol perenne escudo  
Da belleza do sitio e do saudoso  
Murmurio captivado aqui chegava,  
Da calma e do caçar oppresso, o joven  
Deitou-se e onde cuidou matar a sêde,  
Outra mais forte achou. Como bebia,  
Viu-se na agua; enlevou-se tantas graças.  
Julga corpo o que é sombra, a sombra adora.  
Immovel, sito, como pátrio busto,  
Pela pasmada sombra está pasmado.  
Debruçado contempla aquelles olhos,  
Astros seus, alvas mãos dignas de Baccho,  
Madeixas, que as de Apollo nada invejam,  
Faces imberbes, collo eburneo, boca  
Linda, estreita, no lyrio a côr das rosas.  
Admira tudo enfim, que admiram n'elle.  
Louco por si, recebe os seus louvores;  
Arde, inflamma, requesta, é requestado  
Que beijos vão nas aguas mentirosas!  
Que abraços dentro n'ellas mallogrados!  
N'aquillo que está vendo não atina;  
Mas de amor o consome, o que essá vendo;  
O erro, que lh'os seduz, lhe incita os olhos...  
... Sustento e somno, esqueceu tudo.  
Estirado na relva opaca e fria,  
Não se farta de olhar seu falso eulevo,  
E pelos olhos seus de amor se fina...  
Afflicto, de alto abaixo arranca as vestes  
E fere o peito nú co'as mãos de jaspe;  
No peito, assim ferido, um tenne rôxo  
Se accendeu: tal costuma apresentar-se  
Pomo candido em parte, em parte rubro;  
Taes em cacho immaturo purpurea  
Alvos bagos o sol. Notando n'agua  
Novamente espelhada o mesmo damno,  
Não poudé mais; bem como ao leve fogo  
Loura cêra se funde; e ao sol temp'rado  
Da geosa mauhan se esfaz o aljofar,  
Do terno, occulto incendio devorado.  
Narciso se desgasta, se atenua,  
A mixta côr da purpura e da neve  
Já se esváiu; sumiram-se com ella

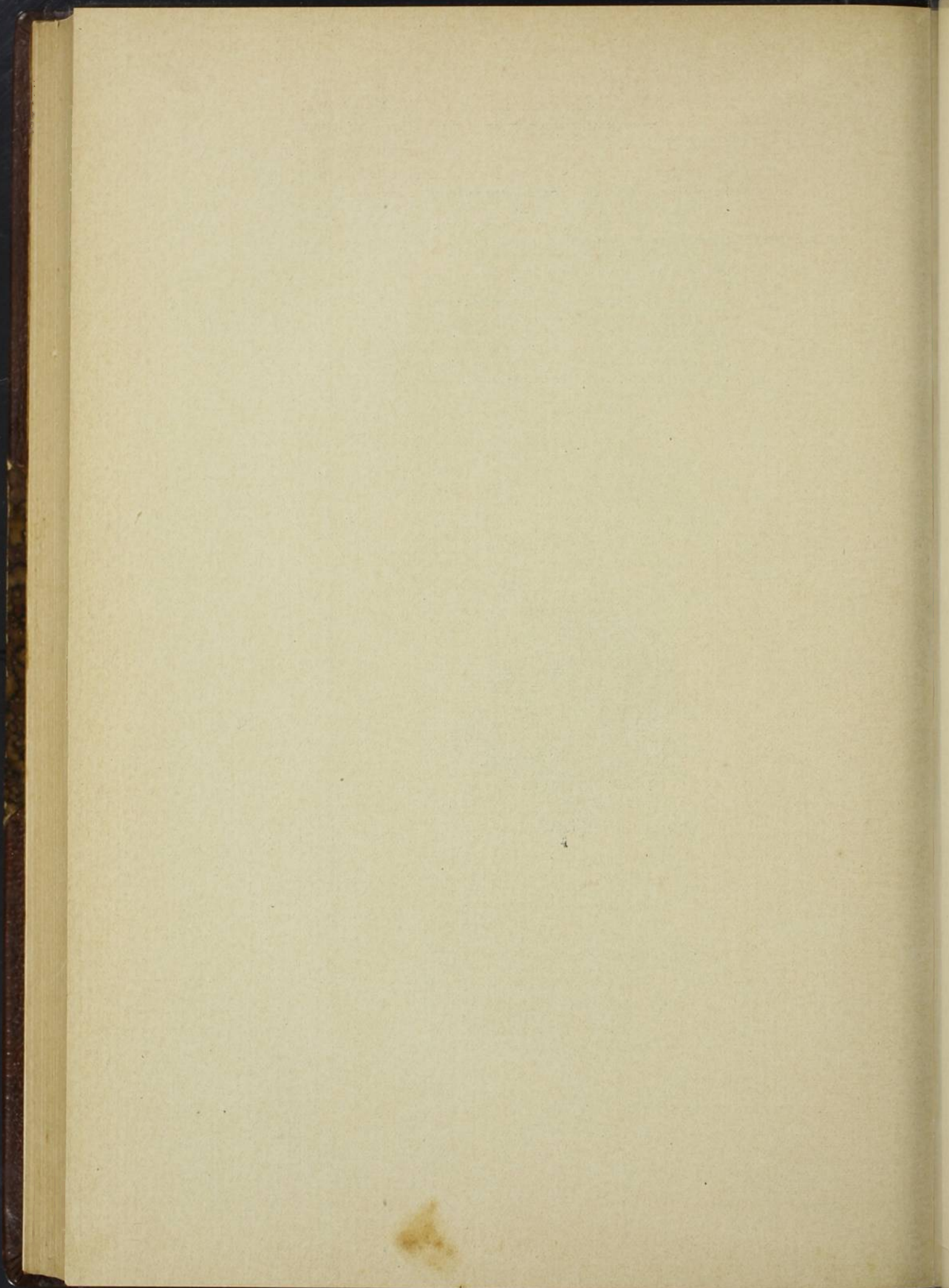


Forças, vigor, encanto, o proprio corpo,  
De Echo, ainda ha pouco, enleio. . .

Após isto entre a grama a lassa fronte  
O misero sumiu, cerrando a morte,  
Olhos não fartos de gosar seu dono,  
Que inda o lá foram remirar na Styge.  
Suas irmans, as Nayas, o choraram,  
E, cortando as madeixas, lh'as pozeram  
Em tributo de dôr ; choraram Drias,  
E Echo os seus choros repetio chorando.  
Já fachos, pyra e feretro dispunham,  
Quando, em lugar do corpo, acham no sitio  
Uma flôr, croceo o olho, as folhas alvas.











## CANTO XXXI

---

1. **A**LINGUA, que me havia vulnerado  
E a vergonha nas faces me accendera.  
O balsamo applicava ao mal causado:
2. Assim de Achilles e seu pae fizera,  
Dizem, outr'ora a lança portentosa: <sup>1</sup>  
Sarava o corpo, que cruel rompera.
3. Damos costas á estancia desditosa,  
Sem proferir palavra atravessando  
Sobre a borda, que em torno jaz fragosa.
4. Noite não sendo e dia não reinando,  
Pouco distante eu divisar podia,  
Eis som de trompa escuto, retumbando
5. Tão alto, que o trovão transcenderia,  
D'onde irrompera contra a parte andava  
E soffrego a um só ponto olhos prendia.
6. A de Orlando <sup>2</sup> tão forte não soava  
Na derrota fatal, que a santa empresa  
De Carlos Magno o desbarato dava.
7. Já assim por diante: eis a grandeza  
De muitas e altas torres me apparece.  
« Qual é » digo « essa vasta fortaleza ? »



8. « Pois de tão longe e em trevas te appetite  
Julgar » — Virgilio diz — « um erro agora  
Imaginando estejas acontece.
9. « Verás alli chegado, sem demora,  
Quanto a distancia a vista nos engana:  
O passo accelerar convem por ora. »
10. Da mão travou-me e em voz suave e lhana  
O Mestre proseguiu: « Antes que avante  
Passes, d'essa illusão te desengana.
11. « O que torre imaginas é gigante.  
Da cinta aos pés immergem-se no poço,  
E alçam bustos em torno ao espaço hiante. »
12. Quando o sol gasta o nevoeiro grosso,  
Pouco a pouco se mostra e é discernido  
Quanto occulta o vapor ao olhar nosso:
13. Vendo assim por esse ar escurecido,  
Da borda mais e mais me apropinquando,  
Fugia o erro, o horror tinha crescido.
14. Como torres em rôda se elevando,  
Montereggion <sup>3</sup> guarnecem de corôa:  
Assim do poço a margem circumdando,
15. Torream com metade da pessoa  
Os horriveis gigantes, que ameaça  
Do ceu ainda Jove, quando trôa.
16. Distingo a cara de um (e me traspassa  
O medo), logo os braços, peito e parte  
Do ventre, que da borda a altura passa.
17. Bem fez a natureza, quando essa arte  
De taes monstros crear ha descurado,  
De iguaes agentes desarmando Marte.
18. Se ainda a selva e mar têm povoado  
Do elephante e baleia, subtilmente  
Quem pensa justa e sabia a tem julgado.
19. Mal seria aos humanos permanente,  
Se perspicaz engenho encaminhasse  
Maligno instincto em robustez ingente.



20. Larga e comprida pareceu-me a face,  
Qual de S. Pedro, em Roma, a bronzea pinha: <sup>4</sup>  
A proporção nas outras partes dá-se.
21. O corpo, que da borda acima vinha,  
Tanto ao ar elevava a gran figura,  
Que trez Frisões, por lhe attingir a linha
22. Da cerviz, não fariam tanta altura,  
Porquanto eu esmava em trinta grandes palmos  
Do collo ao poço a válida estatura.
23. *Rafel mai amech zabi almos* <sup>5</sup>  
A pavorosa boca assim bradava;  
Não podia entoar mais doces psalmos.
24. Disse-lhe o Mestre: « O' alma bruta e brava!  
Tange a trompa, se queres lenitivo  
A' paixão, que te accende ardente lava.
25. « A roda busca do pescoço altivo  
O loro, a que se prende alma confusa!  
Vê que te cruza o vasto peito esquivo. »
26. Depois a mim: « De quanto fez se accusa,  
E' Nemrod; <sup>6</sup> por tomar estulta empreza  
O mundo uma linguagem só não usa.
27. « Deixemol-o: falar-lhe é van despeza.  
Como idioma de outros não comprehende,  
A quem o escuta o seu move extranheza.
28. Vamos então caminlio, que se estende  
A' sestra. Outro, de béstia quasi a tiro,  
Está mais fero, o ar mais alto fende.
29. Que mão captiva o monstro, que admiro  
Dizer não sei: o seu direito braço  
Ao dorso preso vi, e ao peito diro
30. O outro, de grilhão no estreito laço,  
Que com circulos cinco lhe cercava  
Do enorme corpo o descoberto espaço.
31. « Esse reprobó » — diz Virgilio — « ousava  
Medir forças com Jove soberano:  
Eis o fructo do orgulho, que o damnava!



32. Era Ephialto : executou seu plano.  
Quando aos Deuses gigantes aterraram.  
Jámais os braços mover pôde o insano. »
33. « Os meus olhos, o' Mestre, assaz folgaram,  
De Briareu <sup>7</sup> se vissem desmarcado  
As fórmãs » vozes minhas lhe tornaram.
34. « Anteu verás » — me diz — muito afamado :  
Stá solto, fala e nos demora perto :  
Hade ao fundo levar-nos de bom grado.
35. « Remoto esse outro fica, e tem por certo  
Que em grilhões e estatura áquelle iguala :  
Mais fero em vulto, em mal é mais experto. »
36. Jámais um terremoto a torre abala  
Em convulsões tão rapido, tão forte,  
Como Ephialto a mover-se. Eu já sem fala,
37. Assombrado, cuidei ter perto a morte;  
E de pavor sem duvida expirara,  
Se elle preso não fosse, e de tal sorte.
38. Presto ao logar seguimos, onde pára  
Anteu: fóra a cabeça, em cinco braças  
A' borda sobreleva, o que separa.
39. « Tu, que no val feliz, <sup>8</sup> aonde as graças  
E as palmas Scipião colheu da gloria,  
Quando Annibal vexavam só desgraças,
40. « Mil leões apresaste por memoria;  
Que, aos irmãos se ajudaras na alta guerra.,  
Se crê triumpho registasse a historia
41. « Dois fortes filhos da fecunda Terra !  
Ao fundo transportar-nos sê servido,  
Onde ao Cocyto o frio as aguas cerra:
42. « Te hemos a Typho e a Ticio <sup>9</sup> preferido.  
Dar pôde este varão o que mais se ama :  
Curvando-te compraz ao seu pedido.
43. « No mundo pôde restaurar-te a fama,  
Pois vive e ainda longa vida espera.  
Salvo se a Graça antes de tempo o chama. »

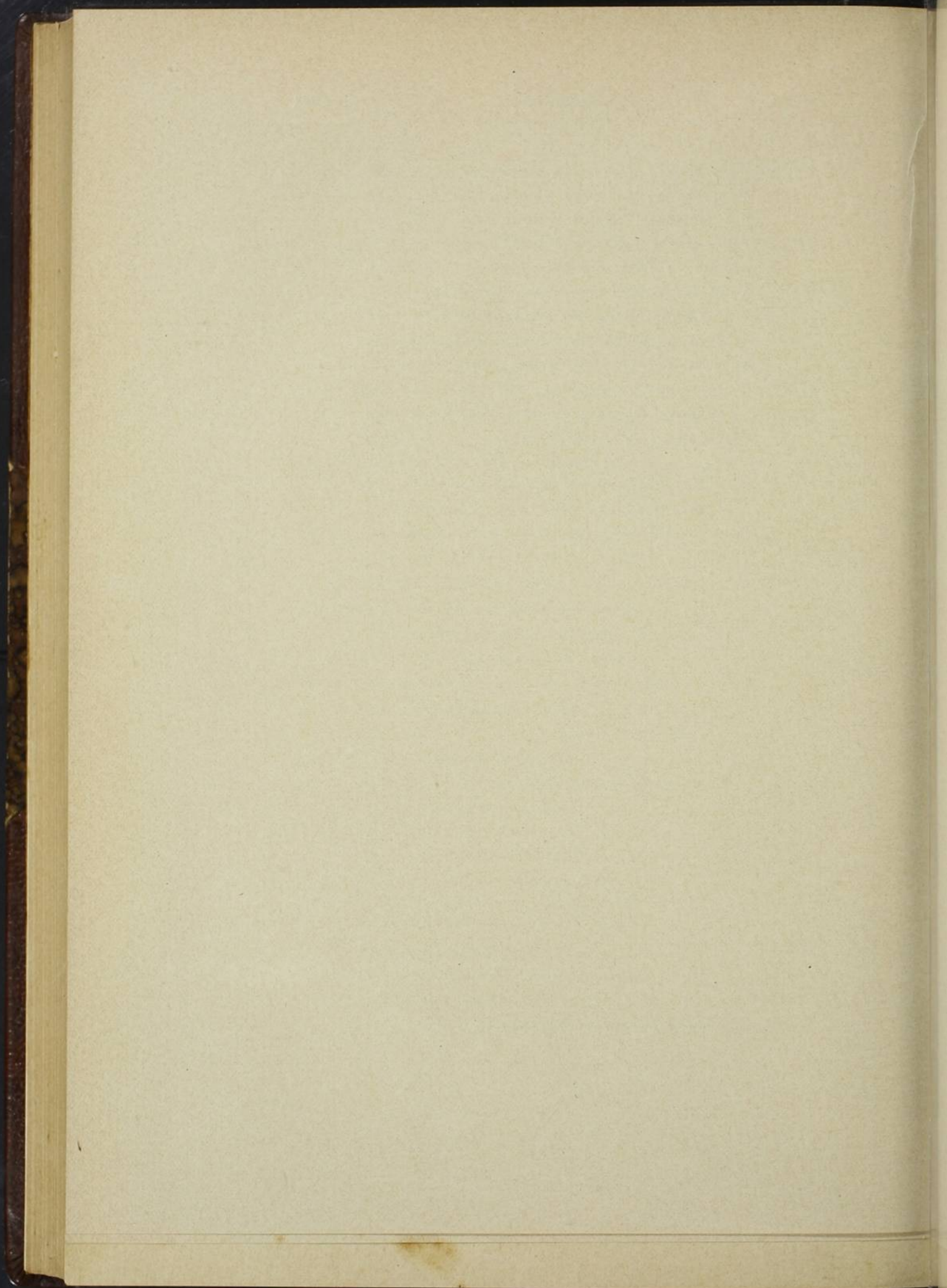


44. Falára o Mestre. Anteu não considera:  
Toma-o logo nas mãos, que lesto off'rece  
E a que sentira Alcide a força fera.
45. Quando entre os dedos seu Virgilio vê-se,  
Diz-me : « Faze-te prestes, que eu te abraço ! »  
Ao Mestre o meu querer prompto obedece.
46. Quem Carisenda, <sup>10</sup> em seu pendor olhasse,  
Cuidára, ao passar nuvem, que imminente  
Ruina ao lado opposto ameaçasse:
47. Tal Anteu parecia de repente  
Do corpo ao menear: quando o inclinava,  
Estrada eu preferia diferente.
48. Mas de leve no fundo nos pousava, \*  
De Judas e de Lucifer assento.  
A postura deixando, que o dobrava,  
Qual mastro impertigou-se n'um momento.

---

\* Nono circulo dividido em quatro espheras.







## NOTAS AO CANTO XXXI



Entram os Poetas no circulo nono, o qual se reparte em quatro divisões.  
A' entrada estão os gigantes. Por intervenção de Anteu baixam ao fundo do poço central.

<sup>1</sup> Da lança de Pelias, pae de Achilles, disse Ovidio :

*Vulnus in herculeo quæ quondam fecerat hoste  
Vulneris auxilium Pelias hasta fuit.*

<sup>2</sup> Na batalha de Roncesvalhes, Roldão ou Orlando, ferido em batalha pelos Sarracenos, para pedir soccorro tangeu a sua trompa, cujos sons se ouviam á vinte milhas de distancia. Assim o diz a chronica do Arcebispo Turpim, o qual accrescenta que n'essa occasião tanta força empregou para altear os sons, que rompeu as veias e nervos do pescoço. Carlos Magno, estando no valle, que demorava a 8 milhas, ouviu distinctamente aquelle bradar de desesperação. Quiz acudir, por conhecer d'onde partiam ; mas foi dissuadido d'esse proposito pelo traidor Ganulão, que o acompanhava, explicando o soar da trompa por motivos, que pareceram plausiveis ao Imperador.

<sup>3</sup> Ampère, *Voyage dantesque*:

« Antes de se chegar á Siena, mais uma prova se depara do quanto se aprimoram pela fidelidade do traço as breves descripções de Dante. Compara os gigantes, que se elevam em roda do abysmo com a cidadella de Montereccione, assentada sobre um tezo visinho á Siena e coroando-o de torres, postas na circumferencia, sem nenhuma, porém no centro. Ainda no seu presente estado acha-se fidelidade no segundo verso:

*Montereccione di torri si corona.*

« As comparações, que Dante deduz das localidades, são tão acertadas e felizes, que a cada passo uma perspectiva traz á memoria um verso, uma imagem do Poeta. Quem viaja por lugares, onde passou Dante, tem presente uma não descontinuada illustração do seu poema. »

<sup>4</sup> A pinha de bronze, que serve aqui de termo de comparação, foi achada no mausoléo de Adriano, cujo pinaculo julga-se que rematava por esse ornamento colossal.



Ampère, *Voyage dantesque*:

« O unico fragmento de antiguidade romana, positivamente mencionado na *Divina Comedia*, é essa pinha colossal de bronze, que ora se acha no Vaticano. N'aquelle tempo existiu no pateo rodeado de um portico, que precedia a antiga basilica de S. Pedro... Dante compara com essa pinha a cabeça de um gigante, que descortina por entre a cerração no ultimo circulo do inferno.

« Recommenda-se á attenção o cuidado, com que se esmera por familiarisar a imaginação com aquillo que talvez a impressionava pouco. Aqui, o termo de comparação é um objecto de grandeza certa e determinada: a altura da pinha é de onze pés. e, por tanto, a do gigante devia ser de setenta. Faz na descripção o effeito das figuras collocadas a par dos monumentos, para facilitar á vista a medida da sua altura. »

<sup>5</sup> *Rufel mai amech zabi almos.*

Têm-se afaunado os commentadores por descobrir a significação d'estas palavras. O padre Ventura, tendo para si que fossem derivadas do hebraico e de alguns dos seus dialectos, interpretou-as do modo seguinte: O' poder de Deus, pois estou neste profundo poço? Torna atraz! Esconde-te! A mais geral opinião é que Dante escreveu-as arbitrariamente. As palavras de Nemrod, diz o *Ottimo*, nada significam ao entendimento.

No original está *alm*: rimando com *salmi*. A necessidade da consoante obrigou o traductor a escrever *almos*.

<sup>6</sup> *Genesis*, cap. X:

« Ora, Cus foi pae de Nemrod; este começou a ser poderoso na terra. E era um robusto caçador diante do Senhor. D'aquí vem este proverbio: *robusto caçador diante do Senhor como Nemrod*. »

E cap. XI:

« Ora, na terra não havia senão uma linguagem e um mesmo modo de falar. E os homens, tendo partido do Oriente, acharam um campo na terra de Sennaar e habitaram n'elle. E disseram uns aos outros: Vinde, façamos tijolos e cozamal-os no fogo. Elles, pois, se serviram de tijolos por pedra e de betume por cal traçada: e disseram entre si: Vinde, façamos para nós uma cidade e uma torre, cujo cume chegue até o céu; e façamos celebre o nosso nome antes que nos espalhemos por toda a terra.

« O Senhor, porém, desceu para ver a cidade e a torre, que os filhos de Adam edificavam, e disse: Eis aqui um só povo e uma só linguagem, de todos, e pois, que elles começaram esta obra, não desistirão do seu intento, menos que não o tenham de todo executado. Vinde, pois, desçamos e confundamos de talsorte a sua linguagem, que o não ouça cada um a linguagem do que está proximo. E d'esta maneira é que o Senhor os espalhou d'aquelle lugar por todos os paizes da terra, e elles cessaram de edificar a cidade. »

<sup>7</sup> O gigante de cem braços, de quem diz Camões, *Lus. c. V.*, est. 51:

Fui dos filhos asperrimos da Terra,  
Qual Encelado, Egeu e o Centimano.

Virg. *En. c. X*:

*Aëxœon qualis, centum cui brachia dicunt  
Centenasque manus, quingenta oribus iguem  
Pectoribusque arsisse, Jovis cum fulmine contra  
Tot paribus streperet clipeis, tot stringeret ensis.*



Tradução de J. F. Barretto:

Qual Egeon, gigante deshumano,  
Que dizem ter cem braços e mãos cento,  
E por cincoenta bocas a Vulcano,  
Lançar de tantos peitos turbulento  
Quanto contra de Jove o raio insano  
Tantos pares, com louco atrevimento,  
De escudos sonorosos meneava,  
E outras tantas espadas apertava.

\* No valle de Bagrada comprehende-se em parte essa planície de Zama, onde Scipião deu a famosa batalha em que venceu a Annibal.

Lucano, *Pharsalia*, c. IV:

*Nondum port genitos Tellus effeta gigantas  
Terribilem Lybicis partum concepit in antris.  
Nec tam justa fuit terrarum gloria Typhon,  
Aut Tityos, Briareusque ferox; cæloque pepercit,  
Quod non Phlegæis Anæum sustulit arvis  
Hoc quoque tam vastas cumulavit munere vires  
Terra suifetus, quod, quum tetigere parentem,  
Jam defecta vigenit, renovato robore, membra...  
Ut tandem auxilium tactæ prodesse parentis  
Alcides sensit: « Standum est tibi, dixit, et ultra  
Non credere solo, sternique velabere terra.  
Hærebis pressis intra mea pectora membris:  
Huc Antæa, cades. » Sic fatus, sustulit alte  
Nilentem in terras juvenem, morientes in artus  
Non potuit nati Tullus premittre vires.  
Alcides medium tenuit; jam pectora pigro  
Stricta gelu, terrisque dui non crededit hostem  
Hinc, ævi veteris custos, famosa vetustas  
Miratrixque sui signavit nomine terras.  
Sed majora dedit cognomina collibus istis  
Pænum qui Latii revocavit ab arcibus hostem  
Scipio; nam sedes Lybica tellure potito  
Hæc fuit. In veteris cernis vestigia valli  
Romana hos primum tenuit victoria campos.*

No lib. II de *Monarchia* escreveu Dante:

« De dois modos por lucta manifesta-se o juizo de Deus: pelo embate de forças, como succede entre dois combatentes; e pelos esforços de muitos que porfiam por chegar á uma certa barreira. Figuraram os Gentios o primeiro modo no desafio entre Hercules e Anteu, que Lucano rememorou no c. IV da *Pharsalia* e Ovidio no IX da *Metamorphoses*. »

\* Virgilio *En.* c. VI:

*Hic genus antiquum Terræ, Titania pubes,  
Fulmine dejecti, fundo volventur in imo.  
Hic et Aloidas geminos immania vidi  
Corpora; qui manibus magnum rescindere cælum  
Adgressi, superisque Jovem detrudere regnis...  
Necnon et Tityon, Terræ omniparentis alumnus  
Cernere erat; per tota novem cui jugera corpus  
Ponigitur....*



Tradução de J. F. Barretto (V. c. VI est. 129, 130, 132).

Ovidio, *Met.* lib. V: (Tradução de A. F. de Castilho).

Dos abysmos do mar circumsonante  
Surge a Trinacria vasta, a cujo pezo  
O colossal Typhœu jaz sotoposto.  
Ao que tanto dos ceus contou co'a posse  
Nas entranhas da terra alli o affrontam  
De bastas serras horrorosas massas.  
Amiude barafusta e luta erguer-se ;  
Mas sobre a dextra mão lhe está pezando  
Oitalico Peloro, o grau Paehyno  
Na esquerda, o Lilibeu lhe opprime as pernas.  
O Etna, lhe afunda turbida cabeça ;  
O Etna, por onde as fauces do raivoso  
Rojam trovões e fumo, incendio e lava,  
Causa co'a bruta carga o corpo bruto :  
Sacudir-vos então de si forceja,  
Altas cidades, torreados montes :  
Retreme a terra, enfina o Rei das sombras,  
Que já por bouqueirões, se o sólo os rasga  
Presume entrar-lhe a luz, turbar-lhe os mortos.

<sup>10</sup> Carisenda, torre inclinada de Bolonha.







## CANTO XXXII



1. **S**E usasse rimas asperas, rouquenhas  
Proprias do poço <sup>1</sup> lobrego e tristonho,  
Que do inferno sostem as outras penhas,
2. Melhor idéa do logar medonho  
Déra; mas tal vantagem me fallece.  
O meu conceito, pois, tímido exponho.
3. E' ardua empreza, em que o animo esmorece  
O centro descrever do mundo inteiro:  
Para empenho infantil ser não parece. <sup>2</sup>
4. Das Musas se ajudar poder fagueiro,  
Como a Amphião em Thebas o mostraram, <sup>3</sup>  
Fiel serei dizendo e verdadeiro.
5. O' malfadada turba, a quem tocaram  
D'este abysmo os castigos, bruto gado  
Sendo, fados melhores te aguardaram. <sup>4</sup>
6. Descidos nós ao poço negregado  
Das plantas muito abaixo do gigante, <sup>\*</sup>  
O alto muro mirava-lhe espantado,

---

\* Primeira esphera.



7. Quando ouvi: « Tem cuidado, o' caminhante!  
Não calques de irmãos teus desventurados  
As fronte. » \* Eu, voltando-me, adiante
8. E sob os pés, de um lago vi gelados  
Os planos tanto, que os dizer podia,  
Não de agua, de cristal, porém, formados.
9. Do Danubio a corrente não seria  
Tanto em Austria no inverno enrijecida,  
Nem do Tanais, na zona sempre fria.
10. Do lago sobre a face empedernida  
Calisse ou Tambernich ou Pietrapana: <sup>5</sup>  
Não fôra ao pezo enorme combalida.
11. Qual ran, que no paúl coaxando, ufana  
Um pouco emerge, emquanto a camponeza  
Sonhando está que a respingar se afana:
12. Taes gemiam as sombras na frieza  
Té a cintura lividas, batendo,  
Como a cegonha, os queixos com presteza.
13. Para o seio a cabeça lhes pendendo,  
Do frio a boca indicios claro dava,  
Nos olhos a tristeza está se vendo.
14. Quando attentei no quanto em roda estava,  
Duas vi aos meus pés, em tal abraço,  
Que, travado, o cabello se enleiava.
15. « Quem sois que os peitos n'esse estreito laço  
Apertais ? » perguntei. Então, voltando  
Os collos para traz, um curto espaço
16. Me encararam ; porém dos olhos quando  
Lhes brotavam as lagrimas, a neve  
Cerrou-os entre os cilios as coalhando.
17. Nunca dois lenhos tanto unidos teve  
Cavilha : elles, de irados, se investiram,  
Quaes capros, que a marrar o furor leve.

---

\* Traidores ao proprio sangue.



18. Terceiro, a quem, geladas lhe caíram  
As orelhas, com rosto baixo fala :  
« Por que teus olhos soffiregos nos miram ?
19. « O par desejas conhecer, que cala ?  
Proprio lhes fôra e ao geutor Alberto <sup>6</sup>  
O valle, onde o Bisenzio faz escala.
20. « De um só ventre nasceram : tu, por certo,  
Não acharás mais di'nos em Caína,  
De ter de gelo o vulto seu coberto,
21. « Nem esse, a quem de Artús dextra assassina <sup>7</sup>  
De um bote o peito e a sombra traspassára ;  
Nem Focacia <sup>8</sup> e o que a fronte agora inclina,
22. « A vista me tolhendo, e se chamara  
Mascheroni Sassol, <sup>9</sup> bem conhecido :  
Se és Toscano, esse nome te bastara.
23. « Fique, por vozes escusar, sabido  
Que Pazzi <sup>10</sup> eu sou e que, em Carlin chegando,  
Serei por menos criminoso havido. »
24. Mil outros via roxos tiritando:  
Desde então de arripios sou tomado  
Ante gelidos vaus, este lembrando.
25. E o centro demandando, em que firmado  
Do universo gravita todo o pezo,  
Tremulo havia a treva eterna entrado,
26. Eis, sem querer, da sorte ou por desprezo,  
Entre tantas cabeças caminhando,  
A face de um calquei no gelo prezo.
27. « Porque me pizas ? » reclamou chorando,  
« De Monte Aperti <sup>11</sup> ao feito por vingança  
Inda me estás d'esta arte molestando ?
28. « Mestre, espera-me aqui » — disse. « Me lança  
Em duvida este mau : solvel-a quero.  
Eu depois correrei, se houver tardança. »
29. Parou ; e ao peccador falei, que, fero,  
Duras blasphemias proferia agora :  
« Quem és tu, que me increpas tão severo ? »



30. « E tu mesmo quem és, que na Antenora »  
Tornou—« d'essa arte as faces me espesinhas ?  
Um vivo, certo, menos crú me fôra. »
31. « Sou vivo e posso entre as memorias minhas  
Do nome teu apregoar a fama »  
Respondi—« se te aprazem louvaminhas. »
32. « Só quer o olvido quem te fala » exclama \*  
« Vai-te ! De sobra já me estás molesto. \*\*  
Aqui não cabe da lisonja a trama. »
33. Travei da nuca ao peccador infesto  
E disse :—« Ou perderás todo o cabelo,  
Ou quem tu foste me declara presto ! »
34. « Mil vezes pódes arrancar-me o pello,  
De ver-me a face não terás o gosto  
E de saber qual foi meu nome e appello. »
35. As mãos lhe havia no cabelo posto ;  
Da guedelha uma parte arrebellara :  
Ganindo, elle abaixava sempre o rosto,
36. Quando outro brada : « O' Bocca, isso não pára ?  
Pois os queixos bater não te é bastante ?  
Já lates ! Que demonio em ti dispara ?
37. « Não mais, impio traidor » no mesmo instante  
Respondo « exijo ; o que de ti stou vendo  
Contarei por te ser mais infamante. »
38. « Vai ! Se sahires d'este abysmo horrendo,  
Quanto queiras refere, do apressado,  
Que de lingua assim foi, não te esquecendo.
39. « Ouro chora, que a França lhe ha doado.  
Eu vi—pódes dizer—Baso Duera <sup>12</sup>  
De outros muitos no gelo acompanhado.
40. « Se perguntarem quem aqui mais era,  
Olha e terás ao lado Beccaria, <sup>13</sup>  
A quem Florença degollar fizera.

---

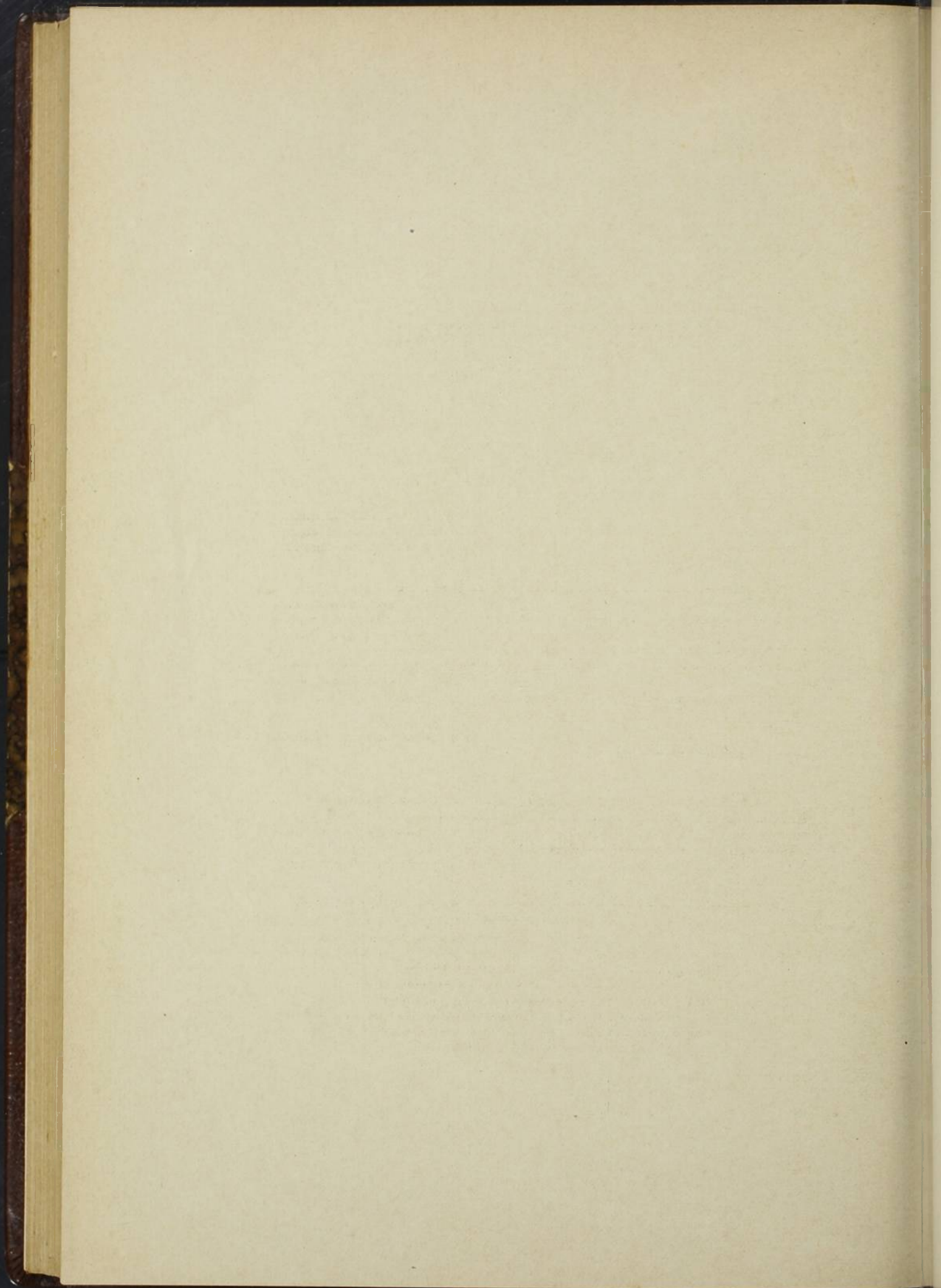
\* Segunda esphera.

\*\* Traidores á patria.



41. « Gian del Soldanier, ha pouco eu via  
Além com Ganellon e Tribaldello.  
Que abriu Faenza, enquanto se dormia. »
42. Deixamol-o ; mas subito de gelo  
Postos em furna vi dois condemnados :  
Cabeça de um a de outro era capello.
43. Como a pão se agarrando os esfaimados,  
Por cima um no outro os dentes aferrava  
Onde a cerviz e o craneo estão ligados.
44. Qual Tyden, <sup>14</sup> que a dentadas lacerava  
De Menalippo a fronte enraivecido,  
Elle o cerebro e os ossos mastigava.
45. « Tu, que, de odio tão sevo possuido,  
Te encarniças feroce no inimigo,  
« Dize—exclamo—porque foi produzido.
46. « Se eu souber que a justiça está contigo  
E houver da culpa e réo conhecimento,  
No mundo a compensar-te ora me obrigo,  
Se não perder a lingua o movimento. »
-







## NOTAS AO CANTO XXXII



Trata-se n'este canto da primeira e de parte da segunda das quatro divisões, em que se reparte o nono e ultimo circulo. A primeira, que se chama Caína, encerra os que atraçoaram os seus proprios parentes. Na segunda, Antenora, estão os traidores á patria.

<sup>1</sup> O ultimo circulo do inferno, onde é castigado o maior dos crimes, a traição, é figurado por um poço, que tem o diametro de duas milhas e a circumferencia de seis e dois setimos. Quatro são as especies de traição, cada uma das quaes se distingue pela sua denominação, e tem sitio proprio, crescendo de uma para a outra a gravidade da pena. A primeira é *Caína*, nome derivado de Caim, traidor e assassino do seu irmão Abel. A segunda, *Antenora*, de Antenor, troyano, que trahiou a sua patria. A terceira, *Ptolomea*, de Ptolomeu, Rei do Egypto, que atraçoou Pompeu. A quarta *Judeca*, de Judas o Iscariotes, que entregou o Divino Mestre.

<sup>2</sup> *Mamma o babbo* — vozes, que balbuciam as crianças antes de sabrem falar: significam mãe e pae.

Dante — *de Vulgari Eloquio*, lib. II, cap. 7 :

« Considera, leitor, quanto has mister desvelar-te na escolha das palavras egregias: pois, se attentas bem no vulgar illustre, de que os poetas, de cujo eusino nos occupamos, devem usar tragicamente, como acima fica dito, reconhecerás que unicamente reservarás no teu crivo os vocabulos nobillissimos. Não se comprehendem n'este numero os que são pueris pela sua simplicidade, como *mamma e babbo, mãe e pae.* »

<sup>3</sup> Segundo a mythologia grega, Amphião, ajudado das Musas, fizera descer do monte Citheron pedras, que, se unindo espontaneamente, formaram os muros de Thebas. Explica-se esta fabula pelo poder da eloquencia, com que Amphião induzira homens pouco civilisados a executar a traça da nova cidade.

Dizia-se Amphião filho de Jupiter e Antiope, mulher de Lyco, Rei de Thebas. Com seu irmão Zetho foi por ordem do Rei exposto, pouco depois de nascer, no monte Citheron e criado por pastores. Chegados á juventude, mataram Lyco para vingar sua mãe, que fôra por elle atormentada. Assenhoreando-se de Thebas, reinaram conjuntamente e elevaram os seus domínios ao auge da prosperidade pela cultura e accrescentamento das artes.



<sup>4</sup> Matheus, cap. XXVI :

« Ai d'aquelle homem, por cuja intervenção ha de ser entregue o filho do homem : melhor fôra ao tal homem não haver nascido. »

<sup>5</sup> Tambernich e Pietrapana, montanhas, uma na Esclavonia e outra proxima á Lucca.

<sup>6</sup> Alberto degli Alberti teve dois filhos, Alexandre e Napoleão, que reciprocamente se hostilizaram com extremos de rancor tal, que remataram pela morte de ambos. Seu pae lhes deixara o dominio de Falterona, onde nasce o Bisenzio, affluente do Arno.

<sup>7</sup> Mordrec, filho de Arthur, Rei da Inglaterra, emboscado para assassinar seu pae, foi por este prevenido com um bote de lança tão valente, que se via a luz pelo outro lado da ferida.

<sup>8</sup> Tocacia dei Concelliere, de Pistoia, decepou uma das mãos a um seu primo e assassinou o tio.

<sup>9</sup> Sassol Mascheroni, da familia Toschi de Florença, assassinou um sobriho para usurpar os seus haveres.

<sup>10</sup> Alberto dei Camicioni dei Pazzi de Vadarno matou a seu parente Ubertino, crime, que pareceu desculpavel, comparado com o de Carlino dei Pazzi, que traioeiramente entregou o Castello de Piano de Trevigua, onde se achavam homisiados muitos desterrados florentinos, os quaes morreram ás mãos dos seus inimigos.

<sup>11</sup> Fala Bocca degli Alberti, florentino, que por sua traição concorreu para serem os guelfos de Flosença desbaratados na famosa batalha de Monte-Aperti.—V. notas ao c. X.

<sup>12</sup> Bocca refere-se a Boso di Duera, de Cramona, que, peitado franqueou a passagem, pela Lombardia em direcção á Apulia, aos trancezes sob a conducta de Guido de Monforte.

<sup>13</sup> Beccaria, de Pavia, abbade de Vallombrosa, legado do Papa em Florença, foi decapitado por se ter descoberto o conluio, que tramara contra os Guelfos a favor dos Gibelinos.

Giovanni Soldanieri, do partido gibelino, atraioou os seus co-religionarios politicos, lançando-se com os adversarios, que o galardoaram dando o primeiro logar na governança.

Ganelão, o traidor, que deu traça para perder em Roncesvalhes, Roldão, conjunctamente com os outros Pares de França, como consta da *Chronica do Arcebispo Turpin*.

Tebaldello abriu as portas de Faenza aos Bolonhezes á noite, quando os habitantes desapercebidos dormiam.

<sup>14</sup> Tydeu, filho de Eneu, Rei da Calydonia, tendo, no cêrco de Thebas morto a Menalippo, que o ferira, mandou trazer á sua presença a cabeça do seu inimigo e com os dentes dilacerou-a.

Stacio, *Theb.* c. VIII :

« *Ecce seccat Zephiros ingentem fraxinus iram  
Fortumanque ferens; teli non eminent auctor,  
Astacides Menalippus erat; nec prodidit ipse,  
Et vellet latuisse manum; sed gaudia turmæ  
Monstrabant trepidum; nam flexus in ilia Tydeus  
Submissum latus et clypei laxaverat orbem.*



Ciamorem Aonii miscent gemitumque Pelasgi  
Objectantque manus, indignantemque tuentur  
Ille per oppositos, longe rimatus, amarum,  
Astacidem, totis animæ secogit in ictum  
Reliquiis, telumque jacet, quod proximus Hoplaus.  
Præbuerat: perit expressus conamine sanguis.

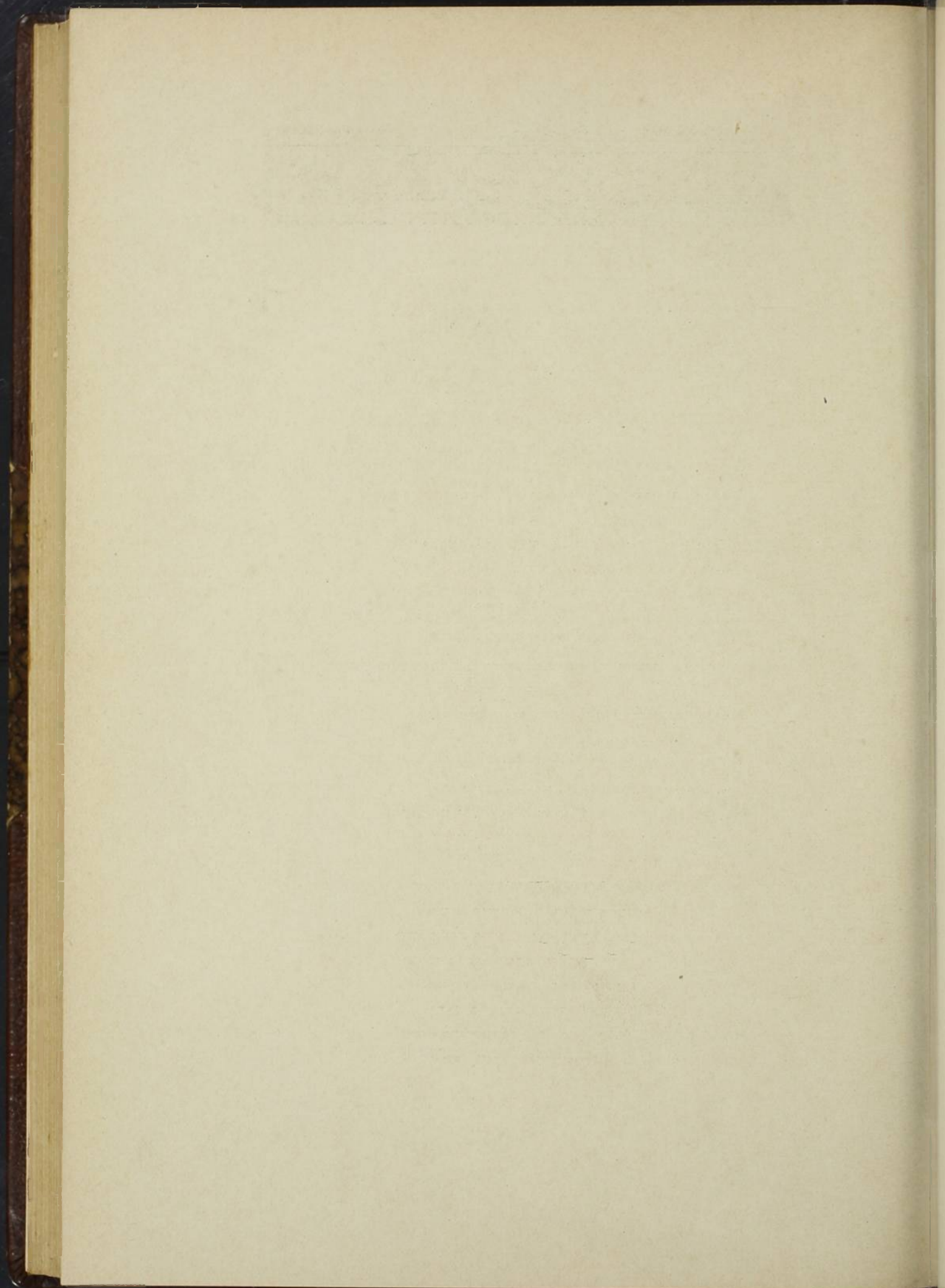
Tunc tristes socii cupidum bellare (quis ardor!)  
Et poscentem hastas, mediaque in morte negantem  
Expirare, trahunt, summique in margine campi  
Effultum gemina latera inclinantia parma  
Ponunt, ac sævi rediturum ad prælia Martis  
Promittunt stentes; sed ed ipse recedere cælum,  
Ingentesque animos extremo frigore labi  
Sensit, et innixus terræ, « Miserescite—clamat—  
Inachida: non ossa præcor referantur ut Argos  
Ætolumve larem; ne enim mihi cura supremi  
Finis; odi artus fragilemque hunc corporis usum  
Desertorum animi: caput, o caput, o mihi si quis  
Apportet, Menalippe, tuum! nam volveris arvis,  
Fido equidem; nec me virtus suprema fefellit.  
I, præcor, Atrei sicut tibi sanguinis unquam  
Hippomedon, vade, o primis puer inclyle bellis  
Arcas! et Argolice Capaneu jan maxime turmæ. »

Moti omnes; sed primus abit, primusque repertum  
Astaciden medio Capaneus et pulvere tollit  
Spirantem, lævaque super cervice reportat,  
Terga cruentantem concussi vulneris unda.  
Qualis ab Arcadis rediit Tyrrinthius antro,  
Captivumque suum clamantibus intulit Argis.

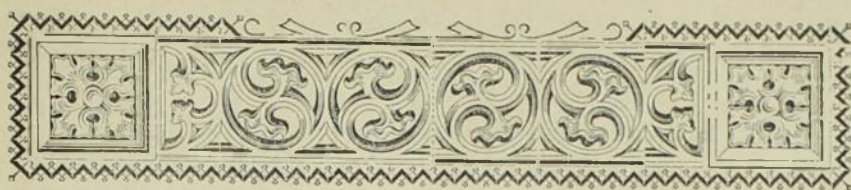
Erigitur Tydens, vultuque occurrit et amens  
Lætitiæque, iræque, ut singultantia vidit  
Ora, tratrique oculos, seseque agnovit in illo.  
Imperat abscisum porgi, lævaque receptum  
Spectat atrox hostile caput, gliscitque tepentis  
Lumina torva videns et adhuc dubitantia figi  
Infelix contentus erat; plus exigit ultrix  
Tisiphone; janque inflexo Tritonia patre  
Venerat et misero decus immortale ferebat;  
Atque illum effracti perfusum tabe cerebri  
Adspicit, et vivo scelerantem sanguine fauces.











## CANTO XXXIII



1. **D**o fero cevo os labios desprendendo,  
Na coma o peccador os enclugava  
D'esse cranco, a que estava atraz roendo.
2. « Queres de infanda magna » — começava —  
Renove a dôr, que, só pensando a mente,  
Antes que fale, o coração me aggrava.
3. « Mas se a voz minha deve ser semente,  
Que ao traidor, que eu devoro, a infamia brete,  
Falar, chorar verás conjuntamente.
4. « Não sei quem sejas, não sei como note  
Tua presença aqui, por Florentino  
Te ouvindo a lingua, é força que te adopte.
5. « Saber debes que fui Conde Ugolino,<sup>1</sup>  
Que Arcebispo Rogerio aquelle ha sido:  
Direi qual nos juntou cruel destino.
6. « Contar não hei mister como illudido  
Por minha confiança, em carcer posto.  
Fui morto por maldade d'este infido.
7. « Não conheces, porém, que atroz desgosto  
O meu fim precedera: attenção presta,  
Quanto offendido fui verás exposto.
8. « Por vezes da prisão por breve fresta,  
*Torre da fome* — após o meu tormento,  
Que hade a outros ainda ser funesta.



9. « Brilhava a lua em pleno crescimento,  
Quando o véo do futuro horrivel sonho  
Rasgou, do exicio meu presentimento.
10. « Este, como senhor, então supponho  
Ao monte, que ver Lucca á Pisa obstava <sup>2</sup>  
Lobo e pequenos seus correr medonho.
11. « Magros cães, destros, feros açulava  
Dos Galandis, Sismondís e Lanfrancos  
A companhia, que á frente cavalgava. <sup>3</sup>
12. « Em breve o pae e os filhos, lassos, mancos,  
Já dos famintos galgos mal feridos,  
Dar pareciam ultimos arrancos.
13. « Desperto ao primo alvor; dos meus queridos  
Filhos que eram commigo, o choro sôa:  
Pedem pão, stando ainda adormecidos.
14. « E's cruel, se a tua alma não magôa  
O prenuncio da dôr, que me aguardava:  
Se não choras, que pena ha que te dôa?
15. « Despertaram ; e a hora já chegava  
Em que alimento escasso nos traziam :  
O sonho a cada qual nos aterrava.
16. « Da horrivel torre á porta então se ouviam  
Martellos cravejar : eu, mudo e quêdo  
Nos filhos encarei, que esmoreciam.
17. « Não chorava ; era o peito qual penedo.  
Choravam elles, e Anselmuccio disse :  
« Assim nos olhas, paes ? Do que has tu medo ? »
18. « Nem lagrimas, nem voz dei, que se ouvisse,  
No dia e noite, que seguiu-se lenta,  
Até que ao mundo novo sol surgisse.
19. « Quando a luz inda escassa se apresenta  
No doloroso carcer, meu semblante  
Nos quatro rostos seus se representa.
20. « Mordi-me as mãos de angustia delirante.  
Elles, cuidando ser da fome o effeito,  
De subito e com gesto supplicante,



21. « Disseram : « Menos mal nos será feito  
Nutrindo-te de nós, pae : nos vestiste  
D'esta carne : ora sirva em teu proveito. »
22. « Contendo-me, evitei lance mais triste.  
Em silencio dois dias se passaram...  
Ah ! porque, terra esquivada, não te abriste ?
23. « Do quarto dia os lumes clarearam :  
Gaddo cahiu-me aos pés desfallecido  
« Pae, me acode ! » os seus labios murmuraram.
24. « Morreu ; e, qual me vês, eu vi perdido  
O sizo, os trez, ao quinto e ao sexto dia,  
Um por um se extinguir exinanido.
25. « Apalpando os busquei — cego os não via  
Dois dias, os seus nomes repetindo :  
Da fome mais que a dôr, ponde a agonia. »
26. Calou-se e os torvos olhos retorquindo,  
Como de antes cravou no craneo os dentes  
E os ossos, qual mastim, foi destruindo.
27. Ah ! Pisa opprobrio aos povos residentes  
Na bella terra, aonde o *si* resona !<sup>†</sup>  
Pois te não vêm punir vizinhas gentes.
28. Presto a Capraia mova-se e a Gorgona  
Do Arno á foz, entupindo-lhe a sahida!  
Teu povo assim pereça, que se entona.
29. E se foi a Ugolino attribuida  
De entregar teus castellos á maldade,  
Por que á prole em tal cruz tirar a vida?
30. Thebas<sup>‡</sup> moderna! Pela tenra idade  
Ugucçione e Brigata insontes eram  
E os irmãos, em que usaste a feridade.
31. Seguindo além, os olhos se off'receram<sup>\*</sup>  
Outros, que em gelo têm duro tormento:  
D'estes os rostos para traz penderam.

---

\* Terceira esphera — Ptolomeu.

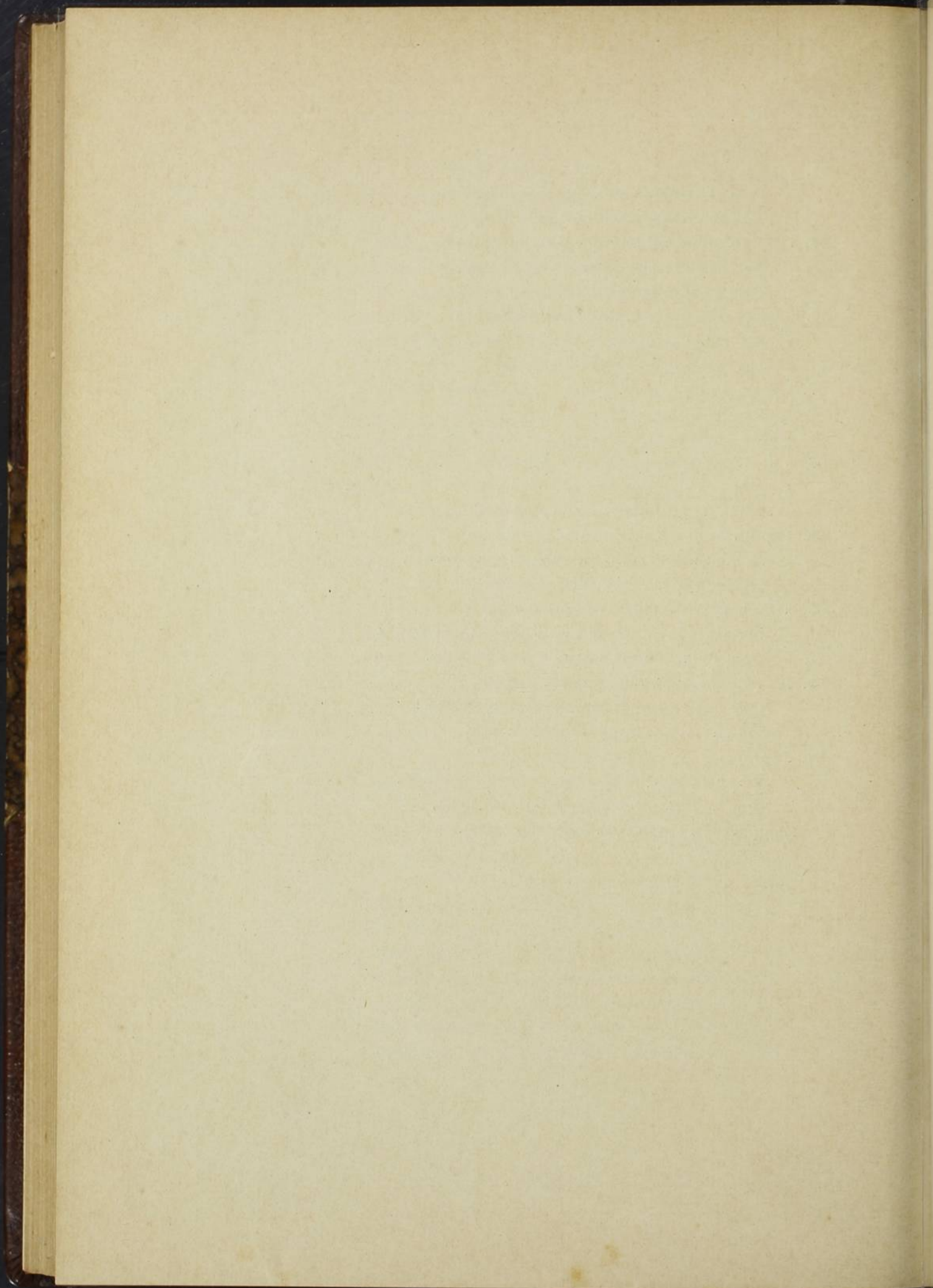


32. Lhes causa o pranto ao pranto impedimento;  
E a dôr, que desafoga em vão procura,  
Lhes cresce, recalcada, o soffrimento.
33. As lagrimas coalhando em neve dura  
Formam nos olhos seus vitrea viseira,  
E todo o espaço interior se obtura.
34. Com quanto quasi a faculdade inteira  
De sentir no meu rosto se embotasse  
Des que era n'essa perenal geleira,
35. Cuidei que um sopro me tocára a face.  
« Do que este sopro » inquiri « se origina ?  
Se aqui não ha vapor, d'onde elle nasce ? »
36. E o Mestre : « Irás onde a resposta di'na  
Os teus olhos darão ; e alli chegando  
O que virem do sopro a causa ensina. »
37. Dos tristes padecentes um gritando,  
Nos disse : « Almas crueis, almas damnadas  
(Pois que no extremo abysmo estais penando),
38. « Tirai-me aos olhos gelidas camadas,  
Por desafogo dar-me ao peito afflicto,  
Antes de eu ter as lagrimas coalhadas. »
39. « Se o lenitivo queres, que tens dito,  
Teu nome diz : se não me desobrigo,  
Desça eu do gelo ao pelago maldito. »
40. Respondeu iogo : « Eu sou frei Alberigo <sup>6</sup>,  
Pelos pomos famoso do mau horto:  
Aqui recebo tamara por figo. »
41. « Oh! » disse « por ventura tu stás morto ? »  
« Não sei como é meu corpo lá no mundo,  
Tornou « e se vivendo tem conforto.
42. « Este condão possui sem ter segundo  
Ptolomea <sup>7</sup>: aqui star alma é frequente  
Antes que a mande Atrópos ao profundo.
43. « E porque mais de grado e promptamente  
Estas vidradas lagrimas removas,  
Sabe que apenas de traição a mente



44. « Inquina-se, como eu, por funcções novas  
Passa o corpo a demonio, que o governa  
Té completar da vida ultimas provas:
45. » Rue a alma, em tanto, á lobrega cisterna,  
Talvez na terra folgue o corpo ledo,  
Cuja sombra após mim tremula inverte.
46. « Se és recémvindo, sabe que esse tredo  
E' Branca d'Oria <sup>8</sup>: ha prolongados annos  
Jaz enleiado no infernal enredo. »
47. « Este é » tornei « mais um dos teus enganos:  
Desfruta alegre Branca d'Oria a vida  
E come e bebe e dorme e veste pannos. »
48. « Dos Malebranche em cava denegrida  
Não era » disse ainda « em pez viscoso  
Alma de Miguel Zanche submergida,
49. « E um demonio esse infame criminoso  
Deixou no corpo; o mesmo um seu parente,  
Que de traição foi socio proveitoso.
50. « Das mãos auxilio presta ora clemente,  
Me abrindo os olhos! » Tal não fiz; que errára  
Com tal villão me havendo cortezmente.
51. Ah ! Genovezes ! raça impura e avara,  
Que nos costumes tem mancha tamanha !  
Quem da face da terra vos lançara!
52. Junto ao peor esp'rito da Romanha <sup>9</sup>  
De entre vós um traidor vi tanto immundo,  
Que a alma sua em Cocyto já se banha,  
Em quanto o corpo vida finge ao mundo.
-







## NOTAS AO CANTO XXXIII



Episodio do conde Ugolino e seus filhos. Ptolomea, onde estão punidos os traidores: continuação do canto anterior.

<sup>1</sup> Conde Ugolino. G. Villani disse na sua historia :

« Em julho de 1288, varias parcialidades pleiteavam o mando e superioridade em Pisa: uma, composta de certos guelfos, que reconheciam a autoridade de chefe em Nino di Galura dei Visconti; outra, tambem de guelfos, sob a conducta do conde Ugolino dei Gherardeschi, a terceira, dominada pelo Arcebispo Ruggieri degli Ubaldini, a quem se associavam os Lanfranchis, Sismoudis, Galandis e outros principaes gibelinos. Para attingir o alvo dos seus intentos, o conde Ugolino uniu-se com o Arcebispo e o seu partido, e em damno de Nino, filho de sua filha, accordaram que elle e os seus partidarios seriam lançados de Pisa ou encarcerados. Nino, inteirado d'esse concerto e baldo de meios para defensa, acolheu-se ao seu castello de Calci e pactuou alliança com os florentinos e com o povo de Lucca contra Pisa. O conde, antes de ausentar Nino, para dissimular a sua traição, quando tudo estava prestes para expellil-o, retirou-se de Pisa e foi-se para uma propriedade sua chamada Settimo; mas, em lhe constando que Nino se partira, tornou á Pisa com muitas festas, e assumiu o poder supremo com honrosas mostras de triumpho. Mas pouco duraram as suas prosperidades. Aprouve ao Omnipotente, que se transtornasse a sua fortuna em castigo da sua traição e maldade; pois correu que havia propinado veneno ao conde Anselmo de Capraia, filho de sua irman, receiando-se da subida estima que do povo de Pisa soubera grangear Anselmo pela amenidade do seu trato e conversação.

« Enfraquecidos d'esta sorte os guelfos, deu o Arcebispo traça para damno de Ugolino, e promoveu a repentina invasão do seu palacio, agulando as iras populares com a accusação de ter Ugolino atraído a Pisa, entregando castellos seus aos florentinos e luquezes. Não podendo resistir ao assalto, teve de entregar-se, e foi conduzido á prisão com dois filhos e dois netos.

« Em março seguinte, os Pisanos, que tinham encarcerado o conde Ugolino com dois dos seus filhos e dois dos seus netos, filhos do seu filho o conde Guelfo n'uma torre, que demorava junto á praça dos Anziani, determinaram fechar a porta da torre, lançar a chave no Arno e não fornecer-lhes alimentos. Ao cabo de poucos dias morreram de fome, e, posto houvesse o conde declarado em altos brados estar arrependido do que fizera, lhe foi recusado um



confessor. Os cinco cadaveres, arrastados para fóra da torre, foram sepultados ás escuras. Ao diante a torre se ficou chamando até hoje—*Torre da fome.* »

Cesare Balbo, *Vita di Dante*:

« Em 1235, o conde Ugolino della Gherardesca, pertencente ás familias de senhores feudaes, que se levantaram a potentados, Gibelino em outro tempo, e então, mas já de alguns annos guelfo, promoveu tumulto na cidade de Pisa e entregou-a ao novo partido victorioso; e em penhor de paz com Lucca e Florença, entregou-lhes os melhores castellos do territorio. D'esta arte constituiu-se o senhor absoluto da communa, como *podestà*, capitão das tropas, dominador, de tudo na cidade, e por conseguinte um dos principaes cabos do partido guelfo na Toscana. Passados alguns annos, penetrou a discordia entre os guelfos de Pisa e até na propria familia de Ugolino. Nino Visconti, filho da sua filha e juiz de Gallura na Sardenha (onde as *judicaturas* eram provincias pisanas) rebelou-se contra o avô, chamando á sua parte os guelfos mais extremados. Ugolino, de nome gibelino ou guelfo, mas na realidade nem uma, nem outra cousa, lançou-se com os gibelinos, entre os quaes sobresahiam.

Gualandi com Sismondi e com Lanfranchi (*Inf.* XXXIII) e com o Arcebispo Ruggieri degli Ubaldini di Mugello, Nino de Gallura e a sua fracção de guelfos genuinos foram expulsos da cidade. Ugolino, aclamado como senhor de Pisa, pouco tempo depois, como succede a quem se soccorre a partido extranho, incorreu em suspeita e odio do Arcebispo, das trez familias poderosas e de todo o partido gibelino. Assaltado pelo povo na sua residencia, foi violentamente preso e encarcerado na torre dos Gualandi com dois filhos e trez netos, Gaddo e Uguccione, Ugolino por appellido Brigata e Arrigo, filhos de Guelfo, outro filho seu, e de Helena de Suabia, filha de Enzo, Rei de Sardenha (tanta era a opulencia e grandeza dos Gherardeschis), e Anselmuccio, filho de Lotto, outro filho, que estava prisioneiro em Genova, depois da batalha naval de Meloria. Passou a reger a communa o Arcebispo com o titulo de *podestà*: ao cabo de cinco mezes transmittiu o cargo a Gualtieri di Brunfote, a quem succedeu Guido de Montefeltro, potentado gibelino da Romanha, expellido pelos Guelfos, então homisiado em Asti. Empossado o novo *podestà* sob a influencia dos rancores de um desterrado, foi no dia 12 de março de 1239 encravada a porta de sahida, lançando-se ao Arno a competente chave da medonha torre, onde por nove mezes, jazeram encarcerados o velho e os cinco mancebos. E alli morreram de fome. « D'esta immanidade foram os Pisanos universalmente censurados com a maior abominação, não tanto pelo conde, que por seus mãos feitos e traições merecera esse desgraçado fim, senão pelos filhos e netos, innocentes e na flor da idade. » Assim diz Villani, quasi contemporaneo. Mas um historiador mais diligente e melhor informado, se bem que escrevesse cinco seculos depois (C. Troya), descobriu que elle e Dante erram, dando por crianças e adolescentes aquelles filhos e netos. E, não obstante, talvez não haja conseguido desvanecer o odio que do crime resaltou para o Arcebispo, que, *podestà* ou não, grandissimo poder exercia em Pisa, e ao diante foi intimado para comparecer perante a Curia Romana para dar contas do seu procedimento: se foi absolvido, se condemnado ignora-se. E um notavel litterato da Toscana, curioso dos factos historicos de Pisa n'esse tempo, asseverou constar-lhe de documentos por elle examinados, que o Arcebispo era *podestà* na epocha d'essa perversidade, e que a intimação lhe fóra feita, não uma, senão trez vezes, accrescendo que a Curia Romana afinal o condemnara por contumacia. Em todo o caso, salvo maior ou menor exacção das particularidades, Dante, pelo brado da Italia indignada e de Florença, que se fez prestes para a vingança, foi instruido d'esse facto, ainda então escandaloso; e nos seus sentimentos de guelfo, apiedou-se de Ugolino e exacerbou-se contra o Arcebispo. A viveza das suas impressões reslumbra n'aquella immortal narrativa, a mais tremenda e extensa, que se deparam no poema. »

Ampère, *Voyage dantesque* :



« Pisa lembra Ugolino; e ainda que já lá se fosse, Deus louvado, o tempo em que se mencionava a *Divina Comedia* sómente por amor dos episodios de Ugolino e Francesca de Rimini, fazendo-se retrazo de tudo o mais como indigno do apreço de homens de bom gosto, contudo a historia do supplicio, a que foi condemnado o potentado pisano, constitue uma das partes mais sublimes do maravilhoso poema de Dante, um dos que impossivel é esquecer, mormente por quem visita a scena do drama horrendo.

« Procurei o logar, em que se passou a tragedia; que Dante concretou na sua breve e assombrosa narração, e que um poeta allemão, Gertemberg, dilatou pela superficie de cinco actos de agonia. Guardou a tradição a uma das torres de Pisa o nome que Dante lhe attribue, *Torre da Fome*; mas a torre deixou de existir. Foi um bem para os viajantes. Quando começavam a horrorizar-se á vista de uma ruína, surgiam os antiquarios negando-lhes o direito de revelar tal sentimento. Davam uns a praça dos Cavalleiros por assento da torre, outros o chão do antigo paço da communa. Para alguém se poder impressionar um pouquinho tinha de superar todas essas duvidas, mas, depois que ficou decidido não existir já a torre, tranquillizou-se a consciencia do viajante.

« Mas occorre-lhe outro motivo de incerteza e hesitação. Acreditam muitos que a fome constrangera o desventurado pae a comer a carne dos seus filhos. Sem examinar o que nos versos de Dante dá azo á similhante supposição, contribue esta em parte para o assombro, que é de uso manifestar-se, e mais de um leitor muito se pezará de renunciar-a. Mas a supposição de todo em todo carece de fundamento. Havia já divergencia entre os commentadores, mas n'este assumpto travou-se especial polemica entre dois notaveis da universidade de Pisa, Resini e Carvignani. Os antagonistas, que são amigos, arcaram com vigor, mas sem quebra da cortezia, sem se convencerem, como era de esperar e sem se agastarem, o que é muito para maravilhar entre doutos.

« Quem primeiro abriu discussão sobre este objecto foi o abalizado poeta Nicolini, no excellenté discurso, que proferiu acerca do sublime Miguel Angelo. Offereceu-se a occasião para romper a discussão entre os dois eruditos professores de Pisa n'um solenne banquete, em que se sentavam principes e litteratos. A batalha, em que se combateram, lembra a que os eruditos feriram no seculo XVI por causa de um verso de Horacio ou de uma phrase de Cicero: para que os casos em tudo se parecessem, faltaram sómente as injurias.

« Mas sobejaram doudas citações e theorias subteis. Carvignani foi ao extremo de examinar gravemente, se o estado dos cadaveres permittia a Ugolino devoral-os. E' na verdade arrastar a esthetica até a immundice. Eu, se descesse á estacada, em que pelejaram os esforçados compeões, como em casos solemnes é de uso dizer pomposamente, havia de oppôr-me á opinião que converteu Ugolino em anthropophago. A' *litteratura atroz* que está em voga Dante não fez a honra de ser o seu precursor. O verso

*Poscia, più che 'l dolor potè il digiuno*

tem, a meu parecer, o seu natural sentido; ha intima e amarga tristeza em reconhecer que a morte, não causada pela dôr, procedeu da fome.

« Ha traducção admiravel e mal conhecida da pavorosa narrativa no baixo-relevo de Miguel Angelo, que vi em Florença, no palacio della Gherardesca. A Fome, figurada por uma velha hedionda, mostra a Ugolino os filhos a expirar. O pae firma-se em uma mão, estreita o peito com a outra e encara a implacavel inimiga. Enternece a postura de um adolescente, que contempla um irmão, que jaz em terra. N'essa poetica feitura, vê-se o Arno, que afasta os olhos de tantos horrores. E' ainda de Dante esta inspiração; pois, de indignado invoca o Arno, pedindo-lhe que afogue o povo, que consentiu n'aquella immanidade.



« Tive, n'esta parte, ensejo para convencer-me ainda mais da exacção geographica do soberano poeta. N'essa imprecação exclama :

*Ahi Pisa, vituperio delle genti  
Del bel paese là dove 'l sì suona !  
Poi che i vicini a te punir son lenti,  
Movansi la Capraia e la Gorgona  
E faccian siepe ad Arno in su la foce,  
Sì ch'egli annieghi in te ogni persona.*

Póde extranhar esta imaginação quem olhar para o mappa, por estar a ilha de Gorgona á certa distancia da foz do Arno. Assim pensava eu até o dia, em que, subindo á torre de Pisa, fui impressionado pela vista, que d'alli me offerecia a Gorgona: parecia fechar o Arno. Então cahi na conta da razão, que teve Dante para aquella concepção, que assim ficou naturalmente justificada. Não vira aquella ilha da torre inclinada, que a esse tempo ainda não existia, mas de alguma das muitas torres, que povoavam Pisa. Este facto bastará para convencer do quanto serve uma viagem para bem explicar um poeta. »

C. Troya, *Del veltro allegorico di Dante* :

« Ruggieri, vencido em batalha o Conde Ugolino, encerrou-o na torre dei Gualandi ás sete estradas com dois filhos, Gaddo e Uguccione della Gherardesca, e tres netos, Nino ou Ugolino por appellido Brigata, Arrigo e Anselmuccio. Diz-se que os dois primeiros netos eram filhos de Guelfo II, então ausente de Pisa : pae do terceiro era o Conde Lotto, prisioneiro em Genova. Nino o Brigata recebera-se com Capuana, filha de Ranieri, conde de Panico, de Bolonha, consorcio de que nasceram Matheus e Beatriz. Filho de Arrigo foi Guelfuccio III. Anselmuccio se tinha casado com a filha de Guido, senhor de Caprona.

« O Arcebispo, aclamado *podestà* por cinco mezes, exerceu pelo seu vigario Buonaccorso Gubetta de Ripafratta, que no praso prescripto, passou o cargo a Gualtieri de Brunforte, o qual o cedeu a Guido de Montefeltro, empossado pelos Pisanos na suprema dictadura. Apenas se havia Guido transportado de Asti para Pisa, morreram de fome na torre o conde Ugolino e a sua familia, alli encarcerados, havia nove mezes, — lastimoso exemplo da inconstante fortuna. Guelfuccio III, filho de Arrigo, escapou da morte e do carcere ; Capuana de Panico fugiu para Bolonha com Matheus e Beatriz, ainda infantes. Os outros membros da casa de Gherardesca ficaram em Pisa ; ao diante, os seus condes tornaram á antiga prosperidade do seu solar. Segue-se que a vingança dos Pisanos, justa ou não, limitou-se á propria familia de Ugolino ; que não pereceram as crianças, e que os trez netos do conde, que com elle expiraram, innocentes, por sem duvida, da entrega dos castellos, não eram de tenra idade, como assevera o Poeta. Eram todos já casados. . .

« De entre os seus contemporaneos, foi Dante o unico que accusou Ruggieri de haver aconselhado, que se privasse de alimento o desditoso conde Ugolino. Dos historiadores coetaneos, guelfos ou gibelinos, nem um fez ao Arcebispo carga d'essa maldade. Todos á uma attribuem-a aos Pisanos; um sómente disse a verdade, daudo-a por feitura de Guido de Montefeltro, em cujas mãos estavam mando e dominio. O Arcebispo não era de Pisa, mas de Mugello ; quando foi *podestà*, poderia tirar a vida de Ugolino, mas não o fez ; como o Bispo de Arezzo poderia usurpar o poder ; mas não o quiz. Se Ruggieri atraíçouo a alguém, não foi a quem assenhoreava terra, que era a sua ; e no emtanto, o Arcebispo foi parar na Antenora de Dante, em cujas pégadas caminhou a legião innumeravel dos interpretes e expositores. E com quanto Nicolau IV, successor de Honório IV, intimasse o Arcebispo para comparecer em Roma, afim de justificar-se do assassinio de Ugolino, sabe-se com tudo, que d'ahi lhe não resultaram nem condemnação, nem censura. »



<sup>2</sup> Monte San Giuliano demora entre Pisa e Lucca.

<sup>3</sup> No sonho de Ugolino, a matilha representa o povo de Pisa, os caçadores são os Galandis, Sismondis e Lanfrancos, o lobo e os seus cachorros, Ugolino e os seus filhos.

<sup>4</sup> E' a Italia. Antigamente designavam-se os paizes pela particula affirmativa do seu idioma.

No tratado *De vulgari eloquio*, lib. I, cap. 8, escreveu Daute :

« Em toda a região, que se chama Europa e que para além se estende, fala-se terceiro idioma, posto que ao presente esteja dividido em tres partes; e assim querendo affirmar, uns dizem *oc*, outros *oil*, outros *si*, a saber Hespanhoes, Francezes e Italianos. O signal de que os vulgares d'este trez povos procederam do mesmo idioma, é evidente, visto denominarem muitas cousas pelo mesmo vocabulo. Dos que habitam a parte meridional da Europa, os que dizem *oc* demoram ao occidente, começando dos confins dos Genovezes; os que proferem *si*, acham-se ao oriente, d'esse promontorio da Italia, d'onde começa o seio do mar Adriatico e a Sicilia. Mas os que affirmam com *oil*, quasi são septentrionaes relativamente a estes, pois ao oriente e ao septentrião têm os Allemães, ao occidente partem com o mar inglez, são terminados pelos montes do Aragão e ao meio dia confinam com os Provenças e com a flexão do Appennino. »

<sup>5</sup> Thebas, cidade da Beocia, celebrou-se pelas desventuras dos que a governaram desde a sua fundação por Cadmo, até a sua conquista e destruição por Alexandre Magno. Os seus habitantes assignalaram-se por muitos e grandes crimes desde os mais remotos seculos.

<sup>6</sup> Frei Alberigo, da familia dos Manfredis de Faenza, pertencia á ordem dos Frades Gaudenti. Entre elle e os seus companheiros havia motivo para dissidencia e rancor: Alberigo, fingindo desejo de reconciliação, convidou-os para um banquete. Na sobremesa ordenou que se servisse a fructa: era signal para entrarem assassinos, que deram cabo dos que elle determinara matar.

Sobre este facto diz o *Ottimo* :

« Este Alberigo dei Manfredi de Faenza era da ordem dos Gaudenti, aos quaes, por occasião de se reconciliar com alguns cidadãos, convidou para ceiar na sua companhia; e no entanto, emboscou gente armada nos aposentos proximos á sala do banquete. Corria o verão: determinou que, quando pedisse a fructa, entrassem os assassinos e matassem os convivas. E a sua ordem se cumpriu. Igual feito praticara em anno anterior em Castello delle Mure no territorio de Pistoia. Estas são as fructas do pomar da traição, de que tambem falou Pulci (*Morgana Maggiore*, c. XXV):

*Le frutte amare di frate Alberigo.*

Frei Alberigo ainda vivia em 1300, data do poema; mas já a sua alma estava no circulo nono do inferno, em Ptolomea.

<sup>7</sup> Ptolomea. Segundo a opinião de uns, a mais seguida, deriva-se de Ptolomeu, Rei do Egypto que, atraindo Pompeu, vencido em Pharsalia, mandou assassinal-o, quando fugitivo se acolhia á sua protecção. Querem alguns que provenha de Ptolomeu, filho de Abobo, por quem foram trucidados Simão e os seus filhos n'um banquete, que lhes offerecera.

No livro dos *Macchabeus*, cap. XVI do lib. I lê-se :

« E Ptolomeu, filho de Abobo, tinha sido feito governador da campina de Jerichó, e tinha muita prata e muito ouro; porque era genro do summo sacerdote. E o seu coração se elevou de soberba, e queria fazer-se senhor do paiz, e andava machinando alguma aleivosia contra Simão e seus filhos para os matar.



Simão, porém, correndo as cidades, que havia no paiz de Judéa e tratando cuidadosamente de as pôr em ordem, baixou a Jerichó, elle e Mathathias, seu filho e Judas, no anno 177, no undecimo mez, que é o mez sabath. E o filho de Abobo os recebeu com má tenção n'um pequeno forte, que tinha edificado e se chamava Doch: e mandou-lhes fazer um grande banquete e escondeu alli homens. Quando, pois, Simão e seus filhos tinham bebido bem, levantou-se Ptolomeu com a sua gente e tomaram as suas armas e entraram na sala do banquete e mataram a Simão e a seus filhos e alguns dos seus criados. »

<sup>8</sup> Messer Branca d'Oria, Genovez, da familia d'Oria, que tão famosa se fez nas guerras da Italia. Assassinou á mesa a seu sogro Miguel Zanche, de quem se tratou no c. XXII.

<sup>9</sup> Frei Alberigo.

Cesare Balbo, *Vita di Dante* :

« Parece que Dante fôra á Genova com outros desterrados, na companhia de Uguccione. Mas os Genovezes tinham sido por elle vituperados n'esse penultimo canto do *Inferno*, em que encareceu invectivas contra as cidades da Italia. De entre os Genovezes Branca d'Oria, homem de grande poder, quasi dominador da cidade, foi objecto de uma invenção (a mais atroz, talvez, de quantas creou Dante), pela qual, estando no gozo da vida e pujança, foi pelo Poeta mergulhado no mais profundo abysmo do inferno, a Ptolomea, ao lado dos traidores ao proprio sangue, por haver, dizia-se, assassinado o proprio sogro Miguel Zanche. No corpo vivo de d'Oria imaginou o Poeta que ficara um demonio.

« Magnanimidade seria perdoar Genova aquella affronta. Mas d'Oria e os outros Genovezes resentidos vingaram, segundo constou, a offensa, ultrajando gravemente o mordaz Poeta na occasião em que alli esteve. »

C. Troya, no *Veltro* :

« Alighieri, se mente a fama, recebeu em Genova grave affronta dos amigos de Branca d'Oria, por vingança do que d'elle dissera em um dos cantos do *Inferno*. »







## CANTO XXXIV

---

1. « **V**EXILLA regis prodeunt inferni <sup>1</sup>  
Contra nós; p'ra diante os olhos tende  
Disse o Mestre, se a vista já dicerne. » \*
2. Como quando no ar nevoa se estende,  
Ou ao nosso hemispherio a noite desce,  
Um moinho distante a attenção prende.
3. Um edificio igual verme parece.  
Tanto era o vento, que eu busquei guarida  
Atraz do Mestre, que outra não se off'rece.
4. A' parte era chegado, onde immergida  
Cada alma em gelo está (tremo escrevendo),  
Bem como aresta no cristal contida.
5. Erguidas umas stão, outras jazendo,  
Qual sobre a fronte ou sobre os pés firmada,  
Qual com seus pés e rosto arco fazendo.
6. Quando distancia tal foi superada,  
Que aprouve ao Mestre me tornar patente  
A creatura bella ao ser formada,

---

\* Quarta esphera: traidores aos seus bemfeitores.



7. Se afastando de mim, disse : « Detem-te !  
Eis Satanaz ! Eis o logar horrendo  
Em que debes te armar de esforço ingente ! »
8. Quanto assombrei-me aquelle aspecto vendo  
Não inquiras, leitor: não te expressara  
Com verbo humano o que encarei tremendo.
9. Não morto, porém, vivo não ficara.  
Qual me achava te pinte a phantasia,  
Se morte ou vida em mim se não depara!
10. Do afflicto reino o imperador eu via:  
Do gelo acima o seio levantava.  
A um gigante igualar eu poderia.
11. Se um gigante a um seu braço eu comparara!  
Do todo vêde a proporção qual fôra,  
Quando tão vasta a parte se ostentava!
12. Quem foi tão bello, quanto é feio agora,  
Contra o seu creador a fronte alçando  
Véra causa é do mal, que o mundo chora.
13. Qual meu espanto ha sido em contemplando  
Tres faces <sup>2</sup> na extranhissima figura!  
Rubra côr na da frente está mostrando ;
14. Das outras cada qual, da espadua escura  
Surdindo, ás mais ajunta-se e se ageita  
Sobre o craneo da infanda creatura.
15. Entre amarella e branca era a direita;  
A côr a esquerda tem que enlucta a gente,  
Do Nilo as margens a viver affeita.
16. Via azas duas sob cada frente,  
Tão vastas, quanto em ave tal convinham:  
Velas iguaes não abre nan potente.
17. Plumas, como em morcego, ellas não tinham;  
De continuo agitadas produziam  
Os tres gelidos ventos, que mantinham
18. Os frios, que o Cocyto eurigeçiam.  
Chorava por seis olhos, por tres mentos  
Pranto e sanguinea espuma se espargiam.



19. Qual moinho, com dentes truculentos  
Cada boca um prescito lacerava:  
Padecem tres a um tempo assim tormentos.
20. Mas ao da frente a pena se aggravava,  
Porque das garras o furor constante  
Do dorso a pelle ao peccador rasgava.
21. « O que esperneia em dôr mais cruciante »  
O Mestre disse : « E' Juda Iscariote:  
Prende a cabeça a boca devorante.
22. « Dos dois, que estão pendendo, coube em dote  
A negra face Bruto: sem gemido  
Se estorce da dentuça a cada bote. <sup>3</sup> »
23. « O outro é Cassio, de membros bem fornido.  
Mas a partir a noite insta, assomando:  
Aqui já tudo havemos conhecido. »
24. Do Mestre o collo enlaço por seu mando.  
Elle, em logar e tempo apropriado,  
De Lucifer as azas se alargando,
25. Ao peito hirsuto havia-se agarrado;  
Depois de vello em vello descendia  
Entre os ilhaes e o lago congelado.
26. Chegado áquella parte, em que se unia  
Da coxa o extremo dos quadris á altura,  
Com grande offego e mór abalo o Guia
27. Pôr a frente onde os pés firmou procura,  
Como quem sóbe ás crinas agarrado:  
Assim tornar cuidei do inferno á agrura.
28. « Segura-te! Por taes degraus alado »  
Lasso Virgilio já disse anhelante,  
« D'este imperio do mal serás tirado. <sup>4</sup> »
29. De uma rocha então sai por fresta liante;  
Sobre a borda me assenta cauteloso;  
Depois a mim se acérca vigilante.
30. Olhos alcei julgando curioso  
Ver Lucifer, qual de antes o deixára;  
De pernas para o ar vi-o em seu pouso!

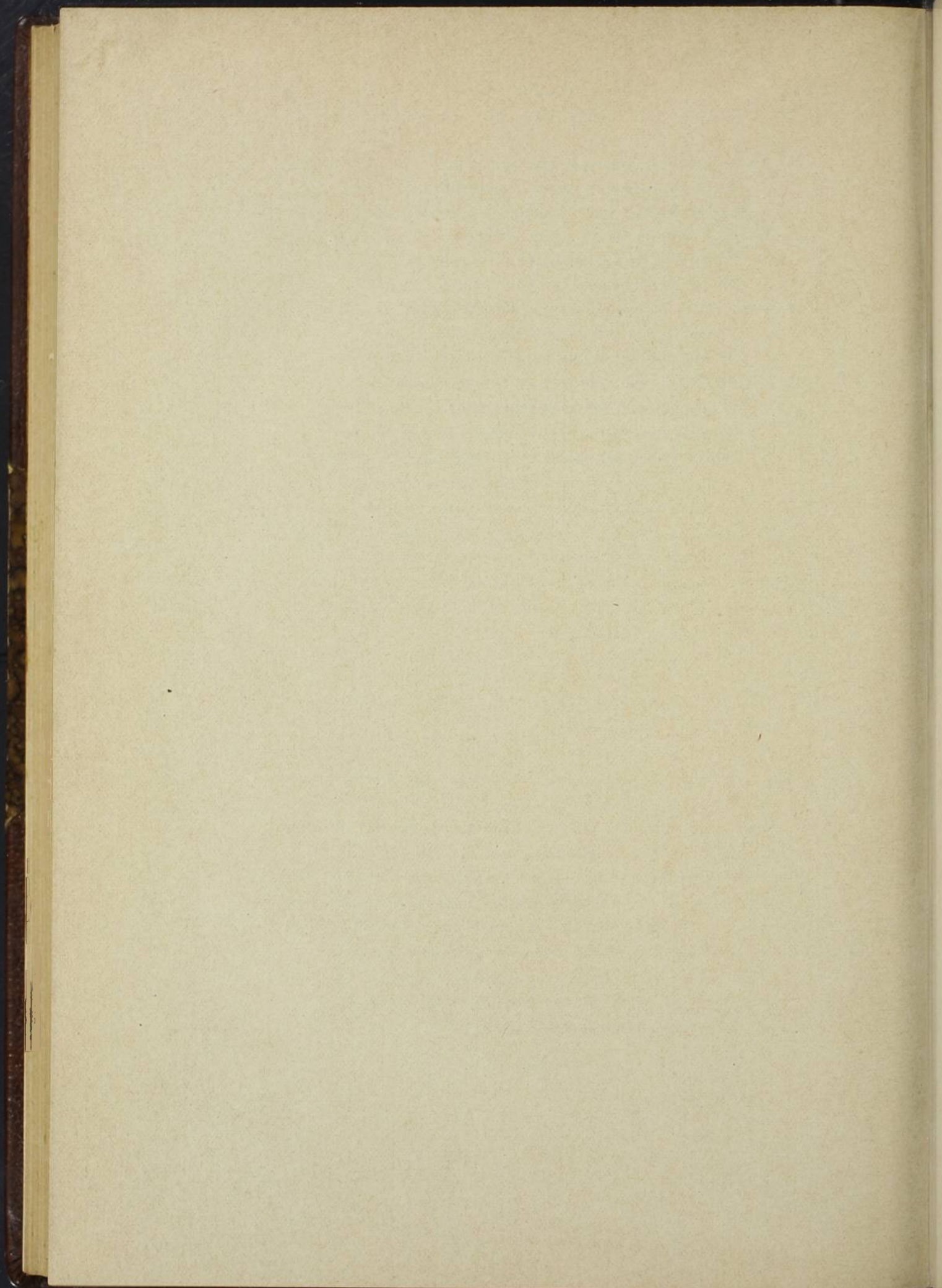


31. De que enleio a minha alma se tomara,  
Deixo ao vulgo pensar pouco instruido,  
Que o ponto não comprehende, em que eu passára.
32. « Eia! Vamos! » o Mestre diz querido,  
« Longa jornada e máo caminho temos;  
E a meia terça <sup>5</sup> o sol já tem corrido. »
33. De paço em salas nós de andar não temos;  
Mas de antro natural em solo duro  
Os passos nossos dirigir devemos.
34. « Antes que eu deixe em todo o abysmo escuro  
Erro, em que estou, meu Mestre, desvanece »  
Disse erguendo-me um pouco mais seguro.
35. « Onde o gelo ? Por que nos apparece  
Assim Lucifer posto ? E já tão presto,  
Cessando a noite, o sol nos esclarece ? »
36. « Tu cuidas ser, do que ouço é manifesto  
Lá no centro, onde ao pello me prendera  
Do que atravessa o mundo, verme infesto.
37. « Alli stiveste, enquanto eu descendera  
Ao voltar-me do ponto além tens sido,  
Que o pezo attrai na terreal esphera.
38. « Foste áquelle hemispherio transferido,  
Que se oppõe ao que á terra está lançado,  
Em cujo excelso cume ha padecido;
39. « Quem nasceu, quem viveu sem ter peccado <sup>6</sup>  
Sobre uma esphera estreita os pés agora,  
Da Judeca ao reverso, tens firmado.
40. « E' noite lá; nós temos luz n'esta hora;  
E o que nos vellos seus nos deu a escada  
Na postura se firma, em que antes fôra.
41. « Cahiui aqui da altura sublimada,  
E a terra, que se alçava entumesciente,  
Do mar fez véo e veio de enfiada
42. « Para o nosso hemispherio de repente.  
Tambem fugiu de medo, a que se avista;  
Vacuo deixando aqui, fez monte ingente <sup>7</sup>. »



43. Lá no profundo ha um logar, que dista  
Tanto de Belzebut, quanto se estende  
Seu sepulchro: alli não penetra a vista.
44. Revela-o som de arroio, <sup>8</sup> que descende  
Por brecha do rochedo, que escavara,  
Em torno serpeando, e pouco pende.
45. Para voltar do mundo á face clara <sup>9</sup>  
N'essa vereda escusa penetramos :  
De nós nenhum de repousar cuidara.
46. Virgilio e eu, logo após, nos elevamos,  
Té que do ledó ceu as cousas bellas  
Por circular aberta divisamos:  
Sahindo a ver tornamos as estrellas. <sup>10</sup>







## NOTAS AO CANTO XXXIV



N'este ultimo canto do primeiro cantico da *Divina Comedia* vê-se a Judeca, quarta e final divisão do circulo nono. Alli penam os traidores aos seus bemfeitores. No centro demora Lucifer. Os Poetas saem do inferno e tornam a ver as estrellas.

<sup>1</sup> *Vexilla regis prodeunt inferni*: adiantam-se os estandartes do Rei do Inferno. E' parodia do primeiro verso de um hymno latino do seculo VI, que se canta nas solemidades na semana santa, composto por Fortunato, Bispo de Poitiers, que falleceu no anno 600. E' a seguinte a primeira estrophe do hymno:

*Vexilla regis prodeunt.  
Fulget crucis mysterium,  
Quo carne carnis conditor  
Suspensus est patibulo.*

Ao commentador Venturi pareceu que houvesse na allegação d'estas palavras, applicadas aqui a Satanaz, quebra de respeito ás coisas da religião. Outros criticos, porém, com sobeja razão, lhe retorquiram que aquelle verso do hymno, empregado como foi por Dante, exprime escarneo ao attentado do anjo rebelde, que na insania da soberba atreveu-se a suppôr a possibilidade de aspirar a igualar-se a Deus.

Outro critico, Giuseppe Baretti, na dissertação que escreveu acerca da poesia italiana, exalta como um dos primores do poema a inserção de palavras, phrases e versos latinos. « O que Dante fez com infinita graça e propriedade parecera ridiculo em outra lingua viva, mas na italiana, e em especial na *Divina Comedia*, é de bellissimo effeito, revigora e levanta o seu estylo, não só por ter sabido o po ta escolher muito discretamente essas palavras e phrases, que se assemilham na consonancia ás italianas, senão tambem porque nenhuma outra lingua moderna tem tanta affinidade com o latim como a nossa. De mais d'isto, cumpre ai da considerar que todo esse latim collido nos livros santos, a cujo estylo esmerou-se por amoldar o seu quanto poudo.

<sup>2</sup> As trez faces de Lucifer, segundo o *Ottimo*, figuram os trez principios de que procedem os peccados: ignorancia, odio e impotencia, oppostos á summa sapiencia, ao summo amor, á summa potencia.



<sup>3</sup> Bruto e Cassio são punidos como traidores e regicidas.

<sup>4</sup> Aqui ha allusão ao passo de Virgilio. *En. c. VI:*

... *Faciles descensus Averni  
Noctes atques dies patet atri janua Ditis,  
Sed revocare gradum superasque evadere ad auras,  
Hic opus, hic labor est.*

<sup>5</sup> Os antigos Hebreus dividiam o dia em quatro partes, cada uma de tres horas: chamavam-as *terça, sexta, nona e vespera*. Se a terça compunha-se das trez horas subsequentes ao nascimento do sol, a meia terça comprehendia hora e meia. A hora indicada é sete e meia.

Dante no *Convito* trat. III, cap. 6:

« As horas são pequenas ou grandes no dia ou na noite, segundo a noite e o dia crescem ou diminuem. D'essas horas usa a Igreja, quando diz—Prima, Terça, Sexta e Nona: chamam-se assim horas temporaes. Sendo vinte e quatro as horas do dia e da noite, ás vezes a noite tem dezeséis e o dia oito, e outras vezes o dia quinze e a noite nove, segundo cresce ou diminue o dia ou a noite.»

<sup>6</sup> Jesus Christo. Acreditava-se, no tempo de Dante, que Jerusalem era o centro da terra.

<sup>7</sup> A montanha do *Purgatorio*.

<sup>8</sup> O Lethes, cuja origem é no visio da montanha do *Purgatorio*. Vai ajuntar-se ao Acheronte, Stygia e Phlegetonte, com os quaes fórma a Cocytus. V. o canto XIV.

<sup>9</sup> O tempo, decorrido da entrada dos Poetas no *Inferno* á chegada á ilha do *Purgatorio*, comprehendem 48 horas, sendo 24 até a Judeca, 3 na descida do meio ao peito de Lucifer ao centro, 21 na subida do centro terrestre á ilha.

<sup>10</sup> Cada um dos canticos remata na palavra *stelle*:

O Inferno: *E quindi uscimmo a riveder le STELLE;*  
O Purgatorio: *Puro e disposto a salire alle STELLE;*  
O Paraizo: *L'amor che move il soli e l'altre STELLE.*



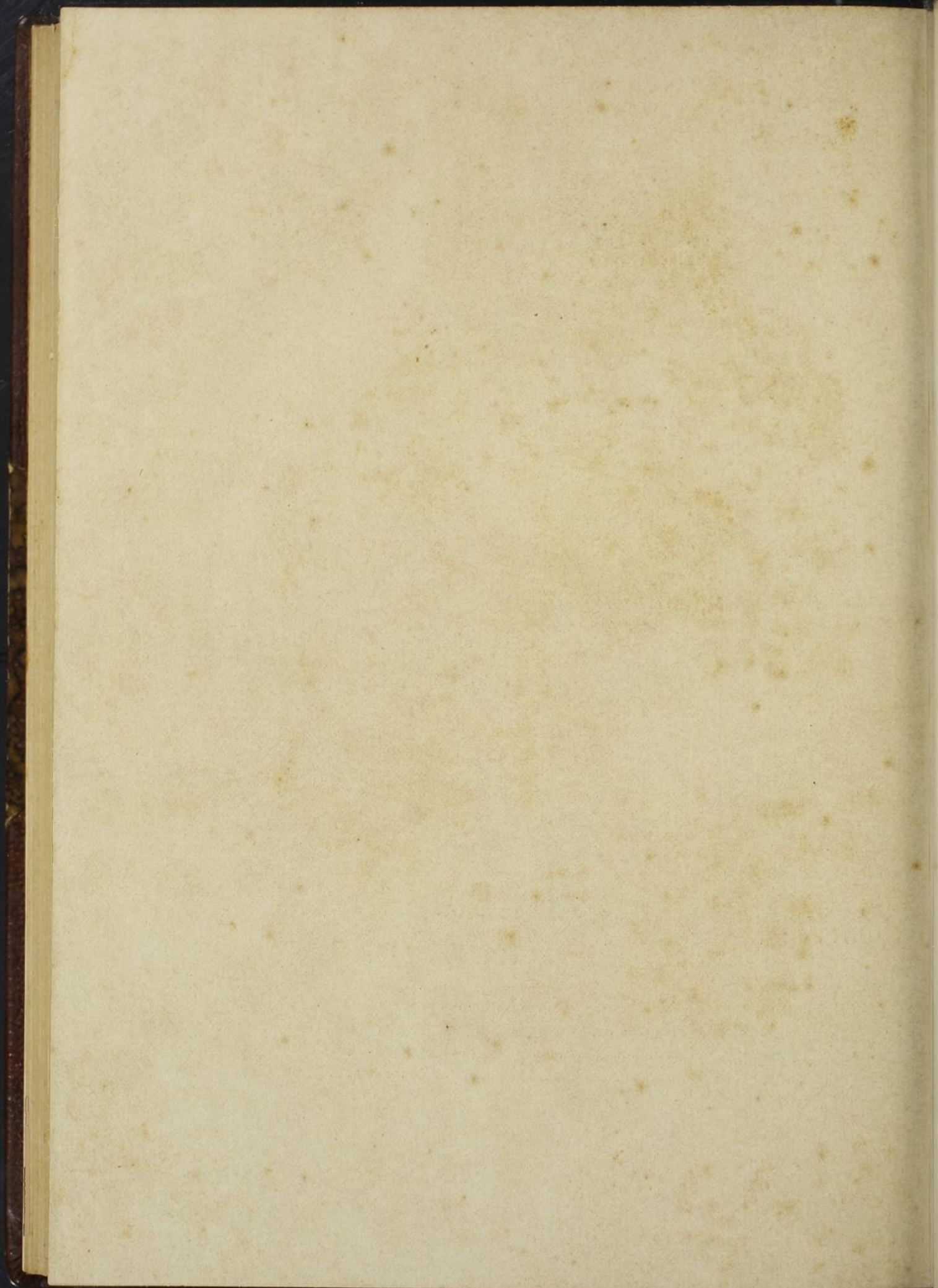


## INDICE



Canto I.....	23
Canto II.....	35
Canto III.....	45
Canto IV.....	55
Canto V.....	65
Canto VI.....	81
Canto VII.....	87
Canto VIII.....	97
Canto IX.....	107
Canto X.....	119
Canto XI.....	135
Canto XII.....	141
Canto XIII.....	153
Canto XIV.....	165
Canto XV.....	177
Canto XVI.....	185
Canto XVII.....	195
Canto XVIII.....	205
Canto XIX.....	215
Canto XX.....	227
Canto XXI.....	237
Canto XXII.....	249
Canto XXIII.....	259
Canto XXIV.....	269
Canto XXV.....	279
Canto XXVI.....	293
Canto XXVII.....	303
Canto XXVIII.....	315
Canto XXIX.....	331
Canto XXX.....	341
Canto XXXI.....	357
Canto XXXII.....	367
Canto XXXIII.....	377
Canto XXXIV.....	389











25 796







